



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

LUÍS AUGUSTO PIRES BATISTA

**TELEJORNALISMO NA AMAZÔNIA: O *FTP* COMO INSTRUMENTO
DE INTEGRAÇÃO REGIONAL**

MANAUS

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

LUÍS AUGUSTO PIRES BATISTA

**TELEJORNALISMO NA AMAZÔNIA: O *FTP* COMO INSTRUMENTO
DE INTEGRAÇÃO REGIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Djalma da Paz Gomes

MANAUS

2010

B333t Batista, Luís Augusto Pires.

Telejornalismo na Amazônia: o FTP como instrumento de integração regional / Luis Augusto Pires Batista. – Manaus: UFAM, 2010.
348 p. : il. ; 27cm.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras,
Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Orientador: Djalma da Paz Gomes, Dr.

1. Telejornalismo – Amazônia. 2. *File Transfer Protocol* – FTP. I.
Título.

CDU: 654.9 (811)

LUÍS AUGUSTO PIRES BATISTA

**TELEJORNALISMO NA AMAZÔNIA: O *FTP* COMO INSTRUMENTO
DE INTEGRAÇÃO REGIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em _____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djalma da Paz Gomes, Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Walmir de Albuquerque Barbosa, Membro
Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Dr^a. Luiza Elayne Correa Azevedo, Membro
Universidade Federal do Amazonas

Dedico essa dissertação a minha esposa Selma, aos meus filhos Jonas, Paula, Thiago e Daniel; aos meus pais Aristóteles e Zuleika. Sem vocês nada disso seria possível!

Dedico ainda ao professor doutor Djalma Paz, que foi o meu orientador neste trabalho; aos jornalistas Carlos Henrique Schroder, Ali Kamel, Marco Antônio Rodrigues, Phelippe Daou, Milton de Magalhães Cordeiro, Ercilene Oliveira e Valdomiro Tavares, além do correspondente de Manacapuru, Aauto Silva, pelo apoio e incentivo.

E dedico também à memória do professor doutor Narciso Lobo, que se foi cedo demais, mas nos deixou muitas lições.

AGRADECIMENTO

Quando minha esposa Selma, sugeriu-me fazer o mestrado em comunicação na primeira turma da Universidade Federal do Amazonas, cujas inscrições estavam se abrindo, achei aquela idéia impraticável. Ela estava grávida de gêmeos, eu concluía o projeto para publicar meu primeiro livro e, profissionalmente, 2008, um ano eleitoral, seria como sempre de muito trabalho na Rede Amazônica. Além disso, estava em viagem pelo interior do estado de Rondônia para a criação dos novos cenários nas emissoras e teria de definir em poucos dias um projeto a ser apresentado à universidade e ler dez livros para as provas de qualificação. Só depois de muita conversa por telefone é que ela conseguiu me convencer que deveria pelo menos tentar.

A minha idéia inicial era apresentar um projeto para pesquisar a complicada logística de se fazer televisão na Amazônia, mas ainda não havia um foco bem definido. Acabei sendo selecionado e passei na prova de conhecimento. Talvez mais por conta do meu currículo e do desempenho na entrevista, consegui me colocar entre os dez aprovados e, quando menos imaginava, estava eu de volta aos estudos 22 anos depois de deixar a faculdade. Desde o início não foi nada fácil este recomeço e para prosseguir com o curso foi imprescindível o apoio que recebi do presidente da Rede Amazônica, Phelippe Daou, e do vice-presidente de jornalismo, Milton Cordeiro, que permitiram me ausentar do trabalho durante boa parte das tardes por praticamente um ano, para freqüentar as aulas na UFAM.

Apesar da falta de tempo sempre procurei ser fiel à todas atividades e ajudar nos projetos de iniciação científica, colaborando semanalmente no caderno de Ciência e Tecnologia do grupo de pesquisa Intermiais, publicado no jornal Amazonas em Tempo. Agradeço também ao professor doutor Gilson Vieira Monteiro, que numa das aulas da disciplina seminários me ajudou a definir o objeto de estudo desta dissertação com foco na geração de reportagens dos correspondentes do interior da Rede Amazônica pelo sistema FTP. Além de ser o idealizador do programa e coordenador do curso, sempre foi um mestre muito presente em todas as nossas reflexões, abrindo discussões importantes e indicando os novos caminhos do mundo acadêmico para a nossa melhor formação ao longo desses dois anos de estudo.

Outra ajuda fundamental foi a do professor doutor Djalma da Paz Gomes, que participou da primeira entrevista durante o processo de qualificação e depois

escolheu-me como orientando. Não pude participar da reunião na qual seriam definidos os orientadores, mas para a minha surpresa, quando fui conversar com os companheiros de classe soube que esta escolha partiu dele, talvez devido à área de estudo, o que muito me agradou. Logo nas primeiras reuniões pude perceber que acima de um orientador ganhava um amigo que, sempre de forma crítica e ética, me auxiliou nos rumos da pesquisa e acompanhou o desenvolvimento dos estudos.

No trabalho de campo, no município de Manacapuru, pude contar com o inestimável apoio do videorrepórter Aduino Silva. Sempre atencioso, cuidou de agendar e ajudar a gravar as entrevistas, a quem agradeço de coração por todo envolvimento e interesse. Outra ajuda preciosa foi a do gestor da TV Manacapuru, Sebastião Gadelha, que esteve próximo durante a realização do trabalho de pesquisa.

Nas entrevistas feitas na Rede Amazônica gostaria de agradecer a colaboração de todos entrevistados, em especial ao doutor Milton Cordeiro, a Ercilene Oliveira e ao Valdomiro Tavares, que me ajudaram do começo ao fim do processo. Seria importante destacar também o apoio dos cinegrafistas Rui Sales e Nilton Rui, responsáveis pela captação de imagens durante as entrevistas. Outras ajudas imprescindíveis foram as de Raimundo Cavalcante Neto e César Nunes, com a quase interminável transcrição das entrevistas e outras pesquisas de apoio.

Com relação aos fatos históricos, o trabalho contou com a orientação do professor Abrahim Baze, que além de informar passagens importantes da imprensa amazonense, detalhou aspectos que ajudaram a compor a trajetória televisiva da Rede Amazônica. Argumentos fundamentados com a contribuição de Hildebrando Antony, profundo conhecedor do jornalismo impresso no Amazonas e responsável pelo levantamento de dados da história dos veículos de comunicação do grupo Archer Pinto.

Entre outras contribuições, destaco o apoio dos engenheiros Nivelte Daou Junior e Phelippe Daou Junior, além do gerente de TI, Jackson Moisés, que me ajudaram a compreender como foi o processo de introdução do FTP para a geração de conteúdo na emissora. Profissionais que souberam detalhar com precisão o desenvolvimento tecnológico da Rede Amazônica, fornecendo subsídios para a descrição logística da maior rede de comunicação da região Norte. Além deles, pude contar com o envolvimento do engenheiro Arthur Vilella, da Central Globo de

Afiladas, que conseguiu levantar os detalhes das primeiras experiências de geração pelo sistema FTP da Rede Globo na Guerra do Golfo, no início da década de 1990.

Gostaria de agradecer à força que recebi da gerente do Cedoc, Iolanda Albertino e sua equipe; dos amigos da AVG que auxiliaram em vários momentos da pesquisa, com o apoio especial das designers Lu Pinheiro e Deyse Marinho. Destaco ainda a importante contribuição da professora Suely Moraes, responsável pela revisão das normas técnicas da ABNT na reta final do trabalho.

Mas a dissertação talvez não chegasse onde se propôs não fosse à grande contribuição que tive de toda minha família. Apesar do desafio de criar os gêmeos Thiago e Daniel que nasceram no dia 26 de abril de 2008, bem no início do curso, minha esposa Selma esteve junto em tudo que consegui desenvolver, participando diretamente dos rumos do trabalho. Na maioria das vezes só era possível estudar depois das dez da noite, quando encontrava calma para finalmente refletir, compreender e assimilar tanta informação. Para escrever a dissertação foi necessário enfrentar muitas noites mal dormidas ou mesmo passadas em claro, dividindo o choro dos bebês com conteúdos pragmáticos, mas que valeram à pena por estar ao lado do meu amor.

Ao final de tanto esforço a gente nunca sabe ao certo qual será a aceitação de quem vai avaliar com olhos críticos o trabalho, mas a sensação que tenho desde já é a de estar deixando escrita uma história inédita sobre a televisão na Amazônia. Um trabalho deste porte talvez precisasse de um pouco mais de tempo, porém foi desta forma que foi possível fazê-lo e agradeço a Deus por ter mantido a minha serenidade para poder chegar ao fim desta pesquisa. Sempre esquecemos nomes que nos ajudaram em trajetórias como essa, mas mesmo assim gostaria de lembrar de pessoas importantes que contribuíram de uma forma ou de outra, em tudo isso que construímos até aqui.

Por isso, agradeço aos professores Gilson Vieira Monteiro, Djalma da Paz Gomes, Luíza Elayne Correa Azevedo, Walmir Albuquerque Barbosa, Sérgio Freire, Célia Barbalho, Narciso Lobo, Mirna Feitosa, Denize Piccolotto Carvalho Levy, Suely Moraes, Suymara de Souza Braga e Durval Braga, Vera Iris Paternostro; e aos companheiros da UFAM, Tatiane dos Santos Cruz, Márcia Daniela Souza dos Santos, Judy Lima Tavares, Johane dos Santos Gonçalves, Luiz Mansueto Pereira Filho, Cristiane de Lima Barbosa, Silker Teles da Silva, Soriany Simas Neves,

Mariana Paraguassu (também companheira da TV Amazonas), Mayara Guimarães Cabral da Costa, Edilene Mafra e Cleami Albuquerque.

A minha gratidão eterna a esposa, amiga e companheira Selma Paula Maciel Batista, aos meus filhos Jonas Maciel Pires Batista, Paula Maciel Pires Batista, Thiago Maciel Pires Batista, Daniel Maciel Pires Batista; a meus pais Aristóteles Batista e Zuleika Pires Batista; aos meus irmãos Ana Luiza Pires Batista e Fábio Luis Pires Batista; aos sobrinhos Gabriel Batista de Carvalho e Renê Batista Echeverria; aos meus sogros Anselmo Figueiredo e Ivanir Maciel Figueiredo; além dos cunhados Regina e João Galdino, Mônica e Eoin Lonergan, Max Maurício Figueiredo, e Alessandra e Miguel Ângelo Figueiredo.

O meu muito obrigado também a toda família Rede Amazônica, a começar pelo presidente Phelippe Daou, Milton de Magalhães Cordeiro, Joaquim Margarido, Aluísio Daou, Nivelte Daou Júnior, Phelippe Daou Júnior, Cláudia Maria Daou Paixão e Silva, Washington Hanada, Gino Padial, Tina Serafim, Marx Alexandre Gabriel, Abrahim Baze, Etel Daou, Ercilene Oliveira, Valdomiro Tavares, Aauto Silva, Sebastião Gadelha, Anacarla Amaro, Daniela Assayag, Sisley Monteiro, Carlos Barbosa, Arnaldo Gama, Daniela Branches, Vandrê Fonseca, Adriana Mendonça, Andrea Vale, Luciane Dutra Marques, Jefson Dourado, Ricardo Mendes, Bruno Cássio, Miriam Moura, Arilson Freires, Maxx Miranda, Renato Pinto, Francisco Dimas, Nonato Neves, Bethânia Meireles, Benedito Teles, Evelyn Morales, Antônio Campanari, Fernando Cesar de Castro Martins, Belarmino Stein, Maríndia Moura, Solano Ferreira, Francisco Hidalgo Farina, Aroldo Ercílio Pacheco, Janete Belenice Merlo da Silva, Luciano Abreu, Ayslane Dantas, Sheneville Araujo, Laércio Araujo, Airlene Carvalho, Raimundo Moreira, Cláudia Moreira, Mário Costa, Liliane Araujo, Érika Sá, Melyssa Geber, Elias Emanuel, Fábio Melo, Maura Lapa, Eduardo Monteiro de Paula, Cléo Pinheiro, Arnaldo Santos, Jackeline Farah, Priscilla Pasquarelli, Eivalder Barreiros, Isaac Júnior, Agnaldo Oliveira, Luziane Figueiredo, Clayton Pasquarelli, Ruthiene Bindá, Mariana Medina, Arthemisa Gadelha, Laura Lys, Bruno José, Juliano Couto, Thiago Herculano, Zeca Tavares, Nilson Belém, Walcira Maia, Cláudia Regina Carlos Antônio, Auricélia Jezine, Cesar Nunes, Raimundo Cavalcanti Neto, Silvânia Lopes, Helen Cristina Nascimento de Melo, Camila da Silva Marques, Simone Milanetti, Déborah Azevedo de Oliveira, Jhoseline Theodorio Aneleh, Mariane Barroco Fonseca, Heveny Daniele Silva Araujo, Piero Caíque

Souza e Silva, Diego Vieira da Silva, Mauro Jorge Amaral Furtado, Nilton Rui, Alexandre Almeida, Francinaldo dos Santos Viana, Bruno Henrique Strahm, Hudson Marinho Peixoto, Taner Martins, Natanael Lima, Nonato Costa, Ana Tereza Froes da Cruz, Del Lima, Sebastião Almeida, Rui Sales, Daniel Melo, Roberto Araujo, Orlando Junior, Charles Alberto, Francisco Zagury, Francisco José Alves Pereira, Waldir dos Santos Ribeiro, Michel Castro, Augusto Edson Ferreira Lima, Edinaldo Santiago, Edy Neves, Carlos César Magalhães Oliveira, Djeane Libório, Déborah Vieira de Oliveira, Cláudio Rabelo, Luiz Augusto Vital Avelino, Elinaldo Silva Nascimento, Tom Agra, Hellen Cristina, Caroline Thomé, Kerilin Ito, Ernando Souza, Lu Pinheiro, Deyse Marinho, Cassius Clay, Rafael Alves da Rocha, Augusto Cesar de Castro Lopes, Ernias Dias da Rocha, Othon Felipe Oliveira, Erick Carreira, Pedro Moura, Émerson Balieiro, Paula Farias, Antônio Cláudio Nascimento, Jackson Moisés, Mônica Sena, Iolanda Albertino, Erivaldo Alves, Jackson Reis, Luciana Sena, Geane Paez, Wallace Costa, Raimundo Castro, Carlos Alberto Ribeiro Margarido, Arbete Alves do Nascimento, Dário Marques, Sandry Myrria, José Lages, Ivone Lima Barbosa, Ana Clívia Leite Batany, Amarildo Dias da Silva, Papiniano de Castro Neto, Cícero Hanada, Fernando Paraíso, Patrick Mota, Odinéia Araujo, Daniel Jordano, Gláucia Chair, Renato Ipiranga, José Muniz de Lima Neto, Luciano Maia, Carlos Costa, Rubemi Almeida de Oliveira, Cícero Lima, Carlos Janderley Santos Ferreira, Clodoaldo de Brito Souza, Liliane Martins da Silveira, Luciana Abreu de Sá, Afonso Negreiros da Silva, Loren Nicácio, Antônio Vaz Cerquinho Ramos, Rosângela Sanção da Silva, Rozilene Cândida da Silva, Carlos Augusto de Jesus Falcão, Maria Norma da Silva França, Kellen Araujo, Fábio Santos Nascimento, Francisco Pereira Jacinto, Frandecy Castro, Francileide Jacinto, Francimar Jacinto, Salvino Guerra Neto, Márcio Passos da Natividade, Gilberto Paulo de Oliveira, Geraldo Luis de Queiroz Abreu, Miquéias Tomaz da Silva, Otávio Aguiar Pinto, Sheila Lima, João Barbato, Nádia Daou Muniz, Martha Arruda, Vera Inês Borges de Souza, Jerry Araújo, Raimundo Silva, Arilson Freitas dos Anjos, Edivaldo Marinho, Maria Auxiliadora Mesquita, Ivonice Lima Barbosa, Maria Luzanira Aguiar de Castro, Maria do Socorro Saraiva e Paulo Sérgio da Silva Mota.

Foi da mesma importância a colaboração que tive da direção de jornalismo da Rede Globo na pessoa do nosso comandante Carlos Henrique Schroder, do diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, de Marco Antônio Rodrigues, Luiz

Fernando Ávila Nascimento e Alexandre Arrabal; da direção da Central Globo de Afiliadas em nome de Cláudia Quaresma, Alex Magalhães, Carlos Barbieri e Arthur Vilella; além de amigos de outras emissoras como Marcos Gomide (TV Verdes Mares), Guilherme Lima (TV Cabo Branco), Jô Mazzarolo (TV Globo Nordeste), Roberto Appel (TV Bahia), Álvaro Borges (TV Liberal), Rogério Silva (TV Anhanguera de Tocantins), além de José Luiz Zana e Eli Franqui (TV TEM). Não poderia esquecer aqui também nomes de profissionais que tanto me ensinaram no telejornalismo como Amauri Soares, Neusa Rocha e Celso Pelosi.

E para encerrar agradeço a outros amigos importantes de Presidente Prudente, minha terra natal, Manaus, minha terra atual, e outras cidades, como os casais Carla e Naziano Filizola; Cláudia e Egas Malta Brandão; Elenice e Marcos Oliveira; Amélia e Ricardo Nogueira; os eternos parceiros do grupo O River Mirival Toledo Munhoz, Marcos Penteado Trentin, Valter Crepaldi Ganancio, Mário Marins, Mário Delazari Nogueira e Luiz Eduardo Viacava; além de Ângelo Fernando Casaroti, Edgard Godoy de Almeida Castro, José Caetano da Silva, Roberto Bertoncini, Mário Peretti, Adelmo Santos Reis Vanalli, Deodato da Silva, José Vinícius Barbosa da Silveira, Sinomar Calmona, Benhur Pinus, Angélica Cavichioli, Altevir e Fabíola Magalhães, Jammil Albuquerque, Marcelo Parise, Djalma Weffort, Miriam Resende e Guto Crepaldi, Edgard Mitio Guibo, Miriam Samorano e Jorge da Capadócia.

Senhor, daí-me prudência nos meus empreendimentos, coragem nos perigos, paciência nas adversidades, humildade na prosperidade. Faz-me ver quão pequenas são as coisas da terra, quão grande o que é de Deus, quão breve o tempo, quão dilatada a eternidade. (Papa Clemente XI)

Os que não partem por indecisão, medo ou omissão, não chegam a lugar nenhum. (Phelippe Daou)

Eu sou parte de uma equipe. Então quando venço, não sou eu apenas quem vence. De certa forma, termino o trabalho de um grupo enorme de pessoas. (Ayrton Senna da Silva)

RESUMO

Esta dissertação investiga o efeito do sistema FTP (*File Transfer Protocol* ou Protocolo de Transferência de Arquivo) no processo de produção do telejornalismo das emissoras da Rede Amazônica (TV Amazonas, TV Rondônia, TV Acre, TV Roraima e TV Amapá), a partir da Central de Jornalismo sediada na capital do estado no Amazonas e seus efeitos no cotidiano da comunidade do município de Manacapuru, que passou a ser não apenas consumidora de informação, mas também produtora dela. Como referencial teórico embasa a reflexão nas abordagens de Castells (1999, 2001, 2003) com a teoria da sociedade em rede por meio do acesso à informação; Dizard (2000) com a teoria das velhas e novas mídias, analisadas, em uma escala tempo-espço, ao contexto da região amazônica; e Milanese (1978) com a reflexão acerca da influência do impacto das velhas e novas mídias em áreas periféricas, em relação à existência de uma área central. A pesquisa, um estudo de caso de caráter exploratório-descritivo, compreende a comunicação como resultado de um processo histórico que para atender as demandas da sociedade em constante transformação, produz em paralelo, por meio da ciência, novas tecnologias. As técnicas de investigação empregadas consistem em pesquisa documental com levantamento de dados quantitativos e qualitativos, pautadas no recurso de questionários, entrevistas semi-estruturadas, observação semi-estruturada e participante. Os dados inéditos levantados e sistematizados neste estudo tiveram por objetivo contribuir com o processo de produção do conhecimento científico acerca da realidade amazônica, na expectativa dos resultados virem a servir como referência para outras áreas e investigações.

Palavras chave: *File Transfer Protocol* – FTP; Telejornalismo; Amazônia.

ABSTRACT

This thesis is intended to look into the FTP (*File Transfer Protocol*) system on the News Broadcasting production from stations belonging to Rede Amazônica (TV Amazonas, TV Rondônia, TV Acre, TV Roraima and TV Amapá), at the *Central de Jornalismo* (journalism Center) located in the capital of the State of Amazonas and its effects on the routine of the community from the municipality of Manacapuru, which has become not only consumer of information, but also its protector. As a theoretical reference underlying Castells' (1999, 2001, 2003) approaches, with the theory of network society through access to information; Dizard (2000) with the theory of old and new medias, analyzed on a time-space scale, in the context of the Amazon Region; and Milanese (1978) with a reflection regarding the impact influence of old and new medias on peripheral areas, in regards to the existence of a central area. The research, an exploratory-descriptive case study, comprises communication as a result of a historical process which, in order to meet the society's constantly changing demands, produces at the same time, through science, new technologies. The applied investigative techniques consist of document research with quantitative and qualitative data collection survey, by using resources such as questionnaires, semi-structured interviews, semi-structured and participative observation. Unpublished and standardized data collected in this study aimed at contributing to the successful scientific knowledge production regarding the Amazon reality, as there is an expectation the results may be used as reference to other areas and investigations.

Key words: *File Transfer Protocol* – FTP; News Broadcasting; Amazon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução do número de reportagens enviadas pelos correspondentes do interior do Amazonas.....	114
Quadro 2: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	130
Quadro 3: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	131
Quadro 4: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	133
Quadro 5: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	135
Quadro 6: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	137
Quadro 7: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	140
Quadro 8: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.....	141

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: A linha telegráfica Cuiabá-Santo Antônio	37
Mapa 2: Cobertura atual da Rede Amazônica com 146 estações retransmissoras e cinco geradoras	87
Mapa 3: Distribuição dos correspondentes nos cinco Estados que integram a Rede Amazônica	125

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxo de contribuição por FTP.....	103
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I	26
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
CAPÍTULO II	30
2 A COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA.....	30
2.1 A INTRODUÇÃO DO TELÉGRAFO POR RONDON.....	30
2.2 A CHEGADA DO JORNAL E DO RÁDIO	37
2.3 A CHEGADA DA TELEVISÃO AO AMAZONAS.....	56
CAPÍTULO III	65
3 HISTÓRIA DA REDE AMAZÔNICA.....	65
3.1 A FUNDAÇÃO DA EMISSORA.....	65
3.2 A EXPANSÃO DA REDE	79
CAPÍTULO IV.....	88
4 AS NOVAS MÍDIAS	88
4.1 HISTÓRIA DA TECNOLOGIA DO FTP	88
4.2 MANAUS: ROTINA E EFEITOS DO FTP NA CENTRAL DE JORNALISMO DA REDE AMAZÔNICA.....	103
4.3 UMA ABORDAGEM SOBRE OS EFEITOS DO SISTEMA FTP NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU.....	117
CAPÍTULO V	126
5 ANÁLISE DOS DADOS	126
5.1 CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS.....	129
CONCLUSÃO	144
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES	150

INTRODUÇÃO

Desde o início do século passado o processo de integração entre os municípios da região amazônica tem sido um desafio para os governantes devido às grandes distâncias e dificuldades geográficas. Pioneiro, o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, merece destaque ao introduzir a primeira linha telegráfica, integrando a Amazônia ao restante do território nacional e ao mundo, mas, paradoxalmente, não em seu próprio limite. Desafio em constante processo de superação pelos veículos de comunicação que atuam na extensa continentalidade da região Norte. Agentes responsáveis pela produção e reprodução dos limites das fronteiras dos espaços midiáticos amazônicos.

Meta desafiada, desde a década de 1970, pelos diretores da Rede Amazônica, repetidora do sinal da Rede Globo de Televisão, presentes em cinco dos nove estados que integram a Amazônia Legal. Desafio que, na segunda metade da década de 1990, envolveu a direção de diferentes departamentos da emissora no sentido de, por meio do uso do sistema FTP (*File Transfer Protocol* ou Protocolo de Transferência de Arquivo), viabilizar a máxima inserção dos municípios ao universo dos telejornais. Como ferramenta de baixo custo, o sistema substituiu a transmissão de conteúdo via satélite, pelo sistema de internet, promovendo a inclusão social das comunidades mais distantes, proporcionando, por meio do consumo e produção da notícia, alternativas para a integração regional.

Em 2001, com imagens diretas do Oriente Médio, a primeira transmissão via sistema FTP como ferramenta de envio de dados brutos ocorreu na cobertura jornalística da Guerra do Golfo. Deste então como referência, a Rede Globo adotou o sistema. Ferramenta que, no ano de 2004, possibilitou ao município de Manacapuru, no interior do Amazonas, a primeira experiência como produtor de notícias.

Dadas as condições dos recursos técnicos, a ferramenta não permite a veiculação em tempo real, mas garante a transmissão de uma reportagem, já editada, como possível de vir a ser utilizada no mesmo dia pelos telejornais regionais. Após Manacapuru, o uso do FTP se estendeu a outros municípios do

interior dos estados do Amazonas e Rondônia. Em Rondônia, além da geração de notícias, o FTP passou a ser utilizado também para a geração de comerciais, antes enviados apenas por fitas ou via satélite. Prática que reduziu o custo da produção, aumentando a participação na mídia comercial do mercado local.

A partir desta experiência, o FTP expande e agrega outros municípios do interior dos estados do Acre, Roraima e Amapá, criando uma nova rede de acesso à comunicação. Comunidades que, devido ao alto custo de transmissão via satélite, jamais teriam acesso à informação. Outro benefício que se agregou ao sistema foi o de valorização do papel do videorepórter. Profissional responsável pela produção da pauta, captação e edição de imagens, além de geração do conteúdo. Tecnologia, que representa para a região amazônica um significativo avanço no modo de produzir e consumir notícia. É neste estudo que direcionou a investigação.

OBJETO DE ESTUDO

O sistema FTP como ferramenta de transmissão de dados entre as emissoras afiliadas à Central de Jornalismo da Rede Amazônica, integrando e inserindo, por meio do telejornalismo, os municípios de difícil acesso na região amazônica e seu efeito no município de Manacapuru.

OBJETIVO GERAL

Compreender a influência do sistema FTP no processo de produção, edição e geração de notícias das afiliadas das capitais e cidades do interior na região Norte para a Central de Jornalismo da Rede Amazônica, em Manaus. E os efeitos do uso desta ferramenta analisados, como amostra, no município de Manacapuru.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o efeito do uso do FTP no município de Manacapuru;

- Identificar o efeito do uso do FTP no telejornalismo diário entre as afiliadas integradas à Rede Amazônica;
- Descrever o processo de gestão da Central de Jornalismo da Rede Amazônica no aproveitamento das notícias enviadas via FTP;
- Resgatar a história da imprensa na região amazônica;
- Descrever a história e a expansão da Rede Amazônica e emissoras afiliadas;

PROBLEMA

Qual a relação do sistema FTP como ferramenta utilizada pelo telejornalismo da Rede Amazônica para a geração de conteúdos produzidos pelos estados do Amazonas, Rondônia, Roraima, Acre e Amapá e as mudanças que esta prática ocasionam na Central de Jornalismo em Manaus e na comunidade de Manacapuru?

QUESTÃO NORTEADORA

Com o processo da globalização a informação em tempo real passou a ser uma realidade em escala planetária. No entanto, a incidência destes processos não ocorre simultaneamente em todos os lugares. No âmbito da comunicação, com objetivo de atender as demandas da sociedade em rede (CASTELLS, 2001), o mercado produz, incessantemente, novas tecnologias (DIZARD, 2000). No entanto, mídias obsoletas para áreas centrais, como as regiões sul e sudeste, podem não ter ainda nem chegado à Amazônia.

Realidade pautada nas especificidades da região que devido às dificuldades de acesso, impõe à engenharia limites no processo de implantação de infra-estrutura necessária para a logística. Neste contexto, o uso do FTP na geração da notícia, em localidades de difícil acesso, receptoras do sinal da Rede Amazônica, se define como uma importante ferramenta para a Central de Jornalismo da emissora afiliada à Rede Globo de Televisão, no processo de consolidação de uma rede que busca a integração e insere os municípios da região amazônica.

JUSTIFICATIVA

Este projeto vinculado à linha de pesquisa *Ambientes Comunicacionais Midiáticos* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas justifica-se no momento em que, com o avanço dos meios de comunicação, as chamadas novas mídias ocupam este cenário, tornando a informação em escala planetária disponível em tempo real. No entanto, no contexto da região amazônica, a geografia dos lugares, associada às dificuldades de acesso, tornam difícil a instalação de um sistema em rede, capaz de manter a homogeneidade de um território com poder de gerar e receber informação sem causar exclusão.

Como aponta Milanesi (1978), muitas vezes, a introdução de novas tecnologias, que chegam “de fora”, acabam por representar para os sujeitos do lugar, um elemento ameaçador do modo de vida. E a televisão, no contexto da chamada era da Sociedade em Rede (CASTELLS, 2001) é um destes modelos que ao incidir sobre os lugares, tornam-no mundializados e multifacetados.

No entanto, por outro lado, a necessidade de acesso à informação, ao exigir novas mídias e tecnologias, exige pensar a inclusão desta sociedade no universo midiático, concedendo-lhe o direito de produção da notícia e de consumo da informação. No cenário amazônico, dadas as especificidades geográficas, este é um fenômeno que desperta o interesse de novas investigações, tanto no sentido de compreender a desintegração que a mídia pode causar, como no sentido proposto por este estudo, de compreender o papel da comunicação no processo de integração e desenvolvimento da região.

Com este enfoque, o estudo do efeito do sistema FTP na Central de Jornalismo da Rede Amazônica, repetidora do sinal da Rede Globo de Televisão, se caracteriza como objeto de estudo. Justifica-se a relevância desta investigação considerando o ineditismo da proposta que pretende, pautado na literatura das teorias da comunicação, ao sistematizar dados, criar conceitos próprios para a leitura da realidade amazônica, na expectativa dos resultados virem a servir como referência para outras áreas e investigações.

PERCURSO METODOLÓGICO

De acordo com a literatura de metodologia do trabalho científico de Morin (2002), Marconi e Lakatos (2007), Eco (2007) e Yin (2005) com o objetivo de investigar o efeito do sistema FTP na Central de Jornalismo da Rede Amazônica e na comunidade de Manacapuru, se realizará o percurso metodológico em três passos:

O primeiro consiste na definição do foco do trabalho. Nesta etapa pretende-se deixar claro o objeto do estudo, a contribuição teórica pautada na literatura de Mattelart (1999), Castells (1999, 2001, 2003), Dizard (2000) e Milanesi (1978) e os métodos de investigação.

No segundo passo parte-se para o levantamento de fontes secundárias de informação, através de dados documentais, a serem obtidos no acervo da Rede Amazônica e demais órgãos e instituições públicas, a serem identificados nos municípios de Manaus e Manacapuru. Dados que subsidiaram os objetivos da pesquisa.

A terceira etapa de estruturação da pesquisa e definição dos métodos define os procedimentos a serem adotados na pesquisa de campo que, pautada em um estudo de caso de caráter descritivo, pretende como define Yin (2005, p. 31), “[...] esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões [...]”, que foram tomadas pela Rede Amazônica ao implantar o uso do sistema FTP como meio de geração de conteúdo entre os municípios localizados em áreas de difícil acesso e a Central de Jornalismo em Manaus. Também nesta etapa se optou pelo uso da pesquisa qualitativa por entender como Groulx (2008), que esta alternativa oferece para a leitura da realidade social neutralidade para o entendimento dos fenômenos. O autor afirma ainda que:

[...] ela permanece cética diante de toda definição descontextualizada dos fenômenos sociais, e de toda racionalidade formal que tende a impor uma concepção unívoca da realidade social (GROULX, 2008, p. 108).

Ainda, no município de Manacapuru, historicamente representado como a primeira geradora em FTP da Rede Amazônica, foi realizada observação participante e entrevistas com uma amostragem de 16 (dezesseis) moradores eleitos como representativos da sociedade. Os dados primários foram obtidos por meio da

tabulação de informações extraídas de entrevistas com diretores, gestores, jornalistas da redação em Manaus e o correspondente da emissora em Manacapuru.

O universo total a ser avaliado compreende:

- ⇒ 19 mini-geradoras responsáveis por gerar através do sistema FTP produções locais;
- ⇒ 18 correspondentes situados no estado do Amazonas, que não possuem FTP e enviam fitas com material produzido localmente via barco, veículo terrestre ou avião.
- ⇒ 05 emissoras e uma sucursal em Brasília da Rede Amazônica.

Na quarta e última etapa, com o subsídio das informações anteriores, pretende-se fazer correlações com os dados obtidos dividindo-se as categorias de análise que fundamentaram a investigação e partindo para a discussão dos resultados.

CAPÍTULO I

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O trabalho baseado teoricamente em três autores pretende ser uma contribuição no campo das comunicações. Como referência, se adotou o livro “O Paraíso Via Embratel” de Luiz Augusto Milanese, publicado em 1978, como fruto da dissertação defendida pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação dos professores Antônio Cândido e Ruth Cardoso. Obra, de cunho antropológico, onde o autor traça um perfil detalhado da cidade de Ibitinga, no interior de São Paulo, que sofre significativo impacto com a chegada da televisão, na década de 1960, alterando os modos de vida e relações cotidianas. A relevância da contribuição está na forma como o autor, por meio da análise qualitativa, trata os dados pertinentes às raízes culturais da comunidade, subsidiando a argumentação sobre os modos como o novo meio de comunicação impactou a população do município, como cita Milanese:

A introdução e rápida disseminação deste novo elemento na coletividade provocaram mudanças claramente perceptíveis, inclusive para aqueles que, dentro do processo, percebiam as alterações não apenas no meio, mas no próprio comportamento. Estas, vistas como normais dentro das transformações da sociedade, com resistência isolada e pouco significativa, foram aceitas. As alterações observadas situaram-se ao nível dos costumes, entendidos aqui como padrões de comportamento que o meio sancionou; ao nível das atitudes caracterizadas como tendência para determinada postura com relação ao meio (MILANESI, 1978, p. 14).

Com foco no objeto de investigação desta pesquisa, contextualizado na amplitude territorial da região amazônica, destaca-se que, efeito similar ocorreu no município de Manacapuru, quando no ano de 2004 passou a ser o primeiro beneficiário da implantação do sistema FTP. Pioneirismo cujos impactos, ao tempo em que inserem a comunidade na escala extra local, causa na microescala do lugar efeitos relacionados às mudanças no modo de vida, que, com a introdução do sistema de transmissão adotado passa a ser, em escala regional, sujeito do processo de produção e reprodução da notícia em suas variáveis geográficas.

Mudando hábitos e costumes de uma comunidade que até então imersa em outra realidade, terá que ajustar os ponteiros de um tempo lento, pertinente à rotina

e ao fazer do seu modo de vida associado ao ambiente ao qual está inserida, há um tempo rápido, exigência de uma sociedade em rede (CASTELS, 1999) que na dimensão geográfica do espaço comprime-o através da aceleração do tempo (SANTOS, 2001).

Neste cenário de articulação do local ao global, atribui-se relevância ao desempenho do correspondente que, para ao atender as novas demandas, recebe o conceito de vídeorepórter. Profissional que agrega à função atividades de produção, apresentação e edição e que, ao garantir o conteúdo chegar em praticamente no tempo real na Central de Jornalismo em Manaus, passa a ter maior participação nos telejornais regionais, colocando em evidência fatos do seu município, integrando-o por meio do telejornalismo, às demais escalas.

O segundo autor referência para este estudo é Wilson Dizard Júnior que publica, no ano de 2000, a obra “A Nova Mídia – A Comunicação de Massa na Era da Informação”. Trabalho onde transcreve as mudanças ocorridas na sociedade norte-americana com o surgimento das chamadas novas mídias, com destaque para a Internet. Para o autor, o avanço tecnológico da chamada Era da Informação (CASTELLS, 1999), por diversas razões provocou mudanças nos tradicionais meios de comunicação, como os jornais impressos, rádios e televisão. Entre as mudanças, a mais importante é que:

[...] a televisão e os veículos clássicos de comunicação estão sendo desafiados pela Internet e por outras tecnologias que oferecem opções amplas de serviços de informação e entretenimento. A fragmentação da sólida audiência é apenas um exemplo dessa tendência. Outras mídias também estão sendo afetadas. Por exemplo, nos últimos anos da década de 1990, a leitura de jornais diários por adulto diminuiu de cerca de 78% (índice do final da década de 40) para menos de 60% (DIZARD, 2000, p. 20).

Dizard apresenta um quadro que se desenha com a queda de audiência das emissoras americanas, diante de uma disputa cada vez mais multifacetada pelo público que se divide às novas opções midiáticas que são oferecidas. Apesar dessa ameaça o autor lembra que:

Não obstante, a televisão ainda é o veículo de massa mais poderoso e difundido dos Estados Unidos. Nenhum outro pode igualar-se ao seu domínio sobre dezenas de milhões de telespectadores que passa muitas horas por dia diante da telinha [...] a televisão provoca fortes reações a favor e contra desde os seus primórdios (DIZARD, 2000, p. 126).

Porém o crescimento da Internet representa uma ameaça crescente. Um dos caminhos apontados pelo autor para o convívio pacífico destes diferentes meios é a própria convergência, capaz de aliar as tecnologias mais modernas com os meios mais tradicionais. Nesta vertente, se identifica a maior contribuição do autor para esta investigação com objetivo de compreender, entre os contrastes dos avanços tecnológicos da comunicação ao contexto das limitações geográficas da Amazônia, quais as formas apropriadas pela atual estrutura do telejornalismo da Rede Amazônica. Emissora que há mais de três décadas investe na modernização de seus equipamentos adquirindo ferramentas como, por exemplo, o FTP, com objetivo de atingir com o telejornalismo, municípios longínquos da Amazônia, visando integrar e inserir localidades isoladas ao contexto regional e nacional.

A terceira contribuição, dado o seu caráter sociológico e estruturalista, é a do espanhol Manuel Castells. Professor de sociologia e planejamento regional na Universidade da Califórnia, em Berkley (EUA), onde ingressou em 1979 após lecionar por 12 anos na Universidade de Paris. Importante pesquisador contemporâneo, a relevância da sua obra para esta investigação esta na coletânea *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (1999) e *“A galáxia da Internet”*.

Na obra *“A galáxia da Internet”*, o autor ao apresentar um histórico entre os anos de 1965 a 1995, fundamenta as origens da Internet, apontando os conflitos de patenteamento, envolvendo países e organizações internacionais dos Estados Unidos e Europa, que ao final do século XX, conseguem alcançar relativa estabilidade a partir da proeza de movimentos ativistas de personalidades como Tim Berners-Lee e outros que vislumbravam na Internet uma ferramenta para aprender e compartilhar. Como comenta o autor:

[...] nessa abordagem comunitária à tecnologia, o patriciado meritocrático encontrou-se com a contracultura utópica na invenção da Internet e na preservação do espírito de liberdade que está na sua fonte. A Internet é, acima de tudo, uma criação cultural (CASTELLS, 2003, p. 32).

Com esta abordagem ao refletir os impactos da Era da Informação o autor afirma que os processos de mudança social conflitiva nesta época, giraram em torno das lutas para transformar as categorias de nossa existência mediante a formação de redes interativas como formas de organização e mobilização. Ou seja,

[...] estas redes que emergem da resistência das sociedades locais, visam superar o poder de redes globais, reconstruindo assim o mundo a partir de baixo. A Internet fornece a base material que permite a esses movimentos engajarem-se na produção de uma nova sociedade. Ao fazê-lo, eles transformam por sua vez a Internet: de ferramenta organizacional para as empresas ela se converte também numa alavanca de transformação social – embora nem sempre nos termos buscados pelos movimentos sociais, e nem sempre, aliás, em defesa dos valores que você e eu compartilharíamos necessariamente (CASTELLS, 1999, p. 119).

Tornando a análise relativa à realidade amazônica, se faz pertinente o uso das categorias propostas pelo autor, ao afirmar haver três componentes que convergem para a formação da rede baseada no fortalecimento de uma comunidade:

1. Movimentos locais pré-Internet em busca de novas oportunidades de auto-organização e elevação da consciência;
2. O movimento hacker em suas expressões mais politicamente orientadas;
3. Governos municipais empenhados em fortalecer sua legitimidade pela criação de novos canais de participação do cidadão.

Baseado nas reflexões de Castells, se pode observar que paralelo a integração dos municípios à Central de Jornalismo da Rede Amazônica, a instalação do sistema FTP proporcionou, por meio do telejornalismo, o fortalecimento da autonomia dessas comunidades, legitimando-as em suas identidades. No entanto, este é um caminho de mão dupla. Para Milton Santos (1999) a era da globalização com o avanço do meio técnico científico informacional, ao favorecer a informação em tempo real pode gerar o mundo como fábula, onde por meio da tecnologia, transmite a informação em tempo real; como perversidade, pois invade o interior das residências, levando qualquer tipo de informação; e, como possibilidade, ao permitir por meio da informação a formação de opinião, contribuindo para a consolidação de novos modelos e hábitos (SANTOS, 1999). Neste contexto a investigação, tomando como amostragem o município de Manacapuru, é emblemática para apresentar resultados ao nível dos efeitos desta ferramenta.

CAPÍTULO II

2 A COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA

2.1 A INTRODUÇÃO DO TELÉGRAFO POR RONDON

A questão da logística sempre foi um problema para a implantação dos meios de comunicação na Amazônia. Pelos obstáculos da floresta e outras adversidades geográficas, desde o telégrafo nas primeiras incursões do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), até a chegada da televisão nos anos 60, essas dificuldades persistem. A partir da década de 1990, com os avanços advindos da Internet, os sistemas de telecomunicações vem superando esses obstáculos com maior rapidez e menor custo, garantindo uma efetiva integração da região amazônica ao restante do país. Sem, contudo, garantir nos limites do próprio território a sua integração.

A Comissão Rondon é um exemplo crucial dos problemas e das complexidades inerentes à expansão da autoridade do Estado central no Brasil e à construção de um tipo específico de nação brasileira. A expansão da autoridade do Estado central relaciona-se à presença crescente de autoridades do governo central em uma vasta região, o noroeste do Brasil, onde dominavam os proprietários de terras e as autoridades locais, e onde muitos de seus habitantes nada sabiam sobre o governo no Rio de Janeiro. Movidas, em grande medida, por preocupações militares (as dificuldades do Brasil durante a Guerra do Paraguai, (1865-1870) e pelo mercado (o surto de demanda pela borracha natural da Amazônia), as autoridades do Estado central destinaram novos recursos para defender o noroeste brasileiro mediante desenvolvimento de infraestrutura, expansão da presença militar e planos de colonização (DIACON, 2006, p.11).

Diacon descreve que o desempenho desastroso do Brasil na Guerra do Paraguai, mostrou a real necessidade de integrar o país. Os paraguaios impediram o acesso brasileiro pelo rio Paraguai, deixando evidente o isolamento pelo oeste do país. Chegar por terra ao cenário da guerra foi quase impossível. Além disso, o exército do presidente paraguaio Solano Lopez, era mais bem treinado e equipado, tendo ainda o apoio de uma indústria desenvolvida para a época, segundo descreve o autor. Mesmo ganhando a guerra, essas dificuldades fizeram os governantes

brasileiros refletirem sobre “questões fundamentais em torno do preparo de sua mal integrada sociedade para entrar na corrida da modernidade”, conforme palavras do historiador Thomas Skidmore, citado na obra de Diacon.

Uma das provas mais cabais desta dificuldade de comunicação entre o Brasil litorâneo e suas fronteiras ocidentais é a própria Guerra do Paraguai, que começou com a invasão do sul de Mato Grosso pelos paraguaios, em 1865. As autoridades brasileiras só receberam as primeiras informações no Rio de Janeiro, seis semanas depois, e durante as batalhas as notícias demoravam cerca de duas semanas para chegar à capital. Mesmo a proclamação da República, após vinte e quatro anos, os moradores de Cuiabá, só ficaram sabendo depois de um mês.

O telégrafo, uma nova tecnologia que surgiu como um dos principais meios de comunicação na virada do século XX, foi o instrumento encontrado pelo governo federal para fazer a integração entre as regiões mais distantes que o Brasil precisava. Conforme cita o autor:

Nas palavras de Rondon, a expansão da autoridade do Estado central por meio da construção do telégrafo era necessária para o progresso da nação brasileira, porque ‘onde quer que chegue o telégrafo [...] ali far-se-ão sentir os benefícios influxos da civilização. Com o estabelecimento da ordem [...] virá fatalmente o desenvolvimento do homem e das indústrias’, pois o comércio ligaria continuamente as sociedades do litoral e do interior (DIACON, 2006, p. 26).

A primeira linha de telégrafo contruída em 1852, no Brasil, ligou o Palácio Imperial a um quartel do exército, o que demonstra a sua importância estratégica. Mas quando começou a Guerra do Paraguai havia apenas 64 quilômetros de linhas telegráficas no país. Um ano antes da proclamação da República tinham sido construídos 18.340 quilômetros de linhas, mas estados como Goiás, Mato Grosso e o Amazonas ainda careciam deste serviço, o que representava um problema de segurança nacional, visto os dois últimos possuírem centenas de quilômetros de fronteira.

Os militares foram requisitados pelo presidente brasileiro Afonso Pena, para implementar o telégrafo nesta vasta região. Como engenheiro militar, o desafio de Rondon seria construir novas linhas telegráficas e estradas ligando a região Centro-Oeste à Amazônia, num trabalho que se estendeu ao longo de três décadas e mobilizou mais de seiscentos homens em algumas empreitadas. Filho de índios

terena e bororo, Rondon perdeu o pai aos cinco meses de vida e a mãe aos dois anos, indo morar com um tio em Cuiabá, onde se formou na escola normal aos 16 anos. Logo depois ingressou no exército, sendo transferido para o Rio de Janeiro, onde estudou na Academia Militar e na Escola Superior de Guerra, formando-se engenheiro militar em 1890.

Ainda naquele ano, Rondon participaria de uma primeira empreitada como engenheiro militar para construir 580 quilômetros de uma linha telegráfica entre Cuiabá e o oeste de Goiás, a partir da qual seria feita a ligação com o restante do país. Inaugurada em 1892, esta linha daria experiência suficiente a Rondon para supervisionar uma obra telegráfica entre Cuiabá e Corumbá, em pleno Pantanal matogrossense, que seria abandonada em 1896, diante das imensas dificuldades logísticas.

Quatro anos mais tarde, no dia 21 de julho, Rondon parte do Rio de Janeiro para comandar uma comissão militar encarregada de construir uma nova linha telegráfica no sentido norte-sul entre Cuiabá e Corumbá, conectando centenas de ramais a povoados ao longo da fronteira com o Paraguai e a Bolívia. A comissão parte de trem até a cidade de Aragari, estação terminal da estrada de Ferro Mogiana, em Minas Gerais. Com o reforço de cinquenta soldados do 20º. Batalhão de Infantaria da cidade de Goiás Velho, começa a marcha pelo estado de Goiás, no dia 29 de julho de 1900, e trinta e seis dias depois chega a São Lourenço, em Mato Grosso.

Até 1906, Rondon e seus homens constroem cerca de 1800 quilômetros de linhas telegráficas, sendo 350 quilômetros em pleno Pantanal, além de outros 240 quilômetros atravessando a floresta amazônica. Foram edificadas dezesseis estações telegráficas e 32 pontes. De acordo com estimativas do próprio Rondon, teriam sido explorados cerca de 4 mil quilômetros de terras matogrossenses, muitas delas mapeadas pela primeira vez.

Em fevereiro de 1907, enquanto trabalhava na ligação telegráfica entre Cuiabá e Cáceres, no norte de Mato Grosso, Rondon foi informado que Afonso Pena criara por meio de sanção presidencial, uma comissão extraordinária incumbida agora de construir uma linha de 1600 quilômetros de telégrafo que se estenderia até as margens do rio Madeira, seguindo depois ao Acre, rico território da borracha. Sem maiores alardes, pois já estavam em campo, a comissão se divide em duas frentes.

A primeira se dedica a trabalhar ao norte de Cuiabá, na linha tronco que seguiria até o Madeira. Na segunda, mais a oeste, foi construído um ramal de Cáceres à cidade de Mato Grosso, na fronteira com a Bolívia.

Em janeiro de 1908, a linha tronco chegava a cidade de Diamantino e um ano depois foram inauguradas as estações de Parecis, Ponte de Pedra, Barão de Capanema e Utiariti, todas no estado de Mato Grosso, sendo esta última a 480 quilômetros a noroeste de Cuiabá. Um terço do desafio estava pronto, mas o restante só seria vencido ao longo dos sete próximos anos. Além das dificuldades que aumentavam com a exploração da floresta amazônica, as missões de Rondon não se resumiam apenas ao telégrafo:

Rondon deveria estudar a região, explorá-la e mapeá-la buscando promover a ocupação efetiva e a incorporação da área. Deveria fazer o levantamento topográfico das terras e torná-las acessíveis à avalanche de imigrantes que, ele esperava, seguiriam seus passos. A partir de métodos que desenvolvera nos anos anteriores, ele fazia contato com povos indígenas e os transformaria em brasileiros. Assim, com ânimo e energia extraordinários, Rondon anunciou que seu objetivo era desenvolver a Amazônia, torná-los (os estados da bacia amazônica) produtivos e submetê-los à nossa atividade, aproximá-los de nós [...] estender até os mais recônditos confins dessa terra enorme a ação civilizadora do homem (DIACON, 2006, p. 29-30).

No primeiro semestre de 1908, Cândido Rondon se prepara para contruir a estrada entre Utiariti e Tapirapuã, instalar um acampamento no rio Juruena que serviria como base, além de conhecer a floresta que existia até o rio Madeira, para só então definir por onde passaria a linha telegráfica. Foi montado um enorme comboio com mais de cem bois, 58 mulas, levando 6 toneladas dos mais diversos suprimentos.

A partida foi no dia 29 de julho de 1908 e ao se aproximarem do rio Juruena em agosto, os 120 soldados comandados por Rondon começaram a derrubar a mata para abrir caminho às carroças e construir pontes. Um acampamento fixo foi montado e, durante cerca de um mês a expedição conseguiu avançar quase cem quilômetros. Mas a morte de praticamente todo rebanho e a deserção de boa parte dos homens fizeram Rondon abortar a missão.

As falhas da estratégia anterior levaram Rondon a determinar que um grupo de homens partisse em canoas a partir do rio Madeira, levando suprimentos pelo rio Jaciparaná, pois imaginava que a próxima expedição atravessaria o Jaciparaná e

seria reabastecida por aquela guarnição. No dia 2 de junho de 1909, com o apoio de 42 homens, Rondon parte de Tapirapuã para o acampamento base de Juruena.

Desta vez, mais preparado e já tendo aberto um caminho básico, seguem topógrafos, médicos, um botânico e um zoólogo que ajudariam na coleta e na identificação da fauna e da flora. A comitiva teve um grupo comandado pelo primeiro-tenente João Salustiano de Lyra, que abria a floresta, seguida por Rondon, um grupo de topógrafos e pesquisadores que calculavam as coordenadas, definiam os mapas e coletavam as espécies. Em seguida outros homens cuidavam de ampliar a trilha, para que uma última unidade amparada por mulas trouxessem os alimentos e objetos necessários para o sucesso da missão, que enfrentou constantes adversidades.

No início do quarto mês da expedição, em outubro de 1909, dificuldades do terreno e problemas de abastecimento atormentavam os soldados e tolhiam o avanço da expedição. Em um trecho próximo de onde hoje se situa a cidade de Vilhena, a chapada dos Percis dá lugar às íngremes encostas da cordilheira dos Percis. Os soldados enveredavam penosamente através da emaranhada vegetação da selva. Lutavam para atravessar uma infinidade de vales, rios e ribeirões. Contornavam ipês colossais de trinta metros de altura e sumaúmas imensas, cujas raízes imponentes às vezes ultrapassam os dois metros de altura. Além disso, começara a estação das chuvas. Tempestades fortíssimas desabavam sobre os soldados e rapidamente se tornaram uma indesejável companhia dos trabalhadores cada vez mais descontentes (DIACON, 2006, p.40).

Adiante Rondon e seus homens encontrariam um dos principais rios do atual estado de Rondônia (o rio Roosevelt). Por não o conhecerem chamaram-no de rio da Dúvida, leito que seria palco da célebre expedição realizada em 1914, pelo próprio Cândido Rondon em companhia do ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt. Mas a marcha para a construção do telégrafo até o rio Madeira começava a enfrentar os seus piores momentos. No início de setembro, os animais que davam sustentação à marcha não resistiram, forçando Rondon a dar fim a maioria das espécies coletadas e parte dos equipamentos. Os homens passaram a levar os próprios objetos pessoais e sobreviveram à base da pesca, da coleta de frutas, raízes e da caça.

Nas cabeceiras do rio Pimenta Bueno, afluente do Ji-Paraná, foi a malária que debilitou a tropa, forçando um dos médicos, o primeiro-tenente Alencarliense Fernandes da Costa, o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro e outros onze homens a

descerem em canoas construídas manualmente na própria floresta até o trecho em que o rio Ji-Paraná deságua no Madeira. A partir dali, levando os barcos praticamente nas mãos por cinco semanas, o grupo finalmente encontrou a cidade de Calama, na Bolívia.

A comitiva continuou abrindo caminho pela selva, atravessou o rio Urupá e chegou às cabeceiras do rio Jaru, já no atual estado de Rondônia. Outros doze homens doentes foram embarcados por Rondon em canoas pelo rio Jaru até o rio Jaciparaná, passaram pelo rio Madeira e chegaram a Calama, no dia 29 de dezembro. Restaram somente seis praças, seis civis, além de Rondon e dos tenentes Lyra e Amarante, que mantinham em suas mochilas apenas as roupas de dormir.

Quando se aproximaram das cabeceiras do rio, surpreenderam-se ao avistar dois seringueiros e souberam que aquele não era o rio Jaciparaná como imaginavam, e sim o Jamari. Rondon então se deu conta que não encontraria a sua unidade de reabastecimento planejada, optando por construir novas embarcações para descer o Jamari. No dia 25 de dezembro de 1909, Rondon e seus homens chegaram à cidade de Primor, após cerca de 1500 quilômetros de travessia.

Debilidado pela malária, Rondon e seus homens viajaram de barco até Manaus, onde seguiram em um vapor que os levaria de volta ao Rio de Janeiro. A construção da linha telegráfica prosseguiu mesmo na sua ausência e em julho de 1910, foi inaugurada a estação telegráfica de Juruena. As dificuldades com a malária, praticamente interromperam os trabalhos por um ano e apenas em 1911, Rondon retomou as atividades, empregando agora a maior parte de homens da região amazônica, mais acostumados com os desafios da floresta.

Foram criadas duas frentes, sendo uma denominada Seção Norte que partiria de Santo Antônio do Madeira na direção leste, e a outra chamada Seção Sul, partindo de Juruena, a noroeste. Até 1912, foram inauguradas as estações de Nhambiquaras, Vilhena e José Bonifácio, além de Jamari e Caritianas. Um ano depois era inaugurada a estação Barão de Melgaço. Foi nesta ocasião, no início de outubro de 1913, que Rondon receberia talvez uma das mais nobres missões da sua vida. Lauro Müller, antigo colega da turma na Academia Militar, agora ministro das relações exteriores do Brasil, envia-lhe um singular telegrama:

No telegrama, Müller ordenava a Rondon que seguisse imediatamente para o Rio de Janeiro. Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, fazia uma série de conferências nos países meridionais da América do Sul. Como parte do roteiro, Roosevelt pedira a Müller que em dezembro organizasse um safári pelo noroeste brasileiro, como espécie de grand finale para sua jornada sul-americana. Solicitara que Müller nomeasse um guia para acompanhar a expedição. O guia seria Rondon (DIACON, 2006, p. 45).

A jornada por terra com Roosevelt e sua comitiva teve início no dia 12 de dezembro de 1913 e prosseguiu até 25 de fevereiro de 1914. O percurso sugerido por Rondon e aceito por Roosevelt previa a exploração justamente do rio da Dúvida, que começou no dia 27 de fevereiro de 1914 e terminou no dia 26 de abril de 1914. A complexidade e o êxito na missão tornaram Rondon conhecido mundialmente. Enquanto se dedicou a expedição Roosevelt, foram construídas as estações telegráficas de Ariquemes, Jaru, Presidente Pena e Presidente Hermes. Em 1º de janeiro de 1915, finalmente, era inaugurada a linha telegráfica entre Cuiabá e Santo Antônio do Madeira, a atual cidade de Porto Velho.

Logo depois Rondon retomou a sua exploração do noroeste brasileiro que se estendeu até 1919. Ele percorreria praticamente todos estados da região Norte, fazendo demarcações, explorando grande parte das fronteiras amazônicas e pacificando tribos indígenas. No entanto, antes mesmo da inauguração desta linha telegráfica ocorrida no ano de 1915, a radiocomunicação já havia condenado este meio a obsolescência: “Os oponentes usaram a própria fé de Rondon na tecnologia como arma contra ele, questionando a validade dos projetos, orçamentos e da continuidade da comissão” (DIACON, 2006, p. 13-14). Concorrendo com as linhas telegráficas, o rádio e o telefone já ampliavam os seus espaços, abrindo uma nova página na história das comunicações no Brasil e no mundo.



Mapa 1: A linha telegráfica Cuiabá-Santo Antônio.
Fonte: Diacon, 2006.

2.2 A CHEGADA DO JORNAL E DO RÁDIO

Estudos de Hildebrando Antony (2004), artigo de Agnello Bittencourt (1973) sobre a história do jornal na Amazônia e a obra de Luiz Eugênio Nogueira (1999) sobre o rádio no Amazonas, são referências para, neste capítulo, resgatar a história da imprensa na região Norte.

Quanto ao jornal impresso os autores descrevem que em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, o jornalismo impresso passou a existir por volta de 1820. Um ano antes da chegada do telégrafo ao Brasil, se tinha notícias do primeiro jornal no Amazonas. Intitulado com a data da criação do Amazonas, que se desprendera da então província do Grão-Pará, o “Cinco de Setembro” foi fundado no dia 3 de maio

de 1851, pelo tenente da Guarda Nacional, Manoel da Silva Ramos, que veio de Belém a Manaus, após atuar como tipógrafo no Pará. Considerado pelos historiadores como o fundador da imprensa no Amazonas, Bittencourt (1973) descreve Silva Ramos como um homem empreendedor e de intelecto cultivado. Os detalhes deste personagem e sua chegada a Manaus são contados com detalhes pelo autor.

Há 60 anos foi escrita e publicada, no último capítulo de um livro notável – “A Imprensa no Amazonas” -, a biografia de Manoel da Silva Ramos, da lavra do historiador amazonense João Batista de Faria e Souza. É trabalho feito, bem melhor do que se agora elaborado. Transcrevo-a na íntegra, para vantagem dos estudiosos: “O fundador da Imprensa no Amazonas”. – Em princípios de 1851 chegou à antiga cidade da Barra do Rio Negro, hoje Manaus, Manoel da Silva Ramos que, por muito tempo, trabalhara na tipografia de Honório José dos Santos, em Belém. Fez a viagem em uma coberta pertencente ao Sr. Henrique Antony, pai do Sr. João Carlos Antony, engenheiro chefe dos serviços municipais da capital (BITTENCOURT, 1973, p. 342-43).

Ao aportar a então cidade da Barra, Silva Ramos requereu a sua nomeação para atuar como fiscal da Câmara Municipal, juntamente com Manoel Vicente Barbosa de Oliveira e Raymundo Luiz de Souza. Em sessão de 3 de abril de 1851, sob a presidência do senhor José Antônio de Oliveira Horta, após lidos os três requerimentos, Manoel da Silva Ramos obteve a preferência dos vereadores, sendo empossado no dia seguinte. Um mês depois, aproveitando uma pequena tipografia que trouxe de Belém, o então titulado fiscal da Câmara Municipal, fez circular o “Cinco de Setembro”, primeiro periódico que se tem conhecimento em território amazonense.

Paralelo a função de fiscal, entre 16 de agosto a 29 de outubro de 1851, Manoel da Silva Ramos também atuou como procurador da Câmara Municipal. No dia 7 de janeiro de 1852, dias depois de criada a Província do Amazonas, o “Cinco de Setembro” passou a se chamar “Estrela do Amazonas”. Apesar de ser considerado o criador da imprensa no Amazonas, Silva Ramos seria eleito como 3º. juiz de paz em 7 de janeiro de 1853, e no dia 7 de julho de 1854, assume o cargo de vereador suplente. Sobrecarregado, em 1857, a “Estrela do Amazonas” é entregue ao irmão Francisco José da Silva Ramos.

Dedicado às demais causas, Manoel da Silva Ramos assume a vara de juiz de paz da capital em 28 de novembro de 1857. No ano seguinte seria nomeado

secretário da Câmara Municipal, tendo a nomeação efetiva em 19 de novembro de 1859, por proposta do vereador Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, que depois seria bispo de Goiás e, mais tarde arcebispo da Bahia. Morreu no dia 4 de março de 1861, deixando viúva a senhora Jesuína Maria de Azevedo Ramos, além de três filhos: Manoel de Azevedo da Silva Ramos, Bernardo de Azevedo da Silva Ramos e Daria Ramos de Medina Ribeiro, todos amazonenses.

Associando a descrição da biografia de Manoel da Silva Ramos por Bittencourt (1973) aos relatos do jornalismo impresso de Anthony (2004) pode-se observar a influência do pioneiro no formato do jornal, sempre preocupado em relatar os atos governamentais e acontecimentos referentes às pessoas ligadas ao governo, como cita o autor: “[...] o seu logotipo eram as armas do império, seu formato tinha 18 X 26 centímetros, trazia um número de quatro páginas distribuídas em um caderno com duas colunas” (p.17).

Ainda de acordo com Anthony (2004) o terceiro jornal de Manaus recebeu o nome de “O Amazonas” e circulou na década de 1870. Tinha como redatores Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Antônio Cunha Mendes, José Albuquerque Melo e Luiz Coutinho. Em 1873 chegou a circular com o nome de Diário do Amazonas, voltando a ser O Amazonas a partir de 1874. O futuro governador da província, Ephigênio Salles, responsável pela chegada do rádio ao Amazonas, chegou a atuar como repórter deste jornal.

Segundo relatos percebe-se que a tentativa de introdução da mídia impressa no interior foi frustrada. Em maio de 1874, “O Itacoatiara” passa a ser o primeiro jornal no interior do Amazonas, mas foi extinto no ano seguinte. Alguns anos depois em Manicoré é criado o “Rio Madeira”, que circula até novembro de 1883. Neste mesmo município, entre 1885 e 1891, circula o “Comércio do Madeira”, mantido pelo Partido Liberal, tendo como redatores José Francisco Dias, Ferreira Soares e Diocleciano J.M.Barcellar.

Pertenceu a Gregório José de Moraes o jornal “O Mercatil” (1868) e “O Comércio do Amazonas” (1869) ambos favorecidos com o advento do telégrafo que possibilitou a estas mídias maior alcance e circulação fora do território da província (ANTHONY apud SOUZA, 1908, p. 54). Com edição diária, “O Comércio do Amazonas” foi a primeira mídia impressa a introduzir ilustrações como forma de expor a adversidade de idéias e discutir questões importantes da sociedade

amazonense. Na redação, colaboradores das mais variadas ideologias contribuíram com o jornal que em 30 de dezembro de 1904 sai de circulação. Outros jornais circularam por Manaus, como:

Argos (1870/72); O Baderna (1874); Checheo (1861); Chryslândia (surgido em junho de 1871, deixou de circular no mês seguinte), é considerado como o 24º periódico da cidade; Colibri (1876); A Democracia (1878); Echo (1870); Esperança (1876), entre tantos outros que na maioria das vezes circulavam em publicações alternadas e reduzidas que dificilmente conseguiam ultrapassar dois anos de existência, sendo pois o Jornal do Amazonas, o Comércio do Amazonas e O Amazonas as mais importantes publicações locais que alçaram a década posterior as suas fundações (ANTHONY, 2004, p. 21).

Depois da abolição da escravatura em 1888, o foco dos jornais se voltava para o fim da monarquia. O catálogo sobre os cem anos da imprensa no Amazonas destaca alguns jornais como “A Epoque”, cujo subtítulo era “Órgão dos interesses da República”, que circulou entre 26 de setembro de 1889 a 1º de fevereiro de 1890, ao preço de 100 réis, nas terças, quintas e sábados. No entanto, não pela imprensa local, mas por meios oficiais, somente seis dias depois, em 21 de novembro de 1889, a queda da monarquia seria divulgada no Amazonas.

Após a proclamação da República a imprensa amazonense passa por um período de poucas mudanças. Em 31 de agosto 1892 seria criada a imprensa oficial do Estado, por ato do governador Eduardo Ribeiro. A partir do dia 15 de novembro passava a circular o Diário Oficial do Amazonas, que seria um dos pioneiros da região Norte no gênero. Com prédio na antiga rua Municipal (atual 7 de Setembro), o jornal teve como primeiro diretor o doutor Pedro Freire. Mário Ypiranga Monteiro relata que além do Diário Oficial a nova gráfica também editava outras publicações.

O governo dotou-se do equipamento gráfico mais sofisticado que as gráficas européias, alemães, francesas e italianas produziam e também as americanas, enriquecendo o esforço da comunicação. Linotipos, impressoras, máquinas de fabricar envelopes, da guerreotipia, equipamentos completos de encadernação, sortimentos variados de fontes e matrizes de cobre, estanho e bronze, para resisitir anos (ANTHONY apud MONTEIRO, 1983, p. 3).

Em entrevista com o historiador Abrahim Baze, este relata a variedade de jornais em circulação em Manaus, no final do século XIX e início do século XX, onde afirma: “[...] tivemos alguns jornais impressos, manuscritos. E a nossa história de

jornais manuscritos é muito rica”¹. Alguns destes, mantidos com o historiador guardam a memória da imprensa na Amazônia.

Entre os exemplares encontram-se: Apollo, assinado por Joaquim J.T. de Brito Inglez e João Baptista de F. e Souza, de 28 de agosto de 1882; O Mariuá, do coronel José Antônio Nogueira Campos, de 22 de agosto de 1897; o Literário Ilustrado Sport, de Francisco de Araujo Dias, de 30 de novembro de 1907; o Sport, de dezembro de 1907; A Tesoura – órgão da Liga Contra o Álcool, de 12 de abril de 1908; o Malandro, assinado pelo doutor Pafúncio Tucupy, de 5 de abril de 1909; O Papagaio – órgão humorístico e noticioso, assinado pelo doutor Formiga, de 9 de janeiro de 1915; O Arco-Iris, de Mário Ypiranga Monteiro, exemplares de 21 de julho e de 22 de outubro de 1927.

Entre as características das edições estão temáticas como a política local e nacional presentes em, praticamente, todas essas edições. Outra característica é a crônica das personagens da sociedade da época, que usando o humor de forma crítica faziam referências pessoais. A economia e o esporte eram outros assuntos presentes. Essas publicações tinham uma periodicidade quinzenal ou mensal, pois para reproduzir as edições manuscritas era necessário um esforço concentrado. Percebe-se ainda a utilização de pseudônimos para encobrir os verdadeiros autores das notícias da província de então.

O Bohemio, que em 1906 ‘se dizia um órgão denunciante e escalhambatório’, dirigido por Antônio Matera, tinha como redatores, Fura-Bolo, J. Carona, Porradinha, Caga-Fogo e Arde Bumbum (ANTHONY apud SANTOS, 1999, p. 47).

Ao mesmo tempo em que proliferavam jornais como esses, surgem outras publicações que começariam a moldar uma nova imprensa em Manaus. O Jornal do Comércio é um desses exemplos,

[...] o novo jornal que circulou pela primeira vez no dia 2 de janeiro de 1904, marcou o jornalismo local como um empreendimento empresarial moderno que aos poucos deixava para trás os periódicos artesanais dos primeiros tempos (ANTHONY, 2004, p. 28).

Além de manter maior periodicidade nas suas publicações, o Jornal do Comercio adotou uma linha editorial mais combativa. Durante o governo de

¹ Informação verbal, concedida na data de 22/06/2009.

Jonathas Pedrosa (1913-1917), Vicente Reis, um dos fundadores, faz críticas severas ao governador até que este ordena a sua prisão. A polícia então espera por Vicente Reis na saída do jornal, mas ele teria improvisado um vestido, além de usar sapatos de saltos altos e sombrinha, conseguindo driblar os policiais e escapar da prisão².

Histórias como essa tornaram o Jornal do Commercio conhecido no Amazonas. Adquirido em 1943, pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, o jornal se transforma num dos principais veículos de comunicação da região Norte. Também surgiram outros jornais no início do século passado, que tiveram relativa circulação como A Notícia, fundado em 1908, pelo doutor Santa Cruz Oliveira; a Folha do Amazonas, a partir de 1910, jornal mantido pelo Partido Republicano Conservador que teve como diretores Hildebrando Antony e o senador Silvério Nery, e como editor Leonel Gomier; além da Gazeta da Tarde, publicado entre 1913 e 1923, de propriedade de Aggeu da Costa Ramos.

Aqueles que combatiam os políticos da situação como a Gazeta, enfrentaram muitas dificuldades que foram agravadas por prisões dos seus membros e até atentados. Neste caso diante da pressão, em 1923, Aggeu da Costa Ramos, chegou a vender a Gazeta da Tarde aos políticos do governo de Rego Monteiro. Governo em evidência favorecido pela produção da borracha que entre o final do século XIX e início do século XX, focado no mercado externo, promoveu mudanças no perfil da capital do Amazonas para melhorar

O precário porto da cidade, os trapiches, as pontes de madeira, os prédios públicos em ruínas, as ruas estreitas e desniveladas, os calçamentos irregulares, além da inexistência de redes de esgoto, iluminação a gás, saneamento e um serviço de navegação eficiente foram substituídos por empreendimentos que se prestavam a transformar Manaós em centro exportador e importador ligado ao comércio internacional (NOGUEIRA, 1999, p. 33).

Neste contexto a chamada Paris dos Trópicos passaria a receber novos benefícios e investimentos, principalmente de empresas inglesas que se fixaram na cidade, mantendo serviços públicos considerados de primeiro mundo. Consolidando empreendimentos como o porto flutuante, a alfândega pré-fabricada com material importado de Londres, bondes eletrificados, moderna iluminação pública, serviço

² Informação obtida no site oficial do Jornal do Comércio <www.jornaldocomercio.com.br> . Acesso em: 28 fev. 2010.

telegráfico eficiente entre outros serviços. Segundo Nogueira (1999), foi no primeiro Centenário da Independência, no ano de 1922, que em território nacional, ocorre a primeira demonstração oficial de radiodifusão. No entanto, a chamada Era do Rádio no Amazonas, é introduzida em 1927, por Ephigênio Salles.

A população que viajava nos bondes da linha Cachoeirinha podia contemplar as edificações recém-inauguradas pela Amazon Telegraph, projetadas para abrigar uma estação radiofônica fabricada pela companhia inglesa Marconi, de Ondas Curtas, já adaptadas à execução de serviços de *broadcast* [...] o objetivo central desta emissora era transmitir aos municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorizações dos produtos naturais nas bolsas internacionais, a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior, os horários de saída e chegada das embarcações e as realizações do governo estadual. As irradiações ocorriam às segundas, quartas e sextas-feiras, entre as nove e dez da noite, sempre supervisionadas pelo gerente da Amazon Telegraph, G.E.Lush, e pelo eletricitista-chefe da empresa, W.H.Mathews (NOGUEIRA, 1999, p. 39).

Ainda de acordo com o autor,

Parte da verba destinada à aquisição da emissora foi utilizada na importação de aparelhamento adequado à recepção das transmissões, distribuídos entre os municípios que formavam a rede de 16 estações radiotelegráficas do Estado, uma delas instalada no Palácio Rio Negro, sede do governo. Porém, o interesse da população da capital pela radiodifusão sonora, alimentado há algum tempo, motivou a aquisição por parte do empresariado local, de receptores domésticos importados potentes e de sintonia complicada, cujo alcance se prestava à captação dos sinais oriundos de estações de rádio do exterior (NOGUEIRA, 1999, p. 39-40).

Quando não havia comerciais na programação da emissora, artistas locais faziam apresentações ao vivo de canto e poesia. Espetáculos improvisados batizados como *Voz de Manaós*. Por dificuldades técnicas uma das primeiras iniciativas de se fazer um programa ao vivo no rádio amazonense, da capital, não prosperou. Entre os fatores a deficiência na transmissão de energia elétrica, pois para manter o sistema de iluminação e os bondes, os geradores montados pela companhia inglesa Manaós Tramways, com 220 volts distribuídos em corrente contínua, produziam uma forte indução elétrica, conhecida como arco-voltaico, sobre todos os circuitos oscilantes, atrapalhando a recepção das ondas hertzianas do rádio. Como a iluminação pública era acesa no final da tarde, pouco antes da

programação ao vivo da emissora ir ao ar, o ruído elétrico impedia a boa sintonização dos ouvintes.

Enquanto na capital a rádio enfrenta a crítica da opinião pública que ganhava destaque nos jornais impressos, no interior, impulsionada pelos interesses econômicos dos negociantes dos municípios mais próximos, a audiência fazia crescer os indicadores. Mas por motivos políticos, entre 27 de março e 12 de dezembro de 1927, Ephigênio Salles foi substituído no governo por Antônio Monteiro de Souza, e o rádio no Amazonas, apesar de recém-nascido, passaria por um período de estagnação conforme relato do autor:

As perspectivas otimistas de Ephigênio Salles [...], foram frustradas em função da descontinuidade das administrações que surgiram após o seu governo, sobretudo aquelas iniciadas após 1930. Embora as sementes da radiodifusão sonora estivessem lançadas no Estado, sua germinação se estenderia ainda por alguns anos, até alastrar-se completamente na forma de uma floresta de antenas (NOGUEIRA, 1999, p. 42).

Enquanto o rádio vivia suas primeiras experiências como veículo no Amazonas, os jornais impressos já enfrentavam um período de dificuldades nos anos que antecederam a revolução de 1930. Entre as publicações que surgem nesta época estão o Jornal do Povo, favorável ao chamado tenentismo que teria uma vida breve. Apesar de se tratar de uma publicação diária de grande simpatia da população manauense, seria extinto diante da ação da esquadra do general Mena Barreto, que pos fim ao movimento tenentista no Amazonas em 1924.

Segundo resgate histórico de Anthony (2004), outro jornal marcado pelo forte nacionalismo que surge em 1925, é O Dia, que teve como redator-chefe Aristóphano Antony, um dos fundadores da Associação Amazonense de Imprensa. O vespertino deixaria de circular em 1930, devido à ação da junta militar que destituiu Washington Luiz da presidência da república no dia 24 de outubro daquele ano. Antes do seu fim, porém, noticiaria o motim estudantil do Gymnásio Amazonense, revolta ocorrida entre os dias 11 e 12 de agosto, da qual participaram alunos do Gymnásio Amazonense Dom Pedro II, contra a oligarquia instalada no governo de Dorval Pires Porto.

Outra marca da época são os jornais esportivos. Já em 1920, oito anos antes de São Paulo, Manaus ganhava a sua Gazeta Esportiva. Logo depois viria O Periscópio, que além do esporte tinha uma linha humorística. Neste mesmo ano

surge A Plêiade, o segundo jornal eminentemente feminino do Amazonas que tinha como diretora a senhora Lina de Amnorim Antony, e também trazia as notícias do esporte, uma atividade exclusivamente masculina naquele início de século. A Sereia foi outro noticioso esportivo, dirigido por Abdenego D'Oliveira, que circulou entre 1926 e 1934.

A partir dos anos 30, Henrique Archer Pinto cria O Jornal, e poucos anos depois o Diário da Tarde. Os dois impressos formariam a Empresa de Comunicação Archer Pinto Ltda que dá início a uma nova fase no jornalismo amazonense em meio à Revolução de 30. No Amazonas os efeitos deste movimento levaram ao governo como interventor Álvaro Maia, professor e também redator de O Estado do Amazonas. Citando Mário Ypiranga Monteiro, Anthony (2004) descreve que cercado pelos mesmos corruptos do regime anterior, o novo governador resolve através de decreto fechar os jornais A Rua, do jornalista Otelo Mavignier e O Correio de Manaus, de Luiz Gonzaga Bessa.

Natural do Maranhão, de onde saiu para constituir família em Belém, Henrique Archer Pinto chegou a Manaus em meados da década de 1920, a convite do senador Leopoldo Tavares da Cunha Mello. Em 30 de outubro de 1930, O Jornal circulou pela primeira vez e durante os quarenta e sete anos de existência, teve como objetivo a defesa da liberdade de pensamento e a luta pelos interesses do Amazonas.

Como redator-chefe de O Jornal assume o jornalista Huascar de Figueiredo. O veículo com conteúdo de quatro a oito páginas, com a coluna social "Mundanismo" conquistava leitores por publicar registros de aniversários de pessoas de todas as classes sociais e, na coluna "Pequenos Fatos Policiais" as ocorrências policiais, a partir de 1934, que chega a ocupar parte da folha de rosto do jornal (ANTHONY, 2004, p. 43).

Quanto ao nível de interferência que o jornal exercia nos principais assuntos políticos da cidade, este é possível medir com os dois editoriais publicados na primeira página. Conteúdos de demanda social, como problemas nos bondes, na coleta de lixo, na higiene nos mercados e feiras, assim como a crescente presença dos marreteiros no comércio, também tinham destaque nas principais matérias. Entre outras colunas direcionadas aos demais segmentos do jornal, a coluna

“Interventoria Federal” atraía o público interessado nas decisões dos governos estadual e federal, publicadas diariamente.

Estrategicamente, foi criada uma sucursal no Rio de Janeiro, sob a direção do articulista Luís Mendes, que através da Agência Brasileira de Notícias teria o suporte necessário para trazer ao Amazonas os principais fatos da capital federal sob o comando do presidente Getúlio Vargas. A empresa também expande pelo interior do Amazonas, uma rede de correspondentes em vários municípios responsáveis por divulgar as notícias mais importantes das comunidades distantes.

Ainda segundo estudos levantados por Anthony (2004) outras inovações surgiriam ao longo da década de 30, como as primeiras tiras de lazer no espaço “Delícias do Lar”, escritas por Dante Quintero, as crônicas de Raul Azevedo enviadas do Rio de Janeiro por telégrafo, e a implementação da fotografia, que passaria a ser rotina a partir de 1935. Ano em que o departamento comercial supera a média de oito páginas diárias com anúncios do comércio e da indústria manauense e ajuda a produzir com 40 páginas, subdivididas em dez editorias, a edição especial de Natal.

O crescimento levou Henrique Archer Pinto, a criar em outubro de 1936, o jornal Diário da Tarde, considerada uma edição vespertina de O Jornal. A princípio o Diário circularia dentro das páginas de O Jornal, praticamente não havendo diferença na diagramação e no formato. Conforme descreve Anthony (2004), com o passar do tempo notam-se as primeiras mudanças, tendo o diário adotado uma linha editorial mais leve com espaço para as colunas sociais, de moda e lazer. Também passa a dar mais destaque às manchetes locais, como o caso sobre o ataque dos índios Jamamadys, no rio Purus, contra colonos da região que terminou com a morte de uma família inteira.

O esporte foi outra marca do novo veículo, que aos poucos passou a ser independente. Na data de 12 de junho de 1938, com a Copa do Mundo na França, o vespertino circulou pela primeira vez no dia de domingo, publicando o resultado do empate entre Brasil e Tchecoslováquia. “A foto em destaque foi do jogador Leônidas da Silva e todas as páginas do diário voltaram-se para o assunto chamado à época como ‘Peleia Pebolística’”. Também o futebol local conseguiu o seu espaço. A esta página foi dado o nome de “No Mundo dos Esportes” (ANTHONY, 2004, p. 56).

Outra marca dos jornais de Henrique Archer Pinto foi a forma criativa de avisar a população sobre os fatos de maior destaque que chegavam a Manaus.

[...] emocionante mesmo era ouvir a sirene de O Jornal anunciando alguma notícia importante de última hora. Era o nosso Repórter Esso. Tão logo soava, uma pequena multidão se aglomerava para ler a notícia afixada a giz num quadro-negro em frente à redação. Foi assim que tomamos conhecimento de todos os grandes lances (NOGUEIRA apud PÉRES, 1984, p. 45).

Não era apenas o jornalismo impresso que evoluía na Manaus do final da década de 1930. No dia 7 de setembro de 1938, o paulista Lizardo Rodrigues, técnico em eletrônica e ex-funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos e da Manáos Tramways, com um transmissor de 500 watts, que funcionava em condições precárias em sua residência, na avenida 7 de Setembro, número 1801, em frente ao Palácio Rio Negro, cria na capital uma nova emissora de rádio: A Voz da Baricéia (NOGUEIRA, 1999, p. 53).

O estúdio era improvisado. Com o prefixo PQM-3, a nova emissora não teve de enfrentar os mesmos problemas de interferência no sinal da primeira rádio amazonense, pois a Manáos Tramways trocou os cabos mal isolados por linhas que não prejudicavam as transmissões hertzianas. O reparo feito no final da década de 20, teria custado ao governo cerca de 15 contos de réis e permitia agora que a população da capital amazonense pudesse finalmente sintonizar as ondas do rádio sem transtornos.

O maior desafio, no entanto, seria definir uma programação que agradasse o gosto popular. A princípio a Voz da Baricéia procurou seguir a linha da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mesclando músicas, notícias e comentários. Lizardo Rodrigues e o diretor artístico Donizetti Gondim, investiram na música clássica, mas logo enfrentaram as primeiras críticas. Os ouvintes que já possuíam receptores importados, rapidamente deixaram de sintonizar a emissora local em função do caráter formal do que era apresentado.

Foi quando, o carioca Wuppschlander Lima, um bacharel em direito e funcionário da Diretoria Geral da Fazenda Pública, com influência das emissoras de rádio do Rio de Janeiro e de São Paulo, ajuda, no final da década de 1930, Lizardo Rodrigues a mudar esse quadro. A primeira medida é a alteração do prefixo da emissora de PQM-3 para PRF-6. Wuppschlander também passa a ser o novo locutor e começa a buscar novos talentos. São as mulheres que vão dar um novo padrão

interpretando ao vivo sambas, marchinhas, valsas e outros gêneros da música popular na época.

Nomes como Aduripes Alcântara, Guiomar Cunha, Denize Cavalcanti, Cecília Andrade e Medina Campos são os primeiros destaques musicais da Voz da Baricéia que, apesar de agradar o gosto manauara, também provocavam críticas do público masculino. Mas os homens teriam o seu espaço como o pianista Helvécio de Magalhães, presença marcante na programação diária da emissora. O próprio Wuppschlander Lima daria seu lugar como apresentador ao jovem Aluizio de Sá Peixoto, para dedicar-se apenas à direção artística da PRF-6.

O modelo comercial das emissoras que passaram a ocupar os espaços ociosos da programação foi dando formato a um novo estilo no rádio brasileiro. Conforme relata Nogueira (1999) na obra *O Rádio no País das Amazonas*, em Manaus a situação não seria diferente:

Entregue pelo Governo Federal à entidades privadas sob o compromisso de difundir material educativo e cultural, o rádio distanciava-se gradativamente do modelo livro falado, voltando-se ao divertimento e à informação [...] A exemplo do modelo norte-americano na década de 20, as emissoras brasileiras foram permeando a programação diária com mensagens publicitárias cujo valor da inserção era correspondente não só aos horários de veiculação e à duração dos anúncios, como proporcional à penetração que esta ou aquela estação possuía junto ao público ouvinte (NOGUEIRA, 1999, p. 69).

Com o advento do Estado Novo, a partir de 1937, o rádio no Amazonas passa por um processo de mudança. Getúlio Vargas volta ao poder num golpe militar, fecha o congresso e passa a controlar de perto todas as ações da imprensa. O interventor no Amazonas, Álvaro Maia, amplia os seus poderes e para difundir a nova ideologia cria o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), que atuaria não apenas no controle da imprensa, mas também das artes.

De acordo com dados relatados na obra de Nogueira, o alagoano Gebes de Mello Medeiros foi o escolhido por Maia para ocupar o cargo de diretor de Radiodifusão e Diversões Públicas, com amplos poderes para a gestão do Diário Oficial e a imprensa local, a Biblioteca Pública e o Teatro Amazonas.

Por interesses políticos, a Voz da Baricéia foi incorporada ao Estado, com a meta de:

[...] reaquecer as relações comerciais da capital com o interior - além de servir de agente educacional à população ribeirinha cujo acesso ao ensino convencional era inviabilizado pelo isolamento -, reanimou não só o empresariado como outros setores da sociedade (NOGUEIRA, 1999, p. 80).

Favorecida pela estratégia do Estado, a comunidade ribeirinha por meio da radiodifusão passa a ter acesso às informações de diferentes segmentos ao nível da escala nacional, caracterizando-se este momento como um dos processos históricos de inclusão social no Amazonas, por meio dos veículos de comunicação. No entanto, ao mesmo tempo em que ocorre a inclusão social, por outro lado os meios pelos quais este processo se dá, tornam-se instrumentos ideológicos à formação do espírito Nacionalista no interior, como bem coloca o autor:

[...] o projeto pedagógico no qual a educação para o trabalho, educação física e militar, o ensino religioso e a Educação Moral e Cívica eram enfatizados, transformando o civilismo, o patriotismo e a religiosidade em aparelhos auxiliares do Estado. A festa cívica, como meio de educação popular, também foi um recurso amplamente utilizado neste período (NOGUEIRA, 1999, p. 81).

Dadas estas condições a PRF-6, o DEIP de Álvaro Maia adquire por parte do Governo Federal, a concessão do sinal da emissora em 1942 e para viabilizar a engenharia de inserção e ampliação do rádio no interior, contrairia uma dívida junto à Caixa Econômica Federal. Neste mesmo ano, no ápice da II Guerra Mundial, o Brasil junta-se ao bloco dos países aliados. Estes, ao declararem guerra ao Japão, comprometem o monopólio de produção de borracha da Malásia, abrindo com esta estratégia, nova perspectiva de desenvolvimento para o Amazonas, em crise desde a década de 1920.

Para suprir as demandas com a produção do látex para os Estados Unidos e a Europa, duas ações governamentais foram importantes: o escoamento da produção e o reforço da mão de obra nos seringais. A primeira ação contou com a ajuda do *Lloyd* Brasileiro e da Marinha Mercante, com a criação de novas linhas regulares da Companhia Nacional de Navegação Costeira e do Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Porto do Pará (SNAPP). A segunda, focada na ampliação da mão-de-obra nos seringais, foi possível por meio de mensagens que eram difundidas das mais variadas formas pelas ondas do rádio. Coincidentemente o Nordeste brasileiro vivia um período de intensa seca e calcula-

se que entre 1942 e 1945, cerca de setenta mil nordestinos migraram para a Amazônia.

Um serviço de rádio instalado nos navios da SNAPP foi uma das principais ferramentas para formar o que passou a se chamar Exército da Borracha. Além de difundir as necessidades de mão-de-obra daquele momento nos seringais da Amazônia, os nordestinos recebiam mensagens de apoio no embarque, durante a viagem e ao chegarem à região produtora. Quando o processo migratório se tornou auto-suficiente o esquema foi desativado e, em 1943, com pouco mais de um ano de operação como órgão estadual, a PRF-6 voltaria à iniciativa privada.

É neste ano que o empresário Assis Chateaubriand, protegido aliado de Getúlio Vargas, estende os seus negócios ao território amazônico. Os seus Diários Associados adquirem por cerca de quarenta contos de réis a Rádio Baricéia em Manaus. Outro investimento dos Associados seria a aquisição do Jornal do Commercio, também na capital amazonense, de propriedade do empresário Vicente Reis.

O impresso teria o seu nome preservado, mas a emissora passaria a se chamar Rádio Baré, mantendo a tradição de Chateaubriand de dar nomes indígenas às emissoras associadas. Chateaubriand confiou a direção da emissora a Gebes Medeiros, mesmo sabendo que este tinha sido contrário à venda da PRF-6. Mas esta relação duraria pouco e para administrar os novos empreendimentos os Associados trariam ao Amazonas funcionários que tinham experiência no eixo Rio-São Paulo conforme relata Nogueira:

Foi assim que, ainda em 1943, transferiu-se para Manaus o catarinense Josué Cláudio de Souza, então repórter policial do Diário da Noite e O Jornal, com a missão de dirigir tanto o Jornal do Commercio quanto à Rádio Baré. Auxiliado por Lorival Marques e Otacílio Colares, ambos funcionários dos Associados, o jornalista passou a administrar os dois veículos de comunicação valendo-se da experiência adquirida nas praças do Sudeste e Sul do país. Tocar os empreendimentos manauenses de Chateaubriand revelou-se, logo de início, uma tarefa até bastante simples, uma vez que haviam sido incorporados ao seu oligopólio numa fase em que dispunham de certa estabilidade econômica e bastante aceitação junto ao público local (NOGUEIRA, 1999, p. 130).

A partir de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil entraria num período de mudanças e a imprensa também. O temido DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – é extinto em 25 de maio daquele ano e o rádio segue o

seu caminho voltado para um jornalismo aberto, contestador e de denúncia que contava com o apoio da Associação Brasileira de Rádio, entidade responsável pela definição de um novo perfil dos profissionais deste veículo.

A partir do segundo semestre de 1945, Vargas convocaria eleições gerais para o dia 2 de dezembro, criando um cenário propício para a candidatura do Marechal Eurico Gaspar Dutra, um dos principais parceiros do presidente durante o Estado Novo. A eleição de Dutra seria inevitável e a partir de 1946, o país passa a escrever outra Constituição.

Com a saída de Getúlio Vargas do poder a política amazonense muda de cenário estimulando uma intensa disputa entre os jornais impressos de Manaus, que vislumbram uma oportunidade de alavancarem as vendas. Assis Chateaubriand mudara de lado e os veículos de comunicação dos Diários Associados agora faziam ataques veementes ao ex-ditador, reproduzidos nas páginas do Jornal do Commercio. Por outro lado, o Diário da Tarde e O Jornal, da empresa Archer Pinto, mantinham o apoio a Vargas e continuavam contando com grande credibilidade junto à opinião pública.

A postura de Assis Chateaubriand, no entanto, incomodava Josué Cláudio de Souza, que acabou se desligando da direção do Jornal do Commercio. Para o seu lugar os Diários Associados enviaram o jornalista carioca Rômulo Gomes, que passa a coordenar o Jornal do Commercio e a Rádio Baré. A mudança abriu espaço para a instalação da Rádio Difusora do Amazonas.

O momento econômico favorável e a neutralidade política do ex-funcionário dos Associados no Amazonas motivou um grupo de cinco empresários, liderados por J.G.Araujo [...] a financiar a aventura radiofônica de Josué Cláudio de Souza. Graças ao apoio de Álvaro Maia, que utilizou seu prestígio de senador constituinte para agilizar a obtenção da autorização legal necessária ao surgimento de uma nova emissora no Estado, foi inaugurada em 24 de novembro de 1948, a Rádio Difusora do Amazonas (NOGUEIRA, 1999, p.139).

O nascimento da ZYS-8, desde o início, abriu uma acirrada disputa com a Rádio Baré, com uma programação similar à concorrente e a busca de novos atrativos musicais como a vinda para Manaus de artistas consagrados do eixo Rio-São Paulo. Conforme relata o autor, essa rivalidade foi responsável por trazer ao Amazonas nomes como Dalva de Oliveira, Marlene, Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Mazzaropi, Aracy de Almeida, Nora Ney, Vicente Celestino, Francisco

Alves, Orlando Silva e Alvarenga e Ranchino que encantaram a capital do Amazonas entre os anos 1949 e 1959. Uma das apresentações mais marcantes ocorreu em 1951, quando a PRF-6 abriu espaço em seus estúdios para Almirante e os amigos Pixinguinha, Benedito Lacerda e Gilberto Alves para uma série de apresentações.

Menos de cinco meses depois da inauguração da segunda emissora de rádio no Amazonas, na data de 19 de abril de 1949, Umberto Calderaro Filho funda o jornal A Crítica. Segundo informações colhidas junto à direção deste veículo, Humberto Calderaro Filho era filho de Umberto Calderaro, que viera de Nápoles, na Itália, e de Maria da Luz Moura Calderaro, natural de Óbidos, no Pará. Nasceu em Manaus, no dia 28 de março de 1927. Foi menino de recados, operário, foca, vendedor, redator, revisor, responsável pela circulação de jornais, chefe de serviço pessoal, editorialista e repórter. Também fez o curso de direito, porém não chegou a concluir os estudos, abandonando a faculdade no último ano.

No final da década de 1950, como jornalista do grupo Archer Pinto, se destaca com a publicação no Diário da Tarde de “O casamento de Carmem Costa”, relato de um romance que se passa à beira do Rio Negro. Em O Jornal, fez importante reportagem com o então presidente Eurico Gaspar Dutra. Momento em que, propondo outro formato para a mídia impressa, resolve criar o jornal A Crítica. A idéia do nome tem origem na cidade do Rio de Janeiro, onde na década de 1920 circulou o Jornal Crítica, criado por Mário Rodrigues, pai do escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues.

Calderaro chegou a conhecer Nelson na década de 1940, quando este teria tentado lhe vender o nome. Mas, alegando não ter dinheiro a negociação não prosperou, sendo que mais tarde Nelson lhe enviaria um telegrama autorizando a utilização do mesmo. Como na Argentina havia um jornal com o mesmo nome, para diferenciar, Calderaro batiza o jornal do Amazonas com o nome de “A Crítica”.

As primeiras edições foram impressas na gráfica de O Jornal, de Henrique Archer Pinto, com quem Calderaro tinha um parentesco distante. Entretanto, um desentendimento interrompeu a parceria levando-o a retomar as atividades apenas dois meses depois, com a ajuda de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, então bispo do Amazonas que lhe cede um prelo antigo onde eram impressos o jornal da diocese e os folhetins das missas de domingo. Neste equipamento primitivo “A Crítica” volta a

circular e como porta-voz das demandas da população local adota o slogan: “de mãos dadas com o povo”. Marca que acompanha o jornal até os dias atuais.

Ao adotar uma linha editorial de oposição ao governo de Leopoldo da Silva Neves, lança campanhas como a que foi contrária a desativação dos bondes, até então o principal meio de transporte em Manaus, ou a que apresentou editorial a favor do fim do jogo com a desativação dos cassinos, além de defender o Banco de Crédito da Borracha, que abria linhas de custeio aos produtores da região. E com destaque acompanhou e cobriu a primeira greve dos portuários manauaras.

Apesar dos avanços do jornal impresso, o crescimento da radiodifusão era cada vez maior. A partir da década de 1950, com o aumento da liberdade de imprensa o país passaria a viver uma nova fase. Em 3 de outubro, depois de ser eleito com praticamente metade dos votos válidos nas eleições de 1950, Getúlio Vargas volta ao poder. Mas tão logo recebeu a faixa presidencial de Eurico Gaspar Dutra, em 31 de janeiro de 1951, o ex-ditador percebeu como seria difícil governar o Brasil com a oposição dos principais jornais impressos. Ao mesmo tempo, Assis Chateaubriand levava para São Paulo uma novidade que marcaria para sempre a história da imprensa no Brasil: a televisão.

Depois de construir um verdadeiro império das comunicações com jornais e rádios por quase todo território nacional, Chateaubriand investiu cerca de 5 milhões de dólares para colocar no ar a TV Tupi, quarta emissora de televisão do mundo. Os equipamentos foram comprados da RCA Vitor – NBC e a cerimônia de inauguração mobilizou empresários como o americano Nelson Rockefeller e até o presidente Eurico Gaspar Dutra. No entanto, um problema técnico e o imprevisto marcaram a primeira transmissão da televisão brasileira em São Paulo, no dia 18 de setembro de 1950, ao ponto do engenheiro americano Walter Obermüller, responsável pela transmissão de estréia, dar por cancelada a inauguração como descreve o jornalista e escritor Fernando Morais, na obra que conta a trajetória de Chatô, como era conhecido Assis Chateaubriand.

- Está no ar a PRF-3 – TV Tupi de São Paulo, a primeira estação de televisão da América Latina. Para desespero generalizado, aconteceu o que ninguém poderia imaginar: uma das câmeras pifou. Não é verdade a versão de que o defeito tenha sido provocado por uma garrafa de champanhe quebrada na câmera por Chateaubriand durante a cerimônia da tarde – até porque não houve batismo de champanhe. A suspeita que reinava entre os técnicos era a de que a água benta espargida sobre as câmeras por d. Paulo Rolim Loureiro

tivesse molhado e danificado alguma válvula. Mas qualquer que fosse a causa, ninguém conseguia localizar o defeito. E tudo tinha sido ensaiado centenas de vezes para ser transmitido por três câmeras, não duas. Quando se tentou colocar a estação no ar só com duas câmeras, descobriu-se que as três tinham sido conectadas para funcionar em conjunto (MORAIS, 2001, p. 502-03).

Foi o jovem produtor Cassiano Gabus Mendes que, com a ajuda de Dermalva Costa Lima, ambos profissionais vindos do rádio, decidiram manter tudo o que havia sido ensaiado, mas com apenas duas câmeras. No entanto, apesar do atraso de uma hora e meia, quanto à transmissão, não se viu nenhuma falha.

Ao final de duas horas de programação, só um especialista familiarizado com o funcionamento de um canal de TV (e não havia ninguém assim no Brasil) poderia perceber que apenas duas, e não três câmeras, havia focalizado Walter Forster, a rumbeira cubana Rayito de Sol e seu acompanhante bongozeiro, a orquestra de Georges Henry e tantas outras atrações. A noite foi encerrada com os acordes da “Canção da TV”. Escalada para cantá-la, Hebe Camargo ficou inesperadamente rouca e foi substituída nesse número por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivehna, que entoaram os versos e hino composto pelo poeta Guilherme de Almeida especialmente para festejar a novidade (MORAIS, 2001, p. 503-04).

Durante a cerimônia de inauguração da TV Tupi em seu discurso, Assis Chateaubraind traduzia bem o que classificou como “[...] o mais subversivo de todos os veículos de comunicação do século” (MORAIS, 2001, p. 502). E isso pôde ser logo sentido por Getúlio Vargas quando, em um espaço aberto de cinco minutos para o jornalista carioca Carlos Lacerda, o ex-presidente recebeu as mais duras críticas de sua vida em um veículo de comunicação de massa. A boa oratória e a postura agressiva de Carlos Lacerda, garantiram a ele em pouco tempo de televisão a conquista de 25 minutos a mais na emissora, passando o programa a fazer parte do horário nobre com meia hora diária de produção.

No entanto, as críticas que Lacerda fez sobre Vargas, levou seus aliados – sem que o presidente soubesse – a reagirem contra o jornalista. Ato consolidado no dia 5 de agosto de 1954, quanto na Rua Toneleiros, em Copacabana, no Rio de Janeiro, Carlos Lacerda foi alvo de um atentado mau sucedido. Ação que comprometeu diretamente o ex-ditador, principalmente depois que Gregório Furtado, membro da guarda presidencial, fora acusado de ser o mandante do crime. Na manhã de 24 de agosto de 1954, Getúlio decidiu se suicidar, deixando uma carta-

testamento que entraria para a história e marcaria uma reação popular contra os meios de comunicação que tanto o atacaram.

No Amazonas, sem mais o apoio político de Vargas, Archer Pinto após seis anos de uma intensa concorrência entre as rádios Baré e Difusora, aliado a grupos empresariais, amplia os negócios na região e inaugura a terceira emissora de rádio em Manaus. Como cita Nogueira:

Amparados por um grupo empresarial liderado pelo comerciante Charles Hamu, os jornalistas Agnaldo e Aluísio Archer Pinto inauguram, em 15 de novembro de 1954, a Rádio Rio-Mar, empreendimento que apostava não só na estabilidade econômica do Estado, administrado a partir de 1955 por Plínio Coelho, como no aspecto mais positivo e decorrente da concorrência estabelecida entre rádio e televisão nos centros mais desenvolvidos do país, a exploração do jornalismo radiofônico [...] a direção da mais nova estação radiofônica manauense pleiteava conquistar os anunciantes tanto da PRF-6 quanto da ZYS-8, então voltadas essencialmente para o entretenimento, com uma programação inovadora (NOGUEIRA, 1999, p. 167).

No contexto das telecomunicações, por meio do jornal impresso e do rádio, a família Archer Pinto é referência na região Amazônica. O fundador, Henrique Archer Pinto, responsável pela existência de O Jornal e do Diário da Tarde, com o apoio de Agnaldo Archer Pinto, Amélia Archer Pinto Corrêa e Aluísio Archer Pinto, são os responsáveis pela inserção do Amazonas no cenário nacional. Mas antes da criação da terceira emissora de rádio, na data de 19 de maio de 1954, na cidade do Rio de Janeiro, o grupo sofre a perda Henrique Archer Pinto, aos 67 anos.

Apesar da morte inesperada do fundador, Henrique deixa a empresa em um cenário favorável, agregando ao quadro de colaboradores, nomes de destaque na imprensa amazonense como: Almir de Carvalho, Sebastião Soares de Oliveira, Irisaldo Godot, Bianor Garcia, Newton Aguiar, Bento de Oliveira, Thomaz Fonseca, José Roberto Cavalcante, Oscar Carneiro, Cornélio Melo, Geraldo Gondim, Sérgio Túlio Nina, Guataçara Mitoso e Phelippe Daou. Este último seria o autor da reportagem “Escreveu o Exército da Borracha uma página negra na história da Amazônia”, que marcou época em O Jornal (ANTHONY, 2004, p. 63-5).

A idéia do grupo Archer Pinto de criar a Rádio Rio-Mar surgia no sentido de potencializar a produção do jornalismo impresso à agilidade na transmissão da força das ondas do rádio. A missão de transformar a emissora num veículo basicamente informativo foi confiada ao diretor artístico Alfredo Fernandez. O estúdio foi montado

na sala 818 de um edifício próximo da prefeitura de Manaus, que logo se transformou em referência para a população que procurava a rádio para reclamar dos problemas enfrentados no dia-a-dia.

Em função do jornalismo radiofônico da emissora se resumir à famosa *tesoura press* dos tempos do jornal falado, a fórmula já amadurecida de programas do perfil de um Repórter Esso ainda garantiam audiência cativa no Estado, por conta não só do estilo sóbrio dos noticiários como da responsabilidade de captação dos sinais enviados pela Rádio Nacional, presente no cotidiano dos radiófilos amazonenses melhor equipados desde a segunda metade da década de 1930 (NOGUEIRA, 1999, p. 168).

A mudança no estilo de se fazer rádio rapidamente influenciaria as emissoras concorrentes e traria bons resultados financeiros. Porém, menos de dois anos depois, em 28 de novembro de 1956, Agnaldo Archer Pinto morre subitamente no Rio de Janeiro, aos 39 anos, vítima de um infarto, deixando um projeto que estava em plena ascensão. A gráfica do grupo além de contar com uma equipe de profissionais mantinha seis máquinas linotipos, sendo uma rotativa de fabricação alemã que imprimia em uma única vez, oito páginas de jornal (ANTHONY, 2004). Sem Henrique e Agnaldo Archer Pinto, em 1957, Maria de Lourdes Archer Pinto, assume a empresa, tornando-se a primeira mulher a ocupar um cargo como este numa empresa jornalística amazonense.

2.3 A CHEGADA DA TELEVISÃO AO AMAZONAS

A segunda metade da década de 1950, é marcada por um intenso processo de mudança na vida política brasileira. Após o suicídio de Getúlio Vargas, o país passaria por um conturbado período de instabilidade com o presidente Café Filho no poder, que culminou com a eleição de Juscelino Kubitschek no final de 1955. Mas a partir de 31 de janeiro de 1956, quando Juscelino tomou posse, o Brasil dá início a uma fase de franco desenvolvimento, com foco num programa de fortalecimento da indústria de base, de modernização nas comunicações e um plano de metas que visava principalmente a construção da nova capital federal: Brasília. Em sua obra “De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital”, o historiador Laurent Vidal descreve este momento:

É num clima político extremamente tenso que Juscelino Kubitschek acede ao poder. Para dizer a verdade, poucos presidentes assumiram suas funções em condições políticas tão desfavoráveis. Apesar de ter sido eleito legalmente, sua tomada de posse deve ser garantida por um golpe de Estado preventivo. [...] Além disso desde o início do seu mandato, Juscelino Kubitschek está diante de um país deprimido: o suicídio de Vargas em 1954 criou um verdadeiro trauma entre a população e, sobretudo, borrou a imagem e afetou a respeitabilidade do Brasil como grande nação. Porém, em poucos meses, em torno de um slogan – fazer progredir o Brasil de “cinquenta anos em cinco anos” de governo, Kubitschek devolve a confiança e uma esperança quase eufórica ao Brasil, esperança reforçada pela vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958, com a revelação de um jovem prodígio, Pelé, e a invenção em 1959 de um novo estilo musical, a bossa nova (VIDAL, 2009, p. 186-87).

Vidal descreve ainda que a personalidade do novo presidente, aliada a esses outros fatores ajudariam neste processo de mudança rápida que contagiou o país:

A personalidade entusiasta do “Presidente Bossa Nova”, as tradições políticas que ele encarna, sua capacidade para agrupar à sua volta homens de esquerda e de direita, fazem do seu governo um dos períodos mais dinâmicos da história do Brasil. O desenvolvimento é, antes de tudo, uma construção pessoal, resultante de um percurso político original, que ele consegue pouco a pouco impor a todos como a única solução para as dificuldades do Brasil (VIDAL, 2009, p. 187).

Em julho de 1957, quase sete anos após os Diários Associados terem inaugurado a TV Tupi, em São Paulo, o governo federal aprovava a concessão à Rádio Globo, da sua primeira emissora de televisão. Pouco depois, em 30 de dezembro do mesmo ano, o Conselho Nacional de Telecomunicações concederia à TV Globo Ltda, o canal 4, no Rio de Janeiro, que a partir de 26 de abril de 1965 passaria a ser a TV Globo do Rio de Janeiro.

Da mesma forma que o rádio foi ganhando espaço frente ao jornal impresso com a sua solidificação tecnológica, esta nova mídia atraía a atenção de um número cada vez maior de pessoas e logo os aparelhos de televisão já estavam ocupando o cômodo mais nobre das casas: a sala. No Amazonas esta novidade ainda demoraria mais de uma década para chegar. Apesar da forte ligação de Assis Chateaubriand com Manaus, onde mantinha um jornal e uma rádio, a televisão só teria a sua primeira emissora no estado final da década de 1960, após a criação da Zona Franca.

Conforme relata Nogueira, este avanço da televisão seria determinante para o empobrecimento das emissoras de rádio, que passaram a investir cada vez menos

tanto na produção de novos programas, quanto na aquisição de equipamentos e contratação de pessoal técnico e artístico.

Neste contexto, o rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. [...] Das produções caras, com multidões de contratos, o rádio parte agora para uma comunicação ágil, noticiosa e de serviços. Aliado a outros avanços tecnológicos, o transmissor deu ao rádio sua principal arma de faturamento: é possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas. Já no final do decênio de 1959, o rádio brasileiro está em condições de acelerar sua corrida para um radiojornalismo mais atuante, ao vivo, permitindo que reportagens fossem transmitidas diretamente da rua e entrevistas fossem realizadas fora dos estúdios (NOGUEIRA apud ORTRIWANO, 1985, p. 22).

O autor descreve ainda que se por um lado o aumento da concorrência entre a televisão e o rádio modificava o perfil deste último, por outro a mídia impressa também buscava adaptar-se às mudanças dos primeiros anos de JK no poder.

Quando os jornais perceberam que, em termos de chegar primeiro ao público, eles haviam perdido para o rádio e a televisão, escolheram um caminho que lhes garantiu a sobrevivência. Passaram a ser, com grande esforço empresarial e redacional, verdadeiras revistas diárias. [...] A preocupação maior era justamente a de repetir a notícia. Essa repetição, porém, não diminuiria a importância do jornal. Ao repetir a notícia, o jornal estava tornando-a mais digna de crédito. É assim até hoje. Os telespectadores e os radiouvintes não deixaram de ser leitores. Se a notícia vista e ouvida, no dia anterior, não estiver confirmada pelos jornais, na manhã seguinte, é muito provável que ela perca impacto e importância. E acabe morrendo (NOGUEIRA apud SOUZA, 1986, p. 153-54).

Enquanto no cenário nacional Juscelino dava passos largos rumo às medidas que se faziam necessárias para o desenvolvimento do país, no Amazonas o então governador Plínio Coelho também encaminhava a sua gestão no sentido de recuperar o estado de um longo período de estagnação econômica. E nas eleições de 3 de outubro de 1960, o movimento Novo Amazonas, encabeçado por Coelho, conseguiria conduzir ao Palácio Rio Negro o seu sucessor, Gilberto Mestrinho. Mas a nova década que começava com um clima de grande expectativa para os amazonenses, outra vez sofreria revezes assim que Juscelino deixou o governo, tendo Jânio Quadros como novo presidente eleito do Brasil.

As mesmas forças ocultas que leveram Getúlio Vargas ao suicídio em 1954, novamente assombraram Jânio, que renunciou ao poder menos sete meses após a sua posse. O vice-presidente João Goulart assumiria a presidência, mas não por muito tempo. Pressionado pela sociedade e novamente pelos empresários dos veículos de comunicação por sua postura sindical e simpática às forças de esquerda, Jango é derrubado pelos militares liderados pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que assume o governo no dia 31 de março de 1964, dando início a um longo período de exceção que mais uma vez seria chamado de “revolução” e se manteria no poder por mais de vinte anos.

O golpe militar é comemorado nas redações dos principais veículos de comunicação do país. Mal sabiam os empresários dos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão que logo eles próprios se tornariam vítimas de um período de privações e censuras quando a ditadura tensionou os freios de controle da sociedade em nome de um regime que se dizia buscar o equilíbrio entre a segurança e o desenvolvimento.

A chegada dos militares ao poder também representaria o início de um novo olhar para os Estados da região Norte, que passaram a receber mais atenção do governo por sua importância geográfica para conter o avanço do socialismo na América Latina. Vivendo no isolamento da floresta amazônica, tendo acesso quase que apenas pelos rios ou pelo ar, a ideologia comunista chegava pelas ondas de rádios internacionais nas comunidades mais distantes, o que tornava necessária a integração imediata dos moradores destes Estados e Territórios de dimensões continentais ao restante do país.

Estrategicamente foram criadas três grandes regiões: Centro-Sul, Nordeste e a Amazônia. O Centro-Sul deveria direcionar esforços para solidificar o processo de industrialização, favorecendo a agricultura modernizada no sentido de contribuir com o “desenvolvimento do Nordeste” que, por sua vez, por meio de um intenso processo de migração, contribuiria com a ocupação da Amazônia, uma vastidão pouco habitada.

Segundo Oliveira (1991) e Becker (2009), estas estratégias resultaram na criação de instituições como a SUDAM (Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia), enquanto órgão de planejamento regional, para suceder a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia) que junto à estatal

Companhia Vale do Rio Doce, na década de 1970, protagonizaram vários escândalos que tomaram a mídia com manchetes sobre a venda de terras amazônicas aos estrangeiros para exploração de minério.

Escândalos abafados com a evidência do Projeto Rondon e com o discurso do Programa de Integração Nacional (PIN) lançado pelo governo do General Emílio Garrastazu Médici, com o lema “integrar para não entregar”, quando foram delineados três grandes desafios. O primeiro seria a abertura da Transamazônica e a rodovia Cuiabá–Santarém; o segundo a implantação de projetos de colonização e reforma agrária com a primeira fase do programa de irrigação no Nordeste; e o terceiro a transferência de 30% dos recursos financeiros dos incentivos fiscais oriundos do abatimento do imposto de renda para a aplicação no PIN. Projetos com foco no desenvolvimento da Amazônia, até hoje não concluídos na íntegra.

Logo, o sucesso ficou por conta da propaganda do ufanismo, consolidando o poder de massificação dos veículos de comunicação que, se por um lado propagavam a integração como forma de proteção do território nacional, por outro, com foco no interesse de poucos, favoreciam aos grupos estrangeiros o acesso às terras amazônicas, como o exemplo, do citado por Oliveira (1991) dos 450.000 alqueires negociados com o grupo Liquifarm e dos 140.000 alqueires negociados com a Companhia Vale do Rio Cristalino, pertencente à Volkswagen.

Empresa que, segundo Pinto (2003), no ano de 1976, com objetivo de transformar a floresta em pasto, respondeu pelo maior incêndio já captado pelo satélite Skylab na região de Santana do Araguaia. Como afirma o autor,

[...] a tecnologia mais sofisticada, a do satélite, registra a mais primitiva tecnologia do homem em ação, o fogo [...]. E neste contexto a indústria moderna no mundo torna-se anacrônica quando penetra na fronteira amazônica. Regridem décadas ou séculos (PINTO, 2003, p. 5).

No setor das comunicações o governo militar também adota uma política estratégica com a criação da Radiobrás e da Embratel, autorizando novas concessões de emissoras de rádio e televisão na região Norte. O Amazonas, por exemplo, ganharia a primeira emissora de rádio com frequência modulada no país, graças ao novo fluxo econômico e às facilidades de importação que antecedem a criação da Zona Franca de Manaus, conforme descreve Nogueira.

No que se refere à trajetória da radiodifusão sonora amazonense, também foi considerada uma contingência natural um acontecimento surpreendente sob a ótica das demais praças comerciais do setor, o fato de Manaus servir de palco para o pioneirismo na implantação de emissoras de Frequência Modulada (FM) em sistema *stereo* com a inauguração, em 15 de março de 1966, da Rádio Tropical, quarta estação radiofônica manauense e marco balizador do processo de modernização das comunicações direcionadas à grandes audiências na região (NOGUEIRA, 1999, p. 195).

A iniciativa foi do empresário Antônio Malheiros, que importou os equipamentos dos Estados Unidos, cujo transmissor passou a operar na faixa dos 99,3 Mhz com uma qualidade de som diferenciada e de longo alcance, ganhando logo a simpatia dos ouvintes amazonenses. As facilidades encontradas para a implantação da Rádio Tropical era apenas o início dos avanços no campo da radiodifusão que estavam por vir com o interesse militar cada vez maior de integrar a Amazônia pelas comunicações.

O primeiro passo para a criação de uma área de livre comércio no Amazonas foi o projeto de lei nº 3.173, de autoria do deputado federal amazonense, Francisco Pereira da Silva, em 1957. Mas foi apenas no governo do presidente Castelo Branco, que a Zona Franca de Manaus se tornaria uma realidade. O decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, estabelecia que:

[...] numa superfície mínima de 10.000 quilômetros, uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar, no interior da Amazônia, um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitissem seu desenvolvimento, em base dos fatores locais e da grande distância a que se encontram os centros consumidores de seus produtos (NOGUEIRA apud ANTONACCIO, 1995, p. 216).

Para fomentar o desenvolvimento regional a estratégia do governo militar foi a de substituir o antigo Banco de Crédito da Amazônia pelo recém-criado Banco da Amazônia para oferecer linhas de crédito àqueles que pretendiam investir. Já a SUDAM teria a incumbência de administrar os incentivos fiscais e o Fundo de Desenvolvimento da Amazônia, direcionando os recursos da renúncia fiscal para os projetos a serem desenvolvidos pela Zona Franca de Manaus.

Estes incrementos rapidamente mudaram o ânimo da população amazonense que logo percebeu o início de um novo ciclo econômico, com ênfase principalmente no comércio de mercadorias importadas, cujas vendas eram proibidas no Brasil. A

facilidade nas compras atraíram verdadeiras multidões a Manaus e isto passou a influenciar em todos os setores da sociedade local. O cenário também foi propício para os investimentos nas indústrias, criando as condições ideais para o surgimento da primeira emissora de televisão do Amazonas: a TV Ajuricaba.

Inaugurada no dia 5 de setembro de 1967, a emissora foi fruto do pioneirismo da família Hauache que supreendera em 1965, com a criação de uma das primeiras operadoras de TV a cabo do país, a TV Manauara, suprimindo apenas os imóveis de duas ruas e duas avenidas do centro de Manaus. Até então a capital do Amazonas, com cerca de 95 mil habitantes, já tinha dois mil aparelhos de televisão que recebiam o precário sinal do Canal 2 da RCTV, emissora de Caracas, na Venezuela, com muito chiado e péssimas imagens.

Na monografia sobre a produção do Núcleo Rede Amazonas para o Jornal Nacional, defendida no ano de 2003, Andrea Vale, entrevistou o jornalista Eduardo Monteiro de Paula que participou do primeiro teste feito pela TV Manauara num salão de uma casa na rua São Luiz, bairro Adrianópolis, na qual morava. Ele relembra alguns aspectos do programa que marcaria o início da televisão no Amazonas.

Eu tive o prazer de participar do programa teste [...], foram colocadas duas câmeras nesta sala, feita iluminação e colocados dois monitores na rua Belém, na rua para as pessoas que passavam (VALE, 2003, p. 12).

Eduardo Monteiro de Paula acrescenta que à época o canal era UHF e pouquíssimas pessoas tinham acesso, pois era uma TV a cabo, com programação regional (VALE, 2003). Mas com as dificuldades para manter a TV Manauara por problemas como o corte dos cabos provocados pelas linhas de papagaio revestidas de cerol (mistura feita de cola e vidro moído), além do interesse dos moradores para ampliar os cabos, o que era bastante dispendioso, a família Hauache decidiu entrar em uma licitação do governo federal para um canal de TV aberta, que começou a operar em 1967.

A TV Ajuricaba foi implantada e presidida pela jornalista Sadie Hauache, tornando-se a primeira televisão brasileira a operar em UHF no canal 38. A emissora manteve a programação da Rede Record, antes transmitida pela própria TV Manauara, que já fazia sucesso com a apresentação dos Festivais de Música

Popular Brasileira, além de séries brasileiras e americanas, shows de calouros e telejornais. Como ainda não havia a transmissão via satélite, a programação era gravada e chegava a Manaus por avião.

Neste cenário de integração regional, a comunicação foi uma das grandes aliadas dos governos militares e no dia primeiro de setembro de 1969, foi ao ar o Jornal Nacional, o primeiro telejornal em escala nacional exibido pela Rede Globo. Segundo Hilton Gomes, repórter e apresentador do Jornal Nacional, “[...] o telejornal surgia como um serviço de notícias integrando o Brasil novo” (apud MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.24). Integração que, no contexto brasileiro, além de desenhar novos cenários, configurava-se como instrumento de poder de grande alcance. Mas este momento histórico do jornalismo brasileiro não pode ser acompanhado pelos moradores do Amazonas, que só receberiam o sinal da TV Globo a partir de 1974, quando a TV Ajuricaba abdica do sinal da Rede Record para se tornar afiliada da emissora carioca.

Na perspectiva de ampliação do sinal e conquista de novos territórios, a Rede Globo já havia inaugurado em 1966, a TV Globo de São Paulo e, em 1968, a TV Globo de Belo Horizonte. Capitais que a partir de março de 1969, com a inauguração via Embratel de um *link* de microondas - seqüência de postos repetidores com torres, distantes quase 50 quilômetros um do outro que, por meio de uma antena captura o sinal do posto anterior, amplifica e envia para o seguinte -, no tronco sul passaram a manter sinal simultâneo entre Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Cronologicamente, ao longo das décadas de 1960 e 1970, a Rede Globo amplia sua área de atuação enviando o sinal para as primeiras afiliadas. Em 1967 em Uberlândia (Rede Integração), em Minas Gerais e Porto Alegre (TV RBS – Rede Brasil Sul) no Rio Grande do Sul. Em 1968, na cidade de Goiânia (TV Anhanguera), no estado de Goiás. Em 1971, em Brasília (TV Globo Brasília), no Distrito Federal e, em 1972 em Recife (TV Globo Nordeste), Pernambuco.

Em Manaus, a partir de 1970, a TV Ajuricaba mudaria a sua sintonia do canal 38 para o canal 20 em UHF. Nesta época a capital do Amazonas já tinha 250 mil habitantes e cerca de 8 mil televisores espalhados pela cidade, o que representava praticamente 5% da população com um aparelho de televisão instalado em casa. Mas o monopólio da única emissora do Amazonas é quebrado com a entrada no ar

da TV Baré no dia 2 de junho de 1971, afiliada à TV Tupi. Com isso os Diários Associados passaram a ser o único grupo de comunicação do Amazonas a ter um jornal impresso, uma emissora de rádio e agora a televisão.

CAPÍTULO III

3 HISTÓRIA DA REDE AMAZÔNICA

3.1 A FUNDAÇÃO DA EMISSORA

Pouco mais de um ano depois da TV Baré começar a operar, surge a TV Amazonas, terceira emissora do Estado inaugurada em Manaus, no dia 1º de setembro de 1972. Fruto da união dos jornalistas Phelippe Daou e Milton de Magalhães Cordeiro, além do publicitário Joaquim Margarido, a emissora foi pioneira no novo sistema em cores que o Brasil começava a implantar, sendo a primeira televisão do país que passou a operar com esta nova tecnologia.

A concessão do sinal para a Rádio TV do Amazonas Ltda foi publicada no Diário Oficial da União no dia 21 de maio de 1969, mas o início da amizade entre os dois jornalistas é dos tempos do colégio, conforme relatou Milton Cordeiro em entrevista concedida no dia 19 de junho de 2009.

Nós já nos conhecíamos das refregas estudantis. O Phelippe foi presidente da União dos Estudantes do Amazonas, que abrigava estudantes universitários e estudantes secundaristas. E eu era do grupo que fundou a União dos Estudantes Secundários do Amazonas. Era eu, o Aníbal Teixeira de Sousa, Vinícius Câmara, Hernane Marques e outros companheiros, o Delfim Filho, e fundamos a União dos Estudantes Secundários do Amazonas, e então, começamos a ter aquele relacionamento mais próximo. [...] Quando eu fui trabalhar em jornal, já o Phelippe ficou de olho na minha produção. E, realmente, houve uma oportunidade que ele me mandou um bilhete perguntando se eu gostaria de trabalhar no Diário da Tarde. [...] A proposta financeira também foi compensadora, aí eu me transferi sem criar inimigos no jornal onde eu trabalhava. [...] Depois a própria direção da Empresa Archer Pinto me convidou para fazer parte do grupo redacional de O Jornal. Então, eu era secretário do Diário da Tarde, que era uma função importante na redação. E aí passei a trabalhar também como repórter de O Jornal.

Além de atuar no jornalismo impresso, Phelippe e Milton se formaram como Bacharéis em Direito, sendo que Phelippe ingressou por concurso nos quadros do antigo IAPB (hoje integrado ao INSS) atuando como procurador nas delegacias de Manaus e São Paulo. Também foi o primeiro representante das classes empresariais do Amazonas no Conselho de Administração da Suframa (BAZE, 2002, p. 30) –

Superintendência da Zona Franca de Manaus. No final da década de 1960, eles conhecem Joaquim Margarido, que atuava em São Paulo como publicitário e decidem mudar de atividade ao fundar a agência Amazonas Publicidade. Milton Cordeiro recorda como começou esta parceria.

Com o surgimento da Zona Franca, o Phelippe vislumbrou que Manaus poderia ser um pólo realmente de desenvolvimento. E nós pensamos. Como em Manaus não havia, praticamente, agência de propaganda, era tudo empiricamente feito na cidade, os reclames, os anúncios. O Joaquim Margarido já era amigo nosso por que ele trabalhava numa empresa que prestava serviço de corretagem de anúncios no sul do país, que era a AS Lara, antes de Pereira de Sousa. E aí já vinha a amizade, e propusemos ao Joaquim a possibilidade de fundar a agência com o suporte do escritório no Rio ou em São Paulo. [...] E aí nós fundamos a Amazonas Publicidade. Nós começamos a coletar com as empresas os comerciais daqui o que era interessante, e começamos a mandar para São Paulo. Então, vinham os anúncios prontos prá gente divulgar (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

O sucesso no negócio logo levaria Phelippe, Milton e Joaquim a um novo empreendimento. Em meados de 1968, o governo federal lança um edital para a concessão de dois canais de televisão em Manaus, oportunidade que Phelippe decide encarar junto com os parceiros da empresa de publicidade diante das boas perspectivas que começavam a mudar o cenário econômico do Amazonas. Dinheiro praticamente não havia para tal empreitada, mas a proposta deles é aceita e começava ali a se formar o embrião de uma das maiores redes de comunicação da região Norte.

Para o historiador Abrahim Baze, a visão de futuro do jornalista Phelippe Daou foi fundamental para o surgimento do que seria depois a Rede Amazônica.

O doutor Phelippe [...] descobre essa necessidade do governo federal e se lança a montar uma emissora de televisão. [...] Eram pessoas de classe média, mas que não tinham recursos para montar uma emissora de televisão que naquela época já tinha um contexto econômico muito alto. A Rede Amazônica surgiu de um empréstimo de 350 mil dólares no London Bank. E engraçado, a televisão já existia nas grandes capitais, em preto e branco. Nesse período a televisão começa a ter a forma do colorido. E quando eles voltam ao banco, o banco diz: “nós não vamos mais financiar televisão para vocês, porque o projeto de vocês é para uma televisão preto e branca”. E aí, eu me recordo muito bem, o doutor Phelippe, diz num dos seus depoimentos: “como eu vou pagar a televisão, uma televisão colorida se eu estou com dificuldades de assumir um compromisso com a televisão preto e branca”? E aí, o

gerente do banco disse: “Não, nós cobrimos a diferença, mas queremos uma televisão colorida”. Claro, que aquilo foi uma jogada de preservação do capital que o banco estava emprestando, porque se o financiamento viesse para uma televisão preto e branco, e por acaso, esse grupo tropeçasse nos pagamentos, eles iam ter de assumir uma televisão que já não era mais um contexto importante, era defasada. Então, a insistência de fazer colorido veio a partir daí, era garantir o capital que estava sendo emprestado (Entrevista concedida em 22 de junho de 2009).

Milton Cordeiro relembra que Robert Daou, primo de Phelippe Daou, foi um importante parceiro nos primórdios da nova empresa, porém logo se afastou. A possibilidade de fazer um jornalismo mais ágil e agora em cores, levou os empreendedores abandonarem a idéia de aposentadoria conforme relatou Phelippe Daou.

[...] quando a gente saía daqui, que viajava via a imagem. Era a forma de fazer jornalismo mais instantânea possível. Ali era vapt-vupt. Você dizia e o leitor tomava conhecimento do fato. E aquilo prá quem já [...] vinha de uma jornada de trinta e dois anos de jornalismo, de imprensa impressa. E que a gente já estava até cuidando de aposentar, por que naquele tempo o jornalista se aposentava com base em uma lei com 25 anos de trabalho. Nós começamos a pensar nisso. Porque nós não vamos em uma atividade mais forte? [...] A gente pretendia [...] fazer uma televisão regional. Regional por quê? Porque ela seria daqui, mas mostraria as coisas da região para o Brasil. [...] A Amazônia sempre ficava prá depois, embora sempre foi motivo de realce na boca dos nossos governantes federais. [...] Mas era só papo furado, porque na realidade as coisas não se realizavam como a gente entendia que deveria ser. Nós deveríamos aproveitar toda esta imensidão, vamos dizer, florística, da cor verde que integra também a bandeira do Brasil, para que a gente construísse aqui uma civilização, eu não digo diferente, mas aprimorada e condizente com os anseios da região (Entrevista concedida em 9 de julho de 2009).

Definido o processo de licitação, no primeiro semestre de 1970 houve a outorga do canal, sendo definido um prazo de dois anos para o início das operações da nova emissora. As obras se concentraram na avenida Carvalho Leal, 1270, no bairro Cachoeirinha, em um terreno cedido por Robert Daou, enquanto as estruturas de transmissão foram instaladas na avenida André Araujo, 1555, local da atual sede da TV Amazonas no bairro do Aleixo, em Manaus. Baze conta em sua obra sobre a história da Rede Amazônica que no dia 10 de agosto de 1972, o sinal do canal 5 foi ao ar pela primeira vez em fase experimental.

Os equipamentos foram integralmente adquiridos da RCA Corporation, tais como: câmeras, telecine, ilhas de edição e transmissor. Vale a pena ressaltar um importante detalhe histórico, a Rádio TV do Amazonas constituiu-se, na época, como a primeira emissora de televisão do Brasil. Integralmente projetada para operar em cores, tendo a RCA Corporation concordado em alterar o projeto original de seus equipamentos, adaptando-os desta forma ao sistema PAL-M (BAZE, 2002, p. 52).

No primeiro dia da semana que abria as comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil, nascia oficialmente a Rádio TV do Amazonas Ltda, que foi abençoada pelo então arcebispo de Manaus, dom João de Souza Lima. Dezenas de autoridades e várias pessoas de destaque da comunidade local participaram da cerimônia. A fita simbólica que marcou o início das atividades da emissora foi descerrada pelo prefeito de Manaus na época, Paulo Pinto Nery, e pela matriarca da família Daou, dona Nazira Chamma Daou.

O lema escolhido pelo jornalista Phelippe Daou para nortear os rumos da empresa, foi inspirado em uma frase do então presidente da república, general Emílio Garrastazu Médici: “Amazonia, desafio que unidos venceremos”. Em seu discurso de inauguração Phelippe Daou já destacava quais seriam os princípios que balizariam aquela iniciativa:

Não estamos inaugurando apenas mais uma emissora de televisão. A Televisão do Amazonas, canal cinco, não é, no gênero, uma entidade a mais. A TV Amazonas é mais que uma simples empresa de televisão, é, antes e acima de tudo, um ideal. Um sublime ideal de quem está ligado às lutas pelo desenvolvimento do Amazonas. [...] O que iremos proporcionar ao público, ele mesmo será testemunha de que tudo faremos para oferecer uma Televisão condizente com os nossos padrões de desenvolvimento. Não a restringiremos ao setor do entretenimento. Sonhamos e lutaremos por uma Televisão recreativa, informativa, esportiva e cultural, procurando mostrar sempre mais a nossa região, para que todos possam avaliar a verdadeira revolução desenvolvimentista que aqui se realiza (BAZE, 2002, p. 56).

Apesar de contar com os equipamentos importados da RCA, desde o projeto técnico de Renê Xavier dos Santos, até o projeto arquitetônico de Mário Severiano Porto, executado pelo engenheiro Arnaldo Gomes, toda estrutura inicial da emissora foi desenvolvida por amazonenses. A primeira torre metálica erguida no bairro do Aleixo, foi projetada e produzida pela metalúrgica Santo Antônio, dirigida pelo engenheiro Pedro de Queiroz Sampaio. E todo sistema de ar-condicionado seria executado por Carlos Moraes, outro profissional local.

A TV Amazonas foi ao ar basicamente com transmissões feitas ao vivo. Conforme relato de Baze (2002), havia também o apoio de programas da Fundação Padre Anchieta, da TVE do Rio de Janeiro e da TV Record, além de filmes e desenhos adquiridos junto a Colúmbia, 20th Century Fox, MGM e UA. Pouco depois a emissora passa a ser afiliada à Rede Bandeirantes, de São Paulo.

Outra característica desde os primeiros momentos de funcionamento é a valorização de produtos locais tanto de entretenimento quanto de jornalismo. Milton Cordeiro lembra que o Jornal do Amazonas, por exemplo, até hoje o principal telejornal da emissora, teve a sua primeira edição logo no dia da inauguração do canal. Outras produções da época seriam o Encontro com o Povo, A Hora do Povo, Amazonas em Revista, Sociedade e Portugal sem Passaporte.

Eventos em locais públicos também atraíram multidões como a Chegada do Papai Noel, Coelhoinho da Páscoa, Dia dos Namorados, Dia das Crianças, Festival de Rua e as tradicionais Corridas Ciclística e Pedestre Henrique e Aguinaldo Archer Pinto. Apesar da estrutura tecnológica e das boas instalações, Phelippe Daou conta que o início foi difícil diante da concorrência que já se acirrava e exigiu esforço e a criatividade tanto dos donos como dos funcionários.

Os Associados resolveram inaugurar a TV Baré antes de nós. [...] Se o meio já era pequeno para sustentar a Ajuricaba, que naquela altura também já tinha as benditas novelas, imagine os Associados que também faziam novela. [...] Era a grande Rede, que tinha também todo esse aparelhamento e que mandava prá cá. E nós o quê que tínhamos? Só tínhamos clínica geral. Prá você ter uma idéia, prá gente fazer a expressão do nosso sentimento [...] não se conhecia uma televisão que abria às 7 horas da manhã, fazer 12 horas de programação ao vivo. Ao vivo, porque você não tinha programação. Então, presidente de sindicato, presidente de associação, chegou na televisão ele era entrevistado. E todo mundo falou. Então, nós começamos a fazer uma clínica geral através da televisão educativa do Rio de Janeiro, que tinha uma programação, não só também educacional, mas também tinha algumas coisas. E depois a Bandeirantes começou a fazer um show por mês, e nós nos filiamos à Bandeirantes naquilo que ela produzia. E foi assim a nossa vida (Entrevista concedida em 9 de julho de 2009).

Apesar do isolamento da região, que dificultava a integração das emissoras de televisão da Amazônia com o Sudeste brasileiro, onde se concentravam os grandes grupos de comunicação, o governo militar buscava novas tecnologias para diminuir essas distâncias. E no dia 27 outubro de 1972, Manaus ganharia um importante apoio estratégico para a radiodifusão com a chegada da Embratel –

Empresa Brasileira de Telecomunicações. Criado no final da década de 1960, o órgão foi um dos principais responsáveis pelo uso do satélite e permitiu que os telespectadores brasileiros assistissem ao vivo em suas residências a chegada do Homem à Lua em 1969. Um ano depois, foi também por meio da transmissão via satélite que o Brasil acompanharia a primeira Copa do Mundo ao vivo e a conquista do tri-campeonato mundial pela seleção canarinho no México.

A inauguração da Embratel no Amazonas contou com a presença do ministro das comunicações da época, Hygino Corseti, que havia sido responsável pela concessão do canal 5 à TV Amazonas. Naquela ocasião ele teve a oportunidade de conhecer a nova emissora e foi homenageado com o plantio de um pinheiro, árvore natural de sua terra natal, o Rio Grande do Sul, que se tornaria um símbolo para marcar a inauguração de cada emissora da Rede Amazônica. A chegada do satélite com a Embratel representou o primeiro passo importante para o desenvolvimento da televisão no Amazonas, mas esta ferramenta só seria mesmo incorporada ao dia-a-dia desta atividade nos anos 1980 com a entrada em atividade do primeiro satélite brasileiro, o Brasil Sat.

Enquanto a televisão ainda se estabelecia em Manaus, uma das maiores dificuldades era conseguir mão de obra. Os primeiros profissionais que ajudaram no desenvolvimento deste veículo vieram basicamente do rádio, assim como ocorrera nos grandes centros vinte anos atrás. Tanto no setor técnico, como no jornalismo e nos demais, foram os profissionais da radiodifusão que começaram a construir esta nova história dando um formato próprio à televisão amazonense.

Outro desafio se deu no campo comercial, já que três emissoras que há pouco tempo não existiam, agora brigavam por uma fatia publicitária junto com quatro emissoras de rádio e vários jornais impressos. Para o jornalista Phelippe Daou a melhor alternativa de sobrevivência foi buscar novos mercados e aos poucos as oportunidades foram surgindo como descreve Milton Cordeiro.

A medida que o Ministério das Comunicações abria o edital para concorrência, nós nos habilitávamos. É aquele arrojo da juventude, de moço e com esperança na Amazônia, na grandeza da região. Então, você se lembra que a nossa primeira placa quando nós inauguramos era “Amazônia, desafio que unidos venceremos”. Aquela frase do presidente Médice. E o Phelippe aceitou aquele desafio e deslançou o processo de ligar toda a Amazônia pela televisão, formando a Rede Amazônica (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

O historiador Abraham Baze descreve que um dos fatores que permitiu a formação de uma rede foi que a TV Amazonas introduziu no Brasil os aparelhos videocassetes no formato U-Matic, recém lançados pela Sony no mercado internacional e que chegaram a Manaus graças às facilidades de importação encontradas com a Zona Franca. Mesmo assim havia a desconfiança do próprio Ministério das Comunicações quanto ao interesse da empresa às novas concessões. Mas fatores como a aproximação da Copa do Mundo de 1974 e a visão empreendedora de Phelippe Daou ajudaram na viabilização de duas novas emissoras no então território de Rondônia.

Folêgo não havia. Eles estavam completamente endividados com 350 mil dólares para montar uma televisão em Manaus. Mas havia coragem, havia o crédito. Na realidade, o governo federal quando dotou Manaus, a TV Amazonas, o projeto não era só Manaus, era a Amazônia. [...] Nesse período, aconteciam os jogos do Brasil, a Copa de 74, então, isso também fazia com que o governo tivesse o interesse em ter a televisão e levar o sinal. Dessa forma, eles aproveitaram essa vontade do governo e se proporem. Aliás, tem um depoimento do doutor Phelippe e ele diz o seguinte: quando ele se candidatou à segunda emissora de televisão, o ministro não acreditou muito, achava que ele estava se candidatando para o segundo projeto e que mais tarde venderia aquilo para um outro grupo e chega a duvidar. E ele percebeu essa dúvida com diálogo com o ministro e disse: “ministro, o tempo dirá se nós somos capazes ou não”. E aí surge a TV Rondônia, e tem outro depoimento interessante, pois fazer televisão, não é só montar estúdio, fazer um prédio, comprar equipamentos. Fazer televisão é vender televisão para pagar televisão. E me recordo que o doutor Phelippe visitou todos os comerciantes de Porto Velho de porta em porta pedindo ajuda para que eles colocassem seus comerciais na televisão dele, para que ele pudesse pagar a televisão, para que aquela realidade não fosse perdida (Entrevista concedida em 22 de junho).

A expansão para Rondônia também representaria o início de uma parceria fundamental com a Rede Globo, apesar da TV Amazonas ser uma afiliada da Rede Bandeirantes. Phelippe Daou relembra que muita gente duvidou do sucesso daquela investida.

Nós começamos a desbravar outras fronteiras para fazer o equilíbrio. Que aí o pessoal achava que era um suicídio, mas era pelo menos um suicídio empresarial consciente. Podia ser que não fosse assim. E graças a Deus não foi. Por quê? Porque ali com as outras surgindo devagar nós tivemos aproximação com a Globo. [...] a gente sabia muito bem proteger os interesses e os direitos daqueles que negociavam com os nossos próprios clientes. E a

gente saberia que as pessoas que iriam fazer acento lá na Globo e que fariam acento na TV Bandeirantes, não revelariam, com toda certeza, as estratégias de um para o outro. Porque eles teriam condições de saber disso muitíssimo antes de nós. Então não precisava a gente fazer essa profissão de fé. E realmente, a gente manteve o critério de Manaus é Bandeirantes, mas a Globo será nos outros Estados, que ainda eram Territórios. Aí eles se transformaram em Estados e pronto (Entrevista concedida em 9 de julho).

O território de Rondônia fora criado pelo decreto-lei 56.812 em 13 de setembro de 1943, em terras desmembradas do estado de Mato Grosso, recebendo inicialmente o nome de Território Federal de Guaporé. Em homenagem ao Marechal Cândido Mariano Rondon, que interligou aquela região ao restante do país com o telégrafo, o território passou a se chamar Rondônia em 1956. Dezoito anos depois, por coincidência ou obra do destino, exatamente no dia 13 de setembro de 1974, era implantada a primeira emissora de televisão de Rondônia (BAZE, 2002, p. 137).

O edital para o recebimento de proposta para exploração do serviço de radiodifusão em Porto Velho, do Ministério das Comunicações, foi publicado na edição do Diário Oficial da União do dia 23 de julho de 1972. A Rádio TV do Amazonas Ltda participa e vence o processo de licitação homologado no dia 8 de junho de 1973, em Brasília, ocasião que também garante a concessão de explorar comercialmente uma nova emissora de televisão em Rio Branco, no Acre. Em seu discurso proferido na audiência com o ministro das comunicações, Hygino Corseti, em Brasília, o presidente da TV Amazônica, Phelippe Daou, já anunciava a intenção de criar uma rede de emissoras na Amazônia Ocidental.

Instalada a TV Amazonas em Manaus, participamos das concorrências para os Canais de Televisão de Porto Velho, Rondônia e Rio Branco, Acre, e estaremos presentes na de Boa Vista, Roraima, quando for aberta, porque entendemos que há necessidade da montagem da Rede de Televisão da Amazônia Ocidental não apenas para que os brasileiros dos pontos mais distantes tenham, nesse veículo, o poderoso instrumento de informação e modificação para o trabalho e desenvolvimento do outro Brasil, como e, principalmente, para poder fazer chegar às fronteiras da Venezuela, da República da Guiana, da Bolívia e do Peru, a nossa mensagem de amizade sincera, de trabalho pela grandeza do nosso país, de vontade que os nossos vizinhos cresçam conosco, num clima de paz, de ordem e progresso (BAZE, 2002, p. 146).

A Copa do Mundo de 1974, disputada na Alemanha, teve início no mês de junho e apesar de ainda não ter sido inaugurada, a TV Rondônia transmitiria em cores as partidas, autorizada precariamente pelo Ministério das Comunicações. Na ocasião de seu discurso em 13 de setembro de 74, quando efetivamente a emissora foi ao ar, Phelippe Daou destacou a cooperação que a emissora teve para que os jogos da Copa fossem vistos nos televisores dos rondonienses, dos ministros Euclides Quandt de Oliveira e Maurício Rangel, do então governador de Rondônia, Marques Henriques, além do diretor técnico da Rede Globo, coronel Wilson Brito, que cedeu um transmissor à TV Rondônia para viabilizar a apresentação dos jogos gravados.

Também em seu discurso, Phelippe Daou já destacava que esta ação era o passo inicial para a criação definitiva da Rede Amazônica, que além do Acre e Roraima, também pretendia chegar ao Amapá. Uma das curiosidades é que neste mesmo dia havia sido inaugurada antes de Porto Velho, a primeira emissora no interior de Rondônia em Guajará-Mirim, na época a segunda maior cidade daquele território. O presidente da Rede Amazônica descreveu a visão que tinha destes lugares quando a televisão começou a se expandir pela Amazônia.

Era tudo muito pequeno, era tudo muito acanhado. Rio Branco, então, era provavelmente o de aspecto mais triste. [...] E o Amapá, ele tinha alguma influência do Pará, mas muito assim como um interiorzão. Um interiorzão pequeno. E muita gente disputando [...] Tivemos que enfrentar algumas concorrências grandes. Mas também as autoridades, a partir daí já começaram a vir prá Manaus, já começaram a vir prá região e viram que tudo que foi prometido, foi feito. Embora, as coisas que eles ficavam até surpresos por que eram coisas tão pequeninhas, tão acanhadas que eles diziam isso é como se fossem televisões amadoras que fossem começar, mas começaram. Por que no Acre, nós começamos com um videocassete na torre da catedral, que [...] ainda está lá. A gente levantou uma antena e passamos a Copa. Como é que passamos a Copa? Pegávamos aqui o videocassete que chegava em Manaus, que também nessa Copa ainda não havia o satélite e nós levávamos de avião prá lá e o pessoal colocava e o povo se deslumbrava. Três, quatro dias depois [...] eles viam lá no Acre (Entrevista concedida em 9 de julho de 2009).

Do mesmo modo que em Rondônia, a TV Acre foi ao ar pela primeira vez em junho de 1974, para que a população de Rio Branco pudesse acompanhar os jogos da Copa do Mundo da Alemanha. O edital para a concessão do canal foi publicado no dia 17 de agosto de 1973 e a outorga para a Rádio TV do Amazonas é publicada

no Diário Oficial da União no dia 24 de abril de 1974. Quando começa a operar após a inauguração no dia 16 de outubro de 74, a TV Acre nasce como afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão, só tornando-se afiliada da Rede Globo no início da década de 1980.

Para a TV Acre ir ao ar no dia 16 de outubro de 1974, conforme destacou o presidente da Rede Amazônica, Phelippe Daou, foi fundamental o apoio da igreja católica em Rio Branco, cujo bispo dom Moacy Grecchi, permitiu que fosse instalada, provisoriamente, a antena da nova emissora (BAZE, 2002, p. 219), na torre da catedral que tinha uma posição estratégica. Ainda sem poder contar com uma programação ao vivo exibida via satélite, foi fundamental nos primeiros anos da emissora um intenso tráfego de fitas entre a TV Acre, a TV Amazonas e a Rede Bandeirantes em São Paulo.

Outro trabalho importante para o funcionamento destas novas emissoras foram as parcerias tanto com os governos como com as comunidades. Milton Cordeiro destaca as dificuldades que havia principalmente para a definição dos profissionais que comandariam o trabalho em Rondônia e no Acre.

Nós começamos a procurar nas cidades pessoas com quem nós pudéssemos nos relacionar e pessoas que nos orientassem também, localmente. Porque, para nós era coisa difícil, nós não conhecíamos. Então, as pessoas também acreditaram na gente e proporcionaram aqueles apoios necessários prá gente montar em cada cidade a sua emissora de televisão. Os próprios governadores dos estados manifestaram desejo. Disseram: “É bem vinda”. E sabiam que nós já íamos começar lá com a Rede Globo. Por que Manaus nós começamos com veiculações com a TV Cultura de São Paulo e depois nós veiculamos a Bandeirantes durante longos anos. Tivemos um bom relacionamento com a Rede Bandeirantes, uma fraternidade, uma afinidade e uma amizade muito fraterna com a família Saad (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

Um dos principais parceiros para o início das atividades na TV Rondônia, foi o jornalista Ulisses Paes de Azevedo Filho, primeiro diretor da emissora. Apesar de ser de origem manauense e ter ajudado no projeto de implantação da TV Amazonas, e posteriormente das outras três emissoras, Ulisses acompanhou o começo da TV em Porto Velho, que nos primeiros tempos só entrava no ar por volta das 18h00. Baze (2002) descreve que a televisão logo se transformou numa atração de entretenimento para os moradores da cidade e um dos momentos mais marcantes

foi a exibição da novela Meu Pedacinho de Chão, produzida pela TV Educativa, que acabaria se transformando no nome de um bairro da capital de Rondônia.

No Acre outro colaborador fundamental no começo da emissora foi Tufic Assmar, também o primeiro diretor da TV Acre e homem de confiança de Phelippe Daou. Desde a exibição dos jogos da Copa do Mundo em junho de 1974, ele ajudara a difundir o novo veículo levando para uma praça pública dois aparelhos de televisão na esplanada do Palácio Rio Branco, onde o público pode acompanhar os jogos do Brasil.

Outro desafio foi manter uma programação integralmente gravada no ar nos quatro primeiros anos. A TV Acre tinha cerca de trezentas fitas em trânsito para exibir os principais programas quase sempre com um dia de atraso, devido ao tempo de transporte dessas fitas, que eram enviadas de São Paulo e Manaus, e depois de apresentadas devolvidas para os seus destinos. O historiador Abraham Baze destaca que a chegada da televisão em lugares como Porto Velho e Rio Branco, despertou um sentimento de cidadania em muitos moradores.

Recordo muito uma passagem, ainda com relação a Rondônia, a inauguração pública, a comunidade foi convidada e uma senhora de aproximadamente 70 anos [...] disse: “agora nós somos cidadãos”. A televisão quando chegou, ela ofereceu dignidade, não trouxe só a oportunidade de entreter ou de oferecer formas comerciais. Ela trouxe dignidade àquela sociedade, porque além do novo, era uma forma de ter esse embate com o crescimento. [...] E naquele período, ela representou para Rondônia, o desenvolvimento de Rondônia e, engraçado, que esse desenvolvimento evoluiu para a Amazônia toda (Entrevista a em 22 de junho de 2009).

A aproximação com outros países fez com que os moradores de Boa Vista tivessem os primeiros contatos com a televisão bem antes da chegada da primeira emissora. Já em 1970 muitas pessoas tinham aparelhos de TV em suas residências captando sinais de emissoras do estado do Pará, da Venezuela e até porto-riquenhas. Isso permitiu que muita gente assistisse aos jogos da Copa do Mundo do México e comemorassem com uma grande festa a vitória do Brasil sobre a Itália na decisão daquele mundial.

Mas a primeira experiência efetiva da cidade de Boa Vista com a televisão verificou-se a 29 de dezembro de 1973, quando a equipe do programa da Rede Globo, Amaral Neto O Repórter, iniciou as gravações de um documentário sobre Roraima (BAZE, 2002). Foram colhidas imagens de um desfile de motociclistas que

passavam pelo Centro Cívico, além de aspectos do Monte Roraima, da Pedra Pintada e do Vale do Parimé, que acabaram atraindo pessoas de todo país ao território, diante da audiência que tinha o programa.

No dia 21 de setembro daquele ano era lançado no Diário Oficial da União o edital de licitação para a instalação da primeira emissora de televisão de Boa Vista. Mais uma vez a Rádio TV do Amazonas participou e venceu a concorrência pública, cuja outorga foi publicada no dia 16 de outubro de 1974. E assim como ocorrera em Porto Velho e Rio Branco, antes mesmo de ser inaugurada a TV Roraima iria ao ar ainda em fase experimental para transmitir aos jogos da Copa do Mundo da Alemanha.

Era o dia treze de junho de 1974, às sete horas da noite, uma quinta-feira. A cidade de Boa Vista vive sua maior expectativa. Em centenas de lares, famílias e vizinhos se aglomeram diante do televisor. Em dado momento, os mais curiosos chamam a atenção, pela primeira vez no vídeo, para a logomarca da TV Roraima no ar. [...] Em menos de trinta dias, o impossível tornou-se realidade. Em apenas dois dias, a torre era erguida, os técnicos conseguiram montar todo sistema, incluindo treinamento aos profissionais selecionados para sua operação (BAZE, 2002, p. 257).

Em Boa Vista, a paixão pelo futebol dos roraimenses também renderia histórias curiosas. O atual vice-presidente de tecnologia da Rede Amazônica, Nivelle Daou Júnior, lembra com humor de um problema técnico que ocorreu durante a Copa do Mundo de 74, quando um funcionário da emissora foi impedido de retornar a Manaus.

Por não ter satélite ainda, os jogos eram passados via fita. E, numa dessas cidades, mas especificamente Boa Vista, deu uma pane no transmissor. Mandamos um técnico urgente para lá, o técnico colocou o transmissor no ar, arrumou e foi pro aeroporto para voltar. Quando então, o governador disse: 'onde está o técnico, está no aeroporto?' Ele mandou a polícia ir pegar o técnico e falou: 'você só sai daqui agora quando acabar a Copa, para garantir que nossa cidade possa assistir todos os jogos' (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Com o fim da Copa do Mundo, Boa Vista voltou a ficar sem televisão. Para implantar a nova emissora a Rede Amazônica iria adquirir um prédio que pertencia ao governo do então território de Roraima, no dia 15 de dezembro de 74 e realiza reformas internas, também passando a operar do canal 2 para o 4. A TV Roraima

começaria a funcionar experimentalmente no dia 22 de dezembro daquele ano, sendo inaugurada no dia 29 de janeiro de 1975.

A cerimônia contou com as presenças do governador na época, Fernando Ramos Pereira, grande incentivador para a instalação da emissora desde que assumira o governo do Território em abril de 74, além do ministro das comunicações, Maurício Rangel Reis, do empresário Jorge Eddo, presidente da empresa Maxwell que fornecera os equipamentos, e do primeiro diretor da TV Roraima, Laucides Oliveira.

Cinco dias antes da inauguração da TV Roraima, porém, a Rádio TV Amazonas Ltda também iniciava as operações da TV Amapá, quinta emissora da empresa que consolidava a Rede Amazônica. O jornalista Phelippe Daou revela que a decisão de instalar a última emissora da primeira rede de televisão da Amazônia ficou entre as concessões que estavam abertas para emissoras no Pará e no Amapá.

Quando chegou a vez do Amapá, [...] já se pensava em decidir o processo do Pará. E o que aconteceu foi que nós fomos consultados: “qual estação ou qual concorrência nós renunciávamos?” Pois, nós dissemos, nós vamos renunciar Belém. Porque nessa altura nós só tínhamos um lugar. O ministro Quandt de Oliveira, no Acre, prá surpresa de todos nós, ele anunciou o que nós nem tínhamos ouvido falar quem seria o vencedor da concorrência do Acre, nem de Roraima. Ele disse: “Eu quero dar uma notícia para os empreendedores”, que segundo a gente veio saber, ele não acreditava que ele ia encontrar televisão nenhuma no Acre e encontrou. E aí ele aproveitou prá dizer: “Eu quero dizer que eles foram contemplados com mais duas concessões”. A de Roraima e o Acre, né? Então, nós dissemos já que o ministro dá essa demonstração de que realmente a coisa vai, vamos então, ficar por aqui. “E eu disse para o pessoal do ministério: Olha, nós vamos querer o Amapá” (Entrevista concedida em 9 de julho de 2009).

O estado do Pará foi o primeiro da região Norte a ter uma emissora de televisão. No dia 30 de setembro de 1961, os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, inauguravam a TV Marajoara, canal 2. Em 1967 entrara em operação a TV Guajará, segunda emissora no estado. Segundo o historiador Abrahim Baze a opção de Phelippe Daou pelo Amapá tinha uma explicação bastante simples.

[...] ele escolheu o Amapá porque o Amapá não tinha emissora de televisão. Da mesma forma que ele foi pioneiro, em Porto Velho, no Acre, em Boa Vista, ele queria chegar ao Amapá como pioneiro.

Então, ele achava que colocar em Belém era mais uma. E no Amapá, ele ia dar um passo lá porque ia propiciar àquela população a ter uma emissora de televisão. A escolha foi decidida assim: Eu vou pra cá que aqui não tem, o povo daqui precisa mais de mim do que o povo de Belém que já tem uma emissora de televisão (Entrevista concedida em 22 de junho de 2009).

Assim como ocorrera em Porto Velho, as TVs Roraima e Amapá começaram como afiliadas à Rede Globo e o final daquele processo era uma demonstração de agilidade para formar uma das maiores redes regionais de televisão do país. No discurso que fez no dia 25 de janeiro de 1975, por ocasião da inauguração da TV Amapá, o presidente da Rede Amazônica explicou os motivos da rapidez.

Como vêem, num período de quatro meses, foram postas a funcionar quatro estações de televisão, exceto que modestas e simples, mas estações geradoras decentes e condizentes com a realidade regional. Agimos com muita pressa, lavramos com o apoio e o estímulo do ministério das Comunicações todos os recordes do setor, numa região que sempre foi desafio à Nação Brasileira. É que preferimos arcar com os ônus dos erros impostos pela pressa, pois a pressa é inimiga da perfeição, do que perder tempo precioso na busca da perfeição para o nosso empreendimento, pois o tempo é irrecuperável e o perfeccionismo não é bom amigo do desenvolvimento acelerado (BAZE, 2002, p. 287).

Constituídas as cinco emissoras a Rede Amazônica daria início ao processo de interiorização. Uma nova empreitada começava para a instalação de estações retransmissoras que permitiriam agora o acesso à televisão das populações no interior dos cinco estados. Por já possuir boas estradas, Rondônia foi um dos primeiros estados contemplados. Além da TV Guajará-Mirim que foi inaugurada no dia 13 setembro de 1974, mesma data da TV Rondônia, logo seriam criadas as TVs Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, que ficavam nas cidades mais populosas do interior daquele Estado.

No Amazonas também são instaladas minigeradoras nas principais cidades como Itacoatiara, Parintins, Manacapuru, Tefé e Tabatinga. Este rápido crescimento exigia um esforço cada vez maior da matriz, responsável por abastecer uma programação diária dividida entre afiliadas da Rede Bandeirantes e da Rede Globo.

3.2 A EXPANSÃO DA REDE

É nesta fase que a direção da Rádio TV Amazonas Ltda ganharia dois novos integrantes. O engenheiro químico Aluísio Daou, que atuara no Rio de Janeiro e em Manaus como funcionário da Petrobrás, é convocado pelo irmão Phelippe Daou, para assumir a TV Rondônia, em Porto Velho, que perdera o então diretor Ulisses Paes de Azevedo Filho, afastado por problemas de saúde. E para assumir a área técnica da emissora, Phelippe convidaria o sobrinho Nivelle Daou Junior, que atuava como engenheiro eletrônico em São Paulo.

Aluísio conta que a TV Rondônia havia feito um trabalho fundamental para o então Território ser transformado Estado, mas a estrutura ainda era bastante rudimentar. As estradas abertas pelo primeiro governador Jorge Teixeira, eram de barro puro. Para estimular o desenvolvimento o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – implantou diversos assentamentos que atraíram pessoas de todos os pontos do país, mas quase não havia infra-estrutura. Na televisão os desafios também eram constantes e a conquista do interior demandou sacrifícios em vários aspectos.

Entre Ji-Paraná e Cacoal, tinha um morro, chamado morro do Muqui que tinham mil degraus. Lá em cima, tinha uma repetidora que a gente mandava prá Ji-Paraná, mandava prá Cacoal, uma parte da cidade de Presidente Médici. A gente subia 8 horas, deixava até meio dia porque a gente não agüentava mil degraus para fazer as manutenções lá em cima. E Cacoal era subordinado a Ji-Paraná, era o mesmo sinal que a gente puxava de Ji-Parana para mandar prá Cacoal. E isso foi um trabalho muito grande e isso foi crescendo, as estações ampliando. [...] Chegaram a fazer crítica por uma cidade que não tinha sinal e eu cheguei lá. Ao chegar, percebi que tinham roubado o transmissor, a estação não tinha sinal porque tinham roubado a transmissão. Prá que servia o transmissor prá esses caras, não sei (Entrevista concedida em 4 de julho de 2009).

Nivelle Daou Junior também destaca que desde o início foi fundamental uma ação integrada da engenharia para manter a programação das emissoras. Ele descreveu que foi necessária criar uma estrutura dentro da TV Amazonas para a reprodução em série de programas que eram enviados de São Paulo e do Rio de Janeiro, ou mesmo feitos em Manaus, para atender à demanda da rede.

Nossa rede, ela funcionava basicamente com fitas. Não tinha na época satélite. [...] A selva em si não permite comunicação por microondas porque os pontos que são ideais, do ponto de vista técnico, eles não são urbanizados. Então, é muito difícil você colocar uma torre, você colocar uma retransmissora, colocar energia em pontos absolutamente não urbanizados. Então, a própria selva não permite que você faça a custos toleráveis, um link de microondas e como não existia satélite nossa rede funcionava a base de fita. Nós tínhamos, na época, uma central de gravação com mais de sete mil fitas. Nós tínhamos que reproduzir essas fitas. Então, saía como se fosse uma fornada. Saía trinta gravações simultâneas. Cada vt gravando em uma fita e nós tínhamos uma central muito grande de gravação, com apoio da Sony. [...] Era um único controle para ejetar todas as fitas. Depois elas eram calçadas uma a uma. Na hora de gravar era um botão só, para todas as trinta máquinas começarem a gravar ao mesmo tempo. [...] E as fitas iam de avião, iam de barco, iam de ônibus, iam do meio que tivesse de chegar. Então, por exemplo, o Fantástico passava com uma ou duas semanas de atraso. O Jornal Nacional, no mínimo três dias. [...] A Amazônia vivia defasada do resto do país (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Para manter esta programação gravada foi fundamental a produção de diversos programas em Manaus. E um dos primeiros deles, voltado para o público infantil, foi O Mundo das Crianças, criado por João Barbosa, mais conhecido como Titio Barbosa. Convidado por Phelippe Daou para fazer parte dos quadros da Rede Amazônica, ele trouxe para a emissora os filhos Flávio Almério e Sandra Marília, que juntamente com Hélio Souto, chegaram a fazer mais de duzentos programas (BAZE, 2002, p. 85). Sua filha também apresentava ao vivo nos sábados o programa Viva Marília. Este grupo seria responsável ainda pela produção da novela Sonhos de Popi, dirigida por Rosivaldo Ferreira.

Outra marca característica foram os programas esportivos. Logo no começo da TV Amazonas, o ex-jogador Orlando Rebelo e o jornalista Eduardo Monteiro de Paula comandavam uma mesa-redonda com a participação de convidados, que debatiam o futebol profissional e o esporte amador. Distante dos centros do Sudeste como Rio e São Paulo, a emissora também passou a receber e exibir videoteipes de jogos dos principais times do futebol brasileiro, o que era motivo de grande expectativa do público, apresentados nas noites de terça-feira.

Surgiriam outros programas como Esporte das Multidões que tempos depois seria substituído pelo A Bola é Nossa, com trinta minutos de produção, também apresentado por Eduardo Monteiro de Paula, com comentários de Gaudêncio Neto. Nas demais emissoras da Rede Amazônica um programa com o mesmo nome

chegou a ser apresentado, mas como eram afiliadas à Rede Globo, logo passaram a seguir a programação nacional com a apresentação do Globo Esporte.

No início da década de 80, a emissora passa a contar com um importante aliado que mudaria para sempre o jeito de fazer televisão. A Rádio TV Amazonas aderiu, em 1982, ao sistema de satélite, quando pôde dar à região amazônica toda instantaneidade e integração ao restante do país (BAZE, 2002, p. 342). Esta conquista tecnológica daria aos telespectadores a oportunidade de finalmente ver programas e eventos ao vivo, representando o fim do tráfego diário de mais de sete mil fitas que manteve a programação das cinco emissoras da rede ao longo de mais de dez anos. O engenheiro Nivelle Daou Júnior relembra este momento quando a TV Amazonas ainda era afiliada à Rede Bandeirantes.

A Bandeirantes, na época, conseguiu fazer a Rede Nacional por satélite, um mês antes da Globo, o que foi um escândalo... E nas cidades mais próximas, no caso Itacoatiara e Parintins quando nós colocamos a primeira estação que foi em Itacoatiara integrada ao centro, via satélite, foi uma comemoração espetacular. Primeiro que foi o primeiro instante que, finalmente, o Norte se integrava, realmente, ao Sul. As coisas aconteciam em *“real time”*. Acabou aquela história do Jornal Nacional passar com dias ou o Fantástico passar com uma semana ou duas de atraso. [...] a qualidade era inegavelmente melhor, a segurança de não falhar o capítulo ou o malote extravaiar por alguma razão, enfim, a instantaneidade que, até então, a Amazônia não tinha (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

A chegada do satélite também permitiu a aproximação dos telespectadores de Rondônia, Acre, Roraima e Amapá com o restante do país. Começava a ser possível ainda um intercâmbio maior entre as cinco emissoras que integravam a Rede Amazônica. Pouco depois, no dia 20 de abril de 1986, a Rede Globo desfaz a parceria com a TV Ajuricaba, que enfrentava problemas financeiros, definindo como afiliada em Manaus a TV Amazonas, que passa a exibir a sua programação a exemplo do que já ocorria nas outras quatro emissoras.

Mas foi apenas em 1987, que a empresa passaria a operar com um canal próprio de satélite, permitindo a geração de conteúdo entre as TVs do grupo e para as emissoras da Rede Globo no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de abrir caminho para a criação de um canal temático sobre os assuntos da região: o *Amazon Sat*. Nivelle Daou Junior explica que este momento foi o fim de um difícil processo de negociação com o ministério das comunicações.

Foi uma negociação muito forte porque o próprio governo anunciava o projeto do satélite como sendo [...] a maneira de integrar o país. Inclusive, a grande extensão da Amazônia que estava representando, mais ou menos, um terço do território nacional era uma região dissociada do elo do país. E o satélite era o grande projeto que ia fazer essa integração. E por conta disso, se conseguiu esse canal de satélite e aí nós passamos a subir, aqui de Manaus, via Embratel, com os nossos intervalos, nossos jornais e tudo mais. Nós tínhamos que fazer a comutação na rede da programação que vinha do Sul. E nos intervalos, a gente tinha que comutar para a produção local. E para isso, foi criada uma chave que ela tinha que ter um comando pelo satélite e foi outra obra de engenharia que tinha que fazer com que, automaticamente, a programação ora estivesse pro Sul, ora estivesse pra nossa emissão local. E essa chave tinha que funcionar para ficar fazendo essa reversão. [...] aí a programação era única, era uma maneira muito mais fácil de trabalhar (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Baze (2002) explica em sua obra sobre a história da Rede Amazônica que o *Amazon Sat* foi o primeiro canal temático exclusivamente voltado para assuntos amazônicos, com programas que destacam aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, sempre sob a perspectiva do desenvolvimento regional sustentável. O autor descreve que quando o ministério das comunicações concedeu à Rede Amazônica o uso integral de uma das bandas do satélite brasileiro Brasil Sat I, tinha como principal fundamento terminar com o isolamento da Amazônia, além de permitir que a programação da Rede Globo recebida na região não tivesse mais os chamados *fades* (espaços vagos dos intervalos comerciais que deixam a tela da TV preta) durante a programação.

Quando deixou de usar este espaço que tinha no satélite para transmitir a programação nacional da Rede Globo, a Rede Amazônica começa a preencher este segmento com produções locais. Aos poucos esta prática permitiria a criação de uma programação independente que deu origem ao *Amazon Sat* em 1988. A partir de 1993, a empresa desenvolve uma estrutura independente e o novo canal passa a operar na TV aberta em UHF nos locais onde havia emissoras da Rádio TV Amazonas ou sendo sintonizado nas antenas parabólicas, consolidando-se com o slogan A Cara e a Voz da Amazônia.

Mesmo com este avanço tecnológico, a ausência de mão de obra qualificada continuou sendo um problema de difícil solução. Nivelle conta que esta dificuldade

era maior na área técnica, apesar de Manaus já ter um distrito industrial bastante ativo com o crescimento da Zona Franca.

O distrito industrial absorvia toda a mão de obra com salários espetaculares na época. [...] Os técnicos que saíam da escola, eles trabalhavam com “*gigs*”. Então, os ponteirinhos subiam ou não, eles tinham que dar produção, fazer milhares de produtos iguais por dia, porque tinha uma produção a fazer. Então, a plaquinha era colocada no “*gigs*”. Os ponteirinhos subiam e se não subisse o “*gig*” já ia para uma outra esteira, enfim... E nós tínhamos aqui uma dificuldade muito grande, porque essa linha de produção, de certa forma, bitolava o técnico. Ele sabia se os ponteirinhos subiam ou não, sabia se a placa estava boa ou não, mas ele não tinha nem tempo sequer para saber como se funcionava a placa e tudo mais. E nós não conseguíamos um profissional para trabalhar na emissora. Primeiro porque as vantagens do distrito eram espetaculares: eles tinham transporte, tinham um restaurante maravilhoso, creches e vantagens e o distrito faturava uma coisa absurda (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Essa dificuldade não se restringia apenas à área técnica. Também havia carência de bons profissionais no setor de operações, nas áreas administrativas e principalmente no jornalismo, já que a região Norte possuía até então poucos cursos profissionalizantes e de ensino superior. Muitos profissionais que eram trazidos de fora também ficavam pouco tempo, pois era difícil a adaptação ao clima e às limitações impostas pela floresta. Nivelles descreve que foi a partir deste quadro que surgiu a idéia de se criar uma fundação de ensino.

As pessoas não ficavam muito tempo e todo aquele capital que a gente criava acabava indo embora. E nós víamos que esse caminho, nós não conseguíamos seguir. Aí é que se criou a Fundação Rede Amazônica que, nós chegamos à conclusão de que nós precisamos formar mão de obra aqui para manter o profissional aqui. Eu lembro que o doutor Phellippe perguntou: “Quanto tempo leva para fazer um profissional?” eu falei no mínimo uns três anos. “Mas é muito longe, não pode esperar”. E um dia chegamos à conclusão que se um dia não comesse, também não ia chegar. Então, o dia que nós começamos, até nós comemoramos e ele disse: “Agora, a partir de hoje, já faltam dois anos, onze meses e 29 dias, ganhamos um dia” (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

A Fundação Rede Amazônica foi criada oficialmente no dia 22 de março de 1985, com o principal objetivo de formar técnicos no setor de radiodifusão. Apesar do país viver um momento de desaceleração econômica e de importantes mudanças políticas com a posse de José Sarney, primeiro presidente civil após o regime militar,

a instituição deu os primeiros passos com uma estrutura modesta funcionando nas dependências do Stúdio 5, um centro de compras e eventos em Manaus, também idealizado por Phelippe Daou.

Sob o comando da filha de Phelippe, Cláudia Maria Daou Paixão e Silva, surgem os primeiros cursos sempre focados na formação de técnicos especializados em televisão e rádio. Aos poucos a Fundação foi buscando um perfil próprio, oferecendo cursos técnicos nas áreas de eletrônica, manutenção de equipamentos eletroeletrônicos, locução, cinegrafia e edição. Em 1992, em função de sua gravidez, Cláudia Daou Paixão e Silva afastou-se da Fundação e neste mesmo período o professor Mário Costa assumiu a secretaria-geral da entidade, cargo que mantém até os dias atuais. O livro de Jorgemar Monteiro que conta a história da entidade transcreve parte do livro de registro de cursos e eventos da Fundação, onde pode se observar que as parecerias foram fundamentais para alavancar as primeiras turmas.

A Fundação Rede Amazônica conseguiu firmar parcerias com várias instituições, como: o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Amazonas – Sebrae-AM; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, que disponibilizavam vários cursos de qualificação profissional, entre eles: Imposto de Renda Pessoa Jurídica, Técnicas de venda, Chefia e Liderança, Treinamento Básico para Secretárias – Aspecto Comportamental, Telefonista, Informática, Radiojornalismo, Inglês técnico, e muitos outros. No início os cursos eram direcionados ao quadro de funcionários da Rede Amazônica, do Stúdio 5, e outros no Sebrae e Senac, e tinham o objetivo de aperfeiçoar esses profissionais em suas funções (MONTEIRO, 2010, p. 29).

Uma semana após a Fundação Rede Amazônica dar início às suas atividades, surge um novo empreendimento do grupo em Manaus. No dia 29 de março de 1985 começa a operar a Rádio Amazonas FM 101,5, realizando um antigo sonho da família Daou. Apesar das instalações modestas, a emissora começou a operar com um transmissor da marca LYS Eletronic FM, 2.5 E, contendo aparelhos cassetes tipo tape deck para a exibição dos comerciais.

Acompanhando o ritmo da televisão, a rádio em pouco tempo formou uma audiência consolidada no Estado, apresentando uma programação com foco popular, dando ênfase aos eventos e promoções, além de oferecer musica, entretenimento e principalmente programas voltados para o jornalismo comunitário. Nos anos que se sucederam a Amazonas FM investiu na qualidade dos seus profissionais, ampliou a potência dos transmissores e foi informatizada, atingindo um

padrão internacional. O mesmo caminho seria seguido em dois dos cinco Estados onde a rede atua com a inauguração da Rádio Acre 98,1 FM, no dia 1º de abril de 1989, e da Rádio Amapá, 93,3 FM, que foi ar em 17 de outubro de 1990.

Outra conquista estratégica da Rede Amazônica seria a criação da sucursal de Brasília, em 1992, que começou sob o comando da senhora Eufrozina Zarkada, então adida cultural da embaixada da Grécia. Instalada no Palácio da Radiodifusão na capital federal, a estrutura é dotada de uma redação e um estúdio, além de uma parte administrativa. Está ligada via satélite às cinco emissoras das capitais que integram a rede, gerando conteúdos jornalísticos relativos aos poderes executivo, legislativo e judiciário, do ponto de vista de interesse dos amazônidas.

A partir do dia 1º de novembro de 1993, a sucursal passaria a ser comandada por Raimundo Farias Moreira, mas desde a sua origem, o trabalho não está focado apenas no acompanhamento dos grandes temas relativos à Amazônia nos três poderes, mas também nas coberturas internacionais, eventos e encontros onde a importância da região ganha destaque. Além de atender as emissoras da televisão aberta do grupo, a produção também é destinada às emissoras de rádio, ao *Amazon Sat* e mais recentemente à Internet após a criação do Portal Amazônia, um *site* voltado para a valorização dos assuntos e temas de toda Amazônia Legal.

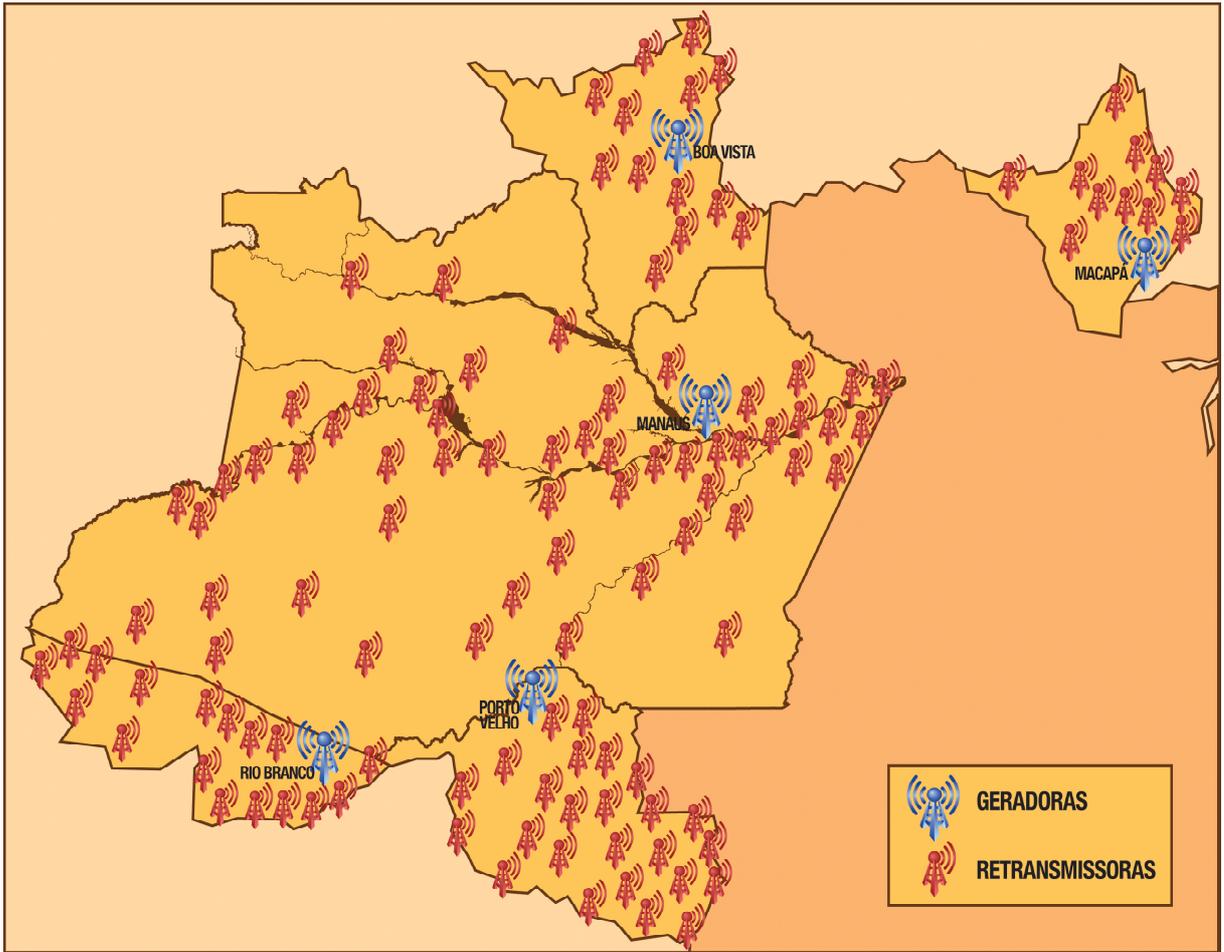
Diante do crescimento das empresas ao longo dos anos, no dia 23 de junho de 1995, seria inaugurado o novo prédio da Rede Amazônica, na avenida André Araujo, 1555, agregando a televisão aberta e todas as demais mídias do grupo. Desde a criação da Rádio TV Amazonas, 23 anos atrás, o jornalista Phelippe Daou contabilizava em seu discurso durante a cerimônia de inauguração das novas dependências, a instalação de 110 repetidoras e transmissoras, das quais seis já em transformação para minigeradoras, quatro estações de rádio, um Canal permanente de satélite, além da sucursal em Brasília (BAZE, 2002).

Com este empreendimento, a Rede Amazônica, com estratégias econômica e social, passou a integrar a região por meio da rede de telejornalismo. Instituído tal empreendedorismo, este veículo também fomentou o desencadeamento de políticas públicas, apontando um caminho possível para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural dos lugares. Como revelou, em entrevista, o presidente da emissora, Phelippe Daou, sobre a orientação que sempre norteou a empresa quando optou pela expansão dessa estrutura:

Tudo o que a gente ouvia dos companheiros lá do Sul era: “Olha, eu só ponho um retransmissor, quando eu tenho a certeza que, no mínimo, haverá mil compradores de televisores”. “Eu compro por um preço aqui, vendo por um preço lá e isso me dá para eu comprar isso, comprar um transmissor”. [...] Nós pensávamos diferente, e ainda hoje penso. Cada macaco tem que estar no seu galho, por que todos nós somos sofredores na Amazônia, temos carência, todos têm. Então, cada um faz a sua parte. Não vendemos nenhum televisor, mas fizemos com que eles assumissem o compromisso, que quando tivesse funcionando, eles compareceriam com o seu comercial. Isso, graças a Deus, houve uma crença de que isso seria feito e foi feito. Com isso, nós passamos a ter audientes. O resto é a batalha do dia-a-dia de cada um. [...] A gente chega comunica o que vai fazer e o que é que a gente pede, reforcem os recursos da mídia, por que nós não somos milagreiros, não fazemos aqui o milagre dos pandas, a gente bem que gostaria, mas não fazemos. A gente tem que fazer com o que a gente ganha. Então, não queremos de vocês doação, mas queremos de vocês o aumento de verba. Eu não vou te dizer que há um berço esplêndido, mas é como se fosse uma colchonete que a gente não dorme no chão, dorme na colchonete. Agora, a gente acha que amanhã botar um bercinho melhor, vamos botar um bercinho melhor. Mas também desamparados nós não estamos, graças a Deus. Então, enquanto isso for possível fazer, nós vamos caminhando, vamos caminhando. E o que a gente vê, que os frutos agora já estão vindo, assim, até com muita força, muita força, né? Por que dos empreendimentos que estão marcados aqui para Manaus, a gente tem que ficar muito esperançoso de que melhores dias vão realmente, balançar o nosso estado (Entrevista concedida em 9 de julho de 2009).

Hoje, boa parte dos municípios que receberam as minigeradoras é, do ponto de vista econômico, deficitária para a Rede Amazônica. Porém quanto a responsabilidade social, o papel desempenhado pela rede de telejornalismo consolida um valor agregado de capital social, quando a população se apropria deste meio de comunicação, para reivindicar suas demandas.

Desde o início da década de 1990, o Brasil começava a entrar numa nova era com a expansão da Internet e na Rede Amazônica não seria diferente, pois este era apenas o começo de um novo desafio. Atualmente a cobertura da emissora abrange 146 estações retransmissoras que recebem o sinal das cinco geradoras nas capitais do Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima e Amapá, conforme mapa abaixo.



Mapa 2: Cobertura atual da Rede Amazônica com 146 estações retransmissoras e cinco geradoras.

CAPÍTULO IV

4 AS NOVAS MÍDIAS

4.1 HISTÓRIA DA TECNOLOGIA DO FTP

Nos anos de 1990, o Brasil dava início a um novo período de transformações, acompanhando as mudanças mundiais que começaram no final da década anterior com a intensificação do processo de produção globalizado. Fernando Collor de Melo venceu a acirrada eleição de 1989, e assumia a presidência do país anunciando um processo de modernização da indústria nacional, que impactaria diretamente no modelo da Zona Franca de Manaus. Quando assume o governo, uma das primeiras medidas que adota é a liberação das importações no país, o que decretaria o fim do monopólio que a capital do Amazonas mantinha desde a década de 1960, como área de livre comércio.

As medidas econômicas que confiscaram as aplicações financeiras nos bancos com o propósito de controlar a inflação agravaram ainda mais a situação econômica na Amazônia, tornando os primeiros anos da nova década de incertezas e poucos investimentos. Ao mesmo tempo é fortalecido o setor produtivo industrial da Zona Franca, que passa a adotar um perfil mais voltado às exportações para sobreviver às mudanças. Cresce o pólo de duas rodas e a produção de eletrônicos com novos investimentos de empresas multinacionais. A produção de computadores também ganharia espaço.

O processo de globalização da economia mundial passa a ter como forte aliado uma nova ferramenta tecnológica desenvolvida inicialmente como estratégia de segurança militar no auge da Guerra Fria, que agora se popularizara: a Internet. Em sua obra *A Galáxia da Internet*, o sociólogo espanhol Manuel Castells, revela detalhes do início desta história que iria revolucionar as relações humanas em todo mundo.

As origens da Internet podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency (ARPA)* em setembro de 1969. A *ARPA* foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade

tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro *Sputnik* em 1957. A *Arpanet* não passava de um pequeno programa que surgiu de um departamento da *ARPA*, o *Information Processing Techniques Office (IPTO)*, fundado em 1962 com base numa unidade preexistente. O objetivo desse departamento [...] era estimular a pesquisa em computação interativa. Como parte desse esforço, a montagem da *Arpanet* foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar *on-line* tempo de computação (CASTELLS, 2003, p.13 -14).

O autor descreve que o projeto de uma rede de comunicação descentralizada foi uma proposta feita ao Departamento de Defesa norte-americano para a construção de um sistema militar de comunicações que seria capaz de sobreviver a ataques nucleares. Os primeiros nós da rede em 1969, estavam entre a Universidade da Califórnia em *Los Angeles*, a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e a Universidade de *Utah*.

O projeto da *Arpanet* foi implementado por *Bolt, Berenek and Newman (BBN)*, uma empresa de engenharia acústica de *Boston* e a primeira demonstração bem sucedida da *Arpanet* ocorreu em uma conferência internacional em *Washington*, em 1972. Logo depois as pesquisas visaram conectar a *Arpanet* a outras redes de computadores, o que introduziria o novo conceito de uma rede de redes.

[...] para que pudessem falar umas com as outras, as redes de computadores precisavam de protocolos de comunicação padronizados. Isso foi conseguido em parte em 1973, num seminário em *Stanford*, por um grupo liderado por *Cerf, Gerard Lelann* (do grupo de pesquisa francês *Cyclades*) e *Robert Metcalfe* (então no *Xerox PARC*), com o projeto do protocolo de controle de transmissão (TCP). Em 1978 *Cerf, Postel e Crocker*, trabalhando na Universidade da Califórnia do Sul, dividiram o TCP em duas partes, acrescentando um protocolo intra-rede (IP), o que gerou o protocolo TCP/IP, o padrão segundo o qual a Internet continua operando até hoje (CASTELLS, 2003, p. 14 -15).

A partir de 1975 esta tecnologia passaria a estar disponível para todos os setores das forças armadas americanas. Mas oito anos depois, preocupado com a segurança do sistema o Departamento de Defesa norte-americano criaria a *MILNET*, uma rede independente para usos militares específicos. Castells descreve que a *Arpanet* passaria a se chamar *ARPA-INTERNET*, passando a se dedicar apenas à pesquisa.

A *National Science Foundation (NSF)* monta sua própria rede em 1984 – a *NSFNET* – e quatro anos mais tarde começa a usar a *ARPA-INTERNET* como seu *backbone*. No contexto de redes de computadores, o *backbone* (que traduzindo para português significa espinha dorsal) designa o esquema de ligações centrais de um sistema mais amplo, tipicamente de elevado desempenho. Os operadores de telecomunicações, por exemplo, mantêm sistemas internos de elevadíssimo desempenho para comutar os diferentes tipos e fluxos de dados (voz, imagem e texto). Na Internet, numa rede de escala planetária, podem-se encontrar, hierarquicamente divididos, vários *backbones*: os de ligação intercontinental, que derivam nos *backbones* internacionais, que por sua vez derivam nos *backbones* nacionais³.

Quando esta tecnologia se tornou obsoleta, a *Arpanet* foi retirada de operação em fevereiro de 1990, e o governo norte-americano tendo liberado a Internet do ambiente militar, confia a sua administração à *National Science Foundation*, mas este controle duraria pouco. Segundo Castells (2003, p. 15),

Com a tecnologia de redes de computadores no domínio público, e as telecomunicações plenamente desreguladas, a NSF tratou logo de encaminhar a privatização da Internet. O Departamento de Defesa decidira anteriormente comercializar a tecnologia da Internet, financiando fabricantes de computadores dos EUA para incluir o TCP/IP em seus protocolos na década de 1980. Na altura da década de 1990, a maioria dos computadores nos EUA tinha capacidade de entrar em rede, o que lançou os alicerces para a difusão da interconexão de redes. Em 1995 a *NSFNET* foi extinta, abrindo caminho para a operação privada da Internet. [...] muitos provedores de serviços da Internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais.

Surge o conceito de rede e é neste contexto que a Rede Amazônica se insere na nova década, adotando os computadores como ferramenta de trabalho e investindo na tecnologia digital de seus equipamentos. A Internet iria demorar um pouco a chegar, principalmente pelas adversidades logísticas da Amazônia, mas logo também se transformaria num instrumento fundamental para o barateamento do custo operacional da emissora e, principalmente para a integração jornalística das comunidades mais distantes.

³ Fonte: www.wikipedia acesso em: 17 abr. 2010.

Quando inaugura a nova sede na avenida André Araujo, na capital do Amazonas, em 1995, a empresa já tinha constituída uma rede regional de jornalismo nas capitais e agora, investia no processo de interiorização desta estrutura criando a figura do correspondente, que iria trazer as notícias dos demais municípios. O então supervisor chefe de edição de imagens em Manaus, Mauro Jorge Furtado, lembra desta mudança que se anunciava.

Quando a TV veio para o novo prédio, ela veio com a mentalidade: vamos expandir a Rede Amazônica, vamos realmente ser uma rede. Até quando a gente estava na Cachoeirinha, no prédio antigo, a gente percebia que existia sim um sonho de virar rede, mas era muito voltado só para Manaus. Até os nossos telejornais eram muito só Manaus. Quando a gente veio para o prédio novo, veio aquela idéia. A partir de agora virou uma rede, então vamos dar atenção para as nossas praças, vamos dar atenção para o interior, vamos começar, mesmo a divulgar a região Amazônica. [...] A gente começou a ter certa independência da Embratel [...] porque até para gerar, nós tínhamos que pegar o nosso VT, correr para Embratel para gerar. Hoje não, a rede quando veio para cá, quando conseguiu, [...] esse sinal de satélite. Tanto a gente gerava para as nossas praças e a TV Globo, como a gente começou a receber da TV Rondônia, TV Acre, TV Roraima e a nossa sucursal (Entrevista concedida em 4 de julho de 2009).

Como toda nova tecnologia, houve resistência para o uso dos computadores em substituição às tradicionais máquinas datilográficas. Até cursos para aprender como operar os novos equipamentos os funcionários tiveram de fazer, mas logo aquela realidade se incorpora à rotina das emissoras. Em 1998, com a compra das primeiras câmeras e ilhas digitais para o jornalismo, muda-se também o processo de captação de imagens e de edição. No caso da edição de imagem ela deixa de ser no formato tradicional, até então da cópia de uma fita para outra fita, passando para a chamada edição não linear, cujo trabalho passava a ser feito em um computador.

Neste processo, a reportagem continua sendo gravada por uma câmera numa fita de menor porte que, quando chega à redação, tem o seu conteúdo passado para um HDD (*Hard Disc Drive*) disco rígido de um computador. A partir daí o editor de imagem passa a trabalhar em uma trilha virtual e com a ajuda de um *mouse* monta primeiro o áudio, para depois baixar as imagens captadas e compô-las de acordo com o texto.

Isto implicou na necessidade de domínio da nova tecnologia, provocando mudanças de costumes e métodos de procedimentos dos profissionais das

redações. O gerente de TI – Tecnologia da Informação – da Rede Amazônica, Jackson Moisés, recorda como foi o processo do crescimento desta nova rede.

A própria diretoria passou a ter uma visão de futuro muito boa que era começar a trabalhar as informações em rede, compartilhar recursos, compartilhar informação. Daí em diante, fizemos planejamento para instalar computadores em nossas filiais. Eu lembro como se fosse hoje. Em 96 mesmo, eu fui instalar a primeira rede que foi no Acre. Nós fizemos nesta época a instalação de doze computadores. [...] Na mesma época, a Internet começou a se propagar. Então, a Internet chegou a nossa empresa. [...] o nosso parque de computadores começou a crescer e, em paralelo, com a visão de futuro, nós começamos a instalar *links*⁴ de Internet, já que a Internet estava na sua juventude. [...] Enfim, com muita luta, nós conseguimos instalar um parque generoso de computadores. Hoje, nós temos próximo de mil máquinas (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

O jornalista Arnaldo Santos, que atuou como repórter e editor-chefe dos telejornais Bom Dia Amazônia, Jornal do Amazonas e AMTV, na TV Amazonas em Manaus, lembra como começou a surgir nesta época a figura do correspondente do interior. Segundo ele as próprias prefeituras passaram a produzir conteúdos jornalísticos com os profissionais locais que iriam atuar junto à coordenação do interior da TV Amazonas, responsável pelas estações retransmissoras nestas localidades. Desta forma que o material produzido no interior começa a chegar a Manaus e passa a ser aproveitado nos telejornais da emissora como diferencial do noticiário na região.

Se o cara está colocando programação local lá em Tefé, porque ele não pode mandar prá cá? Começaram a mandar matérias gravadas e tal. Só que esse material começou a precisar ser organizado. [...] Com a busca por tecnologia e a necessidade de mandar material e fazer aparecer aqui na capital, se começou a buscar uma forma de se criar uma rede. [...] Então, olha Arnaldo, o cara de Itacoatiara te mandou um material, não quer? Mas que no fundo, no fundo, não era uma coisa organizada, proposital. [...] Aí começaram a aparecer as equipes que as prefeituras tinham condições de manter, como nos municípios maiores como Tefé, Itacoatiara, Parintins e Manacapuru, os quatro pioneiros. [...] em Itacoatiara era um radialista, um animador de festa lá. Manacapuru, um professor que escrevia bem, mas que já estava, por outro lado, já ensaiava matérias publicadas no jornal impresso A Crítica, que é o Aduro. Em Tefé, com o menino que também falava bem. Mas porque sobressaia? Porque era um cara que vinha de fora, era um mineiro

⁴ Na linguagem do telejornalismo, *link* significa ligar via o sinal disponível (transmissão de microondas, satélite, internet, etc.) os pontos de transmissão e recepção dos dados.

que foi lá em Tefé, morar prá lá porque casou com uma amazonense. E Parintins porque, talvez, já era a mais estruturada (Entrevista concedida em 8 de agosto de 2009).

Com a ampliação no número de terminais de computadores nas cinco emissoras das capitais dos estados e na sucursal de Brasília, a diretoria da Rede Amazônica começa a contratar *links* de Internet para conectar a empresa à grande rede, apesar da ausência da banda larga na maioria dos Estados da região, o que tornava o sistema bastante lento e instável. A partir deste momento passa a se pensar como esta rede poderia potencializar as diversas linhas de trabalho da empresa. Entende-se aqui rede tanto de serviços internos como os sistemas corporativos na Internet, quanto externos, como os serviços de email, web e outros.

Numa das viagens aos Estados Unidos, o diretor do *Amazon Sat*, Phelippe Daou Junior, responsável pelo setor de projetos especiais da Rede Amazônica, conheceu uma nova tecnologia que o despertou para as mudanças que viriam pela frente.

Eu tive a chance rara, eu digo rara porque eu estava só nessa feira nos Estados Unidos. É uma feira produzida pela *Apple* e tinha um caminhão baú que era uma coisa interessante. Eles diziam que você ia ver vídeo em *hard disc* [...]. Aí, eu entrei na fila lá, sentei, o cara fez uma demonstração, onde passou um minuto de vídeo sendo veiculado, a partir, de um *hard disc*. Eu disse: nossa! O cara está fazendo isso, as coisas vão mudar muito, porque todo mundo só fala em fita. [...] E o cara veiculou isso, simplesmente, um vídeo a partir de um computador. [...] Isso realmente, me chamou muita atenção. E é por isso que a gente avançou em computação gráfica, porque é possível editar em computador. Essa era a grande dúvida. Eu vi então que dava para editar. Talvez a gente não tivesse ainda o processamento necessário, tinha muitas placas aceleradoras, você trabalhava muito com isso e enfim, mas era possível fazer (Entrevista concedida em 26 de junho de 2009).

Phelippe Daou Junior descreve que pouco depois de retornar ao Brasil passou a observar que havia intenso trânsito de conteúdo na Internet. Isso se processava de várias formas, mas poderia ter grande utilidade para a televisão se conseguisse trafegar som e imagem num mesmo arquivo. Foi quando se começou a pesquisar e descobriu o FTP – *File Transfer Protocol* ou Protocolo de Transferência de Arquivo – um serviço que permitiria gerar de um computador para outro um conteúdo editado contendo som e imagem. O FTP é a forma mais conhecida e de fácil compreensão para a troca de arquivos entre computadores.

A necessidade de se transferir arquivos entre as diversas redes de computadores que deram origem à Internet fez com que surgisse o FTP no dia 16 de abril de 1971, criado por Davi Augusto M. P. e Erick G. Pazeto, no MIT (*Massachussetts Institute of Techology*). Mas ainda era necessário mais uma convergência tecnológica para que os computadores se comunicassem e em julho de 1973, essa ferramenta passa a ser usada com o sistema operacional *UNIX*. Castells descreve que:

O sistema *UNIX* foi inventado pelo *Bell Laboratories* em 1969, mas só passou a ser amplamente usado depois de 1983, quando os pesquisadores de *Berkeley* (também financiados pela *ARPA*) adaptaram o protocolo TCP/IP ao *UNIX*. Já que a nova versão do *UNIX* foi financiada por verba pública, o *software* tornou-se disponível só pelo preço de distribuição. O sistema de comunicação em rede nasceu em ampla escala na forma de redes de área local e redes regionais ligadas umas às outras, e começou a espalhar-se por toda parte onde houvesse linhas telefônicas e os computadores estivessem equipados com *modems*, equipamento de preço bastante baixo (CASTELLS, 2000, p. 85).

Segundo artigo de Ferreira (2010), o protocolo FTP é genérico e não depende de *hardware* e de sistema operacional. A transferência é feita sempre que desejada e as únicas restrições são dadas pelas liberações ou proibições de acesso dos usuários. Para se processar a transferência dos arquivos entre os clientes (o solicitante da conexão) e o servidor (quem recebe a solicitação), é necessária a apresentação de dados como a identificação do usuário que deseja conectar-se (*user id*), a senha de acesso e o endereço exato do servidor que está sendo contatado (o IP).

Ainda segundo o autor, a conexão é realizada usando o que se chama de portas. Essas portas são canais por onde a comunicação entre o cliente e o servidor é realizada. O FTP usa duas portas: a porta 21 (controle) e a porta 20 (transferência de arquivos). A comunicação pode ser feita utilizando parâmetros digitados numa linha de comando ou usando um programa criado para facilitar essa operação. Também é possível utilizar o protocolo de transferência de arquivos (FTP) pelo próprio navegador WEB. Em síntese o servidor FTP é sempre um software (um programa) capaz de gerenciar a troca de arquivos e o protocolo FTP é efetivamente a transmissão de dados entre o servidor *WEB* e o HDD local.

Na televisão brasileira a Rede Globo foi pioneira no uso do FTP para a geração de conteúdo jornalístico pela Internet. Segundo relata o engenheiro da CGAL – Central Globo de Afiliadas, Arthur Vilella, em entrevista concedida em 26 de abril de 2010, a primeira experiência foi durante a Guerra do Golfo, no ano de 2001. A emissora desenvolveu o que depois seria chamado de *kit* correspondente, para que os repórteres da Central Globo de Jornalismo pudessem enviar reportagens de lugares onde havia Internet, num custo bem mais baixo que o satélite.

O *kit* correspondente consiste basicamente numa câmera onde é feita a captação de imagem e um computador portátil usado para a edição e codificação da reportagem. Vilella explica que o tempo de geração depende da taxa de codificação e da velocidade de conexão de Internet no local da geração. A eficiência do sistema de codificação é fundamental para a garantia de qualidade em taxas que permitam reduções significativas no tempo de geração das reportagens.

Uma câmera no formato DV, por exemplo, grava vídeos em arquivos muito grandes. O *bit rate* - às vezes escrito como *bitrate* - é o número de *bits* convertidos ou processados por unidade de tempo de 25 *Mbps*, e para que os arquivos sejam transferidos via FTP, estes devem ser compactados com uma codificação H264 (codec de compactação), e teremos uma redução para 2,5 *Mbps* sem perda significativa de qualidade.

Vilella explica ainda que o custo deste tipo de operação se resume à conexão de Internet com o sistema de jornalismo da emissora. Apenas para se ter um parâmetro de comparação, no caso da geração via satélite de dez minutos de produção de conteúdo jornalístico da região do Golfo Pérsico, onde ocorreu a guerra em 2001, seriam gastos em torno de U\$ 800,00 aproximadamente, enquanto pela Internet o custo foi praticamente zero. Outra vantagem é que este tipo de geração utilizando o FTP pode ser feita de pontos remotos, independente da existência de infra-estrutura de transmissão via satélite.

A partir de 2003, a Rede Amazônica começa a desenvolver as primeiras experiências com o FTP que visavam também a geração de conteúdo jornalístico. O diretor do *Amazon Sat*, Phelippe Daou Junior, lembra que foram feitos vários testes em Manaus, antes de tentar o que se pretendia realmente: enviar reportagens de cidades do interior para a capital do Amazonas. No caso específico da Rede Amazônica, além do baixo custo, havia ainda a dificuldade logística da floresta.

Então, eu me envolvi com o pessoal de TI (Tecnologia da Informação) que já era o Jackson Moises [...] e vamos testar. Vamos pegar uma praça, nós já tínhamos instalado um serviço de telefonia aqui para Manacapuru, é um serviço ponto a ponto e a gente disse. Vamos testar, vamos fazer um teste prático numa cidade aqui próxima que a gente vai sentir, se é possível ou não. Vamos tentar empacotar esse vídeo até na ponta. [...] a gente buscou uma solução nossa, apesar de ter soluções no mercado, com alguns equipamentos caros que estavam sendo apresentados. Vamos tentar! Nós sabíamos muito bem o número de etapas que nós tínhamos de seguir e a gente vai testar isso lá da cidade de Manacapuru (Entrevista concedida em 26 de junho de 2009).

Para fazer o teste de transmissão entre Manacapuru e Manaus foi formada uma espécie de “força-tarefa” envolvendo vários setores da Rede Amazônica. O desafio era chegar ao tamanho de um arquivo que pudesse trafegar na rede de Internet capaz de ser aberto com boa qualidade de áudio e vídeo depois de percorrer este caminho. Quando se atingiu um resultado satisfatório a equipe começou a definir a estrutura necessária para levar a Manacapuru.

Em entrevista, o gerente de TI da Rede Amazônica, Jackson Moisés, justificou que a cidade foi escolhida pela proximidade de Manaus e pela estrutura que a minigeradora possuía. As condições de transporte que dão acesso à cidade permitiriam levar equipamentos e se faltasse alguma coisa de ordem crítica mandava-se buscar com facilidade. No dia definido para por em prática a teoria traçada, além dos técnicos também seguiu para Manacapuru uma equipe de jornalismo composta pelo repórter Agnaldo Oliveira e pelo supervisor de edição de imagem Mauro Jorge, responsáveis pela produção da reportagem a ser gerada para Manaus.

Acompanhando o trabalho estava o vídeorepórter Aduino Silva, recém contratado pela TV Manacapuru, que passaria a dividir a função com as aulas de matemática e ciências ministradas na rede pública de ensino. Como relata Phelippe Daou Junior, apesar de relativamente simples o teste foi cercado de muita expectativa.

E eu me lembro, como se fosse hoje, a gente estava até em reunião foi um dos técnicos nossos para Manacapuru, foi uma operação eu diria assim, junto (isso é importante) foi feita entre o pessoal da TI e o pessoal da engenharia, porque era importante o padrão de vídeo que a gente precisava ter e usando todo o conhecimento de TI. Como é que eu posso fazer isso da melhor forma possível? [...] o pessoal estava lá em Manacapuru e geraram o primeiro vídeo. Quando abriram o vídeo aqui e deram o *play*, nossa! O Jackson foi

um dos caras que saiu gritando porque a gente tinha feito. Então, a partir daquele momento, eu disse: podemos! [...] vamos aperfeiçoar a solução. E nos ajudou muito porque estávamos com o projeto em paralelo de você automatizar pequenas geradoras no interior. Então a gente decidiu. Vamos aproveitar o processo, na hora em que for contratar o *link* eu vou contratar com essa finalidade, além de atender o ponto de vista administrativo e comercial dessas emissoras. Então, a partir de Manacapuru, nós fomos avançando, fomos para Tefé, Coari, Tabatinga (Entrevista concedida em 26 de junho de 2009).

Apesar da qualidade precária das imagens, no dia 03 de março de 2004, o município de Manacapuru entra para a história do telejornalismo da Amazônia ao ser exibida no Jornal do Amazonas, a primeira reportagem transmitida via FTP. Para a comunidade de Manacapuru, com o novo sistema de transmissão passou a ser possível ver as notícias locais em rede regional, confirmando o empreendedorismo da Rede Amazônica para a integração regional. Como relembra Mauro Jorge, foi o esforço recompensado do trabalho de uma equipe.

Foi uma experiência muito agradável, muito boa mesmo. [...] A primeira transmissão via Internet no jornal que foi [...] o Jornal do Amazonas, que foi o primeiro que colocou a matéria no ar. Chegamos lá, montamos toda aquela parafernália de subir na torre, botar uma antena para transmitir para a central da Telemar, que hoje é Oi, para poder esse material estar aqui. E quando a gente viu no ar o produto, foi gratificante, não só prá gente, mas para o pessoal da cidade. Porque o pessoal da cidade: “poxa, vai ter matéria sempre daqui”. Sim, vai ter matéria daqui. E até hoje, vem matérias do interior para os telejornais da TV Amazonas (Entrevista concedida em 4 de julho de 2009).

Para Jackson Moisés o mais importante naquele momento foi a quebra de um paradigma. A experiência em Manacapuru confirmou que, com uma operação de baixo custo, seria possível por meio da produção de conteúdo jornalístico, integrar as comunidades do interior do Estado à Amazônia.

Eu dei um grito e aí o Dário (diretor de TV que estava colocando o telejornal no ar) disse: silêncio! Mas eu não podia fazer silêncio, eu estava muito animado. Aquilo ali foi fruto de um trabalho maravilhoso. Tanto é que as nossas transmissões, de onde forem, de uma praça, de uma unidade que tem a receita pequena, está no jornalismo. [...] Porque o FTP contribuiu para essa unidade sobreviver. Por causa de um valor que está no jornalismo. Um valor de comunidade. É aí que entra depois da comemoração a consciência de tudo aquilo, que a gente fez parte de um conceito de integração na região. [...] A comunidade, ela começa, literalmente, a botar a boca no trombone do que está acontecendo. Aqui, até então ninguém sabia. Aqui até então só os correios traziam, só os aviões

traziam, só os barcos traziam e a Internet proporcionou isso. Então, eu acredito, fielmente, que [...] está começando porque tem muito a ser feito (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

Com a experiência bem sucedida do FTP em Manacapuru, se desenvolve uma estrutura diferenciada para dar suporte à figura do vídeorepórter. Apesar do professor Aduino Silva, ser um dos primeiros contratados pela Rede Amazônica na função de correspondente em Manacapuru, outros profissionais já trabalhavam exercendo uma função similar para a emissora no interior. Segundo o coordenador de interior da TV Amazonas, Raimundo Castro, o pioneiro foi Walter Filho, em Manicoré, no sul do Estado, que já atuava desde 1993. Porém, para mandar as reportagens à capital só por meio de barco ou avião.

A Internet agora iria permitir uma integração mais rápida das comunidades com o mundo globalizado. Mas para que isso fosse possível foi desenvolvido um *kit* básico de equipamentos. O vice-presidente de tecnologia da Rede Amazônica, Nivelle Daou Junior, conta como passou a ser composta essa estrutura.

As câmeras portáteis foram evoluindo até chegar num estágio que o processamento das câmeras, até mesmo as domésticas, elas passaram a ser digitais e [...] elas passaram a dispor de uma porta de dados para a comunicação. Nós começamos estudar a possibilidade de usar esse tipo de *link*, esse "*fiwire*" que a gente chama, para usar uma câmera dessa, embora sem a qualidade do "*broadcast*" que é a qualidade que a gente usa no nosso negócio. Mas por ser de baixo custo, nós acreditamos desde o início, que ela seria uma solução para, em regiões muito afastadas ou regiões totalmente isoladas, nós pudéssemos usar esse tipo de equipamento para poder integrar essa comunidade ao nosso sistema. Então, começamos a imaginar um *kit* que poderia usar esse tipo de câmera. [...] se treina com uma pessoa que está dando o nome de vídeorepórter para que essa mesma pessoa faça gravações, ela faça uma pequena edição na própria câmera ou em algum equipamento que a gente coloque e possa mandar esse material para Manaus e arquivá-lo. Nesse servidor de FTP e aí, a nossa central de jornalismo passa a dispor desse material e utilizá-lo nas nossas edições diárias (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Depois de Manacapuru, a segunda cidade que recebe o FTP é Tabatinga, na tríplice fronteira do Amazonas com o Peru e a Colômbia. Apesar de estar situada a cerca de mil quilômetros de Manaus, a geração de reportagens pela Internet também teve sucesso e logo a cidade ganharia o seu correspondente. Pouco depois

a terceira minigeradora seria criada em Coari, na calha do rio Solimões, onde estão localizadas as maiores reservas de petróleo e gás natural da Amazônia.

Ao mesmo tempo em que esta rede crescia no Amazonas, as principais cidades do interior de Rondônia também receberam os benefícios do FTP. Na verdade, as TVs Guajará-Mirim, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena já possuíam uma estrutura de jornalismo estabelecida desde os primeiros anos de fundação da Rede Amazônica, o que facilitou o processo de integração. A maioria dessas emissoras produzia os próprios telejornais e a chegada da Internet só agilizou o envio de conteúdo jornalístico a Porto Velho e Manaus.

Outra vantagem é que por ter estradas, tanto o estado de Rondônia como o Acre já estavam ligados por fibra óptica, oferecendo banda larga para os usuários do FTP, o que era revertido em mais velocidade na geração das reportagens. Estes fatores permitiram que a TV Rondônia passasse a fazer telejornais com uma maior abrangência estadual, dando notícias de praticamente todas regiões do Estado. Jackson Moisés explica qual foi o efeito dessas vantagens para a Rede Amazônica e os seus telespectadores.

Começamos a enxergar as comunidades mais próximas, a fazer jornal em rede. O Acre enxergar Ji-Paraná. Rio Branco ser enxergado lá para Ariquemes. Então houve um “cross” de matérias, de forma que todo mundo começasse a se enxergar, saber que Ariquemes existe, saber que Rio Branco existe, saber que as cidades existem. Mas a fase de reconhecimento do valor disso é difícil. [...] A comunidade dar valor a isso, demora um pouquinho. Depois que houve algumas ações no jornalismo é que começaram a dar valor nisso. O jornalismo começou a fazer rede. Então, é um jornal grande que eu tinha notícias de Ji-Paraná, notícias de Ariquemes, do Amapá. Então começou a fazer um *mix* da região. Aí, a nossa região começou a enxergar isso. Tanto começaram a enxergar as matérias de FTP com bons olhos que eles começaram a cobrar. Eu quero me assistir (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

Depois de Rondônia, o FTP seria levado ao interior do Acre. O município de Cruzeiro do Sul, que também já tinha uma emissora, passa a gerar reportagens utilizando a Internet. A segunda minigeradora do Estado foi Acrelândia. No Amazonas estruturas como essas rapidamente se expandiram, entre elas nas TVs Itacoatiara, Parintins, Presidente Figueiredo, Tefé e Apuí. Outros municípios como Barreirinha, Maués, São Gabriel da Cachoeira, Santa Izabel do Rio Negro, Nova Olinda do Norte, Barcelos, Borba, Humaitá, Novo Airão, Iranduba e Lábrea também

ganharam correspondentes, mas por dificuldades de conexão com a Internet não foram contempladas ainda com o FTP.

Em Roraima e no Amapá foram instaladas as últimas minigeradores nos municípios de Rorainópolis e do Oiapoque, respectivamente. Com esta nova rede formada começava a ser mostrada uma Amazônia pouco conhecida dos grandes centros urbanos, que sem o suporte do FTP quase não seria vista diante das dificuldades logísticas para se fazer televisão na região Norte. Além disso, não foi difícil perceber a mudança de comportamento dessas populações como explica Nivelles Daou Junior.

Você nota que, cada vez que a gente coloca um vídeorepórter numa cidade parece que a auto-estima da cidade modifica. Porque eles passam a se ver, eles passam a fazer parte do contexto que até então eles estavam isolados. [...] Então, é uma injeção de ânimo muito forte, um projetinho pequeno [...] na solução técnica, mas muito grande na dimensão do resultado. Então, a auto-estima, a atividade da própria cidade, ela modifica com a situação da cidade poder se mostrar e se sentir parte de um todo que, até então, não era. [...] foi uma idéia bastante feliz fazer isso em situações assim de total isolamento, como existem nas regiões da Amazônia. Através de um projeto assim, a gente vai poder ter uma unidade muito maior. Então o FTP, na realidade, ele mais uma vez, mudou toda a estrutura, toda a cara da Amazônia (Entrevista concedida em 23 de junho de 2009).

Além de transmitir conteúdo jornalístico o FTP teria outra utilidade importante. No caso do interior de Rondônia principalmente, este tipo de suporte permitiu também que houvesse um tráfego de comerciais, o que só era possível fazer por meio de transporte rodoviário ou aéreo. Este fluxo ocorreu no início tanto no sentido interior-capital, como no sentido contrário, agilizando a inserção de mídias nas emissoras do Estado.

Francisco Hidalgo Farina, diretor da TV Ariquemes, no interior de Rondônia, ressalta em entrevista que um dos fatores que motivaram a empresa a manter e investir neste novo sistema foi justamente a possibilidade de se fazer a geração de propagandas. Ele conta que “[...] a partir daí se passou a ter uma visão mais completa da importância de manter e ampliar o sistema FTP em rede. E isso para as minigeradoras do interior foi de fundamental importância”.

Outro resultado que logo se evidenciou foi o aumento de produtividade desta rede de contribuição. Além de atender aos telejornais na TV aberta, os

correspondentes também passaram a ter uma participação constante nas emissoras de rádio da Rede Amazônica, no *Amazon Sat* e também no Portal Amazônia. O volume de reportagens e contribuições enviadas não parou mais de crescer e o novo desafio agora seria fazer o gerenciamento dessas informações. Jackson Moisés explica que foi necessário buscar um novo instrumento para que todas as mídias do grupo tivessem conhecimento do que estava sendo gerado e rapidez na entrega deste produto.

As matérias começaram a chegar [...] e todo dia tem conteúdo. Mas veja, esse conteúdo chega e nós vamos usar onde? Como? Quando? Nós precisamos ter uma gestão disso porque agora estamos em uma nova era que é da gestão de conteúdo. O Phelippe Júnior viajou e conheceu esse conceito e um dia disse: “Jackson, gostaria que você fosse visitar uma empresa em São Paulo que faz essa gestão de conteúdo, um software que faz gestão de conteúdo”. Eu fui, conheci essa empresa e homologuei junto com ele essa empresa e daí nós começamos a lutar pela aquisição dessa ferramenta. [...] o Media Portal vem para gerir todo esse conteúdo. Então, é a segunda etapa de todo o trabalho. [...] eu tenho que ter isso guardado, de forma que eu possa converter para qualquer mídia. Aí já entra no conceito de convergência. Por exemplo: Manacapuru fabrica o conteúdo uma vez e eu distribuo várias vezes, eu tenho de ter um *software* que gerencie isso, que faça a gestão disso. Por isso, o Media Portal, ele vem não só para melhorar. Mas, a contribuição do Media Portal, ela é essencial para a vida do negócio. Ela pega tudo aquilo que está chegando de FTP, guarda e distribui de acordo com a necessidade (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

A implantação do Media Portal acabaria não tendo o êxito esperado e problemas com a empresa fornecedora do serviço levaram a Rede Amazônica a buscar outra ferramenta de características semelhantes: o Media Space. Este processo é considerado estratégico para o próximo passo que será dado no departamento de jornalismo com a digitalização de todo processo de produção em fase de implantação.

O uso do FTP, no caso da Rede Amazônica, representou uma inegável conquista tanto para as comunidades menos assistidas pelo poder público, que passaram a ter nas velhas e novas mídias um poderoso instrumento de mudança, como para a Central de Jornalismo em Manaus, que pode difundir um novo tipo de conteúdo com foco nos municípios do interior. O gerente de TI da emissora, Jackson Moisés, vai um pouco mais além no significado desta iniciativa para o grupo que colocou em prática esta ferramenta tecnológica em benefício da televisão.

Ninguém tinha “*case*” prá isso. Ninguém tinha modelo determinado. Todo o processo foi desenvolvido por nós. Nós estudamos um *software* de compactação, um *software* de edição juntamente com o pessoal de engenharia e um processo de como fazer isso. Então, não tinha nenhum modelo pronto para servir de baliza prá gente. Isso foi desenvolvido, isso é mérito da informática juntamente com a engenharia da Rede Amazônica (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

Apesar dos avanços conseguidos com o FTP, a ausência da chamada banda larga na maior parte da região ainda é um entrave para o pleno funcionamento desta rede. Além disso, o aumento da demanda de geração de conteúdo das praças tem sobrecarregado os *links* de Internet, exigindo cada vez mais a ampliação desta capacidade instalada. Mas a perspectiva da chegada de uma fibra óptica da Venezuela até Manaus, que já passou por Boa Vista, em Roraima, e os programas em andamento dos governos estaduais e federal de levar a Internet a todos os municípios brasileiros trazem boas perspectivas de incremento deste sistema.

Com um custo extremamente baixo, o modelo das minigeradores desenvolvido pela Rede Amazônica representou acima de tudo, a possibilidade de se fazer televisão em lugares inviáveis economicamente para a empresa, integrando estas localidades ao mundo globalizado para oferecer informação, conhecimento e cidadania.

FLUXO DE CONTRIBUIÇÃO POR FTP

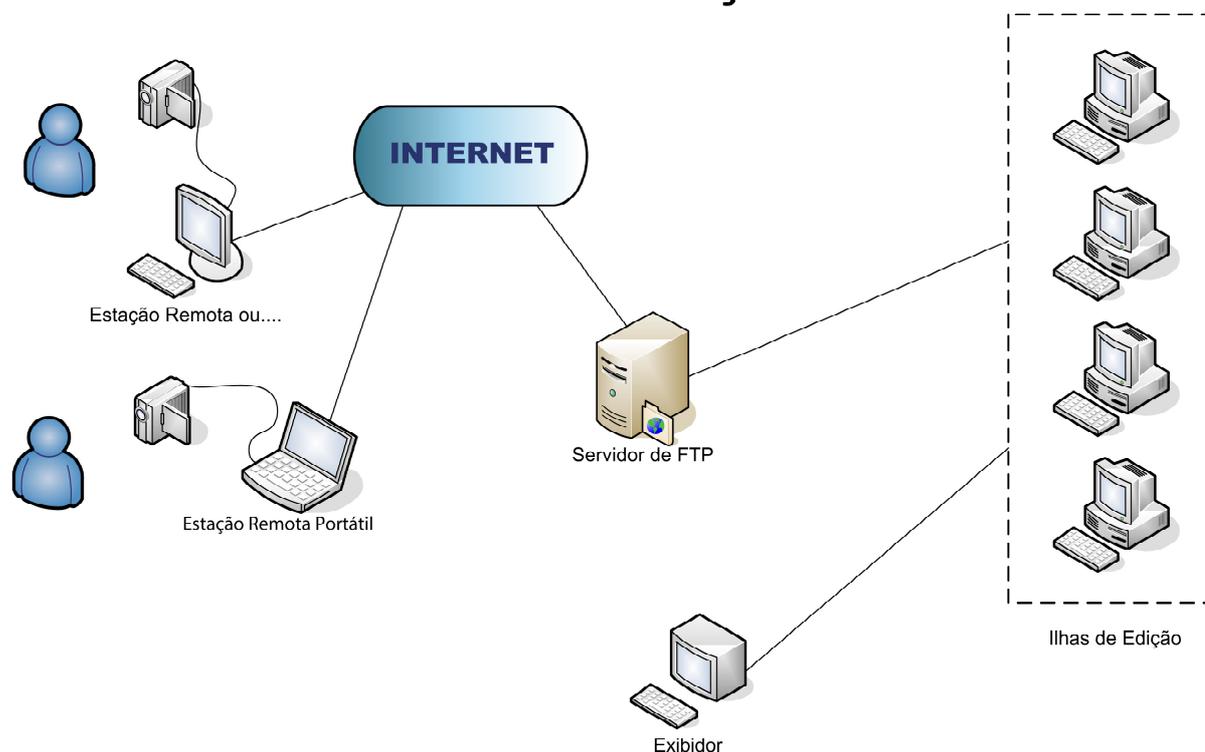


Figura 1: Fluxo de contribuição por FTP.

4.2 MANAUS: ROTINA E EFEITOS DO FTP NA CENTRAL DE JORNALISMO DA REDE AMAZÔNICA

Na redação da TV Amazonas, em Manaus, o processo para a compreensão, aceitação e desenvolvimento de um trabalho em rede no jornalismo ocorreu aos poucos. Apesar de ser a única emissora da Amazônia Ocidental que estava presente em cinco estados da região, a troca de informações entre Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista e Macapá praticamente não existia até o início da década de 1990. Na capital do Amazonas, por exemplo, onde tivera origem a Rede Amazônica, a divulgação das notícias dos outros quatro Estados que integram a emissora era quase só por meio de notas, quando os assuntos eram importantes.

O jornalista Arnaldo Santos, conta que uma das primeiras vezes que se pensou em uma maior integração regional foi durante uma reunião de pauta no ano de 1994, quando a sede da TV Amazonas ainda era no bairro da Cachoeirinha.

[...] a gente não tinha na equipe a divulgação de um conceito de rede. [...] A gente não se falava por telefone. O máximo que a gente tinha era o contato via telex. [...] caiu um avião da FAB lá no Amapá. Uma notinha lá do Amapá. Os colegas assim, tem um fulano do Amapá, mas quem era o cara? Foi quando numa reunião, no antigo estúdio da Rede Amazônica, lá na Carvalho Leal, na Cachoeirinha, [...] com todos repórteres e tudo mais, o pessoal da Fundação Rede Amazônica, doutor Milton Cordeiro... A gente está falando aqui de melhorar, de levantar a Fundação, de melhorar a formação e tudo mais. Eu estava fazendo psicologia, eu falei: doutor Milton queria dar uma sugestão. Por que a Rede Amazônica não sai das reuniões de pauta e faz um seminário de jornalismo? [...] a gente pegou quem estava ao alcance das nossas mãos. A Ercilene pegou, vamos chamar o nosso ex-professor [...] Walmir Albuquerque, grande teórico. Vamos chamar alguém da Globo, da sala do lado, Marcos Losekan. Precisa de alguém de jornalismo também, Orlando Farias, na época correspondente do Jornal do Brasil. [...] Foi por essa idéia que começou a se pensar em uma integração (Entrevista concedida em 8 de agosto de 2009).

Quando se transfere para o novo prédio na avenida André Araujo, no bairro do Aleixo, em Manaus, em 1995, a TV Amazonas vivia um período de mudanças no jornalismo. Houve uma ampliação no espaço dos telejornais locais e a Rede Globo buscava uma maior participação das emissoras afiliadas nos chamados telejornais de rede. Para atender essas necessidades foi criado um núcleo que se dedicaria a atender as demandas nacionais.

O repórter Marcos Losekan foi destacado pela Central Globo de Jornalismo para se dedicar exclusivamente à cobertura das principais notícias de toda Amazônia. Inicialmente ele teve o apoio de um cinegrafista, um auxiliar e um motorista, mas logo esta estrutura seria ampliada com a contratação de produtores e editores que formaram um grupo semelhante ao atual Núcleo Rede.

Com relação aos telejornais locais a emissora já tinha quatro produtos diários, mas no horário do almoço o tempo de produção seria ampliado, passando de 20 minutos para 45 minutos. A jornalista Ercilene Oliveira, gerente de jornalismo da TV Amazonas, lembra que esta mudança levaria a emissora a criar um novo telejornal neste horário, aproveitando o conteúdo produzido pelas cinco emissoras da Rede Amazônica.

Interior do Amazonas, a gente não tinha notícia nenhuma, não chegava nada. [...] A Globo resolveu aumentar o *fade* do horário do almoço, e aí o doutor Milton me procurou e disse assim: “Como é que a gente vai fazer? É um jornal muito grande”. Aí, eu falei: “Ah! Porquê que a gente não faz então, um jornal com todo mundo?” E aí foi quando foi criado o Amazônia em Notícia. Mas as matérias, elas

chegavam por fita, por malote (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

O *Amazônia em Notícia* passou a ser veiculado a partir das onze horas da manhã e foi o primeiro telejornal de cunho regional, trazendo as principais notícias dos estados do Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima e Amapá. Tinha um tempo médio de 20 minutos de produção diária e antecedia ao AMTV (no caso em Manaus). Este último tinha um perfil jornalístico mais comunitário, sendo composto por três blocos divididos ao longo de 25 minutos. Quando a Rede Amazônica começa a operar com um satélite exclusivo em 1997, o *Amazônia em Notícia* passa a ser exibido em rede regional e as reportagens agora seriam geradas diretamente das emissoras afiliadas para a Central de Jornalismo em Manaus.

Mesmo com este avanço as notícias do interior continuavam ausentes. Apesar de já ter várias estações retransmissoras do sinal da Rede Amazônica nos municípios do Amazonas, as notícias destas localidades só eram divulgadas quando alguém passava as informações pelo telefone. Ercilene Oliveira descreve como ocorria este processo.

A gente, normalmente, [...] só cobria tragédia. Até Parintins, a gente chegou a cobrir, mas era muito timidamente. A gente fazia tragédias e Parintins. Nem o Festival de Cirandas a gente fazia em Manacapuru. Então, a gente só sabia do que acontecia no interior se alguém ligasse para falar. Olha: “Aconteceu tal coisa”. Aí é que a gente sabia, pela população, a gente não tinha nenhuma equipe lá (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

Aos poucos vão surgindo os primeiros correspondentes do interior no Amazonas. Estas pessoas eram figuras que se destacavam nas suas comunidades e quase sempre tinham alguma relação com a imprensa local e com o poder público. Entre os primeiros nomes que surgiram estão Walter Filho, de Manicoré, Welner Campelo, em Tefé, Emanuel Cardoso, em Parintins, e Mário Oliveira, em Itacoatiara. Apesar de não terem qualquer formação jornalística, estas pessoas passaram a documentar os principais fatos ainda com câmeras rudimentares e enviavam o conteúdo por barcos, ônibus ou avião, passando a criar uma nova relação com a Central de Jornalismo em Manaus e ganhando o reconhecimento nos locais onde atuavam.

Com a implantação do sistema FTP a partir de 2004, a oferta de reportagens do interior começa a aumentar, mas Ercilene Oliveira conta que houve uma reação

contrária dos profissionais que atuavam na redação em Manaus, pois não foi feito qualquer trabalho interno para explicar como seria aquele projeto e quais eram os objetivos daquela iniciativa.

Chegou prá gente assim: “olha, a partir de hoje vocês vão ter isso”. E aí a redação, ela não interpretou muito bem o quê que era aquela mudança, né? Houve muita resistência, a questão da qualidade, as pessoas reclamavam muito que não era a qualidade que a gente trabalhava aqui em Manaus. [...] no início era muito demorado, um minuto demorava duas, três horas para chegar aqui. E também o repórter lá, né? As pessoas reclamavam muito da narração, da imagem dele, da figura. No início houve uma resistência muito grande, e acabou que eu centralizei tudo isso, por que eu tinha que fazer vingar, eu tinha um compromisso de colocar as notícias do interior no ar. E aí, convergia tudo prá mim, eu que ficava conversando com eles, e eu que ficava com aquela tarefa de barganhar espaços nos jornais. Ficava assim, meio que implorando para as pessoas divulgarem as notícias das cidades quando eles mandavam. Então houve uma resistência muito grande mesmo para consolidar o trabalho deles (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

Arnoldo Santos recorda que poucas pessoas na redação sabiam sequer o significado de FTP. Ele lembra ainda que a chegada desse sistema ocorreu num momento em que a Amazônia passava a se integrar de forma mais consistente ao mundo globalizado, com o surgimento das chamadas novas mídias.

É uma questão histórica porque vem em paralelo com a instalação da comunicação de massa, adaptando a comunicação na própria região. O advento do celular, o advento das linhas de transmissão da Internet foi o que possibilitou. A Rede Amazônica só fez acompanhar o momento histórico da comunicação regional, no início do governo Fernando Henrique [...] FTP? O que é FTP? Aí a gente bagunçava. [...] Pô, seu FTP, manda aí, não sei o quê... Era uma coisa interessante. [...] Isso não tinha uma conotação de se formar o jornalismo, era uma conotação de se formar uma rede de alguma coisa, mas não o jornalismo. Estou te falando isso porque, eu nunca fui chamado prá fazer treinamento de FTP. Tipo: Olha, estão inventando alguma coisa que vocês vão receber matérias. Eles só avisavam, tem FTP. Que FTP o quê... Aí quando eu olho, chegou o material por FTP. Legal cara, manda aí (Entrevista concedida em 8 de agosto de 2009).

A primeira experiência de geração de conteúdo via FTP em Manacapuru logo teve resultados positivos. A atuação do correspondente Adauto Silva, começou a ganhar espaço nos telejornais da Rede Amazônica, e o município de Manacapuru passou a ter uma evidência maior até que outros Estados em alguns momentos. Apesar de ser um professor de matemática e ciências, além de ter envolvimento com

a comunidade, Adauto também se destacava por dominar as demais atribuições do vídeorepórter de fazer a captação de imagem, além do processo de edição e geração. Neste último principalmente, era imprescindível o domínio dos fundamentos da informática e da Internet.

Outro aspecto importante foi o retorno e a participação da comunidade. Arnaldo Santos descreve que os moradores de Manacapuru rapidamente foram trocando a preferência que tinham pelo rádio para a televisão. Apesar do veículo não ser uma novidade no município, foi a partir de 2004, que a população teve uma participação mais efetiva neste processo.

[...] uma comunidade integrada pela televisão ela começa a se reconhecer. Por quê? Porque o Adauto começou a fazer matérias de comunidade, mas também de cultura. Matérias de educação. Então a comunidade começa a se integrar como qualquer outro processo de comunicação de massa, como o rádio integra, tão somente a televisão consegue integrar. [...] A televisão passou a tomar o espaço do rádio no sentido de tomar para si a atenção do telespectador. A partir do momento que havia um grande evento, um grande acontecimento na cidade, ao invés do povo procurar a rádio, o povo começa a prestar mais atenção nos horários dos telejornais locais. Por quê? Porque ele sabia que Manacapuru vai estar no Jornal do Amazonas. É diferente. [...] Então a gente ouvia falar, a gente sentia, não só por intermédio do correspondente, mas da própria comunidade. A gente chegava lá, já tinha a recepção da sociedade civil organizada, o padre, o diretor do colégio, o dono do hotel, os políticos. Olha: Manacapuru está aparecendo mais. Então assim, é muito simples, é um movimento histórico, é um embate editorial, é uma evolução tecnológica. É todo um processo de evolução tecnológica dentro da emissora Rede Amazônica para se chegar a uma constatação que é uma frase que a gente ouve dentro dessas comunidades: “Olha a gente está se vendo”. O povo quer se ver. A gente arregimenta tudo isso aqui para fazer o povo se ver. Isso aí eu acho que é a principal, ou talvez a única, ou a essencial conclusão desse processo que é o povo começar a se ver e se reconhecer. Ao invés de parar às seis da manhã para ouvir a Princesinha do Solimões, que é a FM local, ele pára às seis da tarde para assistir o Jornal do Amazonas (Entrevista concedida em 8 de agosto de 2009).

Depois vieram outras cidades que também passaram a gerar reportagens pelo FTP, como Tabatinga, Coari, Presidente Figueiredo, Parintins, Itacoatiara e Tefé. Até meados de 2005, essa seria a formação desta rede de correspondentes do interior do Amazonas, que passou a colaborar com participações de reportagens quase diárias. O vice-presidente de jornalismo da Rede Amazônica, Milton Cordeiro, destacou em entrevista que desde o momento que passou a receber a contribuição

dos correspondentes, essa produção foi aproveitada principalmente no Jornal do Amazonas para dar um caráter estadual ao noticioso, o que representava um diferencial diante das emissoras concorrentes.

Mesmo com essa vantagem havia uma dificuldade editorial presente no dia-a-dia desta relação dos correspondentes com a Central de Jornalismo em Manaus. Era que, na maioria das vezes, os próprios videorepórteres se pautavam e muitos assuntos não tinham interesse regional. Essa situação acabava acarretando um grande desperdício das reportagens geradas, pois não eram veiculadas, frustrando tanto os correspondentes como as próprias comunidades. Uma das alternativas encontradas foi a criação do Jornal 24 Horas, um programete de 30 segundos a um minuto de produção, veiculado durante o intervalo comercial nas minigeradoras para apresentação de assuntos de interesse apenas local.

A rede de correspondentes continuava a crescer e foram surgindo novos videorepórteres em outros municípios como Apuí, Barreirinha, Nova Olinda do Norte, Santa Izabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, Barcelos, Iranduba, Humaitá, Maués, Novo Airão e Borba. Nem todos contavam com a ferramenta FTP para gerar conteúdo, mas o volume de contribuições era cada vez mais evidente nos telejornais da Rede Amazônica. A necessidade de aprimorar a qualidade deste trabalho levou a direção de jornalismo da emissora a promover em setembro de 2006, em Manaus, o 1º. Encontro de Jornalismo com o Interior do Amazonas, que teve a parceria da Fundação Rede Amazônica.

Pela primeira vez muitos daqueles correspondentes que sequer conheciam a capital do Amazonas, estiveram juntos para três dias de palestras e oficinas que visavam melhorar as técnicas de texto, captação de imagem e edição; conhecer os procedimentos de trabalho na Central de Jornalismo de Manaus; aproximar a relação com as demais mídias da Rede Amazônica e promover o intercâmbio entre os próprios videorepórteres.

Uma breve pesquisa feita na ocasião revelou um perfil mais apurado dos correspondentes e permitiu que a emissora fizesse ajustes trabalhistas e das necessidades técnicas daqueles funcionários. Também passaram a ser adotados procedimentos editoriais padrões para um melhor aproveitamento do conteúdo nos telejornais, além da definição de uma nova parceria com a Fundação Rede

Amazônica para oferecer treinamento aos novos correspondentes que seriam contratados.

O resultado do encontro refletiu-se num aumento da produtividade e um novo evento como este foi programado para novembro de 2007, só que agora com a participação de profissionais da Rede Globo. Um levantamento feito pelo Cedoc – Centro de Documentação da Rede Amazônica – revelou que no ano de 2004, haviam sido apresentadas nos telejornais locais 120 reportagens do interior. Este número passou para 486, em 2005; praticamente dobrou em 2006 atingindo 867 matérias veiculadas; e se manteve pouco abaixo com 700 no ano de 2007.

Desta vez, além dos videorepórteres, também foram convidados para o 2º. Encontro profissionais dos cinco Estados integrantes da Rede Amazônica, além de jornalistas das TVs Liberal do Pará e Anhanguera de Tocantins. Para ter um melhor aproveitamento os correspondentes ficaram uma semana em Manaus, sendo quatro dias específicos para treinamentos internos e um quinto dia aberto para a participação de todos os convidados com a presença dos jornalistas da Rede Globo.

Foi nesta ocasião que a direção de jornalismo da Rede Amazônica decidiu criar a figura do coordenador de jornalismo do interior, que passaria a atender exclusivamente aos correspondentes com foco no melhor aproveitamento do conteúdo gerado para os telejornais da emissora. A partir desse momento o processo de criação das pautas seria invertido, passando os videorepórteres a discutir a proposta com este profissional, antes de ir a campo executar a reportagem. Outro procedimento importante que passa a ser adotado é a edição de texto para melhorar a finalização das matérias. O então editor-chefe do Jornal do Amazonas, Valdomiro Tavares, foi o profissional designado para desempenhar a nova função.

A gerente de jornalismo da TV Amazonas, Ercilene Oliveira, destaca que a criação da coordenação de jornalismo do interior foi uma necessidade que já se verificava há alguns anos com a expansão da rede.

[...] eles precisavam de uma pessoa para discutir a pauta com eles, para fazer uma interação entre todos, como é feito hoje pelo *skype*, né? Eles conversam pela Internet, eles trocam idéias, eles discutem pautas, eles corrigem textos. O Miro corrige o texto de um repórter e quando ele passa a correção todos os outros estão vendo. Então, essa troca de informação foi um grande ganho. Centralizando na figura do Miro, a gente conseguiu fazer um dado estatístico de aproveitamento, de quantas matérias chegam, de quantas matérias são usadas, quantas não são usadas, a onde elas são usadas. [...] E

ele também consegue controlar o aproveitamento, ele consegue fazer a oferta para os jornais, ele consegue dar um retorno para o rapaz do interior, se usou, por que não usou? [...] Por que está crescendo, hoje são vinte e seis pessoas trabalhando. Imagina se a gente tiver sessenta, aí já vai ser insuficiente uma pessoa só (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

A rotina de trabalho do coordenador de jornalismo do interior, responsável em customizar⁵ as ações dos correspondentes das praças, começa a cada manhã com o contato feito, via Internet, através do programa *Skype* de conversação *on-line*. Apesar de praticamente todas as minigeradoras contarem com uma infra-estrutura capaz de suprir as demandas básicas de comunicação diária via Internet, há casos de correspondentes que ainda não foram contemplados com os projetos de infra-estrutura e por isso, recorrem ao aluguel de equipamentos por um período do dia para informar o que está acontecendo nas suas localidades. A partir desta troca de informações é que são definidas as pautas de cada correspondente, que em seguida vão a campo para o trabalho de execução das reportagens. Valdomiro Tavares descreve que este tipo de ajuda foi importante para tirar muitos municípios do isolamento.

Olha, para os colegas que não têm FTP, que não têm a parte de informática da empresa no município, [...] a empresa dá uma ajuda de custo para que eles conversem com a gente diariamente, que é para facilitar. E alguns têm transporte próprio e a empresa também ajuda, no caso aluguel de moto, compra de gasolina, ou só a compra de gasolina para quem tem condução própria. E outros, talvez pelo tamanho do município em si, eles não chegaram a pedir nenhum tipo de ajuda (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

Com a nova proposta de trabalho, no início o mais difícil foi convencer os correspondentes da necessidade desta troca diária de informações. Valdomiro Tavares descreve que com a ausência desta prática ocorria um grande desperdício de material. Já havia uma rede estabelecida, mas cada correspondente fazia o que lhe era conveniente e quando o material chegava a Manaus, muitas vezes não era aproveitado.

⁵ Customizar, no sentido de adaptar às produções demandas do jornalismo em escala nacional. Sejam elas factuais ou não.

Era aquela coisa, digamos meio solta, né? Por que não existia um trabalho de acompanhamento do que o pessoal do interior fazia e nem de cobrar que eles mandassem. Então, eles ficavam muito à vontade. Se quisesse mandar, mandava. Se não quisesse [...] Por que a gente queria a notícia, mas não sabia o que acontecia e eles muitas vezes não tinham essa preocupação de nos informar o que estava ocorrendo lá (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

Só a partir da discussão das pautas, definindo o formato das matérias é que começou haver um melhor aproveitamento das reportagens. Tavares destaca ainda que com este método de trabalho, todos passaram a ter acesso ao que está sendo produzido nas demais localidades. Informação que, ao estimular entre eles a concorrência, favorece o telespectador que passa a ter um conteúdo preciso por meio de uma reportagem bem produzida e, as respectivas comunidades, que passam a ver fatos e notícias do seu cotidiano na TV.

Para o coordenador de jornalismo do interior a partir do momento que houve essa contrapartida, também aumentou o interesse em gerar mais reportagens para Manaus, mudando radicalmente um quadro que parecia estagnado.

Olha, o que eu converso bastante com eles é que eles têm que estar sempre sabendo o que ocorre no município deles. Porque a única maneira de nós sabermos aqui em Manaus é através deles, né? [...] Inclusive, muitas vezes, eles até dizem que quando entra matérias deles, [...] eles são cumprimentados pela população e tudo mais, as pessoas gostam de se ver. [...] outro dia um colega lá de Barcelos, né? Foi apenas uma nota seca que ele mandou, mas o pessoal lá viu e gostou, e cumprimentaram ele: "Olha, fulano, gostei". Barcelos apareceu na TV, falaram de Barcelos na televisão [...] Então eles se sentem empolgados e estimulados cada vez mais a produzir mais, né? Por que uma orientação que eu passo a eles, termos políticos, por exemplo, que nós não somos nem a favor e nem contra ninguém. A nenhum prefeito, a nenhum secretário, nós vamos mostrar o que ocorre no município. Se ocorrer um problema, nós vamos mostrar esse problema, se tem coisas positivas, nós vamos mostrar essas coisas positivas, independente de quem seja (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

Como resultado da produção com qualidade, a Central de Jornalismo em Manaus, passou a negociar com maior facilidade as reportagens locais com os telejornais da Rede Globo, tendo participações factuais específicas em jornais como o Globo Rural, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, além de não-factuais em outros programas. Os números do Cedoc registram que no mês de janeiro de 2008 foram vinculadas 142 reportagens nos telejornais da Rede Amazônica,

provenientes só do interior do Amazonas. Ao final do primeiro semestre de 2008, ano em que foi implantado o coordenador de jornalismo do interior, estes números chegavam a 936 reportagens, 236 a mais que em todo ano de 2007. Valdomiro destaca que em algumas coberturas a utilização do FTP foi fundamental.

No caso do naufrágio do barco Comandante Sales, ocorrido no mês de maio de 2008, que matou mais de 40 pessoas no rio Solimões, próximo a Manacapuru, as primeiras imagens geradas à Rede Globo no domingo, dia da tragédia, chegaram a Manaus por meio do FTP. Apesar do envio dos principais repórteres da emissora ao local do acidente em Manacapuru, que trouxeram as reportagens com o apoio de carros e barcos, os principais desdobramentos do episódio foram acompanhados pelo correspondente Adauto Silva, que abastecia os telejornais da Rede Amazônica utilizando-se da estrutura da minigeradora local.

Ainda dentro do projeto de integração, as afiliadas do interior de Rondônia, ao padronizarem seus cenários também em 2008, ampliaram com reportagens produzidas localmente a participação nos telejornais regionais como o Bom Dia Amazônia e Amazônia TV. Com a agilidade do sistema FTP, outras coberturas também ganharam destaque. O próprio Festival Folclórico de Parintins neste ano de 2008, por exemplo, teve a cobertura do correspondente da TV Parintins, Ocimar Mendes, que acompanhou os principais momentos da maior festa do interior do Amazonas.

O coordenador do interior do Amazonas, Raimundo Castro, responsável pela parte administrativa e comercial das minigeradoras, também destaca a participação dos correspondentes nos telejornais da Rede Globo.

[...] caiu uma ponte que dá acesso, eu acho que foi a BR-319, [...] que passa por ali [...] por Humaitá e Manicoré e tudo mais, né? E o repórter foi lá e ele é muito dinâmico, é o Antônio Jocemar [...] E ele foi lá, conseguiu captar as imagens, fez a reportagem e saiu no Globo Notícia, né? E eu falei: “Poxa vida, que coisa tremenda”, em outros tempos jamais aconteceria isso. [...] O repórter lá no meio da floresta Amazônica. Vai lá captar a imagem, que era muito longe lá da cidade, ele consegue mandar via FTP prá cá [...] e rapidinho, no mesmo dia praticamente, o Globo Notícia deu a notícia de que a estrada estava interditada por que tinha desmoronado e tal. Eu achei aquilo fascinante (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

Ao final de 2008 o resultado obtido com a criação da coordenadoria de jornalismo do interior do Amazonas apontou que foram veiculadas 1801 reportagens

do estado nos telejornais da Rede Amazônica, 1101 a mais que no ano anterior. O índice de aproveitamento do conteúdo oferecido ultrapassou a 95% segundo um levantamento feito por Valdomiro Tavares, o que indica que praticamente não houve desperdício. Mas talvez o mais importante tenha sido o aumento da auto-estima dos próprios correspondentes, que a partir do momento que passaram a ter uma atenção exclusiva de um profissional da emissora, também começaram a acreditar ser possível disputar espaço nos telejornais locais com os repórteres de Manaus e das demais capitais que integram a rede.

Valdomiro Tavares considera que houve uma mudança cultural de postura dos correspondentes. Também tendo agora um *ranking* de participações eles se viram estimulados a buscar um maior reconhecimento dos editores-chefes dos telejornais. Estes fatores, conforme destaca o coordenador de jornalismo do interior do Amazonas, passaram a ser motivo de crescimento na audiência para a emissora.

[...] o grande diferencial da Rede Amazônica em relação a todas as outras emissoras é o interior do Amazonas [...] quando entra um material do interior esse material entrou, não por bondade do jornalismo aqui em Manaus, mas entrou por que o material mereceu ir para o ar. [...] Então o nosso grande xis da questão é nisso aí, por que eu digo: “gente se esforcem para cada vez fazer um material melhor, para que aqui em Manaus o pessoal não tenha a desculpa de que o material não está bom”. Então [...] muitas vezes, como depende da Internet, e Internet depende do tempo, chuva e outros fatores extras, a gente está contando com o material, mas infelizmente devido à Internet, não chega. E às vezes, um material bom, né? Que seria para o primeiro jornal do horário. Então, melhorou, melhorou muito, pode melhorar ainda mais, né? E o pessoal do interior está com essa mentalidade já de [...] sempre buscar fazer algo melhor, por que eles sabem que eles estão concorrendo com os repórteres de Manaus (Entrevista concedida em 19 de junho de 2009).

Essa dinâmica de promover encontros anuais em Manaus foi mantida em 2008, buscando formatos diferentes no sentido de agregar mais valor ao conteúdo dos treinamentos. Naquela ocasião os correspondentes apresentaram projetos de reportagens especiais que seriam produzidas por regiões. Também foram oferecidos prêmios aos videorrepórteres que tiveram maior produtividade e o repórter Aduino Silva, da TV Manacapuru, foi premiado pelo número de matérias veiculadas.

Em 2009 ocorreram outras coberturas importantes dos correspondentes do interior para os telejornais da Rede Globo. A queda de um avião Bandeirantes, nas

proximidades de Manacapuru, que matou 24 pessoas, teve novamente a contribuição do vídeorepórter Aduino Silva. No final de outubro, outro acidente aéreo com um avião da FAB que levava um grupo de agentes de saúde da Funasa de Cruzeiro do Sul, no Acre, para Tabatinga, na fronteira do Amazonas com a Colômbia e o Peru, teve a cobertura jornalística do correspondente Roney Elias, da TV Tabatinga.

O número de reportagens do interior do Amazonas aproveitadas nos telejornais da Rede Amazônica continuou crescendo em 2009, totalizando 1930 produções exibidas, resultado de um processo que deu um verdadeiro salto após a criação do cargo de coordenador de jornalismo do interior, conforme mostra o quadro abaixo.

ANO	PRODUÇÕES
2004	120
2005	486
2006	867
2007	700
2008	1801
2009	1930

Quadro 1: Evolução do número de reportagens enviadas pelos correspondentes do interior do Amazonas.

Fonte: Cedoc da Rede Amazonica e Coordenação de Jornalismo do Interior do Amazonas.

Além da questão quantitativa, a gerente de jornalismo da TV Amazonas, Ercilene Oliveira, destaca que houve uma evolução do ponto de vista editorial das reportagens. A simples prática de se fazer uma filtragem do que está sendo produzido e a troca de informações diárias entre os correspondentes deram a eles um olhar diferente dos assuntos de real interesse para o público.

A comunidade se vê, né? Ela se sente participe da informação, ela não é mais excluída, entendeu? Ela tá no contexto do Estado. As coisas que acontecem na cidade delas viram notícias no Estado todo. E isso melhora a auto-estima da comunidade, ela se faz presente, embora longe. É por isso que a gente mostra, a gente procura falar para o pessoal de Manaus sobre essa importância. Então, o retorno realmente foi muito bom [...] No início, a gente fazia muito, aquela coisa muito poder público, né? A prefeitura fez isso, a prefeitura fez aquilo, por quê? Por que o repórter, ele estava muito

focado nisso, ele achava que só aquilo era notícia. E hoje, eles já vêem que tudo na cidade é notícia. Eles já conseguem mostrar o cotidiano das cidades, até as coisas mais simples. E isso valoriza muito a sociedade do interior do Amazonas (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

Para a gerente do Cedoc, Iolanda Albertino, esta evolução também é constatada com relação aos correspondentes dos demais Estados que integram a Rede Amazônica, o que mostra melhorias não apenas no aspecto jornalístico, mas também no modelo de gestão do FTP.

Nós temos 25 municípios mandando FTP todos os dias, inclusive o Oiapoque que é lá no comecinho do Brasil, ou final, não sei. Então, do Oiapoque até Acrelândia, que muita gente nem sabe que existe, se é uma comunidade, se é uma cidade, cresceu muito. Do ponto de vista quantitativo assim, valeu [...] porque começou com uma experiência nova. Hoje, a gente já vê que tem um outro sistema envolvido. Hoje se você comparar a primeira transmissão com a transmissão de hoje tem um diferencial de qualidade muito grande. Inclusive, para os próprios repórteres que aprenderam a se vê na TV. Então ele se treinou porque ele viu os erros, corrigiu, [...] E na qualidade foi outra conquista. Em termos gerais, todas as pessoas de cada comunidade se valorizaram, se interessaram pela audiência do jornal, pela expectativa de se ver a qualquer hora e prá gente também. Porque a gente vê que um trabalho foi prá frente, que tem uma qualidade diferenciada. Hoje em dia, o FTP é tratado de uma maneira tão simples que já se incorporou no DNA. [...] E o acervo cresceu, cresceu muito, por exemplo, teve uma reportagem que foi feita em Barreirinha. Então, essa reportagem de Barreirinha ela foi embora prá França. Uma pessoa comprou a matéria, viu na Internet, porque não é só na TV (Entrevista concedida em 7 de julho de 2009).

Atualmente o sistema de geração FPT também já é usado para a geração de conteúdo jornalístico pelas principais emissoras concorrentes da Rede Amazônica, não apenas no Amazonas, mas em estados como Rondônia, Acre e Pará. Mesmo assim, essas emissoras ainda não conseguiram formar uma rede de correspondentes tão ampla, capaz de cobrir os principais municípios do interior da Amazônia. Outra vantagem é a versatilidade dos videorepórteres da Rede Amazônica, que atendem não apenas aos canais de televisão do grupo, mas também as emissoras de rádio e o Portal Amazônia.

Apesar de não mais integrar os quadros da empresa, o jornalista Arnoldo Santos, enfatiza que a descoberta das qualidades do FTP para a geração de conteúdo jornalístico permitiu que as comunidades mais distantes da região fossem

integradas ao mundo globalizado, o que poderia demorar dezenas de anos se dependesse apenas do satélite.

[...] eu acredito que a Rede Amazônica conseguiu fazer o que as outras sempre quiseram fazer. Porque foi o resultado, não de postura da empresa, mas de postura de um ou outro profissional que puxou a bandeira. Então a Rede Amazônica conseguiu fazer na frente e puxou as outras. Só que, o trunfo da Rede Amazônica é ter mostrado o caminho, o que é o FTP. [...] o que é simplificar os processos de comunicação. Ora, é como se fosse assim: tem uma aldeia aqui e uma aldeia está lá. A gente só tem o sinal de fumaça para Manaus, então vamos aperfeiçoar o sinal de fumaça. Então assim se eu só tenho essa Internet, então vamos aperfeiçoar o sinal dessa Internet. Por enquanto não vou conseguir sinal de satélite para cada uma das transmissoras. Então, o trunfo da Rede Amazônica foi esse (Entrevista concedida em 8 de agosto de 2009).

Apesar de ainda não ter uma qualidade de vídeo compatível com os equipamentos de última geração tecnológica usados nas emissoras das capitais, esta mudança de paradigma que ocorreu com o FTP mexeu com o comportamento dos profissionais que atuam na Central de Jornalismo da Rede Amazônica em Manaus. Segundo Ercilene Oliveira, hoje se faz uma avaliação acima de tudo da importância da notícia que vem do interior para a capital, com a preocupação de veiculá-la seja com imagem ou por meio de uma simples fotografia.

Depois que a gente começou, outras emissoras aderiram a essa situação de ter pessoas no interior enviando. Então, eu acho que isso é o que nos diferencia dos demais, essa universalização. [...] Depois que as pessoas da nossa redação perceberam que isso nos deixava diferente dos demais, elas passaram a aceitar, elas passaram a adotar. Tanto é que hoje a gente vê um esforço muito grande deles em dar notícias do interior. E aí, a gente tem algumas cidades, por exemplo, que tem dificuldade de envio de material de vídeo, e os repórteres mandam fotos. E aí, o pessoal já tá dando foto, já tá compondo a notícia. A notícia, ela tem sido mais importante do que qualquer outra coisa. Antigamente, não ter imagem era um obstáculo para não dar o fato. Hoje não, eles dão a notícia do interior. O importante é ter, entendeu? A informação chega aqui e dificilmente ela é recusada. Então eu acho que eles sentiram a importância que o interior tem para o jornalismo da Rede Amazônica e passaram a valorizar, por que eles divulgam tudo, seja lá o que for (Entrevista concedida em 19 de junho de 2010).

Pelo exposto, se pôde observar que a reflexão acerca das práticas cotidianas adotadas pela Rede Amazônica nos Estados onde atua, apenas avançam porque há

um compromisso no sentido de romper barreiras com objetivo de levar a informação ao homem da Amazônia. Neste contexto, os limites impostos pela natureza lançam desafios, tornando - como citou Pinto (2003) - anacrônica a história da indústria moderna na Amazônia.

No que tange os veículos de comunicação, é preciso tornar relativa qualquer tentativa de reflexão, pois a realidade amazônica exige para que se contemple a rede de informação, o uso simultâneo de velhas e novas mídias (DIZARD, 2000). A Rede Amazônica atuando no Norte do país vem adotando em suas práticas novas técnicas e tecnologias disponíveis no mercado das telecomunicações.

Apesar das deficiências em relação à prestação de serviços para esta parte do território nacional, o jornalismo tem criado uma rede integrada pela comunicação que gradualmente sobrepõe às velhas mídias o uso de novas alternativas, como os satélites, computadores e sistemas de Internet banda larga e discada. Partindo no sentido interior, embora a rede se fortaleça há, pelas dificuldades de acesso, uma tendência ao uso de recursos já obsoletos em relação aos grandes centros. Mas para a realidade da Amazônia, caracterizam-se como importantes ferramentas para a prática diária de um jornalismo integrado, interativo e preocupado em, por meio da informação, integrar e inserir a região Amazônica entre seus limites e para além deles.

4.3 UMA ABORDAGEM SOBRE OS EFEITOS DO SISTEMA FTP NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU

Se o uso do FTP causou mudanças nos telejornais e nos profissionais da TV Amazonas como foi mostrado anteriormente, na TV Manacapuru esse efeito foi ainda mais intenso. Fundada no dia 26 de maio de 1981, a emissora foi o primeiro canal de televisão aberta a se instalar na cidade de Manacapuru, alterando os hábitos daquela comunidade ribeirinha que até então praticamente só recebia notícias do Estado, do Brasil e do Mundo por meio das emissoras de rádio e dos jornais impressos, apesar da proximidade do município, distante 78 quilômetros de Manaus.

Vinte e um anos depois da instalação da estação retransmissora de televisão no município, no dia 1º. de setembro de 2002, Manacapuru receberia outro

investimento de porte no setor das telecomunicações, também da Rede Amazônica, com a inauguração da Rádio Princesa do Solimões, justamente no dia do 30º aniversário de fundação da TV Amazonas. Um ano depois, a TV Manacapuru começaria a mudar o seu perfil, passando a ser uma das primeiras minigeradoras do interior do Amazonas e investindo no telejornalismo local com a contratação do seu primeiro videorepórter, responsável por levar as principais notícias do município à maior rede de televisão da Amazônia.

O escolhido para desempenhar esta função foi o professor Aduino Silva de Oliveira, que já atuava como repórter na Rádio Princesa do Solimões desde setembro de 2002. Natural de Manaus, ele iniciou a carreira profissional trabalhando como educador no município de Pauini, no interior do Amazonas, entre os anos de 1982 e 87. Nesta mesma cidade, atuou no serviço de alto-falante denominado A Voz de Pauini, fazendo programas de entretenimento e serviços voluntários. O veículo era o único meio de comunicação entre os moradores locais, que na época ainda não dispunham de rádio, telefone ou televisão, este último veículo só implantado em 1984.

Em 1988, Aduino transferiu-se para Novo Airão, também no interior do Amazonas, onde morou até 2002, tendo atuado nas rádios comunitárias Paraíso e Anavilhanas. Também fez jornalismo na TV local, mas destacou-se na política elegendo-se vereador entre os anos de 1993 e 96, quando chegou a ser presidente da câmara do município entre 1993 e 94. No ano seguinte afastou-se da câmara para exercer o cargo de secretário de educação de Novo Airão.

Aduino é formado em matemática pela Universidade Federal do Amazonas, e em Ciências pela UNESP - Universidade do Estado de São Paulo, tendo ainda pós-graduação em metodologia do Ensino Superior e Gestão Escolar. Apesar desta trajetória o grande sonho era mesmo ser um profissional da televisão. Ele lembra como foi escolhido para desempenhar a função de videorepórter em dezembro de 2003, na TV Manacapuru.

A experiência na televisão começou a partir do momento que a Rede Amazônica instalou o sistema de transmissão de matérias via Internet aqui em Manacapuru. Foi um trabalho pioneiro. A rede iniciou por Manacapuru e foi feito um teste, né? Então, algumas pessoas estavam por aqui, se convidaram para um teste. Como eu já trabalhava na rádio aqui como locutor de rádio, eu fiz o teste. E até digo, entre o pessoal que fez o teste, eu fui o menos ruim, por

que todos nós que fizemos o teste [...] ninguém tinha experiência (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

O município de Manacapuru tem uma população de 86.472 habitantes, segundo contagem feita em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e está localizado na margem esquerda do rio Solimões, na confluência com o rio Manacapuru, também sendo banhado pelos rios Purus e Jará. Seu nome é originado de uma palavra indígena que quer dizer Flor Matizada.

Com uma área de 7.399 quilômetros quadrados, na Região Metropolitana da Grande Manaus, tem a quarta maior população do Amazonas, menor apenas que Manaus, Parintins e Itacoatiara. Além do comércio, o turismo é outra importante fonte de renda, impulsionado pelo tradicional Festival de Cirandas, realizado no último fim de semana de agosto, quando ocorrem as apresentações das cirandas Flor Matizada, Tradicional e Guerreiros Mura, durante três noites de festa no chamado Cirambódromo. Cerca de 20 mil pessoas de várias partes da região vão a cidade nesta época do ano para participar dessa tradição.

Atualmente, Manacapuru vive um momento de profundas mudanças em sua estrutura sócio-econômica. Uma obra que vem sendo muito aguardada pela população é a construção da ponte sobre o rio Negro, entre Manaus e o município de Iranduba, que facilitará o escoamento da produção agrícola de vários municípios, incentivando também a instalação de indústrias de processamento na cidade. Além desses benefícios, Manacapuru deverá se transformar num dos portos mais importantes do estado, pois com a ponte será possível reduzir o percurso no transporte de cargas e passageiros que descem nas embarcações pelo rio Solimões rumo a capital.

Os primeiros momentos na TV Manacapuru foram de muito aprendizado para Aduino Silva. O desafio era executar sozinho as funções de uma equipe de reportagem, ou seja: produzir as pautas, captar imagens, gravar as entrevistas, *offs* e passagem, editar o material e depois enviar à matriz. No começo as reportagens produzidas eram enviadas a Manaus por ônibus ou carro, mas já se sabia que a TV Manacapuru havia sido escolhida para fazer parte da primeira experiência de geração de conteúdo via Internet na Rede Amazônica. Mesmo assim, Aduino lembra que praticamente não houve treinamento.

Nós começamos a coletar o material, produzir texto, aí encaminhava prá Manaus, pro pessoal corrigir, adequar, aí que foi [...] através desse intercâmbio que foi feito o treinamento, mas em campo mesmo aqui, nós não tivemos treinamento nenhum no primeiro ano de trabalho (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

No começo de março de 2004, Aداuto receberia os profissionais da TV Amazonas, responsáveis por fazer o primeiro teste de geração via FTP. Ele descreve que vieram técnicos de engenharia e informática para dar suporte à transmissão, além de uma equipe de reportagem que executaria a pauta a ser gerada. A idéia era mostrar um pouco da vida no município e apresentar justamente a novidade de enviar uma reportagem para Manaus usando os recursos da Internet. Ocorreram várias dificuldades para que o conteúdo chegasse a Central de Jornalismo e fosse visualizado. Naquela época a Internet era mais lenta e Manacapuru sempre teve problemas de quedas de energia, o que tornaram o desafio ainda mais difícil.

Apesar destes entraves houve uma grande comemoração na emissora quando Manaus confirmou o recebimento da reportagem, quase no fim do dia e o material foi apresentado no Jornal do Amazonas. A equipe de Manaus foi embora no dia seguinte e se tinha sido complicado para todos aqueles profissionais executar essa operação com o envolvimento da engenharia, informática e do jornalismo da Rede Amazônica, ficava a dúvida: como seria fazer todo aquele trabalho sozinho?

Aos poucos foi se estabelecendo uma nova rotina e os resultados foram aparecendo. Aداuto recorda que na mesma época que começou a atuar como repórter, a TV Manacapuru também passou a inserir comerciais localmente e houve uma grande aceitação da comunidade, principal fator de estímulo para compensar as deficiências jornalísticas e técnicas dele.

Então tinha a maior audiência como sempre, mas quando se falava, assim, alguma coisa local, o pessoal reverenciava outros canais. A partir do momento que começou a sair propaganda local, começou a sairem notícias locais, principalmente, começou a sair na capital, enfim, a rede começou a tomar conta de vez mesmo... Por que até as pessoas dizem um horário vem para o outro, por que a qualquer momento pode sair reportagem do município, né? E a cidade cresceu muito (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

Apesar deste cenário favorável a TV Manacapuru sempre teve de enfrentar uma concorrência que Aداuto considerava até certo ponto desleal. Criadas da

necessidade no momento em que o município ainda não recebia o sinal de emissoras locais, elas se proliferaram por toda Amazônia e ainda são mantidas em muitas localidades da região.

Hoje tem um grande concorrente com a emissora aqui dentro, que não são as emissoras, são as parabólicas, né? Porque o pessoal, a partir do momento que tem a parabólica passa a ter acesso ao sinal da Globo, mas não tem da Rede Amazônica. Muita gente até reclama... Faz a matéria, faz o comercial... Poxa! Mas eu não assisto porque eu tenho parabólica. Tanto é que tem gente aqui hoje que tem parabólica e o sinal aberto em casa, ele tem uma televisão lá para ele ver a questão local (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

Desde quando começou a atuar como videorepórter na TV Manacapuru, Aduino Silva tem uma rotina intensa. Além de manter a função de professor efetivo do Estado, ele está antenado em tudo que acontece no município. Apesar de ter uma jornada de seis horas diárias de trabalho, ele já percebeu que a qualquer hora do dia pode surgir o fato mais importante e é preciso estar atento para documentar.

No dia-a-dia Aduino chega a TV Manacapuru por volta das 08h00 e a primeira atividade é ler os jornais locais e pesquisar na Internet as notícias divulgadas. À partir das 09h00 ele participa de um chat com os correspondentes de todo interior do Amazonas, que é comandado pelo coordenador de jornalismo do interior, Valdomiro Tavares. É quando são oferecidas as pautas apuradas quase sempre no dia anterior. Definido o encaminhamento do assunto, Aduino sai a campo com sua câmera para fazer uma ou duas matérias.

Apesar de trabalhar praticamente sozinho, o videorepórter de Manacapuru destaca que pode contar com o imprescindível apoio do gerente da emissora, Sebastião Gadelha da Silva, que por ter sido cinegrafista na TV Amazonas em Manaus, é uma fonte importante de informação, além de dar suporte técnico nas reportagens mais trabalhosas. No final da manhã, quando chega da externa, Aduino aproveita o tempo que resta para escrever os textos e passar tudo que foi produzido na rua para Valdomiro Tavares.

Depois do almoço se inicia o processo de edição de imagens. O material captado é inserido no computador, onde vai ser feita a finalização da reportagem. Em seguida começa a transmissão do conteúdo via FTP para o Cedoc em Manaus. Segundo Aduino, quando a matéria tem um minuto de produção este processo dura

em média uma hora, mas dependendo das condições da Internet pode ser mais demorado. A demanda de assuntos em Manacapuru sempre é muito variada conforme descreve o correspondente.

Aqui tem os assuntos por época, né? Tem a parte do período da safra do pescado, tem o período de cheia, tem o período de seca, tem o período da ciranda, mas no dia-a-dia mesmo, aqui, são as questões ambientais. [...] elas acontecem o ano todo. São crimes ambientais, nós temos aí madeiras, a própria pesca também. Então é mais assim, as questões ambientais que mais chamam a atenção e a questão do dia-a-dia da comunidade mesmo, como a questão de trânsito, tem outros eventos que acontecem, né? A parte mais social, mas o carro-chefe mesmo são as questões ambientais, tanto as positivas, como as negativas (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

Esta grande evidência na mídia também exigiu uma dedicação maior do videorepórter em Manacapuru. Segundo Aduato, hoje as pessoas da comunidade já aprenderam como conseguir um espaço no jornalismo da emissora e sugerem todos os tipos de pautas que vão desde uma festa comunitária até um evento cívico da cidade. Ele revela que para atender a maior parte dos pedidos, aproveita os espaços disponíveis na programação comercial para divulgar o grande volume de informações que recebe no Jornal 24 horas.

Mesmo assim, o maior desafio é conseguir cobrir todos os fatos importantes do município que possui uma extensa área rural e muitas vezes exige o deslocamento para lugares distantes da cidade. Além disso, ele é responsável pela cobertura de outras cidades importantes na região de Manacapuru, como na grande cheia do ano passado quando ele teve de se deslocar várias vezes para lugares que ficaram totalmente alagados e até renderam reportagens no noticiário nacional.

Esse envolvimento da comunidade com a televisão acabou se tornando uma via de mão dupla e, ao mesmo tempo que oferece um aumento na demanda de reportagens, também cobra uma atuação mais intensa do veículo de comunicação conforme explica Aduato.

Eu acho que cada dia aumenta a nossa responsabilidade, porque a cada momento que as pessoas foram se vendo na televisão, elas foram assumindo um compromisso. Tanto é que, hoje se tiver uma campanha de vacinação e no jornal em Manaus divulgar, daqui a pouco os municípios que fizeram, se não sair Manacapuru, o pessoal vem cobrar da gente, porque que Manacapuru não saiu. Então, eles estão acostumados a se ver, eles querem se ver, eles

participam. Outra coisa. Quando você chega a um local, o pessoal já sabe. Olha, vai ser divulgado fora. Então, a nossa presença, mesmo que vá ao ar ou não, a nossa presença já muda o ambiente. Você chega em uma sala de aula hoje, o pessoal diz: se ajeita aí que a televisão chegou (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

Apesar de atuar praticamente sozinho, Aduino Silva tem conseguido se manter em primeiro lugar no ranking do interior do Amazonas. Em alguns meses sua produção chega a 35 reportagens, mas segundo ele a demanda de assuntos é ainda maior. Esta é uma demonstração de que a cidade já poderia ter um telejornal diário. Nas palavras do correspondente de Manacapuru bastaria um incremento na estrutura local.

O nível do jornalismo que nós fazemos aqui já está pequeno para o nosso trabalho. Hoje nós já conseguimos cobrir tudo o que acontece no município. [...] Hoje nós estamos aí entre as três maiores cidades do Estado. Então nós já temos condições de ter uma presença maior e não só fora do município, como aqui dentro também. [...] nem tudo que tem aqui dá para entrar no jornal a nível de estado, mas aqui dentro são notícias importantes iguais as de Manaus. [...] Então já dá prá começar a explorar aqui dentro, montar um sistema aqui dentro para se trabalhar o jornalismo [...] e daí tirar o sumo prá mandar lá prá fora. Por que nós estamos fazendo. [...] Eu acho que Manacapuru já comporta um número maior de repórter. [...] se quiser explorar, Manacapuru já tem suporte para isso (Entrevista concedida em 27 de maio de 2009).

A gerente de jornalismo da TV Amazonas, Ercilene Oliveira, reconhece o trabalho feito por Aduino Silva. Para ela o envolvimento do correspondente com a comunidade de Manacapuru mostrou o quanto é possível fazer mesmo trabalhando sozinho no interior do Amazonas. Ela endossa ainda a necessidade de se criar no município um espaço próprio para o jornalismo local e destaca o diferencial criado por Aduino a partir da dedicação profissional que ele tem demonstrado.

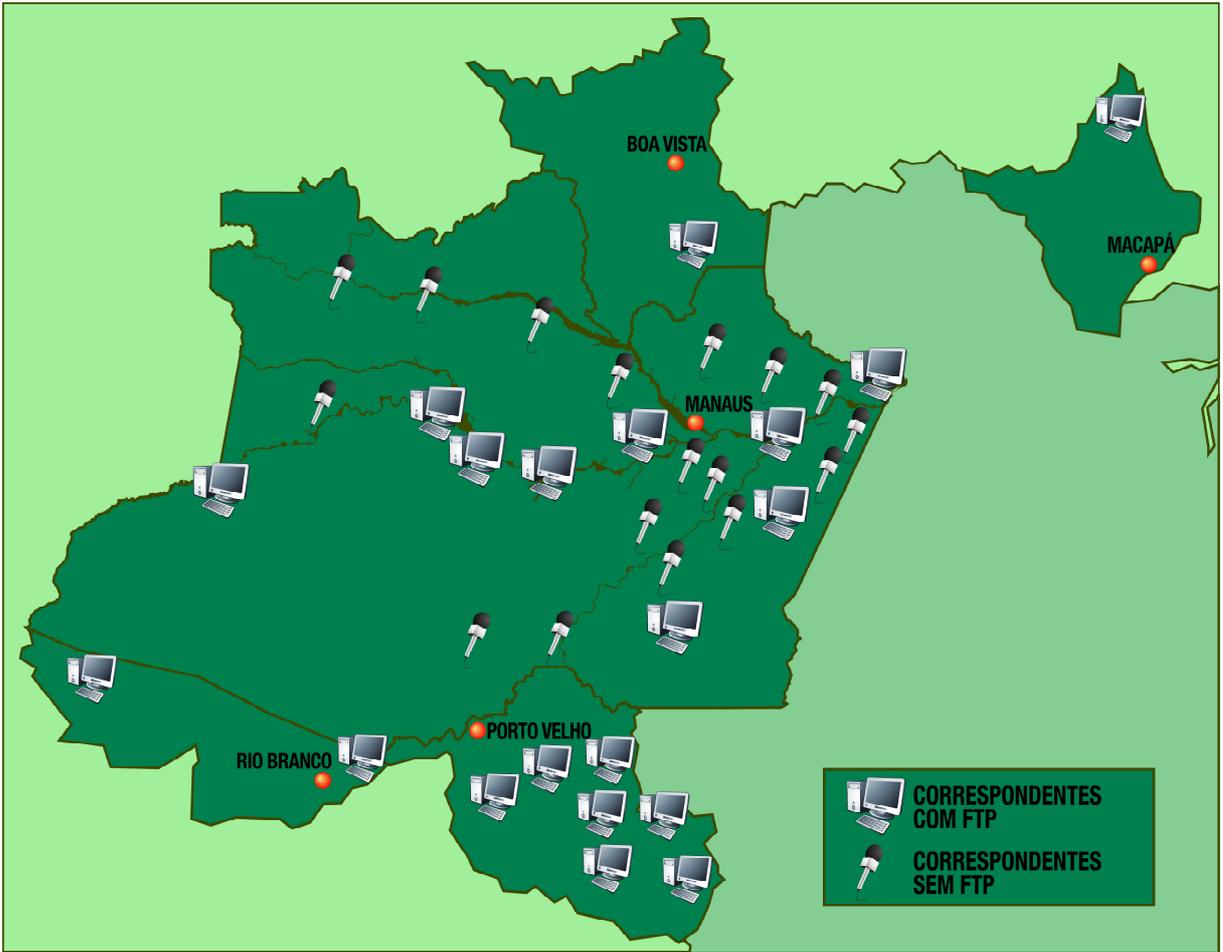
Talvez por ele ser um professor, né? [...] Ele tem uma facilidade muito grande de aprender, de assimilar conteúdos. Então, isso facilitou muito o início da carreira dele como repórter. E ele é extremamente dedicado à função. Ele busca, ele procura notícia em tudo que ele vê. Então, isso ajudou ele a ser bastante presente. [...] Eu acho que ele tem na comunidade que ele vive um respeito muito grande, pelo trabalho que ele desenvolve. E por ser uma comunidade grande, eu acho que já caberia a ele uma estrutura um pouco maior, talvez um pequeno jornal na cidade. Por que, ele faz tudo que os outros fazem, as inserções do Jornal 24 Horas. Agora, para ele ter um pequeno jornal na cidade dele, para que ele possa dar notícias de Manacapuru, ele precisaria de uma estrutura um

pouquinho maior. Penso eu que, como a ponte vai chegar, economicamente, Manacapuru vai crescer, crescendo aumenta a receita, né? [...] Aí, a gente pode viabilizar para ele essa estrutura maior (Entrevista concedida em 19 de julho de 2009).

Para o gerente de TI da Rede Amazônica, Jackson Moisés, a introdução do FTP foi fundamental para o êxito da TV Manacapuru como emissora, assim como a ascensão do correspondente Adauto Silva. Sem esta ferramenta nem a empresa e muito menos o profissional teriam alcançado estes resultados, o que só reafirma a importância da Internet na integração dessas comunidades do interior da Amazônia com o mundo globalizado atual.

A TV Manacapuru [...] tem um outro sorriso. Por exemplo, o nosso repórter [...] tem prazer de fazer isso. Foi o FTP que deu visibilidade para ele, ele sabe que ele vai pro ar porque o FTP está funcionando. Então, ele começou a ficar mais motivado. Ele ganhou prêmio como repórter de rede. A partir dessa motivação, ele sabia que podia contar com uma ferramenta que ia levar o trabalho dele avante. Então isso foi [...] tão importante quanto o desenvolvimento da região porque se o profissional [...] não tiver motivado, não entender quanto aquilo é importante, ele não consegue mostrar para as pessoas a matéria, a imagem de maneira correta. Então, com essa tecnologia tivemos dois grandes ganhos que foi o desenvolvimento interno e externo de Manacapuru. O que vem de fora e o que estava lá dentro. É a motivação dos nossos profissionais para continuar fazendo esse trabalho e ter uma visão melhor de futuro na cidade. Esses dois ganhos foram fundamentais a partir do FTP (Entrevista concedida em 24 de junho de 2009).

Atualmente além de Manacapuru, também utilizam o sistema de geração via FTP os correspondentes de Apuí, Coari, Itacoatiara, Parintins, Presidente Figueiredo, Tabatinga, e Tefé, no Amazonas; Guajará-Mirim, Ariquemes, Jaru, Ji-Paraná, Cacoal, Rolim de Moura e Vilhena, em Rondônia; Cruzeiro do Sul e Acrelândia, no Acre; Rorainópolis, em Roraima; e Oiapoque, no Amapá; além das capitais como Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista, Macapá e Brasília. Outros correspondentes que ainda não foram contemplados por essa tecnologia de transmissão estão nos municípios de Alvarães, Barcelos, Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Careiro Castanho, Humaitá, Lábrea, Manicoré, Maués, Nova Olinda do Norte, Novo Airão, Rio Preto da Eva, Santa Izabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, Borba, Iranduba, Autazes e Tonantins, todos no interior do Amazonas, conforme mapa abaixo.



Mapa 3: Distribuição dos correspondentes nos cinco Estados que integram a Rede Amazônica.

CAPÍTULO V

5 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme exposto no primeiro capítulo no item que se refere ao percurso metodológico, optou-se pelo estudo de caso por ser um método abrangente e adequado para a investigação do uso da ferramenta tecnológica FTP, no processo de integração das emissoras afiliadas do interior da Amazônia, por meio da geração de conteúdo jornalístico à Rede Amazônica de Rádio e Televisão. As características que demonstram a aplicabilidade deste método estão baseadas em Yin (2005, p. 32), ao citar que:

1. Um estudo de caso é uma investigação empírica que
 - investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando
 - os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Em outras palavras, você usaria o método de estudo de caso quando deliberadamente quisesse lidar com condições contextuais – acreditando que elas poderiam ser altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo [...].

2. A investigação de estudo de caso
 - enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
 - baseia-se em várias fontes de evidências, com dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
 - beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Em outras palavras, o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – tratando da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. Nesse sentido, o estudo de caso não é uma tática para coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si (STOECKER, 1991), mas uma estratégia de pesquisa abrangente.

Sendo a proposta da pesquisa demonstrar o processo de aplicabilidade do FTP enquanto ferramenta de consolidação da rede que integra os correspondentes

do interior da Amazônia, e, contextualizar os efeitos no município de Manacapuru, o primeiro a adotar o modelo, se tem, conforme cita Pires (2008, p.183) o entendimento de que:

A tese que emerge do estudo de caso é um resultado de pesquisa, no sentido de que ela se baseia nele, ou decorre em parte desse caso. Em resumo, “exemplaridade” significa tanto tipicidade (“caso típico”), quanto possibilidade empírica de apreender, descobrir ou demonstrar. Nesta última acepção, seu sentido se torna vizinho ao de possibilidade de aprender [...].

Na busca de informações, para o levantamento de dados se optou pela realização de entrevistas com perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas na TV Amazonas, em Manaus, envolvendo quatorze entrevistados e um em Manacapuru. O conteúdo das entrevistas teve como objetivo compreender o sistema FTP com relação ao contexto em que se instalou e se desenvolveu, a infra-estrutura criada, os aspectos históricos e a demanda que influenciaram na implantação do modelo, além dos mecanismos desenvolvidos para aprimorar os resultados com o uso desta ferramenta.

Em Manacapuru, dezesseis entrevistas foram realizadas. O critério para a escolha tomou como base a representatividade destas pessoas nos setores considerados mais significativos da sociedade local. As entrevistas foram agendadas com antecedência, mas mesmo assim, houve dificuldades de serem realizadas, visto que algumas autoridades não mantinham residência fixa na cidade. Já alguns entrevistados selecionados preferiram não gravar alegando outros compromissos. Situação que, durante a prática do trabalho de campo, levou o pesquisador a identificar novos entrevistados de perfil similar dos definidos anteriormente. As entrevistas tiveram início no dia 26 de maio e foram finalizadas em julho de 2009. Em Manacapuru, o pesquisador contou com o apoio do correspondente Aauto Silva, da TV Manacapuru. Para registro dos depoimentos se utilizou um gravador, duas câmeras portáteis e uma máquina fotográfica, sendo posteriormente todo material transcrito para análise.

Em se tratando de um universo de entrevistados com perfis diferenciados e possíveis divergências de pontos de vista, se reforça a escolha da pesquisa qualitativa considerando a possibilidade de categorização das respostas de acordo com as variáveis, facilitando a posterior análise e interpretação dos resultados

obtidos. Esta técnica possibilitou ao pesquisador formar categorias provisórias, durante a coleta de dados, permitindo ao classificá-los, torná-los inteligíveis.

A escolha teve como principal aspecto a forma de abordagem que consiste em analisar os dados de maneira mais aberta e abrangente, se preocupando menos com os números e dando maior ênfase ao conteúdo apresentado. Conforme citam os autores,

Esses dados se apresentam como resistentes à conformação estatística. São os dados da experiência, as representações, as definições da situação, as opiniões, as palavras, o sentido da ação e dos fenômenos. Ainda que eles escapem à padronização estabelecida, é ainda assim importante que as ciências sociais possam analisá-los, já que eles descrevem uma grande parte da vida social; negligenciá-los é privar-se de um conhecimento essencial (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2008, p. 147).

Para que a pesquisa tivesse a abrangência dos setores mais significativos da sociedade de Manacapuru, foram entrevistados durante o trabalho de campo: um representante do segmento esportivo; um do segmento cultural; um membro do Conselho Tutelar; representantes do setor educacional; dos poderes executivo, legislativo e judiciário; do Ministério Público; do comércio; da imprensa; da segurança pública; um artesão e um escritor representando o segmento artístico; um líder comunitário e um representante da igreja por meio da Pastoral da Criança.

Foram elaboradas sete perguntas, com o objetivo de investigar qual a opinião dos entrevistados com relação ao trabalho jornalístico da sucursal da Rede Amazônica no município de Manacapuru e qual a contribuição deste trabalho no processo de construção da formação de uma opinião crítica. Procurou também se conhecer qual o ponto de vista que eles têm com relação às questões do relacionamento da emissora com o poder público; da importância do jornalismo nas áreas da educação e da cultura; além da expectativa de ampliação deste trabalho em benefício da comunidade. O pesquisador, antes de aplicar a entrevista, apresentou aos entrevistados o contexto e a relevância desta pesquisa, cujo objetivo é compreender o grau de importância do uso do FTP na rotina dos vídeorepórteres do interior, repercutindo em maior participação dos municípios, transmitindo material com melhor qualidade de imagem e conteúdo factual para os telejornais diários da Rede Amazônica.

Baseada na fundamentação teórica (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2008) da pesquisa qualitativa, pautado nas respostas dadas pelos entrevistados, se utilizou um critério de categorização para representar a síntese do que pensam os entrevistados acerca do que lhes foi questionado. Ao adotar este critério, primeiro se realizou um levantamento das variáveis intrínsecas às respostas diretamente relacionadas às perguntas; em seguida se fez um levantamento das diferentes variáveis identificadas; finalizando com a categorização. Neste contexto, uma categoria equivale a um ponto de vista do entrevistado, logo, para o pesquisador um elemento de investigação.

Com esta metodologia, por vezes, a somatória da quantidade de respostas correlacionadas às categorias, pode não corresponder ao total de entrevistados. E, considerando que durante todo o processo de identificação das variáveis se interpreta informações, a partir da sistematização dos dados em quadro, se optou por realizar o aprofundamento da análise apenas para as duas categorias mais citadas, conforme categorização das respostas, no item a seguir.

5.1 CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS

PRIMEIRA PERGUNTA

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município passassem a ser divulgados em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
NOVOS CONHECIMENTOS	7
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO	6
SENSO CRÍTICO/FORMAÇÃO DE OPINIÃO	4
IDENTIDADE REGIONAL	4
ORGULHO/AUTO-ESTIMA	3

Quadro 2: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

Do total de dezesseis perguntas aplicadas no município de Manacapuru, no estado do Amazonas, entre os meses de maio a julho do ano de 2009, foi possível, com base nas respostas dadas à primeira pergunta identificar, conforme o quadro acima, 24 pontos de vista diferentes, divididos para análise em cinco categorias distintas. Três delas foram relacionadas ao orgulho e a auto-estima como processo de mudança do modo de vida e hábitos dos moradores de Manacapuru, influenciados pela presença da emissora no cotidiano da comunidade. Quatro respostas destacaram a identidade regional e outras quatro a formação de opinião ou o senso crítico como fatores determinantes.

Como as mais citadas entre os entrevistados se destacaram a mudança de comportamento, por seis vezes, e a aquisição de novos conhecimentos, por sete vezes. Com base nestas categorias pode-se dizer que apesar de a televisão ser um veículo de comunicação cuja principal finalidade é oferecer entretenimento, para a maioria das pessoas ouvidas, ela também agrega o poder de ao apresentar um fato, favorecer através da opinião pública uma mudança de comportamento, manifestado em novas atitudes. Considerando este ponto de vista, a televisão assume, por meio da forma como veicula uma notícia, uma ação determinante sobre o modo de interpretação dos fatos pela sociedade.

Neste contexto, segundo os entrevistados, o telejornalismo da TV Manacapuru tem um importante papel no processo de formação de opinião dos moradores da cidade ao permitir a estes o acesso a informações não apenas da sua localidade, mas, também de outros lugares. É a chamada dinâmica perversa da globalização, pois apesar de tornar a velocidade da informação cada vez mais rápida e, o acesso aos fatos cada vez mais virtual, não consegue, com a mesma velocidade, contribuir no âmbito de localidades menos favorecidas, com a

mobilização social. Embora, favoreça entre os moradores, o despertar para a mudança na busca de solução para os seus problemas.

Associada a categoria mudança de comportamento, entre os sete entrevistados foi unânime que o conteúdo veiculado pela emissora contribui com novos conhecimentos. Situação que espontaneamente provoca mudança no modo de vida da população. Eles destacam que a televisão ao trazer a informação bem apurada, no caso principalmente dos telejornais, também introduz novos elementos considerados importantes para a formação de indivíduos mais conscientes dos seus deveres e obrigações, fortalecendo o sentimento de cidadania. Além disso, a possibilidade de ter acesso à cultura de outros povos, amplia o entendimento sobre o seu modo de vida, fortalecendo ações como, por exemplo, a de solidariedade⁶. Esta percepção também está presente em outros momentos das entrevistas, mostrando que apesar de não ser esta a principal finalidade, a televisão passou a ser um elemento de referência primordial para a sociedade. E, na escala geográfica das pequenas comunidades da região amazônica, mais do que apenas uma mídia ela é também o meio pelo qual a comunidade se projeta.

SEGUNDA PERGUNTA

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica acerca dos problemas regionais?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
REFLEXÃO E ESCLARECIMENTO	8
AÇÃO SOCIAL	4
CIDADANIA	2
AÇÃO EDUCATIVA	1
AÇÃO RECÍPROCA	1
IDENTIDADE	1
NÃO HÁ CONSCIÊNCIA CRÍTICA	1

Quadro 3: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

⁶ É comum a criação de redes de solidariedade em casos de catástrofes naturais como as ocorridas nas regiões sul e sudeste, veiculadas no segundo semestre de 2008, em cadeia nacional de televisão e outras mídias.

A segunda pergunta apresentou 18 pontos de vista diferentes que foram divididos em sete categorias. A pergunta formulada questionou até que ponto a TV Manacapuru colabora para a formação de uma postura crítica com relação às demandas locais. Apesar de ser uma opinião solitária, para um dos entrevistados não há como criar uma consciência crítica em função da dependência da emissora em relação aos poderes políticos, conforme descrição da resposta abaixo.

Isso é uma coisa difícil no Amazonas, por que você veja só, a economia do estado, toda, é centralizada na Zona Franca de Manaus. No Pólo Industrial de Manaus, é o termo correto! Então, veja só o que acontece, é... Nós não temos atividade empresarial privada prá sustentar os meios de comunicação. Então, os meios de comunicação sobrevivem, basicamente do estado, de acordo com a verba do poder público. É assim não só nos meios de comunicação, mas em todos os segmentos. É no esporte, é na cultura. Então, a presença do poder público é determinante prá manutenção. Então, eu não tenho estatística nenhuma, mas eu tenho quase que certeza, que é uns 70% do faturamento. Aqui no interior, os grandes anunciantes aqui, certamente têm que ter o poder público, a prefeitura no meio. Então, como é que com isso vai despertar a consciência crítica? Não dá. As televisões viram meio que uns canais de comunicação do poder mesmo, vira como se fosse umas TV's... Acabam meio que... estatais. E isto é um fato, infelizmente, mas é a realidade (informação verbal).

Outras categorias que também tiveram apenas uma citação foram relacionadas a fatores como identidade, ação recíproca e ações educativas. Dois entrevistados opinaram que esta contribuição ocorre através da cidadania.

Entre os pontos de vista mais citados há um destaque para as ações sociais que são impulsionadas pelo jornalismo da emissora. Por quatro vezes, os entrevistados relataram casos em que apenas a partir dos problemas veiculados pela televisão foi que ocorreu uma resposta rápida das autoridades, resultando em benefícios para a comunidade. Efeitos como este ocorrem não apenas com relação às demandas do poder público municipal, mas também estadual, já que as notícias veiculadas de Manacapuru passaram a ter espaço nos telejornais da região e, dependendo do fato, algumas matérias também tiveram veiculação nacional.

Adiante, por oito vezes as respostas estiveram relacionadas às ações que levaram os entrevistados a definir que a reflexão do conteúdo apresentado pela televisão leva as pessoas ao esclarecimento. Um entrevistado cita, que o telespectador, com base em informações que são colhidas no dia-a-dia nos

telejornais forma um juízo de valor próprio, criando um senso crítico mais apurado dos fatos. Procedimento que possibilita que ele, enquanto cidadão, avalie melhor as ações da sociedade. Esta mudança de comportamento também desencadeia uma série de atitudes articuladas, resultando na busca de alternativas mais rápidas para a solução de problemas que resultem em uma melhor qualidade de vida. Outro ponto abordado, fortalecendo algumas considerações pertinentes a pergunta anterior, aponta que as pessoas passam a comparar a sua realidade com os exemplos que são mostrados de localidades diferentes e, a partir desta nova visão de mundo, adquirem um conhecimento próprio e, conseqüentemente uma opinião mais apurada.

TERCEIRA PERGUNTA

Que tipo de contribuição pode ser identificada à partir das atividades realizadas por esta sucursal?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
CULTURA/EDUCAÇÃO	7
SERVIÇOS	4
CONHECIMENTOS	3
REFLEXÃO	3
CIDADANIA	3
BENEFÍCIOS	1
ESTRATÉGIA	1
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO	1

Quadro 4: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

A terceira pergunta procurou refletir junto aos entrevistados sobre as contribuições mais importantes alavancadas pela atuação da TV Manacapuru que resultou em 23 pontos de vista, divididos em oito categorias. Conforme tabela acima, com apenas uma citação os itens: mudança de comportamento; importância estratégica de divulgação do município; e benefícios diversos, foram considerados. Entre os dezesseis entrevistados, três categorias receberam cada qual, três vezes pontuação relacionadas às principais contribuições da TV Manacapuru a partir da

sua programação. São elas: o fortalecimento do sentimento de cidadania e articulação comunitária entre os moradores; repercutindo na ampliação da reflexão a cerca dos fatos e a ampliação para aquisição de novos conhecimentos.

Outra parcela significativa de entrevistados destacou por quatro vezes que a maior contribuição da televisão está na importância dos serviços prestados ao longo de sua programação. Destaca-se, diretamente ligado à este item, a atuação do jornalismo que, apesar de trabalhar e produzir no âmbito da escala local, em dependendo da relevância ou factualidade das informações consideradas de utilidade pública, as mesmas são comercializadas junto a telejornais de veiculação regional ou nacional. Este tipo de produto - a prestação de serviços, no contexto local é considerada uma importante ferramenta capaz de ampliar as oportunidades, inclusive as do setor comercial. Hoje é comum nos telejornais se encontrar ofertas de emprego, cursos profissionalizantes, dicas para os cuidados necessários à saúde e ainda ser informado de onde podem estar as mais diversas oportunidades.

Entre os 16 entrevistados, por sete vezes se destacou a categoria cultura e educação, como a mais citada. De acordo com o conteúdo das respostas se reconhece que as principais contribuições da emissora afiliada à Rede Amazônica estão relacionadas às áreas da educação e da cultura. Apesar de serem uma atribuição do Estado, muitos entendem que a televisão estimula as pessoas a estudar ou simplesmente divulgar as ações educativas no município, ampliando o conhecimento próprio por meio da informação. Do ponto de vista cultural esta manifestação está relacionada diretamente ao trabalho de divulgação do Festival de Ciranda, uma tradição que cresce a cada ano, atraindo turistas de toda região Norte para a cidade, transformando o nome Manacapuru, numa marca em evento cultural no contexto da Amazônia.

Além do crescimento desta festa impulsionado pela divulgação nos telejornais da Rede Amazônica, os entrevistados relacionaram as transmissões ao vivo do evento feitas pelo canal temático *Amazon Sat*, ligado à própria Rede Amazônica, como uma das contribuições mais importantes. O evento difundido em todo Brasil e até no exterior, permite as pessoas conhecerem com mais detalhes as características da festa da Ciranda, introduzida no município de Tefé pelos portugueses, que hoje faz parte da história do lugar valorizando o folclore regional e ganhando espaço na rede pública de ensino de Manacapuru. Práticas que

impulsionaram a formação de três grandes agremiações que anualmente se organizam para as apresentações.

QUARTA PERGUNTA

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
INTEGRAÇÃO/COLABORAÇÃO	5
IMAGEM PÚBLICA	5
INDEPENDÊNCIA	2
DEPENDÊNCIA	2
LIMITAÇÃO	1

Quadro 5: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

A quarta questão procurou verificar a visão dos entrevistados sobre a relação do jornalismo da TV Manacapuru e a administração pública. Foram manifestados quinze pontos de vista, enquadrados em cinco categorias. Uma das categorias foi relacionada à limitação da emissora diante do poder público e teve apenas uma citação. Dois entrevistados afirmaram que a relação entre a sucursal e a administração pública é de dependência, sobretudo, comercial. E um dos entrevistados argumentou que:

[...] a TV Manacapuru tem feito tudo que pode, tudo que está ao alcance das pessoas que estão aqui trabalhando, mas elas fazem parte de uma estrutura que é muito maior e que não podem, elas próprias resolverem isso. Teria que ser alguma coisa vertical, e acho muito difícil acontecer isso porque [...] não teriam os meios, os veículos de comunicação como sobreviverem no Amazonas (informação verbal).

Em outras duas respostas, se identifica a categoria independência. Onde os entrevistados apontam haver uma independência do jornalismo da TV Manacapuru diante do poder público, conforme cita um dos entrevistados

[...] as pessoas, muitas vezes, elas confundem, elas acham que a televisão é paga pela prefeitura, que o prefeito é quem manda na televisão. Enquanto, não é verdade! Eu acho, assim, que essa

emissora fica muito na dela, entendeu? Se tem que denunciar ela faz, se é necessário ela fazer, ela faz. Então, ela faz o trabalho. O importante é isso, é fazer o trabalho, por que não adianta você ser dono de uma emissora e ficar de rabo preso com a prefeitura, com o estado, com o senador, só porque paga, mantém a televisão. Então, assim, é muito na dela, faz um trabalho excelente (informação verbal).

Já entre as categorias que tiveram maior abrangência de opiniões, uma delas está relacionada à imagem pública. Segundo o entrevistado “os administradores estão preocupados com a sua imagem em relação à mídia, e com certeza, eles têm procurado fazer o melhor com relação a divulgar o seu trabalho” (informação verbal). Além desta afirmação, torna-se bastante claro que os políticos acabam tendo uma postura de respeito com a TV Manacapuru, por esta não ter uma relação promíscua com o poder e por representar uma das principais redes nacionais de telecomunicação, conforme destaca um entrevistado: “[...] quando é uma empresa, uma entidade de rede nacional é muito mais fácil, agora quando é uma coisa doméstica, uma coisa só local, eles perdem o controle” (informação verbal).

Em outras cinco ocasiões os entrevistados entenderam que esta é uma relação de integração e colaboração. Ou seja, o jornalismo da emissora divulga as notícias que considera de relevância para o seu público, enquanto o poder (municipal na maioria das vezes) se utiliza da televisão para difundir as ações que considera importante. Um dos entrevistados reconhecendo esta interação destacou que se trata de “[...] uma relação muito positiva, onde a TV procura levantar os problemas da cidade, os problemas das instituições, e também enaltecer quando se vê em situações de elogios, em situações de acertos de instituições, em situações de positivismo das ações” (informação verbal).

De uma forma geral pode-se perceber que parte dos entrevistados justificam que é difícil a imprensa ter um distanciamento isento do poder público, principalmente quando se trata de uma cidade de médio porte, como Manacapuru, onde as relações sociais estabelecidas se dão no plano de um cotidiano de afinidades e afetividades entre os moradores. Ainda, com relação ao ponto de vista dos mesmos, por se tratar de uma emissora que está ligada à Rede Globo de Televisão, a TV Manacapuru leva vantagem diante dos demais veículos de comunicação, por ter foco na divulgação de notícias de verdadeiro interesse público. E neste contexto, a isenção, é fator determinante para a idoneidade de um veículo de comunicação que, em geral, a exemplo do que acontece em todo território

nacional, têm como principal anunciante as prefeituras. Resultados favoráveis, com a prática de uma parceria recíproca e imparcial.

QUINTA PERGUNTA

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do Estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
DIVULGAÇÃO	13
CULTURA	6
ORGULHO/AUTO-ESTIMA	3
CONSCIENTIZAÇÃO	2

Quadro 6: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

A quinta pergunta procurou investigar a relação entre o jornalismo da TV Manacapuru e o Festival de Ciranda e resultou em 24 opiniões distintas dos entrevistados, que foram divididas em quatro categorias. Duas estão ligadas à conscientização dos moradores sobre a importância do evento para a comunidade. Outras três manifestações foram enquadradas na categoria orgulho/auto-estima, que relaciona as falas dos entrevistados com o efeito causado pela divulgação da festa entre os moradores de Manacapuru.

Por seis vezes, o conceito de cultura foi mencionado, favorecendo a criação desta categoria. Segundo um entrevistado o conteúdo divulgado pela TV Manacapuru, em escala local, regional e nacional, leva os telespectadores, da própria cidade, a aprenderem o verdadeiro significado desta manifestação e lembra:

Através do jornalismo, da pesquisa que vão fazer, e que passa durante a transmissão, [...] deixa a gente rico em conhecimento e até curioso, por que muita gente não sabe. A gente vê um cordão de cirandeiros. O quê que eles fazem? [...] São vários os tipos de itens

que eles colocam durante a transmissão e que isso a gente aprende durante a transmissão (informação verbal).

Ainda do ponto de vista cultural outro entrevistado destacou que:

A relação do jornalismo com o Festival de Ciranda é de suma importância. Primeiro, porque vai falar das cirandas não simplesmente, na sua apresentação, na sua performance. Mas desde os bastidores da ciranda [...]. As pessoas dos galpões, a confecção de alegorias, o trabalho das costureiras, os ensaios. Então, se não houvesse essa cobertura do jornalismo, com certeza, nós não estaríamos em nível nacional (informação verbal).

Mas, para treze dos dezesseis entrevistados, a principal contribuição da emissora esta na divulgação da festa que, segundo os entrevistados, é a principal manifestação cultural do município. Um entrevistado enfatiza que:

Através da Rede Amazônica, eu pude perceber que, durante os meus anos que eu participo de ciranda... Eu tenho viajado muito... Manicoré, Codajás, Coari e até mesmo em Manaus. [...] A Rede Amazônica faz com que a gente, enquanto ciranda, cresça. Nós temos muito a crescer ainda, mas tenho certeza que o nosso trabalho está sendo muito bem divulgado pela emissora. É através dessas viagens que eu pude, realmente, comprovar pessoalmente, né? O efeito que eles tomam a gente como uma celebridade, né? É o poder da televisão (informação verbal).

Em outro momento das entrevistas foi lembrado que:

Seria difícil hoje, se pensar na grandiosidade que é a Ciranda, sem o apoio da Rede Amazônica, sem o apoio do jornalismo. Nós temos o jornalismo local, que está ali, em tempo integral, seja nos galpões, seja lá no próprio Cirambódromo, né? E transmitindo isso, não só para Manaus, para região, mas para todo o Brasil e para todo o mundo. Então, é impossível hoje, se pensar num trabalho que é a Ciranda hoje, sem o apoio da Rede Amazônica, sem o apoio do jornalismo (informação verbal).

Por outro lado, se destacou os riscos para o município com o crescimento do evento.

A gente tem visto o aumento de certas coisas aqui, como drogas, até da violência que se estabilizou, né? Mais prostituição, essas coisas todas, tudo vem né? Então eu penso que é preciso a gente também se preocupar com isso. E tá vindo aí uma ponte que pode aproximar muito mais, ajudar a melhorar esse evento. Então, a

gente precisa também cuidar disso, né? Com carinho (informação verbal).

Os entrevistados também demonstraram preocupação do ponto de vista cultural em relação a preservação da identidade a partir das tradições locais. Um entrevistado enfatizou que:

Precisa de um trabalho bem aprofundado, prá que a gente evite, por exemplo, deixar com que o espetáculo fique restrito a grupos, a situações que você afaste a comunidade, por que quem vai realmente construir o espetáculo é quem gosta do espetáculo, [...] com as pessoas aqui da cidade. Então, precisa de ser feito todo um trabalho para que a gente não perca essa credibilidade, para que a gente não descambe para um caminho de tentar ficar copiando o boi e a gente sabe que cópia não vai dar certo, nós temos que ter uma identidade própria (informação verbal).

O mesmo entrevistado, considerando o processo de mercantilização do folclore brasileiro, conclui manifestando sua preocupação com os fatos.

É preciso que seja feito um trabalho junto com as cirandas, dentro do município, para que a gente envolva mais a comunidade, trabalhando artistas, coreógrafos, dançarinos, músicos. Hoje, nós estamos, praticamente, importando quase tudo isso. Isso é muito ruim prá gente, isso é muito perigoso. Você afasta a comunidade e daqui a pouco nós estamos fazendo um espetáculo que é todo importado (informação verbal).

SEXTA PERGUNTA

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação do município?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
FORMAÇÃO EDUCACIONAL/ CULTURAL	8
COLABORAÇÃO	2
CONSCIENTIZAÇÃO	2
INCENTIVO	1
NÃO CONTRIBUI	1

Quadro 7: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

Na sexta resposta foram identificadas quatorze pontos de vista distintos, divididos em cinco categorias. A pergunta procurou saber como o trabalho do jornalismo da TV Manacapuru ajuda na melhoria da educação entre os moradores. Entre as categorias uma opinião concluiu que não contribui. Com apenas uma manifestação, se opinou não haver incentivo. Duas manifestações foram no sentido de que esta contribuição é através da conscientização. E outras duas através da colaboração.

Dados comparativos do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, relativos ao aproveitamento escolar entre 2007 e 2008, mostram que a educação em Manacapuru avançou no âmbito do ensino fundamental de forma satisfatória. A evasão escolar, apontada como o principal desafio a ser vencido nas escolas no município foi de 6,74% em 2008, tendo diminuído 7,8% em relação a 2007. Ao mesmo tempo a aprovação entre os alunos subiu de 74,19% em 2007, para 86,4% em 2008.

Apesar de ser uma atribuição ao Estado, a maioria dos telespectadores entrevistados entende que a televisão tem um papel fundamental neste segmento em Manacapuru. Durante o trabalho de campo oito entrevistados disseram que a principal contribuição da sucursal da Rede Amazônica em Manacapuru está relacionada à formação educacional e cultural. Esta visão é demonstrada claramente numa das respostas da pesquisa e estaria relacionada ao simples estímulo que ocorre em reportagens veiculadas sobre o tema.

Quando eu vejo uma reportagem de uma sala de aula, assim, me dá vontade de estudar. Dá vontade, muito, de voltar pra sala de aula. Então, é muito importante nessa questão, por que estimula uma pessoa a querer, a voltar a estudar, ou então a valorizar os estudos (informação verbal).

Outra manifestação foi no sentido genérico de aprendizado que ocorre diante do processo de assimilação do que é apresentado nos telejornais da emissora. Segundo um dos entrevistados na pesquisa

[...] a população além de ter educação convencional, ela todo dia [...] aprende. Ela aprende com uma reportagem, ela aprende com o comportamento humano, ela aprende com o comportamento dos animais, ela aprende com o comportamento de toda a população (informação verbal).

Além disso, o simples processo comparativo entre os telespectadores do que é apresentado no dia-a-dia na TV contribui não apenas com o processo educativo, mas também na formação crítica. Um dos entrevistados destaca que a televisão “trás notícias importantes, sérias e que vai mudando um pouco o nosso raciocínio, a nossa maneira de pensar, e ajuda com certeza, na formação do estudante” (informação verbal). Desta maneira, se conclui que a diversificada programação da emissora, oferece uma importante contribuição no aspecto educativo de uma forma geral.

SÉTIMA PERGUNTA

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e outras áreas. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

CATEGORIAS	QUANTIDADE
IDENTIDADE	10
VALORIZAÇÃO	4
CONSCIENTIZAÇÃO	4
CIDADANIA	3

Quadro 8: Entrevistas aplicadas no período de maio a julho de 2009, no município de Manacapuru/AM.

Fonte: Trabalho de campo.

A sétima pergunta quis saber o que a comunidade espera dos serviços prestados pela TV Manacapuru. Foram expressas 21 opiniões divididas em quatro categorias. Três manifestações estão relacionadas ao sentimento de cidadania.

Outras quatro esperam que o veículo colabore no sentido de conscientizar a população sobre as suas reais necessidades. Já outras quatro disseram que esperam que a emissora amplie a valorização local.

No entanto, entre os dezesseis entrevistados, dez afirmaram que consideram importante ampliar a relação da sucursal no sentido de fortalecer a própria identidade. Um dos entrevistados comentou:

Eu acho que o grande serviço que pode ser prestado, aqui, pela TV Manacapuru, é a questão da identidade das pessoas, as pessoas se olharem e se enxergarem na tela [...]. Nós também somos capazes de produzir cultura, de produzir esporte, de nós termos os nossos valores, os nossos clubes de futebol, os nossos artistas (informação verbal).

A maior expectativa é, no entanto, pela ampliação do espaço do jornalismo na programação local como afirma um outro entrevistado:

[...] tem que melhorar ainda muito mais, tem que ter mais espaço, o jornal local não tem, entendeu? Tem que ter prá que nós possamos nos informar melhor. A Rede Amazônica aqui, para quem não tem antena parabólica, é a emissora mais assistida no município. E a gente gosta [...] de assistir, mas tem coisas que precisam melhorar muito (informação verbal).

Para a maioria dos entrevistados o trabalho realizado atualmente já apresentou um avanço significativo, principalmente com a ajuda da transmissão das notícias via Internet, que permitiu inserir Manacapuru no contexto nacional. Porém, a ampliação da importância do município no contexto da região metropolitana de Manaus, requer uma atenção maior não apenas para o jornalismo local, mas também para a criação de novas oportunidades de programas comunitários na programação da Rede Amazônica. Essa expectativa é evidente na expressão de um dos entrevistados ao afirmar que:

[...] eu acredito que a comunidade espera que a TV Amazonas abra mais espaços. Tenha uma programação, principalmente jornalística, local. Que haja uma maior participação da comunidade dentro da sucursal de Manacapuru, com programações locais, não só jornalismo, mas como atividades, entrevistas, mostrando o que há de bom na nossa cidade. Os aspectos turísticos, os folclóricos, a cultura, o esporte que nós temos muita coisa importante, interessante (informação verbal).

O interesse em ampliar o espaço para a divulgação das notícias locais ou ainda de ter o seu próprio telejornal mostrou-se na pesquisa um sentimento cada vez mais latente entre os entrevistados. Desejo manifestado talvez devido a alta demanda de notícias que deixam de ser veiculadas por não terem um interesse fora do limite da escala do município, impedindo muitas vezes que a comunidade tenha acesso a esse tipo de informação.

Conforme dados obtidos na investigação em Manacapuru, mais do que assistir a reportagem do dia, esta mudança de comportamento esta diretamente associada a importância da televisão como instrumento de inclusão social, pois, a partir do momento em que as notícias do município são veiculadas na mídia, a cidade se projeta. Como um meio de comunicação, é através deste exercício que se pode afirmar a importância da televisão para a prática de uma democracia plena. A partir do momento em que os problemas dos municípios são veiculados na mídia, há necessidade de resposta por parte do poder público, o que acaba por viabilizar mais rapidamente uma solução.

CONCLUSÃO

Após a investigação, ao associar a história da Rede Amazônica às adversidades geográficas impostas pela floresta que a abriga, foi possível melhor compreender a realidade e validar a importância do sistema FTP para a Central de Jornalismo, como ferramenta de transmissão de reportagens pelos correspondentes dos municípios dos estados do Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima e Amapá. Prática que ao integrar e inserir 19 municípios de difícil acesso na região amazônica criou, por meio da informação, uma rede de relações que abre um cenário de possibilidades que ao permitir a participação destas localidades nos telejornais, garante mais do que o acesso à notícia, mas também a inclusão social, a valorização de suas identidades e, com o processo, a identificação de instrumentos para um projeto de desenvolvimento.

A partir da consolidação e integração dessa rede à Central de Jornalismo em Manaus, pode-se dizer que um novo conceito de profissional de jornalismo é criado para a região com o chamado videorepórter. Profissional, em geral nativo do lugar, que já atuava junto à emissora mas, que, com a instalação do sistema FTP passa a agregar às funções de repórter o compromisso da edição de imagens e geração da notícia.

Anterior à introdução do FTP, a transmissão dos dados eram feitas apenas via satélite, o que devido ao alto custo para a geração, acabava favorecendo o tráfego das fitas com as reportagens brutas, via transporte terrestre, naval ou aéreo. Como é incipiente a malha viária existente na Amazônia, estas fitas levavam dias para chegar às geradoras, de onde seriam transmitidas para a Central de Jornalismo em Manaus. Logo, devido a deficiente logística, matérias factuais raramente eram aproveitadas nos telejornais, o que em geral desmotivava o profissional.

Com a instalação do sistema FTP e o compromisso de pauta diária com a Coordenação de Jornalismo do Interior em Manaus, o papel do videorepórter ganha destaque pois passa a depender dele o melhor aproveitamento da produção de notícias do seu município. O empenho pode ser medido com a mudança de hábitos na rotina da população que passa a assistir “religiosamente” aos noticiários, visto a possibilidade de ver veiculada a reportagem sobre o assunto que foi destaque do dia em seu município em rede estadual e regional, ou eventualmente até nacional.

Na perspectiva cultural, com a consolidação da rede de telejornalismo ganha a região amazônica, que ao veicular os eventos e festas populares, projeta em escala nacional e internacional estes municípios. Mídia que ao potencializar os atrativos folclóricos, favorece e aquece com o turismo a econômica local. Como exemplos de destaque podemos citar a própria festa da Ciranda no município de Manacapuru e a do Boi-Bumbá, em Parintins.

Do ponto de vista do avanço gerencial vale destacar o aumento expressivo da participação dos municípios do interior do Amazonas no noticiário estadual com a introdução do sistema FTP, em relação ao ano de 2007, que responderam por um aumento de 157% no aproveitamento das matérias geradas. Números conquistados com a gestão empregada com a implementação de um coordenador de jornalismo, que associada a uma sistemática metodologia passou a garantir a reportagem dos videorrepórteres chegar em tempo hábil para ser aproveitada nos principais telejornais da Rede Amazônica e, dependendo da relevância do assunto, poder vir a ser oferecida aos telejornais da Rede Globo.

Apesar dos fatores positivos da utilização do FTP como instrumento de integração regional há de se salientar que alguns aspectos deste processo mereça melhor atenção. Do ponto de vista trabalhista, por exemplo, quando passa a exercer as funções de produtor, repórter, cinegrafista e editor de imagem ao mesmo tempo, também se faz necessária uma adequação desta atividade. Por não ser um jornalista profissional formado em uma faculdade, o trabalho dos correspondentes em muitas ocasiões tem sido questionado. Mas aqui seria importante destacar que diante da carência de cursos superiores no interior da Amazônia e da necessidade de integrar as comunidades mais distantes ao mundo globalizado, esse processo tornou-se irreversível.

Diante desse contexto foi fundamental a parceria com a Fundação Rede Amazônica, que desde 2007 passou a ajudar na realização de encontros e intercâmbios para dar treinamentos, além de oferecer as noções fundamentais no processo de iniciação quando da contratação desses correspondentes. Diante da perspectiva de crescimento da rede com a expansão da Internet, este trabalho parece ser cada vez mais fundamental, pois além da responsabilidade de moldar o videorrepórter, também lhe caberá a incumbência de mostrar a importância dos princípios éticos e verdadeiros deste ofício.

Ao resgatarmos para a conclusão a contribuição de Dizard Junior para este estudo, se pode perceber que ao contrário do que ocorreu em outros países onde as novas mídias estão substituindo aos poucos as chamadas velhas mídias, entre elas a televisão, na Amazônia, esta realidade é diferente. Dadas as especificidades da geografia da região, há ainda muitas localidades que favorecidas com a chegada da energia elétrica ainda terão acesso à uma televisão. E, no contexto dos centros urbanos amazônicos, a tendência é a de convergência dos veículos de comunicação mais antigos com as novas mídias, entre elas a Internet.

Identificado o potencial do sistema FTP, sobretudo no que diz respeito ao aumento da produção, se identificou com a pesquisa que as demais emissoras de televisão da região Norte também estão investindo nesta proposta. Adotando a Internet como principal meio para a geração de reportagens e capacitando os videorrepórteres para a edição e geração da notícia.

Para reduzir os altos investimentos de transmissão via satélite, a Rede Globo de Televisão, quarta maior rede de comunicação do mundo, também utiliza na sua Central de Jornalismo, o sistema FTP, como principal ferramenta para o envio de conteúdo jornalístico dos correspondentes internacionais para os telejornais no Brasil, inclusive muitas vezes com participações ao vivo dos repórteres em coberturas internacionais.

Ao concluir esta dissertação, espera-se que o empenho na investigação tenha possibilitado uma contribuição ao município de Manacapuru que nos serviu como modelo para avaliar os efeitos causados pelo sistema FTP para a comunidade. Para a Rede Amazônica espera-se ter contribuído com o acervo da memória da emissora a partir da compilação de alguns dados. E, como um todo, espera-se que os dados contidos nesta produção possa servir como referência para futuras pesquisas, permitindo investigar desdobramentos que surgem a partir dessa discussão.

REFERÊNCIAS

ANTONACCIO, Gaitano. **Zona Franca**: um romance polêmico entre Amazonas e São Paulo. Manaus: Associação dos Escritores do Amazonas, 1995.

ANTONY, Hildebrando. **O Jornal e Diário da Tarde na Manaus porto de lenha dos anos 50**. 2004. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Nilton Lins, Manaus, 2004.

BAZE, Abrahim. **História Rede Amazônica**. Manaus: Editora Valer, 2002.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamound, 2009.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BOLAÑO, César (Org.). **Economia política da internet**. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **O poder da identidade**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v.2.

_____. **A sociedade em rede**: a era da informação: econômica, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.

DERTOUZOS, Michael. **O que será**: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. Petrópolis, RJ: Nasser, 2008.

DIACON, Todd A. **Rondon**: o marechal da floresta. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DIZARD JR., Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Felipe. **Conheça a história do ftp e suas aplicações**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/internet-artigos/html>. Acesso em: 24 abr. 2010.

GROULX, Lionel Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (Org). **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias de comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MEMÓRIA GLOBO, **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MILANESI, Luis Augusto. **O paraíso via Embratel**: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros, 32).

MILLARD, Candice. **O rio da dúvida**: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONTEIRO, Jorgemar. **Fundação Rede Amazônica**: duas décadas e meia de dedicação à formação do homem da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2010.

MORIN, Edgar. **O método II**: a vida da vida. Tradução de Marina Lobo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. **O rádio no país das Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 1999.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Integrar para não Integrar**: políticas públicas e Amazônia. São Paulo: Papyrus, 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PEREIRA, João Carlos. **Memória da televisão paraense e os 25 anos da TV Liberal**. Belém: SECULT; Organizações Rômulo Maiorana, 2002.

PÉRES, Jefferson. **Evolução de Manaus**: como eu a vi ou sonhei. Manaus: [S.n.], 1984.

PINTO, Lúcio Flávio. Relações campo-cidade e identidades regionais nas amazonias. In: **SUSAM Workshop II**. 2003. Belém. Disponível em: <<http://www.uni-tuebingen.de/egwinfo/susam/download/lucioflaviopinto.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2008.

ROBERTSON, Roland. **Globalização**: teoria social e cultural global. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Recod, 2003.

SOARES, Antônio José Martins. **Redes de comunicação convergentes**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2008.

SOUZA, Cláudio Melo. **Impressões do Brasil**: a imprensa brasileira através dos tempos (Rádio, Jornal e TV). São Paulo: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 1986.

VALE, Andrea. **A produção do Núcleo Rede Amazonas para o Jornal Nacional**. Manaus, 2003. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Nilton Lins, Manaus, 2003.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília**: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Brasília: UNB, 2009.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A: NOME DOS ENTREVISTADOS EM MANACAPURU

- 1. ANTÔNIO MATEUS BARROSO MOREIRA** (PRESIDENTE DA LIGA MANACAPURUENSE DE FUTEBOL)
- 2. LUIS CLÁUDIO CHAVES** (JUIZ DE MANACAPURU)
- 3. CLEMENTE FURTADO GUIMARÃES** (COORDENADOR GERAL DA CIRANDA)
- 4. DIRLEY REIS DE OLIVEIRA** (MEMBRO DO CONSELHO TUTELAR)
- 5. VIVALDO CHAGAS DOS SANTOS** (PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO)
- 6. LAURINETE MENDES RODRIGUES** (COORDENADORA REGIONAL DE EDUCAÇÃO)
- 7. DANIEL GUEDES SORAES** (SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO, MEIO-AMBIENTE E TURISMO)
- 8. FÉLIX RICARDO LEITE ATHAYDE** (PRESIDENTE DO CLUBE DE DIRETORES LOJISTAS)
- 9. JOSÉ ALBERTO DE LIMA** (CORRESPONDENTE DO JORNAL DA MANHÃ DA RÁDIO DIFUSORA)
- 10. MARCOS BRANDÃO DA CUNHA** (COMANDANTE DO 9º BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR)
- 11. ALMIR PIRES DE ALMEIDA**(ARTESÃO)
- 12. ELIVAL DE SOUZA MORAES** (ESCRITOR E PROFESSOR)
- 13. CARLOS JOSÉ ALVES DE ARAUJO** (PROMOTOR DE JUSTIÇA)
- 14. GLEISON ANDRADE PEREIRA** (LIDER DA COMUNIDADE CRISTO LIBERTADOR)
- 15. FRANCISCO SANTOS D'ALMEIDA** (REPRESENTANTE DA PASTORAL DA CRIANÇA)

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Desde a década de 1970 a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município passassem a ser divulgados em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

01. A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

02. De que forma a criação dessa sucursal que reproduz e divulga os acontecimentos locais contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

03. Que tipo de contribuição podem ser identificados a partir das atividades realizadas por essa sucursal?

04. O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação entre o jornalismo local e a administração pública?

05. O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do Estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de Televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o Festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda.

06. O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico aliado à tecnologia, proporcionam o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

07. O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura, etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar de serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

APÊNDICE C: PRIMEIRA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com o Antonio Mateus Barroso Moreira, 44 anos, Presidente da Liga Manacapuruense de Futebol. Ele é técnico em contabilidade e é o nosso primeiro entrevistado de hoje.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, eu vejo com... Com muita alegria, né? O serviço que a Rede Amazônica... A partir de 2004 quando eu cheguei aqui na Rádio Princesa, tem feito. Então é um trabalho que a gente tá acostumado a ver. Muitas vezes, a gente vê, em outras emissoras, um pouco distante. E quando se coloca no dia-a-dia da comunidade, a gente vê, e sente assim, o orgulho também, de fazer parte desta história.

Quando a Rede Amazônica veio fazer esse trabalho, com certeza, né? Nosso município, a comunidade, principalmente, no modo geral, não vejo só Manacapuru, mas vejo assim, o estado do Amazonas, né? Passar aí, assim, praticamente do zero e se transformar em grande, assim... Até porque mostra né? As comunidades. Mostra os municípios, o quê que elas produzem. Então, deixou a gente assim, no meu caso, mais amazônico, mais verdadeiro. Por que aí, você vê reportagens em todos os municípios, diariamente, tá praticamente, o que tá acontecendo aí, em praticamente todos os municípios.

02. Luis Augusto

Você acha que isso muda o hábito cotidiano da população? Esse tipo de trabalho.

Antônio Mateus Barroso Moreira

Mudou, mudou, até por... pela evolução, né? Você não tinha isso, cê via as notícias chegarem, é... um pouco atrasada... mas, hoje não, alí é simultâneo, né? E a Rede Amazônica tem esse trabalho, de tá com as matérias ali, é... muita das vezes simultaneamente, tá acontecendo a notícia, e o ouvinte, aquele que tá ligado na comunicação, seja no rádio, ou na televisão, tem oportunidade de estar, né? 24 horas ligado, e sabendo simultaneamente. Então, isso traz, é... Uma velocidade na informação, e com isso quem ganha? É o ouvinte, é aquele que tá ligado na televisão, sabendo das notícia, aí, é... Simultaneamente. Então, com certeza é um desenvolvimento muito, muito grande.

03. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, essa, é... é uma é... é bom, foi bom pra nós, pras comunidades, principalmente, por que, é... como eu já falei, é... dá... dá uma expectativa, cria, né? Uma forma de você mudar sua opinião, é... De contribuir também, por que quando você vê seu município sendo divulgado, você tem que passar o melhor, o melhor, pra... pras pessoas, por que você não pode passar uma imagem ruim, tem que passar uma imagem boa, e faz com que nós cidadãos, nós moradores daqui, possamos passar uma imagem boa, né? Fazer o melhor, é... estudar mais, né? Ter uma postura de desenvolvimento, seja... seja sustentável, seja econômica, pra que você, quem vê o seu município, possa, né? ver: Olha o município de Manacapuru tá... tá tem pessoas já educadas, é um município bom. Então, isso traz bons, é... boas coisas pra gente, né? Prá você se esforçar mais e provar que o município, também, Manacapuru compete aí com qualquer município do estado do Amazonas.

04. Luis Augusto

E ajuda a resolver os problemas regionais?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, a Rede Amazônica, todo mundo sabe, o Amazonas todo, o Brasil, sabe desse trabalho, em alguma entrevista aqui eu já falei sobre isso, é... sobre essa importância do Amazon Sat, principalmente, de divulgar, traz muitos benefícios, muitos, muitos porque a partir do momento que você sabe dos problemas, né, você leva ao conhecimento das autoridades, e as pessoas elas passam a fazer um projeto, a buscar meios pra ajudar essas comunidades, principalmente, que estão sofrendo com um caso específico. Então, com certeza, isso aí traz muitos benefícios não só para o Amazonas, mas também para o Brasil.

05. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados à partir das atividades realizadas, por esta sucursal?

Antônio Mateus Barroso Moreira

À partir do momento que você sabe de um problema, é como eu falei agora, né? Você passa a dar uma condição melhor. Por exemplo, quando eu vejo alguma matéria no, na televisão, eu já me identifico com aquilo, eu tenho minha opinião formada. Então, quando você sabe das coisas, com certeza, né? Você vai buscar melhorar. Então essa questão aí, ela traz benefícios muito grandes pra nós manacapuruenses.

06. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, acima de tudo o jornalismo, ele é necessário, fundamental, eu acho que prioritário, por que não só os órgãos como a Polícia Federal, como as polícias, enfim. Mas o jornalismo tem assim quase um poder de divulgar as coisas, de pedir que a sociedade participe daquilo. Eu acho que o jornalismo é fundamental para todos nós, acho que sem jornalismo a gente não vive, por que é eles que se esforçam, eles que recebem o direito de divulgar de pesquisar, de trazer prá gente... Por que se não fosse o jornalismo, com certeza a gente estaria muito mais longe, por que é fundamental. Com relação ao nosso jornalismo local, meu ponto de vista, assim, apesar de ser local, mas ajuda, até por que a gente não pode tá em todo canto, e nem em todo lugar, e traz as informações, do que realmente está acontecendo no município, seja questão de acidente, seja questão de algumas matérias, de... com relação à pessoa, o social, mesmo, realmente, alguns shows, tudo a gente tá sabendo e com certeza, isso é fundamental pro município e com certeza para o estado também.

07. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, a ciranda de Manacapuru, a partir do momento que houve aí, a transmissão ao vivo pelo Amazon Sat, deixou de ser local, até por que ela não só pega no estado, no Brasil, mas também fora do Brasil. Então a nossa cultura só teve a ganhar com isso, com a transmissão, até por que o jornalismo, eles passam a divulgar a história de cada ciranda, como surgiram, quem faz parte, se vê um cirandeiro fazendo um tipo de letra da ciranda, eles vão explicar qual é o sentimento daquele, é... seja qualquer personalidade. Então, nós, muitas vezes a gente não sabe, a gente mora aqui, mas a gente as vezes não sabe, e através do jornalismo, da pesquisa que vão fazer, e que passa durante a transmissão, isso aí deixa a gente rico em conhecimento e até curioso, por que muita gente não sabe. A gente vê um cordão de cirandeiros... O quê que eles fazem? Né? São vários os tipos de item que eles colocam durante a transmissão e que isso a gente aprende durante a transmissão. Então é importantíssimo isso aí, inclusive às vezes eu fico até assistindo lá de casa pra ver essa questão dos itens que eles vão passando, que eles pesquisam, e aquilo eles vão divulgando. Cada item que vai aparecendo eles vão dizendo: Olha, a ciranda está apresentando uma determinada área agora. Então isso aí é muito importante pra nós. E eu acho que a partir do momento que a Rede Amazônica trouxe essa transmissão ao vivo, não só pra todo Brasil, mas para o mundo todo, com certeza as pessoas que nessa época já tá. Então o desenvolvimento é incomparável.

08. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado

pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação do município.

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, eu acho... que inclusive a Liga Manacapuruense de Futebol, tenho feito algumas matérias aqui, com o nosso representante de Manacapuru, o Adauto, e muita das vezes a gente, com alguns amigos que a gente tem fora daqui: Olha, eu te vi na televisão. Então quer dizer, a liga já teve o seu espaço também, né? de divulgar o seu trabalho e essa integração dos poderes, principalmente da mídia, ela leva a gente a ter um respaldo maior. Quando você vê uma matéria jornalística, seja por escrito ou televisionada você sente a segurança do trabalho. Então, eu acho que o jornalismo local e algumas matérias que saem aqui do município só tem a beneficiar a comunidade, e a Rede Amazônica tá de parabéns, assim por levar essa... Acho que até com pionerismo, né? Levar aí essa transmissão ao vivo aí para todo o Brasil.

09. Luis Augusto

Mas, relacionado à educação mesmo? Assim, é claro que o esporte é um elemento da educação, importante, o futebol, né? Mas, mais relacionado à questão da educação. O quê que você diria que a contribuição da TV Manacapuru é importante nesse sentido?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Muito, muito, sobre educação a gente não sabe, assim, nem comparar, né? O grau de ajuda que faz uma emissora de televisão. Não só a parte de divulgar, mas também de informar. Isso é fundamental, sem dúvida nenhuma, essa questão da televisão, da mídia, na questão da educação. Até por que, como eu já falei, você fica em casa, fica muito a mercê da... e você estando ligado na televisão, tudo que acontece com relação a educação, seja pontuação, questão dos pontos que Manacapuru está melhor que os outros municípios, você sabe através da televisão. Então, isso aí é fundamental em qualquer município do estado do Amazonas.

10. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e outras áreas, né? Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Antônio Mateus Barroso Moreira

Olha, os serviços são diversos aqui. Se a gente... não só as comunidades da zona rural, mas também o comércio, né? As indústrias. Ela tem tido o apoio total da Rede Amazônica, da sucursal de Manacapuru. Então, eu acho que nós estamos muito felizes por isso, né? Por ter em Manacapuru uma das sucursais aqui pra transmitir essa questão. Então, tanto o comércio, a comunidade, como a indústria, o povão em geral, eles realmente têm usufruído bem disso aí, e nós temos ganhado muito com isso.

11. Luis Augusto

Prá encerrar agora. Como que você vê a TV Manacapuru, e esse trabalho de geração via FTP, diante das outras mídias locais, dos outros veículos de comunicação que nós temos aqui na cidade?

Antônio Mateus Barroso Moreira

É graças a Deus, nós temos aqui em Manacapuru, já, é... não o suficiente na questão da internet, né? Como tivemos um dia aqui um cabo, realmente, que nos possibilite de ser mais rápido. Com Certeza, mas eu acho que nós estamos muito na frente das outras, até por que internet é uma coisa que você... É simultânea, não é? O jornal por escrito, ele chega depois. Inclusive quando eu utilizava aqui a internet no rádio, eu botava as informações que saiam no outro dia no jornal. Então, quer dizer a gente ganhava aí... dois dias, um dia antes, né? Em qualquer outra emissora. Então, essa questão do... o que nós temos dificuldade ainda é a questão do cabo, né? Que possa transmi... é, trazer uma internet com qualidade pra cá. O dia que nós tivermos essa internet de qualidade nós vamos tá acima de qualquer município, até por que nós estamos bem próximos de Manaus e com essa... nossa dificuldade ainda maior é a questão só do cabo, mas se nós tivermos, com certeza, vamos sair na frente, seria simultâneo, ela trabalha muito bem nessa questão de matérias, queria até parabenizar aqui a equipe da Rede Amazônica, que realmente a gente vê a imagem com muita qualidade.

12. Luis Augusto

Essa Questão da internet aí que você falou... ela ainda é um pouco lenta em função desse problema que existe?

Antônio Mateus Barroso Moreira

É, ela é muito lenta e às vezes nós não temos acesso, é muita dificuldade para passar matéria, né? E as vezes depende muito dessa questão de acessar. A partir do momento que a gente tiver essa questão *on line*, com certeza vai melhorar muito.

13. Luis Augusto

Ok, obrigado Antonio por sua participação nesse estudo.

APÊNDICE D: SEGUNDA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com o doutor Luis Cláudio Cabral Chaves, 37 anos, ele é Juiz de Direito de Manacapuru.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Olha, eu não sei como modifica, mas que contribui para a elevação da auto-estima do povo, eu acho que contribui, por que quando a televisão vem aqui, mostra as manifestações culturais, quando vem aqui mostra... Tem os problemas da cidade... É uma maneira de se inserir no contexto estadual e até mesmo nacional. Por que hoje, nessa sociedade midiática que a gente vive quem não está na mídia, não existe. Então, na realidade, a presença da TV, do rádio aqui. Só era televisão, e quando joga em nível nacional... é como se fosse a certidão de nascimento. Isso confere sim, identidade às pessoas, e acho que acaba contribuindo para a elevação da auto-estima do povo.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal de Manacapuru, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Isso é uma coisa difícil no Amazonas, por que você veja só, a economia do estado, toda, é centralizada na Zona Franca de Manaus. No Pólo Industrial de Manaus, é o termo correto! Então, veja só o que acontece, é... Nós não temos atividade empresarial privada prá sustentar os meios de comunicação. Então, os meios de comunicação sobrevivem, basicamente do estado, de acordo com a verba do poder público. É assim não só nos meios de comunicação, mas em todos os segmentos. É no esporte, é na cultura. Então, a presença do poder público é determinante prá manutenção. Então, eu não tenho estatística nenhuma, mas eu tenho quase que certeza, que é uns 70% do faturamento. Aqui no interior, os grandes anunciantes aqui, certamente têm que ter o poder público, a prefeitura no meio. Então, como é que com isso vai despertar a consciência crítica? Não dá. As televisões viram meio que uns canais de comunicação do poder mesmo, vira como se fosse umas TV's... Acabam meio que... estatais. E isto é um fato, infelizmente, mas é a realidade.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuições podem ser identificadas a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu acho que a grande contribuição que a TV, aqui, faz, é essa. É... de apresentar a questão dos serviços, as manifestações culturais do município, de cobrir a questão das matérias factuais. Entendeu? Isso daí é uma contribuição bem presente. E, eu, como Juiz de Direito daqui, encontro até apoio na televisão local, aqui. Para quando quero me comunicar com a sociedade, quando quero prestar contas, aqui, no trabalho e quando quero divulgar ações da justiça. Então, eu posso dizer que televisão aqui em Manacapuru é um veículo estratégico pra gente alcançar, atingir as finalidades do poder judiciário. Que é dá a cada um, o que é seu, e ajuda na distribuição da justiça.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Pois é, isso daí volta para o ponto anterior que eu mencionei. Eu não vejo como ter um jornalismo particularmente crítico, não é verdade? Se você depende. Então como é que você vai chegar e vai atacar de maneira incisiva? Não que isso exista, aquela liberdade toda nos outros lugares do Brasil. Não existe isso em lugar nenhum, é sempre bom destacar isso, sempre vai ter os interesses e tal. Mas é que aqui, eu acho que a situação é muito presente no Amazonas. E não só com essa ou aquela TV, mas com todos os meios de comunicação.

05. Luis Augusto

Mas o senhor acha, por exemplo, que a TV Manacapuru tem feito o papel de mostrar os problemas que a sociedade enfrenta? E isso contribui para a atuação do estado? No sentido de resolver os problemas?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu acho que a TV Manacapuru tem feito tudo que pode, tudo que está ao alcance das pessoas que estão aqui trabalhando, mas elas fazem parte de uma estrutura que é muito maior e que não podem, elas próprias resolverem isso. Teria que ser alguma coisa vertical, e acho muito difícil acontecer isso por que, eu acho que não teriam os meios, os veículos de comunicação como sobreviverem no Amazonas.

06. Luis Augusto

O festival de ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Isso é fundamental, por que a partir das coberturas locais, aqui, é que talvez isso tenha caído no gosto aí do interesse estadual, e até mesmo de mostrar essa festa. No primeiro momento, talvez tenha sido o gatilho, o jornalismo local, divulgar as primeiras manifestações aqui das cirandas. Percebeu-se mais adiante que isso teria

um potencial, e a partir disso as transmissões se materializaram, e hoje o festival é um festival que é divulgado nacionalmente, e isso se deve muito à questão da televisão.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso limitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

De quê modo contribui para o nível de educação?

08. Luis Augusto

Como que a divulgação do trabalho educacional, aqui né? E dos demais conteúdos que a TV Manacapuru insere em sua programação, colabora para a questão educacional do povo?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu acho que a TV Manacapuru é isso, é um elo e entre... Acaba sendo um elo entre as políticas educacionais do estado e do município com a sociedade. Então, a comunicação dos eventos... Agora eu acho que poderia haver aqui, mas aí eu acho que não é aqui com essa... A instalação de uma equipe realmente, com os meios e as condições para a realização do trabalho, né? Ce vê, por exemplo, no período eleitoral, uma cidade dessa, que é a terceira maior do Amazonas, tem 55 mil eleitores, é o segundo maior colégio eleitoral. Só perde no interior para Parintins. E brevemente com a ponte, vai ser o primeiro, nós não temos aqui uma estação própria para transmitir sinal. E acaba não passando o horário eleitoral. Então, eu acho, por exemplo, que a grande... o ponto nevrálgico prá que cumprisse com a sua obrigação social, aqui, a responsabilidade social, por exemplo, era durante o horário eleitoral, transmitir o programa eleitoral dos candidatos. Coisa que não aconteceu! Entendeu? Então, Eu acho que poderia ser feito no futuro um esforço, muito embora aqui não haja, não seja uma geradora, é apenas retransmissora. Mas mesmo assim, que estando desobrigado pelo Tribunal Superior Eleitoral, eu acho que seria alguma maneira de contribuir decisivamente para a cidadania. No futuro.

09. Luis Augusto

O senhor acha, então, que precisa... A cidade comportaria uma estrutura melhor da emissora com relação ao trabalho que é feito atualmente?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Olha, do ponto de vista jornalístico, certamente que sim. Eu não sei se isso teria viabilidade financeira, econômica. Por que como eu mencionei, aqui, nós não temos no Amazonas, assim, um mercado privado que possa bancar isso aí. Então, eu não sei se ela se auto-sustentaria. Agora do ponto de vista jornalístico, do interesse da sociedade, a questão da comunicação seria fundamental, fundamental.

10. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu acho que o grande serviço que pode ser prestado, aqui, pela TV Manacapuru, é a questão da identidade das pessoas, as pessoas se olharem e se enxergarem na tela, Entendeu? Pararem de viver a realidade do sul e do sudeste do Brasil e se darem valor... à sua cultura, à sua gente, essas coisas. E acho que esse seria o principal papel da TV Manacapuru. De embutir na cabeça do povo que o amazonense tem valor, o povo do Amazonas tem valor, que nós também somos capazes de produzir cultura, de produzir esporte, de nós termos os nossos valores, os nossos clubes de futebol, os nossos artistas. E não meramente ficar, a gente vendo o que acontece no Rio e em São Paulo.

11. Luis Augusto

Diante das mídias que nós temos aqui, atualmente, dos veículos de comunicação, que nós temos aqui em Manacapuru, atualmente. Como que o senhor vê a TV Manacapuru diante deste contexto?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu vejo a TV Manacapuru como estratégica, eu não consigo pensar a comunicação com a sociedade, não só aqui, mas com o estado, sem a TV Manacapuru. E digo mesmo que, muito da minha atuação, as pessoas dizem: “Poxa! Você tá fazendo isso, tá fazendo aquilo...” isto se deve ao trabalho da TV Manacapuru, das reportagens que são inseridas nos noticiários estaduais da TV Amazonas, por exemplo.

12. Luis Augusto

E uma última pergunta para encerrar. O senhor que é Amazonense, acompanha a programação da Rede Amazônica já há um bom tempo. De 2004 pra cá, quando passou a ter a inserção das reportagens de Manacapuru a nível estadual. Houve uma mudança com relação a esse tipo de efeito que teve na comunidade?

Doutor Luis Cláudio Cabral Chaves

Eu não tenho a menor dúvida disso, que o fato dessa inserção dessas matérias aqui de Manacapuru, tem um efeito positivo para a sociedade, até mesmo quando as notícias não são agradáveis, quando são de tragédia, mas as pessoas... Mesmo os manacapuruenses que residem em Manaus, se sentem certamente identificados com isso. E volto a dizer, isso contribui para a elevação da sua auto-estima, e acho importantíssimo, isso.

13. Luis Augusto

Doutor, muito obrigado pela contribuição do senhor!

APÊNDICE E: TERCEIRA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com o Clemente Furtado Guimarães, 38 anos, ele é professor de Educação Física, formado pela UFAM, Coordenador Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Manacapuru e Coordenador Geral da Ciranda, e atua como coreógrafo. Ele é o nosso terceiro entrevistado.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Clemente Furtado

Olha, através da Rede Amazônica, como você falou, chegando esse veículo de comunicação em nossa cidade, muito veio a contribuir para que, realmente, nosso povo buscasse novos conhecimentos e novas informações. E, a partir daí, Manacapuru tem crescido de forma que seus filhos, seus filhos se preocupassem mais com a imagem do município. E essa contribuição da chegada da Rede Amazônica aqui, realmente, tem feito com que algumas coisas tenham mudado na nossa cidade, principalmente o comportamento do nosso povo.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Clemente Furtado

Nós sabemos que numa sociedade, há muitos problemas, né? E em Manacapuru, com relação à divulgação através do jornalismo, né? E das entrevistas, as pessoas têm atentado mais para o que diz respeito a falar mais sobre os problemas. A gente sabe que uma informação via televisão, ela tem um efeito bombástico sobre os problemas, né? E com relação a isso, tem contribuído muito para que, realmente, ajudasse a resolver esse tipo de coisa no nosso município.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas, por esta sucursal?

Clemente Furtado

Olha, com certeza, essa contribuição da Rede Amazônica aqui no nosso município vai perdurar por muitos anos. Uma vez que, a gente procurando fazer com o que o nosso povo seja consciente dos problemas, não somente dos problemas, mas também dos bons acontecimentos, não é verdade? O veículo de comunicação serve para isso, divulgar o que é bom, o que é ruim e de forma a levar o povo a refletir, os seus atos e as suas atitudes.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Clemente Furtado

Olha, com certeza, todo administrador público, ele se preocupa com a sua imagem, né? Com o seu trabalho. E o jornalismo, ele realmente, ou ele vem para inibir, pra contribuir, divulgar. Se, realmente, o administrador não tiver corretamente atuando de forma boa e correta, com certeza, o jornalismo vai captar, e com certeza, ninguém quer nada de ruim para a sua imagem. Mas eu acredito, assim, que tem contribuído muito, né? Com relação a isso, nossos administradores estão preocupados com a sua imagem em relação à mídia, e com certeza, eles têm procurado fazer o melhor com relação a divulgar o seu trabalho.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Clemente Furtado

Olha, quando nós começamos a ciranda aqui, realmente, a Rede Amazônica não estava em nosso meio, né? E a partir do momento que começou a ter esse trabalho de divulgação por parte da emissora, grande foi o nosso salto, com relação à nossa cultura. Nós sabemos que a Ciranda veio de Tefé e sofreu uma mudança aqui em Manacapuru e nós precisávamos ter esse caráter cultural. E nós criamos uma ciranda diferente, mais rápida, mais dinâmica, com coreografias belíssimas, né? Que os coreógrafos realizam nas suas cirandas. E através da Rede Amazônica, eu pude perceber que, durante os meus anos que eu participo de ciranda... Eu tenho viajado muito... Manicoré, Codajás, Coari e até mesmo em Manaus. O poder que o jornalismo, né? A Rede Amazônica faz com que a gente, enquanto ciranda, cresça. Nós temos muito a crescer ainda, mas tenho certeza que o nosso trabalho está sendo muito bem divulgado pela emissora, é... através dessas viagens que eu pude, realmente, comprovar pessoalmente, né? O efeito que eles tomam a gente como uma celebridade, né? É o poder da televisão.

06. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Clemente Furtado

Olha, foi como eu falei. Todas as pessoas, nossos líderes, quando se estão em algum... secretários, prefeito... Tem essa preocupação da sua própria imagem de realizar um trabalho bem feito. Nós sabemos que temos vários segmentos na sociedade que, realmente, se não funcionar, a mídia capta tudo isso e joga pra

televisão. E aqui em Manacapuru com relação à educação, muito tem se feito em busca da educação dos nossos munícipes, né? Principalmente das nossas crianças. Percebeu-se, um grande crescimento na zona rural, onde eu tenho certeza que a televisão tem captado muito, transmitindo de forma que vem a engrandecer essa questão aí. Ninguém quer, realmente, queimar sua imagem com relação a um trabalho mal feito! Eu acho que é isso, a televisão, principalmente a Rede Amazônica, com a sua chegada aqui, transmite isso para as pessoas, a verdade. Se não fosse assim, pra quê existiria, né? A liberdade de expressão no meio da comunicação.

07. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Clemente Furtado

Olha, a gente tem acompanhado em algumas matérias que a sucursal de Manacapuru tem feito brilhantemente, né? Tem buscado enfocar, não somente os problemas, mas como também o êxito de forma política, comunitária, de todas as formas possíveis que ela consegue captar. Mas, eu tenho certeza... Se continuar desta forma, muito vai contribuir para que a gente melhore o nosso município.

08. Luis Augusto

No contexto atual dos meios de comunicação que existem hoje aqui em Manacapuru. Incluindo-se aí rádio, jornais, televisão, internet. Como que você contextualizaria a atuação da TV Manacapuru, diante desses veículos que temos atualmente aqui?

Clemente Furtado

Olha, a meu ver... Eu acho que está numa posição, quase que, impossível, dessas pequenas emissoras, estarem além, né? A gente percebe que quando se divulga algum assunto na TV Manacapuru, as pessoas da cidade, elas começam a comentar, divulgar, falar. Por que, realmente a importância da emissora, aqui, é muito grande para o nosso município. E as pessoas, realmente, admiram né? Principalmente, o Aduato, né? Não puxando muita brasa! É uma pessoa muito esforçada, que tem procurado fazer o seu trabalho com dignidade. Que todo mundo sabe que através desse trabalho que eles realizam aqui, com certeza, nosso município vai estar muito melhor a cada ano.

09. Luis Augusto

Eu queria aproveitar... Como você é uma pessoa muito ligada à festa da ciranda. Pedir para que você falasse um pouquinho da grandeza dessa festa, dos números dessa festa. Você falou agora a pouco que ela começou, essa tradição, em Tefé, é? Como que ela chegou até aqui? Como que ela cresceu? E o quê que essa festa representa, atualmente, assim, em termos de participação de público, em termos de retorno econômico e cultural para a cidade?

Clemente Furtado

Começou em Tefé, realmente, chegou aqui em Manacapuru na década de 80, na Escola Nossa Senhora de Nazaré e começou-se um trabalho de divulgação para as outras escolas, né? José Mota e José Seffair. Então, criou-se as três cirandas através dessas escolas, né? Que é a Flor-Matizada, da Escola Nossa Senhora de Nazaré; Guerreiros Mura, da Escola José Mota; e a Tradicional da Escola José Seffair. Enquanto elas foram pros bairros, a nossa cultura começou a crescer, pela participação popular, né? Através de torcidas, maior número de brincantes. E com a chegada do reconhecimento do nosso trabalho... Nós buscávamos muito uma identidade cultural para Manacapuru, mas nós não conseguíamos. Tentamos lendas, tentamos festas... Outras danças, tentamos carnaval, mas encontramos na ciranda, através dos pequenos festivais, uma forma de trazer mais público, né? E o público foi caindo na graça... Do povo, da população. Hoje, a ciranda é nossa identidade cultural maior, e com certeza, nós temos muito a crescer. Hoje, praticamente, cada ciranda envolve em termos de 500 pessoas participando em suas cirandas, né? Ali no espetáculo. É onde nós também conseguimos trazer muitos visitantes. Em termos de cada festa... Uns 50 mil... Pessoas vindo pra cá pra Manacapuru, participando diretamente. E o nosso espetáculo é isso, começou de forma humilde... A gente carregando papelão pelas ruas... Hoje com o reconhecimento, através da Prefeitura, do Administrador Ângelus Figueira, que ele deu um apoio, deu uma alavancada na gente, pra gente crescer um pouco mais. Hoje, nós estamos aí, na mídia, né? Buscando, procurando fazer a ciranda de forma brilhante, para que todas as pessoas vir aqui e se agradem de nosso trabalho.

10. Luis Augusto

Quais os elementos culturais da ciranda? Como que ela é culturalmente? Como que a festa se desenvolve na apresentação dos grupos?

Clemente Furtado

Olha, nós trabalhamos com a ciranda, através de itens, né? Itens de julgamento. Nós temos nossa Banda, temos a Cirandeira Bela, nossa Porta Cores que é a Porta Estandarte. Nós temos o Cordão de Cirandeiros que são em torno de 80 pares, 90, varia muito de ciranda pra ciranda. Nós temos o nosso Apresentador, nossos Cantadores da Ciranda. Nós temos nossas alegorias, temos nossas fantasias, e uma série de elementos que fazem com que no espetáculo, fique bonito, né? Além de o nosso ritmo ser muito contagiante, nós realmente procuramos fazer o melhor possível, em relação ao festival.

11. Luis Augusto

E a festa... Qual a data que ela tem? Ela tem uma data fixa durante o ano? Qual a relação dessa data?

Clemente Furtado

Bom, numa reunião nós sentamos e decidimos que seria no mês que é comemorado o dia do folclore, em agosto. E decidimos... Todo fim de semana do mês de agosto. Justamente, para não coincidir, também, com outras festas populares do Amazonas.

12. Luis Augusto

Mas aí ela tem todos os fins de semana? Ela tem uma data, né?

Clemente Furtado

Todo o último fim de semana do mês de agosto, seja lá onde caia... É o último final de semana do mês de agosto.

13. Luis Augusto

E esse ano, quais as atrações da festa? Tem alguma coisa já programada?

Clemente Furtado

Olha, as cirandas, elas sempre trazem as suas temáticas. Que é um mistério para todas as outras cirandas, né? Que é a questão de: como vai se desenvolver sua temática, que todo ano cada ciranda escolhe uma temática diferente. Aí fica por conta de cada Grêmio, criar as suas surpresas, seus elos de surpresa e de espetáculo em si.

14. Luis Augusto

E quem julga o espetáculo? Como que é esse corpo de jurados?

Clemente Furtado

Olha, fica por conta da comissão organizadora do festival. São pessoas de fora, com certeza. Na maioria pessoal de Manaus, né? Escolhe-se vários jurados e passa pela comissão, há um item de escolha, né? E a comissão decide esses jurados, ele chegam aqui e julgam o nosso trabalho da melhor forma possível.

15. Luis Augusto

OK, Clemente, muito obrigado pela sua entrevista.

APÊNDICE F: QUARTA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com Dirley Reis de Oliveira, ele tem 33 anos, é Conselheiro Tutelar de Manacapuru e é Técnico em Contabilidade. Atua no Conselho Tutelar desde 2003 no período até 2006. E agora, a partir de janeiro de 2009.

01. Luis Augusto

Dirley, desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Dirley Reis

Bem, a televisão foi uma coisa que aconteceu na nossa vida, na sociedade atual, muito importante. E saber que Manacapuru, hoje, faz parte das notícias de um canal tão importante, a Rede Amazônica. A gente sabe que a Rede Amazônica é pioneira nesse segmento. Então de que forma esse processo modifica, né? Os hábitos cotidianos nosso, né? Manacapuruenses. Acho que é assim: através dessas notícias, desses conhecimentos que são passados, que nós recebemos. Nós sabemos que isso é de suma importância, para que nós possamos, nós como manacapuruenses, possamos nos desenvolver. Por que nós não somos, como já, as pessoas falam aqui... Somos índios, né? Então, quando nós se vê, nós se vemos na televisão, nós sabemos que a nossa cidade está na televisão, mostrando a nossa cidade, nossa contribuição, as nossas raízes. Isso é muito importante, por que faz com que a gente se sinta mais valorizado ainda. Então dessa forma, a gente se sente valorizado como pessoa.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Dirley Reis

Os problemas que Manacapuru passa é muito grande, né? Desemprego, falta de escola. Eu como conselheiro tutelar, sei que existe muita falta de escola no município. Por exemplo, tem pessoas que não conhecem nem quais são as atribuições do conselho tutelar, só pra ter uma idéia. Então, através da televisão, as pessoas podem saber, conhecer, quais são os seus direitos, quais seus deveres, quais são as suas obrigações, né? Então, assim, na forma que trabalhamos aqui, eu acho que com a televisão nós aprendemos a conhecer até mesmo nossos direitos, coisas que a gente não sabia, coisa que a gente não conhecia. Com a televisão, através dessas reportagens que leva para todo o estado. Nós podemos conhecer, ter conhecimento de causa, muitas vezes as pessoas não conhecem. Então conhecimento mesmo, de causa e situação.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas, por esta sucursal?

Dirley Reis

É como eu falei né? Conhecimento causa, conhecimento dos seus direitos. Tem pessoas que não sabem quais são os seus direitos. Tem pessoas que não sabem, por exemplo, quando foi que Manacapuru surgiu como cidade, como município. Tem pessoas que não conhecem, por exemplo, quem é o Juiz da cidade, né? Então, com a televisão... O Aduato, chega lá dentro do escritório com o Juiz, fala com o juiz, conversa com o juiz. Tem pessoas que conhecem o juiz através da televisão, da reportagem do Aduato, né? Tem pessoas que conhecem, também, outras coisas através da reportagem, que o Aduato chega lá e conversa... Quer dizer... A televisão chega onde nós não podemos chegar, a televisão chega onde nós não podemos entrar, né? Então é uma divulgação muito importante que a gente tem que aprender a valorizar a importância da televisão, que é uma coisa assim muito maravilhosa, importante pra nós aprendermos a ter conhecimento das coisas.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Dirley Reis

Olha, muitas vezes, as pessoas, muitas, vinculam, assim, a televisão, por exemplo, assim, só que tem condições de pagar uma reportagem... só um exemplo: é a prefeitura, mas é só exemplo, né? Então só quem pode comprar um horário na televisão é a prefeitura, então as pessoas... to só dando um exemplo, tá? Às vezes as pessoas, muitas vezes, elas confundem, elas acham que a televisão é paga pela prefeitura, que o prefeito é quem manda na televisão. Enquanto, não é verdade! Eu acho, assim, que essa emissora fica muito na dela, entendeu? Se tem que denunciar ela faz, se é necessário ela fazer, ela faz. Então, ela faz o trabalho. O importante é isso, é fazer o trabalho, por que não adianta você ser dono de uma emissora e ficar de rabo preso com a prefeitura, com o estado, com o senador, só porque paga, mantém a televisão. Então, assim, é muito na dela, faz um trabalho excelente, a emissora faz um trabalho excelente. Precisa melhorar? Precisa melhorar... muito ainda, por que eu acho que a idéia da sucursal é ótima, maravilhosa, mas eu acho que se tivesse um jornalismo local também, seria muito bom, porque essas reportagens vão para a Rede Amazônica, mas eu acho que precisava também de uma coisa local, aqui pra nós daqui. Por que não tem, não existe ainda, não sei se você sabe que não existe ainda. Então precisa disso aí. Então, é muito importante separa uma coisa da outra, o jornalismo da administração pública. E eu acho, assim, que é bastante separado, gosto do trabalho dele, por que não vejo ele puxando sardinha pra ninguém. Faz o trabalho dele, isso é importante. Tem que separar, pra não poder misturar tudo.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão.

Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Dirley Reis

Olha, o festival de ciranda. Como já falou, né? Um dos grandes festivais que... É igual o festival de Parintins, né? É um festival muito importante, principalmente, pra nós manacapuruenses, por que a gente sente orgulho de a nossa cidade ser mostrada, a nossa cultura, a nossa cultura sendo manifestada. Mas assim, tudo tem seus prós e seus contras. O festival de ciranda, por exemplo, existe muita coisa que acontece no festival... Prostituição infantil, né? Às vezes até crime que acontece, né? Então eu acho que tem que haver, assim... É importante o festival, é, mas tem trabalhar muito pra que ele possa melhorar muito nesse sentido de que não haja... É um problema que é universal, né? Mas eu acho que, as políticas públicas tem que ser mais voltadas pra questão de preservação da família, da identidade, dos bons costumes, né? Por que tudo isso gera... Todo tipo de festival gera sérios conflitos, né? Então a pergunta aí? Qual a importância?

06. Luis Augusto

Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Dirley Reis

Pois é. Então, pra mim é excelente, pra mim é ótimo o trabalho que eles fazem com relação da divulgação do festival em si, por que é importante que seja divulgado, que seja feito um trabalho em cima do festival. E com isso a cidade ganha, com isso a cidade só recebe benefícios com isso, como eu já falei... Tem os seus prós, né? Mas a cidade ganha muito com isso. Então é divulgação, isso é muito importante pra nós e pro nosso festival.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia, proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Dirley Reis

Bem, a educação, eu já falei agora a pouco. A educação de Manacapuru precisa ainda melhorar bastante, né? Tá bom, mas precisa melhorar muito, ainda tem muita criança fora da escola. Tem muitas pessoas que nunca, se quer, entraram em uma sala aula, né? E o jornalismo é bom nesse sentido, na seguinte forma, quando uma pessoa que não tem estudo vê uma reportagem de um seminário de educação, por exemplo... Quais são os avanços? Agora a pouco teve um seminário de educação e as pessoas... Eu pelo menos... Quando eu vejo uma reportagem de uma sala de aula, assim, me dá vontade de estudar. Dá vontade, muito, de voltar pra sala de aula. Então, é muito importante nessa questão, por que estimula uma pessoa a querer, a voltar a estudar, ou então a valorizar os estudos. Então, isso aí também é importante, né?

08. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar de serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Dirley Reis

A Rede Amazônica é uma emissora que foi uma desbravadora, por que, quantas que tentaram e falharam? Então, ela foi a primeira e até hoje tem se mantido, né? Eu conheço bem porque eu já fui radialista, fiz programa de rádio, sei mais ou menos como é que funciona essa questão. Então, é...

09. Luis Augusto

Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar de serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Dirley Reis

Eu acho assim, que a sucursal de Manacapuru tem que melhorar bastante, né? Melhorar muito ainda, como eu já te falei, não é bom a gente vê flash só de Manacapuru, vê uma coisa rápida, e sim uma coisa voltada diretamente pra Manacapuru. Porque, é igual lá no Rio de Janeiro, que pensa que aqui no Amazonas só tem índio. Não sei se você já ouviu falar? Mas o pessoal do Rio, São Paulo acha que aqui no Amazonas só tem índio, né? Então, não é bom a sucursal só mostrar as coisas boas, só ciranda, só isso, aquilo. Não! Mostrar tudo. Então, a perspectiva, eu acho que é assim, tem que melhorar ainda muito mais, tem que ter mais espaço, o jornal local não tem, entendeu? Tem que ter pra que nós possamos nos informar melhor. A Rede Amazônica aqui, para quem não tem antena parabólica, é a emissora mais assistida no município. E a gente gosta, os programas da emissora, a gente gosta de assistir, mas tem coisas que precisam melhorar muito. Então, assim, tem que ter um espaço para reportagens locais, um jornal local. Inclusive, quando eu trabalhei na Rádio Princesa, que faz parte da Rede Amazônica, não sei se o Aduino lembra disso, mas queriam fazer jornal local. Não era Aduino? Queriam fazer um jornal. Não sei o que aconteceu, morreu a história. Eu acho que precisa melhorar isso aí, né? É preciso conhecer mais. Agora, ele faz uns flash's, não sei se tu sabe, 24 horas. Que são muito bons também, só que assim. Eu to achando assim Aduino, que só quando tem espaço pra entrar, né? Por que só aparece mais a noite, né Aduino? É mais a noite, quer dizer, a emissora tem que deixar um pouquinho, aberto um pouquinho pra gente aqui, por que só é à noite, só à noite, as vezes as pessoas estudam, né? Tem coisas que, por exemplo, se tiver um concurso público, a prefeitura... Só um exemplo, faz um concurso público e manda o Aduino fazer uma reportagem... Só sai a noite e eu trabalho a noite, eu estudo a noite, eu não vou poder ver. Então tem que ter uma coisa, assim, sempre, às vezes faz flash, assim, rapidinho, às vezes corta porque a emissora já, entendeu? Então, tem que ter um espaço, a idéia do jornalismo local é muito bom.

10. Luis Augusto

Com relação às mídias que nós temos hoje, os jornais impressos, as rádios, as televisões que chegam por aqui, a internet. Como que você situaria a TV Manacapuru diante deste contexto?

Dirley Reis

Olha, a TV Manacapuru, eu posso dizer que ela é a pioneira, ela já tem um respaldo. Então, a televisão Manacapuru é mais assistida do que as outras emissoras que

estão por aqui. Tanto que eu, por exemplo, não assisto a RBN porque não pega, mas a Rede Amazônica pega, aliás, Rede Amazônica e Amazon Sat pegam muito bem, o sinal é muito bacana muito legal. Mas, assim, a TV Manacapuru é muito importante pra nós, pra divulgação nossa, acho que... Precisa melhorar? Precisa, né? Precisava melhorar. A Rede Amazônica tem que criar não só uma sucursal, mas também como uma equipe pronta aqui pra trabalhar, gente daqui, não precisa vir gente de Manaus, de São Paulo, formar gente aqui. Inclusive, tem a Fundação Rede Amazônica que tem aqueles cursos. Cursos que tem pessoas que vão fazer lá em Manaus, por que vêm a divulgação na Rede Amazônica. Mas porquê que a Rede Amazônica não vem pra cá também, né? Com cursos pra trabalhar esse povo. Por exemplo: fazer um curso de rádio de reportagem, pra repórter. Então isso seria bom, eu acho que a Rede Amazônica tem que trabalhar mais isso, melhorar um pouco mais ainda essa situação. Mas Manacapuru, pra mim, é dez, é todo mundo assim, todo mundo gosta, gosto das reportagens que o Aduato faz. Não ouço muito a rádio Princesa, por que a rádio Princesa não tá muito bacana também. Acho inclusive... Não sei se tem alguma coisa haver, mas como é jornalismo, é comunicação, acho que precisa alguém, um cara pra divulgar bem a rádio Princesa, a rádio Princesa foi uma das primeiras também em Manacapuru também e tá lá em baixo porque não tem um cara que tenha coragem de abrir, né? Vestir a camisa e fazer o negócio andar. Porque todo mundo sabe que a rádio Princesa foi a pioneira, mas tá muito caída, porque? Por que precisa ter uma divulgação melhor.

11. Luis Augusto

Pra encerrar, eu queria que você falasse um pouquinho do trabalho do Conselho Tutelar. Como que é a estrutura que vocês tem atualmente e quais são os principais trabalhos ou as principais dificuldades que vocês enfrentam aqui no dia-a-dia?

Dirley Reis

Eu fui conselheiro tutelar de 2003 a 2006. A primeira gestão foi de 2003 a 2006. Então nós passamos muitas dificuldades, nós tínhamos somente um computador velho, nós tínhamos um Opala também, que nos ajudava muito, nós chamávamos ele carinhosamente de "Negão". Nós não tínhamos essas salas aqui. Os cinco conselheiros, o que nós fazia... nós fazíamos uma espécie de escala, nós víamos três de manhã e dois à tarde, porque não dava pra ficar os cinco na mesma sala, né? E quando nós atendia gente... que ficava um numa mesa, dois numa mesa, a gente tinha que conversar baixo pra, entendeu? Então, nós encontramos muita dificuldade. Hoje não, hoje melhorou muito. Hoje nós temos infra-estrutura, aqui, no momento. Tem, cada conselheiro tem uma sala, tem dois computador, temos material de expediente, a prefeitura também nos ajuda muito, né? Temos carro, porque nós não tínhamos carro, né? Hoje nós temos o nosso carro

12. Luis Augusto

São quantos conselheiros? Cinco conselheiros... Quais os problemas mais, assim, que têm maior incidência, assim, que vocês trabalham?

Dirley Reis

Maus tratos, maus tratos contra adolescentes, mas tá crescendo muito a prostituição infantil, muito mesmo. Aliciamento mais em relação ao sexo, né? Aliciamento, estupro, né? Essa área aqui tá muito grande. E o pior não é isso, pior é que... Dentro

da própria família, estão se estuprando. É pai que estupra suas filhas, enteadas, seus filhos, né? Tio que estuprou a sobrinha, né? Quer dizer... Aí vamos entrar novamente lá naquela questão lá. Se o conselho tutelar... Tem pessoas que não conhece o conselho tutelar, né? Que não há espaço na mídia pra gente chegar e divulgar, né? E divulgar o nosso trabalho, né? Então, assim, as famílias, todas dizem que é por causa disso, por que não tem pessoas que chegam com elas pra aconselhar, pra conversar, pra dizer o que é certo e o que é errado, e o que não é certo. Tem pessoas que não conhecem nem os seus direitos. A polícia entra na tua casa, invade a tua casa, e tu não sabe que é crime, então você não sabe disso. Chama-se invasão de domicílio. O pai deixar de matricular o filho na escola e acha que não é crime, é crime... Abandono intelectual, quer dizer, as pessoas tem que ter o conhecimento que muitas vezes o jornal, a televisão pode ajudar nisso. Divulgar o que é o conselho tutelar, divulgar o que é errado o que é certo, quais são os meus e quais são os teus direitos. Então a televisão é importante por isso também. Então a maior incidência é isso, é maus tratos, aliciamentos de menor, prostituição infantil, são os maiores...

13. Luis Augusto

E vocês têm uma estrutura de ajuda a esse tipo de pessoas que tem essa dificuldade? Você tem um corpo de psicólogos? Como que é essa estrutura de vocês?

Dirley Reis

Hoje nós temos o CREAS, né? Que é uma sigla muito complicada de se falar. É centro de referência contra violência sexual contra crianças e adolescentes, mais ou menos assim, não sei bem a sigla, que é novo, surgiu agora e eu entrei em janeiro, né? Mas, assim, é um centro que tem psicólogos, que tem advogados e assistente social. Chega uma situação dessa, a gente ouve a mãe ouve a criança. Primeiro passo: vai na delegacia, registra o caso, depois manda pro CREAS. Lá vai ser feito todo o acompanhamento, psicólogo, o advogado vai entrar na questão.

14. Luis Augusto

Qual que é o significado dessa sigla? CREAS.

Dirley Reis

Centro de Referência em Crimes Contra a Criança e o Adolescente. Uma coisa assim, eu não sei bem... A gente chama mais de centro de referência, o antigo Sentinela. Então é assim, vai pra lá a criança é ouvida pelo psicólogo, o psicólogo encaminha para o posto de saúde pra fazer exame, DST e tudo mais. Então, tem todo o acompanhamento, tanto o nosso quanto o deles. Por que o conselho tutelar, o trabalho nosso não termina quando a pessoa é encaminhada. Por exemplo, eu ouvi aqui as pessoas, encaminhei para o CREAS e acabou... Não! Eu vou acompanhar ainda, eu vou saber como é que tá, eu vou visitar ainda, vê se melhorou, se cessou aquela situação ou se continuou, então eu vou lá.

15. Luis Augusto

Ok, muito obrigado Dirley pela sua entrevista.

Dirley Reis

Eu agradeço, eu espero que tenha contribuído essa minha entrevista. E agradeço também e espero, assim, que se quiser alguma coisa... E dizer que Manacapuru, graças a Rede Amazônica, é conhecida em todo o mundo. Obrigado.

APÊNDICE G: QUINTA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com o professor Vivaldo Chagas dos Santos, de 49 anos. Ele é assessor pedagógico da Coordenadoria de Ensino de Manacapuru. Também é presidente do Conselho Municipal de Educação. Formado em pedagogia pela UFAM, tem pós-graduação em metodologia do ensino superior e em gestão escolar.

01. Luis Augusto

Professor, desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população na opinião do senhor?

Vivaldo Chagas dos Santos

Eu vejo que aproxima né? É toda uma questão cultural, as pessoas tem a oportunidade de ver situações e modos de vida diferentes dos seus. E com certeza, passa a, de qualquer forma, a se auto-transformar, se auto-policiar, se auto-adequar. Eu penso que é muito importante em função das oportunidades dessas pessoas poderem ver outras realidades, que não as suas, e aprenderem também com elas, né?

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Vivaldo Chagas dos Santos

Eu vejo o serviço do jornalismo, o jornalismo como um todo, a imprensa, como um aparelho ideológico do estado, o senhor sabe disso, né? Como, um dos... E sendo um aparelho ideológico a questão da imparcialidade não acontece como deveria, e isso, acredito que nunca vai acontecer. Mas, de qualquer forma, desenvolve muito, as pessoas tem a oportunidade de participar de ver, de discutir situações que antes, antes uma oportunidade como essa, não teriam. Mas eu penso que essa questão da parcialidade ainda acontece, mesmo que o jornalista ou a emissora, o sistema de comunicação tente ser, ele não vai conseguir, na minha opinião, em função de muitas forças externas que o dificultam, e até porque, pagam esse serviços, né?

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

Vivaldo Chagas dos Santos

A gente já passa a ver em alguns momentos, o que a gente faz aqui ou que acontece aqui sendo mostrado até, em alguns casos, no Brasil inteiro. Então, isso era difícil, só se via o nosso município ou até o nosso estado no Jornal Nacional, por exemplo, ou em outras emissoras, quando acontecia alguma coisa muito ruim, né? Hoje não, a gente já vê algumas manifestações que acontecem aqui sendo... Podemos citar o caso de Parintins, de Itacoatiara, os grandes festivais da região, sendo mostrados de forma nacional em função desse tipo de serviço, né?

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação entre jornalismo local e a administração pública na visão do senhor?

Vivaldo Chagas dos Santos

Não posso responder com muita precisão essa relação, mas eu vejo ainda como uma grande dependência, mais como divulgação dos serviços da administração. A crítica, a cobrança, ainda é muito pequena.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Vivaldo Chagas dos Santos

Avalio como muito bom, mas com uma observação. Que por ter se tornado um evento do tamanho que está, o jornalismo precisa mais conscientizar do que só divulgar o evento. A gente vê que com um evento dessa natureza, muitos males se aproximam e chegam até nós, né? Então, que o jornalismo também possa prevenir, além de divulgar o evento como um todo. Prevenir dos... Tanto os jovens, os adolescentes, crianças e pais também, dos problemas que podem, que eles podem ganhar, né? Ou adquirir com um evento dessa natureza.

06. Luis Augusto

O senhor poderia citar alguns exemplos que o senhor considera importante?

Vivaldo Chagas dos Santos

A gente vê que a escola está sendo pouco utilizada ainda pra esse tipo de concentração. Que o jornalismo possa também usar a escola, os outros meios de comunicação local, pra conscientizar ainda mais. A gente tem visto o aumento de certas coisas aqui, como drogas, até da violência que se estabilizou, né? Mais prostituição, essas coisas todas, tudo vem né? Então eu penso que é preciso a gente também se preocupar com isso. E tá vindo aí uma ponte que pode aproximar muito mais, ajudar a melhorar esse evento. Então, a gente precisa também cuidar disso, né? Com carinho.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Vivaldo Chagas dos Santos

Nós temos tido até, um exemplo que a gente pode dar de A Crítica. A escola está usando bastante o jornal, no processo ao educacional, mas o jornalismo mesmo que o senhor fala, da forma que é colocado, eu penso que faz com que as escolas ou a educação como um todo vem sendo divulgado, seja mais levado a sério, seja levado a outros setores, à outras experiências e com certeza, eu não vejo como é que possa uma instituição como essa, ou um modelo de jornalismo como esse, eu não vejo que possa atrapalhar, eu vejo que pode contribuir muito. Até a questão de eventos mesmo, locais, tem sido, dentro do que a emissora pode, tem sido divulgados em nível de estado, até nível nacional.

08. Luis Augusto

Mas o senhor considera que falta ainda um pouco mais de espaço para o jornalismo local, aqui, nesse sentido?

Vivaldo Chagas dos Santos

Não! Eu penso que falta mais, também, muitas lideranças se envolverem e chamar e se aproximar. O jornal está aqui, né? A gente vê que as pessoas estão aí, atrás de notícia. Então, às vezes as notícias não chegam até eles por falta de informação também. Eu penso que dá pra divulgar mais o quê que o jornal pode... Em quê que o jornal pode contribuir? Também na educação e nos outros setores.

09. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e outras áreas, né? Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Vivaldo Chagas dos Santos

É como eu disse ainda agora a pouco. Por ser um aparelho biológico, por ter relação, às vezes, até de dependência. Mas eu vejo que ele não demonstra muito isso, ele pode contribuir muito mais, divulgando além dos serviços do governo, das demais instituições, dos serviços mesmo dos meios de produção. Tanto divulgar, quanto trazer informação para os nossos ribeirinhos, por exemplo, que às vezes trabalham do jeito que eles bem sabem, né? E quem sabe um jornalismo dessa natureza possa ampliar os conhecimentos deles. Porque tem outros estados, outros municípios com modelos de produção que, às vezes eles não conhecem e que pode dar certo aqui, né?

10. Luis Augusto

Com relação a... Com a instituição da mídia atual, né? Dos meios de comunicação atuais, aqui em Manacapuru. Com relação a jornal impresso, rádio, televisão, a própria internet. Como que o senhor contextualiza a posição da TV Manacapuru, diante desses meios de comunicação quem temos atualmente na cidade?

Vivaldo Chagas dos Santos

Eu coloco como um dos melhores, por que a internet ainda é muito comprometida o serviço. Poderíamos ter torre de internet, dessas torres, principalmente a gratuita que está aí, a wireless, já era pra ter muito mais na cidade, tem lugares que ninguém tem acesso. Então, a internet ainda é reduzida, o jornal impresso nem todo mundo compra. Eu penso que o serviço da TV Amazonas, das TVs como um todo, mais especificamente, da TV Amazonas, é muito bom, por que aqui a gente vai dando conta da maioria das informações que aqui no município acontece, a maioria dos eventos, dos momentos e a gente... Eu por exemplo, não assisto outra a não ser a TV Amazonas local. As outras ainda não têm programas que tenha chamado, que tenha ganhado o interesse maior da população. Então eu analiso que é muito bom.

11. Luis Augusto

Uma outra questão que eu queria perguntar para o senhor, é... O senhor falou agora a pouco com relação a questão da ponte, né? Que é uma coisa que deve mudar muito a realidade aqui. E o senhor, por ser uma pessoa da terra, como que o senhor viu essa mudança, a partir do momento que começou a ser veiculada as reportagens locais, em 2004 mais ou menos. O quê que mudou na opinião do senhor na comunidade? E qual a perspectiva que o senhor vê diante dessa profunda mudança da construção da ponte, que vai ligar Manaus a Iranduba e conseqüentemente mudar a realidade de Manacapuru?

Vivaldo Chagas dos Santos

Quando as primeiras notícias surgiram houve muita gente até protestando. E o pessoal assistindo, por que protestar sem conhecer a fundo um projeto dessa natureza. Eu fico primeiro assim, né? Naquele momento muitas preocupações surgiram, mas eu vejo que o país precisa crescer, o país precisa aproximar os municípios, as comunidades. A gente vê estados por aí que não tem nem... Um município é outro, ninguém sabe nem onde é a fronteira, né? De um município para outro. A questão do fluxo terrestre mesmo é muito bom. Então eu vejo como progresso, agora o progresso a gente tem que analisar que sempre trás vantagem e desvantagem, mas eu penso que as vantagens são muitas, por que aproxima vários municípios. Mas a nossa preocupação ainda é com muita coisa que pode vir, então agente tem que... Eu acredito que escolas, igrejas, todos os setores da sociedade, inclusive, o jornalismo como um todo, deve contribuir nisso pra gente tentar educar a população ou reeducar a população com um novo modelo de sociedade que deve surgir.

12. Luis Augusto

E essa questão da ponte, assim, o quê que o senhor acha que pode trazer de coisas boas e qual a preocupação também que fica?

Vivaldo Chagas dos Santos

A preocupação é que aproxima da cidade grande, né? As pequenas das grandes, então o que já acontece na cidade grande pode chegar a acontecer aqui, isso se nós não nos prevenirmos bem. Mas o progresso, eu penso que muita coisa virá, a sociedade deve melhorar em vários sentidos, a questão o emprego, né? Que o desemprego é muito grande, entre outras oportunidades. Por exemplo, aqui nós temos notícia de que aqui será um grande porto, né? Um grande porto de embarque

e desembarque, então isso pode gerar emprego e além de outras empresas, outras vantagens que o próprio município deve ganhar. Eu vejo com bons olhos nesse sentido, mas nos preocupando em prevenir o que pode não ser bom, o que pode ser evitado.

13. Luis Augusto

Só pra finalizar, o senhor falou que no começo houve uma reação até negativa quando começou a surgir... Como que foi esse tipo de manifestação? De onde que partiu? Teve algum motivo na época?

Vivaldo Chagas dos Santos

Não! A preocupação mais era com violência, prostituição, muita coisa que a gente sabe que o progresso trás, mas não foi nada de muito sério, houve uma reação maior em relação à questão das cobranças alí do transporte, que até o cidadão comum tava pagando na balsa. Mas eu penso que não foi nada que fosse comprometer o projeto como um todo. E hoje, tá todo mundo vendo já, esperando que aconteça, esperando a inauguração, mas sempre com essa preocupação de trabalhar a questão da prevenção, né?

14. Luis Augusto

Ok, professor! Queria agradecer a sua entrevista. Muito obrigado e assim que tivermos o resultado do trabalho vamos encaminhar ao senhor.

Vivaldo Chagas dos Santos

Eu que agradeço uma oportunidade como essa a gente não tem sempre, às vezes a gente quer dizer alguma coisa que possa chegar a mais gente, né? Um espaço maior, quem sabe o Brasil inteiro, e a gente nunca tem oportunidade. Então, eu agradeço a lembrança do meu nome. Obrigado!

APÊNDICE H: SEXTA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com a Professora Laurinete Mendes Rodrigues, Coordenadora Regional de Educação de Manacapuru. Ela é Cientista Política, formada na Universidade Estadual do Amazonas e Pós Graduada em Gestão Escolar.

01. Luis Augusto

Professora, desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população, na opinião da senhora?

Laurinete Mendes Rodrigues

A televisão é um meio de comunicação dos mais importantes que nós temos, e eu acredito que modificou muito realmente a vida cotidiana dos nossos munícipes, onde nós temos as reportagens que são feitas pela televisão e que a população assiste, que a população realmente procura assistir todos os programas, todas as reportagens que são feitas através da televisão, e que levam essas notícias às demais pessoas da cidade de Manacapuru. Muito importante esse trabalho, que tem levado também as nossas notícias aos mais longínquos locais do estado do Amazonas.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal em Manacapuru, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais na opinião da senhora?

Laurinete Mendes Rodrigues

Realmente, com essa divulgação da televisão, levando os nossos problemas, as nossas reivindicações, com certeza melhora a vida das pessoas, por que estão tendo os nossos problemas e procurando solucionar, esses problemas do município de Manacapuru e isso tem tido uma repercussão muito grande, as nossas reportagens, assim como nós recebemos também as reportagens de outros locais. Isso tem melhorado os problemas, melhorado a nossa educação, por exemplo, né? Nós, com certeza, temos tido um avanço muito grande e uma melhoria para o município de Manacapuru.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas, por esta sucursal?

Laurinete Mendes Rodrigues

Contribuição! É como eu falei anteriormente, levar à população as reivindicações, as coisas que estão acontecendo no município, as coisas boas e também as ruins, né? E procurar melhorar, procurar saber, que nos outros municípios também existem problemas como o nosso e que com certeza, juntos, procuraremos melhorar cada vez mais os nossos problemas, o nosso desenvolvimento do município de Manacapuru.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação entre o jornalismo local e a administração pública?

Laurinete Mendes Rodrigues

O relacionamento é muito bom, o do jornalismo local e a administração pública. Onde os jornalistas, eles procuram divulgar o trabalho feito, executado pela administração pública e tem uma repercussão muito grande no estado e no município de Manacapuru, onde são divulgados os... O que acontece na cidade. Então é muito bom, nós estamos muito felizes com essa divulgação feita pelo jornal, pelo jornalista de Manacapuru, as nossas atividades, todas, elas são divulgadas para os demais municípios do estado do Amazonas.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Laurinete Mendes Rodrigues

Ah! É maravilhoso esse relacionamento, essa divulgação do jornalismo local, quando essa ciranda tem crescido muito ao município de Manacapuru, tem divulgado o nosso trabalho da ciranda. Eu sou uma apaixonada pela ciranda e fico muito feliz, muito feliz mesmo, em saber da divulgação internacional que tem a nossa ciranda, isso através do jornalista que tem feito um grande trabalho no nosso município. Eu, inclusive, sou uma das iniciantes da ciranda, as cirandas iniciaram nas nossas escolas estaduais, depois passaram para as agremiações, que não teve mais condições de continuar nas escolas e nós não tínhamos a divulgação que tem hoje. Então, é muito importante e isso só tem crescido o município de Manacapuru, em especial, a nossa cultura de Manacapuru.

06. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru, na opinião da senhora?

Laurinete Mendes Rodrigues

Contribui e muito para a melhoria da educação do município, por que através do jornalismo, através da televisão, que as pessoas assistem a programação e procuram melhorar cada vez mais. Inclusive a educação do município, quando nós divulgamos os nossos trabalhos, procuramos divulgar o que está acontecendo no município, recebemos também a divulgação dos demais municípios. Nós melhoramos, nós crescemos, porque nós vamos ver as nossas dificuldades e procuramos melhorar, as nossas dificuldades, com essas divulgações, com esse trabalho que tem sido feito pelo jornalista. Pelo grande trabalho que tem sido feito pelo jornalista do nosso município, do município de Manacapuru.

07. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Laurinete Mendes Rodrigues

Nós esperamos que o jornalismo de Manacapuru cresça cada vez mais, né? E já tem crescido muito, mas, com certeza, tem melhorado ainda mais. Que possa divulgar a cada dia todos nossos trabalhos, nossas realizações de trabalhos da administração pública do município de Manacapuru, em especial, eu falo da educação, né? Que eu represento a educação do estado em Manacapuru e com certeza nós acreditamos nos jornalistas, acreditamos no trabalho que eles tem feito em Manacapuru, e a cada dia, iremos crescer muito mais, divulgar muito mais o nosso trabalho e os nossos jornalistas, com certeza, têm dado um grande apoio à educação, à administração do município de Manacapuru.

08. Luis Augusto

Mas a senhora acha que ainda falta alguma coisa em relação a esse trabalho? Qual a visão da senhora em termos de crescimento desse trabalho?

Laurinete Mendes Rodrigues

Não, eu acredito que tá muito bom. Pra mim tá dez! Está ótimo a divulgação, mas a tecnologia muda a cada dia, aumenta, melhora a cada dia e, com certeza, acreditamos que melhores dias virão, mas no momento eu não digo que está faltando alguma coisa não, acho que tá completo, tá muito bom, um trabalho muito bem feito, né? Pelo jornalista de Manacapuru. E a divulgação do nosso trabalho cada vez melhor, nós acreditamos nisso, que cada dia será melhor, por que a tendência é crescermos, a tendência é melhorarmos, mas eu não tenho nenhuma reclamação a fazer, eu só tenho elogios. Só tenho a tecer elogios ao trabalho do jornalismo de Manacapuru.

09. Luis Augusto

Com relação às mídias atuais, aos veículos de comunicação, o jornalismo impresso, rádios, internet, emissoras de televisão. Como que a senhora vê hoje a TV Manacapuru nesse contexto, das emissoras, dos veículos de comunicação que atuam atualmente, aqui no município?

Laurinete Mendes Rodrigues

Muito bons. O trabalho ótimo. A divulgação muito boa, eu vejo o trabalho perfeito, né? É como eu falei ainda agora, claro a tendência é melhorarmos, precisamos

melhorar. Mas tem sido feito um trabalho muito bom, todos os meios de comunicação do município de Manacapuru têm realizado o seu trabalho com responsabilidade, com respeito à população, com respeito a todas as pessoas do município de Manacapuru.

10. Luis Augusto

Ok, professora. Muito obrigado pela sua participação.

Laurinete Mendes Rodrigues

Desculpa aí... Desculpa se não foi melhor (risos). Mas eu que agradeço e estamos aí à disposição.

APÊNDICE I: SETIMA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com Daniel Soares que é Secretário de Indústria, Comércio, Meio Ambiente e Turismo de Manacapuru. Formado em Administração, Especialista em Engenharia Elétrica e atualmente faz o curso de Gestão Ambiental.

01. Luis Augusto

Desde a década de 1970, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Daniel Soares

Totalmente. A informação, na minha visão, no meu ponto de vista, ela funciona de uma forma interativa, ou seja, uma coisa é você receber notícias, você receber informações e outra coisa é você está inserido na informação. Então, aqui em Manacapuru, nós tínhamos uma grande deficiência e uma grande... E ainda existe uma lacuna disso, com relação à questão da informação. Nós tínhamos o rádio em uma situação muito limitada e muito doméstica. Nós tínhamos a escrita, mas não tínhamos nada praticamente, e a televisiva ficava restrita ao que se recebia via satélite, de informação. Então, totalmente desvirtuado da nossa realidade. Com essa interação, com essa chegada da Rede Amazônica no município passa a acontecer e haver essa interação. Então, a partir do momento dessa interação houve uma modificação do ponto de vista das pessoas com relação a certas situações. Porque o cara via, às vezes, algumas informações nos telejornais nacionais e notícias de outros países, mas fica uma coisa, assim, muito distante, por que não faz parte da cultura dele, ele não vê a sua realidade. Muitas coisas são específicas e próprias nossas aqui, então, a partir do momento em que ele passa a fazer parte dessa informação, ele começa a traçar comparativos e isso eu acho que tem trazido um resultado muito bom, pra melhorar o conhecimento, a informação, o senso crítico das pessoas.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Daniel Soares

Como eu acabei de falar, ela tem uma influência muito significativa, por que você começa a fazer comparativos do que você ouve, do que você vê e do que você vive. Que são situações que, embora, tenham uma relação entre si, elas ficam muito mais reais e muito mais concretas quando você passa a fazer parte desse contexto. Então, essa inversão foi de fundamental importância, inclusive, na formatação desse senso crítico das pessoas, certo? As pessoas hoje têm uma visão, por exemplo, de

urbanismo, de infra-estrutura, diferente do que era. De meio ambiente, elas começam a ver, a deslumbrar uma situação diferente, principalmente, os mais jovens. Os mais antigos, infelizmente, ainda têm uma resistência um pouco maior. Eles acham: não! É coisa de Deus, é obra da natureza. Eles não têm aquela visão que essas novas gerações estão começando a vivenciar. Então elas percebem que interfere aqui também, não é só coisa que ela via acontecer lá em outro país, em outro estado, não. Aquilo acontece aqui, e vai acontecer aqui também. Então é importante que ele aqui também esteja consciente dessa situação. Porque quando a gente via falar de Amazônia, de depredação, de aquecimento global, de globalização... As pessoas estavam ouvindo falar de coisas que para elas não existiam. Era a mesma história de quando se falou que o Homem foi à Lua. Então, era... As pessoas achavam que aquilo era tudo fantasia. E depois, a partir do momento em que chega a Rede Amazônica aqui, as pessoas começam a viver a coisa mais de perto e elas vêm que é real. Até mesmo a opinião com relação até às próprias pessoas, os artistas... Pô! Mas o artista é um cara de carne e osso igual a mim. Então, quando chegava um artista aqui era uma coisa de outro mundo, e agora não, é uma pessoa normal que tem uma atividade.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificadas a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

Daniel Soares

Olha, nós temos exemplo, por exemplo, de algumas situações típicas nossa. Nós temos um potencial muito grande para turismo de riquezas naturais, mas elas não têm, e até hoje esse potencial ainda não foi transformado em produto. As pessoas achavam que só com isso que a gente tinha aqui seria o suficiente, por exemplo, você atrair turismo, pra você atrair mercado, pra você atrair empresa. Então, hoje, ele sabe que tem que atrair turista, ele tem que ter o serviço de qualidade, ele tem que ter o meio ambiente preservado. Ele sabe que para atrair uma indústria ou uma empresa, um comércio, ele tem que ter infra-estrutura, ele tem que ter uma geração de energia de qualidade, água de qualidade. Então, despertou isso.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, para cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Daniel Soares

Olha, o jornalismo, ele no país como um todo, eu vejo ainda assim muito, particularizado em algumas situações. Você tem uma situação, quando você tem uma rede que tem uma atividade a nível nacional, a nível estadual, e você tem uma outra situação quando você tem uma emissora de rádio que ela pertence a uma família local e ela está direcionada a alguns interesses. Então, nós temos tido muitos problemas ainda na nossa região e nosso estado como um todo. Isso é muito normal até que grupos de família tal, grupos de entidade tal, tenham domínio dessas emissoras de rádio, de jornaizinhos que circulam no interior que eles não tem um compromisso como órgão de informação, como órgão de utilidade pública, eles estão muitos mais a serviço de grupos, de interesse de grupos e isso trás um monte

de problema, trás um monte de situações ruins, por que você só divulga o que te interessa, você direciona tudo para o que te interessa. Então é muito ruim quando nós temos emissoras que não fazem parte de um sistema, de uma rede, pelas dimensões do nosso estado, pelas dimensões do nosso país, dos órgãos que controlam isso, ele não tem condições de ter esse domínio. Quando é uma empresa, uma entidade de rede nacional é muito mais fácil, agora quando é uma coisa doméstica, uma coisa só local, eles perdem o controle. E elas, ao invés de prestarem um serviço, muitas das vezes elas prestam um desserviço.

05. Luis Augusto

Mas, no caso da TV Manacapuru, especificamente, como que o senhor vê essa relação hoje?

Daniel Soares

Não! Eu vejo de fundamental importância, por que ela está inserida na Rede, o que ela divulga aqui, mesmo que sejam, às vezes, ações ou inserções domésticas, mas ela tem um padrão, ela tem um regimento, ela não faz aleatoriamente a qualquer custo ou a qualquer preço. Então, ela tem um senso crítico e ela tem um compromisso de responsabilidade com toda a entidade. Que por mais que você esteja naquele momento só com uma ação aqui, em uma transmissão local, mas você está inserido numa rede, e aquilo tem repercussão em toda a rede.

06. Luis Augusto

O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Daniel Soares

Olha para que a gente possa falar sobre a questão do Festival de Cirandas, não dá pra gente tratar simplesmente da questão da relação entre transmissão e cirandas, a gente tem que falar na questão da estruturação. Ele, realmente, é um dos maiores eventos do estado que precisa de definir a sua identidade, a gente precisa de melhorar a estrutura organizacional do evento em si. Nós temos algumas situações que elas são domésticas, mas que elas precisam da ação da própria televisão, pra que a gente através de estudos, de análises de situação, a gente não venha a comprometer todo o trabalho, por que o quê que aconteceu na região? Né? Com o crescimento do boi-bumbá de Parintins, todo mundo começou de uma forma ou de outra, a tentar buscar e a tentar copiar alguma coisa do boi. E com a ciranda, infelizmente, não foi diferente. Só que são culturas diferentes, agora, culturas diferentes que no fundo elas têm o mesmo sentido. Por exemplo, o quê que é Boi-Bumbá? É uma dança. Eles desenvolveram... dança é um espetáculo e todo espetáculo, hoje, pelo menos a grande maioria que tem apelo, eles têm necessidade de envolvimento de interação: público com o espetáculo, porque senão, o único espetáculo que a gente vê que não existe essa grande interação, por exemplo, com relação a dança, é a música clássica, mas é diferente é restrito para as elites. Como espetáculo de povão, ciranda, boi-bumbá, você não pode fugir dessa situação. Então a Ciranda precisa resgatar algumas situações, mesmo que ela tenha lá a sua

estrutura, as suas coreografias de espetáculo, ela tem que resgatar uma forma de interação para que ela possa desenvolver atividades junto à comunidade, e dê um envolvimento maior da comunidade de participação. Hoje ela virou um negócio entrou para um campo perigoso, por que todo mundo envolvido só visa, às vezes, o interesse financeiro da coisa, não existe mais aquele comprometimento, aquela participação espontânea das pessoas. Então, isso compromete um pouco. É uma manifestação cultural adotada, né? Não é de origem do nosso estado e nem do nosso município, mas que ela como espetáculo, como um todo. Por exemplo, ela já tem nome, já tem projeção, então independente de qualquer coisa, se você for fazer uma análise, hoje, dos últimos festivais, por exemplo, as pessoas que aqui vieram, 70%, não vieram para o espetáculo, pra assistir ciranda especificamente, eles vieram pro evento. E o evento, com palcos alternativos, com infra-estrutura turística, com alternativas de lazer. Então nós temos que preparar o município como um todo, é claro, a ciranda é o grande apelo, o espetáculo é a ciranda, mas a gente tem que preparar toda essa estrutura. E até a própria ciranda, como eu acabei de colocar, precisa de um trabalho bem aprofundado, prá que a gente evite, por exemplo, deixar com que o espetáculo fique restrito a grupos, a situações que você afaste a comunidade, por que quem vai realmente construir o espetáculo e quem gosta do espetáculo, o envolvimento do espetáculo é doméstico, são com as pessoas aqui da cidade. Então, precisa de ser feito todo um trabalho para que a gente não perca essa credibilidade, para que a gente não descambe para um caminho de tentar ficar copiando o boi e a gente sabe que cópia não vai dar certo, nós temos que ter uma identidade própria. Foi fundamental a participação no desenvolvimento, na evolução desse espetáculo, tanto é que hoje ele é conhecido a nível nacional, alguma coisa a nível internacional, mas a nível nacional ele é muito bem conhecido, e ele tem, realmente, um apelo muito importante. A gente tem exemplo disso, quando leva para participar dos salões de turismo. Então, ele tem um atrativo, ele tem um apelo muito forte, juntamente, com o boi-bumbá, e nós não podemos temer esse vilão. Nós só temos que trabalhar pra que a gente não deixe que isso caia numa situação de descrédito, para que a gente não tenha problemas. Então, é preciso que seja feito um trabalho junto com as cirandas, dentro do município para que a gente envolva mais a comunidade, trabalhando artistas, coreógrafos, dançarinos, músicos. Hoje, nós estamos, praticamente, importando quase tudo isso. Isso é muito ruim pra gente, isso é muito perigoso, você afasta a comunidade e daqui a pouco nós estamos fazendo um espetáculo que é todo importado.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação do município?

Daniel Soares

Olha, a questão da educação, também no nosso país e no nosso estado, como um todo, nós temos enfrentado grandes problemas e grandes dificuldades. Porque até, então, pelas dimensões do nosso país, a gente tentava tratar seja na educação, na saúde, nesses serviços essenciais que são de responsabilidade do estado do nosso país como um todo. Por exemplo, o planejamento da educação nossa não pode ser igual e nem comparado com o pessoal do sul, com o pessoal do sudeste. São culturas diferentes, são economias diferentes. Então, a gente receber aqui uma

cartilha que era o mesmo nível de educação com relação a algumas situações, não! Tudo bem. As matérias como matemática, física, isso é igual em todo lugar, mas quando se trata da história, quando se trata de geografia, nos temos uma outra situação totalmente diferente, a Amazônia é diferente. Então, infelizmente, as pessoas, os gestores, as pessoas que planejam, as pessoas que programam, às vezes, no gabinete lá em Brasília, lá no sul, sudeste... Não têm a nossa vivência, não têm o conhecimento da nossa realidade. Então, olha, nós até uns anos passados, cerca de cinco anos passados, no nosso município formando 3 mil jovens a nível de ensino médio, esses jovens eram formados a nível de magistério. Ora, quê que é a nossa vocação? Nós temos que direcionar o nosso ensino, o nosso estudo pras nossas vocações. Poxa! Nós temos riquezas da madeira, do pescado, da água, da agricultura, nós temos um potencial enorme. Então, nós poderíamos pensar em fazer um melhor aproveitamento. Eu felicito muito o Amazon Sat, apesar de alguns problemas, mas é um canal que a gente percebe que tem buscado trabalhar essas vocações e valorizar essas situações regionais. Imagina só, a gente recebendo documentários e mais documentários de Pantanal, de não sei de onde... Quando a gente tem uma riqueza enorme, nós temos um potencial enorme aqui na nossa região pra ser trabalhado, e todos esses segmentos envolvendo essas nossas riquezas. Então, hoje, nós poderíamos ter um pólo moveleiro mais desenvolvido, por exemplo. Porque o quê que a gente tá fazendo? Nós estamos exportando a nossa madeira em tora, em pranchas. Então nós poderíamos ter um pólo naval bem desenvolvido também. Então, faltam políticas voltadas... Tem muito desperdício de pescado aqui. Quando a gente vê que tem pessoas comendo fetos aí, em alguns lugares do mundo, nós estamos nos dando ao luxo de aqui na frente da cidade de Manacapuru, na época da safra, de as pessoas pegarem 100 toneladas de peixe e elas jogam fora 70 toneladas daquele pescado que elas escolhem, só entra o de melhor valor comercial. Ora, o outro todo que poderia ser aproveitado, tanto para ser beneficiado como conserva, como ração e tem aproveitamento, mas é jogado fora, por falta, às vezes, de empresas investindo nesse segmento. Então, por exemplo, deu a visão de que a Zona Franca de Manaus, ela foi importantíssima pro desenvolvimento da nossa região, só que ela era um instrumento para desenvolver as nossas vocações. Você tinha que pegar e aplicar os recursos envelhecidos e gerados pela Zona Franca e aplicar no desenvolvimento de tecnologia de acabamento, de designer, de qualificação de mão-de-obra, das culturas nossas, do artesanato, do móvel, da madeira, do naval. Então, infelizmente, a gente tem tido essas deficiências e tá faltando um pouco de visão de Amazônia. Então, é por isso que eu digo, eu acredito que já tem alguns avanços, mas a gente poderia avançar muito mais nessas questões.

08. Luis Augusto

Mas só voltando, assim, à questão específica. De que modo o senhor acha que o serviço da TV Manacapuru tem contribuído neste aspecto da educação? Só pra gente se prender mais um pouquinho à questão específica.

Daniel Soares

O resultado que eu vejo disso é porque a partir do momento que você chega num bairro que você mostra: Olha, esse bairro aqui, apesar da coleta do lixo, ainda existe a falta de consciência das pessoas com relação à questão do meio ambiente. Então, aquilo mexe com as pessoas. O cara lá do outro bairro ele já começa a imaginar: pô! se eu começar... daqui a pouco o cara vem mostrar, só mostra coisa ruim. Às vezes,

a gente reclamava. A gente vê pessoas reclamando: vocês só mostram coisa ruim! As pessoas só mostram as coisas ruins! Mas, infelizmente, às vezes, eles só promovem o que é ruim, eles não vêm que se você tivesse um bairro limpo que fosse modelo, exemplo. Então, a gente tem que mostrar os dois extremos da situação, essa preocupação tem que ser permanente, mas ela tem tido esse reflexo e essa importância, eu acredito.

09. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Daniel Soares

Olha, na minha visão, isso arremete muito a situação de momento. Infelizmente não temos como você contrastar, às vezes, a realidade da situação, e às vezes, você tem que ter uma certa sensibilidade, por que, às vezes, isso fere um pouco a cultura das pessoas. Mas, por exemplo, a gente tá vivendo hoje no nosso município, o retrato de uma situação do passado, o presente é um retrato do passado. Então, se o nosso município tem deficiência nas políticas públicas, no serviço de infraestrutura, de saneamento, como um todo, de rede de esgoto de água, de energia. Isso tem que ser mostrado pras pessoas dentro de uma realidade, porque, isso não é coisa que se faltou... “Ah! Não, por que isso que tá acontecendo, foi porque agora deixaram de fazer, não. Deixou-se de fazer no passado. Então, por exemplo, a gente não pode deixar criar ilusões na mente das pessoas, às vezes, por causa de questão política. O nosso município tinha o slogan de “Princesinha do Solimões”, tá. Esse slogan foi usado muito politicamente pelas pessoas. Olha, princesinha dá um sentido e uma conotação de beleza, tá. Eu acredito que o nosso município pode ser considerada a Princesinha do Solimões se você for falar do ponto de vista natural, da natureza, do meio ambiente, se você for falar do ponto de vista político administrativo, de políticas públicas... Nós temos 14 bairros, nenhum foi planejado, nenhum tem infraestrutura, tudo foi feito depois, tudo foi fruto de ocupação desordenada, mas aí vem todos os problemas. O nosso município foi projetado... o sistema de geração de energia do nosso município, para atender 3 mil habitações, isso foi crescendo, foi se desenvolvendo e não houve um planejamento pra atender as 25 mil que a gente tem hoje. Então, o quê que se fez: daquelas 3 mil, só foi ampliando e puxando...

10. Luis Augusto

Quantos anos tem Manacapuru?

Daniel Soares

Manacapuru tem 76 anos de emancipação, mas tem mais de 100 anos de existência. Até essas questões de Manacapuru, todas, tem que ser muito bem trabalhadas, por falta daquele sistema de informação e comunicação que faltou no passado, a gente vive uma realidade hoje que é o seguinte. Por exemplo, ciranda, ciranda se fala de 10 anos pra cá. Na realidade isso já existe há mais de 20 anos, nós não temos tido uma preocupação. O quê que aconteceu? Cada um que chegava criava da sua forma, da sua maneira, aí a pessoa diz: Não, mas eu fiz ali uma área específica para o evento, aí eu já mudei e esqueci a origem da coisa. Então, no futuro eu sei que vai acontecer, alguém vai resgatar, olha a ciranda nasceu foi tal, no

ano tal. Agora não é o décimo festival de ciranda, agora o décimo segundo festival de ciranda que acontecendo no Parque do Ingá, não é, na realidade o décimo festival, como foi feito esse trabalho com o boi-bumbá, resgatar a história. Ora, os fundadores, os criadores são as pessoas esquecidas, hoje, são consideradas e são ovacionadas, as pessoas que assumiram há alguns anos. A pessoas que criaram o festival de ciranda, a pessoa que trouxe o festival de ciranda de Manaus, ela tá lá, praticamente, sem receber nenhuma homenagem e até a homenagem que tentaram fazer pra essa senhora, fizeram de uma forma distorcida, deturpada, do que ela era, do que foi realmente. O cara que trouxe o festival de ciranda, o professor Silvestre, morreu decepcionado com a transformação que foi feita, no que foi transformado o evento. Então, nós temos que fazer todo um trabalho nesse sentido pra resgatar isso, pra gente desvencilhar das questões politiquerias, por que aí ficou o festival como que se fosse uma coisa de um grupo político e não é. Então a gente tem fazer um trabalho de resgate da história de Manacapuru, se você for ver a realidade da história de Manacapuru, até o aniversário de Manacapuru não é 76 anos. Então a gente tem que ter uma definição dessa história para que a gente não ficasse...

11. Luis Augusto

E a televisão tem uma contribuição importante?

Daniel Soares

Muito importante nisso de levantar essas questões de trazer a tona essas questões, por que quando é trazido por um grupo de A, B ou C, só por um segmento, fica considerado como uma coisa pessoal, política e não se dá a devida atenção que deveria merecer a questão.

12. Luis Augusto

Só pra encerrar, com relação às mídias atuais que nós temos aqui no município, que chegam, né? Os jornais impressos, rádios, televisões a própria internet. Como que o senhor situa a TV Manacapuru nesse contexto atual que nós temos aqui?

Daniel Soares

Quando nós assumimos o município, o grupo que está hoje administrando o município, nós estamos aí há quatro anos. Infelizmente, você tem que fazer um diagnóstico e depois deste diagnóstico, não tem jeito, você tem metade da cidade que não tinha infra-estrutura nenhuma, que não tinha energia, que não tinha água, que não tinha asfalto, que não tinha rede de esgoto. Não tem como você iniciar uma coisa nova, criar um bairro novo, criar uma situação nova e deixar essa situação de emergência que você tem de imediato que você tem que fazer, isso eu to falando da área urbana da cidade. Olha, só pra você ter um exemplo, o nosso cemitério não atende, o nosso serviço de geração de energia não atende, o nosso serviço de água não atende, o nosso serviço de saúde não atende. Então, você tem que priorizar as ações em cima dessas dificuldades. Tivemos que reformar todas as escolas, as máquinas que nós temos aqui no sistema de geração de energia, são máquinas da época da Segunda Guerra Mundial, máquinas que foram fabricadas para um funcionamento temporário, não assim permanente, e foram compradas já revitalizadas, já sucateadas, a custos de manutenção difícil, de consumo elevadíssimo. Olha, coloca só... Nós temos 50, 60 mil habitantes aqui na área urbana de Manacapuru, 20 e poucas mil habitações, nós consumimos 100 mil litros

de óleo diesel nas 12 máquinas que tem aqui no pátio de geração, por que a nossa matriz...

13. Luis Augusto

Qual o período que consome isso?

Daniel Soares

Um dia! No dia, 100 mil litros de óleo diesel, 14 máquinas gerando 12 megawatts de energia, na potencial nominal essas máquinas devem ter 15 a 20 megawatt, mas a potencia real a que elas conseguem gerar. Ora, no mais parece que você trouxe de 2, 3 megawatt, revitalizada, recuperada, reformada. Quando ela chega aqui... Ela nova, ela nunca gerou a potência nominal, imagina ela velha, são máquinas que precisam de...

14. Luis Augusto

O gasoduto deve mudar um pouquinho isso, né?

Daniel Soares

Olha, a nossa expectativa é que com o gasoduto, a gente mudasse a nossa matriz energética para gás, e a gente tá nessa expectativa. A gente tem cobrado isso, a gente tem buscado isso junto ao Governo Federal. Existe até compromisso, mas nós estamos ainda nessa expectativa, por que, você falou com relação ao advento da ponte... Olha, se não houver, se não se mudar essa situação... Sem energia não tem desenvolvimento. Nós apesar de estarmos incluídos, hoje, na região metropolitana, nós precisamos de ações concretas que venham, para que a gente possa cumprir o que foi decidido no nosso plano diretor, para que a gente possa definir a nossa urbanização a nossa expansão habitacional de uma forma organizada e ordenada, porque senão, daqui a pouco, não tem como a gente controlar. Aí nós vamos sofrer mais invasões, mais ocupações desordenadas, sem nenhuma infra-estrutura, com uma série de problemas e de irregularidades como as que a gente tá enfrentando hoje

15. Luis Augusto

OK, muito obrigado secretário.

APÊNDICE J: OITAVA ENTREVISTA – 26/05/2009

Entrevista com Felix Ricardo Ataíde, presidente do Clube de Diretores Lojistas de Manacapuru.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população, no seu ponto de vista?

Felix Ataíde

Olha, a Rede Amazônica tem contribuído de uma forma grandiosa para Manacapuru. Você vê, inclusive na juventude, os jovens, onde tem a programação jovem, né? A forma como o jovem passa a se comunicar, a forma como ele passa a se vestir, né? Como ele passa a agir, como ele se integra muito mais com o mundo exterior, né? Antigamente, como você bem colocou, antes dos anos 70, era difícil essa divulgação. Hoje existe uma integração tanto a Rede Amazônica leva notícias nossas para o mundo, como trás notícias do mundo pra dentro de Manacapuru. E isso faz com que o jovem tenha uma mente muito mais ampliada, com que ele pense de forma diferenciada das outras pessoas.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Felix Ataíde

Existem problemas em que, você vê antigamente. O jornalismo, ele consegue descobrir, vamos supor, falcatruas na área política, são descaso das autoridades, e isso traz pra Manacapuru a notícia. E aí o público começa, também, a ter um senso mais crítico das coisas, a cobras das nossas autoridades de uma forma diferente, de uma forma mais contundente, né? Exigindo o que é seu por direito.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas pela sucursal de Manacapuru?

Felix Ataíde

Olha, são inúmeras as contribuições, né? Você vê desde o estilo de vida das pessoas, que passou a mudar o estilo de vida dessas pessoas. A forma como eu tenho colocado, como até o jovem se veste, como as casas são produzidas, porque é um leque tão grandioso de informações que chegam nos nossos lares, que você vê até estilo de casa que é copiada através dessa informação que a televisão transmite, né? Estilos de vida, são estudos que trazem através do tele-curso

segundo grau e outras coisas que a Rede Amazônica possui como o Amazon Sat, também, que é de fundamental importância para a região. É um programa totalmente voltado para a nossa região. Então, são tantas as vantagens que trazem, que nós teríamos o dia todinho hoje para passar aqui e ficar enumerando essas vantagens, que trazem para o nosso benefício em Manacapuru.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública, no seu ponto de vista?

Felix Ataíde

Olha, o jornalismo local, nós temos notícias do nosso cotidiano que antigamente nós não tínhamos. Então, qualquer evento que tinha com relação a Prefeitura, a Poder Executivo, Legislativo, nós não tínhamos essa idéia, porque apesar sermos uma cidade pequena, mas ao mesmo tempo, é grande. Porque, nós não podemos, nem sempre nós sabemos o que tá acontecendo dentro do município. E com essa informação local, né? Com o jornalismo local, você tá em casa e tá tendo notícias do dia-a-dia, né? Seja na Prefeitura, seja na Câmara Municipal, seja no Fórum de Justiça, então, nós estamos sempre situados e integrados com as informações. Isso é de fundamental importância.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o festival de ciranda?

Felix Ataíde

Olha, eu digo sempre. A Rede Amazônica, ela tem sido um parceiro muito importante para Manacapuru, né? Ela conseguiu colocar num contexto nacional e mundial, a Ciranda, que é a nossa maior expressão cultural de Manacapuru. Seria difícil hoje, se pensar na grandiosidade que é a Ciranda, sem o apoio da Rede Amazônica, sem o apoio do jornalismo. Nós temos o jornalismo local, que está ali, em tempo integral, seja nos galpões, seja lá no próprio Cirambódromo, né? E transmitindo isso, não só para Manaus, para região, mas para todo o Brasil e para todo o mundo. Então, é impossível hoje, se pensar num trabalho que é a Ciranda hoje, sem o apoio da Rede Amazônica, sem o apoio do jornalismo.

06. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Felix Ataíde

Olha, é importante. Nós temos reportagens, quase em tempo real. Eu vejo e tenho acompanhado o trabalho dos jornalistas de Manacapuru, como o Aauto. Onde, as notícias acontecem e a cobertura é imediata. Eu tenho acompanhado, inclusive, seja em catástrofes, que aconteceram em Manacapuru, ou seja em notícias boas, notícias bacanas. O Aauto tem sempre... E eu vejo ele filmando aquilo ali, e de repente ele já corre pra internet, e já envia a notícia pra Manaus e ao mesmo tempo que eu to chegando na minha casa, muitas vezes já está saindo a notícia na televisão, quase que em tempo real. Então, isso aí tem contribuído muito pra questão de educação, pra questão cultural, né? do povo de Manacapuru.

07. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Felix Ataíde

Além da contribuição que ela já vem dando ao longo do tempo, que está em existência em Manacapuru. Como eu já coloquei outras vezes, ela traz muita... Questão de informação, de educação, né? Ela consegue mudar pensamentos e fazer *cidadãos*, com que *cidadãos* locais passem a pensar de forma diferente. A exigir, a cobrar muito mais os seus direitos, a pensar de uma forma diferente, aonde acontece uma mudança geral no município. É exatamente através da informação, do jornalismo, que o cidadão vai ficando cada vez mais consciente dos seus direitos e dos seus deveres.

08. Luis Augusto

Certo, e você acha que essa contribuição pode melhorar? O que pode melhorar? O que falta, ainda, para atender plenamente, assim, vamos dizer, a comunidade?

Felix Ataíde

Olha, tudo é possível se melhorar ainda mais um pouco, né? Seria uma besteira se eu dissesse que pra vocês que tá completa, é lógico. Mas, eu vejo assim uma integração e uma preocupação muito grande da Rede Amazônica de integrar toda a região Amazônica, né? De fazer uma integração e uma melhoria. Melhoria da população, melhoria de vida das pessoas. E, com certeza, eu acredito que o jornalismo da Rede Amazônica ainda vai contribuir muito pra mudança do nosso povo. Seja para melhoria de moradia, pra melhoria de alimentação, pra melhoria de vestuário, pra melhoria de cultura, né? Através do trabalho do jornalista, o povo vai ficando muito mais situado de todos os acontecimentos mundiais e locais também.

09. Luis Augusto

Com relação ao atual contexto das mídias que nós temos aqui em Manacapuru. Jornais impressos, canais de rádio, de televisão, a internet. Como que você situa TV Manacapuru nesse contexto atual, nesse contexto dos canais de comunicação que nós temos atualmente aqui na cidade?

Felix Ataíde

Olha, a Rede Amazônica... Nós temos a Rádio, muito boa por sinal, acontece que hoje, ela tá somente na AM, em Manacapuru, né? Porque já há uma necessidade de FM, em vista que nós só temos duas FM's em Manacapuru e que não é uma qualidade tão boa, né? A Rede Amazônica já todo um *no hall* onde as coisas são melhoradas, são programadas. Eu acho que pode ser melhorado muito, principalmente, na questão do rádio, na questão da televisão, eu acredito que com programação local, né? Eu acho que se nós tivéssemos um espaço local, onde se pudesse ter um programa local, através da Rede Amazônica, seria muito melhor. Porque hoje, ela o canal mais assistido em Manacapuru.

10. Luis Augusto

Agora uma pergunta bem particular com relação a esse contexto que você trabalha. Com relação, por exemplo, a sua percepção de 2003, quando começou esse trabalho de geração via internet, pra cá. Houve um incremento, com relação à venda de televisores, a procura pela televisão. Isso foi uma coisa que você percebeu? Foi possível perceber essa mudança? A partir do momento em que a comunidade passou a se ver na televisão, como que você viu esse período de cinco anos pra cá?

Felix Ataíde

Olha, com certeza. Você vê que até antigamente Manacapuru poucas casas tinham televisão. Então, muitas vezes, se juntavam os vizinhos, pra ir na casa daquele cidadão que tinha uma televisão, pra poder assistir. Hoje, é difícil uma casa em Manacapuru que não tenha televisão, muitas vezes o cidadão tem uma geladeira, ou não tem um fogão, mas tem a televisão, ele tem em casa. Por quê? Porque ela é lazer, ela traz lazer, traz entretenimento, traz informação, traz estudo. Então, essa é a importância. Manacapuru se desenvolveu muito, principalmente com relação à agora. Quando nós passamos a ter o programa local, né? As reportagens locais, isso fez com que nós nos identificássemos cada vez mais, com a nossa comunidade. Então, às vezes, acontece um evento, tá sendo filmado e a gente tá aqui na televisão. "Olha, o Fulano tá na televisão, o Ciclano tá na televisão". Então, isso é legal, porque traz uma integração. E você às vezes sai na rua, às vezes é uma reportagem é algo que aconteceu, você sai nas ruas e as pessoas te perguntam. "Te vi na televisão. Bacana!" Ou alguma reportagem. Então é importante isso na vida das pessoas aqui em Manacapuru. E isso mudou de uma forma radical, né? A pessoa passou a, nós passamos a ver Manacapuru de uma outra forma, através da televisão.

11. Luis Augusto

Muito obrigado pela sua entrevista.

Felix Ataíde

Eu que agradeço. Obrigado e um abraço a todos.

APÊNDICE K: NONA ENTREVISTA – 27/05/2009

Entrevista com José Alberto de Lima, o Zegue Degue, que é repórter e atua como correspondente do Jornal da Manhã da rádio Difusora, além de fazer um trabalho jornalístico local.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

José Alberto de Lima

A partir da chegada da comunicação em Manacapuru, realmente, Manacapuru se transformou. A gente sabe que a Rede Amazônica de televisão é um veículo de comunicação que tornou-se em âmbito, praticamente nacional, como um sistema de intercâmbio mais prioritário dentro de Manacapuru. Por quê? Por que através da Rede Amazônica de televisão nós podemos conhecer não só em si o estado, mas também outros estados. Com certeza, o modo de vida das pessoas, praticamente, mudou, transformou-se, por que hoje você tem um veículo de comunicação que fica a tua disposição e que te dá as notícias em tempo hábil.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

José Alberto de Lima

Bem, todos os problemas de um estado, de um município, eles já se tornam críticos. Agora, essa crítica pode ser construtiva ou destrutiva, né? E o meio de comunicação, no caso a Rede Amazônica, é que vai dar o direcionamento, de acordo com a reportagem, com a matéria que está sendo elaborada e exposta à sociedade.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

José Alberto de Lima

Bem, a contribuição, realmente, é muito grande. Por quê? Por que a cidade ela vive esse momento de internet, de cibernética, robótica, né? E com a tecnologia avançada, a maioria das pessoas hoje, já não vive mais aquele momento do passado em que você era da máquina de datilografia, que você por acaso via uma transmissão de novela aqui fora do horário, o jornal era transmitido através de rádio ou coisa parecida. Apesar de que o rádio ainda é pra mim, ainda o melhor meio de

comunicação. Mas a televisão além de trazer não só a notícia em si, falada, mas também a imagem, né? Isso, com certeza, é uma grande contribuição para a nossa região.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação entre o jornalismo local e a administração pública?

José Alberto de Lima

Quando o jornalismo se torna um jornalismo independente, quando ele não está preso a uma situação política, com certeza, ela é admirável, né? É bom se ter esse tipo de jornalismo, independente. Mas quando você é preso a um poder político, muitas vezes você fica a mercê das notícias, do que acontece na cidade. E em termos de relação de jornalismo com a administração atual, eu creio que seja bom, por quê? Por que a nossa administração é nova, tá chegando agora e a gente percebe que há uma abertura muita grande para que a sociedade fique sabendo o que acontece pelo menos, momentaneamente na administração. E com certeza o meio de comunicação é o melhor meio que a sociedade tem para saber.

05. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

José Alberto de Lima

Nem tanto nacional, né? Através da comunicação é que se pode dizer que o festival já tornou-se, assim, um festival que é transmitido não só para o estado, mas também para o Brasil inteiro e também algumas partes do mundo. Porém eu acho que a ciranda ela tá muito fechada, está muito local, tá muito dentro de Manacapuru. Eu acredito que com um tempo possa acontecer de que a ciranda venha sair de Manacapuru e se deslocar para outros locais, assim como a situação do boi em Parintins. Nós sabemos que o festival é em Parintins, mas nós temos, hoje, o “Boi Manaus”, né? Já é uma cultura de conhecimento não só do estado, mas também do Brasil inteiro, por que através da imprensa e de algumas empresas e até o próprio governo, ela tende a expandir esse conhecimento a todos os estados do Brasil, levando em si, em loco, o festival do boi-bumbá de Parintins. Eu gostaria que também Manacapuru tivesse esse privilégio de um dia a ciranda, que hoje, como você falou já faz parte do calendário de eventos do estado, também chegasse aos outros estados, em especial Manaus, né? Para que tivesse assim, também o “Ciranda Manaus”, né? E até os outros estados para que em termo de conhecimento fosse maior, por que hoje nós sabemos que Manacapuru ficou pequeno para a quantidade de pessoas que adentram o município no período do festival.

06. Luis Augusto

Mas só com relação à relação da TV Manacapuru com a ciranda, como que você vê hoje?

José Alberto de Lima

Muito boa, por quê? Por que antes, quando a ciranda começou, ela não tinha um reconhecimento. As pessoas iam prá lá prá, muitas vezes, só prá se divertir, namorar, paquerar ou coisa parecida. Hoje, você percebe através do meio de comunicação, principalmente, a Rede Amazônica, que já é parceira do festival. Já vem, nós já estamos recebendo pessoas de outras localidades, de outros municípios e de outros estados. Eu que sou apresentador das cirandas, do festival de cirandas, todos os anos com o meu parceiro Ivan Oliveira. Nas nossas andanças no Parque do Ingá nós percebemos a quantidade de pessoas diferentes que adentram o Parque do Ingá prá saber, prá conhecer, prá ver de perto a cultura de Manacapuru que é o Festival de Ciranda.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia, proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

José Alberto de Lima

A comunicação em si já é uma forma de educar, por que através do jornalismo que é muito bem preparado, que as pessoas começam a perceber as palavras, começam a perceber as letras, os números. Esses são os caminhos que levam a uma boa educação. E a contribuição da televisão prá educação, realmente é fantástico, por quê? Por que hoje você tem todas as notícias em tempo hábil daquilo que acontece, não só aqui no município, mas também em outros lugares, em todas as partes do mundo. Então, por isso, contribui muito, é uma contribuição muito valorosa para a nossa educação do município.

08. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar de serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

José Alberto de Lima

Bem a esperança é de que a cada dia que se passa a tecnologia que já está avançada, avance um pouco mais. Agora mesmo eu estava falando a respeito da nova televisão que é a televisão digital, né? E, hoje, nós já temos alguns estados do Brasil com a televisão digital, né? E Manaus, com certeza, já é uma metrópole, então, a esperança é que o mais rápido possível se chegue essa situação da televisão digital aqui também no nosso estado, para que tenhamos uma boa imagem e também uma boa comunicação.

09. Luis Augusto

Mas você acha que ainda falta aqui mais espaço para o jornalismo local ou o que é feito hoje já tá de bom tamanho? Você não acha que poderia ter um telejornal local? Como é a sua visão em relação a isso?

José Alberto de Lima

Nós já tivemos vários programas e alguns jornais aqui, televisionados, né? E deram certo, o problema todo é que já entra o lado político. Muitas vezes é esse lado político que acaba banalizando o profissional, o lado profissional. Mas, que seria bom, com certeza, seria. Que houvesse um jornal local para que as pessoas pudessem saber, prá se saber. Mas prá isso teria que também que ter um espaço através da lei, que quebrasse essa lei de impedir que a televisão regional pudesse transmitir em tempo hábil o que acontece dentro do seu próprio município.

10. Luis Augusto

Você que acompanha, aqui, a vida de Manacapuru já há um bom tempo. Como que você viu em 2003, quando passou a ter essa transmissão via internet, das reportagens locais? Como que foi essa evolução com relação ao efeito dessas reportagens na comunidade? O quê que você percebeu de mudança?

José Alberto de Lima

No caso da internet, para muitos, realmente, tornou-se um bicho papão. A internet, hoje, é algo que é notório na vida do ser humano, mas que muitos, realmente, ainda estão muito a quem da situação. Muitos se perderam nos labirintos do passado de uma tecnologia atrasada e não acompanharam o processo da evolução que no caso é a internet. Mas que a internet, realmente, só veio pra aprimorar a melhoria do telejornalismo, da comunicação, do rádio, da televisão, do jornal escrito e enfim, todo tipo de comunicação.

11. Luis Augusto

Agora, nós estamos diante de uma mudança aí, profunda, que deve ser essa construção da ponte até Iranduba, né? Que deve provocar uma transformação também no município de Manacapuru, né? Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo de Manacapuru, diante dessa mudança que vem pela frente?

José Alberto de Lima

Bem, a mudança já é esperada e com essa mudança, com certeza, também virão os problemas, grandes problemas. Manacapuru, com certeza, não foi uma cidade preparada para tal evolução, né? Então, é preciso que o governo, os nossos governantes comecem a ver de perto para que, realmente, não se transforme em uma cidade a onde o mundo do crime possa imperar. Porque nós sabemos que é uma cidade muito próxima de Manaus e com a ponte mais a duplicação da rodovia, com certeza, prá cá virão muitos problemas, principalmente, problemas de delinqüência. O jornalismo em si, ele vai começar a surgir a partir do momento que esses problemas começarão a surgir também, né? Por quê? Por que, hoje, o quê que dá audiência? É tudo que acontece de ruim numa cidade. Quando você vê que a saúde está bem, quando você vê que o lixo está sempre bem colhido, quando você percebe que a administração tá bem, a pessoa quase não lê, quase não ouve, quase não quer ver, quase não quer escutar, mas quando tem um problema que aflija a cidade. Por exemplo: os naufrágios, as quedas de aviões, os crimes bárbaros. Aí começa a ser notório. E a televisão tem esse papel importante de levar ao ar o que acontece dentro do município, porém as pessoas valorizam mais o que é de ruim.

12. Luis Augusto

Ok, muito obrigado pela sua entrevista.

José Alberto de Lima

Ok, muito obrigado a você, e espero que você tenha muito sucesso aí na sua pesquisa.

APÊNDICE L: DÉCIMA ENTREVISTA – 27/05/2009

Entrevista com o Tenente-Coronel Marcos Brandão da Cunha, Comandante do 9º Batalhão da Polícia Militar, em Manacapuru.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

Primeira pergunta:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Marcos Brandão da Cunha

Bem, como nós sabemos, a TV é uma ferramenta importante para a informação, que leva informação à população de modo geral. Essa informação pode ser negativa ou pode ser positiva, dependendo do ponto de vista de cada observador. E claro, se a pessoa é vítima de uma ocorrência ou de um determinado fenômeno e a televisão está presente e documenta essa situação, claro que ela vai ter uma visão. A população de modo geral que assiste aquela reportagem, principalmente a local, vai ter uma visão mais abrangente, mais ampla, que vai ver detalhes que só o cinegrafista, ou seja, as pessoas que estavam no local que traz essa informação até ela. Entendeu? Então, é importante ela adquirir informação e passa a ter uma posição, uma visão mais abrangente daquele problema, daquele fenômeno, daquela situação, da ocorrência. Então, a TV, o meio de comunicação visual é muito importante para a formação de opiniões da população e mudança de hábitos também, por que, a partir do momento que coloca uma informação verdadeira, verídica, consistente e sem fito político, sem fito administrativo, de forma que possa denegrir a imagem da pessoa que está sendo alvo dessa reportagem, faz com que a pessoa que tá com hábito erroneamente, mude de hábito, mude o costume, para que continue pautando sempre na linha do certo, na linha do fazer o bem para a população de um modo geral e por seu próximo.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Marcos Brandão da Cunha

Bem, no caso aqui em Manacapuru, nós temos um relacionamento muito grande com as emissoras de TV e rádio. Então, ela busca dar melhor celeridade, dar maior informação em tempo real, levar a informação e levar os acontecimentos de forma bem mais abrangente, ou seja, que transporte o local para o regional e do regional para o nacional. Então, a TV Amazonas aqui com a sua sucursal, ela de imediato, faz esse intercâmbio de informação com a capital e com o resto dos estados brasileiros, que ao meu ver é muito importante, porquê nós interagimos com as

outras localidades e, principalmente, com o mundo mais desenvolvido, os povos mais desenvolvidos, os estados mais desenvolvidos, onde a gente pode trocar experiências, e de informação também, aonde podemos receber informação e transmitir informação. Dando esse ponto positivo... A TV Amazonas está nos proporcionando nesse sentido e que cada vez mais procure, dentro das suas possibilidades, agilizar e mostrar essas informações e esses fenômenos que acontecem aqui no nosso município para mais e mais pessoas interessadas em jornalismo, interessadas em assuntos da nossa região.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuição podem ser identificados a partir das atividades realizadas por esta emissora?

Marcos Brandão da Cunha

Bem, a contribuição depende muito da pessoa que tá fazendo a matéria, entendeu? Por que se você tem um profissional que tem compromisso, que tem responsabilidade, com o leitor, com o ouvinte, com o telespectador. Se você tem um compromisso com a verdade, com a celeridade do seu trabalho, você vai produzir informações, procurar fenômenos, acontecimentos que realmente traduzam a realidade. Mas, se você, se o profissional que tá por de trás, começa a ter um comportamento não ético, ou seja, um comportamento que procura denegrir a imagem das pessoas ou das instituições públicas ou então de uma pessoa comum, do povo, logicamente que esse conteúdo, ele vai ser recebido pelas outras pessoas de acordo com o que você coloca, com que o profissional produz. Se você produz uma notícia boa e verdadeira, você tem uma resposta mais eficiente, com mais credibilidade. Se você produz uma informação de uma pessoa, de uma instituição, de um fenômeno que não traduz a realidade, né? Não ético também, você induz aquele telespectador, induz aquele leitor, induz aquela pessoa do povo comum a fazer um censo crítico negativo daquela situação que não é a realidade. Então, vale muito da personalidade e da postura da pessoa que faz o jornalismo chegar até os meios de comunicação. As informações têm que ser pautadas na ética, na veracidade, na investigação. Que não coloquem meias verdades para que o povo faça uma má justiça em determinado assunto ou em determinada instituição.

04. Luis Augusto

Mas, na visão do senhor, especificamente, da TV Manacapuru. Quais as contribuições que o senhor considera mais importante?

Marcos Brandão da Cunha

Nós temos aqui uma parceria muito grande com a TV Amazonas, e além dessa parceria, são as informações educativas que nós fazemos aqui junto com a divulgação de algumas operações que nós aqui na Polícia Militar que nós exercemos. E essa parte educativa da TV é muito importante, do outro lado, da mesma forma, a parte negativa da TV é aquela parte que eu falei ainda há pouco, é de produzir matérias que não são reais, o que não acontece aqui. Dependendo do tom mais de gravidade do fato, mas a contribuição, principalmente, é a de educar, orientar e contribuir, a partir desse conteúdo, desse produto feito pela TV, contribui para a mudança de comportamento. E é um badolares da população em termos de mudança de hábito. É informação televisionada, a contribuição, principalmente que eu digo, é em cima da educação e da informação.

05. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação que o senhor vê entre o jornalismo local e a administração pública?

Marcos Brandão da Cunha

Eu vejo uma relação muito positiva, onde a TV procura levantar os problemas da cidade, os problemas das instituições, e também enaltecer quando se vê em situações de elogios, em situações de acertos de instituições, em situações de positivismo das ações, né? Seria uma situação... A relação da TV, como eu falei ainda há pouco... Ela molda comportamentos, né? Então, além de moldar comportamentos, a relação entre instituições públicas que devemos, por força de lei, disponibilizar todos os dados, todos os conhecimentos produzidos, disponibilizar para a população, é um instrumento muito importante nessa troca de experiência e nessa troca de serviços que a população espera das instituições, principalmente, públicas.

06. Luis Augusto

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

Marcos Brandão da Cunha

É importante ressaltar que o festival ganhou corpo, vamos dizer assim, quando começou a ser conhecido fora do município de Manacapuru, né? O Festival de Ciranda é um espetáculo belíssimo que estava restrito até pouco tempo à regionalidade, ou seja, aos municípios aqui circunvizinhos e ao município de Manacapuru. E com o advento da televisão, onde levou o festival para o Brasil todo e, principalmente, para a capital do Amazonas e região norte, veio-se com isso os investimentos para que pudesse, o festival ser cada vez melhor apresentado. E com isso, logicamente, vem um público esperando constatar em loco, aquilo que viu na reportagem anterior sobre o festival. Isso tudo é um fator positivo que pode ser melhor explorado, não só pela rede de televisão local, mas sim expandir as belezas, os pontos turísticos do município de Manacapuru, para que as pessoas tenham também essa informação e venham pra cá pra conhecer essa beleza cênica que nós temos aqui no município de Manacapuru e que precisa ser conhecido tanto quanto, o Festival de Ciranda, né? Nós temos uma reserva de desenvolvimento sustentável muito interessante, por parte dos ecoturistas, temos uns atrativos turísticos no lago do Miriti, que é uma área de proteção ambiental, também, muito belíssimo. Que também, acoplado com o Festival de Ciranda dá pra que você mostre a localidade para o resto do país através do meio de comunicação da TV Amazonas, é importante isso.

07. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o

acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Marcos Brandão da Cunha

O jornalismo no nosso município teve uns momentos de pico, inclusive, tá no momento de pico, porque a população começou a ter mais acesso, tanto no jornal escrito, como no jornal falado, como no jornal televisionado. Eles vêm uma forma... A população vê de uma forma educativa e buscando cada vez mais se amoldar da forma que os conhecimentos que são repassados através do jornalismo. Além disso, além do jornalismo educativo, eu quero também ressaltar o jornalismo investigativo, a onde o repórter corre atrás da... Corre atrás entre aspas. Da notícia, do fenômeno, do fato, e que é uma iniciativa própria do repórter, mas que faz com que as instituições, principalmente a pública, façam um feedback das informações, da troca de informações, troca de figurinhas, vamos dizer assim, para que o produto final, a matéria final, seja lapidada e informada de forma, levada à população de forma bem limpa e bem mais transparente, pautando mais para a realidade e para os acontecimentos reais que estão acontecendo. O que eu quero dizer com isso é que o jornalismo investigativo é tão quanto importante ao educativo, claro que um é mais preventivo, que é o educativo e o outro, vamos dizer assim, um pouco mais repressivo. Não digo a palavra repressivo, mas é uma mais constante de acontecer. É onde o jornalista corre atrás da informação e busca extrair a essência daquela informação para que lapide depois e passe para o povo de uma forma bem mais triturada, a informação. Com isso quem ganha, com essa informação triturada ou lapidada é a população, é a educação do município. A população além de ter educação convencional, ela todo dia ela aprende. Ela aprende com uma reportagem, ela aprende com o comportamento humano, ela aprende com o comportamento dos animais, ela aprende com o comportamento de toda a população. Cada dia que se passa é um ensinamento para toda a comunidade e o jornalismo contribui muito com essa educação contínua.

08. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Marcos Brandão da Cunha

Olha, eu acabei falando anteriormente nessa pergunta, mas o que eu quero resumidamente falar é que a população sempre espera do repórter, da televisão a informação verídica, as imagens principalmente, por que mostra um comprometimento de levar a verdade do repórter, da TV, da emissora, para a população. Então, a percepção da população é sempre positiva dentro do aspecto de informação que ela está recebendo. Claro que depois, a pessoa que está recebendo a informação, ela passa pelo processo de filtragem dessa informação para que faça o seu senso dentro das imagens, das palavras que foram ditas pelo repórter, pelo jornalista, pelo locutor. Mas, o que mais traz ganho é, justamente, essa interação entre o repórter, o fato e a população. Então, essa tríade aí, ela tem que estar sempre presente para que nós possamos divulgar umas informações e prestar um serviço de qualidade, tanto da emissora, como da população, quando está sendo vítima ou quando está sendo atendida pela emissora de televisão.

09. Luis Augusto

Na opinião do senhor, diante do contexto atual das mídias que nós temos aqui, dos meios de comunicação, como as emissoras de rádio, os jornais impressos que chegam à cidade, as emissoras de televisão e até os meios de internet. Como que o senhor contextualiza a atuação da TV Manacapuru diante desses veículos de comunicação que nós temos atualmente aqui?

Marcos Brandão da Cunha

É um dos meios de comunicação mais importantes que nós temos no nosso município, o acesso é bastante fácil, por que a maioria... Pode ser a pessoa mais pobre do município, mas tem uma televisão em casa e recebe o sinal. Então isso é positivo. Já os outros meios de comunicação jornalístico e informativo, eles precisam de um certo recurso para serem adquiridos, e a TV é uma oportunidade para as pessoas que não tem esse recurso de ter acesso a essas coisas. Esse meio de comunicação informativo, que entra pelo jornal, o rádio também, é outro instrumento importante que também tá disponível tanto para as pessoas que vivem na área urbana, como na área rural. Então é importante esse meio de comunicação porque é de acesso fácil e de uma retribuição muito grande. Então, nós precisamos ter muito mais informação e mais programas voltados à educação e informação para a população, principalmente, de direitos, de responsabilidades, de obrigações, orientações sobre diversos assuntos, e é nesse patamar que a TV e o rádio se comunicam com a população de uma forma bem acessível e com o custo baixo. Então, é continuando com essa informação, é continuando passando essas informações que o nosso município vai crescer e vai se desenvolver educativamente e com mais cultura na parte geral de conhecimento.

10. Luis Augusto

O senhor acha que falta espaço mais para o jornalismo local da TV Manacapuru ou o que temos hoje já é um espaço suficiente para divulgar as coisas locais?

Marcos Brandão da Cunha

Não, espaço tem suficiente. O que eu quis dizer, ou o que eu vou falar agora é programas com maior frequência de tempo nessas áreas de atuação, principalmente, direitos básicos, né? Direitos e deveres básicos do cidadão, informativos, né? Matérias educativas e informativas nesse sentido de direitos básicos da população e levar o maior tempo de serviço. A gente sabe que o custo de TV é alto, mas esse tipo de informação contribui para a formação intelectual e de conhecimento geral da população, e quem ganha com isso somos todos nós.

11. Luis Augusto

Ok Tenente, muito obrigado por sua contribuição.

APÊNDICE M: DÉCIMA-PRIMEIRA ENTREVISTA – 27/05/2009

Almir Pires de Almeida, artesão.

01. Luis Augusto

Desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgadas em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

Primeira pergunta:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Almir Pires

A televisão com certeza é um veículo de informação muito importante para tudo quanto existe. Porque divulga, dá força pra toda comunidade, quer dizer, em torno de informação e acredito que sem a televisão, com certeza, muita coisa estaria apagado, entendeu? É muito importante o setor comunicativo, a televisão.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Almir Pires

Ajuda a informar, ajuda a mostrar, ajuda a dar conhecimento. Divulga muito em tudo quanto é coisa, na verdade. E é de grande importância, com certeza, todo esse trabalho da Rede Amazônica.

03. Luis Augusto

Que tipo de contribuições podem ser identificados a partir das atividades realizadas por esta emissora?

Almir Pires

O Acontecimento, a divulgação do trabalho artístico da comunidade. Muitas coisas.

04. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação que o senhor vê entre o jornalismo local e a administração pública?

Almir Pires

Me dá uma força aí Chiquinho. Me engatei um pouco, engatou.

05. Luis Augusto

Você acha que ela Divulga bem?

Almir Pires

Divulga, com certeza.

06. Luis Augusto

Ela divulga também os problemas?

Almir Pires

Isto, divulga, com certeza. Que nem na enchente. O ribeirinho... Isso aqui é uma crítica, né? De isso aí tudo. (aponta para uma de suas obras). Por que o ribeirinho passa o tempo trabalhando lá, e quando vem prá cidade é por que o negócio tá feio. Aí, procura sempre a televisão prá mostrar, prá poder...

07. Luis Augusto

Chamar atenção!

Almir Pires

Isto, com certeza.

08. Luis Augusto

O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

Almir Pires

Me dá uma força Chiquinho!

Chiquinho

Foi uma grande força que a Rede Amazônica trouxe prá alavancar um pouco o Festival de Ciranda.

Almir Pires

É sobre o festival, né? Que isso aí, sem essa força aí, a ciranda não estaria onde está hoje. Muito bem mesmo, representada.

09. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Almir Pires

Também é outra que eu peço ajuda de vocês aí.

10. Luis Augusto

Como que contribui para a questão da educação do município? A televisão, como que ela contribui? Na sua opinião.

Almir Pires

A educação, com certeza, seria outra sem o poder de... Como é que dá o nome? Da ajuda da televisão, a educação ficaria numa situação também, muito, assim, esquecida, né? Entendo assim. De uma tal forma...

11. Luis Augusto

Você acha que ela tem uma contribuição importante?

Almir Pires

Com certeza uma boa contribuição.

12. Luis Augusto

Ela divulga as coisas importantes?

Almir Pires

Divulga e ajuda na formação. Isso é muito importante.

13. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru? O quê que você acha que pode ser melhorado? O quê que você espera mais da televisão?

Almir Pires

Eu espero mais, assim, eu vou falar sobre o nosso trabalho... Que procure mais a gente, por que eu acredito que estamos ficando esquecidos, pelos políticos na verdade. Aí, a gente sofre muito, que nem eu vejo. Eu venho trabalhando há muito tempo, mostrando as peças e procuro eles lá, eles sempre se escondem, entendeu? E eu passo, assim, às vezes, até um pouco de necessidade mesmo, com as minhas peças na parede querendo vender comercializar e mostrar, né? Prá televisão, mas sinto dificuldade nessas coisas toda.

14. Luis Augusto

Você acha que a televisão poderia ser um canal mais amplo de divulgação dos artistas, dos artesãos?

Almir Pires

Eu acredito que sim, seja mais assim com os artistas também, né? Que eu acho que dá muita força prá ciranda, sabe, e a gente fica esquecido.

15. Luis Augusto

Qual que é o seu mercado atualmente? Como que você coloca a sua arte hoje atualmente aqui no Amazonas?

Almir Pires

Olha, ultimamente eu busquei, eu encontrei, assim, com muito esforço um amigo que tá ajudando muito. Ele tá levando prá outros estados, até mesmo prá fora do país mesmo. Mas isso tudo é com muito esforço, sabe, da gente mesmo, o próprio dinheirinho da gente é girando em torno de tudo prá poder furtar conhecimento. Mas eu acredito que agora com televisão vai melhorar muito isso aí.

16. Luis Augusto

Você acha que tendo uma divulgação melhor da área, pode melhorar?

Almir Pires

Com certeza, melhora muito.

APÊNDICE N: DÉCIMA-SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevista com o professor Elival de Sousa Moraes, 46 anos.

Luis Augusto

Professor, desde a década de 70, a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município, passassem a ser divulgados em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculados nos telejornais da emissora.

Pergunta número um:

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Elival de Sousa Moraes

Bom, quando a televisão oferece um espaço para mostrar o que é uma comunidade rural, ou uma cidade interiorana, ela tá proporcionando meios de mostrar o modo de viver dessa comunidade. E isso faz com que essa comunidade também mude sua percepção de vida em relação ao mundo, né? Ela se abre mais para o mundo, ela oferece mais condições de vida, pode apresentar os seus valores culturais, religiosos, educacionais. Isso é muito importante para uma comunidade que nem Manacapuru é.

02. Luis Augusto

De que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Elival de Sousa Moraes

Primeiro depende muito do nível de educação em que cada município desenvolve né, prá ter um senso crítico. Mas de qualquer forma a televisão faz com que a gente crie momentos críticos, crie momentos que vá ao encontro da própria comunidade, enfim, do Brasil todo. A começar a perceber que não somos um local isolado do mundo, mas estamos ligados tanto pela televisão, quanto pelo rádio, pela própria educação, assim, de modo geral. E isso contribui para que veicule o modo de pensar de um povo. Com isso cria uma massa crítica.

03. Luis Augusto

O senhor acha que a TV Manacapuru, neste caso, desempenha este papel?

Elival de Sousa Moraes

Com certeza, é um ganho muito grande prá comunidade, por que desempenha, justamente, o papel de orientar, na verdade, eu diria muito mais, de fazer com que a gente pensasse mais criticamente, né? Às vezes você só pega uma reportagem, recortada ali e pronto, vê um pedacinho da reportagem, acabou-se como se aquilo fosse verdade única, né? Mas com sucursal isso vem a melhorar. Você vê uma reportagem com mais detalhes, né? Você ter a capacidade de comparar uma

reportagem à outra, né? Que não seja só aquele canal único, como se fosse uma verdade absoluta.

04. Luis Augusto

Que tipo de contribuições podem ser identificados a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

Elival de Sousa Moraes

Contribuição educacional, a própria criticidade leva o povo a melhorar mais a sua percepção de vida, o aspecto político, por que é importante tocar nesse sentido, que às vezes você fica pensando que o mundo é aquilo que te envolve ali paradinho, né? Mas você está ligado politicamente a outros setores da sociedade, outros segmentos da sociedade e essas contribuições vêm ao encontro dessa necessidade. Então, a necessidade de você saber o que ocorre na tua comunidade, mas também você está ligado a fatores políticos, né? A fatores sociais.

05. Luis Augusto

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação que o senhor vê entre o jornalismo local e a administração pública?

Elival de Sousa Moraes

Primeiro, o jornalismo a meu ver em nível nacional contribui muito para a efetivação da democracia.

06. Luis Augusto

Não, local. Digo a nível local?

Elival de Sousa Moraes

A busca do nacional e local. O que eu vejo no local, também, justamente, essa relação com a democracia. Quanto mais você noticia as coisas que acontece na sua comunidade, mais você vai tendo visão do que acontece na sua comunidade. Então, o jornalismo, a função é, justamente, divulgar, de propagar as notícias que acontecem, os acontecimentos locais. Então, tem esse grande poder entre nós.

07. Luis Augusto

Com relação às questões mais críticas, de divulgar problemas e cobrar soluções. O senhor acha que a TV Manacapuru desempenha esse papel?

Elival de Souza Moraes

Com certeza. Veja que nós tivemos fatos muito recentes, aí: naufrágios, não é isso? A televisão estava em cima; 2001, aquele vendaval que aconteceu em Manacapuru, a televisão estava ali prá noticiar, prá divulgar, prá cobrar também; festas, né? O aspecto cultural, a Ciranda, por exemplo, festas religiosas, eventos educacionais, eventos esportivos, sempre a televisão está ali pra divulgar isso, e isso tem nos ajudado bastante, principalmente, porque se trata de veicular mesmo os acontecimentos de Manacapuru.

08. Luis Augusto

Pois é, o festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

Elival de Souza Moraes

Bom, o festival de ciranda prá nós é uma idéia tão fabulosa, por que ela vai gerar recursos para o município. A relação do jornalismo com o festival de ciranda é de suma importância. Primeiro, porque vai falar das cirandas não, simplesmente, na sua apresentação, na sua performance. Mas desde os bastidores da ciranda, né? As pessoas dos galpões, a confecção de alegorias, o trabalho das costureiras, os ensaios. Então, se não houvesse essa cobertura do jornalismo, com certeza, nós não estaríamos em nível nacional. Por que isso faz com que divulgue o trabalho dos bastidores da ciranda.

09. Luis Augusto

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Elival de Souza Moraes

Eu já falava antes, a cobertura que é dada nos eventos culturais, tem nos colocado em nível de estado como aquele município que tem trabalhado bastante nesse setor, não é? Então, a cobertura da sucursal é importante para os eventos culturais e eventos educacionais, principalmente educacionais. As escolas têm feito paradas cívicas, não isso? Sextas culturais, não é? E outros eventos que sempre está divulgando o nome de cada escola. Com isso, a escola só tem a ganhar e, principalmente, o município só tem a ganhar com essa cobertura feita pela sucursal.

10. Luis Augusto

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Elival de Souza Moraes

Toda divulgação em todos os aspectos colocados aí, não é? Por exemplo, o aspecto econômico, a agricultura nesse momento agora de grande cheia, eu penso que a sucursal tem uma importância tamanha prá mostrar a todo o estado e ao país, como é que está a situação do ribeirão, né? Como é que eles vão sobreviver depois da enchente, ficarão sem nada, com certeza, né? No aspecto econômico: De que forma Manacapuru dentro da área metropolitana de Manaus, porque é formada, por estar se sentindo dentro dessa área metropolitana, o que nós temos a oferecer de bom e de melhor para a capital, Manaus, né? Como vai ser a nossa relação com os outros municípios. No aspecto educacional: o quê nós podemos proporcionar para Manacapuru, como educadores, pra que isso melhore muito mais o IDEB, né? O resultado do IDEB. Como é que nós vamos melhorar, também em termos de

educação, os resultados dos vestibulares, do Enem, não é? E outros concursos que há Brasil a fora. Então, a perspectiva é da melhor forma possível, nós pensamos que há uma perspectiva enorme, não é? E a sucursal nos acompanhando vai divulgar muito mais resultados satisfatórios dessa realidade.

11. Luis Augusto

Atualmente nós temos, assim, vários veículos de comunicação aqui em Manacapuru. Jornais impressos, emissoras de rádio, até a internet já está presente e emissoras de televisão. Eu queria que o senhor situasse como que TV Manacapuru, na visão do senhor, está entre todas essas mídias.

Elival de Souza Moraes

Bom, do meu conhecimento, eu ouço pouco rádio, mas eu sei que o rádio é importante, principalmente prá zona rural. E é um dos veículos que mais é usado em Manacapuru. Mas também, o meu amigo Aduato que diga isso: todo mundo fica esperando notícia de Manacapuru prá Manacapuru. Então, o pessoal fica: “Olha isso aqui não vai ser mostrado na televisão?” né? Eu penso alí que entre rádio e televisão, estão os dois lado a lado em primeiro plano. Temos o jornal escrito, o Jornal dos Rios, também que tem uma grande divulgação na cidade e isso faz com que as pessoas fiquem interadas nos acontecimentos. Então, eu penso que a TV e o rádio estão lado a lado, alí na comunicação, nessa corrida prá mostrar o que há em Manacapuru.

12. Luis Augusto

O senhor que é uma pessoa da terra, aqui. Qual a visão do senhor deste aspecto desde que a TV Manacapuru começou a colocar as reportagens no mesmo dia que acontecem os fatos, né? Desde 2003. Como que o senhor viu esse processo de lá pra cá? Qual foi o efeito disso na comunidade? E o quê que o senhor acha que precisa melhorar?

Elival de Souza Moraes

Primeiramente, é pensar o seguinte: quando você veicula a informação, você está educando as pessoas, você está melhorando o conhecimento das pessoas. E o advento da televisão em Manacapuru mostrando simultaneamente os fatos, alí ao mesmo tempo está ajudando bastante. A exemplo disso, nós tivemos, recentemente, aquele acidente com o avião, não é? Isso fez com que Manacapuru soubesse rapidamente, o estado soubesse rapidamente. Então, isso é bom para nós, enquanto interioranos. E a minha visão é que sempre essa cobertura feita pela sucursal vem trazer mais informação, mais conhecimento para o nosso povo.

13. Luis Augusto

Certo, e o senhor acha que precisa ser melhorado? O quê que o senhor acha que pode evoluir com relação a essa cobertura atual?

Elival de Souza Moraes

Bom eu não tenho, assim, muita visão do que é uma televisão, como é trabalhar nos bastidores de um jornalismo, não é? Mas eu penso o seguinte, ter muito mais pessoas que estejam em lugares diferentes. E sei assim do corre-corre do Aduato que faz cobertura aqui e alí, e a gente até brinca com ele: “Pô, às vezes, você é um repórter invisível, por que ele tá fazendo cobertura num local, e na nossa escola?”

poxa! Que é a José Seffair tá sem ninguém. Cadê o Adauto? E depois aparece o nosso evento no jornal. Então, isso é importante prá nós. Então, eu vejo que o desdobramento que o Adauto faz no trabalho dele é de suma importância, por que faz com que a coisa aconteça e faz a gente vê o nosso fato acontecendo na televisão também.

Luis Augusto

Ok professor obrigado.

APÊNDICE O: DÉCIMA-TERCEIRA ENTREVISTA

Entrevista com Gleyson Andrade Pereira, 24 anos, morador da comunidade Cristo Libertador.

01. Adauto Silva

Gleyson, a presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Gleyson Andrade Pereira

A televisão é um processo que influencia as pessoas naquilo que elas vestem, naquilo que elas ouvem e muitas das vezes proporcionam com que as mudanças das quais elas tão vivendo atualmente, influencie naquilo que elas... Como elas vão se vestir, o que elas vão comer, bem como também, aquilo que elas vão falar. Muitas das vezes esse processo se dá também por conta daquilo que, é... As famílias vêem na televisão, né? É um processo que ocorre, não que seja naturalmente, mas é porque as pessoas muitas das vezes, realmente, influenciadas por aquilo que elas estão vendo na televisão, elas tendem, justamente, a seguir, são como seguidores, né? Desse processo.

02. Adauto Silva

De que forma a criação da sucursal aqui em Manacapuru, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Gleyson Andrade Pereira

O município de Manacapuru foi beneficiado, com certeza, com a implantação da Rede Amazônica aqui com a TV Manacapuru, propriamente dita, aqui em Manacapuru, uma vez que as pessoas, até então, que só participavam de um processo de ouvir o rádio, né? Tinham conhecimentos gerais sobre as influências do jornalismo e as outras coisas que aconteciam. Com a TV não, as pessoas, elas não só ouvem, mas também vêem, o que também é um processo que modifica a sua opinião pública, aliás, a opinião pública aqui dos munícipes, aqui de Manacapuru. Uma vez também, que a Rede Amazônica foi implantada aqui e logo também a TV Manacapuru, as pessoas tem a oportunidade, também, de fazer, de dar sugestões, também de reivindicar algumas situações das quais elas passam aqui na cidade de Manacapuru.

03. Adauto Silva

Que tipo de contribuições podem ser identificadas a partir das atividades realizadas por esta sucursal?

Gleyson Andrade Pereira

Eu penso que as grandes contribuições que a TV Manacapuru e a Rede Amazônica têm trazido para aqui a cidade de Manacapuru é justamente a informação, a gama de informações que são passadas através dos comerciais, do Jornal 24 horas que é exibido nos intervalos da programação local e tenho certeza que cada pessoa que assiste, já fica sabendo de grandes conteúdos daquilo que tá se passando na cidade, uma vez que a cidade de Manacapuru já não é uma cidade mais que, né? É

pequena, onde as informações corriam, como antigamente era, bem rápido não. Hoje Manacapuru já é uma cidade bem grande e essas informações são passadas através da TV e muitas das coisas que antigamente a gente demorava prá saber, sabe-se rápido.

04. Aduino Silva

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente junto às administrações públicas seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual a relação entre o jornalismo local e a administração pública que você identifica aí?

Gleyson Andrade Pereira

É possível observar hoje que essa relação entre o poder público e a TV Manacapuru e também Rede Amazônica é uma relação muito estreita, né? Não há divisão, não há espaçamento entre elas, e isso é muito bom, essa relação é muito boa por que tende a só, ao município de Manacapuru só a ganhar com essas informações que são passadas através da TV. O município de Manacapuru, hoje, com a administração pública tem se desenvolvido muito com a presença da televisão também, no que tange aquilo que as pessoas vêem, o que as pessoas ouvem falar, da administração e também daquilo que a TV tem proporcionado, tanto de entretenimento, quanto de informações da administração.

05. Aduino Silva

O festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

Gleyson Andrade Pereira

O Festival de Ciranda foi um grande passo que Manacapuru deu na área da cultura, uma vez que, ela até então era conhecida como a Princesinha do Solimões, mas não tinha grandes atrativos. A inserção do festival de ciranda no circuito nacional das festividades culturais foi muito bom para o município, uma vez que a cidade ganha na economia, a cidade ganha também com a vinda de pessoas aqui pro município prá festas, prá festa da ciranda, exclusivamente, né, falando. E foi muito bom por que o Festival da Ciranda até então, né? Onde só Manacapuru conhecia, só os munícipes daqui participavam, hoje não, nós temos um leque de opções aqui em Manacapuru que tudo isso deu-se através do crescimento da ciranda e é óbvio todo a influência que a TV teve na divulgação do Festival de Ciranda no circuito nacional.

06. Aduino Silva

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação do município?

Gleyson Andrade Pereira

É muito bom a gente observar hoje a TV Manacapuru passando notícias da área educacional aqui de Manacapuru, uma vez que o Amazonas tem tentado junto aos programas do Governo Federal, trabalhar muito mais na área educacional e Manacapuru não está ficando prá trás, e essas ações que a educação tem feito aqui em Manacapuru são transmitidas, são passadas através da TV Manacapuru com muito incentivo, né? Colocando aquilo que Manacapuru está desenvolvendo na área educacional, passando as informações necessárias das escolas, o quê que elas estão produzindo? O quê elas estão tratando como temas relevantes prá sociedade? E, com certeza, essa contribuição da TV Manacapuru na área educacional, retransmitindo para toda Manacapuru essas informações, essa gama de conhecimentos na área educacional só tem a ganhar e, com certeza é cem por cento.

07. Adauto Silva

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru?

Gleyson Andrade Pereira

Bom, hoje em dia a TV Manacapuru já transmite aí ao povo manacapuruense, né? Através de seus comerciais, a gente pode observar na área comercial aí, já um grande leque de opções que o povo de Manacapuru tem, ao assistir as programações locais através do comércio, os comerciantes têm se influenciado mais e têm levado seus comerciais, tem levado suas empresas até a TV Manacapuru prá transmissão daquilo que eles estão ofertando de melhor. Mas também penso que a TV Manacapuru pode abrir mais espaço para as programações locais, né? Programas locais, aqui mesmo da cidade, e penso que seria um ganho muito oportuno para as pessoas aqui de Manacapuru.

Adauto Silva

Muito obrigado Gleyson, a gente fecha assim a entrevista.

APÊNDICE P: DÉCIMA-QUARTA ENTREVISTA

Entrevista com o Francisco Santos de Almeida, artista plástico Pastoral da Juventude.

01. Aduino Silva

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Francisco Santos

Bom, a TV chega como um meio de comunicação, transmitir o que a população tem de melhor, né? A cultura, a sua identidade, os seus costumes também, além disso, ela proporciona a nossa comunicação, a pessoa que vai entendendo melhor como é o processo da cidade. A cidade tá crescendo, então nós, começamos também a fazer parte desse crescimento e a TV como um meio de comunicação ela chega a transmitir todo esse processo de crescimento da cidade e da população.

02. Aduino Silva

De que forma a criação da sucursal aqui em Manacapuru, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a formação da opinião crítica acerca dos problemas regionais?

Francisco Santos

Bom, nós seres humanos somos já de berço, eu tenho certeza que a gente já vem com essa opinião crítica, alguns de nós, né? E a TV, ela chega como meio de fazer essa interação. Chegar com a notícia, chega a notícia e você também pode analisar da sua forma. No entanto, a gente tem a convicção que esse lado crítico que a televisão vem a nos transmitir, nós também como pessoa a gente tem que desenvolver no decorrer das nossas vidas, né? Ela chega a dar um suporte, no entanto, a lendo, vendo a TV, vendo as notícias, a gente vai desenvolvendo o nosso lado crítico, com certeza.

03. Aduino Silva

Que tipo de contribuição podem ser identificados, a partir das atividades realizadas, por esta sucursal?

Francisco Santos

Bom, a contribuição, com certeza, um lado, por exemplo o comércio de Manacapuru. Ele passa e passou a ser mais visto, né? Bem mais visitado. A cultura em si, o quê Manacapuru produz de melhor aqui? Ele vai ser divulgado, né? Então, nós aqui de Manacapuru, nós somos artistas, nós somos pessoas de venda, pessoas que produzem o que é de melhor, o que há de melhor também, o ribeirinho tem a oportunidade de mostrar o seu produto, né? Falando do ribeirinho, que ele trás muito, contribui muito para que o nosso município possa estar grandioso, como está hoje.

04. Adauto Silva

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente, junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação do jornalismo local e a administração pública?

Francisco Santos

Bom, aí nós temos a questão que, com certeza, tudo acontece e é prá ser mostrado, né? E a TV, ela tem essa liberdade de mostrar o que tá certo e o que tá errado, e quando a TV tá mostrando que algo tá errado, é porque tá difícil a situação, né? E nós que estamos direto vendo a TV, nós... Aí vem a questão crítica também, vamos criticar de certa forma. E jornalismo, o jornal com a política, ela tem que andar junto também, né? Porque aí, a gente vê quem realmente tá fazendo, quem não tá. Mas, a TV de Manacapuru, ela sim, divulga todos os fatos que ocorrem relacionado à questão política e também o nosso bairro, que também vive um momento político, né? Dessa forma.

05. Adauto Silva

O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda?

Francisco Santos

Bom, eu sou também, além de artista plástico, eu também sou cirandeiro, dancei dez anos, parei o ano passado. E a gente vê que desde quando a ciranda recebeu, ou vice-versa, a Rede Amazônica recebeu a ciranda de braços dados aí, e com certeza, nosso festival de ciranda foi, assim, subiu consideravelmente e a gente vê o crescimento do festival. E onde a TV está, há o crescimento em todos os sentidos, né? Na divulgação do que é feito na ciranda, na divulgação do que a cidade pode proporcionar para àquela pessoa que vem a Manacapuru visitar no período da ciranda. Então, com certeza, a TV veio, chegou, divulgou a nossa cultura e hoje tá aí, né? Fazendo além da ciranda, também divulgando outros aspectos naturais que a gente tem aqui em Manacapuru, e foi com certeza, muito significativo pra gente.

06. Adauto Silva

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico, aliado à tecnologia proporciona o acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal de Manacapuru contribui para a melhoria do nível de educação de Manacapuru?

Francisco Santos

Bom, a gente tem, a gente vê que hoje o mundo deu um grande salto na tecnologia. Há pouco tempo atrás a gente só lia jornais e hoje a TV é esse mundo, ela transmite tudo que acontece num todo. E com certeza, a pessoa que tá com esse querer de aprender, a TV vai ajudar, contribuir na sua formação educacional. Ela vem prá também deixar o aluno mais crítico, como diz no início, vem também prá deixar ele informado das situações, né? Que a gente não pode ser aquela pessoa que tá

falando por falar, tem que saber falar, então, a TV também contribui para isso. Trás notícias importantes, sérias e que vai mudando um pouco o nosso raciocínio, a nossa maneira de pensar, e ajuda com certeza, na formação do estudante.

07. Adauto Silva

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar dos serviços proporcionados pela sucursal de Manacapuru? O quê mais poderia ser feito?

Francisco Santos

Bom, a gente falava da ciranda ainda há pouco, a ciranda tá num patamar muito bom, né? Muito bacana mesmo, e a gente é artista plástico, né? A gente pode perceber, ainda que nós, não sei se é da nossa parte em vim, a Rede Amazônica já nos ajudou na nossa primeira, na nossa segunda e na nossa terceira exposição aqui em Manacapuru, com alguns artistas locais e mais eu vejo que a gente pode ganhar ainda mais com a TV. Sem divulgação a gente não tem caminhos, a gente é de Manacapuru, um lugar não muito distante de Manaus, mas não conhecido pelo Brasil. E quem sabe a TV pode nos ajudar, aí, a divulgar a nossa arte, o que a gente faz, além das artes plásticas, o artesanato que tá muito forte mesmo. E a gente tá conseguindo meios de fazer o nosso Centro Cultural, de certo modo, e vai necessitar, aí, da TV prá fazer essa divulgação e a gente, aí, despontar, com certeza, nas nossas artes plásticas e tudo aquilo que a gente vem produzindo nesse meio tempo.

Adauto Silva

Muito obrigado Chiquinho, isso aí, a gente finaliza a entrevista.

APÊNDICE Q: DÉCIMA-QUINTA ENTREVISTA

Entrevista com o Carlos José Alves de Araújo, 43 anos, Promotor de Justiça do município de Manacapuru há 12 anos.

01. Adauto Silva

Doutor, desde a década de 70 a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município passassem a ser divulgados em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Carlos Araújo

Bom, primeiramente nós podemos dizer que a informação é uma coisa muito importante, né? Prá vida de todo mundo. E é claro que com informação as pessoas começam a modificar, realmente, a sua vida. Por que começam a adquirir novas práticas, começam a ter cuidados, começam a ter precauções em relação a produtos, a serviços. Enfim, é uma gama de coisas que a pessoa começa a ter mais atenção. Exatamente, por que ela é bem informada, né? Ela começa a conhecer melhor o mundo, conhecer melhor o serviço público, conhecer melhor o comércio, a indústria, os atos do governo. Enfim, quando a pessoa, quando adquire informação, a modificação das suas condições de vida, ela é natural. Em decorrência desse processo de aprendizagem de conhecimento da realidade onde ela vive.

02. Adauto Silva

De que forma a criação dessa sucursal aqui em Manacapuru, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Carlos Araújo

Bom, nós que acompanhamos aqui, né? As notícias locais, o jornal da comunidade, nós sabemos que toda a informação que é repassada através da televisão, ela de alguma forma influencia, né? O entendimento das pessoas, a formação dessa sua consciência crítica. E proporciona ainda, para que o telespectador, ele possa avaliar bem as ações no meio da sociedade com base nessas informações que ele colhe todos os dias nos jornais, nos informativos, nos programas, sejam eles de caráter noticioso ou cultural, né? Você tá sempre formando a opinião das pessoas, com base nas informações, né? Que elas sempre são repassadas prá, né? Prá comunidade.

03. Adauto Silva

Que tipo de contribuição pode ser identificado, a partir das atividades realizadas, por essa sucursal?

Carlos Araújo

Bom, eu vejo, aqui na comunidade, o que a gente vê bem aqui é, principalmente, em relação às informações culturais da cidade. No caso aqui, nós temos a Ciranda de

Manacapuru que hoje, né, está no cenário do Amazonas como uma grande festa folclórica do interior do Estado. E a gente sabe que a TV Amazonas tem acompanhado todo esse processo de crescimento desse fenômeno cultural aqui da cidade. E isso trouxe né, além do engrandecimento da cultura local, como também a ajuda no processo de desenvolvimento econômico, que nós sabemos que tem o turismo relacionado a isso, o crescimento do comércio, né? E da cidade em si, né? Os aspectos culturais, de conhecimento da história do município, por que é isso que é retratado nas festas que nós temos aqui. Então, e esse aí, é pra mim um grande, vamos dizer assim, a grande contribuição hoje, também da TV aqui, o crescimento da cultura local.

04. Adauto Silva

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar, ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação que o senhor vê, entre o jornalismo local e a administração pública?

Carlos Araújo

Bom, nós acompanhamos sempre aqui, nós temos o Jornal 24 Horas na cidade, né? A gente tá sempre vendo aí, as ações que são feitas pelos governos que se passaram aqui. Eu que estou aqui há oito anos na cidade. A gente sempre acompanha o Jornal 24 Horas que dá informações, que mostra pra população os problemas da cidade, mostram as ações que estão sendo feitas pelo executivo municipal, os acontecimento no legislativo, também. Enfim, a maioria dos acontecimentos importantes da cidade na área da política são mostrados pra população. E essas informações é que proporcionam ao telespectador, pra formar a sua opinião, formar a sua opinião crítica em relação a esses acontecimentos. Então essa é também uma das grandes contribuições da TV Amazonas aqui na cidade.

05. Adauto Silva

O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado, e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o Festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda.

Carlos Araújo

Como anteriormente eu até falei assim, pra mim uma das grandes contribuições aqui foi o engrandecimento desse Festival de Cirandas, assim como a cobertura que faz também da nossa festa da cidade. Mas a Ciranda é aquela manifestação cultural que dá aquele cunho de especialidade à Manacapuru né, que é a terra das Cirandas. E é claro que todo esse desenvolvimento, toda essa manifestação que ultrapassou os limites da cidade de Manacapuru, foi levada pela TV Amazonas que tá aí todos os anos acompanhando a festa e levando, realmente, toda a parte de trabalho, de como são produzidas as alegorias, os ensaios, mostrando à população como é que é feita essa festa bonita da nossa cidade. E pra mim, com certeza, todo esse engrandecimento desse festival cultural que é a Ciranda, esse fato de ter transpassado, vamos dizer assim: “os muros de Manacapuru”, se deve ao trabalho da TV Amazonas.

06. Adauto Silva

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais. O conteúdo jornalístico aliado à tecnologia proporciona um acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para o nível de educação de Manacapuru?

Carlos Araújo

Bem, nós sabemos que as muitas informações que são repassadas pelos telejornais, pelo jornal 24 Horas e toda a programação da TV que é passada, diariamente, aqui na nossa cidade. Ela, certamente, traz para os estudantes, para as pessoas que estão fazendo cursos, muitas informações tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista das atualidades do mundo e essa é a grande contribuição nessa área também.

07. Adauto Silva

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que o senhor vê que a comunidade pode esperar de serviços realizados pela sucursal de Manacapuru? Quais os serviços que a comunidade espera que sejam prestados por esta sucursal?

Carlos Araújo

Eu acredito que se nós tivéssemos programações, assim, né? Mais locais. Voltadas para os problemas, vamos dizer assim: “do nosso dia-a-dia aqui”, como um programa comunitário mesmo de reclamações, eu acho que seria muito importante. Nós temos as notícias gerais, é claro. Aqui o espaço, eu acho que de divulgação é pequeno em horários, mas eu acredito que um jornalismo local, voltado para os problemas pequenos, pequenos em relação aos problemas enormes que tem o Brasil, mas aqui nós temos o problema de ruas esburacadas, esgoto, aquele problema do dia-a-dia mesmo das comunidades. Acredito que um jornal local seria uma grande contribuição para a melhoria dos serviços da TV aqui na cidade.

APÊNDICE R: DÉCIMA-SEXTA ENTREVISTA

Entrevista com o vereador de Manacapuru, Moisés Gomes de Aguiar, que também é professor, mestre em educação e doutorando em educação.

01. Adauto Silva

Desde a década de 70 a cidade de Manacapuru, no interior do Amazonas, recebe o sinal da Rede Amazônica. A partir de 2003, foi criada uma sucursal que permitiu que as notícias e eventos do município passassem a ser divulgados em nível regional e nacional. Esse serviço consiste na produção diária de reportagens que são veiculadas nos telejornais da emissora.

A presença da televisão e do conteúdo que ela proporciona à comunidade é parte de um processo que ocorre naturalmente. Como esse processo modifica o modo de vida e hábitos cotidianos da população?

Moisés Aguiar

Eu observo que a Rede Amazônica de televisão tem como... É uma pioneira no interior do estado, tem dado essa contribuição a sua relevância social e cultural. Mas acredito que, por conta de ser uma emissora ligada a uma emissora do sul do Brasil, eu observo que muitas vezes o regionalismo sulista tem atingido a vida do cotidiano caboclo. Então, eu acho que deveria ter um certo cuidado com relação a essa questão da programação intensiva do sul, né? Mas já vejo também com bons olhos que a Rede Amazônica, em particular o Amazon Sat, vem procurando mostrar a programação com um caráter mais amazônico, e por isso eu já vejo aí também uma revolução e um direcionamento melhor para que a vida cotidiana do nosso caboclo compreenda como é que acontece em outras regiões do país e do mundo, mas sem perder a peculiaridade que o nosso viver caboclo.

02. Adauto Silva

Então, de que forma a criação dessa sucursal, que reproduz e divulga os acontecimentos locais, contribui para a opinião crítica a cerca dos problemas regionais?

Moisés Aguiar

Contribui de forma positiva, uma vez que nós vivemos em um mundo globalizado, nós vivemos num mundo em que a informação está aí a toda hora, a informação hoje é um recurso muito importante para a formação da opinião pública. Então, quando o jornalismo da TV Amazonas traz ao interior o que acontece no mundo, no Brasil, em particular, na nossa região, eu observo que contribui de forma positiva, por que vai fazer com que nós consigamos fazer, proporcionar um massa de pensamento crítico a respeito das realidades nos mais diversos aspectos. No esporte, na política, na cultura, enfim, onde a televisão tem tido o seu espaço.

03. Adauto Silva

Que tipo de contribuição pode ser identificado, a partir das atividades realizadas, por essa sucursal? As atividades que já são realizadas.

Moisés Aguiar

É. Eu, também vejo de forma positiva. Através da informação, da busca de colocar a mídia a disposição das nossas pessoas. Eu acredito que poderia ter apropriado

mais, onde a própria TV local, na sucursal de Manacapuru, por exemplo, tem a sua programação própria, o seu jornalismo próprio e, enfim, aquilo que fosse mais daqui da nossa região. Eu acho que nesse aspecto fica comprometido, apesar de não perder o caráter da importância da contribuição que há da sociedade local.

04. Adauto Silva

O jornalismo é considerado o quarto poder e sempre está presente junto às administrações públicas, seja para divulgar, cobrar, ou colaborar. No caso de Manacapuru, qual é a relação que o senhor vê, entre o jornalismo local e a administração pública?

Moisés Aguiar

Aí eu vejo que está muito distante, por que têm acontecido algumas situações muito importantes do ponto de vista da administração pública e, às vezes, a notícia, no meu ponto de vista, fica limitada. Não há uma abrangência, não há uma... Às vezes, quem mora na capital, eu tenho um parente que mora na capital, que cobra muito isso, que as informações chegam muito pequenas, não tem um espaço ainda para que se possa apresentar uma programação de Manacapuru. E eu acredito que, pela boa fé e pela política da TV Amazonas, esse espaço deva ser ampliado pra que nós possamos divulgar os trabalhos, as políticas públicas existentes no interior do Estado, em particular, Manacapuru.

05. Adauto Silva

O Festival de Ciranda é uma das principais manifestações culturais do estado, e já faz parte do calendário de transmissões da Rede Amazônica de televisão. Como qualquer manifestação cultural que busca um maior reconhecimento e popularidade, o Festival deixou de ser um evento local e passou a ter um caráter nacional, e o jornalismo tem um papel relevante nessa transição. Avalie a relação entre o jornalismo local e o Festival de Ciranda.

Moisés Aguiar

Hoje, o Festival de Ciranda é um evento conhecido não só nacionalmente, mas mundialmente. Isso por conta da divulgação, dos trabalhos do festival de Manacapuru, o Festival de Ciranda, através da TV Amazonas. E o jornalismo da TV Amazonas tem contribuído muito fortemente pra isso, né? Todos esses anos quando vem divulgar esse festival, que já é um dos maiores do Brasil. Então, a relevância jornalística é muito importante, porque vem mostrar a nossa cultura, vem mostrar todos os aspectos, desde a confecção dos ornamentos da Ciranda, como... Prá que as pessoas entendam, e a Ciranda já se tornou grandiosa, por conta do jornalismo da TV Amazonas.

06. Adauto Silva

O jornalismo sempre teve uma contribuição importante para as políticas educacionais, o conteúdo jornalístico aliado à tecnologia proporciona um acesso ilimitado a qualquer lugar do mundo. De que modo o serviço realizado pela sucursal contribui para o nível de educação de Manacapuru?

Moisés Aguiar

Eu acredito que, quando se fala de educação, muitas coisas precisam ser melhoradas. E um dos aspectos, eu acho que é isso, mostrar, levar a juventude

através do esporte, da cultura, enfim, de todas as atividades que envolvam educação. Eu nesse ponto, nesse aspecto acredito que a TV Amazonas ainda está deixando a desejar. Precisa dar mais espaço para a juventude, para os professores, para os gestores, enfim, aqueles que são envolvidos com política prá que possam desenvolver melhor a educação do nosso Município.

07. Adauto Silva

O jornalismo faz parte de uma estrutura que inclui políticas públicas, economia, cultura e etc. Qual a perspectiva que a comunidade pode esperar de serviços realizados pela sucursal de Manacapuru?

Moisés Aguiar

Como eu já falei, eu acredito que a comunidade espera que a TV Amazonas abra mais espaços. Tenha uma programação, principalmente jornalística, local. Que haja uma maior participação da comunidade dentro da sucursal de Manacapuru, com programações locais, não só jornalismo, mas como, atividades, entrevistas, mostrando o que há de bom na nossa cidade. Os aspectos turísticos, os folclóricos, a cultura, o esporte que nós temos muita coisa importante, interessante. Nós temos, inclusive, atletas renomados, né? Que já se destacaram até nacional e internacionalmente, e que Manacapuru precisa mostrar isso, eu acredito que a TV Amazonas deva abrir um espaço maior aqui na nossa sucursal de Manacapuru para que a gente possa mostrar as nossas potencialidades esportivas, culturais, econômicas, políticas e nas mais diversas áreas.

08. Adauto Silva

Muito obrigado, tivemos assim, a entrevista com o Vereador Moisés Gomes de Aguiar, doutorando em Educação, e atualmente, vereador aqui no município.

APÊNDICE S: ENTREVISTAS ESPONTÂNEAS NA TV AMAZONAS

- 01.ADAUTO SILVA (CORRESPONDENTE DE MANACAPURU)
- 02.MILTON CORDEIRO (VICE-PRESIDENTE DE JORNALISMO)
- 03.ERCILENE OLIVEIRA (GERENTE DE JORNALISMO DA TV AMAZONAS)
- 04.VALDOMIRO TAVARES (COORDENADOR DE JORNALISMO NO INTERIOR)
- 05.JACKSON MOISÉS (GERENTE DA C.A.I.)
- 06.IOLANDA ALBERTINO (GERENTE DO CEDOC)
- 07.RAIMUNDO CASTRO (COORDENADOR DO INTERIOR)
- 08.NIVELLE DAOU JUNIOR (VICE-PRESIDENTE DE TECNOLOGIA)
- 09.ALUÍSIO DAOU (VICE-PRESIDENTE DE ADMINISTRAÇÃO)
- 10.PHELIPPE DAOU JÚNIOR (DIRETOR DE PROJETOS ESPECIAIS)
- 11.ABRAHIM BASE (HISTORIADOR)
- 12.PHELIPPE DAOU (PRESIDENTE DA REDE AMAZÔNICA)
- 13.MAURO JORGE (SUPERVISOR DE EDIÇÃO DE IMAGEM)
- 14.ARNOLDO SANTOS (JORNALISTA)

APÊNDICE T: ENTREVISTAS ABERTAS NA REDE AMAZÔNICA

Primeira entrevista – 27/05/2009

Entrevista com Aduino Silva de Oliveira, 43 anos, formado em Matemática pela Universidade Federal do Amazonas, em Ciências pela Universidade do Estado de São Paulo - UNESP, e pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Escolar.

01.Luis Augusto

Como que começou a sua experiência em televisão, especificamente aqui em Manacapuru?

Aduino Silva

A experiência na televisão começou a partir do momento que a Rede Amazônica instalou o sistema de transmissão de matérias via internet aqui em Manacapuru. Foi um trabalho pioneiro, a rede iniciou por Manacapuru e foi feito um teste, né? Então, algumas pessoas estavam por aqui, se convidaram para um teste. Como eu já trabalhava na rádio aqui como locutor de rádio, eu fiz o teste. E até digo, entre o pessoal que fez o teste, eu fui o menos ruim, por que todos nós que fizemos o teste ninguém tinha experiência nenhuma, ninguém nunca tinha... com exceção do William, mas ele tava fazendo para cinegrafista, né? O único que tinha experiência com vídeo era o William, já tinha feito televisão, mas ele tava fazendo para cinegrafista. E para repórter foram dois que fizeram, e eu fiz e me chamaram para trabalhar, sem experiência alguma.

02.Luis Augusto

Que época que foi isso? Você lembra mais ou menos o ano?

Aduino Silva

Foi final de 2003 o teste, né? E a partir de 2004 foi que começou a montar o sistema e o trabalho em si.

03.Luis Augusto

Como é que foi esse começo? Você teve algum treinamento? Como que começou essa experiência de fazer as reportagens, a questão da técnica de captação de imagens, de reportagem e o processo de geração para Manaus? Como é que foi esse início?

Aduino Silva

Olha, começou do nada mesmo. O que nós tivemos aqui foi um treinamento prá você aprender a trabalhar na ilha de edição, né? E imagens, nós fomos para o campo, captamos umas imagens aí. Mas treinamento específico, nenhum! Até a questão da produção das matérias que ficou... Nós começamos a coletar o material, produzir texto, aí encaminhava prá Manaus, pro pessoal corrigir, adequar, aí que foi... através desse intercâmbio que foi feito o treinamento, mas em campo mesmo aqui, nós não tivemos treinamento nenhum no primeiro ano de trabalho.

04.Luis Augusto

No início como que era Manacapuru? Você lembra ainda? Nessa época aí início de 2004. Quantos habitantes Manacapuru tinha? Como que era a

televisão na cidade? Tinha muita gente que tinha televisão? E outra pergunta de época também. Quantas matérias nesse início você conseguia mandar pra Manaus, assim em média?

Adauto Silva

Olha, quanto a questão de como que era Manacapuru naquela época, eu comecei a trabalhar a partir de 2004, né? A nível de televisão, tinha outras televisões que já tinham chamado a atenção mais da comunidade por que tinham feito programa local, né? E a televisão, a Rede Amazônica nunca tinha tido nada local, não tinha espaço mesmo, né? Então tinha a maior audiência como sempre, mas quando se falava, assim, alguma coisa local, o pessoal reverenciava outros canais. A partir do momento que começou a sair propaganda local, começou a sair notícias locais, principalmente, começou a sair na capital, enfim, a rede começou a tomar de conta de vez mesmo, por que até as pessoas dizem um horário vem para o outro, por que a qualquer momento pode sair reportagem do município, né? E a cidade cresceu muito. Hoje tem um grande concorrente com a emissora aqui dentro, que não são as emissoras, são as parabólicas, né? Porque o pessoal, a partir do momento que tem a parabólica passa a ter acesso ao sinal da Globo, mas não tem da Rede Amazônica. Muita gente até reclama... Faz a matéria, faz o comercial... Poxa! Mas eu não assisto porque eu tenho parabólica. Tanto é que tem gente aqui hoje que tem parabólica e o sinal aberto em casa, ele tem uma televisão lá para ele ver a questão local. Então, já evoluiu muito, você vê hoje que tem bairro que... Assim nós chegamos aqui da classe média prá baixo, né? Uma parte da classe média e, praticamente, toda a classe baixa, por que o pessoal não tem parabólica, então o nosso público é mais esse mesmo, a classe baixa, é o povão mesmo. Mas aqui em Manacapuru, você sabe quando o evento é grande, quando ele é divulgado na rede, ou quando ele é pós apresentado também na rede.

05.Luis Augusto

Então, quer dizer nós temos assim uma dificuldade de mandar o sinal para todo o município? Mas você tem idéia da capacidade do sinal da TV Manacapuru, para o município, até onde ele atinge?

Adauto Silva

É hoje você chega a 100% da área urbana né? Mas na área rural aqui, você não chega a 10%. Só as comunidades bem próximas aqui do outro lado do rio que o nosso sinal chega lá, os demais ficam a mercê das parabólicas, o pessoal não tem acesso ao sinal da Rede Amazônica. Muitos locais chegam o Sat, né? Recebem o Amazon Sat. Até eu digo, quando antes se repetia o jornal da Rede Amazônica no Sat, o pessoal achava muito melhor, por que ele tava revendo o jornal ou ele tava vendo o jornal que passou em outro canal que ele não tinha acesso. Apesar de que o Sat ainda usa, mas era muito comum o pessoal correr lá no Amazon Sat, quem não tinha o sinal da TV local.

06.Luis Augusto

Agora com relação à história da TV Manacapuru, você sabe desde quando existe a emissora, como que foi esse começo antes do FTP?

Adauto Silva

Não, na parte de televisão pelo que eu sei... Até por que eu não tenho data, mas sempre soube internamente aqui, né? O pessoal só administrava questão de comercial. Já era exibido comercial? Não nem comerciais, e o gerente aqui, era a pessoa que gerenciava a rádio. E a TV, era um aparelho que tinha aqui que tinha um cara que eu tinha até esquecido, só para colocar o sinal no ar. A partir desse momento, do final de 2003 pra frente foi que a televisão começou a criar corpo mesmo, aí passou a ser um canal de televisão local.

07.Luís Augusto

Foi essa evolução, a partir do momento que começa a se gerar o conteúdo jornalístico prá Manaus? Qual a sua visão desse momento de avanço no trabalho jornalístico aqui da TV Mancapuru?

Adauto Silva

Eu acho que cada dia aumenta a nossa responsabilidade, porque a cada momento que as pessoas foram se vendo na televisão, elas foram assumindo um compromisso. Tanto é que, hoje se tiver uma campanha de vacinação e no jornal em Manaus divulgar daqui a pouco os municípios que fizeram, se não sair Manacapuru, o pessoal vem cobrar da gente, porque que Manacapuru não saiu. Então, eles estão acostumados a se ver, eles querem se ver, eles participam. Outra coisa, quando você chega a um local, o pessoal já sabe. Olha, vai ser divulgado fora. Então, a nossa presença, mesmo que vá ao ar ou não, a nossa presença já muda o ambiente. Você chega em uma sala de aula hoje, o pessoal diz: se ajeita aí que a televisão chegou. Hoje de manhã eu fui filmar ali o projeto do dia do desafio, os alunos estavam lá na maior bagunça, quando eu apareci, que eu puxei a câmera o professor disse: Olha aí, vamos se ajeitar agora que vai sair na televisão. Então, nós temos essa influência, né? Isso influenciou muito tanto positivamente, como também o lado negativo, né? Tem o lado negativo também que influencia, as pessoas a quererem usar a televisão para o outro lado, né? Outros se esconderem da televisão, outros esconderem a coisa, por que vai ter a televisão no meio. Muitos fazem a fachada também, por que vêem a televisão. Então, ela tem toda essa influência que tem na cidade, aqui dentro muito mais, por que é mais fechado. Então quanto mais fechado, mais influência a televisão tem.

08.Luis Augusto

Do dia-a-dia do seu trabalho jornalístico, quais são os principais assuntos que você mostra de Manacapuru no dia-a-dia?

Adauto Silva

Aqui tem os assuntos por época, né? Tem a parte do período da safra do pescado, tem o período de cheia, tem o período de seca, tem o período da ciranda, mas no dia-a-dia mesmo, aqui, são as questões ambientais, né? Que elas acontecem o ano todo. É questão de crimes ambientais, nós temos aí madeireiras, a própria pesca também. Então é mais assim, as questões ambientais que mais chamam a atenção e a questão do dia-a-dia da comunidade mesmo, como a questão de trânsito, tem outros eventos que acontecem, né? A parte mais social, mas o carro chefe mesmo são as questões ambientais, tanto as positivas, como as negativas.

09. Luis Augusto

E o quê que você vem observando com relação ao crescimento de Manacapuru? A gente percebe que são muitos bairros, mas falta ainda uma infra-estrutura prá cidade, né? Quais são os principais problemas de Manacapuru hoje?

Adauto Silva

Hoje o principal problema de Manacapuru é a urbanização, quer dizer, a parte que você tem desenvolvida a urbanização não chegou, e o município não tem prá onde crescer também, sem a urbanização. Nós estamos cercados pelo rio Manacapuru, pelo rio Solimões, pelo rio Miriti e o Miriti fazendo um corte no final também. O Miriti faz um “L” (éle), e os outros dois lados são fechados pelo rio Solimões e pelo rio Manacapuru. Então Manacapuru não tem prá onde crescer. O pouco que cresceu ao longo dos anos, foi através de invasões. Há décadas, eu acho que mais de uma década, Manacapuru só cresceu a nível de invasão, não teve um planejamento e nem tem, por que se tiver, algum prefeito vai ter que ter a coragem de desapropriar uma área e fazer um planejamento. Fora isso não tem, então vai crescer o quê? Através de invasões. Quando a invasão chega, ela chega sem estrutura, né? Desordenada. Então, o que falta prá Manacapuru é urbanizar o que se tem e preparar para o crescimento do município, nós não temos pra onde crescer. Então vai ficar inchando como tá inchado, aqui, os igarapés. Essa área que tá alagada aí, não é outra coisa. O pessoal vai morar aonde? Aí mora o da frente na beira da pista, aí o filho dele faz a casa atrás, o outro faz atrás, o outro faz do lado, tá todo mundo já dentro do igarapé. Então falta mais aqui é urbanização.

10. Luis Augusto

Agora nós estamos aí diante da chegada da ponte aqui, que vai ligar os municípios de Manaus a Iranduba. E Manacapuru por, talvez ser a maior cidade, vai atrair muita gente pra cá. Como que você imagina que vai ser esse momento de transformação? Mais gente vindo pra cá, uma influência maior de Manaus, a importância portuária que o município tem... O quê que você acha que precisa ser feito para esse momento que estamos aí bem próximos de acontecer?

Adauto Silva

Acho que não só Manacapuru, mas como Novo Airão, Iranduba tem que se preparar. Eu tenho um exemplo que tá acontecendo aqui, refletindo a questão da ponte é que o trecho que 15 quilômetros na estrada AM-352, que liga Manacapuru a Novo Airão, uma área de invasão, uma área que há décadas pertenceu a uma firma, agora veio um pessoal do Iranduba com um pouco de Novo Airão invadiram essa área, e antes ninguém nunca invadiu, por que, agora as pessoas estão vendo a valorização dessa terra. Então, já tá chegando um pessoal de fora e de olho grande comprando, já tem gente daqui querendo vender pelo pouco que tá valorizando suas casas e tem gente de fora também vindo prá isso aqui. Eu acho que no primeiro momento não vai chegar muita gente, vão chegar os especuladores, no caso de Manacapuru, os especuladores, por que aqui o pessoal não vê espaço prá assentar, a não ser o empresário. Ele vai pegar o empresário menor, vai tirar do cenário e vai entrar. Agora, quanto às pessoas mesmo, vir prá cá, vai ser mais difícil por que a cidade já tá inchada. Agora, Iranduba, Cacau Pireira vai virar um Bairro de Manaus por que é mais perto sair do Cacau Pireira e atravessar a ponte do que vir da Cidade

Nova. Novo Airão tem muita área, então o pessoal vai correr pra lá, mas Manacapuru, no momento quem tem que se estruturar mais eu acho que é a parte empresarial. Por que senão eles vão ceder espaço para os empresários que vêm de fora e Manacapuru vai ser mais um porto de passagem. Então, não vai chegar muita gente prá ficar, vai ficar muita gente prá explorar.

11. Luis Augusto

Qual a sua visão com relação ao futuro do jornalismo da TV Manacapuru? Hoje em dia, diante do que vocês fazem, o que você acha que é importante pensar em termos de projeto para adequar as necessidades da comunidade ao que é feito atualmente?

Adauto Silva

O nível do jornalismo que nós fazemos aqui já está pequeno o nosso trabalho. Hoje nós já conseguimos cobrir tudo o que acontece no município como poderia ser pelo tamanho da cidade. Hoje nós estamos aí entre as três maiores cidades do estado, então nós já temos condições de ter uma presença maior e não só fora do município, como aqui dentro também, né? A parte jornalística local, por que nem tudo que tem aqui, dá pra entrar no jornal a nível de estado, mas aqui dentro são notícias importantes igual a de Manaus são veiculadas. Mas isso não se tem aqui. Então já se tem o quê? O aumento da equipe jornalística para que se possa produzir melhor ainda para mostrar Manacapuru lá fora e para se trabalhar o jornalismo aqui dentro. Por que não é trabalhado, o quê que nós fazemos aqui hoje? As matérias que veiculadas pra rede, a gente repete aqui, né? Amplia elas, reprise, por que pra rede não tem muito tempo, dá uma ampliada nelas, mas são... E outras simples são feitas pra cá. Mas o jornalismo em si, local, eu digo que não existe. Aí do que se pode fazer, 30% só você faz. Então já dá pra começar a explorar aqui dentro, montar um sistema aqui dentro para se trabalhar o jornalismo aqui dentro e daí tirar o sumo pra mandar lá pra fora. Por que nós estamos fazendo... Pegando alguma coisa pra mandar lá pra fora e repetindo isso aqui dentro, e aqui dentro tem muito mais o que explorar. Hoje só se fala de futebol o quê? Princesa. E o quê mais que tem aqui? Tem tanta coisa, e gente tá mal cobrindo o Princesa, né? Tivemos aí o pessoal que foi pra São Paulo... Oito campeões Brasileiros. Aonde é que esse pessoal treinava antes? O quê que esse pessoal fazia? O quê que vão fazer daqui pra frente? Quem é que pode cobrir isso aí? Nós. Agora quem? Um só repórter? Uma só equipe? Então, mal vai dar para ir lá no Princesa, por que o auge agora é Princesa. Mal dá pra cobrir a enchente, por que agora é enchente. Mas será que paralelo à enchente a cidade não existe? Existe, essa época é a época da fartura do peixe também, O quê que esse peixe tá refletindo na comunidade? Na geração de emprego, na geração de renda. Mas ninguém tá tendo tempo pra isso, agora só é cheia. Então, eu acho que Manacapuru já comporta um número maior de repórter. Agora, assim, pra fazer o que a gente faz. Você pode ter um aqui e não fazer uma matéria, ou pode ter 10 repórteres e também não sair duas. Mas se quiser explorar, Manacapuru já tem suporte para isso.

Luis Augusto

Ok, Obrigado

Segunda Entrevista – 19/06/2009**Doutor Milton de Magalhães Cordeiro, Vice-Presidente de Jornalismo da Rede Amazônica.****01.Luis Augusto****Doutor Milton, eu queria que o senhor me contasse quais foram, assim, as primeiras experiências que o senhor teve com o jornalismo. Quando que começou efetivamente o trabalho na carreira jornalística?****Doutor Milton**

Veja bem Luis, o meu Pai era funcionário público do estado e ele tinha uma boa redação, e na época o jornal A Gazeta, que pertencia a pessoas ligadas ao Partido Social Democrático, o PSD, o convidaram para que ele escrevesse uma coluna diária de relance, e com aquela afinidade também dos amigos do partido, eu jovem ainda, me aproximei do jornal e achei que aquilo seria a minha vocação, não é? Estudava e comecei a freqüentar a redação do A Gazeta. A convite do Calponi Campadilha, que era o chefe de redação, eu aí, me aventurei na função de repórter, de foca, né?

02.Luis Augusto**O senhor lembra que ano que era isso?****Doutor Milton**

Assim de cabeça, não! Mas a primeira matéria que me incumbiram de fazer, foi, justamente, a morte, fazer a cobertura da morte do escritor João Leda, que era da Academia Brasileira de Letras e era um dos grandes filósofos do Amazonas. Rapaz, eu fiquei impactado com aquela incumbência! Mas fui e, ao meu modo, eu fiz uma boa matéria, tanto que o Herculano Cachicóis que era o chefe de redação aprovou imediatamente, né? Aprovou, a matéria saiu, aí eu comecei a fazer outras matérias, principalmente na área de economia, passei a entrevistar, a só criar comercial diariamente, passei a ter um relacionamento com os empresários da época, que eram homens responsáveis de grande influência na capital, e fui. Nunca me envolvi com esporte e com polícia, não é? Não era a minha praça. De maneira que aí eu fui tendo um melhoramento, fiz a faculdade de Direito e, hoje...

03.Luis Augusto**Mas a faculdade de Direito veio depois dessa primeira experiência?****Doutor Milton**

Sim! Foi, aí eu já estava no outro jornal, né? Eu já estava no outro jornal quando eu comecei...

04.Luis Augusto**Quais foram os jornais que o senhor trabalhou?****Doutor Milton**

Olha, eu trabalhei na Gazeta, depois no Diário da Tarde e em O Jornal. Por que o Diário da Tarde era do mesmo grupo da empresa Acher Pinto, tinha o matutino e o vespertino, né? Agora do outro lado tinha o Jornal do Comercio, que é o mais antigo de Manaus e a tarde o vespertino A Tarde, do jornalista Aristófilo Antony.

Posteriormente, surgiu o A crítica, com o Calderaro, que trouxe uma nova feição do jornalismo e aí, o quadro foi se formando.

05.Luis Augusto

Que o senhor lembre Doutor Milton, como que era, assim, a imprensa nessa época que o senhor começou a trabalhar? O senhor falou agora dos jornais impressos, né? O quê que nós tínhamos de emissoras de rádio na época?

Doutor Milton

Rádio, se eu não me engano, só tinha a rádio Baré e depois veio a rádio Rio Mar. Depois, aí veio a Tropical, que hoje é Tropical Cidade, e aí surgiram as outras, já FM, já com o modernismo, dentro de uma nova... Do novo planejamento do Ministério das Comunicações.

06.Luis Augusto

Essas rádios, elas são da década de 40, 50 por aí, já?

Doutor Milton

A Rádio Baré, por exemplo, que é a mais antiga, essa veio até antes, é a Voz da Baricéia, aquela da Manaus antiga, né? Depois é que se transformou em...

07.Luis Augusto

E era do grupo Calderaro essa rádio?

Doutor Milton

Não, Não! Era independente, depois ela fez parte do grupo dos Diários Associados, como o Jornal do Commercio também. Era particular, do Dr. Vicente Reis, depois os Diários Associados compraram o acervo do Jornal do Commercio.

08.Luis Augusto

Como que era essa relação da imprensa na época, tanto o rádio quanto no jornal, com relação ao estado do Amazonas? Por que havia muita dificuldade, eu acredito que em termos de logística, de chegar a informação.

Doutor Milton

Sim, claro! Mas se usava a Societed Press, eram as agências internacionais que forneciam. Com um escritório no Rio ou em São Paulo, eles retransmitiam para os jornais essas informações. E nós tínhamos, o que nós chamávamos de “o tradutor”, que era aquele que, checava as notícias e ele passava pro linguajar correto prá poder publicar.

09.Luis Augusto

Como que chegava aqui em Manaus?

Doutor Milton

Era por teletipo, tipo um teletipo.

10.Luis Augusto

Era Telex?

Doutor Milton

Não era nem Telex, era tipo um teletipo. Aquilo vinha e você ia recebendo as notícias por doses, e você ia formatando a notícia prá sair nos jornais no dia seguinte.

11. Luis Augusto**Como que surgiu a amizade com Phellipe Daou?****Doutor Milton**

Bom, nós já nos conhecíamos das refregas estudantis. O Phellipe foi presidente da União dos Estudantes do Amazonas, que abrigava estudantes universitários e estudantes secundaristas. E eu era do grupo que fundou a União dos Estudantes Secundários do Amazonas. Era eu, o Aníbal Teixeira de Sousa, Vinícius Câmara, Hernane Marques e outros companheiros, o Delfim Filho, e fundamos a União dos Estudantes Secundários do Amazonas, e então, começamos a ter aquele relacionamento mais próximo. E daí, veio... Quando eu fui trabalhar em jornal, já o Phellipe ficou de olho na minha produção, né? E, realmente, houve uma oportunidade que ele me mandou um bilhete perguntando se eu gostaria de trabalhar no Diário da Tarde. Poxa! O Diário da Tarde era o vespertino de maior circulação em Manaus, né? Eu saía da Gazeta, tinha depois tinha à Tarde e, aí poxa! Aí, eu fui lá, e conversamos. A proposta financeira também foi compensadora, aí eu me transferi sem criar inimigos no jornal onde eu trabalhava, né? Eles compreenderam e aí eu fui trabalhar. Depois a própria direção da Empresa Acher Pinto me convidou para fazer parte do grupo redacional de O Jornal. Então, eu era secretário do Diário da Tarde, que era uma função importante na redação. E aí passei a trabalhar também como repórter de O Jornal. E então, completei a minha vida profissional lá.

12. Luis Augusto

E aí como que surgiu essa parceria, porque no final da década de 60 vocês criaram uma empresa de publicidade, né? Que foi o início do negócio.

Doutor Milton

Veja bem, com o surgimento da Zona Franca, o Phellipe vislumbrou que Manaus poderia ser um pólo, realmente, de desenvolvimento. E nós pensamos. Como em Manaus não havia, praticamente, agência de propaganda, era tudo empiricamente feito na cidade, os reclames, os anúncios, né? Nós aí, o Joaquim Margarido, já era amigo nosso por que ele trabalhava numa empresa que prestava serviço de corretagem de anúncios no sul do país, que era a AS Lara, antes de Pereira de Sousa. E aí já vinha a amizade, e propusemos ao Joaquim a possibilidade de fundar a agência com o suporte do escritório no Rio ou em São Paulo, o Joaquim nessa época já morava em São Paulo. E aí nós fundamos a Amazonas Publicidade. Nós começamos a coletar com as empresas os comerciais daqui o que era interessante, e começamos a mandar para São Paulo. Então, vinham os anúncios prontos prá gente divulgar. Eram fotolitos, né? Era aquela arte final que ainda se usava, né? E aí, pronto! A Amazonas Publicidade teve a sua grande vida na cidade, nós realmente, emplacamos muitas peças importantes, interessantes, né? E depois, como nós entramos para o ramo de televisão, não era ético nós termos a agência de propaganda e um veículo de comunicação. Aí nós desativamos, praticamente, a Amazonas Publicidade, por que também criou-se nessa época, nós passamos a ser

representantes da Abril Cultural, da Editora Azul de livros e revistas, né? Aí ficou o Departamento Amazonas Publicidade Distribuidora LTDA, que ainda existe até hoje, né?

13.Luis Augusto

Doutor Milton, e como que foi esse momento que vocês decidiram partir para a concorrência para conseguir um canal de televisão?

Doutor Milton

Bom, Manaus só tinha um canal de televisão que era a TV Ajuricaba, da família Haoache, né? Dona Sadie que é a pioneira. E o Phellipe viu que o Ministério das Comunicações ia abrir concorrência para mais um canal em Manaus, aliás, eu não sei era mais um ou mais dois canais. E aí, nós conversamos, ele conversou... Que tal? Vamos fazer uma empresa? Eu disse: “Phellipe! Rapaz é arriscado e eu não tenho dinheiro pra agüentar”. Ele disse: “ Não! Depois a gente vê isso aí”. Aí, ele conversou também com o Margarido, conversou com um primo dele, que é o Robert, que depois de participar da nossa empresa, se afastou, né? O filho dele comandou durante uma época conosco, trabalhou conosco, depois se afastou. E aí nós concorremos, o Ministério realmente abriu a concorrência e nós nos habilitamos. Na mesma época também o nosso amigo José Ayrton Pinheiro, que tinha vinculação com os Diários Associados, também entrou com... No mesmo Ministério, então, concorremos duas empresas, e concorremos à concessão.

14.Luis Augusto

A TV Baré parece que também estava entrando, né?

Doutor Milton

Era a TV Baré. Tanto que eles... Aí nós tivemos um prazo, apresentamos todos os projetos, ganhamos a licitação, a Baré também ganhou a licitação dela, e aí nós ficamos naquela fase de preparar o projeto e montar, realmente, a emissora. Aí nós fomos. O Robert Daou, que tinha um imóvel disponível, colocou a nossa disposição ali na Carvalho Leal, esquina com a Tefé. Aí, o Severiano Porto, o Phellipe pediu ao Severiano Porto que fizesse as adequações de acordo com o projeto que nós havíamos submetido ao Ministério das Comunicações. Aprovado, aí nós partimos para o grande empreendimento. Conseguimos um financiamento no Banco do Brasil para a construção da torre, né? Da nossa torre. E aí meu amigo... Aí continuou.

15.Luis Augusto

Compraram os equipamentos, né?

Doutor Milton

Compramos da RCA Corporation, compramos, importamos. E, como surgiu já aquele problema da cor, já compramos o equipamento, já visando, justamente, o sistema a cores, né?

16.Luis Augusto

Como que era Manaus e o Amazonas, no dia em que a TV entrou no ar? O quê que o senhor recorda, em termos de, como que era a cidade, como que era o estado?

Doutor Milton

Bom, na cidade. Houve, realmente, um júbilo na cidade porque era mais uma emissora de informação, um meio de comunicação que estava chegando. E como eles já nos conheciam pela nossa conduta, não é elogio de boca própria, mas a nossa conduta como homens de imprensa, a minha, o Phellipe, o Joaquim já como um homem de responsabilidade, ele tem, ele tinha o diploma de publicitário, né? Então não foi difícil, então o pessoal ficou feliz. E tivemos o apoio dos comerciantes e começamos a trabalhar, agora tudo aprendendo, aquele aprendizado, por que Manaus era neófito.

17.Luis Augusto

Quantos habitantes, o senhor lembra mais ou menos? Que Manaus tinha nessa época? Setenta e dois.

Doutor Milton

Manaus? Eu diria que uns quatrocentos ou quinhentos mil. Quatrocentos mil habitantes, por aí assim.

18.Luis Augusto

E o estado do Amazonas era muito isolado, né?

Doutor Milton

Ah! Era muito rarefeito! O interior era... Tanto que quando nós pensamos já em... O Phellipe já programando, pensando em Amazônia. Nós: "Má rapaz tu tá sendo muito depressa", né? Mas o Phellipe era assim, né? Hoje ele já estava pensando no amanhã, e no depois de amanhã. Então, a gente: "Vamos devagar com a louça", né? E você não queira saber, quando nós começamos a trabalhar com as outras emissoras era uma loucura por que nós despachávamos duzentos tapes, né? Aquela fita cassete. Fazíamos embalagens para mandar para o interior. Notícias atrasadas, mas mesmo assim o pessoal queria assistir. O jornal com uma semana de atraso, mas o pessoal queria assistir. Jogo de futebol com uma semana, mas o pessoal queria assistir o tape, era uma loucura quando chegava em uma cidade essa tecnologia moderna, na época.

19.Luis Augusto

Então, dois anos depois vocês inauguraram a TV Rondônia, TV Acre, TV Roraima e TV Amapá. Como é que foi essa empreitada? Vocês se prepararam para esse momento?

Doutor Milton

Não! Aos poucos. A medida que o Ministério das Comunicações abria o edital para concorrência, nós nos habilitávamos, é aquele arrojo da juventude, de moço e com esperança na Amazônia, na grandeza da região. Então, você se lembra que a nossa primeira placa quando nós inauguramos era "Amazônia que unidos venceremos". Aquela frase do presidente Médice. E o Phellipe aceitou aquele desafio e deslançou o processo de ligar toda a Amazônia pela televisão, formando a Rede Amazônica.

20.Luis Augusto

Agora, assim. Como que foi essa logística doutor Milton? Para levar, por exemplo, para construir essa estrutura em Porto Velho, em Rio Branco. Como que vocês conseguiram fazer essa estrutura?

Doutor Milton

Nós começamos a procurar nas cidades pessoas com quem nós pudéssemos nos relacionar e pessoas que nos orientassem, também, localmente. Porque, para nós era coisa difícil, nós não conhecíamos. Então, as pessoas também acreditaram na gente e proporcionaram aqueles apoios necessários prá gente montar em cada cidade a sua emissora de televisão. Os próprios governadores dos estados manifestaram desejo. Disseram: “É bem vinda”. E sabiam que nós já íamos começar lá com a Rede Globo. Por que Manaus nós começamos com veiculações com TV Cultura de São Paulo e depois nós veiculamos a Bandeirante durante longos anos. Tivemos um bom relacionamento com a Rede Bandeirante, uma fraternidade, uma afinidade e uma amizade muito fraterna com a família Saad, né? E depois que nós, por problemas de... É natural, de negócios, afinal de contas o nosso veículo também é uma empresa e tem responsabilidades financeiras, e nós passamos a nos vincular à Rede Globo, quando a emissora, que é pioneira em Manaus começou a enfrentar dificuldades na renovação de equipamentos. Esse foi o principal fator com que... né? E nós tínhamos equipamentos modernos. Todos os anos Luis, era aquela preocupação do Phellipe ver o que tinha de melhor com a nossa engenharia. Depois chegou o Nivelle, depois chegou o Aloísio, também é pioneiro conosco, e foram vendo que havia necessidade de a gente todo ano comprar alguma coisa nova prá ir modificando a parte técnica, o pátio, o nosso parque e graças a Deus, você vê que até hoje a gente tá lutando com dificuldade, mas com o pé no chão, agradecendo a Deus pelo apoio que nós temos recebido dele, em todas as empreitadas que nós demos, nós fomos muito crentes nisso, tementes a Deus, por isso que a gente agradece muito a Deus pela nossa casa, pela maneira como a gente conduz os nossos empreendimentos e da maneira como a gente procura ter um bom time de colaboradores na nossa casa.

21.Luis Augusto

Agora, no interior de Rondônia a gente percebe ali, que as emissoras do interior também são praticamente da mesma época de Porto Velho, né?

Doutor Milton

É, em Rondônia nós tivemos além de alguns diretores regionais, que eram de lá. Depois passou a ter o companheiro Ulisses Azevedo e o próprio Aluísio passou a ter uma administração direta em Rondônia para montar, por que era um estado que proporcionava um futuro importante, não só para nós era importante, começar a ocupar aquela região toda de Rondônia, como financeiramente. Era um mercado que estava se abrindo, era um mercado forte. E aí nós fomos fazendo a linha, o eixo, se tu quiseres o Aluísio pode te dar um depoimento maravilhoso sobre isso, ele, como o Nivelle também pode te dar sobre problemas de equipamento, compra de equipamentos, como foi a instalação disso tudo, por que houve sofrimento também, houve muito sofrimento. Áreas e regiões onde era difícil o acesso, difícil, não tinha quase nada, era realmente terrível. Houve momentos que o Phellipe pensava que ia desanimar, mas com aquela vontade dele ele foi até o fim.

22.Luis Augusto

E a gente tem informações, que houve uma parceria muito grande com as forças armadas, inclusive, para levar muita coisa.

Doutor Milton

Sim, sem a Força Aérea Brasileira, tinha pontos que a gente não conseguia, então, a FAB através dos seus comandantes aqui em Manaus, e de Brasília mesmo, eles compreendiam que essa integração da Amazônica era necessária. O primeiro satélite que nós usamos aqui, o ministro Antonio Carlos Magalhães, que na época era o Ministro das Comunicações, ele bateu pé, disse: “Não! o estado do Amazonas tem que ter o sinal do satélite, não pode ser só do sul”. Por que o sul já estava querendo puxar prá lá. “Não! O sul pode ter a sua parte, mas a Amazônia tem prioridade, e vamos fazer um preço diferenciado porque a Amazônia merece essa integração toda”.

23.Luis Augusto

O satélite, o senhor lembra mais ou menos de que época que é que vocês começaram a ter um acesso direto?

Doutor Milton

Luis, eu, sinceramente, essa parte, eu não sei. Mas com o Nivelte, ou o próprio Phellipe podem te dar um bom depoimento sobre isso. O Phellipe pode até te contar nuanças desse problema do satélite, por que ele suou muito o paletó prá chegar lá com o Ministério e mostrar que nós queríamos, precisávamos desse satélite para formalizar a integração da região.

24.Luis Augusto

Mas, Doutor Milton, como que o senhor viu essa história, que a gente tem aí hoje 37 anos, do ponto de vista jornalístico? Como que foi esse avanço na opinião do senhor, em termos da importância do jornalismo na integração dessa região? Como que o senhor viu o papel da televisão nesse trabalho?

Doutor Milton

Nós achamos que foi fundamental o papel da televisão, e nós tivemos o apoio dos nossos parceiros. No início com a Bandeirante e depois com a Globo, já no patamar de maior amplitude, né? Através das reuniões que nós fazíamos anuais, ou semestrais e da facilidade com que eles proporcionavam a ida dos nossos funcionários para o aprendizado. Usamos muito Brasília, Rio, São Paulo e Recife, né? Nós passamos a usar algumas praças da própria Globo. E acho que isso foi que nos levou a aprimorar a cada ano a nossa participação no jornalismo comunitário e mais ultimamente no jornalismo investigativo.

25.Luis Augusto

A partir de 2003, nós tivemos essa nova fase com uma integração de geração de reportagens através do FTP, que é um sistema utilizando o computador, né? E isso parece que permitiu também uma integração maior dos municípios do interior do Amazonas e outros estados.

Doutor Milton

Sim, foi um projeto concebido pelo Phellipe Daou Junior, que na época era o nosso diretor de Projetos Especiais, e ele acreditou e nos mostrou que isso era extremamente necessário e mais econômico, e então nós criamos. E através da sua atuação já na nossa empresa, com a sua vinda para Manaus, foi implantado, e hoje nós temos aí os nossos vídeo-repórteres do interior dando show, já saindo em noticiários nacionais, quer dizer, na linguagem dele, sem a formação profissional adequada, mas estão lá dando o recado e mostrando a sua cidade para as comunidades e para todo o nosso estado do Amazonas. No nosso Jornal do Amazonas Luis, eu faço questão de botar muita matéria do interior, por que eu acho que o nosso jornal é do Amazonas, não é só de Manaus. É claro que Manaus tem uma primazia, mas eu faço questão de colocar sempre matérias do interior.

26.Luis Augusto

Hoje, depois de toda essa história como que o senhor vê essa importância do jornalismo que a gente faz para o pessoal do interior? O senhor acha que o quê precisa mais ainda nesse sentido de integrar o estado?

Doutor Milton

Olha Luis, eu acredito que com um tempo, diante da tecnologia que está chegando, eles vão ter mais condições de trabalho e vão aproveitar melhor o equipamento que eles vão prá poder usar. Nós temos um planejamento para toda a nossa região, e eles vão ter a oportunidade de usar equipamentos sofisticados que também a informação chegará na mesma ocasião para nós, nós não vamos precisar mais outro, porque sempre tem algo mais para oferecer para a população. Nós já estamos com o projeto da nossa central de mídia, nós já temos alguns projetos em andamento. E com a televisão digital que é o nosso grande projeto hoje, é grande o investimento, nós temos que ter a coisa toda ela balanceada, para evitar que falte aqui e sobre ali. Então, nós estamos através do nosso departamento de engenharia e de tecnologia. Isso aí é um trabalho muito...

27.Luis Augusto

Mas o senhor acha, assim na visão do senhor, que ainda falta alguns pontos do estado que merecem ter uma integração maior, por exemplo, a gente vê que a região oeste do Amazonas, né? É uma região muito carente, até difícil até de chegar de avião lá, de barco, né?

Doutor Milton

Tudo vai depender de uma logística que a gente deve montar. Nós agora através da nossa reestruturação, da nossa reengenharia, nós estamos prevendo tudo isso. Então, eu acredito que nós vamos chegar lá em pouco tempo, mas já dentro de uma tecnologia moderna. Isso é que é fundamental, chegar já como bom, já com o ótimo, não é?

28.Luis Augusto

Uma última pergunta. Se o senhor tivesse que refazer toda essa trajetória, o senhor faria?

Doutor Milton

Rapaz, é apaixonante, não é? A gente realmente... Quando há uma integração entre as pessoas que participam da empresa, isso é muito bonito, isso é muito bom. Então, a gente convive em paz, graças a Deus. Temos, é claro, cada um tem a sua maneira de ver. Muita gente diz: "Mas, como é que pode?" "O Milton que é explosivo e o Phellipe que é calmo, como é que pode dar certo?" E deu certo. Mas, é isso. A gente conversa, a gente ri, a gente brinca. As nossas famílias, graças a Deus são todas elas integradas. E a gente procura trazer para o nosso ambiente de trabalho uma fraternidade muito grande, você vê como eu converso com os nossos funcionários, brinco com eles, né? Eu quando não tive. Infelizmente, eu tive um AVC e tenho dificuldades de subir e descer escada, mas quando eu podia andar bem, eu visitava os setores lá em baixo prá conversar com as pessoas. Então, isso tudo cria um ambiente de família e a gente faz questão disso. A gente tem as nossas festas no fim de cada mês, os aniversariantes. Então, tem família que a família são os colaboradores nossos.

29. Luis Augusto

É difícil manter uma rede dessa, desse tamanho, né doutor Milton? Porque são cinco estados e muitas cidades do interior.

Doutor Milton

É exatamente. Por exemplo, o Amapá que é um outro extremo, mas a gente procura manter com eles a mesma parceria, o mesmo modo com que a gente tem em Manaus. A gente procura ter nas nossas outras emissoras. A gente recomenda aos nossos diretores regionais, que mantenham esse mesmo espírito de convivência fraterna com os colaboradores da empresa, para se tornar uma família Rede Amazônica. E graças a Deus, tem dado certo.

Em off, com imagens de apoio:**Luis Augusto**

Eu vou fazer, na verdade, várias entrevistas, né? E aí, a gente vai pegar partes para colocar no trabalho.

Doutor Milton

É essa parte de engenharia, o Nivelle e o Phellipe também pode contar um pouco dessa história. Pede prá eles te falarem bem sobre o negócio do satélite, o negócio do Antonio Carlos Magalhães, que é importante.

Luis Augusto

É por que mudou, a partir do satélite mudou completamente a situação.

Doutor Milton

Não! E o pessoal não queria. E o Antonio Carlos bateu o pé: "Não, a Amazônia. Esse satélite foi pedido, quando foi pedido, foi pedido prá Amazônia" "Eu acompanhei isso, pá pá pá..." E aí foi.

Luis Augusto

Mas é uma vida, né doutor Milton?

Dr. Milton
É. Trinta e sete anos.

Terceira entrevista – 19/06/2009

Entrevista com Ercilene Oliveira, Gerente de Jornalismo da TV Amazonas.

01.Luis Augusto

Ercilene, fala prá mim como que você chegou na Rede Amazônica? Quando você chegou, como que era a Rede Amazônica de Televisão e qual a sua visão, assim, a sua primeira impressão daquela televisão que você chegou?

Ercilene Oliveira

Quando eu cheguei, eu deixei um currículo na emissora, eu trabalhava com produção na época, e aí eu já tava um pouco cansada. Aí eu resolvi voltar prá TV. Aí, eu deixei um currículo e a pessoa que recebeu o currículo na época ela era a chefe de jornalismo, ela disse que iria ter duas vagas em breve e realmente teve, né? Eu acho que uns quatro meses depois alguém me ligou e o doutor Milton me chamou para uma entrevista e ele me contratou como editora do jornal da tarde, que era o Jornal do Amazonas.

02.Luis Augusto

Que ano que foi isso?

Ercilene Oliveira

Noventa e três. E aí, a impressão que eu tinha... Bom, a gente sempre ouvia falar que a TV Amazonas era a melhor emissora da cidade, eu já tinha trabalhado em outras três emissoras: na TV Cultura, na Rio Negro e na TV A Crítica. E a impressão que eu tinha é que era uma emissora estruturada, embora naquela ocasião ela tivesse, assim, uma equipe reduzida, com as dificuldades ainda de uma época que ainda era máquina de datilografia, né? Essas dificuldades que a gente viveu na década de 80 e 90.

03.Luis Augusto

E aí como é que foi essa mudança? Como que era nessa época a relação com interior do estado, com a rede de uma forma geral? Como que se chegava essas matérias prá cá? Como que eram os jornais nessa época?

Ercilene Oliveira

Não, interior do Amazonas, a gente não tinha notícia nenhuma, não chegava nada. E, a gente na época... A Globo resolver aumentar o fado do horário do almoço, e aí o doutor Milton me procurou e disse assim: "Como é que a gente vai fazer? É um jornal muito grande". Aí, eu falei: "Ah! Porquê que a gente não faz, então, um jornal com todo mundo?" E aí foi quando foi criado o Amazônia em Notícia. Mas as matérias, elas chegavam por fita, por malote.

04. Luis Augusto

Não tinha satélite ainda?

Ercilene Oliveira

É, não tinha, não tinha! E até a nossa comunicação com a Globo era via Embratel, a gente tinha que comprar horário de geração, a gente era realmente muito isolado.

05. Luis Augusto

E a cidade de Manaus e o estado do Amazonas nessa época? Como que era, assim? Manaus tinha quantos habitantes, que você lembre?

Ercilene Oliveira

Não, a gente já tinha, já era uma cidade grande, né? Em 93. Já tínhamos um milhão de habitantes, a gente já tinha uma grande demanda na cidade. Era algo muito parecido com o que é hoje, a gente só não tinha, assim, muitos bairros como tem hoje, um trânsito caótico. Mas a gente já tinha uma cidade bem estruturada.

06. Luis Augusto

Zona Franca já era?

Ercilene Oliveira

A gente já tava na virada, né? Aquele boom da Zona Franca de vir para comprar importados, isso já não existia mais, a gente já tava na fase da indústria mesmo, do movimento de indústria, no pólo eletrônico. Mas a cidade já era essa cidade que é hoje, eu não posso te dizer que nessa, na época que eu entrei aqui era praticamente o que é hoje, já tinha o Amazonas Shopping, já tinha toda uma situação de comércio com o movimento que tem hoje, só que hoje tá maior, mas ele já tava consolidado, o crescimento.

07. Luis Augusto

E o estado ainda tinha muita dificuldade com essa questão da difusão da informação?

Ercilene Oliveira

É, por que a gente não recebia a notícia de lá, né? Então, a gente só recebia alguma informação, por exemplo, a gente cobria naufrágio. Quando acontecia algum naufrágio. A gente, normalmente, a gente só cobria tragédia. Até Parintins, a gente chegou a cobrir, mas era muito timidamente. A gente fazia tragédias e Parintins. Nem o festival de Cirandas a gente fazia em Manacapuru. Então, a gente só sabia do que acontecia no interior se alguém ligasse para falar. Olha: "Aconteceu tal coisa". Aí é que a gente sabia, pela população, a gente não tinha nenhuma equipe lá. Eu acho que o Walter foi o primeiro repórter do interior, o Walter é bem antigo aqui na Rede Amazônica. Aí, às vezes, ele ligava, mandava algumas informações.

08. Luis Augusto

Bom, e aí como é que foi essa mudança, assim? Como é que você percebeu que começou haver uma maior integração dos municípios do interior? Quais foram esses momentos? Até 2003 que realmente começou a ter o FTP.

Ercilene Oliveira

A gente tinha timidamente, alguns repórteres que mandavam alguma coisa, eu falei do Walter. Eu lembro... A priori, só dele. Mas a coisa não veio organizada, a gente não chegou assim, olha: "Vamos fazer isso... Vamos planejar". Aos poucos as

unidades iam aparecendo e as pessoas diziam, olha: “Hoje eu faço parte lá de Tefé”, por exemplo. O Campelo também chegou bem antes, eu lembro do Adauto, mas já com o sistema de FTP. Eu lembro do Campelo, sem o FTP, ele é bem antigo lá, o rapaz de Parintins também é bem antigo, o que saiu né? Eu esqueço o nome dele, o que antecedeu o Ocimar. Ele também já trabalhava lá, mandava alguma coisa em fita, aquele VHS comum mesmo. Então, aos poucos foram surgindo as unidades, eu acho que mais pela iniciativa de quem tava lá, eu não sei exatamente precisar isso.

09. Luis Augusto

E aí quando surgiu, realmente, o FTP, como é que foi esse momento aqui na redação? Vocês passaram a receber? Como é que foi essa mudança?

Ercilene Oliveira

É, chegou prá gente assim: “olha, a partir de hoje vocês vão ter isso”. E aí a redação, ela não interpretou muito bem o quê que era aquela mudança, né? Houve muita resistência, a questão da qualidade, as pessoas reclamavam muito que não era a qualidade que a gente trabalhava aqui em Manaus. A questão da demora, no início era muito demorado, um minuto demorava duas, três horas pra chegar aqui. E também o repórter lá, né? As pessoas reclamavam muito da narração, da imagem dele, da figura. No início houve uma resistência muito grande, e acabou que eu centralizei tudo isso, por que eu tinha que fazer vingar, eu tinha um compromisso de colocar as notícias do interior no ar. E aí, convergia tudo prá mim, eu que ficava conversando com eles, e eu que ficava com aquela tarefa de barganhar espaços nos jornais, ficava assim, meio que implorando para as pessoas divulgarem as notícias das cidades quando eles mandavam. Então houve uma resistência muito grande mesmo para consolidar o trabalho deles.

10. Luis Augusto

E aí, a partir desse primeiro momento, como é que foi a expansão? Parece que Manacapuru foi a primeira cidade, né? Como que foi surgindo essas novas emissoras? Quer dizer, as emissoras eu acho que elas já existiam, né?

Ercilene Oliveira

Já existiam. É, a estrutura se deu, pelo que eu sei, mediante a estrutura., Se havia uma condição, se havia uma equipe para isso e mediante parcerias, né? Então, na verdade eram estratégias que os chefes da área técnica montaram e a estratégia deles, eram eles que determinavam quem iria ter e quem não iria ter o envio pela internet.

11. Luis Augusto

Essa figura do coordenador do interior, que é o papel que o Raimundo desenvolve, passou a ter já desde esse começo? Como é que ele surgiu?

Ercilene Oliveira

Não, essa figura existe há muito tempo. Eu acho que existe há uns vinte anos, eu suponho. Por que o Raimundo tá nessa função há muito tempo. Só que na verdade era mais um contato da prefeitura com a Rede Amazônica para botar um transmissor na cidade, se baseava apenas em equipamento. Aí depois que resolveram colocar em cada estrutura, pessoas para gerenciar. Por que em muitos municípios é só isso, né? É só um equipamento para receber o sinal da emissora, e o Raimundo, o

coordenador, era essa pessoa que fazia o contato com a prefeitura, por que essas parcerias são feitas com o poder municipal.

12. Luis Augusto

E aí, aqui dentro do jornalismo da Rede Amazônica, a partir de, acho que de dois anos atrás, nós passamos a ter um coordenador de jornalismo, né? Como é que foi esse momento? Você que fazia esse papel diretamente de se relacionar com os vídeo-repórteres, passou para a figura do Valdomiro, né? O quê que você acha que evoluiu nessa relação do ponto de vista do jornalismo, do efeito aqui na redação?

Ercilene Oliveira

Bom, primeiro que havia essa necessidade, né? Por que, eu com a parte administrativa do trabalho, eu não tinha condições de dar a atenção que eles merecem. Então, eles precisavam de uma pessoa para discutir pauta com eles, para fazer uma interação entre todos, como é feito hoje pelo skype, né? Eles conversam pela internet, eles trocam idéias, eles discutem pautas, eles corrigem textos. O Miro corrige o texto de um repórter e quando ele passa a correção todos os outros estão vendo. Então, essa troca de informação foi um grande ganho. Centralizando na figura do Miro, a gente conseguiu fazer um dado estatístico de aproveitamento, de quantas matérias chegam, de quantas matérias são usadas, quantas não são usadas, aonde elas são usadas. Então a gente tem esse levantamento quantitativo da produção do interior, coisa que anteriormente eu não tinha condições de fazer, por que eu não fazia só isso, então o coordenador do interior do jornalismo, ele faz só isso. E ele também consegue controlar o aproveitamento, ele consegue fazer a oferta para os jornais, ele consegue dar um retorno para o rapaz do interior, se usou, por que não usou? Então, era fundamental essa função, era necessária, por quê? Por que está crescendo, hoje são vinte e seis pessoas trabalhando, imagina se a gente tiver sessenta, aí já vai ser insuficiente uma pessoa só. Por que já deve ser, né? Se os vinte seis resolverem falar com ele, discutirem assuntos, ele vai ficar assoberbado em um dia, né?

13. Luis Augusto

Pela sua experiência: Qual o efeito desse trabalho, do ponto de vista das comunidades, você tem informações do *feed back* que acontece prá lá, prá quem tá divulgando a notícia local em nível regional, em nível até, muitas vezes, nacional? Você percebe algum retorno prá eles, nesse sentido de divulgar as notícias locais?

Ercilene Oliveira

A maioria das informações que a gente recebe, nesse sentido, vem dos repórteres. Eles falam que o retorno é excelente, por que a comunidade se vê né? Ela se sente partícipe da informação, ela não é mais excluída, entendeu? Ela tá no contexto do estado. As coisas que acontecem na cidade delas, viram notícias no estado todo. E isso melhora a auto-estima da comunidade, ela se faz presente, embora longe. É por isso que a gente mostra, a gente procura falar para o pessoal de Manaus sobre essa importância. Então, o retorno realmente foi muito bom e aí, a gente deixou de... No início, a gente fazia muito, aquela coisa muito: poder público, né? A prefeitura fez isso, a prefeitura fez aquilo, por quê? Por que o repórter, ele tava muito focado nisso, ele achava que só aquilo era notícia. E hoje, eles já vêem que tudo na cidade

é notícia. Eles já conseguem mostrar o cotidiano das cidades, até as coisas mais simples. E isso valoriza muito a sociedade do interior do Amazonas.

14.Luis Augusto

Qual é o desafio, na sua opinião, do trabalho do jornalismo aqui de Manaus, na formação desses profissionais? A gente, muitas vezes, percebe que são pessoas da comunidade, né? Qual que é esse desafio de formar essas pessoas para fazer, realmente, um trabalho jornalístico que a gente tem um padrão, que a gente vê aqui em Manaus?

Ercilene Oliveira

Bom, da parte técnica, eu não sei se um equipamento mais durável, por que o equipamento que eles usam, ele tem uma vida muito curta e, eventualmente, dá um trabalho para eles, por que tem que ficar trocando. Da parte profissional do repórter, eu acho que eles precisam ser mais treinados, por que muitos vêm de rádio, outros são professores, são pessoas que faziam atividades outras, e que eles não conhecem o dia-a-dia do jornalismo. Eu acho que eles deveriam ser treinados na questão do texto, na questão da linguagem, aprender como faz, realmente, o jornalismo em TV. Por isso é que a gente tenta dar um curto treinamento prá eles aqui, e por isso que a gente faz essas conversas e essa troca de experiências com as pessoas mais, há mais tempo na função. Hoje eles têm idéia da importância do que é a notícia para o jornalismo. Antigamente não! Por exemplo, uma coisa, um fato importante acontecia na sexta, mas aí tinha o sábado e o domingo, e eles queriam descansar e só divulgavam na segunda. Eles não tinham idéia que a notícia é importante acima de tudo. Hoje não, a maioria, eu acho que 100% deles já têm essa noção. E acho que mesmo é enquadrá-los com o foco jornalístico, né? Eles terem noção disso.

15.Luis Augusto

Especificamente do ponto de vista de Manacapuru, que foi a primeira cidade a ter geração de FTP, e a atuação do Adauto, que é um dos repórteres que mais participa, né? Qual a sua visão desse trabalho que está sendo feito lá? E o quê que você acha que seria importante para o crescimento desse trabalho?

Ercilene Oliveira

Bom, o Adauto, ele é uma pessoa... Talvez por ele ser um professor, né? Profissionalmente. Ele tem uma facilidade muito grande de aprender, de assimilar conteúdos. Então, isso facilitou muito o início da carreira dele como repórter. E ele é extremamente dedicado à função. Ele busca, ele procura notícia em tudo que ele vê. Então, isso ajudou ele a ser bastante presente. E ajuda também o fato de Manacapuru ser um município grande e ter muita coisa acontecendo ao redor dele. Então, eu acho que isso aí colaborou muito para o crescimento como repórter do interior. Eu acho que ele tem na comunidade que ele vive um respeito muito grande, pelo trabalho que ele desenvolve. E por ser uma comunidade grande, eu acho que já caberia a ele uma estrutura um pouco maior, talvez um pequeno jornal na cidade. Por que, ele faz tudo que os outros fazem, as inserções do jornal 24 horas. Agora, para ele ter um pequeno jornal na cidade dele, para que ele possa dar notícias de Manacapuru, ele precisaria de uma estrutura um pouquinho maior. Penso eu que, como a ponte vai chegar, economicamente, Manacapuru vai crescer, crescendo

umenta a receita, né? Do grupo que ele tá. Aí, a gente pode viabilizar para ele essa estrutura maior.

16.Luis Augusto

Última pergunta. Do ponto de vista da redação dos telejornais. Qual o efeito que você vê do FTP no dia-a-dia da redação? Depois de todo esse trabalho, desses últimos anos. O quê que você acha que mudou? O que você acha que foi bom? E o que ainda deve ser melhorado no jornalismo dentro da Rede Amazônica?

Ercilene Oliveira

Ah, o que mudou foi o diferencial, né? Tanto prova que, depois que a gente começou, outras emissoras aderiram a essa situação de ter pessoas no interior enviando. Então, eu acho que isso é o que nos diferencia dos demais, essa universalização. Eu acho que, justamente isso, que fez com que... Depois que as pessoas da nossa redação perceberam que isso nos deixava diferente dos demais, elas passaram a aceitar, elas passaram a adotar. Tanto é que hoje a gente vê um esforço muito grande deles em dar notícias do interior. E aí, a gente tem algumas cidades, por exemplo, que tem dificuldade de envio de material de vídeo, e os repórteres mandam fotos. E aí, o pessoal já tá dando foto, já tá compondo a notícia. A notícia, ela tem sido mais importante do que qualquer outra coisa. Antigamente, não ter imagem era um obstáculo para não dar o fato. Hoje não, eles dão a notícia do interior, o importante é ter, entendeu? A informação chega aqui e dificilmente ela é recusada. Então eu acho que eles sentiram a importância que o interior tem para o jornalismo da Rede Amazônica e passaram a valorizar, por que eles divulgam tudo, seja lá o que for.

Quarta entrevista – 19/06/2009

Entrevista com Valdomiro da Silva Tavares, Coordenador de Jornalismo do Interior.

01.Luis Augusto

Miro, eu queria que você falasse um pouquinho, como é que foi a sua chegada na Rede Amazônica? Que ano você começou a trabalhar aqui? E como foi esse início, qual a sua visão dessa casa que você chegou, a TV Amazonas?

Miro Tavares

Olha, eu comecei na TV Amazonas em maio de 1995, logo depois que eu terminei a faculdade, né? Que eu estudei na Universidade Federal do Amazonas, fiz jornalismo e quando eu era estudante, tinha esse sonho de trabalhar aqui. Graças a Deus, foi um sonho que Deus me permitiu realizar.

02.Luis Augusto

Como que era a TV naquela época?

Miro Tavares

Era ainda lá na Cachoeirinha, né? O espaço era pequeno, comparado com o que nós temos atualmente. Eram máquinas de escrever e para o repórter gravar o off, nós tínhamos que parar de datilografar, né? Por causa do barulho. Então, quer dizer,

enquanto o repórter fazia o texto dele, tudo bem. Quando era prá gravar, todo mundo parava, né? Prá não fazer barulho, prá não atrapalhar o off, a gravação do off.

03.Luis Augusto

Nessa época, como que era Manaus, na sua visão? Como que era o interior do estado nos nossos telejornais?

Miro Tavares

Olha, o espaço que, e as notícias, na realidade, que se tinha do interior eram poucas. Por que nós aqui, eu lembro, que em relação às outras emissoras do grupo, nos outros estados: Roraima, Amapá, Rondônia e Acre. Nós recebíamos fita U matic, né? Prá escolher essas matérias que vinham o texto dentro com duas, três matérias e normalmente, era aquela coisa meio fria. Por que o factual não dava prá dar dos outros estados, porque ia chegar velho, né? Então, eles fazias aquelas matérias meio frias, prá gente poder utilizar no jornalismo aqui.

04.Luis Augusto

E interior? Notícias do interior do Amazonas? Era...

Miro Tavares

Quase nada! Não se tinha.

05.Luis Augusto

E Manaus? Como que era a cidade de Manaus? Já era uma cidade grande? Como que era?

Miro Tavares

Olha, comparado com que é hoje, era bem menor. Por que, por exemplo, na época não existia viaduto na cidade, né? Então, o trânsito também não era essa loucura que é hoje. Prá onde você vá, independente de horário, você pega engarrafamento. Naquela época não, tinha os horários chamados de rush, que era de manhã cedo, ou no fim da tarde. Durante o dia, por exemplo, o trânsito era tranqüilo. O índice de violência também era menor.

06.Luis Augusto

E depois desse tempo todo, Miro, como é que foi esse processo de integração da Amazônia através do jornalismo? Como que você passou a ver o incremento das notícias do interior, e até das próprias praças, no dia-a-dia da redação?

Miro Tavares

Olha, eu vejo isso aí como de suma importância e essencial para quem quer divulgar, de fato, o que acontece no estado. E essa preocupação que a Rede Amazônica tem, a TV Amazonas tem, de mostrar, de fato, o que ocorre no interior. Atualmente nós temos vinte e seis correspondentes, né? Que a gente mantém contato e muitas vezes, a gente dá o fato, muito antes, de todo mundo. Apesar de as pessoas dizerem que não existe mais furo, né? E, tudo é rapidamente divulgado, por que a gente tá na era da comunicação e tudo mais. Mas em muitos casos, nós, graças aos nossos correspondentes no interior, nós damos muitas notícias em

primeira mão, mostrando o que ocorreu, né? Eu vejo o fato de nós termos esses vinte e seis correspondentes no interior, como o nosso grande diferencial, né? Em relação às outras emissoras, por quê? Por que só nós temos correspondentes no interior, as outras emissoras devem ter um, dois, três no máximo. Mas mesmo nesses lugares, onde as outras emissoras têm correspondentes, nós damos notícia, ainda, na frente delas.

07.Luis Augusto

Quando que passou a ter esses primeiros correspondentes do interior, que você percebeu? A partir de 2003 é criado o FTP, mas antes já tinha gente trabalhando né?

Miro Tavares

Já, já tinha em alguns municípios. Que era o caso de Parintins, era o caso de Itacoatiara, de Manacapuru. Só que era aquela coisa, digamos meio solta, né? Por que não existia um trabalho de acompanhamento do que o pessoal do interior fazia e nem de cobrar que eles mandassem. Então, eles ficavam muito à vontade. Se quisesse mandar, mandava. Se não quisesse... Por que a gente queria a notícia, mas não sabia o que acontecia e eles muitas vezes não tinham essa preocupação de nos informar o que estava ocorrendo lá.

08.Luis Augusto

A partir de 2008, foi criado esse cargo de coordenador de jornalismo do interior que você assumiu né? E passou a fazer um trabalho de edição das edições de matérias, né? Como é que foi esse começo de trabalho? Que metodologia você procurou implementar e qual relação que começou a desenvolver com eles?

Miro Tavares

Olha, graças à internet, né? Que isso facilita muito a nossa vida, eu acho que sem internet hoje, a gente não teria como manter esse contato mais direto com o pessoal do interior. Por que nós temos um chat diário, né? Que é no Skype. E o quê que eu imaginei? Por que na realidade quando foi criada essa área de coordenação de interior, ficava algo solto, por que a gente ainda não tinha idéia de qual o potencial que o interior tinha. Então, tivemos que agregar isso aí, como? Mostrando para todo o grupo do interior o que cada um estava produzindo. Por isso nós criamos um chat. Por que, por exemplo, o menino lá de São Gabriel da Cachoeira sabe o que Manacapuru tá fazendo, o que Itacoatiara tá fazendo, o que Tabatinga tá fazendo. Por que quando a gente tá conversando ali, além de estarem surgindo novas idéias, tirando dúvidas, há uma ajuda mútua, né? Às vezes um está com problema de transmissão de FTP e pergunta: “olha, tá acontecendo isso aqui, como é que eu resolvo?” O outro colega já responde: Olha, faz isso, faz isso, faz isso... E com essa ajuda mútua, facilita o trabalho de todo mundo. Existe de fato aquela parceria

09.Luis Augusto

Hoje como que você definiria o perfil desse profissional? Do vídeo-repórter que nós temos na Rede Amazônica. Muitas vezes eles desenvolvem outras funções lá, né? E no geral, assim, qual é o perfil desses 26 profissionais que atuam hoje no dia-a-dia nas emissoras do interior?

Miro Tavares

Olha, o que eu converso bastante com eles é que eles têm que estar sempre sabendo o que ocorre no município deles. Porque a única maneira de nós sabermos aqui em Manaus é através deles, né? Então, eles têm. Inclusive, muitas vezes, eles até dizem que quando entra matérias deles, é? Eles são cumprimentados pela população e tudo mais, as pessoas gostam de se ver. É aquela questão da pessoa se ver na TV, né? E os correspondentes no interior eles proporcionaram isso aí, né? Então, por exemplo, outro dia um colega lá de Barcelos, né? Foi apenas uma nota seca que ele mandou, mas o pessoal lá viu e gostou, e cumprimentaram ele: “Olha, fulano, gostei”. Barcelos apareceu na TV, falaram de Barcelos na televisão, né? Então eles se sentem empolgados e estimulados cada vez mais a produzir mais, né? Por que uma orientação que eu passo a eles, termos políticos, por exemplo, que nós não somos e nem a favor e nem contra ninguém. A nenhum prefeito, a nenhum secretário, nós vamos mostrar o que ocorre no município. Se ocorrer um problema, nós vamos mostrar esse problema, se tem coisas positivas, nós vamos mostrar essas coisas positivas, independente de quem seja.

10.Luis Augusto

E você nesses dois anos aí que está à frente desse trabalho, já percebeu uma mudança quantitativa na participação deles?

Miro Tavares

Já, inclusive, esse mês de junho eu tô na expectativa da gente bater um recorde de 200 materiais por mês, né? Por que o máximo que nós chegamos no ano passado foram de 194 materiais, por que a gente não chegou a 200. E eu tô nessa expectativa de agora em junho nós chegarmos. Ontem eu fiz uma contabilidade rápida assim, nós já ultrapassamos 100, né? E como tá aumentando o número de correspondentes também, então, com certeza, vai aumentar também a produção.

11.Luis Augusto

E o aproveitamento desse material também melhorou? O aproveitamento nos telejornais.

Miro Tavares

Olha, tem. Por que o nosso grande *xis* da questão, por que o nosso tempo não depende de nós, depende do *fade* que a Globo nos dá. Então, o quê que ocorre? No sábado quando normalmente o *fade* é maior, então, o aproveitamento também é maior. Já teve dia de sábado aqui que o Amazônia TV, por exemplo, usou 7 materiais do interior.

12.Luis Augusto

E você tem percebido uma melhora deles com relação ao o que é a notícia? Em saber melhor o que é a notícia, o quê que vai, realmente, ter interesse para a comunidade nos telejornais?

Miro Tavares

Sim. Tem essa preocupação por que uma coisa curiosa que normalmente ocorre no nosso chat, em que um chama a atenção do outro, mas no sentido de colaborar, de ajudar. Por exemplo, tem o nosso colega lá de Manacapuru que no grupo ele é o alvo das gozações, né? Porque dizem que ele faz passagem dançando na frente da

câmera! Então, pelo fato de lá existir a ciranda, né? Então os meninos começam a bagunçar com ele perguntando se o tempo todo ele acha que tá dançando a ciranda e tudo mais, né? Aí, já tem outros colegas, o de Tabatinga, por exemplo, devido à fronteira com a Colômbia, né? O índice de apreensão de droga também é grande, principalmente de cocaína, então, normalmente ficam bagunçando com ele que ele é da cidade do pó e tudo mais, isso e aquilo. Então eles procuram a característica de cada município, né? E tiram uma brincadeira em cima disso, como é o caso de Parintins, por causa do festival folclórico. Então, existe essa integração e existe essa preocupação. Quando existir, por exemplo, uma informação que eles consideram que não está boa, eles criticam: “olha, eu acho que isso aqui faltou tu melhorar e tudo mais”. Um chama a atenção do outro nesse sentido de colaborar mesmo.

13.Luis Augusto

Agora, Miro, quais são as maiores dificuldades que você vê no trabalho desse pessoal? O quê você acha que precisa ser melhorado nesse trabalho?

Miro Tavares

Olha, se todos tivessem, por exemplo, o FTP isso seria assim, estupendo. Por quê? Porque a notícia chegaria muito mais rápido, todos os dias nós teríamos notícias.

14.Luis Augusto

Hoje, quais praças que tem FTP?

Miro Tavares – Nós temos em Itacoatiara, Manacapuru, Tefé, Coari, Tabatinga, Apuí, Parintins e Presidente Figueiredo.

15.Luis Augusto

E você tem alguma previsão de novas cidades que estão com o projeto da Rede Amazônica?

Miro Tavares

Olha, pelo que eu conversei com o coordenador de interior que é o Raimundo, né? Por que uma preocupação que eu tava observando no mapa do Amazonas, na parte sul do oeste do estado, assim mais para o lado do Acre, né? Em termos de região, nós ainda não conseguimos chegar lá como nós pretendemos, por quê? Em termos de estado a gente tem muita coisa nos municípios mais próximos de Manaus, agora esses mais distantes, como o caso de Guajará, a gente ainda não tem. Então, eu conversei com ele, e ele disse que está no projeto de se ampliar, né? agora isso obviamente necessita de um investimento muito grande e todo um projeto para poder alcançar.

16.Luis Augusto

Agora eles são sozinhos, né? Como que é o dia-a-dia deles? As dificuldades que eles enfrentam, por que muitas vezes são localidades distantes, né? Como que é feito esse trabalho de apoio logístico a eles?

Miro Tavares

Olha, para os colegas que não têm FTP, que não têm a parte de informática da empresa no município, os outros colegas eles acessam a internet, via esse sistema do skype e a empresa dá uma ajuda de custo para que eles conversem com a gente

diariamente, que é para facilitar. E alguns têm transporte próprio e a empresa também ajuda, no caso aluguel de moto, compra de gasolina, ou só a compra de gasolina para quem tem condução própria. E outros, talvez pelo tamanho do município em si, eles não chegaram a pedir nenhum tipo de ajuda.

17.Luis Augusto

Agora você vê, assim, a possibilidade de se fazer jornais locais nessas localidades? Pelo que você vê no volume de informação que se chega dessas populações, também de cidades maiores, você acha que seria importante ter telejornais locais?

Miro Tavares

É de suma importância, né? É claro que não sei se esse momento já seria o propício, o ideal, porque isso demanda toda uma estrutura, né? Por quê? Por que nós temos um correspondente que ele é o vídeo-repórter, ele edita, ele manda o material, ele capta, né? E manda o material. Aí eu tava pensando, por exemplo, no caso Manacapuru, ou de Presidente Figueiredo ou Itacoatiara, ou Parintins que são os quatro maiores municípios. Se eles forem fazer esse jornalzinho local, que é o ideal, eu digo, como é que vai ficar a questão do envio para Manaus? Aí eu digo, a gente vai ter que encontrar uma saída, de ter uma produção local, né? E também que eles não deixem de nos mandar o material. Por que a partir do momento em que se cria esse jornal local, provavelmente, a preocupação deles vai ser em fechar o jornal para o município, né? Só que a gente não pode deixar, abrir mão de forma alguma de continuar recebendo o material desses municípios.

18.Luis Augusto

Agora uma última pergunta. Do ponto de vista do efeito desse trabalho do FTP, dos correspondentes do interior, dentro da redação da Rede Amazônica. O quê que mudou? O conteúdo desse material chegando diariamente para os nossos telejornais?

Miro Tavares

Olha, eu acredito, e isso eu digo pro pessoal do interior, né? É o grande diferencial da Rede Amazônica em relação a todas as outras emissoras é o interior do Amazonas, né? Por que só nós temos, como eu falei anteriormente. E eu costumo dizer para eles o seguinte: que o jornal, ele tem o tempo dele delimitado, o JAM (Jornal do Amazonas) em torno de 11, 12 minutos, né? Que quando entra um material do interior esse material entrou, não por bondade do jornalismo aqui em Manaus, mas entrou por que o material mereceu ir para o ar, vale a pena ir para ar. Então, toda vez que entra um material eles tenham certeza que um material deixou de ir ao ar, né? Ou foi, talvez, de uma forma mais reduzida em termos de tempo. Então o nosso grande xis da questão é nisso aí, por que eu digo: “gente se esforcem para cada vez fazer um material melhor, por que aqui em Manaus o pessoal não ter a desculpa de que o material não tá bom”. Então, cada vez melhorando e cada vez mais chegando, sobre tudo, com antecedência, né? Por que muitas vezes, como depende da internet, e internet depende do tempo, chuva e outros fatores extras, a gente tá contando com o material, mas infelizmente devido à internet, não chega. E às vezes, um material bom, né? Que seria para o primeiro jornal do horário. Então, melhorou, melhorou muito, pode melhorar ainda mais, né? E o pessoal do interior tá com essa mentalidade já, de saber que sempre buscar fazer algo melhor, por que

eles sabem que eles estão concorrendo com os repórteres de Manaus, nesse sentido. Eu vou fazer uma matéria, Manaus também está fazendo matéria, então, a notícia do interior tem mais peso do que um fato que ocorreu em Manaus, tem, então, a notícia do interior vai entrar e uma de Manaus, não. Ou pode ocorrer o contrário, de repente o que está no interior hoje não tá legal, prioriza-se sempre o que tiver melhor.

19.Luis Augusto

Agora do ponto de vista das comunidades, pelo que você ouviu falar. Qual o efeito desse trabalho nas comunidades, assim pelo que você ouviu falar deles mesmo, e até do público geral?

Miro Tavares

Olha, muitas vezes nós recebemos e-mails e até telefonemas elogiando os trabalhos e muitas vezes cobrando. Para você ter uma idéia, no caso lá de Maués, né? O pessoal cobrando, porque que não dava previsão do tempo para Maués? Então, o telespectador no interior, ele tem essa preocupação com o todo, ele quer que fale o nome do seu município seja onde for. E já tinha tido ano passado e em anos anteriores também a cobrança, no caso, de Lábrea, de outros municípios, de Humaitá também, né? Então, as pessoas, elas querem. Quando dizem, citam o nome deles, né? Eles já se sentem satisfeitos de estar sendo ouvidos e lembrados, sobre tudo.

Quinta entrevista – 22/06/2009

Entrevista com o historiador e escritor Abraham Baze.

01.Luís Augusto

Qual a percepção da imprensa antes da chegada da TV Amazonas, do ponto de vista do rádio e do jornal.

Abraham Baze

A Amazônia, nós temos de entender a partir dos viajantes, que ao tomar conhecimento dessa Amazônia, ao ingressar nessa Amazônia, a visão deles é que essa Amazônia não era habitada. A Amazônia estava nesse vasto território, sem habitação. Essa era uma visão do europeu porque na realidade essa Amazônia do século XVII, do século XVIII, era realmente habitada. Ela tinha a presença indígena que, aliás, vale apenas ressaltar, que durante toda essa trajetória o único estado do Brasil que mantém um número grande de etnias indígenas é o estado do Amazonas. As demais capitais brasileiras já perderam grande parte de suas etnias. Aqui o povo indígena permanece em grande quantidade. Então, essa visão do europeu faz com que hoje nós possamos entender essa Amazônia de uma forma melhor. Com a chegada da imprensa e, até 1880, nós não tínhamos jornal no Brasil, até porque era proibido. A administração do Brasil era portuguesa e não permitia jornal. No entanto, com a chegada da família real, se tem a possibilidade de ter gráfica e de ter jornal. A família real chega ao Brasil e já traz consigo impressoras, já traz consigo equipamentos e já traz consigo profissionais que iriam fazer funcionar todo esse histórico. O primeiro jornal do Brasil vem em 1810, na Bahia e em 1812 no Rio de Janeiro, a história está aí muito clara para dizer isso... A província do Amazonas passa a ter seu primeiro jornal em 1852. Então, isso mostra que não estamos muito

longe dessa evolução que surgia depois da chegada da família real. Bom, tivemos alguns jornais impressos, manuscritos. E a nossa história de jornais manuscritos é muito rica. Mas essa Amazônia continuou sendo habitada, sendo descoberta, as cidades foram sendo fundadas e ela começa a ter o processo de comunicação entre o jornal escrito e o rádio. Isso claro, que deixava uma ausência muito grande, do grande centro. Ou seja, o que se produzia de comunicação, de informação, Rio, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Recife, as grandes capitais não chegavam aqui em tempo real. Quando muito chegavam, a informação era por Telex que era transmitido para o jornal que circulava, uma vez por semana, (a maioria dos jornais da Amazônia, a maioria funcionava semanais, outros quinzenais). E as rádios faziam um esforço muito grande para obter notícias e dar notícias. Esse entendimento de um vazio que não existe, um vazio demográfico nas comunicações na Amazônia, porque nós não podemos entender a Amazônia como vazio, pois na realidade a Amazônia já tinha jornais, já tinha rádio, ela já tinha formas de comunicações em cada Estado, pequeno Estado, pequeno município e tudo mais. Com o processo revolucionário, 1964, havia uma preocupação, novamente, de uma forma errada de pensar a Amazônia, ocupar a Amazônia através das comunicações. Eu diria que, não se ocupou a Amazônia através das comunicações. As comunicações chegaram à modernidade. Da forma de se comunicar que chegou na Amazônia. E claro, nós não tínhamos satélite. Belém do Pará já tinha emissora de televisão, mas o Acre, Rondônia, Amapá e Manaus... (expressão negativa). E surge então, a primeira emissora de televisão em Manaus, 1969, do grupo Hauache, Sadie Hauache. Surge a TV Ajuricaba que naquele período com todas as dificuldades de fazer televisão no Estado do Amazonas, eu diria que eles foram empreendedores, foram corajosos, foram dinâmicos, porque conseguiram colocar uma televisão no ar, com chuva, com muitas dificuldades, sem os profissionais preparados para esse novo sistema de comunicação que chegava. O Amazonas não estava preparado para isso. E o quê que ocorreu? vieram da imprensa já existente, no caso jornal e, principalmente, do rádio. Porque normalmente aqueles que trabalhavam com rádio, tinham lá uma pequena participação no jornal e vice-versa. Mas o grupo do rádio foi o que realmente fez televisão.

02. Luís Augusto

Você falou que o primeiro jornal do Amazonas foi em 18...?

Abraim Baze

Em 1852.

03. Luís Augusto

Você tem o nome dele?

Abrahim Baze

Se não me falhe a memória, *Estrela do Amazonas*, mas eu posso, se tiver enganado, confirmar.

04. Luís Augusto

Antes de entrar na televisão, me fale do início desse século que é criado a Rede Amazônica. Quais os jornais impressos que se destacaram, e as emissoras de rádio, quando elas começaram a surgir?

Abrahim Baze

Bom, o jornal no Brasil tinha um peso muito grande com Assis Chateaubriand. Então o Jornal do Comércio estava em todo o Brasil e no Amazonas, em 1904. E o Assis Chateaubriand se encarregou de espalhar o Jornal do Comércio no Brasil todo. E, aliás, Assis Chateaubriand traz a televisão para o Brasil. Bom, o jornal aqui, a nossa história de jornais é muito rica. Nós tivemos muitos jornais, embora alguns não tivessem um período de vida muito longo. Mas, nesse período da revolução, nós tínhamos o Jornal do Comércio, nós tínhamos O Jornal, O Diário da Tarde, nós tínhamos A Crítica. A crítica já fez sessenta anos... Nas rádios nós tínhamos A Notícia.

05.Luís Augusto
Quais as datas?**Abrahim Baze**

Eu não posso precisar essa data, mas o Assis Chateaubriand quando trouxe o jornal do Comércio, em seguida ele traz a rádio.

06.Luís Augusto
O Jornal do Comércio, a origem é do Assis Chateaubriand?**Abrahim Baze**

Assis Chateaubriand. A rádio mais antiga hoje, além da Difusora, eu digo que é a Baré. Nós temos a rádio Difusora, a rádio Rio Mar. Esse foi o processo das primeiras rádios em FM, Baré, Difusora e Rio Mar. Mas o rádio teve importância muito grande. Pela ausência de televisão, o rádio supria a rádio novela e nós temos nomes expressivos.

07.Luís Augusto
Década de 40?**Abrahim Baze**

Década de 40. Nós temos a rádio novela, principalmente, na rádio Baré, na rádio Rio Mar. Tem um dado interessante nessa área de comunicação com as rádios porque o Mário Lago, na década de 40, escreve uma novela em três capítulos para ser levada ao ar em Manaus. Inclusive isso, tem registros da entrega desta novela. E havia um grupo de teatro muito grande entre ele e a Gerusa, José Azevedo. Era um grupo muito grande que fazia rádio teatro. Que fazia rádio na Divina Providência, que fazia teatro no Luso, mas que fazia rádio-teatro também, porque os atores eram os mesmos. E nós temos o momento também, desse rádio teatro muito importante porque o mesmo grupo que fazia o rádio-teatro acaba trazendo o Procópio Ferreira para se apresentar no Teatro Amazonas. Então veja, a forma de se comunicar não importa, se através do rádio, se através do teatro, se através do jornal, da imprensa escrita, a forma de comunicar é muito rica. Embora nós tivéssemos distantes das grandes capitais, esses grandes nomes vinham para cá e traziam um pouco da sua contribuição. Você imagina uma rádio novela, em três capítulos. Era uma coisa louca! Aliás, a TV Amazonas guarda um conceito, um fato histórico muito importante, porque a primeira novela produzida em Manaus, pelo titio Barbosa, para a TV Amazonas, também em três capítulos chamado de "Sonho de Pop". Quer dizer, é muito interessante que você começa a observar que o fato de comunicar traz, de

certa forma, o anseio de comunicar. Ou seja, esses profissionais procuravam levar ao conhecimento público, aquela forma de entreter, de fazer com que a pessoa se sentisse bem, e a espera desse grande feito é a novela hoje. Mas em 1969, quando surgia a televisão, esses profissionais do rádio começaram a migrar para a televisão. E foram grandes nomes, eu não me recordo aqui, mas tem grandes nomes que migraram. E interessante, migraram para fazer televisão e aprenderam a fazê-la com o dia a dia, porque não havia uma escola como há hoje. Não havia um núcleo formador, como se tem hoje, nas grandes emissoras de televisão. Então, o aprendizado era o dia a dia. O cidadão saía do rádio, vinha para a televisão, botava a cara dele no vídeo e dava notícia.

08.Luís Augusto

E a TV Ajuricaba teve parceria com os Diários Associados?

Abrahim Baze

Não. Ela surge num empreendimento isolado, já autônoma e já reproduzindo a Rede Globo.

09.Luís Augusto

A difusão desse sinal do rádio era mais restrita a essa área próxima a Manaus?

Abrahim Baze

O entorno de Manaus. Eu diria. Manaus e seu entorno. Naturalmente, tinha uma rádio nesse contexto aí, que ela teve uma importância muito grande. A Difusora. Porque ela tinha o alcance maior no interior do Estado e como o interior tinha dificuldade de produzir notícias, ter notícias e receber informação, a rádio Difusora tinha os avisos que foi muito importante. E isso já foi palco de dissertação de mestrado. O aviso era muito importante porque naquele horário, o cidadão que tava lá no interior, que embarcava sua mulher com o filho para Manaus, ele ficava a espera porque a rádio dizia: “Atenção são Manoel Antônio, no interior do Alto Solimões, lago não sei das quantas..., sua esposa avisa que fez boa viagem e chegou bem”. Então, era uma forma de comunicar e que o rádio tinha uma comunicação importante. Quer dizer, e nos estamos falando aí de rádio AM. Esse rádio além da música, ele tinha aí, essa contribuição que ele dava, que era muito interessante. E fazia com que essa população do entorno de Manaus tivesse só a notícia, mas a forma de mandar suas mensagens e receber suas mensagens. E o J.G. Araujo, ele fazia, inclusive, cobranças pelo rádio. Ele mandava mensagens dizendo: “ Atenção! o agricultor, seringalista fulano de tal, no seringal Santa Terezinha no Acre. J.G. Araújo comunica que não suporta mais esperar o pagamento de sua dívida e informa que providências extremamente duras serão tomadas”. Assim, até o sistema de cobrança era feito pelo rádio e, que hoje, é extremamente deselegante e inoportuno, mas que naquela época era a única forma que tinha de cobrar. Mas ainda com essa visão errônea de uma Amazônia isolada, uma Amazônia fora do contexto da comunicação e, que isso, não é verdadeiro, como falei no começo. A Amazônia tinha dificuldade de receber notícia, mas ela produzia sua notícia regional. E aqui e ali, ela recebia a notícia de fora que era palco, digamos assim, de uma informação importante, o que acontecia fora de seu âmbito regional. Mas em 1969, e nós estamos vivendo o período revolucionário, em 1964, a partir daí, esse governo federal entende que a Amazônia estava isolada, estava fora do contexto da informação e que, aliás, tinha um slogan... A Amazônia

deveria ser ocupada, e nós historiadores, nós entendemos que a Amazônia já estava ocupada. Bom, chega à televisão, mas eram pontos pequenos em toda Amazônia e, claro, que Belém saiu na frente, já tinha emissora de televisão. Então, esse próprio governo normatiza, através do Diário Oficial, a necessidade de se ampliar a rede de televisão na Amazônia.

10. Luís Augusto

Nesse contexto que então surge a TV Amazonas, no edital de 1969?

Abrahim Baze

Pois é. O mais interessante é que com a perda de um jornal que trabalhava o jornalista Milton Cordeiro e jornalista Phelippe Daou, eles migraram para outra forma de comunicação e criam uma agência de comunicação que também era muito difícil. E esse material saía: um pequeno daqui e ia para São Paulo, era produzido em São Paulo. E o Margarido que ficava em São Paulo tomando essas providências, ele voltava pra cá com o comercial pronto, que era exibido. E o doutor Phelippe nessa visão do futuro, ele descobre essa necessidade do governo federal e se lança a montar uma emissora de televisão. E nos tínhamos de entender que eles não tinham recursos, não havia recursos. Eram pessoas de classe média, mas que não tinham recursos para montar uma emissora de televisão que já naquela época já tinha um contexto econômico muito alto. A Rede Amazônica surgiu de um empréstimo de 350 mil dólares no London Bank. E engraçado, a televisão já existia nas grandes capitais, em preto e branco, nesse período a televisão começa a ter a forma do colorido. E quando eles voltam ao banco, o banco diz: “nós não vamos mais financiar televisão para vocês, porque o projeto de vocês é para uma televisão preto e branca”. E aí, eu me recordo muito bem, o doutor Phelippe, diz aí num dos seus depoimentos: “como eu vou pagar a televisão, uma televisão colorida se eu estou com dificuldades de assumir um compromisso com a televisão preto e branca”? E aí, o gerente do banco disse: “Não, nós cobrimos a diferença, mas queremos uma televisão colorida”. Claro, que aquilo foi uma jogada de preservação do capital que o banco tava emprestando porque se o financiamento viesse para uma televisão preto e branco, e por acaso, esse grupo tropeçasse nos pagamentos, eles iam ter de assumir uma televisão que já não era mais um contexto importante, era defasada. Então, a insistência de fazer colorido veio a partir daí, era garantir o capital que estava sendo emprestado.

11. Luís Augusto

Como era Manaus e o Amazonas em 1972, no dia 1º de setembro quando era criada a TV Amazonas? O que você se recorda da questão da cidade e do Estado nessa época?

Abrahim Baze

Olha, Manaus tem um período importante que é o período da borracha, onde ela foi construída aos moldes dos grandes, na idéia dos grandes arquitetos europeus. E a partir de 1910, Manaus mergulha num marasmo econômico muito grande. Claro, que ainda depois disso ficou resíduos da castanha, da juta, da sorva, porque Manaus além da borracha, exportava o couro de jacaré, couro de onça, as peles de modo geral, o óleo de copaíba, a banha de tartaruga. Mas, Manaus passa a viver um período muito difícil e, claro, que nós temos um referencial que é o Distrito Industrial, a Zona Franca de Manaus. Mas, nesse período de 1972, Manaus já está se

equilibrando economicamente. Embora fosse a mesma cidade de transformação, ela já se equilibrava economicamente e fazia com que permitisse, esses empresários, de forma corajosa, se aventurasse a um empréstimo altíssimo no banco para montar um empreendimento. Hoje isso é comum, 350 mil dólares não representa nada, mas naquela época era muito dinheiro. E aí surge a TV Amazonas nesse projeto colorido. A primeira emissora do Brasil a ser projetada a cores. A Sony nos Estados Unidos se adaptou a produzir uma televisão com a característica que havia a necessidade da época. E eu acredito que isso foi o pontapé inicial do que seria mais tarde, a grande televisão em toda a Amazônia porque quando nós analisamos televisão, nós não pensamos só em Rede Amazônica. Surgiram outras emissoras que vieram e enfim...

12. Luís Augusto

Como você vê essa evolução da formação dessa rede em tão pouco tempo, em menos de dois anos, praticamente, já se está dando um segundo passo para a criação das TVs Rondônia, Roraima, Acre, Amapá, todas, praticamente, com mesmo nome, em 74. Havia um folêgo assim, essa era a visão do doutor Phelippe de expandir a rede?

Abrahim Baze

Folêgo não havia. Eles estavam completamente endividados com 350 mil dólares para montar uma televisão em Manaus. Mas havia coragem, havia o crédito. Na realidade, o governo federal quando dotou Manaus, a TV Amazonas, o projeto não era só Manaus, era a Amazônia como um todo e, claro, que havia outros estados na Amazônia, alguns não eram nem estados, eram territórios. Eles precisavam chegar em outros estados e, digo, que Dr Phelippe aliou a fome com a vontade de comer, ou seja, eles tinham um projeto caro, esse projeto estava dando certo. E tinham na mão a grande oportunidade de expandir, pegar a concessão. Nesse período, acontecia o jogo do Brasil, a Copa de 74, então, isso também fazia com que o governo tivesse o interesse em ter a televisão e levar o sinal. Dessa forma, eles aproveitaram essa vontade do governo e se proporem, aliás, tem um depoimento do doutor Phelippe e ele diz o seguinte: quando ele se candidatou à segunda emissora de televisão, o ministro não acreditou muito, achava que ele estava se candidatando para o segundo projeto e que mais tarde venderia aquilo para um outro grupo e chega a duvidar. E ele percebeu essa dúvida com diálogo com o ministro e disse: “ministro, o tempo dirá se nós somos capazes ou não”. E aí surge a TV Rondônia, e tem outro depoimento interessante, pois fazer televisão, não é só montar estúdio, fazer um prédio, comprar equipamentos. Fazer televisão é vender televisão para pagar televisão. E me recordo que o doutor Phelippe visitou todos os comerciantes de Porto Velho de porta em porta pedindo ajuda para que eles colocassem seus comerciais na televisão dele, para que ele pudesse pagar a televisão, para que aquela realidade não fosse perdida.

13. Luís Augusto

Esse trabalho também aconteceu em Manaus? Teve algum trabalho junto ao comércio?

Abrahim Baze

Eu tenho quase certeza que houve, até porque o doutor Phelippe quando repórter, ele foi um repórter muito ligado à Associação Comercial. Ele, diariamente, ia a

Associação para saber o que estava acontecendo no comércio local. Essa penetração, essa sociabilidade dele com os comerciantes fazia com que houvesse essa liberdade de dizer: “olha eu montei um projeto, eu preciso fazer esse projeto vingar e preciso de ajuda”. E naquele período também havia a necessidade de se mostrar o novo. A televisão era o novo, no contexto dos comerciais, a rádio, o jornal eram que dominavam, principalmente, a rádio. Ela é que dominava. Mas, a televisão era o novo, então havia essa vontade, essa ansiedade de buscar o novo. Mas foram muitas as dificuldades. E me recordo muito uma passagem, ainda com relação a Rondônia, a inauguração pública, a comunidade foi convidada e uma senhora de aproximadamente 70 anos se dirigiu para ele e disse: “agora nós somos cidadãos”. A televisão quando chegou, ela ofereceu dignidade, não trouxe só a oportunidade de entreter ou de oferecer formas comerciais. Ela trouxe dignidade àquela sociedade, porque além do novo, era uma forma de ter esse embate com o crescimento. Ela representa até hoje, onde ela chega, representa desenvolvimento. E naquele período, ela representou para Rondônia, o desenvolvimento de Rondônia e, engraçado, que esse desenvolvimento evoluiu para a Amazônia toda e você testemunha é disso. Vamos chegar mais adiante nesses fatos.

14. Luís Augusto

A gente percebe que as emissoras do interior de Rondônia, mais ou menos são contemporâneas, à TV de Porto Velho. Essa possibilidade da estrada de Rondônia, também propiciou que surgissem outras emissoras no interior do Estado?

Abrahim Baze

Porto Velho, naquele período se resumia a dois lugares: a cidade de Porto Velho e Guajará Mirim. Eu conheci muito bem porque viajei prá lá há mais de trinta anos. Viajei por toda a Amazônia, por mais de trinta anos. Então, as pistas eram de barro, o voo era com o avião DC-3, que era o avião da época. E nesse contexto essa emissora ficou ali, se radicou ali. Mas nós temos que entender que a televisão não se instala no lugar para ficar ali, ela precisa evoluir, até porque as pequenas cidades do interior que estão em volta de Rondônia, e hoje, Rondônia é um outro núcleo, hoje a cidade de Porto Velho, o estado de Rondônia, ele tem cidades só com gaúchos, a maioria dos habitantes são gaúchos. Outros são paranaenses. Mas naquela época não tinha isso. Então, instala Rondônia e com uma rapidez maior vai-se a Guajará Mirim, que aliás Guajará Mirim tem um outro fato histórico interessante. O presidente da câmara não queria a instalação da Televisão em Guajará Mirim, mas a prefeita queria. Ela se instala, praticamente, num anexo da prefeitura porque não tinha lugar. E não havia recursos para comprar um terreno e instalar a televisão, havia pressa de instalar logo. Então, a maioria dessas emissoras foram instaladas em lugares provisórios. No Acre, por exemplo, teve a participação importante da diocese porque Rio Branco tinha uma dificuldade de antena. Então foram instalar lá onde estava a diocese porque lá era o lugar mais alto, de alcance maior. Tudo isso tem que ser pensado para fazer televisão. E lá em Guajará Mirim, eles tiveram uma dificuldade, e lá houve inclusive uma sessão da câmara onde, embora com a veemência do presidente da câmara contrário ao fato e, naquela hora, eu tenho certeza que aquilo não era pessoal, aquilo era o que nós chamamos hoje, da santa ignorância, da importância daquele fato histórico. Ele não tinha a menor idéia do aquilo iria representar.

15. Luís Augusto**Guajará nesse época era um centro comercial importante, não ?****Abrahim Baze**

Era um centro comercial importante que abastecia outro lado da Bolívia que se chamava Guaiar Mirim. Toda essa população de Guaiar Mirim atravessa de voadeira para comprar em Guajará Mirim. Quer dizer, Guajará Mirim tinha uma importância econômica. E a partir daí, esses pequenos empresários, s mais fortes empresários começaram a botar seus comerciais. Essa televisão com toda essa dificuldade foi se pagando. Em seguida nos temos o Acre que foi outra luta, eu diria, desumana porque... você imagina o empreendimento caro. Engraçado Luis, surge Porto Velho. Quando o governo federal percebeu que a diretoria da TV Amazonas estava envolvida naquele projeto e queria avançar, eles passaram a facilitar os demais estados. Quer dizer, aí, aquela dificuldade, a desconfiança, o medo. Será que eles vão realmente implantar a televisão? Será que eles estão pegando essa concessão para vender para alguém? Isso desaparece e é criada uma facilidade aí, e é criada uma forma de condução. Tu imaginas se hoje isso é burocrático, imagina naquele período como era burocrático oficializar uma concessão em Brasília? E foram muitas as viagens para Brasília. L no museu da Rede Amazônica, por exemplo, você tem uma máquina Olympus Trip muito antiga que o doutor Aluísio fotografou o momento que se assinava a concessão. Então, essas dificuldades fazem a gente compreender que esse foi o primeiro momento, a implantação. Depois nos vamos falar das dificuldades de manter isso no ar, de fazer isso funcionar.

16. Luís Augusto**E Boa Vista como  que foi?****Abrahim Baze**

E depois do Acre, veio Boa Vista que já existia um pequeno núcleo da TV Cultura, também era território. Já havia um pequeno núcleo, mas com a visão dos governadores de que nos outros Estados isso já tinha acontecido. E a Copa t aí...nós temos que entender que essa Copa movimentou o acontecimento porque essas populações queriam assistir a Copa mesmo que isso fosse passado atrasado, que não chegasse ao vivo, mas queriam ter essa idéia. Nós temos, inclusive, no museu, uma televisão colorida, é a primeira televisão produzida na Zona Franca de Manaus. E essa televisão circulou nesse período da Copa para ficar em praça pública para facilitar as pessoas assistirem a Copa. Bom, aí tivemos Boa Vista, em seguida o Amapá.

17. Luís Augusto**Antes de chegar ao Amapá, por que não o Pará?****Abrahim Baze**

Pois  (risos). É uma boa pergunta. O Pará já tinha uma emissora de televisão. A TV Liberal, e a TV Amazonas estava sendo pioneira.

18. Luís Augusto**E parece que o doutor Phellipe tinha tido uma oportunidade?**

Abrahim Baze

Foi oferecido. Foi oferecido e ele escolheu o Amapá porque o Amapá não tinha emissora de televisão. Da mesma forma que ele foi pioneiro, em Porto Velho, no Acre, em Boa Vista, ele queria chegar ao Amapá como pioneiro. Então, ele achava que colocar em Belém era mais uma. E ao Amapá, ele ia dar um passo lá porque ia propiciar aquela população a ter uma emissora de televisão. A escolha foi decidida assim: Eu vou pra Ca que aqui não tem, o povo daqui precisa mais de mim do que o povo de Belém que tem uma emissora de televisão.

19. Luís Augusto

A partir da criação dessas cinco emissoras começa um processo de interiorização. Aí começa a se buscar a implementação do sinal nas cidades do interior e, num segundo momento a partir de 2003, surge a figura do vídeo-repórter que começa a gerar o conteúdo jornalístico através do FTP. Como foi esse processo, como foi esse segundo momento da Rede Amazônica?

Abrahim Baze

Bom, a Rede Amazônica tinha um equipamento caro, moderno, moderníssimo para a época, mas a descoberta de um pequeno aparelho, e, claro, precisa se chegar no interior, e esses pequenos núcleos foram sendo montados, com pequenas reprodutoras. E nisso, o nosso departamento técnico teve uma importância muito grande porque, você imagina: você lá naquele interior do Estado mandar fazer uma antena em Manaus, levar pra lá, instalar essa antena em plena selva, e isso, foi de certa forma pioneira, uma forma pioneira de se fazer televisão. E aí esses núcleos começam a chegar de acordo com a necessidade de estar ali. Então, ia-se para a cidade do interior montava-se uma pequena reprodutora. E essa reprodutora tinha um pequeno funcionário que era pago pela prefeitura. Não era funcionário nosso porque não havia recursos para pagar. Normalmente, um terreno cedido pela prefeitura e ali montava-se uma casinha de madeira, quando podia ter de alvenaria, tudo bem. Se você observar no livro, você vai ter muitas reprodutoras, simplesmente, com uma antena e alguns equipamentos para receber este sinal e reproduzir. Mas isso era muito pouco. A ansiedade, a comunicação, ela evolui também, de acordo com interesse do ser humano que está diante do processo em querer. Você sabe muito bem disso, que o esforço que se faz hoje para ter o vídeo-reporter é muito grande. Não só no sentido de equipamentos, mas no sentido de preparar o profissional porque hoje a tecnologia está ao nosso favor, porque naquela época não estava. Nós estamos falando de uma Rede Amazônica sem o satélite, nós não temos ainda a presença do satélite. Então, nós chegamos a ter cerca de oito mil fitas, sete mil fitas circulando, um tráfico de fitas muito grande... Então, a Rede Amazônica que nasce, inicialmente Bandeirante, transmitindo Bandeirante que mais tarde vai transmitir Globo, ela recebia a programação, passava aqui. Quando passava aqui já tinha vinte a vinte e cinco dias de atraso e quando ela ia passar essa mesma programação lá em Roraima, o atraso era muito maior. Se houvesse um contratempo na fita, se reprisava este “Fantástico” que passou lá... E as pessoas se acotovelavam diante da televisão para assistir tudo novamente, tudo era novidade. E devagar, esses núcleos, onde ela se instalou e, nós estamos falando ainda de capitais, esses núcleos começam a produzir um pequeno jornalismo regional, local. E novamente vem o rádio. O rádio contribui, o rádio não contribui só em Manaus. Também nessas capitais foi do rádio tirado esses profissionais que

também tinha uma coisa: o radialista, ele vinha para a televisão, porque a televisão era o novo.

20.Luís Augusto
Projeção para ele?

Abrahim Baze

Não tinha dúvida. Ele ia estar no vídeo, ele ia ser visto, ia passar na cidade e as pessoas iam identificá-lo, quer dizer, em todos os estados da Amazônia, o sistema foi o mesmo. Tinha sido o rádio, o elemento quem virá prá cá. Mas, a evolução chega com o satélite.

21.Luís Augusto
Quando é mais ou menos isso?

Abrahim Baze

Em 72 ainda.

22.Luís Augusto
Já tínhamos satélite aqui?

Abrahim Baze

Já. Em 72, logo em seguida depois da inauguração da TV Amazonas, pouco tempo depois, o Ministro veio aqui para inaugurar o satélite em Manaus. Quando você fala em satélite, você tem que entender que quando você inaugura o satélite aqui, você não tá inaugurando em toda a Amazônia. Hoje não. Hoje o satélite lá em cima, distribui, mas o sistema veio muito fechado.

23.Luís Augusto
Na verdade esse satélite era para trazer o sinal de São Paulo para cá?

Abrahim Baze

Para cá. Exatamente.

24.Luís Augusto
A programação?

Abrahim Baze

A programação... Interessante, esse ministro veio, Hygino Porceti. Ele veio, era gaúcho e o doutor Phelippe queria marcar a presença, essa integração do Norte com o Sul e planta um pinheiro, planta uma árvore... No livro, eu tive muita dificuldade para falar dessa historia, eu criei um capítulo, "o homem e a árvore". Que essa árvore teve um fato histórico muito interessante, que a partir daí, todas as emissoras que foram se implantando ia plantando uma árvore. E a árvore era a mesma, se mandava buscar um pinheiro em Porto Alegre e plantar aqui. E como se houvesse um anseio de aproximar duas cidades, dois extremos do Brasil, o extremo Sul com o extremo Norte. E, infelizmente, nós perdemos a árvore porque o prédio foi vendido e essa árvore foi cortada, inclusive, porque não há nenhum sentimento da empresa que comprou, não há nenhum vínculo histórico, precisava do espaço, mas nós tiramos a plaquinha e ela já se encontra no museu. Agora, vem a modernidade,

e aí vem uma nova forma de pensar a comunicação e quando nós falamos de comunicação, falamos de jornalismo, especialmente, no jornalismo. A emissora de televisão... são núcleos importantes: você tem o sistema de gravação, você tem cinegrafista, editores, mas ela tem dois corações importantes que fazem a televisão viver. A televisão hoje, não é só a novela, a minissérie, a televisão é, principalmente, a forma de dar a notícia, o mais rápido possível, por isso, nós temos a televisão, o “news”. Todas as emissoras têm o “news”, porque o “news” é comunicação, é informação 24 horas. Que dizer há uma rotatividade de informação muito rápida. Aquilo que você vai assistir do teu Jornal Nacional, seja local, você tem o “news” com uma rapidez maior. E hoje, já temos até o rádio com esse sistema. A própria rádio Globo com a CBN já tem esse esquema de notícias, a cada trinta minutos.

25. Luís Augusto

A internet que propiciou tudo isso, não é?

Abrahim Baze

Também. Eu diria que a internet foi o primeiro passo. A internet foi o primeiro passo. Aliás, a internet, ela vem melhorar essa forma de comunicação de televisão porque hoje você já assiste televisão na internet, então a internet... você lembrou bem... ela contribui muito para isso. Mas aí, nós temos que ver que nós estávamos na Amazônia, em cinco estados, e estamos em cinco estados onde estão todas as emissoras. Cada empresário só pode ter cinco emissoras de televisão, as demais são retransmissoras de uma programação de uma emissora grande. Assim é Globo, Bandeirante, SBT enfim, Record, são todas assim, mas esse detalhe não é importante. O importante é que cada emissora precisava trazer notícia do interior para cá, porque ela está levando notícia do interior para lá. E para que a gente pudesse se instalar adequadamente, o nosso departamento técnico descobriu um pequeno gravador, podemos chama assim, numa palavra mais comum, e esse cassete, esse vídeo-cassete, ele depois de ser feito um estudo e uma adaptação, se provou que a perda de qualidade era de 2% ou 3% daquela máquina imensa que a emissora tinha que ter, cinco porque cada capital tinha que ter uma. Então, a partir daí, a partir desse estudo foi possível compreender que nos podíamos expandir para o interior do Estado, com as pequenas reprodutoras. E foi vendido uma peça grande, imensa, e foi comprada duas mil peças menores. E essas peças menores, foram distribuídas em todos os municípios. E assim, as fitas chegavam ali e encaixavam naquele vídeo-cassete, que estamos chamando de vídeo-cassete, porque era um vídeo-cassete grande e que lá no museu tem dois e que um está funcionando perfeitamente. Aquilo foi a galinha dos ovos de ouro porque permitiu que a televisão produzida pela TV Amazonas fosse para o interior com mais facilidade. Mas hoje, a nossa preocupação já não é levar notícia, é fazer exatamente com que essa notícia chegue lá em tempo real. É trazer essa notícia de lá prá cá em tempo real. E esse é o novo desafio, eu diria, que esse é o desafio do século XXI, de toda a emissora de televisão e pra nós muito mais, porque nós vivemos esse pseudo isolamento da Amazônia. Eu não gosto de dizer que a Amazônia esta isolada, a Amazônia nunca esteve isolada. A Amazônia sempre esteve habitada. E aí nos começamos a ter a oportunidade de trazer notícias do interior. Um fato que ocorre é que permite com que você, aqui da capital, traga ao conhecimento do telespectador da capital, o que aconteceu no interior. E muito mais, que você reproduza a nível nacional o que está ocorrendo no interior. Quer dizer, essa é a grande sacada da televisão da Amazônia.

Porque fazer televisão no Rio é muito fácil. Fazer televisão em São Paulo é muito fácil, no Rio Grande do Sul, isso é muito fácil porque a acessibilidade desses locais...

26. Luís Augusto

Tem estrada para tudo...

Abrahim Baze

(Sinal positivo) Aqui você anda de canoa, de voadeira, você anda de motor. Quer dizer, você imagina a TV Amazonas mandava essas fitas de todas as formas: tinha fitas que ia de barco, tinha fitas que ia de avião, quer dizer se transportou fitas de todas as formas para chegar aquele material para ser exibido. E hoje, não é diferente. Só que hoje, nós temos a tecnologia ao nosso favor. Ele faz a gravação de vídeo e através da internet, ele remete prá você, e você tem isso com qualidade para exibir. Quer dizer, é o que a gente chama de gerar. Ele gera a matéria lá, a gente recebe aqui. Isso aconteceu comigo recentemente. Eu precisava fazer um programa e uma das pessoas que ia conversar comigo, duas por sinal estavam em Brasília. Então, eu pedi para gravar em Brasília e foi gerado para mim aqui, quer dizer, essa facilidade da tecnologia faz com que a gente faça uma televisão mais atuante e mais rápida. E tem uma coisa que precisa ser notado e uma coisa que precisa ser destacado. Só a tecnologia não adianta nada, esse homem que tá lá no interior. Esse pequeno repórter que muitos não são jornalistas. Na maioria das vezes, não é jornalista, mas que tem a tendência, a facilidade, ele nos permite essa qualificação desse homem para que ele possa exercer essa função dentro da necessidade da emissora. E me recordo que, de vez em quando, há uma reunião desse grupo todo em Manaus, uma reunião de estudo, treinamento enfim... E agora um detalhe: com uma câmera pequena, que uma câmera que nos chamamos até amador. E aqui me recordo outro fato histórico de televisão, eu sou muito novo para televisão, e se eu tiver alguma para dizer, eu não me arrependo de nada que eu faço, mas se eu tivesse que dar um arrependimento na minha vida eu daria, que cheguei tarde na televisão. Cheguei velho na televisão, eu queria ter chegado na televisão com trinta anos de idade, com vinte e cinco, porque nesses doze anos eu pude construir tudo que eu sei de televisão, aprendendo no dia a dia, como aprenderam os radialistas que vieram pra cá fazer televisão e não tinham uma noção de televisão. E fizeram televisão. Eu aprendi a fazer televisão, e o meu maior desafio foi gravar quatro programas na Europa sozinho. E eu me recordo, eu tava saindo sozinho, e vou dar esse exemplo só para identificar as dificuldades que vocês têm de preparar esse homem no interior. Eu estava saindo para lançar meu primeiro livro em Portugal, o doutor Phelippe me disse: “Eu gostaria de lhe pedir um favor. Leve uma câmera e procure gravar alguma coisa lá para o seu programa”. Eu achei naquele momento que eu iria levar um cinegrafista comigo. Em seguida, ele mandou chamar alguém da técnica que em cinco minutos me explicou como manuseava aquele equipamento e eu fiquei assim tão fora de mim com a responsabilidade que ele tinha me dado que eu viajei sem o tripé. Quando cheguei em São Paulo, eu perguntei: “como vou gravar com isso na mão? Cadê o tripé? Eu não lembrei do tripé e nem eles aqui me lembraram de dar o tripé. Então tive que comprar o tripé em São Paulo. E assim eu gravei cinco programas em Portugal sozinho. Eu colocava a câmera no tripé, centralizava o meu entrevistado, e deixava, botava um pauzinho para identificar onde eu tinha de ficar e botava prá lá, deixava ele segurando o microfone. O nosso departamento técnico tinha feito uma experiência com uma câmera mini-dv, tinha colocado um microfone nela, porque ela só tem o som

ambiente. Então tinha adaptado o microfone e aí eu deixava ele segurando... eu corria lá, ligava a câmera, voltava prá lá, pegava o microfone dele, fazia as entrevistas. Lá o meu tripé estava pendurado no relógio prá mim marcar a hora que eu tinha que fazer a passagem. Isso me remeteu as dificuldades que essas pessoas tiveram para fazer televisão. Mas eu estou dando esse exemplo, para deixar, para quem nos assistir, o seguinte comentário: “Quando você quer você faz. E assim que se faz televisão na Amazônia, nós queremos fazer televisão. E as dificuldades são desafios que nos vencemos a cada dia.

27. Luís Augusto

Para finalizar gostaria que você falasse como foi preparar esse livro da história da Rede Amazônica? Quando começou essa iniciativa, e é um trabalho que segue, não é? Na verdade, você fez um livro dos trinta anos, mas outros anos virão e é um trabalho muito rico em termos documental. Como foi reunir isso e fazer esse trabalho acontecer?

Abrahim Baze

Bom Luís, eu já cheguei aqui escritor, eu cheguei aqui com mais de dez livros publicados. Na realidade, eu vim para cá para preservar a memória da Rede Amazônica. Minha função aqui era organizar a história da empresa, não num livro, porque toda a história da empresa tava num arquivo morto, documentos, diários oficiais, cartas, bilhetes, enfim... Tudo guardado num arquivo morto. E num belo dia aqui na emissora, eu entrando e doutor Phelippe saindo, eu me lembro como se fosse hoje. Era sexta-feira, às três horas da tarde. E ele disse: “o que você está fazendo agora?” E eu relatei lá, não me recordo o que estava fazendo, e ele disse: “então aproveite, escreva o livro da Rede Amazônica que nos vamos fazer 30 anos”. Mas, ele me deu aquela missão, assim como quem diz: vai ali pega um carro, compra isso e traz, como se isso fosse muito fácil. E na hora eu disse, sim senhor. Mas depois que subi a escada, a ficha caiu e eu comecei a entender a grande responsabilidade que eu tinha de escrever a história. E não tinha nada na minha mão, tava tudo solto, as fotografias não tinham datas, ninguém lembrava dos acontecimentos. Eu tinha uma pilha de mais de setecentas fotografias, tudo soltas. E aí eu fui para o arquivo morto, e, naturalmente, com a minha experiência de escritor, eu já vinha fazendo muitos trabalhos, eu tinha noção, quer dizer, o meu medo não era escrever o livro, o meu medo era organizar esquecer um fato histórico importante. Então, eu comecei a trabalhar, comecei a trabalhar e na metade do caminho, exatamente, esse receio que eu tinha, eu levei o livro, no sábado pela manhã, sentei no gabinete dele, entreguei o livro e disse para ele: “doutor Phelippe, o senhor dá uma olhada, de repente posso ter omitido alguma coisa importante”. Ele foi, empurrou de volta os originais e disse: “Não. Eu não vou olhar nada, se eu não confiasse em você, não pediria para fazer, continue seu trabalho”. E assim, eu escrevi o livro da Rede Amazônica que houve um lançamento belíssimo. Como eu diria, o maior lançamento da minha vida porque tiveram a presença de dois ministros de estado, o ministro das comunicações, o ministro do trabalho, governador, e naquele momento, uma semana depois, recebi a notícia dada pelo doutor Milton que eu falaria em nome da empresa, que eles diretores não iam falar. Então, pesou mais ainda, além de escrever o livro, eu ter que apresentar o trabalho. E apresentar a empresa na presença de seiscentas pessoas no Studio 5, com dois ministros de estado, com o governador, mais o dono da empresa. Isso foi gratificante, naquele momento, eu tava falando em nome da maior emissora de rádio e televisão da

Amazônia, hoje eu diria, até do Norte do país, mas eu fiz. E me lembro quando o chefe do cerimonial chamou, eu tinha um lugar que eu tinha que me postar, com o meu nome ali e tal. E eu falei, apresentei a obra, falei da emissora, falei dos trinta anos. De repente, falaram os dois ministros, falou o governador e o doutor Phelippe só fez dizer muito obrigado e desceu. Então foi um peso muito grande. Essa vontade de fazer o livro, ela só foi possível porque o doutor Phelippe era um guardião. Ele costuma guardar as coisas. Por exemplo, foi possível fazer o museu da Rede Amazônica e também surgiu assim, ele disse: “vamos fazer um museu da Rede Amazônica”. E eu disse vamos. Isso quer dizer, já existia um pequeno núcleo onde ele guardava as coisas e você vai ver, tinha o paletó que ele inaugurou a TV Amazonas, a camisa que ele inaugurou a TV Amapá, ele tinha o sapato que ele inaugurou todas as emissoras. Quer dizer, a cada dia ele trazia um objeto e me dava. “Tá aqui, eu trouxe isso, olha eu guardei isso aqui, olha com essa caneta eu assinei esse projeto, a consciência que ele tinha de guardar, preservar facilitou o meu trabalho”. Agora o livro, ele surge também com o esforço de documentar a nossa história, porque é um lamento que faço sempre que tenho oportunidade, as nossas rádios não escreveram suas histórias, suas memórias. A rádio Difusora acabou de completar 60 anos. A rádio Rio Mar tem uma história belíssima, os jornais estão aí e não tem nada escrito, enfim, isso é uma lacuna na história. E agora, eu estou me preparando para escrever o livro dos quarenta anos, mais nos 35 tem outro desafio, ele me chamou e disse: “o que você está pretendo fazer para os 35 anos?”. Bom doutor Phelippe, temos de pensar em algo novo. Ele disse: “vamos complementar aquele livro?”. Eu disse: o livro sai muito caro e eu não vejo mais condição de fazer o livro, não há mais tempo para isso. No entanto, vamos fazer um documentário. Me preparei, já produzi dezessete documentários e vale a pena dizer que aprendi sozinho. Aprendi fazendo e a televisão continua sendo essa escola de você aprender fazendo televisão. Então, você pode ser um jornalista, pode estar formado, com diploma, mas na hora que a lâmpada vermelha acende, dá um certo calafrio. Somente o dia a dia prepara o profissional. Claro que aqueles profissionais que estão imbuídos do processo de crescer, eles vão se reciclar, eles vão procurar aprender mais, eles vão compreender o que estão fazendo e vão crescer. Ninguém me ensinou a fazer uma gravação. Eu saí para fazer a gravação assim: “amanhã é tua gravação. Tu vai gravar e pronto”. E eu saí com cinegrafista sem saber fazer o que era televisão. Eu aprendi televisão fazendo. Até hoje, se aprende a televisão fazendo. O cinegrafista é da nossa escola fundação, mas quando chega aqui é um outro universo. Lá era um universo de aprendizado. Lá se ele errasse o professor tava aqui. Aqui, ele não pode errar. Mas tem uma coisa que tem que ressaltar, a generosidade das pessoas que sabem, do dia a dia que nos conduzem, que nos ensinam. Um cinegrafista que sabe que aquela imagem de fundo não está boa e ele generosamente pede para mudar. A preocupação de trazer e, nisso a Globo é uma emissora importante, ela manda os seus emissários para cá. Você quando vem da Rede Globo, você já passou por outras emissoras no Brasil. Ou seja, você chega aqui com “know how” diferenciado, você busca, cada vez mais, melhorar o trabalho que você faz. Então isso facilita um pouco para evoluir nesse processo de fazer uma televisão bem feita, fazer um jornalismo bem feito, a notícia com credibilidade, isso é muito importante. Mas eu não tive essa chance, eu não tive essa oportunidade. E agora que nós tivemos esse processo da queda do diploma, eu acho que nós retrocedemos. E não sou jornalista, gosto de dizer isso, eu faço uma televisão como muitas pessoas fazem. Agora, eu faço dos seguimentos que é da minha área. Eu sou historiador e tenho plena convicção de tudo aquilo que eu falo, quando eu não

tenho certeza eu também não falo. E no outro programa, eu faço literatura porque é uma área que eu domino, não tenho nenhuma dificuldade para fazer. Mas nesse momento nós tivemos um processo de atraso que eu espero que as emissoras de televisão, de rádios, de jornais, continuem exigindo dos profissionais a formação acadêmica porque eu fui fazer história aos 54 anos de idade, eu já tinha quinze livros publicados. E quando cheguei na universidade eu tive que estudar no livro que eu escrevi e aumentou a minha responsabilidade. Mesmo assim eu me submeti ao vestibular, eu sentava em sala de aula, eu fui ver que o crescimento... o meu crescimento, hoje, como historiador formado, o meu crescimento se tivesse de dizer para você, eu diria que tudo aquilo que produzi atrás foi muito produtivo e muito útil, mas eu tenho uma nova visão da história, uma nova visão do mundo atual. A academia te ensina coisas que a universidade da vida não te ensina. A universidade da vida te prepara para ser doutor na universidade da vida, mas a academia é fundamental para o crescimento profissional, não só pelo fato de ter o diploma na mão, mas porque você tem uma missão muito mais ampla, muito mais aberta, do processo do conhecimento. Então, eu estou me preparando, agora, para me candidatar ao vestibular e, aliás, já fui até isentado do vestibular, pois já tenho curso superior e vou fazer jornalismo porque sinto a necessidade de me reciclar. E hoje, eu entendo que minha vida profissional seguirá pela televisão porque daqui há cinco anos estou aposentado e vou continuar fazendo o que eu gosto. Eu tenho dois programas maravilhosos, eu dou a contribuição muito grande e eu tenho consciência disso.

Sexta Entrevista – 23/06/2009

Entrevista com Nivelli Daou Junior, vice presidente de tecnologia da Rede Amazônica.

01. Luís Augusto

Como foi que você viu a criação da TV Amazonas em 72 e depois como você chegou à emissora para trabalhar nessa área de engenharia?

Nivelle Daou Junior

Na época, em 1972, eu estava em São Paulo cursando engenharia na Mauá quando a TV foi inaugurada e, através, do doutor Phelippe, eu entrei nesse mundo da televisão por um estágio na TV Bandeirantes e depois na fábrica de transmissores Maxcel, que hoje não existe mais, mas era a fábrica pioneira que fazia todos os equipamentos para televisão. E quando me formei passei dois anos trabalhando tanto na Maxcel quanto na Bandeirantes e só depois que vim a Manaus, já para trabalhar na TV Amazonas, mas a TV Amazonas já estava com seis anos de vida. Então, quando eu cheguei, exatamente, eu não vi a inauguração, mas a partir dessa época, aí já participamos de toda implantação do interior e toda evolução que ela teve tanto técnica quanto na própria comunidade desde essa época.

02. Luís Augusto

Como era a família do doutor Phelippe, o seu pai era irmão dele, como que foi essa influência da família na sua atitude fazer engenharia?

Nivelli Daou Junior

A escolha do curso de engenharia eletrônica não estava muito ligada com a atividade de..., do meu tio, doutor Phelippe, ter inaugurado uma televisão ou estar para inaugurar uma televisão. Na época, o curso de eletrônica era muito procurado. Na época que eu fiz, o mundo estava caminhando a passos largos nas evoluções de tecnologia e o curso de engenharia eletrônica era bastante disputado, era quase uma moda da época. E eu comecei a pesquisar o que era, a ler e me interessei pelo assunto e resolvi prestar o vestibular, entrei, enfim... Agora, quando estava no terceiro ano e aí veio um convite do doutor Phelippe para fazer alguns trabalhos aqui já para a emissora. Nós fizemos alguns monitores lá em São Paulo, mandava prá cá. E aí, ele perguntou se já queria fazer um estágio na Bandeirantes e tudo mais. E como estudante, eu ainda não estava com a área da eletrônica definida, eu comecei na Bandeirantes com estágio. E como a televisão é uma coisa muito apaixonante, depois quando a gente começa, a gente não sai mais... Esse foi o começo, assim, como estagiário da Bandeirantes. Até hoje, tenho amigos e pessoas que estavam comigo começando naquela época. Até hoje, continuamos nos encontrando, nos encontros de engenharia, nas feiras, congressos, enfim... Mas, foi esse início como estagiário que fez com que eu não saísse mais da área.

03. Luís Augusto

E quando você chegou, já tinha seis anos, a rede estava instalada, assim os primeiros passos... Como foi essa sua chegada a emissora? O que você encontrou, na época, aqui em Manaus e nas outras capitais?

Nivelle Daou Junior

Eu, praticamente, já estava sim, com o caminho traçado em São Paulo. Só que depois, doutor Phelippe por uma falta de mão de obra na região, aí ele convidou para vir a Manaus, enfim. Aí, eu vim a Manaus para somar o time, só que quando eu cheguei o diretor técnico da época, assim que eu cheguei..., ele já tinha planos de sair de Manaus. E foi eu chegar, ele pediu o afastamento dele. Eu tinha dois anos de formado e me vi numa situação bastante complicada, que na época, eu não tinha assim nem experiência suficiente para ficar com a responsabilidade de um processo tão intenso de como estava a Rede Amazônica, implantando as estações do interior e tudo mais. Mais aí, não teve jeito, nós tivemos que continuar o processo. Naquela época era bastante intenso o trabalho e a mão de obra era muito pouca, então eu viajava. Embora morasse em Manaus, passava mais tempo fora de Manaus viajando por todas as estações da rede do que mesmo Manaus.

04. Luís Augusto

Nessas suas experiências, quais foram os principais desafios? O que era mais complicado para vocês em termos de trabalho nessa região tão adversa e, no meio de tantas dificuldades geográficas?

Nivelle Daou Junior

Aqui, sempre era uma região diferente. Agora talvez nem tanto, mas na época, a primeira coisa era isso que você mencionou: as distâncias. Então nossa Rede, ela funcionava, basicamente, com fitas. Não tinha, na época satélite, não tinha Amazônia. A selva em si não permite comunicação por microondas porque os pontos que são ideais, do ponto de vista técnico, eles não são urbanizados. Então, é muito difícil você colocar uma torre, você colocar uma retransmissora, colocar

energia em pontos absolutamente não urbanizados. Então, a própria selva não permite que você faça a custos toleráveis, um link de microondas e como não existia satélite nossa rede funcionava a base de fita. Nós tínhamos, na época, uma central de gravação com mais de sete mil fitas. Nós tínhamos que reproduzir essas fitas. Então, saía como se fosse uma fornada. Saía trinta gravações simultâneas. Cada vt gravando uma fita e nós tínhamos uma central muito grande de gravação, com apoio da Sony. Era mais ou menos otimizada, era um único controle para ejetar todas as fitas, depois elas eram calçadas uma a uma. Na hora de gravar era um botão só, para todas as trintas máquinas começarem a gravar ao mesmo tempo. E chegamos a ter sete mil fitas em transe porque, enquanto um lote de fitas seguia para as emissoras, tinha um outro viajando e um outro gravando. E as fitas iam de avião, iam de barco, iam de ônibus, iam do meio que tivesse de chegar. Então, por exemplo, o Fantástico passava com uma ou duas semanas de atraso. O Jornal Nacional, no mínimo três dias. Era exibido por fita. Então, depois que acontecia, ia ao ar, em São Paulo, por exemplo, a fita, no mesmo dia ou no dia seguinte, nós tínhamos que reproduzir enviar para a localidade. Então, esse era o processo que quando chegava muito rápido, eram três dias. Era assim que vivia a Amazônia. A Amazônia vivia defasada do resto do país porque não existia outro meio e mais os problemas técnicos porque os vts, eles tem o “tracking”, que a máquina que grava tem que ter a mesma referência da que reproduz. Então, dá para imaginar a dificuldade que era manter as máquinas ajustadas no interior e manter todas elas ajustadas no mesmo padrão em Manaus onde era gravada, era uma coisa muito difícil, até pela deficiência da própria fita, pelo transporte que pegava poeira, umidade, às vezes, até molhava, nos tínhamos um malote de alumínio.

05. Luís Augusto
Eram fitas grandes?

Nivelle Daou Junior

Eram fitas grandes, era fita u-matic na época.

06. Luís Augusto
Já tinha u-matic, na época?

Nivelle Daou Junior

Já era u-matic. Só que às vezes acontecia de a gente receber o malote que tinha caído na água ou coisa assim... E capítulos de novela que a gente ia mandando, e quando acontecia algum incidente no transporte, ou alguma incompatibilidade nas máquinas, era uma gritaria porque o povo não tinha uma outra emissora e não tinha outra possibilidade. Então, nós sofremos uma pressão muito grande porque capítulo de novela, quando falhava um capítulo de novela, nossa! Era muita reclamação, aí a comunidade ficava muito revoltada. Então, nós tínhamos um trabalho muito árduo na época e nós ficamos assim por um longo tempo. E então, essa era uma das dificuldades, era a própria natureza da região, o transporte, a comunicação muito difícil.

07. Luís Augusto

O fato de a emissora de Manaus ter sido, no início, Bandeirantes e as outras emissoras terem começado com a Globo, isso também foi uma dificuldades para você administrar essa questão das programações diferentes?

Nivelle Daou Junior

Foi bastante, porque nós não conseguimos ter um trabalho padrão. Em Manaus, por ser Bandeirantes nós tínhamos uma programação diferenciada e nós fazíamos muitos programas ao vivo que eram na realidade o contato com a comunidade, enfim. E tínhamos que fazer toda essa história que contei das gravações com programação Globo que nós mantínhamos em os outros Estados.

08. Luís Augusto

Fazia aqui em Manaus a programação da emissora dos outros Estados?

Nivelle Daou Junior

Fazia em Manaus, só que nós abastecíamos o interior do estado do Amazonas com a programação Bandeirantes e Acre, Rondônia, Amapá e Roraima com programação Globo. Então, a logística disso é sempre muito difícil, sempre muito complicado. E um outro fator da época, era a mão de obra. Nós tínhamos, então, um Distrito Industrial absolutamente ativo e os profissionais que existiam da Escola Técnica Federal. Naquela época, a única escola a formar a mão de obra técnica nessa área de eletrônica. Só que o Distrito Industrial absorvia toda a mão de obra com salários espetaculares na época. Na época, era uma mina de ouro... Tinha o Brasil, não tinha restrições à importação. Só Manaus que fabricava tudo, as coisas eram feitas aqui e a linha de produção era uma coisa, assim, muito mecanizada. Os técnicos que saíam da escola, eles trabalhavam com "Gigs". Então, os ponteirinhos subiam ou não, eles tinham que dar produção, fazer milhares de produtos iguais por dia, porque tinha uma produção a fazer. Então, a plaquinha era colocada no "Gigs". Os ponteirinhos subiam e se não subisse o "Gig" já ia para uma outra esteira, enfim... E nós tínhamos aqui uma dificuldade muito grande, porque essa linha de produção, de certa forma, bitolava o técnico. Ele sabia se os ponteirinhos subiam ou não, sabia se a placa estava boa ou não, mas ele não tinha nem tempo sequer para saber como se funcionava a placa e tudo mais. E nós não conseguíamos um profissional para trabalhar na emissora. Primeiro porque as vantagens do distrito eram espetaculares: eles tinham transporte, tinham um restaurante maravilhoso, creches e vantagens e o distrito faturava uma coisa absurda. E depois...

09. Luís Augusto

Que época essa, Nivelli?

Nivelli Daou Junior

Essa época, eu tô falando por volta de 1980 e 82. Enfim, era a pujança do Distrito Industrial, a Zona Franca de Manaus era muito grande. O centro de Manaus, aos sábados, a gente mal conseguia andar de tanta gente circulando pelas ruas e para ser atendido em umas das lojas. Era difícil porque o Brasil inteiro vinha a Manaus, as pessoas compravam produtos e levavam, revendiam e ainda tinham um lucro, além de pagar passagem, de pagar estadia, de fazer o passeio, enfim...Era uma coisa! Porque só tinha Manaus como Zona Franca. E todo o início de ano que as fábricas faziam a sua produção, em outubro, novembro, dezembro para vender pro Natal. E todo o final de ano, existia até algumas demissões no distrito porque era baixa a produção. Eles tinham feito muitos produtos no final do ano, na época de natal, mas chegava em janeiro e fevereiro já não tinha produção a fazer e, então, eles dispensavam técnicos. E nós nos animávamos a contratá-los, nós fazíamos um teste, e aí, realmente, é difícil até dizer. Mas chegavam técnicos com formação da

Escola Técnica Federal que não sabiam distinguir um capacitor do resistor porque na fábrica era um kit, era o “Gig”, eles tinham que dar uma produção de umas milhares de placas durante o dia e eu nem os culpo de não saber. Eles não tinham o tempo, mas... Como em televisão não é produção, nosso produto aqui é qualidade, é constância do equipamento, se está funcionando. Nós necessitávamos de profissionais que conhecessem a teoria eletrônica e acaba que nós não conseguíamos contratar ninguém. E a rede num processo muito grande de expansão tinha uma carência de mão de obra muito forte. E fizemos algumas experiências de importar profissionais do Sul. E parece assim, o profissional sempre se dava bem, mas quando vinha a família... E como mudava: costume, clima, alimentação, a família com dois anos, os filhos queriam cursar alguma coisa que não tinha em Manaus... Sempre era muito difícil, sei que as pessoas não ficavam muito tempo e todo aquele capital que a gente criava acabava indo embora. E nós víamos que esse caminho, nós não conseguíamos seguir. Aí é que se criou a Fundação Rede Amazônica que, nós chegamos à conclusão de que nós precisamos formar mão de obra aqui para manter o profissional aqui. Eu lembro que o doutor Phellippe perguntou: “Quanto tempo leva para fazer um profissional?” eu falei no mínimo uns três anos. “Mas é muito longe, não pode esperar”. E um dia chegamos à conclusão que se um dia não começasse, também não ia chegar. Então, o dia que nós começamos, até nós comemoramos e ele disse: “Agora, a partir de hoje, já faltam dois anos, onze meses e 29 dias, ganhamos um dia...”. E é verdade, e assim foi. A gente foi levando a rede e, hoje, o corpo técnico, mais de 60, 70% é formado de pessoas oriundas da Fundação. Nós nos associamos ao Senai. O Senai dava o curso básico de eletrônica e nós entrávamos com a parte profissionalizante. A parte específica do nosso negócio. E assim foi, começamos a ter técnicos formados na casa, os técnicos foram se desenvolvendo e, praticamente, todos aqueles que começaram... Nosso departamento tem pessoas com 20, 25, 30 anos de casa que começaram na fundação Rede Amazônica e aí nós conseguíamos superar... E depois da era Collor que foram abertas a importações e tudo mais, a Zona Franca perdeu um pouco daquele brilho do comércio. E aí até começaram a aparecer profissionais, porque a própria Zona Franca deixou de ser aquele ouro brilhante como era. Então, nós fomos conseguindo fazer um time de uma qualidade bem forte.

10. Luís Augusto

Como foi o momento da chegada do satélite, que ano que aconteceu isso e como isso transformou a Rede Amazônica?

Nivelle Daou Junior

Ele chegou, acho que a primeira experiência foi em 82, nós éramos Bandeirantes. Então a Bandeirantes, na época, conseguiu fazer a Rede Nacional por satélite, um mês antes da Globo, o que foi um escândalo... E nas cidades mais próximas, no caso, Itacoatiara e Parintins quando nós colocamos a primeira estação que foi em Itacoatiara integrada ao centro, via satélite, foi uma comemoração espetacular. Primeiro que foi o primeiro instante que, finalmente, o Norte se integrava, realmente, ao Sul. As coisas aconteciam em “real time”. Acabou aquela história do Jornal Nacional passar com dias ou Fantástico passar com uma semana ou duas de atraso. Então, foi aquele primeiro contato que, inclusive, a disponibilidade desse sinal de satélite, foi uma coisa muito bem negociada com o governo porque, até então, a região Norte era uma região esquecida do Brasil, porque ela não tinha como se

integrar ao elo do país. Tudo o que acontecia era com muito atraso e para nós como empresa, cada estação que nos colocávamos linkados ao satélite nós fazíamos uma comemoração. Porque parava o vt que gravava aqui, nós parávamos 200, 300 fitas circulando, nós tirávamos toda a infra-estrutura de tráfego. Gravava, pegava, despachava, fazia buscar que era de madrugada, era de manhã, era feriado, era qualquer instante, onde chegasse o barco, de onde chegasse o avião, tínhamos que recolher os malotes, colocar outro malote. Então nós comemorávamos com muito entusiasmo porque para nós era uma coisa espetacular. Porque prá gente deixar de ter um trabalho de formiga, um trabalho tão intenso, poder dar a comunidade uma qualidade de vídeo muito melhor - a qualidade era inegavelmente melhor - a segurança de falhar o capítulo ou malote extraviar por alguma razão, enfim, e a instantaneidade que, até então, a Amazônia não tinha... Então, o satélite foi a evolução técnica que permitiu a Amazônia se integrar ao resto do país.

11.Luís Augusto

Agora isso aconteceu... você falou Itacoatiara a primeira emissora aqui. E também você passou a receber a programação de São Paulo, no caso...

Nivelle Daou Junior

Também via satélite.

12.Luís Augusto

E aí, a distribuição do sinal a partir de Manaus?

Nivelle Daou Junior

Na época ainda não era assim. Na época, nós tínhamos que linkar nas retransmissoras, a geradoras do Sul, então, na época, a gente dissociava a retransmissora de Manaus porque não tinha sentido a gente continuar fazendo fitas e tudo mais. E foi, mais ou menos em 85, quando o Brasil lançou o seu satélite, o Brasil Sat, que o governo disponibilizou um seguimento espacial para a Amazônia e nós ocupamos esse seguimento. Essa negociação foi uma negociação muito forte porque o próprio governo anunciava o projeto do satélite como sendo isso que acabamos de falar, como sendo a maneira de integrar o país. Inclusive, a grande extensão da Amazônia que tava representando, mais ou menos, um terço do território nacional era uma região dissociada do elo do país. E o satélite era o grande projeto que ia fazer essa integração. E por conta disso, se conseguiu esse canal de satélite e aí nós passamos a subir, aqui de Manaus, via Embratel, com os nossos intervalos, nossos jornais e tudo mais. Nós tínhamos que fazer a comutação na rede da programação que vinha do Sul. E nos intervalos, a gente tinha que comutar para a produção local. E para isso, foi criada uma chave que ela tinha que ter um comando pelo satélite e foi outra obra de engenharia que tinha que fazer com que, automaticamente, a programação ora estivesse pro Sul, ora estivesse pra nossa emissão local. E essa chave tinha que funcionar para ficar fazendo essa reversão. E foi por, mais ou menos aí, 85, 86, que nós passamos a Globo também em Manaus e aí a programação era única, era uma maneira muito mais fácil de trabalhar.

13.Luís Augusto

85?

Nivelle Daou Junior

Se eu não me engano 85 ou 86, mas por aí, Manaus também passou a ser filial da Globo. E aí, essa chavezinha virou a grande vedete da Rede, porque essa chave tinha de funcionar de uma maneira muito perfeita... Então, tinha um tom que se jogava no sinal do satélite, que fazia a comutação automática e havendo alguma falha, ela tinha que ser feita manual, enfim... Mas foi um passo gigantesco essa integração via satélite e num, segundo momento, a gente poder receber a programação instantânea da geradora e colocar nossas inserções, também fazer o nosso jornal já ser um jornal regional. E esses passos assim, eles foram integrando a região e, hoje, nós estamos às vésperas de um novo passo. Então, nós saímos com a nossa programação a partir de Manaus. Só que Acre, Rondônia, Amapá e Roraima, hoje, ainda recebem o sinal que sai de Manaus. Mas hoje, estamos às vésperas de entrar num processo que nos batizamos internamente aqui, de “estadualização”, onde nós vamos subir de cada capital com sinal produzido pela geradora de cada Estado. É o passo seguinte da integração total porque aí cada Estado não vai estar vinculado a Manaus e, sim, a sua capital. Aí qualquer cidade, qualquer região de cada Estado vai estar finalmente integrada ao seu centro comercial, centro político e tudo mais de cada Estado.

14. Luís Augusto **São satélites diferentes?**

Nivelle Daou Junior

Não. É o mesmo satélite, mas com “transponders” diferentes, frequências diferentes. Então, a gente usa seguimentos diferentes do satélite. Mas, as antenas estão todas viradas pro mesmo local, a menos de um outro seguimento, uma outra história que nós... A Amazônia e a própria Embratel que era entidade do governo, ela não tinha canal de áudio e vídeo de algumas capitais. Então, a Rede Amazônica resolveu investir nisso, uma vez que, não conseguimos sair com áudio e vídeo de várias localidades. A Rede Amazônica investiu em “up links” próprios e conseguimos fazer um jornalismo. E aí nos tínhamos subida de Porto Velho, quanto Rio Branco, Roraima, Amapá, além da nossa sucursal em Brasília. Então, fizemos esse projeto, instalamos “up links”, em todas as capitais, mais a sucursal. Aí nós já tínhamos um canal de comunicação próprio do qual o jornalismo efetivamente se integrou nesse instante também.

15. Luís Augusto **Quando foi isso?**

Isso já foi em 90, talvez em 95. Nós começamos com esses up links já tem uns treze, 14 anos. Porque, até então, mesmo que nós quiséssemos enviar uma notícia de Rio Branco, Acre, só via fita. Aí, tinha que colocar, gravar uma fita, colocar no avião, recolher no ponto onde estivesse o destino da matéria, e não tinha como, porque a Embratel não dispunha de recurso, mesmo sendo do governo. Então, nós resolvemos investir e, a partir daí, houve essa integração. Mas esse é o detalhe de cada capital ter sua subida.

16. Luís Augusto

Para ter satélite, você precisa de torre, você precisa de antena, como foi fazer essa infra-estrutura nas emissoras, nas cidades do interior? Quais foram às

dificuldades logísticas que vocês tiveram? Eu tenho conhecimento que alguns momentos da história da Rede Amazônica, vocês tiveram que ter parceria com as Forças Armadas para levar muito material para esses lugares, porque não chegava nada?

Nivelle Daou Junior

Isso. Na implantação das retransmissoras, tanto exército, quanto aeronáutica, quanto marinha, eles foram parceiros fundamentais, pois existiam regiões que, efetivamente, não tinham nada comercial. Nenhum transporte comercial. E essas regiões, todas recebiam mantimentos, assistência médica através das forças armadas. É um trabalho que não é muito divulgado, pouca gente sabe tudo aquilo que o exército, marinha, aeronáutica, que eles fazem pelo Brasil, que não é só a segurança nacional. Eles fazem um assistencialismo notável e, pouca gente sabe. Mas eles sempre cooperaram auxiliando no transporte de equipamentos. Então, às vezes, nós tínhamos de ficar esperando um Bufálo, um Hércules que, sempre andaram muito aqui pela região, para poder levar um transmissor, tipo, para Cruzeiro do Sul, para Lábrea, algumas regiões que não tinham como chegar se não fosse através da aeronáutica. E até situações de pane no avião que o equipamento precisou ser jogado para aliviar peso... Isso aí existe na história da rede. Algumas situações de emergência e coisas curiosas. Teve a Copa do Mundo que, por não ter satélite ainda, os jogos eram passados via fita. E, numa dessas cidades, mas especificamente Boa Vista, deu uma pane no transmissor. Mandamos um técnico urgente para lá, o técnico colocou o transmissor no ar, arrumou e foi pro aeroporto para voltar. Quando então, o governador disse: “onde está o técnico, está no aeroporto? Ele mandou a polícia ir pegar o técnico e falou: “você só sai daqui agora quando acabar a Copa, para garantir que nossa cidade possa assistir todos os jogos e tal...” Então, tem coisas curiosas assim que são fatos bem pitorescos da rede. Talvez, uma região mais pitoresca ainda era Rondônia, porque Rondônia nós fazíamos alguns links em VHF, ou seja, existia uma retransmissora e aquele sinal era retransmitido para outras cidades mais próximas. E usávamos alguns pontos estratégicos tecnicamente, mas pontos de muito difícil acesso. Ai tem um de Ji-Paraná para chegar em Cacoal, Pimenta Bueno, tem um morro no meio do caminho. E aquele morro, ele era usado na época como ponto de retransmissão. Então, nosso sinal que saía de Ji-Paraná, tinha um transmissor que recebia lá em cima do morro e retransmitia para Cacoal, Pimenta Bueno. Só que existia uma escada de madeira com mais de mil degraus para chegar ao topo desse morro. E, conseqüentemente, a energia que tinha, era um grupo gerador debaixo do morro, com que aquele fio imenso que chegava até... E a gente tinha muita dificuldade técnica de fazer a manutenção, de chegar então ... Os nossos técnicos quando iam fazer a manutenção tinham de subir mil degraus, quando chegavam lá em cima, ficavam quinze minutos deitados respirando porque não conseguiam mais se mexer de tão cansados, aquela coisa toda... E era muito interessante que nós ficamos alguns anos, fazendo a manutenção e emitindo sinal dessa maneira, até que a própria Embratel ocupou uma calota, a outra calota do mesmo morro, e nesse instante, eles asfaltaram uma subida e aí a gente, depois de muitos anos, a gente conseguia subir o carro no morro. Então, era uma comemoração sempre violenta. O morro, inclusive, nos primeiros instantes, aquele morro era chamado Morro do Bocós, acho por ser um morro muito ruim, não sei... Ai ele passou a ser chamado Morro do Muqui. Nós passamos um bom tempo usando esse morro para fazer o ponto de retransmissão, até que a Embratel chegou, ela asfaltou... E, então, a gente passava a cidade inteira,

passava assim, todo o estado de Rondônia, tinha a BR-364 que não era asfaltada, então, nós enfrentávamos duas situações: na época das chuvas, era lama, atoleiro direto. Então, a gente para fazer uma viagem a Ji-Paraná era uma coisa complicada que a gente forçosamente ficava um ou dois dias na estrada, atolado. Era muita ajuda de caminhão, às vezes precisava buscar tratores, coisas assim. E, na época da seca, era o areal que sempre tem, principalmente, depois de Pimenta Bueno para chegar a Vilhena. Era um areal muito forte... que também se atolava no areal... Então, não tinha jeito, seja qual fosse à época do ano, a gente sabia que ia enfrentar o atoleiro em algum instante. Então, nós andamos naquela BR, sem asfalto nenhum e quando chegava ao morro, tava todo asfaltado, era uma alegria. Então, era muito difícil. Essas fases todas foram passando e depois com o satélite, nós fomos melhorando as recepções e aí nós fomos tirando essas repetidoras e colocando as antenas de satélites, recebendo sinal direto. E com tudo isso foi melhorando a qualidade, a estabilidade de sinal, a própria instantaneidade, cada vez mais intensa. E até chegar num ponto, que talvez seja objeto do seu trabalho, mesmo assim para a gente fazer uma subida no satélite, ainda é um custo muito alto. E mesmo que a gente tenha subida, a gente tem que ter seguimento espacial contratado que também é uma coisa muito cara.

17. Luís Augusto

Hoje a gente tem o satélite 24 horas?

Nivelle Daou Junior

Temos duas situações de 24 horas. Um satélite, um “transponder”, a gente usa a programação 24 horas em um processo chamado NCPC, uma portadora com duas programações. A gente usa a TV Amazonas e o canal Amazon Sat na mesma portadora 24 horas. E temos um outro seguimento, que é esse que falei do jornalismo que também temos a frequência 24 horas para fazer a transmissão de programa de notícias, fazendo todo o movimento de rede, inclusive, para a Rede Globo. Todo o material produzido pela Rede Amazônica na Amazônia, ele é transferido para a Rede Globo através desse seguimento do jornalismo que tem a disponibilidade 24 horas.

18. Luís Augusto

Qual o custo diário desse satélite?

Nivelle Daou Junior

Isso é caro. Hoje a gente tem, a gente paga... Isso é um custo que deve estar gerando, mês, R\$ 200 mil, altíssimo! Os dois satélites mais os serviços que a gente ainda faz fora desses dois. Acho que hoje, a “Staruam” é o fornecedor mais pesado para nossa contabilidade.

19. Luís Augusto

E o caso dos Estados seriam um outro custo?

Nivelle Daou Junior

Prá gente fazer essa “estadualização” que nós estamos negociando, aí já serão outros seguimentos que esse valor tende aumentar, porque nós vamos fazer subidas regionais agora, sem prejudicar esses serviços que já existem.

20. Luís Augusto

Chegando a 2003, e aí se começa a testar a tecnologia do FTP. Como que chegou até você, a idéia de fazer essa transmissão, e como foi essa implementação dessa nova rede no interior?

Nivelle Daou Junior

Isso foi como consequência da evolução da internet. Então, a internet começou muito tímida, até então, desacreditada do mundo. E rapidamente, ela foi virando um “boom” e foi tomando espaço, criando mercados que não existiam, modificando outros tradicionais, enfim... E como essa subida pro satélite é cara, então, nós só podíamos fazê-las nas capitais e não se consegue fazer subidas fora das capitais por ser muito caro... Mas aí, nós começamos a ver a necessidade de integrar pontos distantes também, e com o advento da internet, com a possibilidade de você ter um canal, e nesse canal poder transmitir dados ou vídeo, áudio vídeo, para transmitir áudio e vídeo precisa de uma banda muito maior, se começou a pensar naquele que nós batizamos aqui de correspondente jornalístico. As câmeras portáteis foram evoluindo até chegar num estágio que o processamento das câmeras, até mesmo as domésticas, elas passaram a ser digitais e a porta de comunicação, elas passaram a dispor de uma porta de dados para a comunicação. Nós começamos estudar, a possibilidade de usar esse tipo de link, esse “fiwire” que a gente chama, para usar uma câmera dessa, embora sem a qualidade do “broadcast” que é a qualidade que a gente usa no nosso negócio. Mas por ser de baixo custo, nós acreditamos desde o início, que ela seria uma solução para, em regiões muito afastadas ou regiões totalmente isoladas, nós pudéssemos usar esse tipo de equipamento para poder integrar essa comunidade ao nosso sistema. Então, começamos a imaginar um kit que poderia usar esse tipo de câmera. Usar um “doac”, um conversor. E a gente poder usar um canal de internet e mandar o sinal para cá. É aí que entra o FTP. Ele armazena num servidor de FTP esse material que esses correspondentes que foram sendo implantados e, continuam sendo implantados, se treinam com uma pessoa que está dando o nome de vídeo-repórter para que essa mesma pessoa faça gravações, ela faça uma pequena edição na própria câmera ou em algum equipamento que a gente coloque e possa mandar esse material para Manaus e arquivá-lo. Nesse servidor de FTP e aí, a nossa central de jornalismo passar a dispor desse material e utilizá-lo nas nossas edições diárias. Então, regiões até então, sem nenhuma possibilidade de conexão com as capitais ou, de se fazer presente de alguma forma, acabou se integrando através desse projetinho... Se a gente olhar a concepção dele, é uma coisa muito simples, mas que, acreditar que isso fosse dar certo e acreditar que links de internet de baixíssima velocidade, de capacidade muito limitada, a gente pudesse acreditar que esses links assim, vamos chamá-los até de deficientes, hoje, por terem uma velocidade incompatível por qualquer aplicativo, por qualquer sistema, nós pudéssemos efetivamente integrar essa cidade. Mas é o que aconteceu. Então, hoje em dia, a gente transmite, conforme o sistema, conforme o link. Evidente que para transmitir, assim, dois minutos, a gente pode levar 40, 50 minutos, uma hora, mas efetivamente a gente consegue ter essa notícia. Isso muda totalmente o panorama porque pontos que estavam, efetivamente, isolados deixaram de ser. E a gente ver que o próprio governo está investindo muito em mudar as regiões mais distantes, a possibilidade de conexões com a internet, inclusive, o governo tem planos de fazer, até internet de graça em algumas cidades

e tudo mais. Para nós, isso é excelente porque quanto melhor as conexões de internet, melhor será o nosso serviço.

21. Luís Augusto

E no caso do FTP, é necessário ter a banda larga para ele funcionar?

Nivelle Daou Junior

Não. Tanto que não existe banda larga no interior e, praticamente, aqui em Manaus, também ainda não existe.

22. Luís Augusto

Em Rondônia nós já temos?

Nivelle Daou Junior

Sim, porque existe fibra ótica e aqui ainda não está integrado através de fibra, aqui ainda continua satélite. Mas, por isso que falei, o link é de banda ao contrário. Em vez de ser banda larga é uma banda estreitíssima. É o que faz com que a gente transmita um arquivo de um minuto, pode levar até 60 minutos para que você possa transmitir, com uma banda muito pequena, em pequenos pacotes.

23. Luís Augusto

Se tivesse banda larga seria mais eficaz então?

Nivelle Daou Junior

Se tivesse banda larga talvez a gente conseguisse fazer até ao vivo, seja da onde for. E como não existe, a gente faz, então, as matérias que não são instantâneas, elas não têm condição de ser ao vivo, justamente por essa demora. Mas aí por nosso servidor FTP, as matérias chegam, levam o tempo que for, mas elas chegam... E aí nosso jornalismo pode dispor desse material e poder fazer conexão com cidades tão distantes, às vezes assim, impensáveis de ter qualquer conexão e você ter qualquer material vindo de lá.

24. Luís Augusto

Depois de vivenciar toda essa história, onde você participou ativamente, como você vê essa integração que esse sistema permitiu para as comunidades. Qual seria o efeito desse trabalho da Rede Amazônica de integrar o Amazonas?

Nivelle Daou Junior

As próprias comunidades assim... Você nota que, cada vez que, a gente coloca um vídeo-repórter numa cidade parece que a auto-estima da cidade modifica. Porque eles passam a se ver, eles passam a fazer parte do contexto, até então, que eles estavam isolados. Eles, efetivamente, podem mostrar as atividades, às vezes, extrativista, de pesca, a piscicultura que às vezes existe, alguma coisa assim... Que até então, também ninguém conhecia. As festas, sempre existe alguma festa folclórica em alguma cidade, sempre tem alguma coisa que eles comemoram e isso sempre varia de cidade para cidade. Então, é uma injeção de ânimo muito forte, um projetinho pequeno como esse, pequeno na solução técnica, muito grande na dimensão do resultado. Então, a auto-estima, a atividade da própria cidade, ela modifica com a situação da cidade poder se mostrar e se sentir parte de um todo que, até então, não era. Então, foi uma Idéia bastante feliz fazer isso e situações assim de total isolamento, como existem nas regiões da Amazônia, através de um projeto assim, a gente vai poder ter uma unidade muito maior. Então o FTP, na

realidade, ele mais uma vez, mudou toda a estrutura, toda a cara da Amazônia... E a gente nota que com poucos meses, a qualidade e a eficiência do serviço, ela sempre melhora. A gente tem conseguido avançar muito em passos muito largos assim com a eficiência do produto. E eu tenho certeza, que muito em breve, acho que a Amazônia vai estar iluminada totalmente, com a “estadualização”, e com esse avanço da própria internet e dos equipamentos que a gente passa a dispor, nós estaremos em breve com a Amazônia todinha iluminada.

25.Luís Augusto

A tendência é levar satélite para essas comunidades ou você acha que a internet mesmo é que vai ser a solução?

Nivelle Daou Junior

Não. 100% internet. Internet é que vai ser o grande ponto de integração efetiva porque o satélite como eu disse, ele ainda é caro... E a internet é mão dupla, o satélite você acaba fazendo mão única. Se você manda é muito difícil, se você recebe para mandar é muito complicado, enfim... Mas agora a internet não, então, agora a internet tem facilitado, inclusive, interatividade, ou seja, a pessoa está assistindo um programa e pode interagir via internet devolvendo ao exibidor pela internet perguntas, dúvidas, a participação, enfim... Não há dúvida de que realmente a massificação e a melhoria da internet e que vai dar uma condição sempre diferente às comunidades.

Sétima entrevista – 24/06/2009

Entrevista com Raimundo Marques de Castro, coordenador do interior da TV Amazonas.

01.Luís Augusto

Raimundo, eu queria que você falasse para mim, como que você chegou à Rede Amazônica e, na época, como que era esse trabalho que você começou a desenvolver? E qual a visão que você tinha na época da Rede Amazônica, de Manaus, do Amazonas?

Raimundo Castro

Bom Luis, é o seguinte. É interessante até, e muito pertinente a pergunta, porque eu sou filho do interior mesmo, do Amazonas, né? Do município de Borba. Então Borba é referência, na verdade. Mas na verdade, eu morei numa vila chamada Flechal, né? Então, lá nós não tínhamos acesso à praticamente educação, à saúde e tal. Todo trâmite que hoje existe, assim, de tecnologia, lá não existia nada, na verdade, né? E os meus pais, tiveram a felicidade de nos trazer aqui para Manaus, eu cheguei com 12 anos, 12 para 13 anos, mais ou menos. Não sabia ler nem escrever, comecei a fazer isso aos 14 anos de idade, né? Aos 16 houve uma oportunidade, de um colega meu perguntar se eu queria trabalhar na Rede Amazônica. Mas até então, eu reparava carro, eu limpava jardim, etc e tal né? E aí eu falei que queria trabalhar na Rede Amazônica, mas eu não conhecia muito a Rede Amazônica, quase nada, na verdade. Só a programação da Globo, realmente, né? E aí falei, cheguei muito feliz em casa: “Poxa, mamãe eu vou trabalhar na Rede Amazônica.” Ela perguntou, é mesmo é? É. “Você vai fazer o quê?”. Vou ser *office boy*. E aí ela falou assim: “Mas, você sabe?”. Eu disse, não sei o quê que é, mas eu vou trabalhar na Rede Amazônica, né? E em 1982, 16 de junho de 1982, quer dizer, há 27 anos atrás. E

comecei a trabalhar na Rede Amazônica como office boy, e depois fui para porteiro e continuei limpando o jardim eu passei uns quatro anos. Fui para o quartel, voltei e trabalhei no almoxarifado da Rede Amazônica como auxiliar. Dois anos depois, eu passei a gerenciar o almoxarifado da Rede Amazônica, e gerenciei por 15 anos o almoxarifado, e saí para coordenar toda a nossa estrutura no interior do estado. Então, quando nós começamos, a Rede Amazônica, é claro, ela se expandiu muito rapidamente, e já existia há dez anos quando eu entrei na empresa, em 82. Ela foi fundada em 72, 1º de setembro de 72. E, claro, nós tínhamos só mesmo as nossas geradoras, né? Retransmissoras. Não tinha nenhuma programação local, né? A partir de 99 para 2000 começou, assim, a se instalar: a TV Parintins, A TV Itacoatiara e algumas outras posteriormente, né? Mas agora, de uns 3 a 4 anos para cá, realmente, que nós começamos a trabalhar, a botar em visibilidade, os municípios, né? Porque eles ficavam, assim, num ostracismo muito grande, né? Só recebiam a programação da Rede Globo e da Rede Amazônica e tudo. Mas agora, não. Agora também, os municípios passaram a receber a programação local, com o Jornal 24 horas que nós temos aqui em Manaus, também tem no interior, né? E nós começamos a dar treinamentos maior para os nossos repórteres, nós fizemos seleção. O jornalismo tem uma participação muito maciça nesse trabalho, mas quem vai lá e faz o trabalho de seleção, sou eu né? O jornalismo faz aquela parte da escolha final daquele que vai ser o nosso representante lá. Então, até então, não tinha ainda a possibilidade, por que era muito... Toda a nossa estrutura de mandar para o interior do estado, as fitas, era via barco. Como você sabe aqui no Amazonas é tudo muito “pertinho”, né? Você só tem duas situações, ou você vai de barco ou você vai em avião. E era muito complicado, às vezes, você mandava uma fita, chegava lá muito, uma semana depois, porque era feito assim. Graças a Deus, que hoje é tudo muito... A tecnologia é muito avançada, mas antes não. Tinha que ir lá no porto, deixar, o camarada tá preparado, o barco quebrava. E era realmente muito complicado fazer uma logística aqui para o interior do estado, né?

02. Luís Augusto

Agora, quando você chegou, começou a fazer esse trabalho de coordenação, o quê que a Rede Amazônica queria de você? Como que era essa relação?

Raimundo Castro

Bom, a princípio, como já existiam... 72, foram construídos vários prédios de lá para cá, né? Então, a princípio era nos estabelecermos a dignidade dos nossos prédios, por que com o passar do tempo, as intempéries do Amazonas é muito grande, né? Chuva, temporais, e vai deteriorando os nossos prédios. A princípio seria só pra gente manter uma boa estrutura, para dar dignidade para os nossos prédios etc e tal. Depois surgiu a idéia de nós implantarmos o vídeo-repórter no interior do estado, né? Que era, como disse o doutor Phellipe, que era para que o municípes pudessem se ver, por que estavam cansado de ver só o pessoal da novela e produções e tal. Então era muito interessante que os próprios habitantes daquele município pudessem se ver. E ter notícia do próprio município e tal, e foi quando surgiu no coração dele. A gente abraçou, assim, com muito amor essa vontade de ver cada município aparecendo aqui, através da Rede Amazônica, em toda a região Norte em todo Brasil, né? Era um sonho, na verdade, e um sonho hoje, que já é uma grande realidade, porque quase 50% dos municípios já estão, já foram beneficiados com essa missão de nós termos um vídeo correspondente.

03.Luís Augusto

Quais foram os primeiros municípios que passaram a cortar a programação para inserir as propagandas, no caso, aqui no Amazonas?

Raimundo Castro

As duas primeiras, na verdade, foram aquelas que são filiadas à Globo, né? Que é Parintins e Itacoatiara, aí depois nós viemos com Presidente Figueiredo.

04.Luís Augusto

Que ano que foi isso, mais ou menos? Que começou a cortar a programação?

Raimundo Castro

Itacoatiara e Parintins, eu não posso precisar prá você, mas foi antes de 99. Em 97, mais ou menos. As outras não, já foram de 2001 prá cá que nós começamos. Foi o caso de Presidente Figueiredo, Coari, Tefé. Tabatinga não é muito distante, tá com uns 4 anos, mais ou menos. Que essas que nós consideramos, assim, como aquelas que têm maior capacitação de equipamentos, as outras não. As outras funcionam, assim, de forma mesmo quase que artesanal, mas com uma qualidade muito boa, né? Porque eles fazem um trabalho lá. Mandam aqui prá Manaus, a turma todo dia tá aqui e sai como se, realmente, tivesse grandes equipamentos lá. Mas trabalha como pode né? Com o equipamento que nós temos.

05.Luís Augusto

Agora, com relação aos vídeo-repórteres. Você lembra qual foi o primeiro vídeo repórter da Rede Amazônica? Em que ano ele começou a atuar.

Raimundo Castro

É o pessoal de... Eu não tô lembrado quem era.

06.Luís Augusto

A Ercilene falou que foi o Valter, parece.

Raimundo Castro

É o de Manicoré. Exatamente, né? O Valter também é esse que trabalha, assim, com muito afinco, né? Mas ela não é uma mini geradora, não tem uma estrutura que tem, por exemplo, Parintins, Itacoatiara e as outras né? Não tem. Mas o Valter é muito antigo, realmente. Eu não posso precisar a data que ele entrou, mas ele tá aí há mais de 10 anos, com certeza.

07.Luís Augusto

Depois surgiu essa idéia do FTP, né? Como é que você lembra dessa primeira experiência, parece que foi no município de Manacapuru.

Raimundo Castro

Exato.

08.Luis Augusto

Como é que foi que vocês levaram o equipamento para lá? Prepararam o repórter, como é que foi a chegada dessas primeiras reportagens aqui em Manaus?

Raimundo Castro

Manacapuru, na verdade, foi melhor, porque fica a 80 quilômetros de Manaus, né? É o município mais perto e tudo. Tinha uma estrutura muito boa, porque nós temos uma estrutura boa em Manacapuru. E a população, também, lá é quase 100 mil habitantes, né? Então, a nossa primeira experiência foi muito boa, porque até então, nós não tínhamos vídeo-repórter, nós não tínhamos nada. Primeiro começamos com a seleção de um vídeo repórter lá, né? E graças a Deus, temos lá um repórter que é, assim, um espelho da nossa turma que é o Aduino Silva, né? E que é professor, que não tem nada de repórter nem nada, mas é um cara que se esforçou muito, uma pessoa assim muito determinada e tudo, né? E selecionamos ele, o pessoal do jornalismo, aprovou. E depois foi a turma do Jackson para lá, que é a turma que trabalha, realmente, com o FTP, que faz as instalações e tudo. E foi uma experiência boa, porque até então, nós mandávamos via ônibus. De lá prá cá... O cara dizia: “tá indo daqui xis horas chega, fica monitorando” e tal. Se o ônibus não quebrasse, chegava a tempo, se não, tinha que esperar que tudo desse a contento, realmente, né? Mas foi uma experiência muito boa, porque passou a se integrar muito mais rápido, né? A comunicação de Manacapuru com Manaus, as imagens, as reportagens chegavam com muito mais facilidade aqui. Então, foi uma experiência muito boa, a própria população gostou muito dessa forma como foi feita, né? Porque quando ele fazia lá o trabalho, passava até um dia, ou dois dias para ir ao ar. Assim não, o FTP acontecia lá, pá, aconteceu... E realmente, foi uma coisa, assim, muito maravilhosa prá gente, uma experiência, assim, muito boa.

09. Luís Augusto

Depois, como foi a expansão dessa rede? Parece que depois de Manacapuru, a Rede Amazônica levou essa experiência para o interior de Rondônia, né? Não foi isso?

Raimundo Castro

Exatamente. Já com relação aos outros municípios, eu não tenho tanto conhecimento, porque a minha área é mais... Ela abrange só mesmo o estado do Amazonas, né?

10. Luís Augusto

No Amazonas, né? E depois, como é que foi a expansão dessa rede?

Raimundo Castro

Houve uma... É aquela coisa de alegria do coração, coisa que nem menino quando faz um gol, né? Todo mundo vibra, né? E já havia uma integração completa, mas um dinamismo muito maior foi aplicado. Foi colocado lá em Itacoatiara, colocado em Parintins, Tefé, Coari e todo mundo queria, realmente, ver como é que funcionava essa transmissão tão rápida, tecnologia tão avançada, como é que fazia. E o nosso pessoal do CAI que é o pessoal do desenvolvimento aqui, é o suporte. Eles fizeram essas instalações, porque é que eles trabalharam diretamente com isso, foram instalando em cada uma das nossas praças, de maneira que hoje nós temos, graças a Deus, assim, esse fluxo muito rápido de informação.

11. Luís Augusto

Quantos municípios hoje têm o FTP, Raimundo? Nós temos aí Itacoatiara, né?

Raimundo Castro

Itacoatiara, Parintins, Manacapuru, Apuí. Apuí é uma coisa interessante, Apuí é no meio da floresta, se você for dá uma olhada, não tem rio, praticamente não tem nada. É avião, ou nada, não tem como você ir. Ou vai para Novo Aripuanã, que você um barco ou uma lancha de lá você pega um caminhão pela estrada aí é que você chega lá em Apuí. Se não, meu filho, é só de avião mesmo, né? Então nós temos Apuí, nós temos Presidente Figueiredo, Coari já falei, Tefé. Na verdade são 7 delas que tem, que funcionam. Tabatinga também.

12. Luís Augusto

Raimundo, e esse período, assim? Quais foram as grandes dificuldades que vocês encontraram para que esse sistema começasse a funcionar com eficiência?

Raimundo Castro

Olha, são vários. Graças a Deus que a gente conta com uma boa parceria das prefeituras que, normalmente, eles abrem muito as portas prá gente, numa parceria com a Rede Amazônica. Até porque, a Rede Amazônica, ela chega no município e tudo, mas não ganhamos nada desse município, assim, a título de lucro, né? O que ganha, realmente, é na questão cultural, de entretenimento para o povo ali que não tem... Aquele de baixa renda, que não pode comprar uma antena parabólica e tudo, né: Então, é muito difícil você chegar lá e fazer, criar um prédio, comprar torre, isso é uma demanda muito grande de valores, né? Mas a nossa diretoria não pensa na questão dos valores financeiros, mas sim dos valores culturais, né? Para o município, para os habitantes. Então, é um investimento muito alto. Você tem que comprar torre, você tem que comprar os equipamentos, os transmissores, aí tem que fazer o prédio, tudo, né? Então, é muito difícil, até por causa da distância que existe. Em outros lugares do Brasil, tudo é muito perto, mas aqui no Amazonas, do pólo da capital para os outros municípios é muito complicado. Eu sei que você conhece o Amazonas e sabe que para você chegar num município desses é... Tabatinga é quase sete dias para chegar lá de barco. Então, 14 dias só indo e vindo. Se você tem que passar uma semana para fazer o serviço, tem que passar quase um mês pra levantar um prédio ali, para fazer e estruturar. Mas graças a Deus, assim, que os prefeitos são muito acessíveis, são muito parceiros da Rede Amazônica e sem dúvida é com eles que a gente vai, a Rede Amazônica vai e faz a parte dela, né? Que a parte estrutural, de equipamentos e eles, o que eles podem ajudar com alguma coisa, eles vão fazer esse trabalho também.

13. Luís Augusto

Comercialmente, as emissoras são deficitárias, ou tem algum exemplo de coisa que já está dando um resultado?

Raimundo Castro

Não. São deficitárias, porque, os investidores do município são os comerciantes, né? Alguns que vão daqui prá lá e tal, mas é muito pequeno. Eles não têm como ter um faturamento bom e ainda investir na área de mídia. E alguns deles, porque também,

são leigos, eles não conhecem muito, assim, o poder da mídia, né? Então, eles preferem anunciar no carro volante e tal, que é melhor. Por que eles não têm idéia do quê que é você atingir o público, assim, em massa, em frações de segundos, né? Então, você tem que trabalhar, ainda, esse lado da questão, que é uma questão cultural, na verdade. Deles acreditarem que a mídia não tem muito efeito, na verdade é o inverso disso, né? Então, é muito difícil. Não tem ainda como tirar do comércio, é claro que lá na frente, lá no futuro, também, trabalhado isso, vai ter um resultado. Mas por hora não. É só mesmo o prazer da empresa, da diretoria de poder colocar no município algo, assim, notório e real.

14. Luís Augusto

Qual é o perfil, na sua opinião, do vídeo-repórter que hoje atua aqui no interior do Amazonas?

Raimundo Castro

Olha, primeiro, assim, é pelos valores né? Que a empresa coloca e todos nós temos que ter, né? É um camarada que tem um perfil, com uma postura ética, com responsabilidade, uma pessoa comprometida com o município, que seja aquele anti-partidário, né? Aquele anti-político, que não vai ser do lado A ou do lado B, mas uma pessoa que tenha ética, que saiba, realmente fazer um jornalismo com seriedade, com responsabilidade, que saiba fazer esse divisor, né? Que saiba ouvir os dois lados sempre. Uma pessoa que tenha, pelo menos, o nível de ensino médio completo, né? Uma pessoa que tenha essa responsabilidade, que olhe para as notícias, que não seja aquele vai fazer jornalismo marrom, né? Aquele “chapa branca” nem nada. Mas essa pessoa que, assim como a Rede Amazônica é uma empresa ética, compromissada, né? Que da mesma forma seja o perfil dessa pessoa que vai trabalhar conosco, que vai ser na verdade um formador de opinião, né?

15. Luís Augusto

Agora, muitos deles, desempenham, além de ser um vídeo-repórter, também ajudam na televisão, né? Como que é essa questão?

Raimundo Castro

É assim, não só a Rede Amazônica, mas acho que hoje, todas as empresas precisam de pessoas que tenham empregabilidade. Que é fundamental. Hoje a empresa não quer... Ah é só *office boy*, ah é só motorista, é só eletricista. Creio que todas as empresas são assim, e a Rede Amazônica não é diferente. Todos nós temos que saber fazer alguma coisa diferenciada. Eu, por exemplo, quando vou para o interior, eu sou o coordenador, mas se chegar lá e precisar meter a mão na massa, capinar e fazer a coisa, eu faço. E faço isso sem nenhum mérito ou desmérito de nada. É porque eu tenho o prazer de fazer o meu trabalho bem feito. Acho que quando você faz uma coisa com prazer, o teu trabalho com prazer, você tem um resultado muito melhor. Então, os vídeo-repórteres, além de fazer essa parte de reportagem, eles também cuidam da emissora, eles que mandam capinar, eles que mandam fazer a pintura, ligam prá cá, “olha Raimundo, preciso disso aqui”. A gente corre atrás do dinheiro para fazer isso, e tal né? Então, na verdade, se torna bem eclético esse trabalho, que eu acho fundamental, Por que o cara não pode ficar só preso naquele... O quê que tem tanto no interior? Não tem muita coisa. É claro que você vai ficar mandando notícia de lá, mas o repórter fica a outra parte da vida dele

ociosa e essa parte ociosa é que a Rede Amazônica coloca nele, assim, muita confiança de ele fazer o trabalho bem feito na área de jornalismo e na parte administrativa da empresa.

16. Luis Augusto

Nessa história, breve história aí, que você contou prá gente dos vídeo-repórteres, né? Quais foram, assim, as coberturas, os trabalhos mais interessantes que você viu, assim, do ponto de vista jornalístico?

Raimundo Castro

Olha, houve vários, né? Mas um, principalmente, em Apuí. É que eu achei aquilo muito interessante, né? Apuí, como eu tava falando prá você, é uma cidade incrustada dentro da floresta Amazônica, e eu já estive lá. Meu Deus do céu! Eu fico encantado com a cidade, mas ao mesmo tempo preocupado. Como é que esses caras... “Não come peixe?”. Aí eles falam. “Como, quando vem de outro município.” Não é como nos outros municípios que você joga a linha ali, pesca, vai no lago e tal. Lá não, lá não tem isso, né? E caiu uma ponte que dá acesso, eu acho que foi a BR-319, né? Que passa por ali que passa por Humaitá e Manicoré e tudo mais, né? E o repórter foi lá e ele é muito dinâmico, é o Antonio Jocimar, né? E ele foi lá, conseguiu captar as imagens, fez a reportagem e saiu no Globo Notícia, né? E eu falei: “Poxa vida, que coisa tremenda”, em outros tempos jamais aconteceria isso, né? O repórter lá no meio da floresta Amazônica. Vai lá captar a imagem, que era muito longe lá da cidade, ele consegue mandar via FTP prá cá, né? E, rapidinho, no mesmo dia, praticamente, o Globo Notícia deu a notícia de que a estrada tava interditada por que tinha desmoronado e tal. Eu achei aquilo fascinante.

17. Luís Augusto

Me diga outra coisa. Com relação às perspectivas desse trabalho, né? A gente tem informações que, por exemplo, parece que tem uma parceria da Rede Amazônica com o Governo do Estado para colocar a internet em todos os municípios do estado, né? Qual a perspectiva, o quê que se pensa com relação a isso, em termos de expansão desta rede? Hoje são vinte e seis, me parece, vídeo-repórteres, né? O que se planeja fazer com isso? Qual a perspectiva de crescimento, em sua opinião?

Raimundo Castro

Olha, eu sou um apaixonado pela Rede Amazônica, é o meu primeiro emprego. Há vinte e sete anos. Então eu sou um apaixonado pela Rede Amazônica e me apaixono muito, assim, pelas idéias da diretoria, né? Doutor Phellipe, doutor Milton são pessoas, assim, que têm uma visão maravilhosa. E a idéia da diretoria é fazer com que cada um dos municípios receba essa benção, que é ter lá no seu município, o vídeo-repórter, para poder mandar notícia e tal. Então, com essa parceria com o governo do estado que vai ter internet e tal. É a gente poder abranger o mais rápido possível todos os municípios, e aí sim, todos eles vão estar equipados com essa possibilidade de mandar matéria via internet, que aí vai evitar aquele negócio de avião. Porque nós temos muito gasto com avião, muito gasto com barco. Porque todas as fitas que mandam lá é 15, 20 reais. Avião é 20 reais. Então, se eles mandarem pelo menos quatro fitas, como eles mandam por semana. Imagina aí, essa gama de quase sessenta municípios, o que seria para empresa, né? Então via internet, não. Vai ser muito mais fácil, muito mais econômico, e a

viabilidade que vai ser muito melhor, eu não tenho dúvida disso, né? E o governo já começou. Nós cedemos as nossas torres, eles já estão fazendo as instalações da internet, em vários municípios já existem, né? E agora a idéia, realmente, é a parte da tecnologia, né? Que o doutor Nivelles que cuida dessa parte, já junto com o resto da técnica, preparar os equipamentos e, a gente tem que viajar para cada um desses municípios, fazer a seleção, de novo, dos vídeos correspondentes, para essas outras que faltam.

18. Luís Augusto

Pois é, quando é escolhida essa pessoa. Como que a Rede Amazônica prepara esse profissional para ele entrar no vídeo? Como que é o critério feito atualmente?

Raimundo Castro

Essa é outra coisa que eu admiro na Rede Amazônica. A Rede Amazônica não se preocupa com as questões só de tecnologia, dos equipamentos, nem nada. A Rede Amazônica, a maior preocupação dela, na verdade, é com o material humano, né? Com a mão-de-obra. E isso a Rede Amazônica cuida de uma maneira extraordinária, eu vou só abrir um parêntese aqui. Por exemplo, quando eu cheguei aqui, eu tava fazendo a segunda série, eu acho, do segundo grau. Dezesesseis anos, comecei estudar aos 14, né? Mas, de lá prá cá, a Rede Amazônica me deu chance de fazer... Me formar em administração, pós graduado em Gestão de Negócios, né? Então, quer dizer, eu sou uma pessoa já bacharelado e tudo. Mas tudo, devo graças a Deus à Rede Amazônica, né? Ela faz esse investimento, naqueles que realmente querem, que desejam, que têm essa força de vontade, que não perdem o foco. Ela dá toda a possibilidade. Então, com o vídeo correspondente, não é diferente. A gente vai lá, faz a seleção, o jornalismo faz a escolha aqui, com uma série de profissionais, vêm todos os perfis do camarada, e tal. Como é a estrutura dele de currículo. Aí nessa hora, eles escolhem e nós trazemos essa pessoa prá cá, e eles passam por vários departamentos para fazer o aprendizado dele. Ou seja, o camarada vem de lá, assim, casca grossa mesmo, né? Aí, quando chega aqui é que a turma faz a lapidação e todo um trabalho, na área da técnica, na área do jornalismo, na área da fundação, como é que eles fazem as coisas acontecerem. Ou seja, de lá eles vêm leigos, completamente. Mas quando eles saem daqui, eles saem bem estruturados, com certeza, pro município dele já com uma outra visão de conhecimento.

19. Luís Augusto

E, na sua opinião, qual a importância desses encontros anuais, assim, que têm sido feitos, ao longo desses últimos três anos aí? Qual a contribuição disso aí?

Raimundo Castro

Olha, eu creio que o aprendizado, Luis, é uma coisa, assim, fundamental em todas as áreas, mas em particular para a turma do jornalismo. Eles que vivem nesses municípios bem distante aqui da capital, é fundamental. Por que aqui eles adquirem muito conhecimento. Nessa... uma semana que eles passam aqui ouvindo os profissionais, como é que as coisas funcionam, ouvindo outros colegas de trabalho. Por que, claro, os trabalhos do jornalismo aqui da capital é diferente da turma de lá. Eles não têm toda a gama de trabalho que tem aqui. Então a nossa turma ela tem muito mais experiência, estão quilômetros na frente deles, né? Então quando eles

vêm e ouvem as palestras, os ensinamentos que são passados, o conhecimento é muito fundamental, isso daqui é como se eles pegassem um gás, né? Vêm aqui, aí quando eles passam por essa semana, assim, de conhecimento, de ouvir essas palestras, né? Por que pega aquela parte teórica, depois vai para a prática. É muito maravilhoso, não tenha dúvida, que eles tiram muito proveito desse nosso seminário que acontece. É bom se fosse mais vezes, né? A gente sabe que, realmente, é difícil trazê-los do interior assim e tudo. Mas uma vez por ano já está bom, e eu tenho certeza que de grande proveito pra eles.

20. Luís Augusto

Agora, especificamente, no caso da comunidade de Manacapuru, né? Qual o efeito desse trabalho do FTP, que parece que lá é desde 2003, que você pode observar junto à comunidade, assim? E outra pergunta já junto disso. Qual perspectiva de Manacapuru, que é um município que agora vai receber essa ponte, aí, que tá chegando ao Iranduba e deve ter um crescimento muito grande nos próximos anos, né?

Raimundo Castro

Na verdade Luis, Manacapuru já vem tendo um crescimento populacional muito grande, né? Com a festa da Ciranda que acontece anualmente, vai uma gama muito grande, e por balsa, né? Imagina agora com a ponte, então, vai haver, realmente, uma migração muito grande aqui em Manaus, por que é pertinho da cidade, né? Além dos atrativos naturais que vai ter e tudo, mas com a implantação do FTP no município, o quê que realmente melhorou? Muita coisa. Como eu falei para você, as vezes a demora ela é muito grande em sair uma matéria no jornal, devido a logística de trazer a fita de lá prá cá, né? Então, agora, com essa situação do FTP. É interessante porque eles gravam aqui e o camarada fica lá ligado, ele não tem que esperar dois, três dias para ver se a matéria vai sair. Com o FTP, acontece e fica lá. “Vai sair daqui a pouquinho”, e daqui a pouco tá saindo. Quer dizer, então, melhorou muito a qualidade, melhorou muito a perspectiva, as pessoas não têm que ficar ali muito demorado, esperando a matéria sair, porque vai sair no mesmo dia, né? Então a rede ganhou o quê? Credibilidade, por que sabe que a matéria vai sair, o cara fica assistindo e aparece realmente. A Rede Amazônica já era uma empresa com credibilidade, mas muito mais ainda pela velocidade da informação que chega até o telespectador na comunidade.

Oitava entrevista – 24/06/2009

Entrevista com Jackson Moises Oliveira do Nascimento, gerente de tecnologia da informação

01. Luís Augusto

Queria que você falasse, como você chegou à Rede Amazônica, o que aconteceu naquele momento? Como foi essa iniciativa até implementar o FTP no interior do Amazonas?

Jackson Moises

Fazendo um breve histórico... Nós chegamos à Rede Amazônica, nós tínhamos um parque de pelos menos 20 máquinas.

02.Luís Augusto **Que ano foi isso?**

Jackson Moisés

O ano de 1996. Vinte a trinta máquinas. Nesse momento, a própria diretoria passou a ter uma visão de futuro muito boa que era começar a trabalhar as informações em rede, compartilhar recursos, compartilhar informação. Daí em diante, fizemos planejamento para instalar computadores em nossas filiais. Eu lembro como se fosse hoje. Em 96 mesmo, eu fui instalar a primeira rede que foi no Acre. Nós fizemos nesta época a instalação de doze computadores. Doze computadores, colocamos os computadores em rede, um servidor e nós começamos, a partir dali, compartilhar informações. Na mesma época, a internet começou a se propagar. Então, a internet chegou a nossa empresa. Ela começou, não simples. Um teste aqui, um teste ali porque, até então, nós tínhamos uma rede, mas uma rede com órgão de satélite, com o pessoal da Anatel, da Embratel... É um recurso de rede que não lembro. É um recurso de rede que trazia os dados às praças. A Rede Globo mandava os dados ou a gente mandava os dados para a Globo, não lembro bem. E a rede era muito limitada. Daí chegou a internet. Começamos a testar a internet. A internet foi evoluindo, evoluindo e ao mesmo tempo que a internet foi evoluindo, nós fomos instalando os computadores. Então, o nosso parque de computadores começou a crescer e, em paralelo, com a visão de futuro, nós começamos a instalar links de internet, já que a internet estava na sua juventude. Então, computadores a mais, internet na juventude e mais a idéia de se comunicar de maneira integrada fez nascer a malha de rede que nós temos hoje. Muito bem. Isso não foi fácil, isso foi uma luta gigante porque mobilizar um técnico do interior para ir as capitais que não tinham recurso, o transporte era difícil, chuva, instalação de computadores, logística, realmente não foi uma coisa fácil. Enfim, com muita luta, nós conseguimos instalar um parque generoso de computadores. Hoje, nós temos próximo de mil máquinas. Nós temos uma média de 990.

03.Luís Augusto **Em toda a Amazônia?**

Jackson Moises

Isso, Rede Amazônica. Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Amazonas e Brasília. Então, nós temos aí, em frente às empresas do gênero, um musculoso parque computacional. Mas bem. Depois desse parque instalado, o parque estava na sua capacidade média de instalação. A diretoria começou a contratar links e esses links de internet começaram a dar certo. Então, o sistema desenvolvido pela Rede Amazônica, mais os links de internet que naquela época estavam extremamente de instáveis, porque a nossa região ainda tinha banda suficiente para trafegar, e mais o parque que nós tínhamos, compôs a nossa malha que nós temos hoje. Uma vez composta a malha, nós começamos a pensar. O que nós podemos colocar de serviço nessa malha de rede de internet? Entenda-se rede, tanto serviços internos, quantos externos. Serviços internos: serviços de sistema corporativo na internet. Externo: serviço de email, serviço de WEB e outras coisas mais. Depois de avaliar bastante, nós percebemos que nós poderíamos fazer contribuição. A contribuição na internet é algo que dá para ser feito e eu me lembro na época, o seo Phelippe Júnior chegou, me chamou: "Jackson, nós poderíamos trafegar conteúdo de vídeo na

internet? Estuda uma maneira de fazer isso. Eu te dou uma sugestão, tem o FTP”. Eu voltei para minha sala, conversei com o meu pessoal e nós começamos a testar isso. Então, testávamos e voltávamos com o Phelippe Júnior porque ele esteve muito na vanguarda desse tipo de tecnologia. Então, nós testávamos, voltávamos, sentávamos em uma mesa redonda. Eu mostrava o resultado e o resultado, às vezes, não era satisfatório, mas a gente sempre evoluía um pouquinho. Quando foi um dia, cheguei com o Phelippe e disse: Phelippe, chegamos a um tamanho de arquivo que dá para trafegar na nossa rede, o arquivo fica desse tamanho”. Ele respondeu: “Então faça o seguinte. Pegue o arquivo e calcule para mim quanto tempo ele leva para chegar aqui e quais os tamanhos de arquivo que podem chegar nesse tempo?”. Fiz uns cálculos, fiz umas tabelas, então... O resultado disso é que a partir daquele momento, era fato, dava para trazer matéria para cá, via FTP. E o que é FTP? Dentro da área de tecnologia da informação, isso é um grande protocolo de transmissão de dados. Em inglês é: File Transfer Protocol. Sistema de transmissão de dados via internet. E utilizando o protocolo FTP. Em português é: Protocolo de Transmissão de Arquivo. Muito bem. Nós já tínhamos computadores, profissionais, inteligência do processo, o protocolo e a malha de rede. Nós já tínhamos todas ferramentas para que isso acontecesse. Marcamos a primeira transmissão e partimos para a missão. Nesse meio tempo, vamos escolher uma cidade. Manacapuru? Por que Manacapuru? Porque era próximo. O transporte era tranqüilo para lá, dava para levar equipamento. Se faltasse alguma coisa de ordem crítica mandava-se buscar com facilidade, então, Manacapuru foi a unidade escolhida para esse teste.

04.Luís Augusto
Isso em que ano, 2003?

Jackson Moises

Isso é por aí, 2003. Essa matéria, inclusive, ainda existe a documentação dessa matéria. Eu me lembro como se fosse hoje, o Erivaldo...

05.Luís Augusto
É a primeira matéria gerada?

Jackson Moises

A Primeira matéria. O Erivaldo foi, tava todo mundo torcendo para que desse certo, eu tava do lado aqui de Manaus. O Erivaldo do lado de lá. E começamos a instalar os equipamentos e colocar as coisas para funcionar. Instalamos o sistema de edição. Ele capturou essa matéria porque não é somente você mandar. Tem um trabalho nisso. Você precisa de um computador, de uma câmera, de um repórter e você precisa de uma matéria, um conteúdo para isso, para que ele gere a notícia, propriamente dita. O Erivaldo foi, treinou. Ele e o pessoal da engenharia trabalhou no funcionamento da câmera, como faz para editar, como se usa os computadores, como é que acessa a rede de internet para mandar isso. Depois que essa matéria estava pronta, nós colocamos isso dentro do computador, editou bonitinho... Agora é o teste prá valer! Nós preparamos também toda a nossa estrutura aqui pro servidor que vai receber isso. Nesse momento, o Erivaldo colocou para enviar. Fez os procedimentos técnicos que, realmente, não é o conteúdo mas..., fez os comandos lá e começou a enviar a matéria. A matéria começou a evoluir, evoluir... Mas até aí não dava pra comemorar porque a evolução do arquivo para chegar aqui, quer dizer,

o caminho que ele leva para chegar aqui é uma coisa. Você pegar o que chegou e colocar no ar com qualidade é uma outra coisa. Você pegar o que chegou e colocar no ar com qualidade é outra coisa. Muito bem. O arquivo chegou e depois que ele tava no nosso servidor interno, nós tratamos para colocar isso no ar. Ou seja, já pegou, já colocou numa fita, gravou numa fita mandou pro nosso pessoal de operações. Aí deu para comemorar... Foi o momento que a gente viu que todo aquele estudo, todo aquele esforço, tudo aquilo que a gente tinha feito, em comunhão com o Phelippe Júnior, com a minha equipe e com o pessoal de Manacapuru, que foi um pessoal realmente muito receptivo. Até hoje, o Aauto faz, realmente, um trabalho muito bom. Mas também o pessoal do jornalismo aqui tava muito motivado para fazer isso. Ali quando a matéria foi pro ar, eu me lembro como se fosse hoje, eu liguei pro Phelippe Júnior e disse: “A matéria foi pro ar!”. Eu dei um grito, eu fui lá na redação, lá no máster do jornalismo. Eu dei um grito e aí o Dário disse: “Silêncio!”. Mas eu não podia fazer silêncio, eu tava muito animado. Aquilo ali foi fruto de um trabalho maravilhoso. Tanto é que as nossas transmissões, de onde forem, de uma praça, de uma unidade que tem a receita pequena, tá no jornalismo. Por

que? Porque o FTP contribuiu para essa unidade sobreviver. Por causa de um valor que está no jornalismo. Um valor de comunidade. É aí que entra depois da comemoração a consciência de tudo aquilo que a gente fez é parte de um conceito de integração na região. Porque imagina... se agora eu posso trazer os arquivos via internet, onde eu tenho rede eu posso começar a retratar a realidade daquela comunidade. A comunidade, ela começa, literalmente, a botar a boca no trombone do que está acontecendo. Aqui, até então ninguém sabia. Aqui até então só os correios traziam, só os aviões traziam, só os barcos traziam e a internet proporcionou isso. Então, eu acredito, fielmente, que esse processo, ele começou. Embora que esse processo tivesse sete ou oito anos, ele ainda está começando porque tem muito a ser feito. Quantas comunidades têm que dependem de internet para mandar um FTP para que a notícia fique aqui? Então, eu tenho, particularmente, tecnologicamente falando e com visão de negócio. Eu vejo que tem ainda duas grandes batalhas pela frente. A primeira batalha, com essa nossa pesquisa e essa nossa evolução no FTP é fazer com que alguém das concessionárias de internet reconheça isso e preste serviço de forma que possa contribuir com essa integração. Ora, se eu tenho uma empresa que usa FTP para trazer a comunidade mais próximo dos seus governantes e para que a comunidade seja reconhecida, inclusive, com essa notícia... Ela gera uma inclusão social. Porque gera uma inclusão social nessas pessoas, se as concessionárias enxergarem isso, elas vão também por consciência, comprar a idéia. Se a Rede Amazônica está fazendo inclusão digital, inclusão social e está levando informação, está trazendo informação daquele interior para o Estado, por que a gente não pode ajudar? Então, isso é um lado, onde as concessionárias têm de se conscientizar disso. A outra é o lado da Rede Amazônica. Nosso trabalho começou... Com o FTP, com a tecnologia do FTP, nós ainda temos pelo menos aí, são 28... são quantos municípios a rede?... São quantos municípios o Amazonas? São 62 por aí, não é? Então nós temos por aí, uns vinte, trinta, uns trinta e quatro municípios.

06. Luís Augusto
Dois terços.

Jackson Moises

É. Exatamente dois terços. Então, tem muito a ser feito. Hoje, é uma realidade, nós estamos trazendo não só o FTP do interior do Amazonas, mas do interior do Acre, de Rondônia, Roraima e Amapá.

07. Luís Augusto

Queria que você falasse desse segundo momento. Primeiro, a experiência foi aqui, depois levada para Rondônia.

Jackson Moises

Isso. No interior de Rondônia não foi diferente. Quer dizer, houve algumas facilidades porque o interior de Rondônia é mais evoluído e lá tem uma característica bem interessante que é o transporte. Então, eu tenho estrada que contribui para a entrega de equipamento, divide tempo.

08. Luís Augusto

Lá tem banda larga?

Jackson Moisés

É um outro fator interessante. O Estado de Rondônia e o Estado do Acre como eles tem ligações de rodovias, também tem ligação de internet. Toda aquela área é fibrada. Então, eu tenho fibra ótica naquela região. E isso nos ajuda muito porque trafega os dados mais rápidos. Só que lamentavelmente, essa região (Amazonas) é desprovida desse recurso de fibra ótica. Mas isso sobe pro satélite e vai cair aqui. Quando cai no Amazonas, já não é mais fibra ótica, já é satélite. Então, nós ficamos com o gargalo aqui. Eu saio com uma boa velocidade, com uma boa banda de lá e cai numa velocidade, numa banda ruim daqui. Mas, se a gente for olhar por isso, a gente nunca ia fazer acontecer o FTP. Chegamos em Rondônia, a facilidade de transporte. A dificuldade de equipamento, de gente especializada, de pessoas para entender que era o processo, a importância do jornalismo nos interiores, isso não foi diferente. Começamos a enxergar as comunidades mais próximas, a fazer jornal de rede. O Acre enxergar Ji-Paraná. Rio Branco ser enxergado lá para Ariquemes. Então houve um “cross” de matérias, de forma que todo mundo começasse a se enxergar, saber que Ariquemes existe, saber que Rio Branco existe, saber que as cidades existem. Mas, a fase de reconhecimento do valor disso é difícil, não é fácil. A comunidade dar valor a isso, demora um pouquinho. Depois que houve algumas ações no jornalismo é que começaram a dar valor nisso. O jornalismo começou a fazer rede. Então, é um jornal grande que eu tinha notícia de Ji-Paraná, notícias de Ariquemes, do Amapá. Então começou a fazer um mix da região. Aí, a nossa região começou a enxergar isso. Tanto começaram a enxergar as matérias de FTP com bons olhos que eles começaram a cobrar. Eu quero me assistir. Eu não quero assistir Ji-Paraná... Eles já sabiam que nós tínhamos condições de levá-los para região deles. Para que eles assistissem aquilo que se passa na comunidade deles. Então, veja o impacto disso. Primeiro, não tínhamos nada. Depois nós trouxemos toda essa matéria da comunidade para região. Agora, a comunidade pede que toda essa matéria volte para a região. O que nós chamamos de regionalização de conteúdo. Porque as pessoas querem se assistir, elas querem saber o que está acontecendo na comunidade, porque tem gente que está num bairro e não sabe o que está acontecendo no outro bairro. Ela quer saber o que está acontecendo na cidade dela, porque também impacta isso no dia em que ela for cobrar os políticos. Mas enfim, tudo isso gerado pelo FTP. Então, desde a concepção da idéia, o

histórico, o planejamento de instalação. A primeira instalação que realmente é inesquecível a maneira que comemorei isso. O que gerou para a região, o que gerou para o nosso telespectador, o que gerou para o próprio jornalismo que mudou o comportamento. Quando ele viu que tinha muita matéria, ele teve que se mostrar para que se tivesse espaço para essas matérias na telinha. E hoje, o jornalismo tudo que ele vai fazer, ele pensa. Eu tenho muito conteúdo, Acre, Amapá, Rondônia. Como é que eu vou fazer isso? Então, antes de mudar alguma coisa no jornalismo, eu vejo quanto conteúdo eu tenho para não deixar ninguém sem informação. Então, de uma ação de contribuição de FTP, eu consegui mudar um conceito de jornalismo. Mudar o comportamento de uma comunidade, mudar a percepção da comunidade, quando ela pede a programação dela. Talvez motivar as concessionárias a perceberem isso. Se não perceberem isso é uma falta de percepção, mas motivação tem muito. Superação tecnológica, nossa região muito difícil, nós fomos a primeira empresa a fazer isso. Eu até arrisco a dizer que a nossa empresa fez isso, muito antes do pessoal do Sul. Então, quando eles começaram a fazer, nós estávamos praticando isso. Então, só essa ação mexeu com muita coisa.

09. Luís Augusto

Isso mostra o lado positivo da ação. A partir do momento que você mostra o problema, a atitude do governo também é mais rápida?

Jackson Moisés

Muito mais. Se torna a ferramenta de feed back, ou seja: a idéia, mas a ação de fazer é a mesma.

10. Luís Augusto

Cruzeiro do Sul, Rorainópolis, depois Oiapoque. Houve dificuldade com relação a essas localidades, ou foi, mais ou menos, a mesma coisa?

Jackson Moisés

Já foi legal. Já foi melhor porque nesse período já se havia construído um know how, já se tinha profissionais que já sabiam a linguagem do FTP, porque na informática quando você coloca uma sigla, o primeiro impacto no usuário é dele construir um número na frente dele. E graças a Deus, nós conseguimos transformar esse número em túnel. Na hora que a gente falava o que era FTP pro nosso operador, lá da edição ele dizia: "isso que é FTP, é?" Isso é muito fácil, nós desmitificamos. A gente foi aprimorando a maneira de fazer acontecer isso. Logo, em Oiapoque, Rorainópolis, que foram as últimas já, nós tínhamos know how, nos tínhamos relacionamento com a tecnologia do nosso operador, e nós tínhamos mais ofertas de banda. Então foi mais tranquilo, não foi fácil. Porque fácil, você vai lá pluga, mas não é. Tem negociação de link, tem espera, tem que construir prédio, tem que desenvolver as pessoas, tem que comprar equipamento. Então fácil, não é. Já éramos detentores do conhecimento, então nós não tínhamos que fazer pesquisa, era realmente comprar os insumos e fazer as implementações.

11. Luís Augusto

Agora, ultimamente, nós temos ouvido falar de algumas comunidades que estão deixando de ter o FTP para a transição do Media Portal. O que basicamente, qual é a diferença que há nesses dois sistemas?

Jackson Moises

A grande diferença é que o FTP deixa de ser a tela principal de envio prá ser um agente por trás do Media Space, é uma nova versão Mídia Portal. Então, o FTP estava na frente, o meu operador, ele entrava no FTP fazias as configurações e mandava a matéria. Agora, ele não precisa fazer tudo isso. O Media Space sobrepõe o FTP. O FTP fica só fazendo back ground e o Media Space, ele é que faz o trabalho no FTP. Ficou mais fácil pro nosso operador.

12.Luís Augusto
O que é back ground?

Jackson Moises

É o que trabalha prá trás da ferramenta que eu estou disponibilizando pro usuário. Ou seja, o meu usuário vai abrir uma telinha do Media Space e lá naquela telinha do Media Space, não tem nada técnico, tudo ali é formal...

13.Luís Augusto
O Media Space seria um sistema?

Jackson Moises

Um sistema de computador. Então, naquela telinha tudo é intuitivo: Coloque aqui a sua matéria, diga qual é o arquivo que você quer mandar. Para onde você quer mandar. Você informa isso prá ele, a grosso modo enter, ele se comunica com o software de FTP e parametriza e manda.

14.Luís Augusto
Muda o conceito de envio?

Jackson Moises

Não. O conceito continua o mesmo, via FTP. A operação na frente do computador que fica mais fácil. Porque como é que era antes. O usuário abria o software de FTP e tinha de lembrar do treinamento dele, não era intuitivo: “Ah eu tenho que clicar aqui, agora aqui..e eu tenho que arrastar isso pra cá” Isso é mais técnico. Com o Media Space não, a tela do Media vem...

15.Luís Augusto
Mais didático?

Muito mais. A pessoa lê, já entende o que é. Não precisa ficar lembrando...Aí sim, quando ele aperta o botão, o Media Space trabalha com o software do FTP e envia o arquivo, é uma facilidade.

16.Luís Augusto
Porque está havendo essa mudança, aqui na Rede Amazônica em Manaus. Também haveria alguma coisa que vai melhorar esse sistema é isso?

Depois de toda a implantação do recurso do FTP para trazer as matérias, começou uma demanda. As matérias começaram a chegar, diversas matérias começaram a chegar e todo o dia tem conteúdo. Mas veja, esse conteúdo chega e nós vamos usar a onde? Como? Quando? Nós precisamos ter uma gestão disso porque agora tá uma nova era que é gestão de conteúdo. O Phelippe Júnior, ele viajou e reconheceu esse conceito e um dia disse: “Jackson, gostaria que você fosse visitar uma empresa

em São Paulo que faz essa gestão de conteúdo, um software que faz gestão de conteúdo. Eu fui, conheci essa empresa e homologuei junto com ele essa empresa e daí nós começamos a lutar pela aquisição dessa ferramenta. Respondendo a tua pergunta, o Media Space vem para gerir todo esse conteúdo. Eu preciso saber: quem elaborou, quando elaborou, que conteúdo é esse, onde eu posso aplicar esse conteúdo. Quem pode requisitar. Quando vai ser aplicado, quais as mídias serão aplicadas. Então, é a segunda etapa de todo o trabalho. O primeiro era gerar fruto de conteúdo. Agora, eu vou controlar o fruto de conteúdo porque futuramente eu vou trabalhar com o fruto de conteúdo. Então, eu tenho que ter isso guardado, de forma que eu possa converter para qualquer mídia, aí já entro no conceito de convergência. Por exemplo: Manacapuru fabrica o conteúdo uma vez e eu distribuo várias vezes, eu tenho de ter um software que gerencie isso, que faça a gestão disso. Por isso, o Media Space, ele vem não só para melhorar... Mas, a contribuição do Media Space, ela é essencial para a vida do negócio. Ela pega tudo aquilo que está chegando de FTP, guarda e distribui de acordo com a necessidade.

17. Luís Augusto

Nós estamos com uma média de 10 cidades que estão com FTP no interior. Qual a perspectiva de ampliação dessa rede? Como vocês estão trabalhando para isso?

Jackson Moises

A curto prazo, pelo o que está acontecendo e, principalmente, por nós termos a internet mais cara do mundo, nós não temos a curto prazo, previsão de ampliação nos mesmos padrões que aconteceram as últimas instalações. A única coisa que nós estamos ventilando é a parceria com o governo de um projeto Amazonas Digital que é onde o governo vai iniciar instalações de internet em cada um desses municípios. E essa parceria consiste em disponibilizar um espaço na nossa antena para colocar esse ponto de internet. Neste momento, ele libera um pouco de rede prá gente. Com esse ponto de rede liberado, viabiliza um ponto para eu mandar matéria via FTP. Então, eu vou buscar aquisição de equipamento, de uma câmera, um computador, um técnico para instalar e desenvolvimento de vídeo-repórter. Esta é a única ação que está sendo desenvolvida. Essa parceria que são 62 municípios, nós temos aí mais de dois terços a serem atendidos na estrutura de FTP e com esse link cedido, cedido não, compartilhado com o governo, vai nos possibilitar matéria via FTP. Agora, nós não sabemos qual é a capacidade do link, qual a instabilidade desse link, nós não sabemos qual a infra-estrutura. Nós sabemos de uma coisa: lá vai ter internet e se tem internet é possível mandar FTP. Nós vamos usar o máximo de tecnologia que tiver disponível naquela localidade, o máximo conhecimento que nós tivermos para fazer com que os arquivos fiquem menores e com mais qualidade e, em menor tempo, que for possível para instalar cada uma dessas unidades.

18. Luís Augusto

Quando vocês criaram essa tecnologia do FTP já tinha alguma experiência parecida, em algum lugar do mundo, onde vocês se espelharam para chegar a isso?

Jackson Moises

Não. Não tinha não. Isso foi um dos grandes pontos da nossa operação. Nós não tínhamos “case”. Ninguém tinha “case” prá isso. Ninguém tinha modelo determinado.

Todo o processo foi desenvolvido por nós. Nós estudamos um software de compactação, um software de edição juntamente com o pessoal de engenharia e um processo de como fazer isso. Então, não tinha nenhum modelo pronto para servir de baliza prá gente. Isso foi desenvolvido, isso é mérito da informática juntamente com a engenharia da Rede Amazônica.

19. Luís Augusto

Com relação a Manacapuru que foi a primeira experiência, eu imagino que você já deve ter voltado lá outras vezes depois de ter gerado lá o conteúdo do FTP. Qual foi impacto, depois de todos esses anos, para a comunidade dessa tecnologia? Está ajudando que essas notícias cheguem aqui em tempo real?

Jackson Moises

Eu posso até ampliar um pouquinho mais a resposta, não só te colocando o impacto na comunidade, mas o impacto nos próprios profissionais que trazem essa informação via FTP. Vamos começar pela comunidade. Eu voltei em Manacapuru, pelo menos, duas vezes. Manacapuru depois que começou a se ver, começaram a enxergar... Manacapuru se desenvolveu, a própria comunidade teve a percepção de desenvolver o pensamento. Por exemplo: Se eu tenho um problema da área daquela comunidade e aquele meu problema não é enxergado por ninguém, com o tempo aquilo esquece... Mas se eu tenho recurso para que aquele problema seja compartilhado com o governo competente, com os líderes comunitários competentes e até mesmo com o empresário local, aquilo não vai ser esquecido. Aquilo vai ser tratado, diferente. E eu já vi isso acontecer, em algumas situações, por exemplo, aconteceu com um porto. Tinha que desenvolver esse porto, um porto pesqueiro, não sei se estou confundindo com Parintins, mas enfim... É algo da beira do rio. Aquilo foi prá frente, a parte do festival, aquilo foi prá frente, o festival de ciranda lá. Tinha um problema no Festival de Ciranda e foi resolvido. Infra-estrutura de rua, já aconteceu também de algumas coisas serem resolvidas. Então, o ganho para a comunidade foi total. É inquestionável isso. A comunidade enxerga os problemas, se enxerga. E essas pessoas que comandam essa comunidade começam a enxergar também, ter outra visão que elas estão sendo observadas. E isso é importante, porque você fazer uma coisa sem que ninguém esteja te observando é uma coisa. Com alguém observando é outra coisa. A coisa sai com mais qualidade, não deveria ser assim, mas acontece. A comunidade tá se vendo, o governo tá se vendo, as outras comunidades estão se vendo: “Ah esse modelo aqui, pode ser colocado em outra cidade, porque eu vi que tua cidade não tem isso”. Então, é isso, além da tua cidade perceber, as outras pessoas, empresas, governos, perceberam o potencial de Manacapuru. Então, eu tive ganho tanto internamente, quanto externamente. Já no lado dos profissionais que fazem isso acontecer é que houve um desenvolvimento fantástico. A TV Manacapuru, ela tem um outro sorriso. Por exemplo, o nosso repórter, Aauto, ele tem prazer de fazer isso. Foi o FTP que deu visibilidade para ele, ele sabe que ele vai pro ar porque o FTP está funcionando. Então, ele começou a ficar mais motivado. Ele ganhou prêmio como repórter de rede. A partir dessa motivação, ele sabia que podia contar com uma ferramenta que ia levar o trabalho dele avante. Então isso foi importante. Foi tão importante quanto o desenvolvimento da região porque se o profissional, por mais que ele tiver ferramenta, se não tiver motivado, não entender quanto aquilo é importante, ele não consegue mostrar para as pessoas a matéria, a imagem de maneira correta. Então, com essa tecnologia tivemos dois grandes ganhos que foi o desenvolvimento interno

e externo de Manacapuru. O que vem de fora e o que estava lá dentro. E a motivação dos nossos profissionais para continuar fazendo esse trabalho e ter uma visão melhor de futuro na cidade. Esses dois ganhos foram fundamentais a partir do FTP.

Nona entrevista – 26/06/2009

Entrevista com Phelippe Daou Junior, diretor geral do Amazon Sat

01. Luís Augusto

Querida que você falasse prá mim, nesses dias tava olhando o livro do Abrahim Baze e vi uma foto sua no momento da inauguração da TV Amazonas e você era garotinho. Querida que você falasse como que você acompanhou os primeiros passos da empresa?

Phelippe Daou Junior

Olha, eu tive a felicidade de meu pai me levar para viagens na região desde cedo, entre nove e dez anos. Foi a primeira viagem que eu fiz e me lembro bem foi até na época que a empresa estava se mobilizando pra inaugurar Porto Velho e eu tive a chance também nessa mesma viagem de ir a Guajará Mirim, se eu não me engano, a primeira retransmissora que nós tivemos, depois da emissora de Porto Velho. E numa dessas viagens também tive a chance de conhecer, antigamente se chamava Vila de Rondônia, hoje Ji-Paraná. Também tive a chance, não me lembro se nessa viagem, mas na viagem seguinte de ir, no barro, na estrada, totalmente diferente do que é hoje, também conhecer Rio Branco. E aí levou um pouquinho de tempo para conhecer Macapá, Boa Vista e tal. Isso aí foi interessante porque a gente teve uma idéia muito, eu pessoalmente gravo e gravei muito, o que é um começo na rede e como é que se trabalhava. Então é uma coisa... não é que seja artesanal, mas bastante arriscada e bastante avançada do ponto de vista dos conceitos que estavam sendo aplicados. Por exemplo, uso de vídeo-cassete, coisa que muita gente nem usava no Brasil. Transmissores nacionais, isso aí desde o primeiro momento, transmissores da Maxcel que foram instalados em Porto Velho, Rio Branco, Macapá, Boa Vista, foi o que viabilizou, inclusive, porque o transmissor de Manaus era importado, realmente custou na época não sei se muito ou pouco, mas com toda certeza com muito esforço da empresa para pagá-lo. E já se teve uma aposta de transmissores nacionais desde aquela época, equipamentos, eu digo vts, coisas que ninguém apostava e a empresa também tava apostando nisso e coisas assim... Nossas retransmissoras eram assim, coisas muito interessantes. Quer dizer, era assim: era uma casa de madeira, (isso retransmissora, não a geradora, no caso de Porto Velho), no caso do interior de Rondônia, onde surgiram as primeiras, você tinha uma casa de madeira, as paredes de madeira, o piso de cimento, transmissores na época valvulados, também, eu não acompanhei isso de perto, mas sei de histórias que eram transmissores 'Dalis', que foram os primeiros transmissores, também nacionais de baixa potência, vira e mexe você ainda encontra os transmissores 'Dalis' em algum lugar, e o ventilador, porque não tinha como colocar ar condicionado, custos e tudo mais e claro, a torre ao lado. Isso era, sabe, lembro que isso era no interior de Rondônia, isso é totalmente diferente do que está. Mas se fez, acho que isso é uma característica muito interessante não só do meu pai, mas dos sócios daquela primeira hora. Eram caras muito decididos. Não tinham "tempo ruim" assim... E tinham que fazer, era um ideal, e iam fazendo, iam

construindo enfim, aí tem uma história grande do tráfego enorme de fitas, que esse material chegava nessas retransmissoras, tinham de ser veiculados aquele material, circulando aí, historicamente, se “diz”, mais de sete mil fitas, de todas as maneiras. É realmente esse “diz” não é nenhum exagero porque você chegar nessa região, quando se fala em Amazônia as pessoas acham que tudo é a mesma coisa, mas não é, a realidade que cada Estado tem uma característica muito específica, então a logística é diferente. Roraima é tipo de logística, dá pra você ir de automóvel para muitos lugares, Rondônia também, Acre em parte, outra parte você tem que ir mesmo ou de avião ou de barco em alguns momentos. No Amazonas, a grande maioria dos municípios é atendida por barcos e o Amapá tem uma estrutura um pouco melhor de estradas e dá para trabalhar um pouco melhor. Mas a maneira de chegar você vê até nas eleições que são cobertas hoje, a própria Universidade Federal do Amazonas que vai para o interior, até hoje, para chegar às urnas eletrônicas nesses lugares é um, realmente, um desafio muito grande. Então, quer dizer, uma característica interessante desses primeiros momentos era isso, as pessoas muito decididas tinham um ideal, do tamanho, eu diria, do tamanho da região e assim, vamos fazer... E iam fazendo...

02. Luís Augusto

Como foi essa história da empresa dentro de casa, como foi o Phelippe Daou pai para você diante de uma empreitada bastante desafiadora que foi o início?

Phelippe Daou Junior

Olha, meu pai tem uma coisa de que todo mundo tem que aprender com ele. Ele sabe dividir o profissional do familiar, é uma característica que ele não mistura. Você não tem assuntos de trabalho dentro de casa, apesar de todos os problemas que certamente ele tem e, não são poucos, desde aquela época. Então, na realidade, da mesma forma que ele sai daqui cheio de problemas, chega em casa parece que os problemas não existem e ele vai tratar sei lá, alguém fez uma viagem interessante, ele discute sobre a viagem, ou tem algum assunto interessante que foi lido, ou foi discutido por alguém a mesa, ele também se aprofunda no assunto. É como se os problemas ficassem de um lado e eu pessoalmente não sou assim. Mas, ele faz isso, é uma característica interessante. E saber dividir... E não perde o foco, uma coisa bem interessante. Porque não perde o foco da família, parece que o tempo todo que ele tá ali é para isso e quando está no trabalho se dedica ao trabalho, é uma característica interessante.

03. Luís Augusto

Você se formou em engenharia. Como foi essa definição por esse caminho e depois como você começou a atuar na empresa, nos primeiros passos profissionalmente?

Phelippe Daou Junior

Olha, a decisão é assim, uma coisa é fazer alguma coisa que é meramente individual, tinha uns planos de criança e tudo mais, depois se ventilou uma idéia de ser jornalista ou alguma coisa assim... Mas, a coisa vai evoluindo e eu sempre tive uma proximidade, um gosto pessoal na área de exatas e tenho na tradição da família de ter muitos engenheiros, não só exatamente de engenheiros eletrônicos. O doutor Nivelles é o primeiro engenheiro eletrônico. Mas tem engenheiro químico, tem engenheiro civil, enfim. E optei por engenharia eletrônica, uma coisa que eu mais me

interessava, no momento. Sei que sonhei em fazer colégio militar, depois fazer ITA, enfim, terminou não sendo possível, mas fiz a mesma faculdade do doutor Nivelles e gostei muito. Não trocava sinceramente, não é por nada, acho que cada universidade tem a sua característica, mas não trocava a faculdade que eu fiz pelo ITA que era um sonho que eu tinha. Até porque eu terminei tendo um desenvolvimento na faculdade muito interessante. Peguei um momento muito importante que era um momento de digitalização, começou a se falar muito em computador. Começou a se falar muito em sistemas digitais, em sistemas de controle. Então eu tive a facilidade, tive um convite de trabalhar no núcleo de informática na faculdade, então o primeiro PC da faculdade eu tive chance de manuseá-lo porque foi do núcleo de informática. Então, eu tava lá a trabalho desenvolvendo sistema para a faculdade, então foi uma coisa muito interessante. Sempre gostei de computação e sempre gostei de sistemas de maneira geral... Então, quando eu vim trabalhar aqui na empresa eu comecei na área de manutenção, foi em 90, foi quando eu comecei a trabalhar em Manaus, oficialmente em 2 de abril de 1990. Comecei na área de manutenção e uma coisa que meu pai sempre me disse era que eu buscasse um lugar na empresa. Começou na área de manutenção e aí depois eu fui assumindo algumas coisas na área de informática. Quando eu cheguei aqui a empresa era bastante embrionária, não tinha um conceito de rede de computador. Quer dizer só tinha um mini computador. Então o conceito de micro computação isso não existia e, isso eu posso dizer com muita tranquilidade, quando eu comecei não tinha nenhum PC. Hoje a gente tem mais de setecentos computadores na empresa e isso é número crescente do grupo, de uma maneira geral, isso em rede, com controle de tudo, enfim... Então, é uma coisa que sempre apostei e as pessoas que trabalharam e trabalham comigo até hoje, a gente continua apostando em infra-estrutura. Quer dizer, eu comecei na parte de manutenção, mas aí não demorou muito, até porque acabei me envolvendo com outras coisas e algum momento eu me direcionei mais para a área de informática, me envolvi sempre com a produtora de alguma forma, enfim... Algumas áreas, eu terminei sempre tocando, me envolvendo, não dirigindo necessariamente, mas estamos, mais ou menos, envolvidos trabalhando com eles. E isso foi muito interessante porque permitiu que toda uma adaptação, tem departamentos eu posso dizer que nasceram, cresceram comigo. Por exemplo, a AVG computação gráfica terminou nascendo com o grupo que a gente formou aqui dentro. Então alguns conceitos a gente foi colocando, apostando... Tinha alguns projetos parados ou enfim, estava necessitando a conclusão do projeto, então cheguei a participar da conclusão do projeto da sucursal de Brasília, eu participei, ajudei na finalização do projeto. Eu me lembro que a primeira retransmissora que ajudei a concluir foi em Cruzeiro do Sul e também a gente concluiu a implantação da rádio Amapá FM. Ela nasceu de um processo, onde tinha a concessão, eu participei do processo de finalização da rádio. Então, essas coisas como também computação gráfica foi uma coisa interessante, surgiu de uma placa. Tinha um interesse de fazer computação gráfica na empresa e comprou-se um dia uma placa, uma placa gráfica. E eu com as pessoas com quem trabalhava se determinou: vamos tentar fazer funcionar essa placa e que a gente tire alguma coisa dela? Foi quando as coisas começaram a nascer, com a implantação com muita dificuldade e hoje você tem um departamento que cuida de toda a parte, não só gráfica, parte não só de computação gráfica, mas toda a parte de grafismo em geral, inclusive, dando suporte aos eventos da empresa. Dando suporte aos departamentos da empresa em termos de marca,

produção de vídeos, enfim... Então, ficou um departamento bem diferente do que era, e eu acredito que está ajudando a empresa se desenvolver.

04. Luís Augusto

E esse momento de chegada no Amazon Sat, como foi?

Phelippe Daou Junior

Olha, o Amazon Sat, eu cheguei várias vezes. Na realidade, o Amazon Sat do próprio doutor Phelippe em função, é uma história muito longa, mas resumindo pela disponibilidade que ele tinha no satélite, em função de uma desativação de um serviço e aí surgiu a idéia ter uma canal exclusivamente amazônico. E tudo da maneira mais simples possível, como tudo dessa empresa nasceu. Pequeno, ela começou com um gerador de caracteres, era literalmente isso, uma pessoa com um gerador de caracteres colocando notícias. A gente foi selecionando para criação de marcas. A AVG, uma das primeiras marcas que ela criou foi essa marca do Amazon Sat, e lembro bem no final do ano foi tipo presente de natal assim prá todo mundo, surgiu uma marca...

05. Luís Augusto

Qual foi a idéia dessa marca?

Phelippe Daou Junior

Ela tinha uma idéia um pouco espacial, não me lembro os detalhes, mas era em função da questão do satélite, porque o Amazon Sat na época era só satélite, quando nasceu. Então não se pensava em ter emissora e tudo, e depois a empresa foi construindo e conseguindo outras concessões e, inclusive, o nome da Rádio e TV do Amazonas e foi montando essa rede. Mas ela nasceu como satélite, por isso ela tem uma visão um pouco espacial, é uma coisa assim diferente. E a gente começou selecionando as primeiras pessoas, porque tinha os operadores e tudo mais e foi nascendo... Num determinado momento eu fui envolvido em outros projetos e tudo mais, outra pessoa assumiu o Amazon Sat. Lá mais anos à frente, não sei dizer quantos (o Amazon Sat entre idéia e o que está no ar hoje teria 17 anos), então sei lá... Mais ou menos, há uns seis ou oito anos atrás, ele começou a trabalhar o Luciano Maia que, inclusive, foi contratado prá isso e deu na cara já um pouco de canal do Amazon Sat. Depois, acredito que uns três anos, a TV estava com ele, nós saímos do Amazon Sat e assumimos uma outra gestão... E retornei ao Amazon Sat pela terceira vez quando criada, na verdade, uma coisa que era muito importante para o Amazon Sat se tornar uma empresa. Era ele ter uma concessão de uma geradora. Então, isso aconteceu a 5 anos atrás, praticamente, quando se conseguiu uma geradora em Porto Velho. E também coincidentemente, a Amazônia Cabo que é a empresa que ganhou essa concessão, ganhou também uma concessão de rádio em Guajará Mirim. Nesse momento, em que se ganhou essa nova empresa, a Amazônia Cabo, ganhou essa concessão e se tornou, aquilo que era um sonho de praticamente há muitos anos, se tornou uma realidade consolidada em uma empresa que é a Amazônia Cabo Limitada. E a empresa, portanto, a partir desse momento, acho que seis meses depois, ela assumiu a programação do Amazon Sat, já com uma estrutura bem diferente, além do satélite você já tinha uma série de canais abertos na região, algumas emissoras já transmitindo o Amazon Sat e a partir de então, a gente tratou a empresa, o grupo como um todo e eu fui convidado a dirigir como um canal. Com um canal independente, portanto, podendo contratar

peças, podendo comprar equipamento, ter seu patrimônio e sua operação independente. Então, é isso que vem, o que é o Amazon Sat hoje. É um canal que começou com um gerador de caracteres, hoje é uma canal que tem 92 programas na grade, tem aí quase 150 profissionais trabalhando conosco, tem uma distribuição, só por TV de assinatura, supera aí cem mil pessoas que nos assistem.

06. Luís Augusto

E é também canal aberto?

É canal aberto em 46 municípios. Queremos ampliar isso o mais rapidamente possível. Estamos esperando só alguns requerimentos, na verdade, consultas públicas que vão ser colocadas aí à disposição pelo Ministério das Comunicações, a gente está em busca de aumentar, o número semelhante ou igual ao da Rede Amazônica.

07. Luís Augusto

Querida que você falasse sobre o FTP. Como surgiu a idéia de fazer a transmissão através do FTP e esse conceito de vídeo-repórter no interior?

Phelippe Daou Junior

Olha, surge pelo menos comigo e com as pessoas que trabalham comigo, surge assim um questionamento, por que não? A gente mesmo, dentro do Amazon Sat, antes mesmo dessa nova gestão, a gente brigou muito para ter um Amazon Sat na internet. E aí gente do IPI que tinha um escritório lá em São Paulo nos ajudaram a colocar, na época a gente transmitiu até o Festival de Parintins. E eu diria assim, foi um dos primeiros canais do mundo que teve seu sinal na internet. Era muito complexo na época e se achava que era muito complexo... Mas consegui superar tudo isso. Nós temos a internet hoje, não é só com um sinal, nós estamos com quatro sinais do Amazon Sat na internet. Nós estamos aí vindo em julho aí com o quinto sinal. Então, nessas idas às feiras, eu posso dizer o seguinte. Eu tive a chance rara, eu digo rara porque eu tava só nessa feira nos Estados Unidos. É uma feira produzida pela Apple e tinha um caminhão bau que era uma coisa interessante. Ele dizia que você ia ver vídeo em hard disc, isso em 1992. Aí, eu entrei na fila lá, sentei, o cara fez uma demonstração, onde passou um minuto de vídeo sendo veiculado, a partir, de um hard disc. Eu disse: nossa! O cara está fazendo isso, as coisas vão mudar muito, porque todo mundo só fala em fita, câmeras, não sei o quê. E o cara veiculou isso, simplesmente, um vídeo a partir de um computador, claro, que era um pouco mais sofisticado, era um minuto de vídeo, um minuto e meio. Isso realmente, me chamou muita atenção. E é por isso que a gente avançou em computação gráfica, porque é possível editar em computador, essa era a grande dúvida. Eu vi, então dá para editar, talvez a gente não tinha ainda o processamento necessário, tinha muitas placas aceleradoras, você trabalhava muito com isso e enfim, mas é possível fazer. Aí a gente fez. Os primeiros vídeos foram assim que saíram na Rede. Mas seguindo essa mesma idéia como já falei, a gente chegou na questão de colocar o Amazon Sat na internet. Bom, nessas feitas também a gente começava a ver muito trânsito de conteúdo na rede, na internet... Então eu tenho áudio, eu tenho vídeo, só um arquivo, por que eu não posso transferir um arquivo pela internet? Eu vou mandar um arquivo, vou usar um serviço (você tem vários serviços na internet, um desses é o FTP, File Transfer Protocol), então você tem vários serviços e por que não? E tem uma coisa também que a internet permite. Você ter uma série de softwares gratuitos. Então, hoje se fala com muita tranquilidade de MP4, na época não. Mas você tinha alguns codecs que você podia

utilizar e fazer alguns testes. Então, eu me envolvi com o pessoal de T.I. (tecnologia da informação) que já era o Jackson Moises que hoje está numa posição até superior dentro da empresa e vamos testar. Vamos pegar uma praça, nós já tínhamos instalado um serviço da telefonia aqui para Manacapuru, é um serviço ponto a ponto e a gente disse: vamos testar, vamos fazer um teste prático numa cidade aqui próxima que a gente vai sentir, se é possível ou não. Vamos tentar empacotar esse vídeo até na ponta. O que a gente via muito era equipamentos dedicados para isso e eu não acredito muito em soluções fechadas, particularmente na era de T.I. que estamos vivenciando, o importante é o conteúdo. O importante é você, enfim, trabalhar esse conteúdo e não você ficar amarrado em determinados padrões. Porque isso, a própria internet acaba com isso, então a gente buscou uma solução nossa, apesar de ter soluções no mercado, com alguns equipamentos caros que estavam sendo apresentados... Vamos tentar! Nós sabíamos muito bem o número de etapas que nós tínhamos de seguir e a gente vai testar isso lá da cidade de Manacapuru. E eu me lembro, como se fosse hoje, a gente estava até em reunião foi um dos técnicos nossos para Manacapuru, foi uma operação eu diria assim, junto (isso é importante) foi feita entre o pessoal da T.I. e o pessoal da engenharia, porque era importante o padrão de vídeo que a gente precisava ter e usando todo o conhecimento de T.I. Como é que eu posso fazer isso da melhor forma possível? Eu lembro como se fosse hoje, o pessoal tava lá em Manacapuru e geraram o primeiro vídeo. Quando abriram o vídeo aqui e deram o play, nossa! O Jackson foi um dos caras que saiu gritando porque a gente tinha feito. Então, a partir daquele momento, eu disse: podemos! A partir daí, vamos aperfeiçoar a solução. E nos ajudou muito porque estávamos com o projeto em paralelo de você automatizar pequenas geradoras no interior. Então a gente decidiu. Vamos aproveitar o processo, na hora em que for contratar o link eu vou contratar com essa finalidade, além de atender o ponto de vista administrativo e comercial dessas emissoras. Então, a partir de Manacapuru, nós fomos avançando, fomos para Tefé, Coari, Tabatinga...

08. Luís Augusto

O interior de Rondônia veio na seqüência, não é?

Phelippe Daou Junior

Creio que sim. Coisas, onde já tinham estrutura a gente já foi aproveitando e fazendo. E foi dando muito certo... Ao ponto de hoje, as pessoas começam a dar valor prá isso. Realmente vídeo, a gente, queira ou não queira, existe sempre uma diferença de velocidade entre as pessoas de T.I. e as pessoas de Broadcast. Não é que seja mal ou ruim isso, é questão do meio. Broadcast até pelas suas responsabilidades tem de tomar determinados cuidados. As pessoas de T.I. que trabalham nesse meio são muito mais ousadas, eu diria, porque o risco faz parte de T.I. É uma coisa inerente, as coisas na área de T.I. você faz põe no ar, é por isso que a internet tem essa velocidade, porque é feito assim. Por que o You Tube nasce e dá tão certo? Porque não tá preocupado exatamente com a qualidade e sim está se preocupando com o conteúdo que consigo disponibilizar, e depois em seguida vem a profissionalização disso. É muito comum na área de T.I. Então, o que acontece, é que se a engenharia se acertar com T.I. e T.I. se acertar com engenharia, isso levou um pouquinho de tempo, deu até certo problema de crédito mesmo: em acreditar que isso é possível, isso não possível, padrão, é possível utilizar ou não. Mas, uma vez isso absorvido, isso é uma realidade. Hoje, é uma fonte de informação

ao ponto de nós termos dois projetos muito reais que estão acontecendo agora em parceria com o governo do Amazonas. É um projeto chamado Amazonas Digital, onde você vai ter internet gratuita em todos os municípios do Amazonas. Com isso, aonde eu tenho um vídeo-repórter que não tem recurso do FTP, ele vai ter. E aqueles municípios que tiverem interesse em ter um vídeo-reporter, certamente, ele não vai ter só a oportunidade de um profissional, como também a possibilidade de geração. Então, é uma coisa real. Um outro aspecto é que a gente evoluiu também isso dentro da empresa começando pelo Amazon Sat. Em todo o trabalho que está sendo feito para controle de fluxo de vídeos, não só de vídeos, mas controle de fluxo de mídia dentro de redes convencionais. Então, a gente ao final dessa implantação, o que vai estar acontecendo, eu como se eu tivesse um robô, e ele vai estar checando todos os computadores de todos os nossos vídeo-repórteres, em qualquer parte que eles estejam, e trazendo diariamente essa informação para dentro dessa redação. Ou seja, o nosso vídeo-repórter vai ter o trabalho de editar o material, deixar disponível no computador. Este sistema vai estar checando em cada computador desse, em todos os computadores da rede e vai estar trazendo esses vídeos com qualidade para cá, que vão estar disponíveis para uso, que vão estar disponíveis para arquivamento, que vão dar uma velocidade enorme para todas as redações que a gente tem.

09. Luís Augusto
Seria o Midia Portal, não é?

Phelippe Daou Junior

Que agora mudou de nome, agora é o Media Space que para sorte nossa foi uma necessidade de mudança que ocorreu, mas que é uma mudança para todo mundo, fica mais fácil para todo mundo operar. A qualidade ou a segurança da entrega, da transferência desse vídeo-repórter, desse material da sua base para Manaus, ela vai ser melhorada. Então, nós já fizemos testes, em vários lugares, a gente acredita que já deram certo, mas com Media Space a possibilidade de dar mais certo, em qualquer cidade, em qualquer infra-estrutura, ela é muito maior.

10. Luís Augusto
Na sua visão, qual é o efeito desse conteúdo do interior produzido pelos vídeo-repórteres no telejornalismo da TV Amazonas e do Amazon Sat?

Phelippe Daou Junior

Olha, ele é total. É grandioso sob vários aspectos. Acho que o principal é que nós estamos indo de acordo aos anseios da população em relação aos meios de comunicação atualmente. Por que isso? Porque as pessoas querem se vê. Então, a maneira que eu consigo democratizar isso, fazendo com que as pessoas sejam ouvidas em qualquer parte da região, em qualquer município, independentemente da presença de uma equipe da sede nesses municípios, você se aproxima da população. Você consegue vivenciar, realmente uma nova realidade. E mais do que isso, começa a atingir todos os grandes objetivos que esses grandes fundadores da Rede Amazônica tiveram, quando pensaram em todo esse processo há 37 anos atrás. Então se você fizer uma retrospectiva, você sai hoje de um FTP e você pode imaginar aquelas sete mil fitas lá atrás. Então, eu diria assim, é uma característica da Rede Amazônica de inovar de acordo com o que a região permite, eu diria assim. Não é que nós sejamos mais ou menos criativos do que outras pessoas, é que a

Amazônia exige determinadas ações que exige mais criatividade. Não dá pra trabalhar e fazer televisão ou operar algum meio de comunicação na Amazônia sem que você busque alternativas para vencer as dificuldades. Porque as dificuldades são muitas, mas se simplesmente se você diante das dificuldades, você diz: não, desse jeito não dá pra fazer. Não. Nós temos que fazer, a dificuldade eu sei que existe. Isso aí, qualquer um sabe, basta viajar na nossa região. O que é importante é que você tenha a clareza do objetivo e resolva. Solução tem, mais cara, menos cara, mais ou menos inteligente, solução tem. Então, eu acredito que o grande mérito dessas iniciativas, aplicar corretamente a tecnologia na busca da informação, é exatamente isso, você aproximar o “amazonida” a se sentir “amazonida” e não, meio colombiano, meio peruano, meio boliviano, meio venezuelano. Não. Ele é brasileiro, ele é amazônida e você faz com que ele tenha voz dentro dos meios de comunicação. Então, agora mesmo, nós estamos em teste hoje com equipamento que a própria Daniela Assayag identificou com o pessoal da BBC. Esse equipamento está aqui em Manaus em teste conosco e também vai permitir via FTP em qualquer parte da Amazônia. Não só via FTP, mas consigo fazer gerações ao vivo com esse equipamento. Vocês vão estar recebendo aqui via internet e colocando isso no ar e também via FTP. Então o repórter pode fazer uma coisa off line e depois gerar esse material .

11. Luís Augusto

Gera via satélite?

Gera via satélite. Só que é aquele negócio. Eu ainda não vi o equipamento, mas ele é pequenininho, ele rapidamente identifica qual é o satélite, o próprio repórter pode fazer isso com cinegrafista e você vai estar gerando o material. Então, quer dizer, como eu sempre digo, você tem preocupação com infra-estrutura e para que em cima dessa infra-estrutura você viabilize geração de informação, geração de conteúdo, essas coisas não são estranhas porque hoje dentro da Rede Amazônica você colocar um equipamento desse que a BBC está utilizando, ele não é estranho. Porque a minha infra-estrutura ela recebe, ela seria 100% estranha se eu não tivesse me preocupado em vencer os obstáculos como por exemplo, a colocar um FTP. Então, a questão cultura foi vencida, isso aí tudo agrega valor em cima dessa base.

12. Luís Augusto

Com relação especificamente a cidade de Manacapuru, como você observa o resultado desse trabalho, o efeito para os moradores de lá, depois dessa experiência que começou em 2003?

Phelippe Daou Junior

Olha, eu acho revolucionário. Um dos nossos melhores repórteres que nós temos é de lá. Certamente, o efeito que se tem sobre a população, hoje ela é atendida. Hoje, existe Rede Amazônica. É até uma questão de identidade dessa empresa. Existe Rede Amazônica, existe Amazon Sat, ela me ouve, ela me escuta, enfim é o meu canal de comunicação. É isso que a gente tem de trabalhar mais ainda, todo mundo, todas as áreas da empresa. Eu acho que resume bem, entre o benefício e a percepção do benefício. Em Parintins, alguns anos atrás, dois, três anos atrás, o nosso amigo foi ao festival e como o alojamento nosso é dentro da emissora, ele um dia tava lá, dormiu lá com a esposa, enfim. Ele foi visitar a emissora e viu um repórter nosso fazendo a geração de matéria via FTP e ele perguntou: “o que você

está fazendo?” e a repórter disse: “estou mandando matéria pela internet para Manaus”. E ele prosseguiu: “quanto tempo vai levar esse material”. A repórter respondeu: “vai levar uma hora e meia mais ou menos, é o tempo que vai levar para gerar esse material”. E ele disse: “mas todo esse tempo?” E ela respondeu por fim: “eu estou gerando material para Manaus”. Então, certamente, é isso que as pessoas percebem, não é importante. Até com novos equipamentos, com links mais velozes, você tem esse material muito mais rápido. Mas o importante é ser visto, ser prestado um serviço. Então, eu não tenho a menor dúvida que o município de Manacapuru nos vê de uma outra forma e, muito mais do que isso, nós conseguimos prestar um melhor serviço para Manacapuru do que prestávamos antes do FTP.

13. Luís Augusto

Como você vê a evolução da TV na era digital agora? A gente tem falado muito na mudança que a TV digital vai trazer, mas pouca gente tem a dimensão de como vai ser essa transformação. Qual a sua visão quando nós tivermos implementado a TV digital?

Phelippe Daou Junior

Olha, eu acho que vai de mercado para mercado, cada um tem a sua visão. Eu acho que a TV digital vem se colocar numa mesma condição tecnológica do que se têm outras mídias, inclusive, como TV móvel gratuita enfim, você vai poder atingir as pessoas nos mais variados lugares, desde o carro, já está acontecendo isso. Com o celular, em qualquer lugar, num ambiente que onde gostaria de assistir um jogo, mas não tem, sei lá... Ter uma qualidade, uma definição que já é impactante. Mas eu acho, apesar das pessoas não pensarem assim, a grande diferença que vai fazer a TV digital é prás pessoas da nova geração. Eu costumo dizer que as mudanças tecnológicas nessa área digital, são que nem um click. Isso pode parecer engraçado do ponto de vista do negócio. Porque as pessoas mudam muito rapidamente, a nova geração, pessoas que tem hoje 15 anos, 18, já vão ser tornar consumidore,s já vão se tornar profissionais. Hoje, as pessoas estão nascendo hoje, elas pensam diferente ou vão pensar diferente. Pensam, precisam de serviço. É claro que a qualidade é importante. Não vamos desprezar a qualidade, mas ela está mais do que qualidade de imagem ou qualidade de áudio. Ela quer conteúdo.

14. Luís Augusto

Você acha que vai mudar o modelo de negócio?

Muda. Por isso que eu estou dizendo que o forte do novo sistema digital, na minha opinião, serão os serviços interativos. É isso que faz a diferença, é isso que as pessoas querem. Elas querem participar. Se você tem, por exemplo, a WEB 2.0, exatamente isso, as pessoas compartilhando coisas. Você tem a capacidade, por exemplo, do nosso jornalismo aqui ter a participação das pessoas e isso nós contratamos serviços. Nós temos contratos com You Tube que vai permitir que vocês recebam isso da população e possam fazer toda uma triagem e colocar isso no ar. Então, as pessoas querem participar, as pessoas querem opinar. Mas não é simplesmente sim ou não ou mandando um email. Ela quer construir com você. Então, por isso que eu acho que os serviços interativos vão fazer a grande diferença, claro, que não é nesses primeiros momentos cinco, dez anos, não vai acontecer, mas é o que vai ser o grande diferencial e na minha opinião é o que vai pagar os investimentos da TV digital.

15. Luís Augusto

Então você acha que o modelo do Amazonsat pode ser o diferencial no mercado?

Phelippe Daou Junior

Exatamente, ele está sendo construído para isso. Ao ponto de nós termos uma sucursal nos bairros. Vamos ter em outros bairros, com participação ao vivo das pessoas, enfim, usando tecnologia para isso, não tem como sair. As pessoas têm que participar do seu conteúdo, vocês têm que dar atenção a elas, enfim... esse meios unidirecionais não vão resistir..

16. Luís Augusto

É um tratamento pessoal, né?

Exatamente. É o que realmente eu penso e eu acho que vai ser bom para o negócio. Não é que o futebol não vai ser importante, não que os grandes shows não ser importantes, enfim, não é isso. É que as pessoas pelas diversidades dos meios que você têm e a possibilidade dos outros meios, deles terem participação, eles vão migrar naturalmente para os outros meios, se por exemplo, a TV, que é um meio convencional ela não entrar realmente nisso. Por isso, claro que houve um desenvolvimento da TV digital brasileira de você ter serviços interativos e realmente permitindo canal de retorno enfim. Então, eu vejo isso... Em outros países você já tem situações dentro dessa linha. Hoje, nos Estados Unidos, já se gasta mais tempo nos outros meios, principalmente, com internet do que televisão. Mas é isso, a questão do jornalismo. Eu tenho de ter capacidade, ao produzir o meu jornal, eu ter essa informação distribuída muito rapidamente em outros meios para alcançar mais pessoas ou durante a confecção do jornal, essa é a minha opinião, você já tem que estar dando subsídios para as pessoas. Porque, queira ou não queira, tem informação que a pessoa nem vai mais assistir porque já leu ou já viu até um vídeo antes e isso é real não tem como fugir. Então, essas coisas você tem de buscar alternativas de construir junto, fazer com que as pessoas estejam com você sempre e claro, no caso do Amazon Sat a gente tem a oportunidade de estar em diferentes meios que é também extremamente importante. Quer dizer, não importa qual é a preferência das pessoas, o importante é que você esteja à disposição e não o contrário, eu vou atrás. O usuário não vem mais atrás de você, ele não vem mais a procura de você. Você é que tem de estar a disposição dele.

Décima entrevista – 04/07/2009

Entrevista com Aluísio Daou, vice presidente de operações da Rede Amazônica

01. Luís Augusto

Como é a visão do senhor desse começo da Rede Amazônica no dia 1º de setembro de 1972, quando a emissora começou a funcionar? Como que era Manaus nessa época? Como que a família Daou recebeu essa iniciativa?

Aluísio Daou

Eu morava no Rio de Janeiro ainda, trabalhava no Conselho Nacional do Petróleo. Eu sou de formação de engenheiro de petróleo, sou engenheiro químico formado pela Universidade do Brasil e quando meu irmão deu a notícia que ele tinha ganho

uma concorrência de um canal de televisão em Manaus... Havia só a Ajuricaba que era já afiliada da Rede Globo e começamos a trabalhar para ver a homologação do canal e eu atuando no Conselho do Petróleo ligado à Presidência da República, na época da revolução em 64, aí eu no conselho do Petróleo até 70, 72 comecei a trabalhar para as coisas irem caminhando para que tivessem autorização do Governo para iniciar a televisão. E foi uma luta, o meu chefe era o Marechal Mauro Filho e dizia: Marechal, está na Embratel em tal setor o processo. E ele ligava e dizia: Rapaz, libera o processo do irmão do engenheiro fulano de tal, é gente boa nossa... E a coisa assim foi andando. Para você ter uma idéia nós gastamos uma caneta de presente, uma máquina fotográfica para ter a homologação do canal de televisão, canal 5. A máquina fotográfica era Olympus e a caneta era para assinar. Foi quando eu disse: Phelippe, pode vir aqui no Rio de Janeiro para assinar, porque a Embratel fica na Presidente Vargas. Assim foi minha origem na TV. E aí a TV inaugurou e eu ganhei de presente uma viagem para Manaus, para a inauguração da TV. Eu estive presente, bateram palma, terminou e depois voltei para a minha vida lá no Rio. Quando surpreendentemente, um diretor da Petrobrás que também era engenheiro químico, me chamou, marcou um dia para eu ir ao gabinete na avenida Chile, lá no Rio. Bem, um diretor me chamar, eu era da divisão técnica. Minha preocupação era saber o que era. A única que me vinha na cabeça, era ser demitido, porque o diretor não ia me chamar para me demitir. Chegou o dia, fui lá todo engravatado que era na presidência da Petrobrás, naquele edifício sede. Mandou que eu sentasse e relembramos o tempo da Universidade Brasil, que também ele tinha formado na Praia Vermelha comigo, na mesma escola e me entregou um envelope. Quando tentei abrir um envelope ele disse: Não, abra em casa, o envelope. Batemos um papo e eu maluco para vir embora, e eu maluco para vir embora, para ver o que tinha, o que constava naquele envelope. Quando peguei o envelope já no elevador abri logo, estava a minha transferência para Manaus, para assumir a refinaria juntamente com o vice-presidente, porque a refinaria de Manaus tinha passado de particular para estatal. A Petrobrás tinha comprado e tinha passado cinco anos se fazendo subsidiária até ser incorporada. E eu vim para implantar dois sistemas da Petrobrás. Um de planejamento e o outro da vice-presidência sobre compra, estudo e análise do Petróleo. Porque o petróleo vale pelo ele produz, não é porque ele é mais barato ou mais caro, é o que ele rende, esse que é um custo de um petróleo. E foi um desespero dentro de casa. Vou, não vou, fico sozinho, minha mulher dentro de casa, filhos... E tive que ir. Assinei um documento da Petrobrás e tive que vir. E com choros e reclamações viemos para Manaus.

02.Luís Augusto **Em que ano?**

Alúcio Daou

Isso em 74, já começando 75... A família veio reclamando e tal... Quando completou três anos, o vice-presidente e que eu era o assistente dele, que tinham que ter duas assinaturas, compra de petróleo um cheque, um número assim de um montão zeros, depois eu fui cortando os cruzeiros, cruzados e tal... Ele me falou: “está na hora da gente ir embora. Vamos escolher para onde nós pretendemos ir. Compra tudo o que tu quiseres de Zona Franca porque a Receita não mexe na bagagem de qualquer transferência de engenheiro da Petrobrás”. Eu muito alegre, cheguei em casa e disse: Mulher vamos comprar tudo e a tal. “A gente fala isso amanhã”. Eu achei

aquilo esquisito. No dia seguinte, ele perguntou “que tal?”, o chefe falou. Eu disse presidente: eu posso falar com o senhor depois. Ele olhou para minha cara apontando o dedo e ele disse: “você tá certo”. O seu lugar é aqui, você nasceu em Manaus, embora sua mãe seja carioca, você se criou no Rio, fez a sua vida no Rio, mas aqui é seu lugar”. E aí aquilo me assustou um pouco e tal e acabei ficando até hoje em Manaus, mas como engenheiro da Petrobrás. Num certo dia um colega nosso de Porto Velho, o finado Ulisses Paz de Azevedo, adoeceu e porque todo o eixo de Rondônia ficou abandonado e ninguém trazia problema porque ele estava doente, ele veio para Manaus e aqui teve um trágico fim. Morreu aqui em Manaus. Motivo pelo qual vai ter o nome, a casa do Amazon Sat lá em Porto Velho.

03.Luís Augusto

Ele foi o primeiro administrador de Rondônia?

Aluísio Daou

Foi o primeiro. Realmente, foi o primeiro. Os outros eram pequenos e tal, mas firmado foi ele. E o meu irmão chegou para mim e disse: “eu só posso contar contigo”. Mas rapaz eu sou engenheiro de petróleo. “Não, o engenheiro se dá em qualquer lugar. Se tu não fores eu to morto aqui, no eixo de Rondônia”. Eu pedi a primeira licença da Petrobrás e fui para lá. Eu só não chorei porque fiquei com vergonha, porque não tinha um lugar para me sentar.

04.Luís Augusto

Conta pra mim, como foi que você chegou lá. Qual era a estrutura da televisão? Como que era Porto Velho, como era o Estado nessa época, doutor Aloísio?

Aluísio Daou

Ele não tinha estrada, tinha aquilo que chamam de estrada de barro, de piçarra, era um território. O Romano era o salário do funcionário público. E a TV pequenininha lá, eu não tinha onde sentar e tinha um administrador que era um político e dizia: “Hoje nós vamos oferecer cadeira de roda, hoje nós vamos oferecer rancho e ele se locupletava com a TV”. Quando cheguei, um troço terrível, e entreguei a carta para ele que ia ajudá-lo também por um mês. Ele olhou a carta e jogou longe e eu disse: “Um mês eu largo isso aqui”. Essa foi a frase. E você imagina, eu com toda a estrutura de uma Petrobrás, eu olhar aquilo, mas eu tinha que fazer. Eu tenho uma gratidão ao Phelippe Daou, que hoje eu sou engenheiro eu devo a ele. Ele que me ajudou, ele me dava mesada. Acordava 8 da manhã e saia 10, 11 da noite. Eu não podia trabalhar, a não ser nas férias que eu ia para São Paulo. Então eu resolvi enfrentar a tarefa, com um mês depois eu voltei prá lá. A onde era um depósito, era uma sala, eu fui fazendo, fui fazendo...

05.Luís Augusto

No mesmo terreno?

Aluísio Daou

No mesmo terreno de hoje. Ela hoje tem cinco reformas. Só para você ter uma idéia, prá evitar roubo eu botei 32 quilos de prego no muro. Subi o muro dois metros e só deixei uma porta porque ela era descampada e todo mundo entrava e fazia até passagem de pedestres por ela, então não sobrava nada, tudo desaparecia... E aquilo foi fazendo, arrumando e criamos um auditório. Não tinha auditório, parede

dupla. Plantamos árvore para evitar uma poeira, que era uma poeira terrível, tudo terra...

06.Luís Augusto
Porto Velho também?

Aluício Daou

Porto Velho também. E aí fomos andando no interior e aí é que foi um caos...

07.Luís Augusto
Nessa época que você chegou já existia a fundação dessas emissoras do interior? Porque eu percebo que elas são quase da mesma data?

Aluício Daou

Já existiam cinco. Porque quando o governador nomeava, Jorge Teixeira, ele montou o Estado fazendo as estradas, fazendo isso, fazendo aquilo, ajudando e ele disse: "Este meu Estado vai assistir a Copa do Mundo todo ele". Então, nós estávamos fazendo as estações, verdadeiras barraquinhas do interior, duas águas, a janela e a porta. A maioria delas em madeira e a torre lá de 30, 40 metros de ferro, o lado do triângulo 30 centímetros e era assim.

08.Luís Augusto
O sinal já chegava pelo satélite, doutor Aloisio?

Aluício Daou

Não. Era fita por Porto Velho que tinha a Embratel. A Embratel tinha um link que ia levando. Depois é que veio satélite e a gente começou a usar. Mas aí fomos andando. Tinha Guajará Mirim que era do lado da Bolívia.

09.Luís Augusto
Era a cidade mais desenvolvida?

Aluício Daou

É. Era na fronteira e em seguida próximo a Porto Velho veio Ariquemes, depois veio Ji-Paraná, depois Cacoal e finalmente Vilhena. Agora uma mandava prá outra, era uma coisa terrível. Entre Ji-Paraná e Cacoal, tinha um morro, chamado morro do Muqui que tinham mil degraus. Lá em cima, tinha uma repetidora que a gente mandava prá Ji-Paraná, mandava prá Cacoal, uma parte da cidade de Presidente Médici. A gente subia 8 horas, deitava até meio dia porque a gente não agüentava mil degraus para fazer as manutenções lá em cima. E Cacoal era subordinado a Ji-Paraná, era o mesmo sinal que a gente puxava de Ji-Parana para mandar prá Cacoal. E isso foi um trabalho muito grande e isso foi crescendo as estações, ampliando. Temos fotos do que era antes do que é. E paradas pitorescas ao longo disso... Chegaram a fazer crítica por uma cidade que não tinha sinal e eu cheguei lá. Ao chegar, percebi que tinham roubado o transmissor, a estação não tinha sinal porque tinham roubado a transmissão. Prá que servia o transmissor prá esses caras, não sei. Eles não podiam usar porque a gente tinha, no eixo de Rondônia a gente já tinha permissão de usar sinal da Globo, porque a gente pagava cada programa. Para você ter uma idéia, a gente comprava um programa da Globo, filmava no Rio,

mandava aquelas fitas grandes e chagava a fita. A gente mandava para todas as cidades e passando o Fantástico. Quantas vezes aqui em Villhena: “Doutor, a fita do Fantástico não chegou ? o que é que eu faço?” Repete a quarta vez. Tá tudo escrito isso.

10. Luís Augusto

Como começou o jornalismo comunitário nesses lugares?

Aluísio Daou

Também quando cheguei a Porto Velho não tinha nem veículo, porque tinha um veículo, um Fiat 147, com a canga lá dentro. Porque o cara era político, ele queria fazer a propaganda dele. E a estação foi abandonada pelo Ulisses Paz de Azevedo. E a gente tinha de alugar um carro, em forma de pergunta, pegar uma fita e fomos fazer um telejornal, porque tinha que ter um telejornal. Uma estação de televisão é um telejornal que é a cara e a voz da emissora. E a gente tinha isso, fomos levando, fomos montando... Com a minha chegada, começamos melhorando as casas. Melhorando o sistema de canal de televisão, os transmissores, eram transmissores de 50, passamos para cem, depois passamos para 250, depois passamos para 500 e algumas já estão com mil como é Ariquemes, como é Ji-Paraná. E os filhotes foram crescendo, cada mini-geradora tem o seu satélite. Por exemplo, nós temos em Ji-Paraná, nós temos em Ouro Preto, em Presidente Medici, Jaú, Cacoal, nós temos Pimenta Bueno, nós temos Santa Luzia e outros municípios que são de menores portes, mas que já são municípios. Vilhena nós já temos Colorado, Cerejeira, Cabixi ... Ao todo nós estamos com 32 pontos que a gente assiste. E a imagem e o apelido de mini-geradora por que? Porque a gente pegava o jornal que era de Porto Velho e ia passando por microondas pela Embratel pelo mesmo horário. Recebia o Jornal Nacional da Globo, depois do Nacional a gente botava o nosso, as vezes botava antes... Era artesanal o trabalho, nós não tínhamos uma rede. Era o que a gente tinha no momento e tínhamos que fazer. E eles nos apelidaram, o pessoal da Globo: E essa “esporrinhola” como é que faz? Essa “esporrinhola” era o vídeo cassete que a gente filmava e a Ivone preparava vinte e tantas fitas de cada vez para mandar para o interior. Isso era o eixo de Rondônia. E a coisa foi andando. Por que mini-geradora? Porque o povo começou a dizer: “Poxa a gente só vê o Botafogo ganhar, a gente só vê o Flamengo perder, nós queremos o nosso time aqui”, e nós começamos a fazer um telejornal local e fizemos o nosso teleprompter sabe como? A câmera invertida preto e branco numa televisão e o camarada fica olhando. Esse já foi o definitivo porque antes era um botijão que a gente ia rodando com a notícia. Fizemos aqui na TV Amazonas isso. Nós não tínhamos, isso eu ainda era engenheiro, ou seja, eu ainda era da Petrobrás. Eu e um colega que ainda é vivo aqui em Manaus a gente fazia um bujão, no centro, botava as letras que era a ficha técnica que ia rodando lentamente e a câmera filmando. Tudo isso está registrado aqui. Voltando a Porto Velho, nós resolvemos fazer um telejornal dessa maneira. Filmava, com o prefeito eram dois minutos, por isso que se apelidou de mini-geradora porque o governo nos autorizou a fazer imagem, porque até então, era só a geradora. Pela dificuldade da cidade, porque não tinha lugar, não tinha estrada, não tinha nada...era como a gente fazia isso. Era uma violência da coragem do presidente Phelippe Daou que tinha de se meter aí, não tinha um tostão, não se faturava nada. Era tudo idealismo, uma coragem de seguir isso aí.

11. Luís Augusto

O senhor ficou até que ano lá em Porto Velho?

Aluísio Daou

Eu fiquei dez anos, nove anos e meio..

12.Luís Augusto

Em que ano isso?

Aluísio Daou

Entre 88 a 98. Ficamos fazendo, era ampliação, uma casa em cima de outra casa...

13.Luís Augusto

E o Estado prosperou muito rapidamente?

Aluísio Daou

Prosperou porque fizeram a estrada. O Teixeirão fez a estrada e chegavam em média por dia 30 famílias prontas de ônibus.

14.Luís Augusto

A colonização foi diferenciada pelo Sul do país, não é?

Aluísio Daou

Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, também vinha gente de Minas, também, vinha gente do Rio de Janeiro, muita gente do Espírito Santo. Vinham prontos, não é crescimento vegetativo é crescimento explosivo é que tinha essas coisas todas... E o governo ia dando guarida, e vinha muita gente de agricultura. Hoje, não. Hoje não tem mais agricultura em Rondônia, é a pecuária. Hoje tem 13, 14 bois por cada pessoa: é a população bovina...

15.Luís Augusto

Houve também com esse crescimento, a TV passou de deficitária a ter um resultado interessante?

Aluísio Daou

Ela passou a ser respeitada porque a bandeira da rede é: liberdade, justiça e, vamos dizer, ética, seriedade, honestidade. Nunca se usou imprensa marron, nunca se recebeu uma fatura vencida do governo fazendo uma crítica e ele com medo nos pagou. Nunca. Nunca, a direção maior da empresa pediu pro governador: "rapaz, me pague isso!" Nós nunca dependemos de governo, a esta nossa vitória.

16.Luís Augusto

E depois o senhor veio para Manaus. E como foi o trabalho na volta a casa?

Aluísio Daou

Eu viajava duas vezes por mês, às vezes eu ia só para Porto Velho, resolver os casos lá, porque tínhamos de desenvolver tudo. E cada dois meses eu fazia o eixo. As obras eram tamanhas que eu vou contar um caso muito pitoresco, nosso também. A minha moeda de compra era o tijolo. Existia uma olaria em Cacoal que eu me dei bem com o dono e a gente fazia a campanha dele pelo eixo. E comprávamos com permuta o tijolo. Quando nós não tínhamos dinheiro, nós comprávamos cimento com tijolo, areia com tijolo, frete com tijolo. Este foi o segredo

e a vitória do eixo de Rondônia. Por isso que hoje, o Estado mais desenvolvido, em nosso laboratório, é o eixo de Rondônia, porque a gente não tinha dinheiro, mas tinha um maluco que resolveu fazer essa operação e deu certo.

17. Luís Augusto

A experiência da BR-319 foi um elo que ajudou muito?

Aluísio Daou

Ajudou muito. Porque era no mesmo dia, 880, 890 quilômetros, a pessoa vai no mesmo dia. Depois que ela foi afundando, por crime dos caminhoneiros, os caminhoneiros que foram criminosos. E tinha uma determinação que eram tantas toneladas por eixo, eles passavam três carros dentro do padrão, paravam dois quilômetros à frente, passavam a carga de dois para o terceiro e os dois vinham embora e eles iam acabando com a estrada na BR de Porto Velho. Esse foi o grande problema da nossa estrada ter desaparecido.

18. Luís Augusto

E aqui o senhor voltou, mas continuou acompanhando lá. Como o senhor lembra desse processo quando começou a ver essa geração. O senhor viabilizou tanto pro jornalismo quanto para a parte comercial...

Aluísio Daou

Sem dúvida, foi aí que começou o profissionalismo da rede. O acervo jornalístico e o acervo comercial, aí já tinha chefe de redação, já tinha isso, já começava a ser profissional o jornalismo. E entramos como afiliada a Globo já e aí a gente já passava imagem da Globo direto, já pelo satélite. O satélite foi autorizado aqui em Manaus pelo finado Antonio Carlos Magalhães. O satélite brasileiro foi programado para atender a Amazônia porque ela é muito grande.

19. Luís Augusto

Quando foi isso, em 96?

Aluísio Daou

É exato. Com o satélite a coisa ficou muito mais fácil e você nota: nós estamos as portas da digitalização, já estamos às portas de que cada geradora vai comandar o seu Estado, a estadualização, se Deus quiser... Então já vem, já está no forno, tá prontinho prá sair, essa é a nossa vitória de 36, 37 anos...

20. Luís Augusto

Querida que você falasse um pouquinho da dona Nazira Daou. Como foi que ela acompanhou esse passo de fazer uma televisão, a expansão pela Amazônia. Como que ela viu a atuação do senhor e do doutor Phelippe nesse desafio que veio pela frente?

Aluísio Daou

Eu era mais ligado ao meu pai e o Phelippe era o rei da dona Nazira, nossa mãe. Então, ele morando aqui, ela morando no Rio, porque ela é carioca. Quando eles se falavam choravam os dois pelo telefone, para você vê o carinho que ambos tinham um pelo outro e ela tinha uma frase que ela dizia assim: “quem não sabe servir os outros, não merece ser servido”, tinha um slogan dela. E ela só pedia: “Meu filho,

Deus é grande, vai que vai dar certo, faça que vai dar certo”. Porque ele dizia: “Mãe, eu queria entrar numa cidade dessa, mas aí não tem faturamento”. E ela: “mas vai haver meu filho, tenha calma, peça a Deus, tenha fé em Deus que a coisa vai dar certo”. Ela era a mentora dele. Essas coisas de bondade que ele tem tudo é dela.

21. Luís Augusto

Ela acompanhou a implantação de toda a rede?

Aluísio Daou

De toda a rede. Por isso, que ela é a madrinha. Porque ela tem ação em cima da rede. Ela teve uma essência que obrigou todo mundo a andar correto.

22. Luís Augusto

E Phellipe Daou, passando aí 37 anos de Rede Amazônica, como o senhor viu esse idealismo dele de inventar essas coisas de fazer uma Rede na Amazônia, de fazer todo esse trabalho de integração. Como o senhor acha que ele conseguiu isso? Qual eram as vantagens que ele teve? O que o senhor acha, qual foi o grande mérito dele?

Aluísio Daou

Eu confesso que eu não sei dizer qual é não. Ele tem uma força interior terrível, ele acorda 4 horas da manhã, vê a televisão, escuta o rádio, vê o que está certo e o que está errado, já chama atenção, faz a ginástica dele, toma banho, sai cedo, vai pro Stúdio, vai para a Fundação, vai para a distribuidora, vai para onde ele vai e ainda chega primeiro do que a gente aqui na TV. E a noite a gente já caído, 8 horas, 9 horas da noite, ele ainda está inteiro e a gente está caído. Quanto à força que ele tem interna eu não sei te dizer. Ele nunca gritou com ninguém, nunca chamou palavrão, é amigo de todos, fala com todos, não tem rei na barriga. É isso que a gente conhece nesse tempo todo. E é difícil o bom moço não ser mentiroso. Um dia ele mente, um dia ele deixa de ser bom moço e, até agora, agüentou todo esse tempo.

23. Luís Augusto

Ele teve essa preocupação de fazer a integração de um estado tão isolado como o Amazonas?

Aluísio Daou

Ah teve. Amazônia para ele é global. A primeira frase da rede é aquele que diz que “a semente da televisão vai colorir toda a Amazônia”. Foi essa, aquelas frases do Papa, dos comandantes militares da Amazônia. Vão dando as frases e as frases vão montando: “aquele que não manda por omissão, por medo ou por coragem, jamais chegará a lugar algum”, são frases que marcaram a gente, que marcaram o ano. A vontade dele é essa: mostrar que nós não somos brasileiros de segunda, que somos brasileiros iguais aos outros brasileiros e, às vezes, até muito mais brasileiros porque alguém disse: “venha ser brasileiro na Amazônia, para ver se não é diferente ser brasileiro na avenida Atlântica”. Então é o comparativo que ele tem essa força, é juntar todo mundo, que esse coroamento é que cada cidade, cada geradora, cada capital da Amazônia fale com seu Estado.

24. Luís Augusto

Qual o grande legado que fica por vocês do trabalho feito até hoje com relação a Rede Amazônica?

Aluísio Daou

Independente da integração que todo mundo apresentou, o Amazon Sat tem um slogan de “a cara e a voz da Amazônia”. E quando estava inaugurando um transmissor em Guajará Mirim, eu tenho essa fita, (hoje o gerente de lá, é o gerente da TV Acre, Ricardo Mendes), recebemos um expediente de que o governo, o Ministério das Comunicações autorizava a primeira mini-geradora, a primeira repetidora do Amazon Sat em Guajará Mirim e eu sinto isso na hora. Então, a imagem “A cara e a voz da Amazônia é o Amazon Sat”. Eu vou até fazer uma crítica a alguns aos nossos colegas da Globo, a gente dizia assim: preserve. Botava o rio, uma cachoeira, uma bela árvore, uma bela flor, uma bela praia. Preserve! E alguns críticos, que graças a Deus não estão mais na Globo, porque podia envenenar o sentimento de beleza que a Globo tem, criticavam a gente: “poxa, preserve!” Hoje é o slogan, hoje consegue-se enxergar atrás do muro. E a própria Globo hoje, você vê aqui, você vê assim... e a gente continua preservando a Amazônia e graças a Deus a nossa Amazônia é o parque industrial mais importante do Brasil e um parque que não tem chaminé.

25. Luís Augusto

A indústria que não polui?

Não polui. Não tem chaminé. Ela é muito maior que o parque de Santos, é muito maior que o parque de Camaçari, lá na Bahia, muito mais. O faturamento daqui de Manaus é muito mais do que dos outros, sem a mínima poluição. Por isso que nosso Estado só tem de perda 2% a 3%. O mercado que a Rede Amazônica está, é verdade, a sinceridade, é a imprensa limpa, branca, não sonega nada, não agride ninguém e aquele chavão que dentro do jornalismo existe, aquele “jabá” ou imprensa marron, nós não temos, e você é testemunha disso e com certeza ele nunca te pediu para fazer censura a ninguém.

26. Luís Augusto

Com relação à TV Digital, começa uma nova televisão, não é doutor Aloísio?

Aluísio Daou

Nossa. Tudo novo. Estamos aprendendo como há 36 anos atrás. Tudo novo, ninguém sabe nada. É uma televisão diferente, seria a revolução que nós estamos fazendo aqui na TV. Criamos sala, criamos prédio, construímos isso, aquilo, até o parque de geração de energia você está vendo como está. É uma nova televisão que vai andar em paralelo, você vai ter a chance de não ver fantasma. Mas, a receita é a única e a mesma para dois sinais no ar, e o sinal que nós vamos considerar daqui mais umas semanas de velho, ultrapassado, superado, ainda vai ser carregado dez anos. Até o comercial, até a agência de publicidade, nem tem equipamento HD para que faça uma nova mídia na televisão nova. Mas tem uma vantagem que você assiste em casa, assiste dentro de um automóvel, dentro de um trem, não tem fantasma, o som é melhor, a imagem é de cinema, você tem 9 por 16, a outra era 3 por 4. A gente ainda vai sentir que a imagem, hoje a moderna, a gente aparece um pouquinho mais gordo, mas vai se habituando. A gente vai se habituando e vai vendo que não é bem assim não... Porque ela achata um pouco,

crece lateralmente, mas é a felicidade que essa rede tem de deixar um legado limpo... Ainda bem que ele se foi, graças a Deus, mas muito pelo contrário, vamos ser perenes com muita fé em Deus.

27. Luís Augusto

O senhor tem muitas histórias interessantes desta trajetória. Poderia contar mais uma delas?

Alúcio Daou

Para não ficar muito descritivo tivemos o caso do “deixa comigo”, um caso famoso. Um cidadão apareceu na hora em que os técnicos estavam escolhendo um terreno para botar um ponto de televisão que já era no satélite. E apareceu um cidadão local, praticamente analfabeto. Assinava com um dedão e acharam o terreno e aí o prefeito: “Ah, vamos fazer aqui um local para colocar a torre e ela tem que cair dentro do terreno”. Deus me livre se cair... Por isso era uma área grande, uma anteninha, uma casinha que era abrigo do transmissor. E disse o camarada: “não, deixa comigo que eu cerco o terreno”. Aí a gente voltava numa outra ocasião e o terreno tava limpo. Temos que cercar para fazer a proteção. “Deixa comigo”, dizia ele. Chegou na hora de construir a torre, ele disse torre eu tenho medo, aí mandaram gente aqui de Manaus para ele montar a torre. E aí montaram a torre. Vamos fazer abrigo: “deixa comigo”. Agora temos que pintar. Os técnicos foram, montaram o equipamento, bem, alguém tem que tomar conta. “Deixa comigo”. Que era uma questão de justiça, a mínima questão de justiça era deixar o rapaz tomar conta. Ele ganhava o salário dele, mas tinha de fazer isso. Bem, depois de alguns meses, seis meses, veio a denúncia. E o presidente da empresa foi lá conferir. Era o seguinte: ele descobriu no transmissor que tinha uns botões. Ele pegava um botão, ligava, tirava do off line, a imagem entortava. Mas antes na casa dele, ele escreveu, conserta-se televisão com “c”. Só tinha aquela, então pegava-se aquela televisão e levava para ele consertar e ele deixava dois dias do mundo torto. Dois dias depois, ele botava no lugar, era semi-analfabeto, mas não era burro. Botava no lugar e todo mundo ia buscar a televisão e ele cobrava. Dois, três, quatro dias, ele tirava o áudio e ninguém escutava nada. Levava prá lá... Depois vertical, o sinal subindo e descendo... O Phelippe Daou foi lá e nós fomos lá vê.

28. Luís Augusto

Qual cidade que era?

No interior de Rondônia. Aí ele disse: “doutor, sua casa está impecável”. Realmente tava impecável, tudo arrumadinho, não tinha nada quebrado, tudo limpinho, mas é que era a única maneira de que eu tinha, neste fim de mundo, para comprar a minha casa e eu já comprei. Eu lhe prometo que eu não faço mais... Então aí você vê um camarada sem instrução nenhuma, mas teve uma visão, comprou a casa dele.

Décima-primeira entrevista – 04/07/2009

Entrevista com Mauro Jorge, supervisor de imagens.

01. Luís Augusto

Como foi que você entrou na Rede Amazônica? Em que ano você entrou e como você encontrou a emissora naquela época?

Mauro Jorge

Eu entrei na emissora em 1989. Eu vim do interior, da cidade pequena de Presidente Figueiredo, tava começando a gostar desse mundo fantástico da televisão e vim direto para a TV Amazonas. Eu até brinco, que na época eu entrei um dia após a greve, logo após a greve. Eu cheguei lá para pedir meu emprego e vi que estavam precisando. Na época a rede tinha um gerente de operação chamado Paulo Amaral. O Paulo Amaral chegou comigo e disse: “Olha, hoje eu não tenho vaga, mas deixa teu telefone aqui. Assim que pintar uma vaga eu te ligo”. Tá bom. Fui prá casa, quando eu estou em casa, assistindo televisão junto com a minha mãe, na época eu era solteiro ainda, eu vejo lá aquele slogan na televisão: “estamos em greve”. E alguns minutos depois o telefone da casa da minha mãe toca. Era o Paulo Amaral perguntando se eu poderia começar a trabalhar no dia seguinte. Eu fiquei sem jeito. Para mim era até novidade, esse negócio de greve, e dentro de televisão, a gente não espera isso. Aí cheguei no dia seguinte para conversar com o Paulo Amaral e ele disse: “não, você está empregado. Só que você vai ter um cargo estratégico. Você vai ser meu stand by da empresa. Você vai ficar o dia sentado naquele banco ali, ver se faltou algum cinegrafista, ou alguém não foi trabalhar, você vai”. Inclusive algumas pessoas me chamam na televisão de stand by, justamente por isso. Porque eu era auxiliar, eu era cinegrafista, era operador de câmera, era cabo man do estúdio, ia para externa. E um dia me botaram para ser auxiliar de cinegrafista do Núcleo da Globo. A Globo já tinha um núcleo que era comandado, inclusive, pelo nosso ilustre repórter Marcos Losekan, que eu tenho muito a agradecer que antes de ele ir embora me indicou pra assumir a função de cinegrafista e viajei muito.

02.Luís Augusto

E como era a televisão na época? Qual era a estrutura? Como era composta a rede na época?

Mauro Jorge

A equipe era bem modesta. Até hoje eu lembro, tinham três equipes de manhã, três à tarde e duas à noite, uma até meia noite e a outra intermediária que fazia o esporte com o Alberto Segadilha, no qual agradeço muito, que me ensinou alguns macetes de esporte. Talvez por isso, eu goste tanto de esporte. Quando eu fui ser auxiliar, era só esporte. Lá para o estádio, ia fazer luta livre, futvôlei, era tudo que imaginava do esporte era com o Segadilha. Então, a estrutura apesar de ser pequena era uma estrutura bem dedicada. Parecia que a gente tinha, naquela época, dez ou quinze equipes na rua, mas eram três, três e duas

03.Luís Augusto

E aí como era a estrutura da emissora? Vocês trabalhavam com u-matic? Como é que era?

Mauro Jorge

Eu peguei, cheguei a pegar na época o u-matic. A gente tinha câmera, tinha um vt, uma UBF que a gente colocava do lado, que a gente carregava do lado, tipo como o pessoal chamava de mala do lado operador de vt. Aí depois a gente passou para o JVC. Foi uma experiência não muito agradável. Aí depois fomos para a Betacam e hoje estamos na Bedacam (?).

04.Luís Augusto

E depois como foi a evolução da rede? Foi uma coisa rápida? Como mudou essa estrutura, não só em Manaus, mas em nível regional?

Mauro Jorge

Quando a TV veio para o novo prédio, ela veio com a mentalidade: vamos expandir a Rede Amazônica, vamos realmente ser uma rede. Até quando a gente estava na Cachoeirinha, no prédio antigo, a gente percebia que existia sim um sonho de virar rede, mas era muito voltado só para Manaus. Até os nossos telejornais eram muito só Manaus. Quando a gente veio para o prédio novo, veio aquela idéia, a partir de agora virou uma rede, então vamos dar atenção para as nossas praças, vamos dar atenção para o interior, vamos começar, mesmo a divulgar a região Amazônica. Foram criados alguns núcleos, na época quando a gente veio para cá, pro Aleixo, o doutor Phelippe resolveu comprar uma banda de satélite para poder as praças interagirem mais com a gente.

05.Luís Augusto

Em que ano foi isso?

Mauro Jorge

Ano de 96. Foi no ano de 96. Agente começou a ter certa independência da Embratel porque até hoje a gente é preso algumas vezes da Embratel, porque até para gerar, nós tínhamos que pegar o nosso vt, correr para Embratel para gerar... Hoje não, a rede quando veio para cá, quando conseguiu, em 96, esse sinal de satélite tanto a gente gerava para as nossas praças e a TV Globo, como a gente começou a receber da TV Rondônia, TV Acre, Tv Roraima e a nossa sucursal. Então, isso foi uma grande evolução da rede quando a gente começou a ter esse sinal de satélite recebendo esse material.

06.Luís Augusto

E como foi montada a estrutura do interior? Esse núcleo do interior, quais foram as primeiras experiências?

Mauro Jorge

O núcleo do interior foi quando a gente viu que a Rede Amazônica, principalmente, o Jornal do Amazonas precisava ter um pouco de interior, um pouco de Amazonas no seu telejornalismo. Aí estamos na era da informática, a internet virando aí... Aí algumas pessoas se reuniram, o engenheiro D'ávila, chegou com o Jackson Moisés e resolveram conversar. Porque a gente não pode, ficar dias e dias esperando as fitas chegarem aqui, via ônibus, via carro, como chegavam antigamente. Por que a gente não pode trafegar isso via um servidor que a gente pode criar que é o chamado servidor de FTP e consiga chegar aqui em Manaus. Aí o D'ávila começou a fazer alguns testes, aí me chamaram: como é que é feita a edição de imagem? Aí eu expliquei como era feita a edição de imagens e nisso a gente conseguiu chegar a um formato que, eu não sei me expressar bem, de internet, quilobytes, para poder que essas matérias fossem transferidas do interior em pouquíssimo tempo. Então, uma matéria de um minuto, hoje, em questão de uma hora e trinta, duas horas no máximo já está chegando a Manaus. Então a gente não leva mais aquele tempo de dois ou três dias para chegar aqui.

07.Luís Augusto**E aí você começou a ir para o interior para montar essa estrutura?****Mauro Jorge**

Quando o nosso departamento de informática, de engenharia e o jornalismo resolveram criar o que nós chamamos na época de força tarefa, fomos para o interior. O primeiro interior, como era teste piloto, fomos para Manacapuru, porque era uma cidade próxima e se tivesse algum problema era fácil resolver. Aí foi eu, o responsável pela captação de imagem e edição junto com Agnaldo Oliveira para passar ao repórter Aduino Silva, que até hoje está lá.

08.Luís Augusto**E aí como foi essa experiência?****Mauro Jorge**

Foi uma experiência muito agradável, muito boa mesmo. A gente chegou na cidade, chamamos o Aduino. Vamos fazer, qual vai ser a primeira matéria? A primeira transmissão via internet no jornal que foi, inclusive, foi o Jornal do Amazonas que foi o primeiro que colocou a matéria no ar. Chegamos lá, montamos toda aquela parafernália de subir na torre, botar uma antena para transmitir para a central da Telemar, que hoje é Oi, para poder esse material está aqui. E quando a gente viu no ar o produto, foi gratificante, não só pra gente, mas para o pessoal da cidade. Porque o pessoal da cidade: “poxa, vai ter matéria sempre daqui”. Sim, vai ter matéria daqui. Até hoje, vem matérias do interior para os telejornais da TV Amazonas.

09.Luís Augusto**Depois disso, qual foi a seqüência da montagem de estrutura no interior?****Mauro Jorge**

Aí o nosso Phelippe Junior chegou e disse: “Agora vamos para mais longe. Agora vamos montar Tabatinga. Vamos montar Tabatinga”.

10.Luís Augusto**Já foi a segunda, Tabatinga?****Mauro Jorge**

Tabatinga. Tabatinga foi a segunda. Agora, essa história de FTP tem uma coisa interessante que antes da gente pensar em FTP foram montadas as mini-geradoras. A primeira mini-geradora que eu fui a treinamento foi Tefé. Mas Tefé foi a última a receber FTP, inclusive o Welner, meu companheiro lá, brincava muito: “Por que não é a primeira?” Mas é questão de logística. A segunda foi Tabatinga, aí depois foi Coari, aí depois Presidente Figueiredo, até uma cidade até mais próxima, mas por uma questão vamos até mais longe, nós fomos até para Tabatinga, que fica bem longe de Manaus, mesmo. Até quando tinha matéria lá, para chegar aqui levava dois dias. Agora não, agora é questão de horas.

11.Luís Augusto**E depois foi como, Parintins, Itacoatiara foi na seqüência?**

Mauro Jorge

Eu te confesso que eu não lembro mais a sequencia de cabeça...

12.Luís Augusto

E aí, como é que foi após esse produto sendo gerado para cá? Como foi o efeito disso dentro da redação? As pessoas usavam, havia alguma resistência? Como é que era?

Não. As pessoas usavam, até os editores-chefe começaram ver que tinha um material. Manaus, às vezes, é carente de matéria e o interior, a cidade pequena, tem sempre uma boa matéria prá gente. Então, eles não se recusavam a usar, inclusive, uma vez até hoje que não esqueço, uma gratificação foi quando a gente gerou umas imagens prá Globo via FTP e quando a gente viu no jornal Nacional aquelas imagens, foi até um acidente que aconteceu em Parintins.

13.Luís Augusto

Foi um acidente de quê?

Mauro Jorge

Foi um acidente de barco, próximo a cidade de Parintins. As imagens chegaram via FTP e as imagens ficaram excelentes.

14.Luís Augusto

Como você está vendo hoje em dia, o trabalho dessa rede. E o que você acha que é preciso em termos geográficos aqui no Estado, na região? Como você avalia essa possibilidade de fazer telejornais como que se faz no interior de Rondônia, nas cidades?

Mauro Jorge

Praticamente, onde foi instalado o FTP, eu viajei, eu senti assim necessidade de cada cidade, e até, às vezes, quando a gente tem o encontro anual e a gente comenta muito que cada cidade deveria ter seus telejornais, deveria ocupar aqueles cinco minutinhos que poderiam ser cedidos para eles fazerem. Porque, às vezes, tem noticiário que é muito local, citar um exemplo: uma campanha de vacinação. É muito local para eles. Então, a própria cidade se vê necessidade de se vê na televisão. Uma vez, logo quando a gente estava montando o núcleo estratégico do interior, O doutor Phelippe chamou a gente no gabinete e falou isso: que “o povo do interior quer se vê na televisão”. Então manda mais noticia que ele se vê na própria cidade. Hoje a gente sabe que 80% do pessoal do interior prefere ter sua antena parabólica para estar assistindo a programação direta até por causa do fuso-horário. Mas no momento que começar a saber que às seis e quarenta da noite, vai ter os telejornais dele, vai começar a segurar na televisão que é transmitido, vão esquecer um pouco a parabólica

15.Luís Augusto

Você acha que ainda faltam cidades importantes da Amazônia receber essa estrutura?

Mauro Jorge

Com certeza. Eu acho que Fonte Boa, por exemplo, Fonte Boa que é a cidade da Cléo Pinheiro, é uma cidade que merece ter uma mini-geradora lá. Borba, nós temos somente um correspondente, mas temos que ter internet lá. Tem muito material em Borba. Têm os festejos do Santo Antônio de Borba. Antigamente, a gente tinha uma cobertura sensacional do festejo, agora a gente deixou até um pouco a desejar, mas também por essa questão de ter mais ninguém lá. Mas existem algumas cidades que precisam ter esse contato de FTP.

16. Luís Augusto

Você acha que o trabalho e a qualidade do trabalho dos vídeo-repórteres e o aproveitamento das matérias mudou muito nesses anos?

Mauro Jorge

Luís, depois que nós começamos a fazer nossos encontros regionais, os treinamentos que eles passam em Manaus de três a uma semana, melhorou bastante. Tanto na forma de captar imagem, tanto na forma de fazer texto. Esse contato com o Miro Tavares, que ficou responsável pela parte do interior, foi muito importante ter colocado alguém para coordenar isso porque, às vezes eles ligavam até prá mim. Eu me lembro o menino de Barreirinha: “Mauro, estou mandando uma matéria aí, vê se tá bom?” Aí disse, passa prá Ercilene. Então, esse contato de ter botado uma pessoa para ter contato que é o Miro foi excelente, foi uma jogada assim... Qualquer coisa passa pro Miro, o Miro vê o que interessa prá gente e repassa para os telejornais.

17. Luís Augusto

Passado esse tempo, teve uma experiência parece que em 2003, na comunidade Manacapuru. Depois desse período assim, chegando nos dias atuais, qual efeito que você vê desse trabalho para a comunidade?

Mauro Jorge

Eu presenciei algumas comunidades e é muito gratificante, porque a comunidade resolve participar. Eu me lembro de um caso próprio Manacapuru mesmo. Eu e o Adauto, a gente estava na televisão. E aí chegou uma senhora chorando desesperada. Aí poxa, como fazia para colocar a foto dela no 24h e tal. Aí o Adauto tem de mandar prá Manaus. E eu disse: Não Adauto, vamos colocar aqui mesmo. Faz utilidade pública aqui. A gente colocou isso era uma e meia da tarde, a gente colocou. Seis horas a mulher voltou para agradecer que a filha dela apareceu. Então, isso é o contato da comunidade com a televisão.

18. Luís Augusto

Então, você acha que é importante continuar esse trabalho e ter uma atenção maior no sentido de fazer os telejornais locais?

Mauro Jorge

Com certeza. Tem que dar mais apoio para o pessoal do interior, se possível de quinze em quinze dias, de mês em mês, alguém ir lá visitar, fazer um contato direto para dar uma força.

Entrevista com Iolanda Albertini, gerente do CEDAM - Centro de Documentação da Amazônia.

01.Luís Augusto

Como que era a emissora nesse início que você chegou aqui?

Iolanda Albertini

Eu entrei em 2001 e o arquivo de imagens era uma salinha bem pequenininha com 161 fitas.

02.Luís Augusto

Quem cuidava do acervo antigamente?

Iolanda Albertini

Era uma senhora, que trabalhava há trinta anos nele. Então, eu entrei exatamente no ano que a TV fez 30 anos. Foi quando surgiu a idéia de formar o Cedoc, não com um arquivo só para a TV, mas como arquivo para a rede inteira. Porque hoje, nós já temos dez unidades de Cedoc. Cada unidade de cada praça, cada repetidora já tem o seu Cedoc.

03.Luís Augusto

A Rede Amazônica teve o cuidado de cuidar do seu acervo desde o início. O que nós temos desse início da Rede Amazônica em acervo, realmente guardado?

Iolanda Albertini

Então, o acervo antigo que era fita u-matic, beta, super VHS, então nós convertemos esse acervo para betacam e agora a gente está usando. Porque na verdade, nessa época, quando começou a usar fita DVCam, o acervo ficou totalmente bitolado naquele tipo de imagem, viciado, digamos assim. E só eram aquelas, aquelas eram mais fáceis, aquelas resolviam o problema. Então, quando nós fizemos a conversão desse acervo, a rede toda passou a usar o acervo como apoio de imagem para o jornalismo. Então, para o próprio jornalismo, ele deu um pulo muito grande, um salto bem grande porque as matérias começaram a ficar mais ricas, as imagens deixaram de ser repetitivas, começou a crescer de uma forma muito grande que, na época funcionava de segunda a sábado, naquele horário básico. E hoje, nós funcionamos 24 horas.

04.Luís Augusto

Agora quando surge o FTP em 2003, não sei se você sabe precisar quando foi esse momento, como que foi essa experiência aqui dentro da Rede Amazônica, na sua visão?

Iolanda Albertini

Quando nos passamos a usar o FTP, foi outra conquista porque antes as fitas vinham por barco, na balsa mesmo de Manacapuru que foi o projeto experimental, o piloto. Quando Manacapuru passou a mandar por FTP a gente teve uma outra visão porque tanto a comunidade de Manacapuru, a cidade foi beneficiada como a gente também pela rapidez da notícia. Pela parte, de que as pessoas estarem vendo o que está acontecendo em Manacapuru, como nas outras cidades também, como aí foi para todas elas. Aí as pessoas da comunidade foram muito mais beneficiadas,

porque elas começaram a se vê, começaram a acreditar que estavam sendo enxergadas, que tinham alguém por trás e se valorizaram mais.

05.Luís Augusto

O que você lembra dessa primeira experiência de Manacapuru. Você lembra como é que foi que se preparou essa transmissão e depois como que ela foi colocada no ar?

Iolanda Albertini

Foi interessante porque falhava muito. O Aduino fazia lá a transmissão, a gente recebia, ficava esperando, esperando, assim tipo uma hora, duas horas aquela ansiedade, para ver se funcionava. E quando chegava aqui a gente tinha dúvida. Será que isso é Manacapuru mesmo? O que é isso? Então, foi muito interessante por causa disso, porque houve uma preparação, a rede toda ficou envolvida. Todo mundo queria saber: hoje o Aduino vai manda de Manacapuru um FTP, vamos esperar... Passava-se a tarde inteira naquela expectativa e quando chegava assim, minutos antes do jornal, chegava a matéria do Aduino lá com uma imagem um pouquinho turva, diferente do que a gente via feito aqui, mas foi bem interessante.

06.Luís Augusto

E depois, nesse segundo momento, foram as emissoras do interior de Rondônia. Lá me parece que eles têm uma internet melhor?

Iolanda Albertini

No interior de Rondônia foi bem mais fácil porque o sistema é completamente diferente, já é mais por terra.

07.Luís Augusto

Eles têm a banda larga, lá?

Iolanda Albertini

Tem a banda larga. Então, prá gente foi ótimo. E para eles, principalmente, porque foi mais uma conquista, a gente interagindo de lá e as pessoas se assistindo vendo aqui em Manaus. Inclusive, pessoas que se viam lá, ligavam prá cá: “ eu queria essa matéria que saiu e tal, pode mandar?” São as pessoas querendo se ver, querendo ter aquele momento histórico na vida delas, ela na TV. Então foi assim muito interessante, como até hoje, eles se vêem. E aconteceu uma coisa engraçada, uma pessoa denunciou uma criança sumida, alguma coisa assim. E essa matéria foi pro ar, já tinha acontecido muita coisa, todo mundo já havia procurado, colocado no jornal e quando ele se viu aqui e descobriu que a pessoa que, uma das pessoas envolvidas no sumiço da criança ela morava aqui em Manaus. E localizamos a pessoa (*).

08.Luis Augusto

E depois Iolanda, dessa implantação no interior de Rondônia, você lembra quais as cidades do Amazonas que foram ganhando o sistema do FTP?

Iolanda Albertini

Manacapuru, Coari, Tefé, Presidente Figueiredo, Itacoatiara, Tabatinga, Parintins, Apui, são onze municípios.

09. Luís Augusto

Depois disso, qual foi a evolução quantitativa e qualitativa que você observou no Cedoc, em termos de produção das reportagens?

Iolanda Albertini

Quantitativa hoje, acho que nós temos 25 municípios mandando FTP todos os dias, inclusive o Oiapoque que é lá no comecinho do Brasil, ou final não sei. Então, do Oiapoque até a Acrelândia, que muita gente nem sabe que existe, se é uma comunidade, se é uma cidade, cresceu muito. Do ponto de vista quantitativo assim, valeu prá caramba porque começou com uma experiência nova. Hoje, a gente já vê que tem um outro sistema envolvido. Hoje se você comparar a primeira transmissão com a transmissão de hoje tem um diferencial de qualidade muito grande. Inclusive, para os próprios repórteres que aprenderam a se vê na TV. Então ele se treinou porque ele viu os erros, corrigiu, então para o próprio repórter já foi uma conquista. E na qualidade foi outra conquista. Em termos gerais, todas as pessoas de cada comunidade se valorizaram, se interessaram pela audiência do jornal, pela expectativa de se ver a qualquer hora e prá gente também. Porque a gente vê que um trabalho foi prá frente, que tem uma qualidade diferenciada. Hoje em dia, o FTP é tratado de uma maneira tão simples que já incorporou no DNA, tipo tem FTP daqui, dali e tal... Então, a gente já trata isso com uma naturalidade muito grande. E o acervo cresceu, cresceu muito, por exemplo, teve uma reportagem que foi feita em Barreirinha, então, essa reportagem de Barreirinha ela foi embora prá França. Uma pessoa comprou a matéria, viu na internet porque não é só na TV.

10. Luís Augusto

Não foi a de Manicoré?

Não. Essa primeira foi de Barreirinha. Manicoré já foi a segunda. Essa foi embora prá França. A gente vendeu para eles, eles se interessaram por uma matéria que tinha acontecido lá. E assim vem crescendo todo um trabalho que a gente vê desenvolvido, que a gente vê valorizado e assim, o jornalismo prá gente foi uma conquista muito grande, porque quando nós olhamos para o Cedoc anterior que nem era o Cedoc, era só arquivo que é uma parceria entre o jornalismo e o Cedoc muito grande, tanto a gente alimenta o Cedoc quanto o Cedoc nos alimenta com as imagens, com o trabalho que a gente desenvolve. Então assim é super importante.

11. Luís Augusto

Hoje, nós estamos passando por um momento que está sendo implantado o Media Space. Qual a diferença do Media Portal para esse?

Iolanda Albertini

O Media Space vem avançar mais ainda porque com Media Space, os FTPs vão cair direto no jornalismo, lá na ilha de jornalismo e a gente não vai mais usar aquela coisa da fita. Não passa mais para fita, tira do computador joga para fita, leva a fita lá pro jornalismo. Então vai ser tudo on line.

12.Luís Augusto
É um programa de gerenciamento?

Iolanda Albertini

O gerenciamento vai ficar melhor e a qualidade, com certeza também.

13.Luís Augusto

E como está essa implementação. A gente percebe um pouquinho de lentidão. Parece que entra numa fila e que há uma demora?

Iolanda Albertini

Essa demora é porque o primeiro sistema que foi comprado é Media Portal e houve uma quebra entre as pessoas que trabalhavam no Media Portal. Alguns técnicos saíram e não passaram toda a tecnologia para outra pessoa. Agora, ele já foi firmado. Ele mudou para Media Space que é a única empresa que gerencia e ele está sendo re-implantado. A partir do dia 19 de agosto, ele já vai começar a funcionar. Então, a gente vai estudar de novo como vai funcionar. Segundo as informações que o pessoal da informática passou prá gente é que esse novo sistema é melhor que o outro. É mais fácil, a interface é mais fácil, o manuseio dele é menos complicado. Aí não vai ter essa coisa de botar numa lista, esperar cair. Ele vai, o próprio nome já diz, ele vai ter espaço para tudo funcionar normalmente.

Décima terceira entrevista – 09/07/2009

Entrevista com o jornalista Phelippe Daou, presidente da Rede Amazônica.

01.Luís Augusto

Doutor Phelippe, eu queria que o senhor falasse prá gente como que o senhor começou no jornalismo. Qual foi, assim, as primeiras experiências que o senhor lembra? Que ano que começou isso? E como que começou essa paixão, assim, pelo jornalismo?

Phelippe Daou

Bom, eu estou entendendo que tu estais falando a vida jornalística e não a vida jornalística na televisão.

02.Luís Augusto

A vida jornalística, os primórdios disso.

Phelippe Daou

Bem, os primórdios foi no Colégio Estadual com o surgimento de um jornal O Debate. Eu estudei no Colégio Estadual com um grupo de companheiros, alguns dos quais também estão vivos. E a gente fazia apreciação do procedimento do professor e também de alguma autoridade, que na época tomavam atitudes que eram contrárias ao interesse do estudante. Como passagem, já naquele tempo se falava em passagem de graça para os estudantes, ou então, com um abatimento. E tudo, com o objetivo de que, embora Manaus uma cidade pequena, mas o problema de transporte já existia naquele tempo. E, esse jornal era um jornal semanal, tinha o nome O Debate.

03.Luís Augusto

Qual a escola doutor Phelippe?

Phelippe Daou

Colégio Estadual do Amazonas, que antigamente se chamava Colégio Pedro II. Então, era o Colégio Estadual do Amazonas, era o curso ginasial.

04.Luís Augusto

O senhor tinha quantos anos, mais ou menos?

Phelippe Daou

Ah, isso é década de 40. 13, 14 anos o nosso bloco era já... Começamos no Colégio Estadual. E também havia uma figura importante, né? Que se tornou importante ao longo do tempo. O governador Gilberto Mestrinho, que era um estudante e era o diretor do jornal na época. Arlindo Porto, escritor. E, enfim, era um grupo bom e que cada um fazia um artigo, ou com pseudônimo, ou então, com a responsabilidade de quem assinava como diretor. E o jornal subiu, foi crescendo. Nesse meio tempo, havia dois jornais em Manaus, que era o Jornal do Commercio, que era o tradicional, que ainda hoje existe. E, a empresa Archer Pinto que liderava com o jornal matutino e com o Diário da Tarde, vespertino. Eram líderes absolutos da informação. Eu e o Arlindo e também um dos escritores, que até hoje é um imortal da Academia, Armado Andrade de Menezes, nós começamos a desejar fazer jornalismo público e começamos como era natural, porque todo mundo começava pelo Jornal do Commercio, que era o mais tradicional, hoje é um jornal de mais de 100 anos e tal, que ainda vive. E ficamos por lá, e fomos andando, de lá eu vim para a empresa Archer Pinto. Bom, aí prá mim foi, realmente, o único empregador jornalístico até que quase próximo da aposentadoria e da idéia de montar a televisão, nós ficamos lá.

05.Luís Augusto

Daí já começou uma experiência já profissional?

Phelippe Daou

Aí já era profissional e já contávamos com o Milton Cordeiro.

06.Luís Augusto

O doutor Milton surge nessa época?

Phelippe Daou

Também nessa época. Também começando num jornal que surgiu depois chamado A Gazeta e que depois ele passou para o corpo da empresa Archer Pinto.

07.Luís Augusto

E que ano que era isso, mais ou menos, doutor Phelippe?

Phelippe Daou

Olha isso foi todo o tempo, digamos assim, nos anos de cinquenta e depois nós ficamos seguindo e fomos até setenta e tal. Não bem setenta, sessenta e tal. Quando surgiu a idéia, por que nós tivemos o desejo de participar de televisão. Havia aqui uma televisão, que se chamava Ajuricaba e que era UHF. E havia lugar para mais uma. Nós sabíamos que os associados haviam adjudicado em concorrência a um outro canal que hoje é o canal A Crítica, que se chamou TV Baré

durante muito tempo, e finalmente, terminou como A Crítica. E no ano de sessenta e oito, nós fundamos a empresa e pedimos a abertura de uma concorrência que a gente queria fazer um canal. Nessa época já se falava em televisão em cores.

08.Luís Augusto

Mas antes, vocês criaram uma espécie de agência de publicidade.

Phelippe Daou

Ah! Sim, sim. Mas eu só estava falando jornalisticamente.

09.Luís Augusto

Certo.

Phelippe Daou

Sim, nesse meio tempo nós fizemos uma agência de publicidade e uma de distribuição de jornais e livros. E foi aí, onde eu acho que o gosto empresarial foi se formando, né? Eu acho que foi aí que a coisa foi andando.

10.Luís Augusto

Antes de o Senhor falar dessa nova etapa, eu queria que o senhor comentasse com a gente duas coisas. O senhor é natural de Manaus né?

Phelippe Daou

Sou de Manaus.

11.Luís Augusto

O senhor é nascido aqui, a família é acreana e...

Phelippe Daou

Não! A minha mãe nasceu no Rio de Janeiro, os pais dela eram do Pará e se localizaram no município de Sena Madureira.

12.Luís Augusto

Foram para o Acre?

Phelippe Daou

Para o Acre.

13.Luís Augusto

Depois vieram para Manaus?

Phelippe Daou

O meu pai é libanês de nascimento, veio com os irmãos. E se localizou no município de Brasiléia com o meu tio. Que depois com o tempo que ele esteve aqui, ele ganhou uma comenda do Papa e passou a ser chamado Comendador. Aí era o Comendador da família.

14.Luís Augusto

Nagib é o nome dele?

Phelippe Daou

Não, não. Era Jorge Daou. Nagib era o pai do meu pai.

15.Luís Augusto

Ah! O pai do seu pai. Certo. Comerciantes eles né doutor Phellipe?

Phelippe Daou

Comerciantes. Tudo era comércio de borracha.

16.Luís Augusto

E eles passam por Manaus quando o Senhor nasce, e depois vão morar no Rio de Janeiro, é isso?

Phelippe Daou

Não. O meu tio, esse Jorge Daou, do Acre, ele veio para Manaus, se instalou em Manaus e morreu em Manaus e está sepultado em Manaus. O que passou foi um tio meu de nome Salim Daou, que passou a ser jornalista em Porto Alegre no Correio do Povo anos e anos e morreu aposentado.

17.Luís Augusto

Mas a trajetória da família do senhor? Do Acre veio pra Manaus? Foi isso?

Phelippe Daou

Veio prá Manaus, da minha família veio prá Manaus.

18.Luís Augusto

Certo e depois foram para o Rio de Janeiro e o senhor ficou aqui, né?

Phelippe Daou

Sim, mas isso eu já estava com a nossa família formada aqui. A minha família foi para o Rio e eu fiquei. E fiquei nessa época em que a gente estava já cuidando de pensar na televisão.

19.Luís Augusto

E o senhor também fez o curso de Direito né?

Phelippe Daou

Fiz de Direito.

20.Luís Augusto

Que época que foi o curso doutor Phelippe?

Phelippe Daou

O curso de Direito foi saindo do Colégio Estadual. Nós saímos em princípios de 50. E nos matriculamos... Fim da década de 40 e começo de 50.

21.Luís Augusto

O senhor chegou a praticar a advocacia?

Phelippe Daou

Pratiquei, pratiquei dez anos. Fiz depois um concurso para procurador e fui, e passei no concurso para procurador do IAPB.

22. Luís Augusto

Ah, certo. Bom, daí tem esse momento que vocês criam a agência de publicidade junto com o doutor Milton e o doutor Margarido, né? E aí vem o negócio da televisão né? Eu queria que o senhor falasse prá mim, da visão empreendedora do Phelippe Daou nessa época. Como que o senhor imaginava que seria esse negócio?

Phelippe Daou

Não, o que nós imaginávamos era só o que a gente via. Passou a ver depois pela Ajuricaba. E quando a gente saía daqui, que viajava via a imagem. Era a forma de fazer jornalismo mais instantânea possível. Ali era vapt-vupt. Você diria e o leitor tomava conhecimento do fato. E aquilo prá quem já tinha estado. Já vinha de uma jornada de trinta e dois anos de jornalismo, de imprensa impressa. E que a gente já estava até cuidando de aposentar, por que naquele tempo o jornalista se aposentava, com base em uma lei, com 25 anos de trabalho. Nós começamos a pensar nisso. Porque nós não vamos em uma atividade mais forte? E você perguntaria: E porque que você pensava em televisão e não em rádio? Porque rádio, já havia rádios também. A gente pretendia ver se a gente produzia uma televisão, a gente organizaria uma televisão com o objetivo de fazer uma televisão regional. Regional por quê? Porque ela seria daqui, mas mostrar as coisas da região para o Brasil. E para quem quisesse saber fora do Brasil o que era a Amazônia. Porque a Amazônia naquele tempo era, realmente, uma região onde até as Forças Armadas, os oficiais que eram punidos vinham cumprir pena em Manaus. Chefiando um batalhão, ou alguma unidade. Por aí você vê a importância que se dava a Amazônia. A Amazônia sempre ficava prá depois, embora sempre foi motivo de realce na boca dos nossos governantes federais, o presidente da República que tem famosos discursos. O discurso do rio Amazonas. A Amazônia é prioridade um. A Amazônia é um mundo verde que pertence ao Brasil e tal. Mas era só papo furado, porque na realidade as coisas não se realizavam como a gente entendia que deveria ser. Nós deveríamos aproveitar toda esta imensidão, vamos dizer, florística, da cor verde que integra também a bandeira do Brasil, para que a gente construísse aqui uma civilização, eu não digo diferente, mas aprimorada e condizente com os anseios da região.

24. Luís Augusto

Bom, daí veio a concessão né? Vocês se inscreveram para essa concorrência pública, né?

Phelippe Daou

Nos escrevemos e conquistamos com vários concorrentes. Isto aconteceu no ano de 1970, mais ou menos, nós deveremos ter assinado contrato em 70 e com dois anos para montar. E começamos a cuidar disso. Agora é preciso que a gente realce que os jornalistas não tinham patrimônio nenhum.

25. Luís Augusto

Pois é, era um desafio financeiro, né?

Phelippe Daou

Foi um desafio financeiro que houve, e que nós resolvemos procurar um banco para dizer, olha: “nós queremos fazer isso, isso tem que ser financiado e vocês acham que a gente pode fazer?” E com a propriedade que cada um tinha, a gente disse: “está a disposição de vocês prá fazer a garantia”. Mas era muito pequena a margem. Mas era o contato. E você há de perguntar, qual foi o banco que se arriscou a fazer? Foi o Loyd’s Bank, que naquele tempo tinha o nome de London Bank, que era um banco inglês e que tinha um comportamento de um banco regional, como se ele fosse um banco regional da Amazônia, fundado em Manaus. Porque todo mundo operava com esse banco. Qualquer pessoa que tivesse algum dinheiro operava com esse banco. E o Banco do Brasil também existia, mas era... Você negociar com o Banco do Brasil sem patrimônio não era muito fácil.

25. Luís Augusto

Aí vocês conseguem um financiamento, tem essa história de que eles não concordaram em comprar um equipamento em branco e preto, queriam que fosse a cores.

Phelippe Daou

Não, nós apresentamos um projeto que foi da RCA, um projeto muito bem feito que até o projetista ainda vive, hoje. Ele... levamos ao banco, o banco viu pelo tamanho do projeto, viu em que condições a gente imaginava pagar e eu acho que em um ato de mais coragem do banco, do que nossa, eles financiaram. E se fez a negociação com a RCA. Nesse meio tempo é decretada pelo Governo Federal a instituição do sistema em cores. Bom, fomos chamados ao banco, aliás fomos ao banco explicarmos o que tinha havido, dissemos a eles que isso já era um sistema que a gente acreditava que em dois, três, ou quatro anos isso deveria estar funcionando, mas que nós queríamos dizer para eles que isso era evidente, mas nós queríamos importar o que já tinha sido negociado, aí o banco disse: “Pois bem, se vocês não viessem nós iríamos dizer que o financiamento não se realizaria”. Aí eu digo, mas porque não se realizaria a compra do preto e branco, que era o que ficou combinado e era o que nós iríamos utilizar? Porque não tem nem quem produza ainda as coisas em cores. E o cidadão disse: “é muito simples. Se vocês não pagarem, nós tomamos o equipamento de vocês e teremos prá quem vender”, por que o sistema era em cores. Mas só que era muito mais caro e nós dissemos a confiança continua. Porque o risco do banco aumentava, né? Eu continuo dizendo, mais risco deles do que nosso. E isso até chegou a ser registrado num jornalzinho que eles tinham, não que editado em Manaus, era editado em São Paulo. E eles andaram vendo quem começou a vida sob o pálio protetor do Loyd’s Bank, né? E nós fizemos isso. Bom, a verdade é que o financiamento cresceu, a RCA também resolveu fazer e nós recebemos um equipamento de cada, mas era o supra-sumo do que havia na época. Tinha um vídeo cassete que parecia um guarda roupa, mas era o mais moderno, que prá você ter uma idéia, o mais moderno que se conhecia no Brasil.

26. Luís Augusto

Doutor Phelippe, daí, eu queria que o senhor contasse prá mim. A emissora ela vai ao ar no dia 1º de setembro de 72, né? Como que era Manaus? E como que era o Amazonas, o Brasil, nessa época na visão do senhor?

Phelippe Daou

Na nossa visão ele não... Visão de futuro mesmo, a gente não tinha ainda. O que a gente possuía naquele momento era o que a revolução já havia determinado. A revolução que, cujo, primeiro presidente foi Castelo Branco, ele disse que a Amazônia realmente seria incorporada à economia nacional. Bom, então, se a gente estava querendo um grande defensor, ele já estava ali. E houve uma viagem aqui das classes empresariais com o ministro, que naquele tempo era o ministro do Interior, essa coisa toda. Uma viagem naquele Rosa da Fonseca. Era um dos transatlânticos que existiam. De Manaus à Belém, surgiu a idéia de se fazer, realmente, alguma coisa pela Amazônia em dose dupla. Um comerciante de Manaus sugeriu um projeto que, ele na realidade, ele não guarda a característica do decreto lei criador da Zona Franca, o 288. Que é de 28 de fevereiro, essa coisa toda. Não guarda, por que ele se limitava à industrialização, era industrializar para exportar, como hoje tem as Zonas Francas Livres para com esse efeito. E não para importar. O governo Castelo Branco conhecia as dificuldades da fronteira e sabia que tinha comércio, aquele comércio de formiguinha, um ajudando o outro e nós éramos inteiramente dependentes de Letícia, na fronteira com a Colômbia. E ali também foi que surgiu muitas inspirações, ali em Letícia, aliás, em Tabatinga e em Letícia, que Tabatinga também ainda não era município. Com a abertura da televisão que eu vou de repente passar por aí. E o Roberto Campos era o ministro da Fazenda e era o que havia sido encarregado pelo presidente Castelo Branco, de fazer um estatuto que a gente saísse da situação de angústia, de verdadeiro porto de lenha que era Manaus.

27. Luís Augusto

Vivia um momento de estagnação?

Phelippe Daou

Isso. Até aquele momento o pessoal estudava todo fora, os valores de Manaus iam para o sul, ou iam para o estrangeiro. E os que iam se preparar para a vida, àqueles que, cujo, os pais tinham posse, era no estrangeiro, de preferência na França. E ele colocou como você pode olhar no... Naquele momento, era única cidade que podia importar. Importar! Que era inteiramente proibida a importação. Aí isso aqui foi uma festa, quando começou a Zona Franca deu um ânimo completamente diferente.

28. Luís Augusto

Que ano que foi isso doutor Phelippe?

Phelippe Daou

Isso aí nós já estávamos chegando já em 74, 75.

29. Luís Augusto

Já é posterior a criação da TV?

Phelippe Daou

Já. E aí a coisa andou e, claro, isso era motivo de todos os dias se falar. A Zona Franca, nos tempo que ela surgiu e que começou a operar amplamente... Demorou, demorou quase dez anos para que as pessoas tivessem coragem de ver se aquilo tudo era verdade. Mas quando o Brasil tomou conhecimento que todas as novidades do mundo estavam aqui, o pessoal veio. Era o turismo de compra, que aí foi um favorecimento que mudou demais.

30. Luís Augusto

No discurso que o senhor fez na inauguração da TV, uma coisa que chamou atenção, é quando o senhor fala que além de uma empresa de televisão, ali havia um ideal.

Phelippe Daou

Exato.

31. Luís Augusto

Qual que era esse ideal que o senhor se referia?

Phelippe Daou

Eu já me referi em longas linhas no início, o ideal era realmente...

32. Luís Augusto

Fazer uma coisa pela Amazônia?

Phelippe Daou

Pela Amazônia.

33. Luís Augusto

De integração da Amazônia?

Phelippe Daou

Nada seria superior à Amazônia. E veja também que lá você vê verdade, justiça e liberdade. E foi dito também que ninguém deixaria de ter os microfones para proclamar a sua verdade. Então, esses foram os fundamentos e foi assim que nós nascemos.

34. Luís Augusto

Como que a cidade recebeu a televisão doutor Phelippe? Depois da inauguração, como que foi essa relação com Manaus? Houve uma grande... Foi muito bem aceita? Como é que foi a relação comercial, aí no caso?

Phelippe Daou

Bom, a esta altura, como nós estávamos fazendo com rapidez os associados resolveram inaugurar a TV Baré antes de nós. Tanto que eles são de junho e nós somos de 1º de setembro. Se o meio já era pequeno para sustentar a Ajuricaba, que naquela altura também já tinha as benditas novelas, imagine os associados que também faziam novela.

35. Luís Augusto

Era a TV Tupi, né?

Phelippe Daou

A Tupi, a Rede Tupi.

36. Luís Augusto

Era a grande rede, né?

Phelippe Daou

Era a grande Rede, que tinha também todo esse aparelhamento e que mandava prá cá. E nós o quê que tínhamos, só tínhamos clínica geral. Prá você ter uma idéia, prá gente fazer a expressão do nosso sentimento, eu acho que não houve ainda na vida de... A não ser agora, em alguns casos com o Amazon Sat. Mas não se conhecia uma televisão que abria às 7 horas da manhã, fazer 12 horas de programação ao vivo. Ao vivo, porque você não tinha programação, então, presidente de sindicato, presidente de associação, chegou na televisão, ele era entrevistado. E todo mundo falou. Então, nós começamos a fazer uma clínica geral através da televisão educativa do Rio de Janeiro, que tinha uma programação, não só também educacional, mas também tinha algumas coisas. E depois a Bandeirantes começou a fazer um show por mês, e nós nos filiamos a Bandeirantes naquilo que ela produzia. E foi assim a nossa vida.

37.Luís Augusto

Foi muito difícil o começo então, né doutor Phelippe?

Phelippe Daou

Mas difícilimo, difícilimo. E se tornou ainda mais difícil quando dois anos depois nós inauguramos a TV Rondônia e naquele ano inauguramos mais três estações.

38.Luís Augusto

Então, como que surgiu essa idéia de partir depois desse sonho aqui de Manaus prá Rondônia, Acre, Roraima e Amapá?

Phelippe Daou

Bom, eu te falei na concorrência, prá te dizer que o meio se já era pequeno, ficou menor ainda prá nós. E nós começamos a desbravar outras fronteiras para fazer o equilíbrio. Que aí o pessoal achava que era um suicídio, mas era pelo menos um suicídio empresarial consciente. Podia ser que não fosse assim. E graças a Deus não foi. Por quê? Porque ali com as outras surgindo devagar nós tivemos aproximação com a Globo. Estávamos próximos de uma Copa do Mundo e que...

39.Luís Augusto

Alavancou o negócio?

Phelippe Daou

Sim, aí o pessoal: “Olha então nós vamos, então, combinar com vocês”. E nós ficávamos, quer dizer nós, na realidade, como tínhamos sido, ainda éramos um pouco de agência de publicidade, a gente sabia muito bem proteger os interesses e os direitos daqueles que negociavam com os nossos próprios clientes. E a gente sabia que as pessoas que iam fazer acento lá na Globo e que fariam acento na TV Bandeirantes, não revelariam, com toda certeza, as estratégias de um para o outro. Porque eles teriam condições de saber disso muitíssimo antes de nós. Então não precisava a gente fazer essa profissão de fé. E realmente, a gente manteve o critério de Manaus é Bandeirantes, mas a Globo será nos outros estados. Que ainda eram territórios. Aí eles se transformaram em estados e pronto.

40.Luís Augusto

Como que era Porto Velho quando o senhor chegou lá nessa época?

Phelippe Daou

Era pequenino. Tem as marcas daqueles monumentos que a gente usa aqui para abertura dos jornais. Era tudo muito pequeno, era tudo muito acanhado. Rio Branco, então, era provavelmente o de aspecto mais triste.

41. Luís Augusto

Era o único que era estado, né?

Phelippe Daou

Pois é. E o Amapá, ele tinha alguma influência do Pará, mas muito assim como um interiorzão. Um interiorzão pequeno. E muita gente disputando porque quando viram que Manaus tava prosperando e viram que Porto Velho foi bem recebido, aí as pessoas já... Tivemos que enfrentar algumas concorrências grandes. Mas também as autoridades, a partir daí já começaram a vir prá Manaus, já começaram a vir prá região e viram que tudo que foi prometido, foi feito. Embora, as coisas que eles ficavam até surpresos por que eram coisas tão pequeninhas, tão acanhadas que eles diziam isso é como se fossem televisões amadoras que fossem começar, mas começaram. Por que no Acre, nós começamos com um vídeo-cassete na torre da catedral, que tá lá. E ainda está lá. A gente levantou uma antena e passamos a Copa. Como é que passamos a Copa? Pegávamos aqui o vídeo-cassete que chegava em Manaus, que também nessa Copa ainda não havia o satélite e nós levávamos de avião prá lá e o pessoal colocava e o povo se deslumbrava. Três, quatro dias depois. Três, quatro dias depois do jogo eles viam lá no Acre.

42. Luís Augusto

Mas era a única emissora?

Phelippe Daou

Era a única, era a única emissora. Não tinha outra.

43. Luís Augusto

Porque que o senhor optou pelo Amapá, e me parece que tendo a possibilidade de ter uma emissora no Pará?

Phelippe Daou

Bom, isso... Todos, realmente, se admiraram por que nós entramos nessas concorrências todas. E quando chegou a vez do Amapá, já estava também, na mesma ocasião, já se pensava em decidir o processo do Pará. E o que aconteceu foi que nós fomos consultados: “qual estação ou qual concorrência nós renunciávamos?” Pois, nós dissemos, nós vamos renunciar Belém. Porque nessa altura nós só tínhamos um lugar. O ministro Quante (?) de Oliveira, no Acre, prá surpresa de todos nós, ele anunciou que nós nem tínhamos ouvido falar quem seria o vencedor da concorrência do Acre, nem de Roraima. Ele disse: “Eu quero dar uma notícia para os empreendedores”, que segundo a gente veio saber, ele não acreditava que ele ia encontrar televisão nenhuma no Acre e encontrou. E aí ele aproveitou prá dizer: “Eu quero dizer que eles foram contemplados com mais duas concessões”. A de Roraima e o Acre, né? Então, nós dissemos já que o ministro dá essa demonstração de que realmente a coisa vai, vamos então, ficar por aqui. “E eu

disse para o pessoal do ministério: Olha, nós vamos querer o Amapá”. “Mas o Amapá, rapaz? Vocês...” Pois é, mas nós queremos o Amapá, por que não tem.

44.Luís Augusto
No Pará já tinha televisão?

Phelippe Daou

Já, já havia. E era dos Associados, né? E o que estava em discussão era o canal que seria da Globo, né? Seria a Globo que era gerida por alguém, uma outra entidade que era também afiliada da Bandeirantes. Não conseguiu a Globo ficou com a Bandeirantes, uma coisa assim.

45.Luís Augusto
Mas o Senhor achava que a oportunidade no Amapá era melhor?

Phelippe Daou

Era pelo menos, pra nós...

46.Luís Augusto
Mais seguro, né?

Phelippe Daou

Era onde se acenderia uma luz com segurança. Porque todo mundo... Era um silêncio na região, ninguém tinha contato nenhum. E com a certeza de que a gente ia lutar lá. E eu achava que o Amapá não seria esquecido e também teria a mesma rota que os outros teriam

47.Luís Augusto
Bom, doutor Phelippe. Formada essa rede, como que foi o desafio de alimentar essa programação em todos os municípios. O Nivelte falou prá gente aqui na entrevista que tinha um fluxo de 7 mil fitas prá alimentar tudo isso. Era uma coisa muito complicada, né?

Phelippe Daou

Mas muito complicada! Muito complicada. As pessoas não podiam acreditar. Por que a gente também não sabia quantas fitas a gente perdia a cada mês. Mas nós tínhamos a certeza de que isso era levado, assim com um prazer imenso, de qualquer passageiro que a gente colocasse as fitas prá ele levar prá essas estações. E eles levavam. E quando não tinha avião, tinha que ir nesses motores. A hora que chegava, chegou. Era matéria e tal. E as pessoas diziam; “olha, não precisa que vocês coloquem coisas nos municípios, coloquem ao menos uma vez por semana prá gente ver”. E foi graças a todo esse reclamo e que prá nós era um incentivo imenso. Podia não dar dinheiro, só dava muito trabalho, mas a gente fazia com muita satisfação. E como, aonde a gente operava, havia recursos prá gente manter esse sistema. Esse sistema, vamos dizer, na base do voluntariado severo, a gente foi. Por quê? Porque passamos mais de 15 anos dizendo: “Isto não é uma empresa, isto é um ideal”, e ideal não tem idade, ideal não tem idade. Era o chamamento que a gente fazia: “vamos, não vamos desistir”. E lá vinha atrás a história. É um ideal não

é empresa, ideal não tem idade, só sabemos que quanto mais velho, a gente se habitua mais a proclamá-lo, né?

48. Luís Augusto

Também houve um apoio muito importante e estratégico, me parece, com relação às Forças Armadas, né? Muita dificuldade de montar essa estrutura logística da televisão, né?

Phelippe Daou

Bom, é. Nisso aí, o apoio foi total. Nós passamos e ainda hoje quem, realmente, observa nossa vida, vê que a gente dá uma atenção especialíssima à Força Aérea Brasileira. Por quê? Porque se não fossem os aviões dela, aviões que hoje não cruzam mais os céus da Amazônia, como o Catalina (?). Se não fosse o Hércules que ainda hoje é vanguardeiro, o Búfalo, nós não chegaríamos a lugar nenhum. Porque de navegação nós levaríamos mais de trinta dias. E no avião, cada vez que eles vinham a Manaus e iam passar num interior desse, havia sempre a disposição da Força Aérea de levar um transmissor, e no dia seguinte se fazia presente o sinal de televisão. E nisso, você disse bem, que se você não perguntasse seria dito, que a FAB ela teve um papel relevantíssimo prá gente implantar. A ponto de quando chegou um Hércules levando o transmissor da TV Acre, que estava em Porto Velho e estava bloqueado, não havia estrada, não havia nada, não se sabia como levar prá lá. Ele saiu daqui, um Hércules, parou em Porto Velho, pegou o transmissor e desceu no Acre. Parecia que era um, talvez um acontecimento, um segundo acontecimento revolucionário, que nunca chegou um avião tão grande como aquele. Abriu, deixou e prosseguiu viagem. Aí foi...

49. Luís Augusto

Ajudou muito?

Phelippe Daou

Muito!

50. Luís Augusto

Doutor Phelippe, me parece que a televisão tem um papel aí, fundamental quando há a chegada do satélite, né? Muda realmente a vida. Como que foi essa questão? O doutor Milton até comentou com a gente, que o satélite ia sair pra cá, daí depois já queriam tirar daqui. O senador Antônio Carlos Magalhães deu uma grande contribuição, quando na época era ministro, né?

Phelippe Daou

É verdade

51. Luís Augusto

Como é que foi esse? Eu queria que o senhor comentasse dois momentos. Parece-me que, primeiro. Logo em 72 tem o satélite da Embratel que dá primeiro um apoio, e depois em 86, né? Parece que surge a possibilidade de a TV Amazonas ter uma banda no satélite?

Phelippe Daou

Não, o caso foi o seguinte. A Embratel desde que nós surgimos aqui, existia um satélite que... Quando passou haver um satélite servindo Manaus, que algumas transmissões chegavam por aqui. E aí era o Intelsat que fazia a operação, o Brasil não tinha satélite. E o ministério começou a pensar em um satélite e veio o projeto do satélite do governo Geisel. Foi acontecer esse noticiário de que o Brasil ia ter um satélite, estava encomendando um satélite e nós nos escrevemos. Porque naquele tempo a Embratel, que também não existia, mas a companhia aceitava pela vez, quem fizesse em primeiro lugar era o que tinha direito. Bom e aconteceu que o projeto do satélite ficou parado um tempo, e não aconteceu durante aquele momento que mais a gente precisava. Já Costa e Silva já tinha passado, estava o Médice, essa coisa toda. Mas nós ali, e zelando sempre para saber se nós continuávamos os primeiros inscritos. O Ministro da época, Higino Corsetti, ele tomou conhecimento deste fato, porque ele conheceu a TV Amazonas.

52. Luís Augusto **Ele veio aqui?**

Phelippe Daou

Ele veio. Ele veio, mas não na inauguração, porque naquela altura da revolução, autoridade só viajava, e eu acho que ainda ficou este hábito, só para inaugurar obra pública, como era uma obra particular, ele não veio. Mas ele veio numa vez que ele veio aqui inaugurar a telefonia, ele foi lá visitar e se assustou com o que ele viu da televisão. E nós dissemos que já estávamos nos inscrevendo, que a gente sabia que estavam falando muito em satélite e tal. E todas as vezes que o ministro falava em satélite e que tinha uma inauguração em qualquer parte do Brasil, sobre tudo, era Brasília que onde era a sede dele e lá no Rio de Janeiro. Eu muitas vezes fui e ele dizia: “Eu já sei, tu estais querendo dizer que vocês estão inscritos né?” Era! Porque nós tínhamos sido quando a Embratel surgiu, nós fomos o primeiro cliente dela em Cruzeiro do Sul e no Oiapoque, que colocaram... O presidente da República fez de tudo para que mandassem botar as antenas para que a gente assistisse o campeonato da Copa que o Brasil ganhou. Parece até que ele tava avisado disso. E eu dizia sempre isso, nós fomos o primeiro cliente da Embratel em Cruzeiro do Sul e em Oiapoque, por que as antenas chegaram lá e ficaram lá por conta da Copa. E quem ia mexer com a Copa éramos nós, como realmente transmitimos e tal. Então, isso ficou mais ou menos assêntico. Quando chegou o satélite brasileiro, o Sat Brás, essa coisa toda. O que é que o pessoal... E eu nada de ver chamarem a Rede Amazônica, e resolvi reclamar. “Não, depois nós vamos ver”, Não, nós não vamos ver nada não! A esta altura, já era ministro o Antônio Carlos Magalhães. E nós estivemos... Isso foi em novembro de mil novecentos e noventa e pouco e tal, mais ou menos aí. Nós fomos lá visitar o Ministro, e o Ministro... Eu fui lá reclamar prá ele: “Olha nós somos desse tempo”, ele sabia desse tempo também, que era assim mesmo, que o pessoal só tinha que entrar na fila, e quem chegasse primeiro, era o primeiro. Depois era o segundo e o terceiro. E eu disse: “olha, o que eu sinto profundamente é que está havendo má vontade de o canal nos ser dado, eu acho que eles não acreditam na Rede Amazônica e eu também não sei se o ministério também acredita. O senhor me desculpe, mas eu estou lhe falando de coração aberto” Naquela altura eu já tinha me encontrado com ele umas duas ou três vezes em outros acontecimentos, e eu vi que ele era muito espontâneo. Ele era muito espontâneo e ele disse: “mas, e essa história é assim?”. É! “E não entregaram o canal prá vocês?” Não! “Vocês têm planos prá fazer?” Qualquer dia é dia. Nessa

altura o presidente era o Sarney, que estava na Vila Bitencourt, em um desses destacamentos nossos aqui na Amazônia. Ele disse vamos ver como que está. E telefonou para a Embratel. Olha, eu soube o seguinte, que parece que está havendo uma demora, não sei por que, mas o proprietário está aqui dizendo que a qualquer momento ele pode receber o sinal, e ele está dizendo que vai haver uma reunião de governadores. Não ia haver nada disso, eu pedi para ele, eu queria que ele viesse, que eu ia convidar os governadores da região. Aí ele disse, eu vou estar tal dia lá em Manaus e vai haver uma reunião no Teatro Amazonas. E eu quero que vocês inaugurem o satélite, esse canal de satélite da Rede Amazônica. Aí foi um rebu, foi um negócio. Aí ele disse pode se preparar. Eu disse prá ele: eu posso dizer para o governador do Amazonas que o senhor vai. Ele disse: “pode, não é o Mestrinho?” Era o Mestrinho o governador. E eu cheguei aqui disse para o Mestrinho e ele se encarregou de convidar os outros dos estados, e eles estiveram todos aqui. No dia aprazado ele veio e presidiu a reunião que nós transmitimos. O Evandro Guimarães estava aqui representando a Globo. Rapaz, pois é, tá vendo como é? Quando os camaradas querem é assim. Aí houve a coisa toda.

53. Luís Augusto

Doutor Phelippe, depois tendo o satélite mudou completamente a concepção da televisão. A programação passou a ser ao vivo, né? Várias facilidades, mudou a vida da televisão?

Phelippe Daou

Completamente! Mudou.

54. Luís Augusto

Começa um trabalho do senhor para haver a interiorização da televisão, né? O que foi esse passo. A partir de 2003 nós começamos a ter essa experiência do FTP, mas esse esforço da interiorização, ele começa bem antes, né? Como que foi esse começo desse trabalho para levar a televisão para o interior da Amazônia?

Phelippe Daou

Bom, o que acontece, o que aconteceu em relação ao interior dos cinco estados, foi o que aconteceu com os estados que nós chegamos depois. Vamos colocar, vamos fazer. Primeiro nós fizemos uma experiência, a primeira experiência nós tentamos chegar com o sinal direto de Manaus à Itacoatiara. Semanas e semanas nós dormimos na estrada, por que essa estrada já estava aberta, semanas e semanas prá gente chegar. Chegamos até um ponto onde chegava o sinal. Quando chegava ali pelo quilômetro 140, rapaz o sinal não passava. Aí cada um dizia que é porque tem uma mina de ferro por aqui que atrai tudo. Eu sei que nós sofremos, nós temos um companheiro, o Wilson de Medeiros Lima que foi nosso companheiro. De vez em quando ele aparece aqui e a gente sempre rememora isso. Ele dizia, eu não sei, porque a gente vem com o sinal bem, quando chega aqui ele para, aí a gente sai e fica jogando o sinal.

55. Luís Augusto

Era tudo micro-ondas?

Phelippe Daou

Micro-ondas, era tipo micro-ondas, mas forjada aqui por nós num estilo assim, quase de tantos em tantos metros prá ver a onde chegava. E não passava. O governador do Amazonas na época ia fazer a primeira viagem lá para Itacoatiara e nós resolvemos fazer uma surpresa para ele, por que a gente também queria ver se ele nos ajudava a lutar contra essa coisa toda. E nós fomos para lá, levamos a câmara e levamos um transmissor. E aí o técnico da época era muito engenhoso, chamava-se Pina. O Pina ajeitou lá o negócio e a câmara, quando ele desembarcou, nós levamos também três ou quatro televisões, espalhamos em lugares diferentes. Quando ele chegou naquele local estava lá uma trincheirazinha com o pessoal com a câmara e tal, e pegava o governador. E o governador: “você tão filmando?” Estamos. “E vão passar depois lá?” Não! O pessoal está lhe vendo que o senhor está aqui. “Aqui?”. É, tá. Aí viram, viram aí foi um rebu. E aí começou a tal história...

56, Luís Augusto

Aí vocês conseguiram fechar o sinal de Itacoatiara?

Phelippe Daou

Não! Não, não, ali era direto. É isso que eu estou te dizendo, nós levamos prá lá o transmissor e demos tudo dali mesmo. Projetamos e aparecemos nesses televisores. Aí nós pedimos autorização do Ministério para montar uma repetidora. Nós já tínhamos a primeira repetidora de Guajará-Mirim. Que você lendo o deferimento, tu vai ver que tem só emoção. É emoção do interior amazônico e eles aceitaram. Com base nisso, aí é que veio toda essa legislação prá gente fazer o que está aí. E que todo mundo se aproveitou erradamente e criou um caos e que agora a gente tá indo pela realização, coisa que eles não vão por que não se estruturaram para fazer. Mas houve até consentimento, nesse meio tempo, de fazer rede de retransmissora. Veja que absurdo que tinha, mas fizeram. E nós estávamos sempre fazendo o que estamos fazendo. Foi por isso que nós começamos a chegar. Depois foi Parintins e foi aqui e foi ali. E era aquela luta, todo mundo queria que fosse. E dentro do possível a gente ia fazendo, ia fazendo, ia fazendo. Era um prefeito vendo um lote de terra, era um outro fazendo isso, quer dizer. Foi um ajuri muito grande da Amazônia, que a gente sempre fez questão, também, de dizer isso, que fez com que esses núcleos da Rede Amazônica surgissem. Hoje, quando tu fores ao Acre e não sei se tu já foi nesses últimos anos pela estrada 364. Tu vai encontrar tudo, transmissor novo, é uma alegria e tal. Mas só a gente sabe o que as nossas mães sofreram, dos impropérios que os caras jogavam na nossa cara. “Pô! Isso não é porcária...” Pois é, rapaz, é porcária. Tanto que a gente tá pensando em tirar se vocês não entrarem com a contribuição da mensagem comercial de vocês. Por que nós não somos governo, e isso também, em alguns lugares, sensibilizou e isso foi melhorando.

57. Luís Augusto

E aí quando chega o FTP? O Phelippe Junior, me parece, que foi, assim, uma pessoa fundamental nesse projeto, né? Começa a fazer a primeira experiência em Manacapuru, né? E depois essa tecnologia se espalha, né? Como que o Senhor viu esse momento da introdução do vídeo-repórter, do envio desse conteúdo para Manaus? Mudou muita coisa, né?

Phelippe Daou

Mudou, mudou. O que a gente dizia é isso que tu estás mesmo aí figurando. Chegava o material de lá, com a câmera que a gente podia ter lá e era trabalhado aqui. Claro que... Agora porque que a gente apertou demais? A gente apertou demais, por que já tínhamos passado por várias experiências. Tu chegaste, também, verificaste que era assim mesmo, tínhamos que ter o pessoal. Receber o material e trabalhar o material. Não tinha nada de novo, não tinha nada de misterioso, era quilo mesmo. Tínhamos que fazer aquilo mesmo, e nós, não saía da nossa cabeça, um dia, a gente estadualizar. Por quê? Porque a gente já vem sendo tocado porque Manaus está estatualizado. O sinal que sai aqui sai no estado todo. E sai na região toda, porque não há outra maneira. Quem quiser saber das coisas instantaneamente tem que saber através do nosso sinal. Exceção de Porto Velho, exceção do Jornal do Acre e só. E a gente viu que tinha que chegar o momento, que seria esse, cada estado vai receber tudo que a sua capital está vendo, pronto! Aí, eu acho que aí a nossa obra chega, realmente, no ponto que nos vai dar panos prás mangas para a gente fazer todas as coisas que a gente deseja.

58. Luís Augusto

Doutor Phelipe, nem sempre esse investimento que é feito, tem um retorno comercial, né? A gente sabe que em muitos lugares tem alguma dificuldade de ter esse retorno, né? Mas o Senhor sempre teve essa visão da importância de, primeiro levar a televisão para depois vir o negócio, né?

Phelippe Daou

Para colher depois.

59. Luís Augusto

Como que o senhor, eu queria que o senhor falasse um pouquinho dessa visão empreendedora do senhor, da importância comercial e da importância da integração regional. Como que isso é na cabeça do senhor?

Phelippe Daou

Bom, na nossa cabeça foi o seguinte. Começando pela rede, tudo o que a gente ouvia dos companheiros lá do Sul era: “Olha, eu só ponho um retransmissor, quando eu tenho a certeza que, no mínimo, haverá mil compradores de televisores”. “Eu compro por um preço aqui, vendo por um preço lá e isso me dá para eu comprar isso, comprar um transmissor, essa coisa toda”. Nós pensávamos diferente, e ainda hoje penso. Cada macaco tem que estar no seu galho, por que todos nós somos sofrendores na Amazônia, temos carência, todos têm. Então, cada um faz a sua parte. Não vendemos nenhum televisor, mas fizemos com que eles assumissem o compromisso, que quando tivesse funcionando, eles compareceriam com o seu comercial. Isso, graças a Deus, houve uma crença de que isso seria feito e foi feito. Com isso, nós passamos a ter audientes. O resto é a batalha do dia-a-dia de cada um. Tem que fazer o que lhe compete, não é verdade? Não tinha outra maneira de fazer. E, ainda hoje, se faz assim. A gente chega comunica o que vai fazer e o que é que a gente pede, reforcem os recursos da mídia, por que nós não somos milagreiros, não fazemos aqui o milagre dos pandas, a gente bem que gostaria, mas não fazemos. A gente tem que fazer com o que a gente ganha. Então, não queremos de vocês doação, mas queremos de vocês o aumento de verba. Eu não vou te dizer que há um berço esplêndido, mas é como se fosse uma colchonete que a gente não dorme no chão, dorme na colchonete. Agora, a gente acha que amanhã

botar um bercinho melhor, vamos botar um bercinho melhor. Mas também desamparados nós não estamos, graças a Deus. Então, enquanto isso for possível fazer, nós vamos caminhando, vamos caminhando. E o que a gente vê, que os frutos agora já estão vindo, assim, até com muita força, muita força, né? Por que dos empreendimentos que estão marcados aqui para Manaus, a gente tem que ficar muito esperançoso de que melhores dias vão realmente, balançar o nosso estado.

60.Luís Augusto

Pois é, nós estamos, aí, há poucos dias da inauguração da TV Digital aqui da primeira emissora, a TV Amazonas, né doutor Phellipe? E diante de uma nova era, né? Está mudando muito rapidamente a questão tecnológica, né? Eu queria que o senhor falasse para mim, olhando prá trás, depois de todo esse trabalho feito, depois de toda essa obra, né? O quê que valeu a pena e o quê que o senhor não faria novamente?

Phelippe Daou

Olha, não é tirada demagógica nem nada. Eu faria tudo como fiz até aqui e se Deus quiser, faremos o quanto pudermos, da mesma maneira. Por que a gente partiu de um princípio, se é um ideal, você tem que resistir a tentação fora do ideal. E se deu certo, há de dar sempre certo. Porque tempo piores do que os que nós já enfrentamos, jamais. Eu não creio que isso vá se repetir na Amazônia. E eu fico esplendorosamente alegre, quando eu chego e vejo como está se transformando isso numa velocidade tremenda, né? E fico estimulado com os companheiros também. É o que eu digo sempre prá eles: “Olha, vocês fiquem certos de que vocês não vão ser embalados em berço de ouro”. É possível que algum que tenha o nosso sangue, venha a sê-lo. Mas nós cumprimos a obrigação com decência.

61.Luís Augusto

O senhor deixa uma grande obra doutor Phellipe, fazer tudo isso que foi feito na Amazônia, dificilmente seria feito novamente, né? Assim...

Phelippe Daou

Não, eu creio que não dá para que a pessoa entre agora, com o nosso sistema prá trabalhar e tentar construir. Porque também o tempo já não permite, né? Hoje, todo mundo conhece os caminhos das pedras e os recursos são os mesmos. Quem passou, passou e quem não passou, não vai passar. Não vai! Não tem como fazer.

62.Luís Augusto

O Phellipe Junior comentou com a gente que há um programa, nessa questão da internet, de parceria com o governo do estado para levar a internet para todo o estado, né? O senhor gostaria também de que houvesse essa integração de todos os município mandando reportagens, participando ativamente com o nosso dia-a-dia no jornalismo e também na parte comercial?

Phelippe Daou

Mas, eu não sei, a parte comercial se pode ser feita via internet, eu não sei. Mas essa, eu quero te dizer que o contrato está assinado. Veja que a gente entra com a manutenção e eles entram com a instalação. E eles usam e nós usamos.

63.Luís Augusto

A partir daí tem uma infra-estrutura mínima para fazer a geração?

Phelippe Daou

Tem uma infra-estrutura, além dessa que nós vamos ter. Que nós também firmamos um contrato com a Embratel. De os principais municípios terem Embratel via satélite. Nós vamos tentar fazer tudo que for possível e que tivermos condições de fazer. Por que se amanhã, também, essas grandes redes elétricas que vem no sistema nacional, vierem com aquele condutor que chama, da linha que comporta a internet, nós vamos fazer, que é a fibra ótica. Se a fibra ótica vier dentro, nós vamos arranjar uma maneira de nos filiar a isso. O que nós desejamos? O que nós desejamos é que nós temos um patrimônio que não é expresso em coisas assim que nós podemos pegar. Materiais. É na inteligência e na formação de um grupo de companheiros, que dá prazer, por exemplo, para nós. Em toda essa batalha da digitalização, o que mais me contenta é o Nivelles dizer: “É o nosso pessoal que está montando”. E de vez enquanto ele me leva para eu ver, e eu até peço que tu vejas também. Mas essa é a obra do pessoal, por que isso são as grandes empresas que fazem. As grandes empresas, essas que estão nos vendendo... Segunda-feira nós vamos ter, mais ou menos, a possibilidade de ver o rosto dos técnicos que vem montar, e vão encontrar montado. E aí vão dizer, bom deixa eu fazer um teste, e aí vão dizer, eu espero que ele vá dizer, está bem.

64. Luís Augusto

A Fundação Rede Amazônica teve um grande papel nisso, né doutor Phelippe?

Phelippe Daou

Mas é isso o que eu ia dizer. Por isso o ente mais importante disso tudo é o da Fundação. Por que o quê que a Fundação fez? Dentro do possível, ela faz a preparação dentro do possível, prepara um ou dois filhos dos nossos colaboradores para seguirem um caminho de dignidade e do saber. Então, isso sim, essa é a obra, essa é a obra!

65. Luís Augusto

A formação das pessoas?

Phelippe Daou

Dos recursos humanos, do recurso humano. Você vê se hoje nós formos apresentar todo o currículo do nosso pessoal, ainda que sejam pessoas que não estão operando nas profissões que receberam o diploma, o capital intelectual... É muito difícil ter uma empresa que dê capital intelectual formado e diplomado como o nosso. Pode ser que ele não tenha a expressão que nós desejamos 100%, mas eles são todos realmente, preparados.

66. Luís Augusto

Já temos a data TV Digital no ar?

Phelippe Daou

Não, não temos pelo seguinte. Porque nós queremos que esteja plenamente funcionando com tudo o que foi estabelecido. Que o nosso parceiro venha ver e diga, ela está completa. E que os fornecedores digam, está bem montado, e eu quero assinar em baixo. Aí sim, aí nós podemos fazer o ato, embora, parecendo que

está demorando um pouquinho, mas nós não vamos sofrer depois da inauguração, ou seja, terminou a inauguração, aí vem o Drummond de Andrade: “E agora José?” Não tem nada disso, “e agora José?” Todo mundo sabe o que vai fazer no dia seguinte.

67.Luís Augusto
O “e agora José” é antes?

Phelippe Daou

Não é?

68.Luís Augusto

Doutor Phelippe, muito obrigado pela entrevista. Eu queria, encerrando essa série de entrevistas que a gente fez aqui na Rede Amazônica, agradecer a oportunidade de estar fazendo esse trabalho e parabenizar o senhor, por toda essa obra que fez, né? E é realmente um prazer, hoje em dia, estar trabalhando na Rede Amazônica com o senhor.

Phelippe Daou

Tá, mas Luís, não é... Eu só sou um, tá bem? Somos todos e você mesmo, ainda que diga, “ah! Mas eu cheguei agora” não! Mas todo mundo tem parte. Se não fosse isso, nós não teríamos o que temos. Isto está aí, tem participação de todo mundo e a gente faz questão sempre de dizer isso. Não é? Você vê, às vezes, olha e tal. Não! Aqui a gente só agradece a Deus, mas todos vocês são partes, tá bem? Ok.

69.Luís Augusto

Obrigado!

Décima quarta entrevista – 08/08/2009

Entrevista com o jornalista Arnaldo Santos

01.Luís Augusto

Gostaria que você falasse como foi que chegou na televisão e sua trajetória?

Arnaldo Santos

Eu cheguei à Rede Amazônica por intermédio de um colega que não faz mais parte do quadro que era repórter na época e eu tinha vindo de Belo Horizonte, depois de um fazer faculdade lá, apesar de ser daqui. E eu tava sem trabalhar e já tinha um registro de radialista e ele falou: “Olha, estamos precisando de repórteres de esporte, você que tem ligação com o esporte, entende até tem uma desenvoltura legal, você não quer tentar ser repórter”. Aí eu falei, nunca tinha tido a idéia de ser repórter de televisão e tudo mais. Acabei indo fazer esse teste, fiz uma semana de estágio rápido e continuei. Eu comecei mesmo prá valer foi no dia 2 de janeiro de 92, na TV Amazonas. E durante esse tempo que eu tinha largado o direito eu comecei a procurar outra coisa, aqui em Manaus, de estudo. Quando foi em agosto eu passei no vestibular para outro curso aqui em Manaus, era para psicologia e era um curso a noite, e meu horário da TV era a noite. Aí eu tive que optar entre os dois. Aí eu peguei e pedi demissão. Passou um mês e aí eu me mudei. E tem uma história muito interessante aí foi que eu mudei e fiquei sem telefone na minha casa nova. Me mudei da avenida Ayrão para a Cachoeirinha. Passou um tempo, uns quinze dias sem telefone na minha casa. Não tinha celular naquele tempo, e quando um padrinho nosso ligou o telefone de novo, ele ligou e disse: vocês sabiam que

estão chamando o Arnaldo na televisão. Meu pai disse não. O Carlos Aguiar que era um apresentador da parte social do programa da manhã mandou um recado pela televisão no Amazônia em Revista na época: “Olha, queria contactar com o Arnaldo Santos para dar uma ligada prá gente aqui”, pela televisão. Aí eu liguei, naquele tempo o chefe era chamado Benjamim Cabral, aí ele disse: Arnaldo, o doutor Milton que falar contigo. O doutor Milton disse: “Arnaldo você estava a noite, mas não deu certo, estamos precisando de alguém para tirar as férias da Shirley Assis que era uma repórter que fazia o Amazônia Revista, durante um mês aqui pela parte da manhã, Te interessa?” Eu falei, Interessa. Voltei em setembro de 92 para tirar 30 dias de férias da Shirley Assis. Aí voltei prá manhã para passar 30 dias, aí no final acabei passando 14 anos. Na minha trajetória fui repórter no jornalismo, acaba que no jornalismo a gente faz de tudo um pouco, voltei a ser repórter, fui editor de esportes, na época quem apresentava era o Orlando Rebelo. No jornal da noite quem apresentava era o Bezerra. Na época que a gente batia na máquina de datilografar, aquelas máquinas Olivetti. E que o apresentador era apenas um leitor de cabeças. Ele chegava apenas, 30, 40 minutos antes do jornal entrar no ar. Ele entrava, pegava o script e ia pro camarim. Não participa de nada da edição de jornal. E assim foi, a gente sendo repórter acabou sendo repórter prá todos os telejornais. E quando passou prá cá, prá esse prédio novo e o doutor Phelippe me chamou, perguntando se eu não queria assumir a chefia do Bom Dia. Tudo bem, eu assumi. Nesse ponto sendo, chefe do Bom Dia Amazônia, literalmente, eu confesso que agüentei três meses. Voltei prá lá e disse: Doutor Phelippe, eu sou repórter, não sou chefe. Eu tenho que estar na rua. Eu passei muito tempo sendo repórter direto assim, quando mais tarde o Amazon Sat começou a ter equipes e necessidades de viagens muito assim... Eu comecei a ser emprestado muito para o Amazon Sat. Viagens, muitas viagens, transmissões. Então, por exemplo, eu participei de muitos eventos pioneiros, como a primeira transmissão que a Rede Amazônica fez do Festival de Parintins que foi só para Parintins. Era engraçado que naquela época, acho que em 93, se eu não estiver enganado, nós fizemos uma transmissão fora de qualquer padrão de transmissão que era o seguinte: imagine você fazer uma transmissão do Boi Bumbá de Parintins, do festival, numa cabine que parecia um palanque. Era um palanque que era um piso de madeira, todo aberto em que por conta da falta de condições a gente fazia o seguinte. O apresentador era o Dudu e ele chamava. Agora a gente vai chamar o repórter de pista Arnaldo Santos, com os seus detalhes. Aí entrava em off, só que na verdade eu tava do lado dele, porque não tinha condições de fazer uma entrada lá na pista, não tinha comunicação. Na verdade, o repórter de pista estava na cabine. São histórias pioneiras que a gente vai aprendendo... Por isso que hoje, eu digo, muita coisa de ao vivo eu sei, porque passei os problemas. Depois desses anos todos de experiências, reportagens, esse negócio de ao vivo foi uma parte marcante que eu participei da Rede Amazônica, das transmissões. Porque a primeira transmissão no sambódromo de Manaus eu também estava, do carnaval. Inclusive, foi a transmissão com a estrutura que desabou. Eu lembro que teve um fato corriqueiro também, nesse ano, na transmissão do carnaval que eu participei que houve um excesso de iluminação no sambódromo que várias pessoas foram para o hospital com princípio de queima de retina. Eles erraram na quantidade de iluminação, por incrível que pareça isso, eu também tive. No dia seguinte da transmissão que a gente virou a noite e tudo mais, eu cheguei na minha casa passando muito mal, com os meus dois olhos muito inflamados e tive que passar colírio, compressa, eu fui inclusive uma das vítimas disso aí. Essas transmissões eram engraçadas porque, uma coisa essencial de uma

transmissão, fora a captação de imagens, fora a transmissão de sinal, ninguém pensa que uma coisa essencial que não funciona a transmissão se aquilo não tiver com as condições mínimas é a comunicação. A gente não tinha, então assim, a técnica da TV, os grandes heróis dos bastidores, eles ficavam loucos tentando melhorar a nossa comunicação. Então, tu imaginas, não saber que está no ar, não saber que vai falar. Isso foi uma revolução durante os anos que os técnicos buscaram durante todo esse tempo. E aí quando foi por volta de 2000, mais ou menos, eu já estava muito mais impregnado de viagens para o Amazon Sat do que para TV Amazonas no corriqueiro, por quê? Eu chegava de viagem, passava quatro dias, cinco dias viajando, mais eu precisava ficar quatro, cinco dias editando o material de 35 minutos. Acaba que criam o jornal do Amazon Sat, o Amazon Sat vem (sinal que chamam ele pra lá). Engraçado, eu vou registrar isso aqui que então minha chefe Ercilene Oliveira não me ouça. Houve o conluio que fizeram de tal forma porque na época tinha a Elizabeth Cavalcanti que era a chefe. A Ercilene tinha saído de férias quem assumiu foi a lone Igrejas no lugar dela. A Elizabeth fazendo um lobby fantástico para eu ir pro Amazon Sat e realmente gostaria de ir porque era uma experiência nova de ficar viajando. A Ercilene precisou sair de férias, a lone foi “com força em cima do doutor Milton”. O doutor Milton de maneira muito sensata disse: “quem decide é o Arnaldo”. Mas só que se esperou a Ercilene sair de férias, pois ela não queria de jeito nenhum. Aí eu disse: foi o dia do meu sim. Aí eu fui, quando a Ercilene voltou de férias, eu já não estava na TV Amazonas, ela queria esganar meio mundo na redação, em particular a lone, pelo que eu me lembre. Aí eu fiquei no Amazon Sat. Passei um tempo como repórter e tudo mais e depois eu assumi a chefia do Amazon Sat no jornalismo. E quando juntei com o Ricardo César da produção, Otávio Costa, da consultoria, para qual ele foi contratado. E com Aluísio Daou Júnior, na parte administrativa. Nós quatro, reformulamos e montamos o Amazon Sat, o embrião do que hoje pode ser considerado o Amazon Sat. O embrião que eu falo é o quê? Foi a gente montar a grade de programação. O Amazon Sat naquela época tinha uma grade relativamente solta, aleatória, não tinha uma regra. Nós pegamos alguns programas que já existiam, montamos de maneira estratégica. Isso foi muito interessante porque, pr’a você ter uma idéia, a gente montou uma grade de programação, a gente ficou matutando essa palavra na cabeça durante meses. Pr’a você ter uma idéia, na hora de apresentar para o Phelippe Daou, a gente chegou a ensaiar, porque era uma coisa assim tão conceitual pr’a se montar, porque íamos fazer uma explanação dividida por quatro pessoas que a gente chegou a ensaiar. A gente pegou foi para um sítio a beira da estrada a noite, nós quatro vamos, lá... E nós apresentamos essa grade e tudo mais, formulamos. Demos uma nova roupagem para o programa aqui, um programa lá e foi o embrião do que é hoje, inclusive, com transmissões ao vivo que o Amazon Sat faz hoje. Na verdade, até essa palavra cai bem que foi uma semente que a gente plantou. Depois houve um desgaste da minha parte com o até então representante comercial em Brasília, um desgaste assim natural dentro de uma organização de divergências de opiniões, com o doutor Moreira, que me fez ficar numa situação não muito confortável lá. E, depois tem vários comentários que não sei se procede ou não, se sai ou não sai da empresa... Você fica numa situação não muito confortável no Amazon Sat. E a solução foi eu voltar para a TV Amazonas, foi quando assumiu o comando o jornalista José Carlos de Andrade. Voltei para a TV Amazonas, já nessa época para assumir alguma editoria, alguma coisa assim como editor... E eu me lembro que uma frase muito interessante do José Carlos de Andrade que eu comecei a trabalhar com ele, a gente foi montando as equipes, foi

encaixando ali, foi vendo o que ia fazer. Ele falou: “Arnoldo você vai assumir o Jornal do Amazonas, a editoria do Jornal do Amazonas”. Uma frase que resume tudo que eu acho que ele queria de mim. Ele falou: “você sabe porque eu estou colocando você como editor do Jornal do Amazonas? Porque eu não quero me preocupar com o Jornal do Amazonas”. Então assim, eu entendi, ele resumiu a missão. Foi quando que na minha postura que sempre carrego na minha vida em todo o canto. Eu sou uma pessoa de tomar decisões e assumir por elas. No caso, se posso ter uma equipe, de quantos forem. E assumir aquela postura de ser editor do Jornal do Amazonas. Foi quando, na passagem do José Carlos Andrade e o atual meu entrevistador, Luis Augusto Pires Batista. Foi quando também a minha parte pessoal, a minha mudança em busca de saúde, foi quando resolvi tentar buscar mais uma qualidade de vida, foi eu pedi pr’a sair do horário. Porque era muito ruim, eu perdia praticamente o dia todo. Porque eu chegava na parte da manhã para cuidar de um jornal que só saía às sete da noite, aí eu perdia quase a manhã toda dentro do trabalho. Foi quando de uma maneira sensata e humana, o meu chefe Luis Augusto me concedeu a ida para o jornal de manhã. Minha subida para o jornal da manhã. E foi na verdade minha última função dentro da TV Amazonas que foi a editoria do jornal da manhã que era o AMTV. E foi essa a trajetória...

02.Luís Augusto

Quando você chegou à TV Amazonas qual era a sua visão de Manaus, do que havia de integração regional? E como era a rotina na televisão?

Arnoldo Santos

Integração regional. Essa é uma palavra que eu hoje fazendo uma análise... Eu posso falar uma frase que eu vou te responder. Só que essa frase está simbolizada na seguinte questão que hoje analiso. Naquele tempo que eu entrei na TV Amazonas e de muitos anos depois ainda, não se pensava como rede, porque? E você faz uma pergunta dessa, e eu não sei te responder. Por que você não sabe responder? Porque a gente não tinha na equipe a divulgação de um conceito de rede. Olha quando eu entrei em 92, contato que a gente tinha. A gente não se falava por telefone. O máximo que a gente tinha era o contato via telex. A gente tinha: caiu um avião da FAB lá no Amapá. Uma notinha lá do Amapá... Os colegas assim, tem um fulano do Amapá, mas quem era o cara? Foi quando numa reunião, no antigo estúdio da Rede Amazônica, lá na Carvalho Leal, na Cachoeirinha, com o pessoal da Fundação Rede Amazônica. Aí como a gente está gravando, eu não gosto de falar muito como primeira pessoa, mas eu vou dar um depoimento. Uma reunião com todos repórteres e tudo mais, o pessoal da Fundação Rede Amazônica, doutor Milton Cordeiro... A gente está falando aqui de melhorar, de levantar a fundação, de melhorar a formação e tudo mais. Eu estava fazendo psicologia, eu falei: Doutor Milton queria dar uma sugestão. Por que a Rede Amazônica não sai das reuniões de pauta e faz um seminário de jornalismo? A gente pega gente legal e faz um seminário de jornalismo. Essa idéia, essa sugestão nós fizemos o primeiro seminário de jornalismo. A gente precisa de alguém da faculdade, a gente precisa de alguém da Rede Amazônica, a gente precisa de alguém de telejornalismo da Globo. Aí, a gente pegou quem estava nas mãos, agente pegou quem estava no alcance das nossas mãos. A Ercilene pegou, vamos chamar o nosso ex-professor, professor Valmir Albuquerque, grande teórico. Vamos chamar alguém da Globo, da sala do lado, Marcos Losekan. Precisa de alguém de jornalismo também, Orlando Farias, na época correspondente do Jornal do Brasil. E vamos pegar alguém de fora, mas não

lembro... Foram umas quatro pessoas que falaram. Eu sei que eu fiz o primeiro discurso de abertura do seminário de jornalismo da Rede Amazônica e até o senhor Mário Costa, que é o secretário geral da Fundação, me chama de pai do seminário. E que surgiu de uma idéia, uma questão de registro que eu não fico fazendo esse alarde por aí, que foi uma idéia minha de fazer o seminário de jornalismo que hoje todo mundo já conhece. Foi por essa idéia que começou a se pensar em uma integração por quê? (fingindo uma ligação) Ei, fulano, Marcelo Benesbi que era então chefe de Porto Velho, cara, vai ter um seminário vocês não querem vir? Foi quando eu comecei a conhecer o pessoal de Porto Velho, de Boa Vista. Foi quando a gente começou a se confraternizar. Vamos sair para comer uma pizza, com atitudes simples. Na época não se tinha uma conversa na redação sobre integração, eu não sei te falar, não lembro de conversar com o pessoal sobre visão de integração regional. E o dia a dia era esse. A gente ficava sabendo notícias do Amapá pelo Jornal Nacional, imagina porque não passava por Manaus, pulava direto pro Rio, não tinha isso.

03.Luís Augusto

Então, tem um segundo momento que aqui começa a fazer um trabalho mais forte com o pessoal de rede. Você falou do Losekan e tal e começou a se formar um núcleo dentro da redação. Como é que aconteceu isso?

Arnoldo Santos

Esse trabalho de rede, eu confesso que eu acompanhei muito superficialmente porque eu particularmente nunca tive um trabalho focado para a rede. Questão de fazer matéria de rede, eu realmente nunca busquei. Eu não me lembro ter feito alguma coisa efusiva, de ter batido perna prá fazer matéria de rede, principalmente, porque eu tenho visão de que a Rede Globo tem uma visão do Sudeste. Por uma questão editorial, muitas coisas que eu escrevo não cabe na visão do Sudeste e tudo mais... Mas o que começou a mudar, que a gente começou a perceber, foi quando depois, por vários motivos, inclusive, organizacionais da Rede Globo se começou a: 1º. fazer uma programação mais regionalizada; 2º. querer se diminuir gasto da Rede Globo; 3º. querer cobrar mais atuação das afiliadas; e 4º. querer por intermédio das próprias afiliadas aumentar a participação delas na rede. Alguns itens levaram a se pensar mais. Aí já nesse intere, que eu não acompanhei muito esse negócio de formação de núcleo, foi o resultado de vários fatores que se começou a pensar em montar um núcleo de Rede. Eu já me abstenho a fazer qualquer tipo de comentário porque eu não acompanhei a formação para solidificar o núcleo de rede da Rede Amazônica.

04.Luís Augusto

Com relação à interiorização do jornalismo. Aos poucos começaram a surgir os correspondentes do interior, como foi esse processo? parece que o Amazon Sat teve um papel preponderante nisso. As primeiras experiências parece que aconteceram no início da década até chegar o advento do FTP. Como foi que você acompanhou isso?

Arnoldo Santos

Olha eu acho que se fosse fazer uma comparação é o caminho natural das coisas. As prefeituras, com a Rede Amazônica, sempre tiveram uma relação muito próxima, porque as prefeituras que tinham mais condições, começaram a montar suas

equipes de comunicação. Equipe de comunicação prá que? Era o animador da festa tal, é o radialista da emissora local. Isso eu tô falando de Itacoatiara, um exemplo de um município. Então é aquele cara que falava bem e tudo mais. E as prefeituras começaram a montar suas equipes. Sim, mais produzir prá quê e prá quem? Ora, com a possibilidade que as prefeituras tinham com as emissoras locais da Rede Amazônica, como a TV Coari, como a TV Codajás, uma TV Itacoatiara, uma TV Parintins, uma TV Tefé, se começou a imaginar que aquele material produzido pela prefeitura poderia ser veiculado lá nos locais. Ora, as prefeituras começaram a veicular nos espaços locais o seu materialzinho. O cara inseria lá, começava a passar uma entrevista tal, mas só ia lá no local. Por intermédio da coordenação de interior da Rede Amazônica, que não é uma função do jornalismo, faz parte, justamente, da coordenação com as suas respectivas retransmissoras, começou a ver que, se o cara está colocando programação local lá em Tefé, porque ele não pode mandar prá cá. Começaram a mandar matérias gravadas e tal... Só que esse material começou a precisar ser organizado, porque como é que começou a acontecer. A busca de novas tecnologias de transmissão, isso aí já foi assim, passou muito tempo o pessoal fazendo programações locais e colocando uma fala do prefeito nas suas respectivas comunidades. A busca por tecnologia e a necessidade de mandar material e se fazer aparecer aqui na capital se começou a se buscar uma forma de se criar uma rede. Mas isso aí não se falando em rede. Porque não se falava em rede. Então, olha Arnoldo, o cara de Itacoatiara te mandou um material, não quer? Mas que no fundo no fundo não era uma coisa organizada proposital, mas sim o caminho natural das coisas. Olha, Arnoldo, tem um material de Itacoatiara, vamos botar? Vamos. Começou a se procurar... Aí começaram a aparecer as equipes que a prefeitura tinha condições de manter, como os municípios maiores como Tefé, Itacoatiara, Parintins e Manacapuru. Os quatro pioneiros. Aí esse pessoal prá você ter uma idéia. Itacoatiara, um radialista, um animador de festa lá, Manacapuru, um professor que escrevia bem, mas que já tava, por outro lado, já ensaiava matérias publicadas no jornal impresso A Crítica, que é o Adauto. Em Tefé, com o menino que também falava bem. Mas porque sobressaia? Porque era um cara que vinha de fora, era um mineiro que foi lá em Tefé, morar prá lá porque casou com uma amazonense. E Parintins porque, talvez, já era a mais estruturada.

05. Luís Augusto
Por conta do festival?

Arnoldo Santos
 Por conta do festival, por conta do momento histórico mesmo.

06. Luís Augusto
O Emanuel Cardoso tem uma história interessante, né?

Arnoldo Santos
 O Emanuel Cardoso era operador de máster, é um faz tudo. Mas no interior se faz tudo mesmo. Aqui a gente já faz praticamente tudo. Então, a gente começou com esses quatro. A busca de tecnologia de se organizar a rede de transmissoras não do jornalismo, o pessoal da tecnologia, da engenharia, o pessoal da informática da Rede Amazônica começou a buscar uma forma de integrar. Aí sim, como jornalismo, mas a se integrar como rede de transmissoras. Aí começa a se instalar computador lá, começa a se instalar computador aqui, começou a se criar uma possibilidade...

Poxa, mas se você está criando uma comunicação de Manaus para Tefé porque não se começa a criar uma rede de interior? Vamos começar a fazer. Foi quando se começou a organizar uma forma de ter o contato diário com os caras, por quê? Naquele tempo a festa da inauguração de uma rua, no bairro dos cafundós da prefeitura, aí o cara achava interessante e ligava para o coordenador de interior que não tem nada a ver com o jornalismo. Aí o coordenador de interior falava assim: “Olha aí tem o material que chegou de Tefé, vocês querem?” Vamos olhar. E aí... Começa a mandar, começa a colocar. Quem começou a fazer isso mais praticamente fomos nós do Jornal do Amazonas por uma questão conceitual. É o jornal do Amazonas, a gente falava isso, é uma frase muito interessante que batia muito: Gente, é o Jornal do Amazonas, não é o jornal de Manaus. Vamos começar a mandar. Aí foi quando começou a aparecer duas coisas fantásticas: uma, a possibilidade de conversar on line e receber via internet. Eu estou falando um email, um aviso e tudo mais. E o advento que foi a marca d’água da transmissão de áudio e vídeo via FTP.

07. Luís Augusto

Você lembra disso, da primeira que foi em Manacapuru?

Arnoldo Santos

Olha, eu lembro qual foi o momento. Eu não lembro qual foi o dia, data e como é que foi a matéria e tudo mais, mas foi um advento, porquê? É uma questão histórica porque vem em paralelo com a instalação da comunicação de massa, adaptando a comunicação na própria região. O advento do celular, o advento das linhas de transmissão da internet. Foi que possibilitou. A Rede Amazônica só fez acompanhar o momento histórico da comunicação regional, no início do governo Fernando Henrique e tudo mais... Manacapuru, treina o repórter. FTP? O que é FTP? Aí a gente bagunçava o que é FTP: Pô, seu FTP, manda aí, não sei o quê... Era uma coisa interessante, o mais engraçado é que uma coisa que acho interessante de ser falado. Isso não tinha uma conotação de se formar o jornalismo, era uma conotação de se formar uma rede de alguma coisa, mas não o jornalismo. Estou te falando isso porque, eu nunca fui chamado prá fazer treinamento de FTP. Tipo: Olha, estão inventando alguma coisa que vocês vão receber matérias. Eles só avisavam, tem FTP. Que FTP o quê... Aí quando eu olho chegou o material por FTP. Legal cara, manda aí.

08. Luís Augusto

Quer dizer, não houve uma sincronia do pessoal de tecnologia com o pessoal de engenharia que pudesse fazer um apelo em conjunto?

Arnoldo Santos

Não. Esses ajustes foram sendo naturais, mas que não houve aquela coisa. Vamos sentar fazer uma reunião, vamos montar um projeto de uma rede de solidificação de FTP em nome do jornalismo para que daqui a um ano estaremos recebendo material jornalístico do interior. Não houve isso. Foi uma busca de tecnologia de transmissão, fantástica, louvável do pessoal de tecnologia, mas que acaba que isso foi gerando o nosso instrumento. Os caras atiraram num alvo, acertaram em cinco, acho que a alça estava desregulada e acertaram em coisa que não atirou, mas que eram alvos fantásticos. Aí a gente começou a receber. Quando a gente começou a receber, a gente via materiais completamente esdrúxulos, aquelas coisas malucas, os textos

assim mirabolantes... Foi quando a gente pensou: gente isso aqui é uma rede. Pelo amor de Deus Arnoldo, olha a voz de desse cara. Não cara: independente da voz do cara, independente do texto do cara, é um registro de que a Rede Amazônica está lá. O cara daqui que mora em Tefé, quer saber o que está acontecendo em Tefé. Então é assim, temos que colocar. Tira as doidices, as maluquices de texto. O Mário, que depois foi conhecido como sendo meu filho, meu pupilo de Itacoatiara. Ele pegava o melhor terno dele quadriculado do casamento, de batismo, desbotado e fazia uma passagem assim, todo duro. Aí eu dizia assim: gente, quer cobrir a passagem do cara, mas bota a matéria do cara. Por quê? Porque se cria um feed back local, a população de Manaus que é de Itacoatiara e de Itacoatiara que mora em Manaus vai estar vendo Itacoatiara em Manaus. Você solidifica a presença da Rede Amazônica lá no local e você começa a caminhar por solidificação de rede. Por que eu falo em solidificação de rede? Porque chegou o momento, em que a gente já se conhecia como rede, já se tratava como rede dos quatro: Itacoatiara, Manacapuru, Tefé e Parintins.

09. Luís Augusto

Você não esqueceu do Valtinho não. É um dos mais antigos?

Arnoldo Santos

Valter Junior de Manicoré ele era uma coisa a parte por quê. Ele era o único que não conseguia mandar por FTP. Ele só conseguia mandar por avião. Aí é que está, se a gente tivesse pensado num projeto de rede naquela época a gente não pensaria a rede em função do FTP. A rede se solidificou em função do FTP. Para você ter uma idéia a gente era pressionado entre aspas para colocar o material do interior para fazer jus ao FTP e não em função da rede. Tanto que o Valtinho, heroicamente, entrava nos telejornais porque ele mandava por avião. Não era em função de uma rede, porque se a gente fosse pensar em função de rede a gente pensava: uma rede de FTP seria meio e não fim. Naquela época bem ou mau, resultou ou não resultou, eu acho que resultou bem, assim o FTP era o meio. Então o jornalismo da TV Amazonas era pressionado para usar as matérias que vinham de FTP para fazer jus ao FTP e não em nome de uma rede de jornalismo. Então, o Valtinho, de Manicoré, fazendo jus ao heroísmo dele. Ele participava, mas não estava no processo de solidificação de rede tecnológica de FTP que a partir desse momento de surgimento do FTP virou fim e não meio.

10. Luís Augusto

Depois foi crescendo essa estrutura. Como foi a evolução que você acompanhou no ponto de vista do jornalismo?

Arnoldo Santos

No momento em que se você tem um instrumento nas mãos. Daí foi assim: você sobe, atinge uma altitude cruzeiro, você bota no piloto automático. E essa fase de piloto automático... Se você já criou um instrumento, você já solidificou o instrumento, você já tem solidamente, as cinco ou quatro praças locais, municípios que já podem mandar corriqueiramente. A partir desse momento e aí já se entra especificamente na área do jornalismo, foi só o momento de aperfeiçoar os profissionais tanto tecnicamente, tanto jornalisticamente, quanto operacionalmente. Tecnicamente, é saberem dominar a tecnologia de FTP lá na ilha de edição das suas respectivas cidades. Olha é uma versão melhor, o horário melhor, saber

resolver um problema de hardware, software porque acaba que eles viraram técnicos. Imagina, Tefé, dá um problema de FTP, não tem condições de imediatamente mandar alguém para Tefé. Resolva lá. Uma das três partes. A parte operacional que é saber produzir de maneira ágil na rua, chegar na redação, produzir texto, gravar texto, editar para dar tempo de chegar no mesmo dia, para gente dar a notícia. Isso a gente foi criando, até mesmo informalmente, mas acaba criando a cultura do dead line neles. Por quê eu falo informalmente, porque nenhum era jornalista, como até hoje não são. Então não tinha como eu falar em dead line. Eu vou falar dead line para o Mário em Itacoatiara, não tinha como falar. Mas assim: Mário, se tu sair de manhã, oito horas da manhã, tu tem que estar com tempo hábil da gente corrigir. Tu mandar prá cá, ligar, tu tem de estar na TV no máximo meio dia prá eu te corrigir meio dia e meia, prá 13h30 ou 14h30, prá tu estar começando a gerar a matéria editada. Parte técnica, a parte operacional aperfeiçoando, a parte jornalística que é de: Mário, essa abordagem não está legal, faz uma sonora assim... Olha o teu texto, muda isso aqui. Então, alguns eu já fazia. Manacapuru já conseguia me mandar por email, eu já conseguia corrigir no próprio computador e eu já rebatia pra ele. O Mário conseguia me mandar por email, eu corrigia pelo telefone. O Campelo lá de Tefé, a mesma coisa. O Emanuel Cardoso, lá de Parintins, a mesma coisa, então foi assim... Operacional, parte técnica e a parte jornalística. Na altitude de cruzeiro foi só uma caminhada de evolução prá esses. Eu lembro da vez que eu sai do jornalismo da TV Amazonas, eu acredito que na minha avaliação foi só isso. Os outros que começaram a aparecer como por exemplo Apuí, como por exemplo Nova Olinda, Presidente Figueiredo com o Carioca.

11. Luís Augusto Tabatinga também?

Arnoldo Santos

Aí eu já tinha saído e não vi mais. Mas o Carioca, de Presidente Figueiredo, já foi o mesmo processo. Foram processos iguais, porque o grupo pioneiro apareceu, teve as experiências em conjunto, ao mesmo tempo e o resto foi aparecendo aqui e ali, numa questão de altitude cruzeiro mesmo. Os outros que começaram a aparecer foram só seguindo os mesmos caminhos.

12. Luís Augusto

Avaliando a comunidade de Manacapuru que foi a primeira a ter o FTP na Rede Amazônica. Como que você avalia o efeito desse trabalho para a comunidade, depois de todo esse tempo? Como você acha que isso mudou as coisas da comunidade?

Arnoldo Santos

Olha, uma comunidade integrada pela televisão ela começa a se reconhecer por quê? Porque o Adauto começou a fazer matérias de comunidade, mas também de cultura. Matérias de educação, então a comunidade começa a se integrar como qualquer outro processo de comunicação de massa, como o rádio integra, tão somente a televisão consegue integrar. Por quê? Eu não posso falar isso do jornal impresso, não tem como fazer integração de uma comunidade pelo jornal impresso porque o povo não vai ler nunca e hoje não lê e não vai lê. Porque é um segmento, é uma comunicação de massa muito segmentada. Então, o que começou a acontecer? A televisão passou a tomar o espaço do rádio no sentido de tomar para

si a atenção do telespectador. A partir do momento que havia um grande evento, um grande acontecimento na cidade, ao invés do povo procurar a rádio, o povo começa a prestar mais atenção nos horários dos telejornais locais Por quê? Porque ele sabia que Manacapuru vai estar no Jornal do Amazonas. É diferente. É o mesmo processo nacional. Hoje eu sei que Manaus vai estar no Jornal Nacional... Então a gente ouvia falar, a gente sentia, não só por intermédio do correspondente, mas da própria comunidade. A gente chegava lá, já tinha a recepção da sociedade civil organizada, o padre, o diretor do colégio, o dono do hotel, os políticos. Olha: Manacapuru está aparecendo mais. Então assim, é muito simples, é um movimento histórico, é um embate editorial, é uma evolução tecnológica. É todo um processo de evolução tecnológica dentro da emissora Rede Amazônica para se chegar a uma constatação que é uma frase que a gente ouve dentro dessas comunidades: “Olha a gente está se vendo”. O povo quer se ver. A gente arregimenta tudo isso aqui para fazer o povo se ver. Isso aí eu acho que é a principal, ou talvez a única, ou a essencial conclusão desse processo que é o povo começar a se ver e se reconhecer... Ao invés de parar às seis da manhã para ouvir a Princesinha do Solimões, que é a FM local, ele para às seis da tarde para assistir o jornal do Amazonas.

13. Luís Augusto

Depois desse tempo todo, como você avalia o efeito desse trabalho na redação da Rede Amazônica?

Arnoldo Santos

É um processo que precisa de assimilação, de entender a importância desse processo histórico e é um processo de auto-conhecimento. Se você não entende a importância histórica desse envio de 30 segundos de Manacapuru, que seja, de uma matéria da padroeira. Prá quê eu vou colocar a padroeira de Manacapuru no Jornal do Amazonas? Cara, mais aquela festa da padroeira que foi registrada em 30 segundos, só para lembrar naquele tempo de 30 segundos de FTP, para mandar para cá era muita coisa. Hoje em dia eu consigo mandar de Manaus para São Paulo, em seis minutos. Naquele tempo, para gente receber 30 segundos era uma tarde inteira. Então, se você colocar 30 segundos no Jornal do Amazonas da matéria da Padroeira tem um significado impressionante para o povo de Manacapuru. E isso a redação precisava entender. Foi um processo já aqui, falando de local, de sensibilização, de auto-conhecimento. Onde é Tefé? Gente, Tefé é no Alto Solimões. Então assim de auto-conhecimento, de avaliação para assimilar o processo histórico e de sensibilização. A avaliação que eu faço é de que quando estavam lá no interior buscando um cara correspondente, aqui estavam tentando buscar uma equipe inteira que precisava mudar de parâmetros de mentalidade. Aqui a briga era mais feia. Poxa, vamos adotar o Mário? O Mário? Cara, bota o Mário pois não é o Mário, é Itacoatiara.

14. Luís Augusto

Mais de uma forma geral, isso valeu à pena o formato do jornal não só na Rede Amazônica, mas também nas outras emissoras mudou em função disso?

Arnoldo Santos

Mudou. Mudou porque, eu acredito que a Rede Amazônica conseguiu fazer o que as outras sempre quiseram fazer. Porque o resultado, não de posturas das empresas, mas de postura de um ou outro profissional que puxou a bandeira. Então a Rede

Amazônica conseguiu fazer na frente e puxou as outras. Só que, o trunfo da Rede Amazônica é ter mostrado o caminho o que é o FTP. O que é FTP, o que é simplificar os processos de comunicação. Ora, é como se fosse assim: tem uma aldeia aqui e uma aldeia está lá. A gente só tem o sinal de fumaça para Manaus, então vamos aperfeiçoar o sinal de fumaça. Então assim se eu só tenho essa internet, então vamos aperfeiçoar o sinal dessa internet. Por enquanto não vou conseguir sinal de satélite para cada uma das transmissoras. Então, o trunfo da Rede Amazônica foi esse.